

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



***A Vida de Santa Senhorinha de Basto em português:  
estudo estemático e linguístico***

Marta Louro Cruz

Tese orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Sobral, especialmente  
elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Crítica Textual

2018



***A Vida de Santa Senhorinha de Basto* em português:  
estudo estemático e linguístico**

Marta Louro Cruz

*Dissertação de Mestrado*



## **AGRADECIMENTOS**

À Profª. Doutora Cristina Sobral, por há muito me ter despertado o interesse pela Crítica Textual, pela confiança, compreensão, exigência, orientação e incansáveis conversas.

Às Profªs. Doutoradas Esperança Cardeira, Ana Maria Martins e Susana Pedro, pela paciência e pela disponibilidade para as minhas eternas dúvidas.

Aos Profs. Doutores Maria José Santos e Filipe Alves Moreira, pela prontidão, disponibilidade e ajudas prestadas.

Ao Prof. Doutor João Dionísio, pelas variadas ajudas e por todos os incentivos.

Ao Prof. Doutor Ivo Castro, pelos conhecimentos, desafios e provocações.

Aos Profs. Isabel de Almeida, João Figueiredo, Manuela Duarte e Miguel Monjardino, que em muito ajudaram a construir a pessoa que sou hoje.

Ao meu pai, João Cruz, por horas de sofrimento ao telemóvel, pelos constantes incentivos e pelo apoio incondicional.

À minha tia Romana Rosa, pelos abraços e pela força que só as mães sabem dar.

Ao meu namorado, José Sousa, pelas revisões constantes, por ser um poço de paciência e por não me deixar rodopiar nas minhas ansiedades sem antes me lembrar que sou capaz.

Às minhas colegas de faculdade, Elsa Ribeiro Alves, Francisca Salema, Jessica Ferreira, Letícia Martins, por se terem tornado amigas para a vida. Em especial à Helena Sardinha que, por ter acompanhado mais de perto a realização deste trabalho, muitas vezes me amparou.

Aos amigos Afonso Caires, Ana Caldeirinha, David Bolacha, Filipe Cardoso, Hugo Branco, Hugo Simões, Jácome Ferreira, João Pestana, Liane de Meneses, Lisandra Sousa, Luís Francisco Sousa, Maria Carolina Codorniz, Maria Nazaré Campos, Margarida Borges, Nina Sales, Rita Cabrita (e a tantos outros), por me terem feito muita companhia e terem sobrevivido aos meus queixumes.

Aos meus primos Gonçalo e Hugo Rosa por, de maneiras diferentes, não me deixaram desistir deste empreendimento. À minha prima Inês, por me salvar numa hora de desespero tecnológico.

Às Atitudes, porque sem treinos e fins-de-semana de ginástica teria perdido a minha sanidade.

A toda a restante família e amigos que, de algum modo, me apoiaram durante o mestrado.

Por fim, à minha mãe. Sem ela não teria ingressado na Faculdade de Letras e, sobretudo, não teria aprendido que há muito poucas coisas na vida sem solução.



## RESUMO

A legenda primitiva da *Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto* em português foi provavelmente mandada redigir por Gonçalo Garcia de Sousa durante o reinado de D. Afonso III, sendo por isso datável do século XIII. Dela conhecem-se hoje quatro testemunhos manuscritos, um deles transmitido numa compilação historiográfica do padre Pedro de Mesquita (ms. G1, editado por Cristina Sobral) e outros três transmitidos em cópias das *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* de Torcato Peixoto de Azevedo (mss. E, P e G2). A estes acresce um testemunho impresso na edição de 1845 desta obra do cronista vimarenense (I).

Até 2012 conheciam-se apenas os manuscritos G1 e G2, e o texto do impresso. Consequentemente, a presente dissertação vem dar resposta, pelo empreendimento do estudo estemático da sua tradição textual, ao alargamento do *dossier* hagiográfico de S. Senhorinha, figura emblemática dos primórdios da História de Portugal sobre a qual ainda pouco se sabe. Assim, o primeiro capítulo deste trabalho dedicar-se-á à descrição codicológica dos quatro testemunhos manuscritos e à apresentação dos critérios e normas de transcrição utilizados na realização das edições semidiplomáticas dos três manuscritos inéditos. No capítulo seguinte levar-se-á a cabo um estudo estemático desta tradição, o qual, estudando o processo de transmissão desta Vida, permitirá propor um *stemma codicum* que a represente. Essa análise, além de avançar alguns dados fundamentais para a concretização de uma futura edição crítica do texto, permitir-me-á demonstrar que a estemática é, antes de mais, uma disciplina autónoma que se dedica ao estudo da transmissão de um texto. No mesmo sentido, no último capítulo deste trabalho demonstrar-se-á como a análise de um apógrafo como um produto cultural individualizado no seio da sua tradição pode contribuir para a compreensão do processo de transmissão de um texto, oferecendo informação útil sobre as circunstâncias da sua produção e o comportamento do seu copista.

**Palavras-chave:** estemática, apógrafo, tradição textual, testemunhos, estudo linguístico

## ABSTRACT

The primitive legend of the *Vida e Milagres da Santa Senhorinha de Basto* written in Portuguese was probably requested by Gonçalo Garcia de Sousa during the reign of King Afonso III in the XIII century. Today there are four known handwritten witnesses of this text, one of them transmitted in a historiographical compilation composed by the priest Pedro de Mesquita (ms. G1, edited by Cristina Sobral) and three other witnesses transmitted in copies of Torcato Peixoto de Azevedo's historiographical work entitled *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (mss. E, P, G2). There is also a printed witness from the 1845 edition of the afore mentioned work of Azevedo (I).

Until 2012 only the manuscripts G1 and G2, as well as the printed witness, were known. This dissertation, through the stemmatic analysis of its textual tradition, addresses the expansion of the hagiographic dossier of S. Senhorinha, an emblematic figure of early Portuguese history of whom very little is still known. The first chapter of this thesis will be devoted to the codicological description of the four mentioned manuscripts and to presenting the criteria and norms of transcription followed in the semi-diplomatic editions of the three unedited manuscripts. In the following chapter there will be a stemmatic analysis of this textual tradition, one that will sustain the proposal of a *stemma codicum* illustrative of its transmission process. This analysis lays the ground work for a future critical edition of the *VSSB*, but besides that, it will allow me to demonstrate that stemmatics is, before anything, an autonomous subject dedicated to the study of a work's textual transmission. In this dissertation's last chapter I will demonstrate how the analysis of a copied witness as an individualized cultural product of its textual tradition can contribute to the understanding of the transmission of a text, offering useful information about the circumstances relating its origins and the behavior of its copyist.

**Key words:** stemmatics, copy, textual tradition, witnesses, linguistic study



## LISTA DE ABREVIATURAS

AMAP – Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

BITAGAP – *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*

BPE – Biblioteca Pública de Évora

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

BSMS – Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento

cf. – conferir

CTA – *Corpus de Textos Antigos anteriores a 1525* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Fig(s). – figura(s)

GIMA – Gabinete de Investigação de Marcas d'água

IPH – International Association of Paper Historians

*Lembranças – Lembranças de muitas cousas Notaveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cónego, há 25 anos na mesma Igreja*

MRAG – *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*

ms./mss. – manuscrito/manuscritos

Om. – omissão

Ocor. – ocorrência(s)

TECNICELPA – Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel

VSSB – *Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto*

v. – veja-se

## OUTRAS CONVENÇÕES NA TRANSCRIÇÃO DE LUGARES VARIANTES

[...] – lacunas dos testemunhos, evidentes pela materialidade ou pela agramaticalidade produzida

/ – mudança de linha

// – mudança de página ou fólio



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
1. O CAMPO BIBLIOGRÁFICO DA <i>VIDA DE S. SENHORINHA DE BASTO</i>	15
2. OBJECTIVOS DE ESTUDO	18
<b>CAPÍTULO I - OS TESTEMUNHOS</b>	21
1. DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA	23
1.1. TESTEMUNHO G1	23
A. Códice	23
B. Fólios 211r-236r	40
1.2. TESTEMUNHO E	45
A. Códice	45
B. Fólios 286r-305r	58
1.3. TESTEMUNHO P	64
A. Códice	64
B. Fólios 196v-208v	74
1.4. TESTEMUNHO G2	78
A. Códice	78
B. Páginas 334-356 (fólios 167v-178v)	93
1.5. ANÁLISE DAS MARCAS DE ÁGUA	96
1.5.1. Testemunho G1	97
1.5.2. Testemunho E	99
1.5.3. Testemunho P	101
1.5.4. Testemunho G2	104
1.5.5. Conclusão	105
2. EDIÇÕES SEMIDIPLOMÁTICAS	106
2.1. CRITÉRIOS DE EDIÇÃO	107
2.2. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO	108
2.2.1. Utilização de Maiúsculas ou Minúsculas	108
2.2.2. Junção e Separação de palavras	127
2.2.3. Mancha de texto, pontuação e acentuação	130
2.2.4. Desenvolvimento de abreviaturas	131
2.2.5. Erros e notas	136
<b>CAPÍTULO II - ANÁLISE ESTEMÁTICA</b>	139
1. ESTRUTURA EXTERNA DO TEXTO	141
2. COLAÇÃO INTERNA – <i>collatio variantum lectionum</i>	151
2.1. RELAÇÕES DE DESCENDÊNCIA DIRECTA	152
2.2. DOIS RAMOS DE TRANSMISSÃO – G1 vs $\alpha$	170
2.3. O RAMO A – CONTAMINAÇÃO DE E	188
2.4. O SUBARQUÉTIPO $\beta$	203
2.5. PROBLEMAS DO <i>STEMMA CODICUM</i>	208
2.6. ERROS DO ARQUÉTIPO	213
2.7. O TEXTO IMPRESSO DE 1845	217
3. PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA	221

<b>CAPÍTULO III - O QUE PODE UM APÓGRAFO?</b>	<b>223</b>
1. O ESTRATO LINGÜÍSTICO DUOCENTISTA NUMA CÓPIA SEISCENTISTA (G1)	231
1.1. PRONOMES CLÍTICOS NA CARACTERIZAÇÃO DE UM ESTADO DA LÍNGUA	232
1.2. PRONOMES PESSOAIS FORTES EM LUGAR DE CLÍTICOS	243
1.3. PRONOMES OBLÍQUOS / E <i>EN(DE)</i>	244
1.4. PRONOMES RELATIVOS LOCATIVOS <i>U</i> E <i>ONDE</i>	249
1.5. CONCORDÂNCIA NEGATIVA	250
1.6. CONJUNÇÃO <i>CA</i>	252
1.7. - <i>D</i> - INTERVOCÁLICO NAS FORMAS DA 2ª PESSOA DO PLURAL	254
1.8. SISTEMA DE POSSESSIVOS – <i>MA, TA, SA</i>	257
1.9. SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS – FORMAS SIMPLES E REFORÇADAS	261
1.10. CONVERGÊNCIA DAS TERMINAÇÕES NASAIS EM [- <i>ẽw</i> ]	263
1.11. VALORES SEMÂNTICOS DE SER/ESTAR E TER/HAVER	267
1.12. VARIAÇÃO ENTRE AS TERMINAÇÕES PAROXÍTONAS – <i>VIL/-VEL</i>	271
1.13. PARTICÍPIOS PASSADOS DA 2ª CONJUGAÇÃO	274
1.14. O LÉXICO NA CARACTERIZAÇÃO DE UM ESTADO DA LÍNGUA	276
1.15. CONCLUSÃO	286
2. AS VARIANTES DO TESTEMUNHO G2	289
2.1. VARIANTES INTENCIONAIS	292
2.2. VARIANTES ACIDENTAIS	331
2.3. VARIANTES ACIDENTAIS OU INTENCIONAIS ?	352
2.4. CONCLUSÃO	357
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>365</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>371</b>
<b>ANEXO</b>	<b>379</b>
ANEXO A – DESCRIÇÕES CODICOLÓGICAS	380
1. RECOLHA DAS MARCAS DE ÁGUA E IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL	380
1.1. Ms. G1	380
1.2. Ms. E	387
1.3. Ms. P	394
1.4. Ms. G2	397
2. ESTRUTURA DOS CADERNOS	399
2.1. Ms. G1	399
2.2. Ms. E	402
2.3. Ms. P	407
2.4. Ms. G2	410
ANEXO B – ESTRATO LINGÜÍSTICO DUOCENTISTA NUMA CÓPIA SEISCENTISTA (G1)	413
1.1. PRONOMES CLÍTICOS NA CARACTERIZAÇÃO DE UM ESTADO DA LÍNGUA	413
1.2. PRONOMES PESSOAIS FORTES EM LUGAR DE CLÍTICOS	423
1.3. PRONOMES OBLÍQUOS / E <i>EN(DE)</i>	423
1.5. CONCORDÂNCIA NEGATIVA	426
1.6. CONJUNÇÃO <i>CA</i>	427
1.7. - <i>D</i> - INTERVOCÁLICO NAS FORMAS DA 2ª PESSOA DO PLURAL	429
1.8. SISTEMA DE POSSESSIVOS – <i>MA, TA, SA</i>	429
1.9. SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS – FORMAS SIMPLES E REFORÇADAS	431
1.10. CONVERGÊNCIA DAS TERMINAÇÕES NASAIS EM [- <i>ẽw</i> ]	431
1.11. VALORES SEMÂNTICOS DE SER/ESTAR E TER/HAVER	436
1.13. PARTICÍPIOS PASSADOS DA 2ª CONJUGAÇÃO	444

## **INTRODUÇÃO**

Santa Senhorinha, filha de Ahufo Ahufez e Dona Tareja, viveu no século X d.C. e foi abadessa das terras de Basto, onde foi monja da ordem de São Bento e onde morreu aos 58 anos. Segundo o *Livro Velho de Linhagens* (do final século XIII), S. Senhorinha teria feito parte da famosa família portuguesa Sousa (Piel e Mattoso 1980, I: 24), sendo prima de S. Rosendo, abade de Celanova, em cuja biografia (escrita pouco depois da sua canonização, em 1172, pelo monge Ordonho de Celanova) se encontra a primeira notícia conhecida desta santa - quando é visitada pelo dito abade e recebe a revelação da sua morte (Díaz y Díaz *et alii* 1990: 34,41).

Assim, S. Senhorinha é uma figura verdadeiramente emblemática dos primórdios da História de Portugal. Na verdade, a difusão do seu culto teve uma importância bastante significativa na Idade Média portuguesa, culto esse que parece ter estado envolvido em estratégias de poder durante a primeira dinastia, o que por si só demonstra o interesse de um melhor conhecimento do texto hagiográfico que o sustentou. Inegável é também a importância que esta Vida tem no estudo da evolução da santidade feminina e no acesso a alguns elementos do quotidiano da vida monástica da época. Além disso, é um texto particularmente relevante porque pode ter sido o mais antigo texto hagiográfico escrito em português, constituindo assim uma peça valiosa para a definição do género.

Actualmente o *dossier* hagiográfico inclui, além de duas versões latinas quinhentistas, quatro testemunhos de uma versão em português que constituem o objecto deste trabalho. Ignorados pelos estudiosos até ao momento, como se verá em seguida, dois deles ainda não foram alvo de qualquer tipo de análise e sê-lo-ão no estudo estemático da tradição manuscrita da *Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto* (VSSB) pela primeira vez empreendido na presente dissertação.

Muitos autores prestaram, em diferentes domínios (histórico, linguístico e literário), o seu contributo para o estudo deste *dossier* hagiográfico, considerando aquele que era conhecido até então e que incluía apenas versões do texto do século XVI: as duas vidas latinas quinhentistas mencionadas, sobre as quais trabalharam autores como Alexandre Herculano (1856), António Xavier Monteiro (1949-1950), José Mattoso (1982) e Manuel Díaz y Díaz (1993); e a versão portuguesa do testemunho, sobre o qual trabalhou José Galdes Freire (1986), que o atribui a um monge de Refojos de Basto, do século XVI.

Mais recentemente, veja-se o que dizem Odília Gameiro (2000) e Cristina Sobral (2012), em cujos trabalhos são revistos e recenseados de forma detalhada os restantes autores mencionados. Sem contestar a datação de Geraldês Freire para a versão portuguesa da *VSSB*, Gameiro (2000) faz o primeiro estudo de vulto acerca da santa e é autora da primeira proposta de contextualização da legenda primitiva fundamentada numa análise histórica. Já Sobral (2012) revê, pela primeira vez, a datação do texto copiado por Torcato de Azevedo, chama a atenção para a existência de outra cópia do mesmo texto e faz uma proposta alternativa à de Gameiro no que se refere à contextualização histórica da legenda primitiva.

Num estudo intitulado *A Construção das memórias nobiliárquicas medievais. O passado da linhagem dos senhores de Sousa* (2000), é o interesse pela família Sousa (dos finais do século XII e início do XIII) que leva Gameiro a comparar o texto das duas legendas latinas da *VSSB* com o texto português do testemunho que continua a considerar como tendo sido copiado em 1692 por Torcato Peixoto de Azevedo. Partindo deste cotejo, Gameiro conclui que as três versões parecem ter derivado de um texto escrito por um monge de S. Miguel de Refojos, e cuja produção se enquadraria no ambiente dos Sousa, mais precisamente no período de maior influência política da família durante o reinado de D. Sancho I, isto é, no final do século XII. Esta seria, portanto, a primeira hipótese de contextualização histórica da legenda original desta tradição.

Num artigo intitulado «Exumação de uma Vida – Santa Senhorinha em português medieval» (2012), Sobral começa por chamar a atenção para a presença do manuscrito da versão portuguesa de Torcato de Azevedo na Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, e do qual Geraldês Freire e Gameiro apenas teriam tido conhecimento através da edição impressa desta obra<sup>1</sup>. Além disso, a autora amplia o *dossier* hagiográfico desta santa ao denunciar a existência de um segundo testemunho da sua Vida escrita em português, sinalizado em 2007 por Harvey Sharrer e Martha Schaffer, membros da equipa BITAGAP (*Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*), e cujo texto já tinha sido mencionado em Fernandes (1999:222). Diz Sobral que este segundo testemunho seria uma cópia «feita em 1620 por Pedro de Mesquita, pároco da igreja de Oliveira de Guimarães, e recolhida num *Livro de Lembranças de muitas cousas notaveis, que ha na muito devota Igreja Collegiada de nossa Senhora da Villa de Guimarães do Arcebispado de Braga*» (Sobral 2012:167-168). Hoje estes dois testemunhos manuscritos, que Sobral designa B e A, respectivamente, constam na base de dados BITAGAP com as referências manid 5308 e manid 1614 e serão designados mss. G2 e G1 na presente dissertação. De seguida, a autora demonstra,

---

<sup>1</sup> Sobre o texto desta edição v. pp. 15, 82 e 217-221.

através de uma análise retórica e linguística, como estes dois manuscritos seriam na realidade cópias de um texto medieval e não versões escritas «na primeira metade do século XVI», como propunha Geraldês Freire (Freire 1986, II: 35-38).

Por fim, Sobral propõe um contexto histórico-cultural do arquétipo da tradição alternativo ao de Gameiro. Na verdade, a análise retórica e linguística e a crítica histórica que aplica ao texto permitem-lhe afirmar que a legenda primitiva da tradição deve ter sido escrita originalmente em português, no reinado de Afonso III (*post* 1248) e antes de 1284 (data da morte de Gonçalo Garcia de Sousa), por um monge ligado ao santuário da santa e para um público maioritariamente leigo de peregrinos que para lá convergiam no dia da sua festa. De acordo com Sobral, a promoção do culto desta santa (de que a escrita da legenda depende) poderia assim ter sido levada a cabo sob o patrocínio de Gonçalo Garcia de Sousa, interessado na recuperação do prestígio da sua família face à família concorrente de Riba de Vizela durante o reinado de Afonso III, precisamente numa altura em que as memórias familiares da nobreza rural antiga eram mandadas redigir como forma de documentação da importância de cada casa nobre na construção do reino.

Situando a produção da legenda original desta tradição manuscrita entre 1248 e 1284, a proposta de Sobral transpõe não apenas a data da composição da primeira Vida escrita em português de que até então havia notícia (a Vida da Rainha Santa Isabel, da primeira metade do século XIV: BITAGAP texid 1193), mas também a data da que se julgava ser a mais antiga expressão hagiográfica em português medieval (a tradução da obra de Bernardo de Brihuega, no reinado de D. Dinis). Por estas razões, a autora termina sugerindo que esta pode ser «a mais antiga Vida em português que conhecemos» (Sobral 2012:180), o que não anula a hipótese de esta legenda primitiva ter sido escrita por um monge beneditino do Mosteiro de Refojos de Basto, como sugeriam Fr. Leão de S. Tomás (São Tomás 1974, II:176) e Gameiro (2000:86). Aliás, sobre esse autor Sobral também acrescenta que «podemos ter como seguro que era monge, como ele próprio dá a entender no 10º milagre póstumo (“Hum monge do nosso mosteiro nos disse...”, [ms.G1], fl.230v), talvez do mosteiro de S. Miguel de Refojos» (Sobral 2012:174), o que é um dado compatível com a ligação que o texto constantemente estabelece entre S. Senhorinha e a Ordem de São Bento.

Depois desta última publicação sobre a *VSSB* foram identificados dois novos testemunhos do texto pela equipa BITAGAP, o que torna particularmente pertinente o estudo estemático levado a cabo na presente dissertação. Assim, a tradição manuscrita da *VSSB* em português conta



hoje com quatro testemunhos manuscritos, com pelo menos um século de distância entre o mais antigo e o mais moderno:

- **G1.** BITAGAP manid 1614, cnum 27628. Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Colegiada 793 (C – 793), fls. 211r-236r. Copiado por Pedro Mesquita, pároco da Igreja de Oliveira de Guimarães e datado pelo copista de 1620.
- **E.** BITAGAP manid 5602, cnum 29493. Évora, Biblioteca Pública, CIII / 1-22, fls. 286r-305r. Autógrafo de Torcato Peixoto de Azevedo, datado de 14 de Fevereiro de 1692.
- **P.** BITAGAP manid 5692, cnum 30138. Porto, Biblioteca Pública Municipal, Cofre. N. 527, fls. 193r-210v. Copista desconhecido, datado de 1730 -1750 pela BITAGAP.
- **G2.** BITAGAP manid 5308, cnum 27665. Guimarães, Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, BS 1-4-36, pp. 334-356. Copista desconhecido, datado de 1750 pela BITAGAP.

Além destes testemunhos manuscritos, a *recensio* da *VSSB* conta ainda com um testemunho impresso, na 1ª edição, das *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães (MRAG)*, de Torcato Peixoto de Azevedo, Porto: Typographia da Revista, 1845.

O alargamento da *recensio* melhora as condições do trabalho sobre a tradição textual deste texto, tornando possível o empreendimento de uma edição crítica bem fundamentada, e oferecendo material interessante para o estudo da transmissão textual desta biografia.

## 1. O CAMPO BIBLIOGRÁFICO DA VIDA DE S. SENHORINHA DE BASTO

Uma vez que o *campo bibliográfico*<sup>2</sup> de um texto deve tentar satisfazer todas as necessidades de todos os tipos de público a quem esse texto possa interessar, avançar sobre o campo bibliográfico da *VSSB* implica começar por responder às seguintes questões: a que tipos de público se destina o texto? Que tipos de edições pedem?

Em resposta à primeira pergunta, e pelas mesmas razões que motivam o estudo estemático desta tradição, é evidente que o texto da *VSSB* em português medieval interessa a um público académico especializado em pelo menos uma das seguintes áreas: História de Portugal, História da Cultura, Hagiografia Medieval Portuguesa, Literatura Medieval, Estudos de Género e Linguística Histórica. Considerando também a materialidade dos testemunhos que transmitem o texto, esta tradição manuscrita pode ainda interessar a áreas como a Paleografia e a Codicologia. Por fim, e evidentemente conciliando todos os interesses mencionados, o processo de transmissão deste texto tem um interesse particularmente aliciante para a Crítica Textual.

---

<sup>2</sup> Para a definição de *campo bibliográfico* veja-se Castro e Ramos (1986:112).

Assim sendo, é claro que o texto da *VSSB* e o estudo da sua tradição textual interessa, em primeiro lugar e sobretudo, a um público especializado. Contudo, há também que considerar o interesse de um público não especializado mas ainda assim interessado na História de Portugal, na História regional, na História da santidade e nas suas manifestações tanto textuais como culturais.

A tradição deste texto é composta por quatro testemunhos manuscritos de mãos e épocas diferentes, cada um deles com as suas características e particularidades materiais, paleográficas, substantivas, linguísticas e gráficas, as quais consubstanciam o tipo de cópia levada a cabo por cada copista, as suas idiossincrasias e, em muitos casos, as suas condições de trabalho. Num tempo em que é possível, fácil e rápido fazer uma leitura presencial destes documentos ou obter reproduções fac-similadas para uso pessoal junto das instituições onde se encontram, facilmente poderia cair-se na tentação de prescindir de edições para públicos especializados, competentes na leitura dos manuscritos. No entanto, a tentação de substituir edições por arquivos digitais, que entusiasmou críticos dos primórdios da era digital (anos 80 e 90), está hoje suficientemente debatida para que se reconheça que tal substituição não é válida. Veja-se o que a esse respeito defende Peter Robinson no artigo «Towards a theory of digital editions» (2013).

O problema que o autor coloca é precisamente o de que não existe uma leitura objectiva porque toda a leitura implica um certo grau de interpretação do texto. Assim, uma reprodução digital (uma imagem fac-similar) contém em si um certo potencial de diferentes leituras que se multiplicam quanto mais numerosos forem os factores e estímulos que interfiram na leitura do documento. Visto que a sua disponibilização não garante a qualidade de acesso nem a legibilidade de cada testemunho, nem a leitura objectiva do texto, então as edições que parecem responder às primeiras necessidades deste circuito de leitura são as edições semidiplomáticas, isto é, transcrições dos testemunhos do texto feitas com um grau baixo de intervenção editorial. A edição semidiplomática propõe apenas uma das potenciais leituras sugeridas pela reprodução digital. Se essa leitura for feita com base num estudo paleográfico, codicológico, linguístico e histórico do texto, a proposta torna-se relativamente mais informada do que a leitura imediata de qualquer outro leitor, ainda que especializado. Por esta razão justifica-se a produção de edições semidiplomáticas mesmo na era digital.

Além disso, o fácil acesso às reproduções digitais levanta um elevado número de outros problemas. Em primeiro lugar, note-se que elas implicam um olhar mais direccionado para o documento material do que para o texto. Embora isso venha a permitir dar uma nova importância ao acto de cópia, o risco está na possibilidade de os leitores de uma reprodução digital de um

dado manuscrito se esquecerem de que esse testemunho é apenas parte de uma tradição textual mais ampla e produto de um processo de transmissão de um texto que só pode ser reconstituído pela soma e análise das suas diversas partes. Corre-se o risco de confundir o texto do testemunho com o texto da obra, dois elementos que Robinson (2013:107) destaca como sendo fundamentalmente diferentes e representativos de duas perspectivas editoriais distintas, mas que são, no fundo, indissociáveis. Embora a fixação crítica do texto de uma obra não possa ser feita sem um estudo cuidadoso de cada testemunho e sem a sua colação contínua, o texto do testemunho nem sempre equivale ao texto da obra. Ter consciência disso implica não só ter acesso às reproduções digitais de todos os testemunhos de uma tradição, mas também lê-los à luz dos mesmos critérios rigorosamente aplicados por um mesmo conjunto de operações que possam tornar mais evidentes as suas particularidades linguísticas, gráficas, físicas e substantivas.

O segundo problema que resulta do crescente acesso a reproduções digitais, também brevemente discutido por Robinson (2013:114), é que não é possível lê-las sem interpretação e julgamento crítico, tal como não é possível registar variação sem juízos de intenção. Estar diante de uma reprodução digital de um testemunho pode criar a ilusão de que se lê um produto em bruto, sem qualquer tipo de intervenção crítica. Contudo, embora o testemunho seja, de facto, um produto em bruto, o olhar sobre a sua imagem fac-similar em formato digital é já produto da nossa percepção e interpretação e, consequentemente, uma leitura. Assim torna-se fácil cair no erro de abdicar da ligação essencial que o texto estabelece entre o testemunho e a obra. É ao editor que cabe estabelecer essa teia de discursos entre a superfície do testemunho, o texto do testemunho e a obra (Robinson 2013:111). As edições semidiplomáticas, apesar de serem transcrições que não podem representar todas as características materiais do testemunho e que são necessariamente interpretativas, permitem estabelecer esse elo através de um grau mínimo de intervenção editorial que se limita à atribuição de significado a um conjunto de caracteres de uma determinada língua.

Por fim, note-se que facultar material para um grande número de potenciais interpretações através do acesso facilitado a reproduções digitais em nada simplifica a leitura do texto e em pouco vai ao encontro dos principais interesses dos leitores. Na verdade, as reproduções digitais criam uma enorme distância entre o texto e o público interessado na génese, recepção e estudo literário da obra, e mais ainda entre o texto e o público interessado em lê-lo por mero deleite. No mesmo sentido, enquanto as edições semidiplomáticas podem simultaneamente dar atenção ao texto da obra e ao testemunho material, as reproduções digitais

pecam por não oferecer informação sobre a obra e, conseqüentemente, por não integrarem o testemunho no universo alargado a que pertence.

Por estas razões, hoje a produção de edições semidiplomáticas não se justifica apesar de existirem reproduções digitais, mas precisamente porque elas existem com todos os dilemas que levantam.

Se as edições semidiplomáticas permitem a análise da singularidade textual, linguística e gráfica de cada um dos testemunhos, e se é possível assegurar que no topo do processo de transmissão esteve um texto do qual toda a tradição manuscrita sobrevivente depende, então o segundo tipo de edição especializada que o campo bibliográfico deste texto deve incluir é a edição crítica. Esta vem responder à necessidade de fixar um texto que resulte do estudo estemático da tradição e de uma proposta de reconstituição do texto do seu arquétipo. É esse o texto crítico que deve suportar as análises históricas e literárias em torno da figura de S. Senhorinha e reconstituir e analisar o contexto histórico e literário em que o texto foi primitivamente escrito e para o qual foi escrito. Também é importante lembrar que a edição crítica permite aceder a um estrato temporal anterior ao dos testemunhos sobreviventes do texto, isto é, ao mais próximo quanto possível do tempo da produção e da primeira recepção do texto. Por seu lado, as edições semidiplomáticas permitem o acesso a estratos temporais posteriores, já no âmbito da transmissão do texto em contextos muito diferentes da recepção primitiva.

Por fim, responder às necessidades de um possível público não especializado implica disponibilizar uma edição de divulgação que, independentemente do seu suporte impresso ou digital, apresente o texto fixado criticamente na edição crítica, mas livre da fundamentação crítica e filológica inútil neste tipo de leitura.

## **2. OBJECTIVOS DE ESTUDO**

Não é objectivo desta dissertação preencher todas as lacunas do campo bibliográfico do texto nem tal seria exequível nos limites materiais e temporais impostos. Pretendo, por um lado, levar a cabo o conjunto de tarefas especializadas que constituem o fundamento para uma futura edição crítica e, por outro, demonstrar que a edição semidiplomática e o estudo aprofundado de todos os testemunhos de uma tradição têm um interesse que não se esgota nas etapas preparatórias da edição crítica. A recensão dos testemunhos de uma tradição não disponibiliza apenas material para o estabelecimento crítico de um texto, mas também pode conduzir a conclusões importantes acerca do processo de transmissão textual, quer no que se refere aos

fenómenos que nele operam, quer no que pode revelar dos seus agentes e dos contextos em que decorre, contribuindo assim para o conhecimento geral deste processo, para a análise do comportamento particular do copista de cada testemunho, e oferecendo conclusões que podem ser confrontadas com as que resultem do estudo de outras transmissões textuais.

À data desta dissertação, dos quatro testemunhos manuscritos recenseados apenas G1 se encontra editado semidiplomaticamente por Cristina Sobral no *Corpus de Textos Antigos anteriores a 1525* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CTA).

Desta forma, e com o objectivo de preencher três dos quatro primeiros lugares do campo bibliográfico do texto, o presente trabalho começará por levar a cabo a edição semidiplomática de cada um dos testemunhos ainda não editados. Estas edições semidiplomáticas, que de um modo geral obedecerão aos critérios de edição e normas de transcrição do CTA (v. adequação destes critérios e normas nas pp. 106-138), permitirão disponibilizar dados imprescindíveis para os restantes objectivos da dissertação: o estudo estemático da tradição, o estudo linguístico de um dos seus testemunhos e a análise das variantes de um segundo. A estas edições dedicar-se-á a segunda secção do primeiro capítulo desta dissertação.

Nenhuma edição, mesmo com baixo grau de intervenção editorial, pode fazer-se sem a consideração dos aspectos materiais da escrita e do suporte. Estes revelam informações indispensáveis para a leitura apresentada nas edições semidiplomáticas, com consequências inevitáveis no estudo estemático. Assim, proceder-se-á à descrição codicológica dos testemunhos, tornando evidentes as suas características paleográficas e, consequentemente, justificando as normas de transcrição das edições. A descrição codicológica também tornará possível reflectir sobre as razões pelas quais os mss. P e G2 parecem apresentar mais acidentes materiais que, em última análise, poderão condicionar a sua transcrição e a respectiva colação com os restantes testemunhos. A descrição codicológica fornecerá ainda informações essenciais à colação externa dos códices e obras onde os testemunhos da VSSB se integram e, por último, disponibilizará dados que permitem fundamentar a revisão ou o ajustamento das propostas de datação de cada um dos testemunhos.

É com base na contextualização apresentada e na disponibilização das edições semidiplomáticas e descrições codicológicas referidas que o segundo capítulo desta dissertação se dedicará à proposta de um *stemma codicum* que represente o processo de transmissão do texto tal como a recensão das variantes e a consequente análise das relações de parentesco dos testemunhos permitir reconstituir. Assim, o primeiro grande objectivo deste trabalho é responder

ao alargamento do *dossier* hagiográfico de S. Senhorinha apresentando uma proposta de *stemma codicum* e um esboço de critérios de edição que possam vir a ser utilizados na reconstituição do arquétipo da tradição e no estabelecimento do texto de uma edição crítica da *VSSB*.

Sabendo que o estudo estemático é a base do trabalho de edição crítica e que fundamenta os respectivos critérios, a verdade é que, modernamente, a estemática autonomiza-se cada vez mais dessa sua função pragmática. Olhando para a estemática como uma disciplina que estuda a transmissão de um texto e a entende como um processo de replicação, reapropriação e alteração que está na base da actividade cultural humana, o segundo grande objectivo da presente dissertação é tentar demonstrar como o estudo estemático e a análise da tradição manuscrita deste texto permitem reflectir sobre a forma como um testemunho apógrafo pode ser analisado de forma isolada e, ainda, oferecer informação relevante a respeito da transmissão e recepção de determinado texto.

Assim, numa posição inspirada em autores como Bernard Cerquiglini (1989) e Pierre Chastang (2008), no terceiro capítulo desta dissertação tentar-se-á esclarecer quão útil pode ser a análise de qualquer testemunho apógrafo na reconstituição do contexto, circunstâncias e época em que foi produzido. Para ilustrar este ponto apresentar-se-ão duas demonstrações:

- a) Um exame linguístico do ms. G1 que, corroborando o trabalho iniciado em Sobral (2012), prova como um apógrafo pode ajudar a datar o arquétipo de uma tradição e disponibilizar informação a respeito da interferência do diassistema de um copista no texto copiado;
- b) Uma análise das variantes do ms. G2, esclarecendo não só as causas que explicam a variação substantiva do testemunho, mas também a forma como os seus erros e intervenções intencionais podem ajudar a reconstituir a cultura, as condições de trabalho e as motivações do copista responsável por esse apógrafo.

# **CAPÍTULO I**

## **OS TESTEMUNHOS**

Como salienta J. Lemaire (1989), a codicologia pode ser muito útil na obtenção de conhecimento histórico, quer para a reconstrução da história individual de um testemunho escrito como uma unidade, quer para a história dos fundos, bibliotecas e colecções, e ainda para a história da produção dos textos e da sua transmissão. A descrição codicológica de cada um dos testemunhos de transmissão da *VSSB* tem como objectivo servir de elemento auxiliar ao estudo da sua filiação. Servirá como elemento de identificação de cada um dos testemunhos; como contextualização material e histórica dos eventuais erros de cópia cometidos e das notas marginais feitas ao texto por cada um dos copistas; como possível elo de ligação entre cada uma das cópias e o exemplar copiado, e consequentemente, como informação fundamental para a reconstituição do ambiente temporal e cultural de produção de cada um dos testemunhos, demonstrando o modo como uma cópia (um testemunho da transmissão de um texto) pode individualmente fornecer informação útil acerca da época em que foi produzida, independentemente da sua proximidade ou distância em relação ao arquétipo da tradição.

Codicologicamente falando, os quatro testemunhos da *VSSB* são produtos materiais que não podem ser dissociados dos códices em que estão inseridos. Assim sendo, far-se-á uma descrição geral, embora não exaustiva, de cada um dos códices, o que poderá determinar que a descrição dos fólios/páginas em que o texto se encontra seja uma descrição simplesmente mais atenta e pormenorizada de elementos que foram primeiro descritos como caracterizadores do códice como um conjunto coeso.

Seguiu-se como guia de trabalho Macken (1979), onde o autor propõe uma ficha técnica de descrição codicológica aplicada aos manuscritos medievais e uma estrutura descritiva que apresenta primeiro o códice e só depois, em particular, os fólios que transmitem o texto estudado.

A informação codicológica será, naturalmente, usada a favor do estudo estemático, mas a análise estemática poderá também vir a completar e/ou esclarecer os dados apresentados na descrição da história e origem de cada um destes livros como entidades codicológicas autónomas. O conhecimento destes códices parte da informação disponibilizada na BITAGAP (*Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*).



# 1. DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA

## 1.1. TESTEMUNHO G1<sup>1</sup>

### A. Códice

#### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

##### 1.1. Identificação

**Título:** *Lembranças de muitas cousas Notaveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feita no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cónego, há 25 anos na mesma Igreja*<sup>2</sup>

**Copista-compilador**<sup>3</sup>: Pedro de Mesquita

**Localização:** Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (AMAP), Colegiada 793 (C – 793)

**Fundo da Biblioteca:** Eclesiásticos - Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira

**Número do catálogo:** 977

**Data de compilação e cópia:** 1620 – 1645.

**Referência BITAGAP:** manid 1614, localização verificada por Martha Schaffer (junho de 2007)

O título acima inscreve-se no fólio 1r, correspondendo a parte de um texto introdutório (Prólogo<sup>4</sup>) da compilação. Escrito a tinta sobre a pele do primeiro plano da encadernação lê-se (embora parcialmente) outro título, que será discutido mais adiante:

Noticias [...]tiradas do Cartorio<sup>5</sup>

Quanto à autoria e datação do códice, a informação é disponibilizada pela combinação de elementos codicológicos com outros de teor textual ou histórico. No Prólogo do f.1r lê-se:

[f.1r] [Prólogo]

---

<sup>1</sup> As siglas G1, E, P e G2 remetem para as cidades onde os testemunhos se conservam: Guimarães (G1 e G2), Évora e Porto.

<sup>2</sup> Daqui em diante abreviar-se-á o título deste códice apenas para *Lembranças*.

<sup>3</sup> Como se dirá adiante, o códice contém uma cópia de diversos documentos guardados na igreja de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães. A sua selecção deve-se ao critério de Pedro de Mesquita, também quem os copiou. Trata-se, portanto, de um copista-compilador. Pretere-se aqui o conceito de autor (preconizado por Macken (1979)) para evitar ambiguidades. Na verdade, poderá considerar-se o copista como o autor do testemunho, isto é autor da escrita como produto físico, mas a necessidade de, na descrição dos fólhos que contêm a VSSB, considerarmos o autor como o responsável pela primeira concepção e redacção do texto desaconselha a dupla utilização do termo *autor*, que não poderia ser usado sem o recurso constante a discurso de desambiguação.

<sup>4</sup> O texto deste fólio não tem título. Considerou-se como *Prólogo* pelo seu estatuto claramente paratextual e por pertencer ao copista-compilador.

<sup>5</sup> Aqui há um borrão de tinta que admite a existência de lacuna ou cancelamento na escrita do título. Todas as transcrições feitas ao longo deste capítulo estão de acordo com as normas de transcrição utilizadas nas edições semidiplomáticas (v. pp. 106-138).

Jesus Maria / Livro de lembranças de muitas cousas notaveis, que há na muito deuota Igreja Collegiada de nossa sra da Oliveira da Villa de Guimaraes do Arcebispado de Bragua feito no anno de mil e seiscentos e vinte, pello Po. Pedro de Mesquita, conigo por merçe de Deos, e da sempre Virgem Maria, e seu seruo innutil há vinte e sinco annos, na mesma Igreja.

As *Lembranças* são, portanto, uma compilação de documentos guardados na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, seleccionados e copiados pelo cônego Pedro de Mesquita em 1620. Quanto à autoria da compilação, esta é a única informação objectiva apresentada ao longo do volume, não existindo nenhuma assinatura do compilador. A qualificação "e seu seruo innutil" em discurso na terceira pessoa indica que o autor do Prólogo é, sem dúvida, o mencionado Pedro Mesquita<sup>6</sup>. Pedro Mesquita terá trabalhado na Igreja de que era cônego e na qual se encontravam os documentos copiados.

No catálogo da Colegiada presente no AMAP, o códice é classificado como não datado (*sd*), apesar de o Prólogo apontar a data de 1620. Se esta data corresponde certamente ao ano em que o códice foi iniciado, poderá não corresponder necessariamente àquele em que foi terminado. Há indicadores seguros de que a datação deve ser revista para o intervalo 1620-1645, visto que seis dos textos reunidos na compilação têm data posterior a 1620, sendo a mais recente 1645<sup>7</sup>. Uma datação posterior, num texto inscrito numa contra-guarda, será discutida mais adiante.

## 1.2. Origem e História

O códice das *Lembranças* do AMAP parece ter sido produzido em Guimarães entre os anos de 1620-1645. Embora, de acordo com a informação obtida junto dos serviços do arquivo, a cota Colegiada 793 e o nº (de catálogo) 977 sejam os únicos elementos de catalogação do códice de que há conhecimento, ele apresenta ainda as cotas antigas A-5-4-65 e C 803, ambas escritas junto à cota actual no primeiro contra-plano da encadernação:

C-793  
A-5-4-65  
C803

Não há registo de proprietários anteriores ao Arquivo Municipal de Guimarães (hoje AMAP), cujos carimbos surgem em três fólios do livro (ff.1r, 116r e 238r).

## 1.3. Conteúdo

O códice identifica-se pelas seguintes menções históricas (Lemaire 1989:165-168):

---

<sup>6</sup> Não fica necessariamente excluída a possibilidade de estarmos perante uma cópia da compilação original mas, sem qualquer indício de essa possibilidade ser real, ela não será considerada.

<sup>7</sup> Recolheram-se as datas dos textos compilados. Dos 103 textos copiados, 61 estão datados (v. p. 25).

**Incipit** (Prólogo): [1r] *Jesus Maria / Livro de lembranças de muitas cousas notaveis, que há na muito...*

**Explicit:** [238v] *...onde ao presente esta na sancristia, guarneçada de prata, e metida en hũa caixa de marfim, e tem virtude pera sarar os mordidos de cães danados, e pera muitas outras infirmitades*

É constituído por três secções textuais delimitáveis, que correspondem em primeiro lugar aos textos preliminares e só depois à obra propriamente dita, que, por sua vez, corresponde a uma compilação de cerca de 103 textos<sup>8</sup>, dos mais variados géneros – cartas, treslados, anotações, orações, vidas, registos, etc.<sup>9</sup>:

- (Prólogo), f.1r: *Jesus Maria / Livro de lembranças de muitas cousas notaveis, que há na muito...*
- ff.1v - 2r: *Taboada das cousas escritas neste liuro.*
- *Lembranças*, ff.4r – 238v<sup>10</sup>: *Fundação da Igreja de nossa senhora da Oliueira*

No índice existe apenas um erro: localiza-se o texto intitulado *Livro das missas* no fólio 141r, quando na verdade se inicia no fólio 140r. Organizado por correspondência entre títulos e fólhos, independentemente do recto ou verso de cada um, o índice regista apenas 71 dos 103 textos da compilação, 22 dos quais foram acrescentados desordenadamente no f.2v, demonstrando que o copista os acrescentou à sua lista por se ter esquecido de contar esses textos. Ao índice faltam, portanto, 32 dos textos contidos no códice. Há marcas de um leitor posterior que assinala e enumera a vermelho, ao longo do códice, um total de 90 textos. Destes, 69 estão registados no índice, 20 não estão registados no índice e um não existe realmente no códice<sup>11</sup>. Assim, dos 32 textos que não constam no índice, 20 são numerados pelo leitor e 12 textos da compilação escapam à numeração quer do índice, quer desse leitor.

## 2. Descrição Material

### 2.1. Encadernação

A encadernação é constituída unicamente por uma capa de pergaminho, sem planos<sup>12</sup>, sem nenhum tipo de decoração, e com o primeiro contra-plano bastante deteriorado.

---

<sup>8</sup> A fronteira entre os textos da compilação não é totalmente clara em apenas três lugares do códice.

<sup>9</sup> Transcreve-se o *incipit* de cada uma das secções, que pode ou não corresponder ao respectivo título.

<sup>10</sup> Não se apresentam os títulos e localizações dos 103 textos contidos nesta secção, não só pelo dispendioso espaço que essa lista ocuparia, mas também pela falta de correspondência (explicada adiante) entre esses 103 textos, os enumerados na *Taboada* e os assinalados ao longo do códice.

<sup>11</sup> Neste lugar o leitor não compreendeu a delimitação dos textos da compilação e contabilizou como independente uma parcela de texto que pertencia ao texto contíguo.

<sup>12</sup> A encadernação do códice não tem *planos*, no sentido codicológico do termo, isto é, não tem faces do livro (opostas ao dorso e ao corte) que correspondam fisicamente a peças materiais mais ou menos rígidas que se aplicam contra o primeiro e último fólio do volume (v. Muzerelle 2002). Contudo, este termo foi utilizado ao longo do presente capítulo como sinónimo das faces exteriores (primeiro plano e segundo

Não foi possível identificar o tipo de pele utilizada, de tom acastanhado que se distribui de acordo com a disposição de alguns vincos que explicam a oscilação entre zonas mais baixas e mais escuras onde se acumulou mais particulato, e zonas mais elevadas com um tom mais pálido e amarelado, provavelmente graças a abrasão pelo contacto com outras superfícies. Notam-se ainda algumas manchas pretas cuja origem se desconhece.

A encadernação tem as seguintes dimensões: 287 x 220 mm no primeiro e segundo planos; 287 x 35 mm na lombada<sup>13</sup>. Aberto o livro a meio, mede-se cerca de 287 x 440 mm.

Identificam-se cinco *nervos* de apoio<sup>14</sup>, todos inseridos na encadernação por meio de incisões na pele da cobertura e três deles com saliências visíveis na lombada do volume, através da pele da encadernação. O primeiro nervo (que corresponde ao nervo da tranchefila de cabeça) está a 3 mm do *limite* de cabeça<sup>15</sup> da encadernação do volume e a 52 mm do segundo nervo, o segundo entre-nervo mede 74 mm, o terceiro 78 mm, o quarto 54 mm e o quinto (o da tranchefila do sistema de pé) está também a 3 mm do limite de pé da encadernação. O pé de cada um destes nervos mede cerca de 5 mm de largura, e permite observar que são compostos por pedaços de pele finos e enrolados numa forma cilíndrica.

Nos cortes de cabeça e de pé do volume é ainda possível identificar que as duas tranchefilas mencionadas são aparentemente iguais e com linguetas rectas (isto é, que não sobressaem além dos limites do volume). Correspondem a nervos de pele envolvidos por corda que não só fixam o corpo dos cadernos à cobertura de pele de que é feita a encadernação, como também servem à cosedura dos fólhos e dos cadernos entre si e através dos quais passam os fios de cosedura. A tranchefila do sistema de cabeça está rasgada, o que permite confirmar a sua composição. Quer no sistema de cabeça quer no de pé estes nervos estão rasgados entre o final do corpo dos cadernos e o segundo contra-plano da encadernação, estando os seus vestígios completamente autónomos nesse contra-plano.

---

plano) da capa de pergaminho que funciona como encadernação, enquanto *contra-plano* foi o termo utilizado como sinónimo das faces interiores (primeiro contra-plano e segundo contra-plano).

<sup>13</sup> Medidas tiradas nos limites de cabeça e goteira dos planos da encadernação. O mesmo se aplica nas descrições dos restantes três códices.

<sup>14</sup> O termo *nervo*, na terminologia codicológica portuguesa, refere-se aos nervos da encadernação e à sua constituição física e material, e às saliências provocadas por esses nervos na lombada dos livros (v. Nascimento e Diogo 1984:99).

<sup>15</sup> À falta de um termo técnico para referir as extremidades das encadernações (ou das peles), e de forma a não reutilizar o termo *corte* (que diz respeito apenas às superfícies exteriores formadas pela reunião das folhas quando o livro está fechado), utiliza-se o termo *limite*, embora por razões práticas. Pelas mesmas razões operatórias, continuam a utilizar-se os termos *goteira*, *cabeça* e *pé* associados a *limite*, fazendo-o equivaler a essas zonas do volume para as quais são tipicamente utilizados.

No primeiro plano da encadernação está escrito a lápis o número 74 e no canto superior esquerdo está colada uma etiqueta cuja inscrição foi raspada. É neste mesmo plano que se lê um outro título já mencionado (v. p. 23), diferente do exarado pela mão do copista no Prólogo e que foi escrito a tinta sobre uma zona central desta cobertura e onde a pele foi primeiro ligeiramente raspada, provavelmente de forma a ficar mais clara, tornando a tinta que devia receber mais visível. O título (*Noticias tiradas do Cartorio*) é claramente alternativo a *Lembranças de muitas cousas Notaveis que há na muito devota Igreja da Colegiada...* A etiqueta com conteúdo rasurado e a prévia raspagem da pele sugerem que poderá ter sido reaproveitada uma encadernação não inicialmente prevista para este códice. Quanto ao título alternativo, por inscrever-se sobre a raspagem da pele, não deverá pertencer a essa primitiva utilização e sim, provavelmente, ao cuidado de um responsável pelos livros da Colegiada da Oliveira de Guimarães, posterior a Pedro Mesquita. Note-se ainda que em cada um dos planos externos da encadernação é possível ver dois furos na margem de goteira da pele, dos quais se trata adiante.

Quanto aos elementos internos da encadernação, salientam-se quatro peças de reforço<sup>16</sup> também feitas em pele, colocadas horizontalmente no interior da lombada, e fixando os contra-planos da encadernação ao corpo dos cadernos pela superfície do dorso deste conjunto. A existência destas peças é visível no primeiro contra-plano através da contra-guarda [1] que, já não estando fixa à superfície da cobertura de pele, permite concluir que cada uma delas mede cerca 50-60 mm de altura e 60 mm de largura (de um contra-plano até ao seguinte, passando pelo dorso da encadernação).

O resguardo do códice é constituído por dois fólios de guarda, um no início e outro no final do volume. Esses fólios parecem ter sido contra-guardas<sup>17</sup>, isto é, ter estado ambos colados aos contra-planos de cada encadernação. A primeira contra-guarda ([1]) soltou-se totalmente do primeiro contra-plano da encadernação; a segunda ([2]) está parcialmente fixada ao segundo contra-plano.

Há vestígios de outras duas contra-guardas anteriores a estas. No segundo contra-plano vêem-se quatro recortes de papel em volta das peças de reforço da encadernação, e ainda dois pedaços de papel colados nas margens de pé e goteira da contra-guarda sobrevivente no início do volume. Estes parecem ser vestígios de uma contra-guarda [i] não sobrevivente e que não pertencia ao primeiro caderno do volume. A essa contra-guarda [i] – que talvez até se tenha

---

<sup>16</sup> Neste caso opta-se pela utilização dos termos *reforço/peças de reforço*, embora também se pudesse recorrer ao sinónimo *charneira* (Nascimento e Diogo 1984:100).

<sup>17</sup> Daqui em diante nesta descrição designar-se-ão estes fólios de guarda como contra-guardas [1] e [2].

estendido pelo interior da encadernação ao longo da lombada até ao segundo contra-plano – foi colada uma segunda contra-guarda de papel, a contra-guarda [1]. Esta é composta por dois fólios colados entre si pela margem de goteira, e que se sabe terem sido reaproveitados como parte de uma contra-guarda na zona em que estavam escritos (apesar de colados pela margem, estes fólios parecem fazer ambos parte da composição do caderno 1). Como a contra-guarda [i] se soltou, e o resto do sistema também se descolou do primeiro contra-plano, é possível ver que no recto dessa primeira folha estava escrito o seguinte:

Comeso os pervilegios o fol.27

Romão da silva pe[...] /domingos da costa entrou [...] / de mil e seiscentos e sesenta e li[...]<sup>18</sup>

Estes dois parágrafos parecem ter sido escritos pelo autor da escrita dominante no restante códice, o que levanta a possibilidade de este fólio ter sido escrito previamente e só depois aproveitado como contra-guarda por quem tenha encadernado este códice. Se assim foi, e se esta encadernação é tardia relativamente à cópia, como parecem indicar os vestígios de contra-guardas anteriores e o aparente reaproveitamento da pele da encadernação, e ainda se, nos fólios usados como contra-guardas, se lê texto da mão do copista, terá de colocar-se a hipótese de ter sido o próprio Pedro de Mesquita a proceder à encadernação do códice. Teríamos de datar a encadernação de um momento posterior a 1660, como se deduz da data que se lê na inscrição acima mencionada. Abaixo, no mesmo fólio, vê-se outra inscrição mas esta de outra mão, com letra e tinta muito diferentes:

El deuoto peregrino e [...] da sancta / conpueste per ell S. Sr. Americo de Castilho / predicador apostolico p[...]dor da prouincia de / s. Juan Baptista e comissario general de gerusalen / en loo Reino de Espanã: gaardiam de Belen / Dirigido a la Reina Madra st /D. Maria ana d'Austria. /Com priuilegio Em /Madrid en la imprenta / Real anno A Dlxix /1664 /E há de ser dos que tem estangas da Augorci

Se considerarmos que também esta inscrição se encontrava já na folha usada como contra-guarda, poderíamos situar o momento da encadernação em 1660-1664. Há, no entanto, na interpretação destes dados, algumas dificuldades. Por um lado, não é evidente que a folha reaproveitada, pertencendo aos papéis de Pedro de Mesquita, contivesse escrita sua e de outra pessoa. Por outro lado, a consideração do limite de 1664 para uma operação praticada pelo cónego de Guimarães coloca ainda maiores dúvidas do que as colocadas pelo limite de 1660. Na

---

<sup>18</sup> [...]: entenda-se uma lacuna material. Um dos vestígios da contraguarda [i] colados nesta zona impossibilita a leitura destas letras/palavras.

verdade, em 1660, Pedro Mesquita já teria, pelo menos 89 anos e, em 1664, 93<sup>19</sup>, o que torna a sua actuação nesta última data, se não impossível, pelo menos altamente improvável.

Na segunda folha que compõe a contra-guarda [1] também se vê, a contraluz, que tinha o recto escrito. No entanto, é apenas possível ver traços aleatórios de tinta, testes de formas de letra, etc., o que também impede a identificação da mão.

O facto de ser possível ler o que estava previamente escrito na primeira destas duas folhas da contra-guarda [1] é um argumento a favor de que talvez só a primeira contra-guarda vestigial [i] tenha sido verdadeiramente fixada por cola apenas nos limites do primeiro contra-plano – a força aplicada pela pele da encadernação teria rasgado em volta das zonas desse fólio de papel colado, deixando solto, e consequentemente à mercê do tempo, o seu interior. Também por isso terão sobrevivido apenas vestígios dessa contra-guarda [i] em alguns pontos internos da encadernação, nas margens da contra-guarda [1], e sobre as peças de reforço da encadernação.

Em segundo lugar, pelo olhal do volume vêem-se vestígios de uma segunda contra-guarda [ii] que estaria colada sobre o segundo contra-plano da encadernação, sobre as peças de reforço de pele e aparentemente em branco. Sobre esta contra-guarda foi colada uma segunda, a contra-guarda [2], que está completamente em branco e cobre quase por completo os vestígios de [ii] e todo o interior da encadernação, estando descolada apenas na margem de goteira.

Em resumo, o códice em causa apresenta apenas duas contra-guardas praticamente intactas ([1] e [2]) e duas contra-guardas vestigiais ([i] e [ii]). A contra-guarda [1], constituída por dois fólhos colados entre si, parece fazer parte da composição do primeiro caderno do volume; as contra-guardas [2] e [ii] parecem ter tido solidariedade com outro fólio (que pelo olhal do volume se confirma ter sido cortado), fazendo parte da composição do último caderno. Só a contra-guarda [i] não parece pertencer ao corpo dos cadernos, o que pode corroborar a hipótese de esta ser uma encadernação reaproveitada. Contudo, e visto que a contra-guarda [ii] parece pertencer ao último caderno do livro, não é possível descartar a possibilidade de que as contra-guardas [i] e [ii] tenham sido apenas reforços de papel à encadernação, inseridos antes da colagem das novas contra-guardas [1] e [2], respectivamente, apenas nas zonas mais frágeis.

Apesar de todos os fólhos que compõem o resguardo deste códice serem de papel, só foi possível observar uma marca de água, nos fólhos que constituem a contra-guarda [1]. Essa marca

---

<sup>19</sup> Pedro de Mesquita era, em 1620, cónego em Guimarães há 25 anos, tal como afirma no Prólogo. Como a ocupação do canonicato exigia as ordens maiores, e estas não podiam estar completas antes dos 24 anos (v. Mendes 2001:346), Mesquita terá nascido pelo menos em 1571. Assim, tinha 41 anos quando começou a copiar as *Lembranças* (1620) e 74 quando o terá terminado (1645).

de água é a mesma que se recolhe num fólio do interior do códice (f.2), o que, aliado ao facto de o texto nela escrito pertencer à mão dominante no livro, argumenta a favor de a fixação do corpo dos cadernos à encadernação ter sido feita pela mesma pessoa que os compôs e escreveu, visto que o tipo de papel utilizado foi o mesmo<sup>20</sup>.

Apesar das incertezas a respeito desta composição do resguardo deste códice, certo é que, pelas zonas em que as contra-guardas [1] e [2] estão ligeiramente deterioradas ou descoladas, é possível verificar não só que cobriam os nervos de apoio e os reforços de pele mencionados, mas também que a pele utilizada nesta encadernação ultrapassa os limites estabelecidos pelas dimensões já apresentadas de cada um dos planos, dando origem a virados nos limites de cabeça, goteira e pé da encadernação em pergaminho. Cada um desses virados tem as seguintes dimensões no primeiro contra-plano (e que se confirmam muito aproximadas no segundo contra-plano)<sup>21</sup>: 15-30 mm de altura no limite de cabeça do plano da encadernação (e a mesma largura da encadernação), 37-60 mm de largura no limite de goteira (e a mesma altura da encadernação) e 20-45 mm de altura no limite de pé (e a mesma largura da encadernação). Como estas dimensões dos virados se repetem de forma semelhante no segundo contra-plano, é possível calcular que a pele usada para fazer esta cobertura de pergaminho tinha pelo menos cerca de 362 x 560 mm.

Embora as extremidades da pele dos virados não estejam completamente descobertas em toda a encadernação, é possível confirmar esta ligeira oscilação entre as suas dimensões porque estão visivelmente marcados por vincos e transparências nas contra-guardas que os cobrem. Estes virados foram feitos primeiro nos limites de pé e cabeça da encadernação e são contínuos ao longo de toda a sua largura (passando de um contra-plano para o interior da lombada e da lombada para o segundo contra-plano, sem interrupção). Só depois foram realizados os virados de goteira, através de dois cortes oblíquos em cada canto da pele, permitindo que esta fosse dobrada sem dificuldade e que estes últimos virados se sobrepusessem aos de pé e cabeça do volume.

Nos contra-planos confirma-se ainda a presença de cinco nervos de apoio feitos de pele e embutidos na cobertura por meio de duas incisões, e através dos quais é feita a fixação dos cadernos do livro à encadernação. Posteriormente a sua posição e inserção no pergaminho foram reforçadas pela colagem das contra-guardas nos contra-planos.

Por fim, em cada um dos contra-planos da encadernação é possível verificar que, no lugar onde a cobertura da encadernação tinha dois furos observáveis no exterior do volume, existem

---

<sup>20</sup> A marca de água do f. 2, igual à da contra-guarda [1], apresenta-se na tabela 1 do Anexo A (v. p. 380).

<sup>21</sup> Dão-se as medidas em que estes virados excedem as dimensões dos planos da encadernação.



duas tiras de pele muito semelhantes às que constituem os nervos de apoio e que estão embutidas em cada virado de goteira. Completamente descobertas no primeiro contra-plano, mas cobertas pelos vestígios da contra-guarda [ii] no segundo, estas tiras de pele talvez sejam vestígios de um antigo sistema de fechos utilizado para manter o livro fechado. Em nenhum dos quatro casos as tiras passam pela incisão que lhes estava destinada no exterior da pele da encadernação, o que sugere que se romperam (ou foram cortadas). No primeiro contra-plano esses furos estão a 20 mm do limite de goteira da encadernação, a 60 mm dos limites de cabeça e pé, e a 163 mm de distância entre si, na altura da encadernação. Estas medidas repetem-se (quase exactamente) no segundo contra-plano.

## 2.2. Composição

O códice em causa é aparentemente constituído por um conjunto de 237 fólhos de 278 x 198 mm, 236 fólhos numerados (e em cuja numeração há um salto, consequentemente chegando até ao número 237), aos quais se acrescentam duas contra-guardas (uma delas composta por dois fólhos) e um fólho não numerado. Este conjunto de 237<sup>22</sup> fólhos organiza-se de acordo com a seguinte fórmula: 237: [1] (2) + 236 + (1) + [1]<sup>23</sup>.

Todos estes fólhos são de papel, observando-se múltiplas marcas de água ao longo do volume. Foi possível observar pelo menos sete marcas de água diferentes, recolhendo-se com dificuldade as visualizadas nos ff.2, 3, 21, 211, 213, 223 e 230. Não tendo sido feita uma recolha exaustiva das marcas de água ao longo de todo o códice<sup>24</sup>, também não é possível afirmar com certeza que as registadas sejam as únicas existentes. Reforce-se a fragilidade dos decalques obtidos (v. anexo A, pp. 380-386), devida à falta de meios para este tipo de recolha. Saliente-se, mesmo assim, a coincidência de marcas de água observáveis na contra-guarda [1] e no f.2, que permite chegar à conclusão já atrás avançada de que a composição dos cadernos e a sua fixação à encadernação foram tarefas concretizadas pela mesma pessoa, que tinha acesso aos mesmos materiais.

---

<sup>22</sup> No número total de fólhos de cada volume contam-se apenas os fólhos sobreviventes (excluindo-se o resguardo), de modo a oferecer um apuramento seguro da composição do códice como se conserva, e separando-o da encadernação. No caso deste códice excluem-se não só as contra-guardas [i] e [ii] residuais (embora [ii] talvez tenha pertencido à composição do último caderno do volume), mas também os talões (isto é, vestígios de fólhos recortados ou rasgados a uma curta distância da dobra do bifólho) que se encontram no primeiro e último caderno do livro, e ainda as duas contra-guardas sobreviventes [1] e [2].

<sup>23</sup> Leia-se: 1 contra-guarda (constituída por dois fólhos colados entre si) + 236 fólhos escritos e numerados + 1 fólho escrito, mas não numerado + 1 contra-guarda.

<sup>24</sup> A selecção foi feita desde os fólhos de guarda iniciais até ao f.30, entre os ff.211 e 236, e nos fólhos de guarda do final do volume.

Todas as marcas de água observadas se encontram no centro dos fólhos. Este dado, em conjunto com a posição horizontal das vergaturas<sup>25</sup> e a posição vertical dos pontusais, possibilita reconstituir o formato das folhas de papel utilizadas para a constituição dos cadernos: um formato bibliográfico *in-folio* (que se confirma pela falta de vestígios de solidariedade em qualquer uma das margens dos fólhos) e, conseqüentemente, um formato comercial equivalente à mesma medida da altura de um fólho por pelo menos o dobro da sua largura: 278 x 396 mm<sup>26</sup>.

Contudo, estas dimensões da folha de papel reconstituída são meramente aproximadas, visto que existem vários indícios de que os fólhos deste códice tenham sido aparados aquando da sua encadernação e de que, conseqüentemente, as folhas de papel originais tinham dimensões relativamente maiores do que as que os fólhos permitem reconstituir. Os indícios do aparamento são os seguintes:

1. Existem alguns fólhos com título e/ou notas na margem de cabeça parcialmente cortadas (ex.: ff.49v, 52v, 76v, 147r, 148v, 149r, 151r, 161r e 166v);
2. Existem alguns fólhos com notas na margem de goteira parcialmente cortadas (ex.: ff.11v, 96v, 97v e 104r);
3. Não existe irregularidade no recorte dos limites desprotegidos dos fólhos, sobretudo nas margens de cabeça e pé do volume.

Os 237 fólhos estão compostos em 22 cadernos e que se distribuem ao longo do livro de forma irregular (nem todos os cadernos têm o mesmo número de fólhos, nem a disposição dos diferentes tipos de cadernos pelo volume é particularmente ordenada): o caderno 7 é um bifólho independente, os cadernos 3, 5, 6 e 9 são quínios, os cadernos 2 e 10-20 são sénios, e os cadernos 4, 8 e 21 são septénios. O corpo dos cadernos tem uma espessura total de 35 mm.

Uma vez que existe um talão no primeiro caderno, e visto que o vestígio da contra-guarda [ii] também acaba por se comportar como um talão no último caderno do volume, neste caso temos um quínio irregular (caderno 1) e um bínio irregular (caderno 22)<sup>27</sup>. Relembre-se que o caderno 1 é composto pela contra-guarda [1] (por sua vez, composta por dois fólhos colados pela margem de goteira), pelos fólhos numerados pela foliotação do 1 a 7, e por um talão que se

---

<sup>25</sup> Não foi possível visualizar a espessura das vergaturas em nenhum dos casos descritos no presente capítulo. Conseqüentemente não é possível classificar a sua disposição no papel como *alternada* ou *pregada* (v. Lemaire 1989:30-31), isto é, em que as vergaturas são, respectivamente, finas e espessas alternadamente ou mais espessas mas com intervalos regulares maiores entre si.

<sup>26</sup> Para a distinção entre *formato bibliográfico* e *formato comercial* v. Lemaire (1989:34-37).

<sup>27</sup> Partindo da definição de *caderno regular* de Muzerelle (2002), designo *irregular* todo o caderno a que foi acrescentado ou retirado algum fólho. Designar este tipo de caderno segundo o número total de bifólhos que o constituía originalmente daria a sensação errada de que é regularmente composto por um conjunto intacto de bifólhos.

encontra entre os ff.1 e 2. No início deste caderno (mas de forma completamente independente da sua composição) esteve colada (ao primeiro fólio da contra-guarda [1] e ao primeiro contra-plano) a contra-guarda [i] meramente vestigial. O caderno final do volume é constituído por um conjunto que vai desde o f.237 (que, devido a um salto na contagem, corresponde verdadeiramente ao fólio 236) até à contra-guarda [2], por baixo da qual se visualiza o vestígio da contra-guarda [ii] que tinha solidariedade com o f.237<sup>28</sup>.

Em resumo, o corpo dos cadernos deste volume era inicialmente composto por 242 fólhos, 237 dos quais estão numerados (embora sejam apenas 236) e aos quais se acrescenta um fólio não numerado no final do volume (f.[237]), uma contra-guarda [1] composta por dois fólhos, uma contra-guarda no final do volume, um talão no primeiro caderno e uma contra-guarda [ii] vestigial.

Apesar de, no caso da contra-guarda [ii], se poder apenas estabelecer a hipótese de ter funcionado como mero reforço da fixação do corpo dos cadernos à encadernação em causa, quanto ao talão existente entre os ff.1 e 2 do caderno 1 é apenas possível conjecturar que ou foi o resultado da eliminação de um fólio em que tinha sido cometido algum erro de cópia (e que teria sido imediatamente identificado e eliminado), ou então que esse fólio eliminado estava escrito previamente, tendo sido reaproveitado para a constituição deste caderno, mas nunca tendo participado na cópia do conteúdo desta obra. A favor de qualquer uma destas possibilidades está também o facto de que este fólio foi eliminado antes da inserção da foliotação, cuja numeração não salta do f.1 para o f.2.

A foliotação existe desde o f.1 até ao f.237, em numeração árabe, sempre no canto superior direito do recto, no espaço resultante do cruzamento entre as margens de cabeça e de goteira. Pela coincidência entre a figura dos algarismos da foliotação e dos da cópia, bem como a coincidência de tinta, pode atribuir-se a foliotação ao copista. Foi inscrita sequencialmente, após a cópia, como se deduz do tom e concentração da tinta utilizada, que nem sempre corresponde aos da cópia, e do facto de não sofrer interrupção na presença do talão entre os ff.1 e 2. O facto de não ser afectada pelo aparamento indica que deve ser posterior à encadernação, aduzindo mais um argumento a favor da atribuição desta ao copista. Este cometeu dois erros: um deles ocorre no f.173, cujo número resulta de correcção imediata sobre 172, outro ocorre no interior do caderno 10, um sénio iniciado no f.90, mas terminado no f.102 (quando deveria terminar no f.101), erro

---

<sup>28</sup> Para a composição dos cadernos v. tabela 20 do Anexo A, pp. 399-401.

que nunca é corrigido ao longo da foliotação. Assim, a foliotação alcança o nº 237 em apenas 236 fólhos. Recorde-se que o copista não numerou o último fólho<sup>29</sup>.

Embora de forma assistemática, o copista recorreu a outro sistema auxiliar na ordenação dos cadernos: em quatro dos 22 cadernos são visíveis reclamos, dispostos horizontalmente no verso do último fólho de cada caderno e alinhados com a coluna de texto no canto inferior direito da margem de pé:

Caderno 10: *E o septimo*<sup>30</sup> (f.102v)

Caderno 11: *No dia dia fez*<sup>31</sup> (f.114v)

Caderno 18: *tanto* (f.198v)

Caderno 20: *grande* (f.222v)

Como muitas vezes acontece em códices em papel, os fólhos não apresentam regramento, utilizando apenas a trama do papel como linhas orientadoras da escrita. Contudo, a orientação pelas vergaturas não é rígida, o que se reflecte nas características da empaginação, isto é, na reconstituição da caixa de texto dos fólhos e das margens que lhe são conferidas pelos limites da escrita. O códice é escrito a uma só coluna de texto que se apresenta disposta de forma bastante uniforme ao longo do livro, de acordo com as seguintes medidas em milímetros<sup>32</sup>: 7-43 + 118-172 + 18-40 x 26-41 + 187-226 + 27-64. Os intervalos de medidas (7-43 etc.) representam as oscilações verificadas nalguns fólhos seleccionados aleatoriamente, mas não de uma percentagem suficientemente alta de fólhos para que possam representar médias<sup>33</sup>. Como não existe regramento, também o número de linhas de escrita<sup>34</sup> oscila entre 19-29 linhas por coluna.

---

<sup>29</sup> Numera-se o fólho não numerado do final do volume com o mesmo número do último fólho numerado, [237], de forma a colmatar o salto na numeração que ocorre no caderno 10 (v. tabela 20, Anexo A, p. 398).

<sup>30</sup> Como todos os segmentos de texto, os reclamos são transcritos com itálico nestas descrições.

<sup>31</sup> Erro por *No dito dia fez*.

<sup>32</sup> Esta fórmula de descrição adapta o sistema de descrição do regramento apresentado por Gilissen (1981:231-251) e reutilizado por Lemaire (1989:115-125). Para uma empaginação sem regramento, os algarismos da primeira parcela dizem respeito às medidas de largura da empaginação, e os algarismos da segunda parcela dizem respeito às medidas de altura: margem de dorso + coluna de texto + margem de goteira x margem de cabeça + coluna de texto + margem de pé.

<sup>33</sup> Estas dimensões foram medidas no topo da coluna de texto para as medidas horizontais (na zona da coluna de texto mais próxima da margem de cabeça dos fólhos) e do extremo esquerdo da coluna de texto para as medidas verticais (na zona da coluna de texto mais próxima da margem de dorso dos fólhos). Isso possibilita a existência de pequenas oscilações se as mesmas medidas forem retiradas de pontos diferentes da empaginação, pois as colunas de texto apresentam frequentemente uma posição ligeiramente oblíqua face ao fólho.

<sup>34</sup> Em códices sem regramento (como é o caso de todos os códices descritos neste capítulo) o número de linhas de escrita corresponde ao número de linhas efectivamente escritas na página mais o número de linhas não escritas mas calculáveis. Faz-se este tipo de contagem porque existem muitos fólhos que, devido à

Ao longo do códice registam-se acidentes materiais. Alguns fólhos apresentam rasgões numa das margens (por ex. f.20, cujo rasgão tem a particularidade de estar colado com dois reforços de papel rectangulares, ff.78, 98, 133 e 237); alguns fólhos têm o seu interior corroído nas zonas em que a concentração de tinta era maior (por ex. ff.140 e 235-[237]); alguns apresentam cancelamentos, correcções e manchas explicadas por borrões de tinta (por ex. ff.66v, 76-125 – cujo borrão de tinta na margem de goteira alastrou ao longo de todos estes fólhos – e 131-135); alguns fólhos têm a tinta borrada pelo contacto com água (por ex. f.95), e outros encontram-se manchados por pingos de cera (por ex. f.110r). Além destes acidentes, existe uma mancha causada pela humidade em quase todos os fólhos do códice, sobretudo no canto inferior da margem de dorso, junto ao festo dos cadernos, sendo também frequente notar-se esse mesmo tipo de marca na margem de goteira do corpo dos cadernos.

A maioria dos fólhos apresenta uma cruz no centro e topo da margem de cabeça. Estas cruzes, que não surgem só no recto, mas também no verso de alguns dos fólhos são aparentemente desenhadas com o mesmo tipo de tinta e instrumento de escrita que a cópia. A assistemática da sua ocorrência não evidencia o critério com que são inscritas. Não parecem ter que ver com a limitação espacial da caixa de texto (a distância à primeira linha escrita da coluna de texto não é regular ao longo dos fólhos), nem com o limite espacial do aparo dos fólhos (apenas algumas das cruzes sofrem recorte com o aparo do códice) e, por fim, não parecem estar de forma nenhuma associadas ao início dos textos copiados.

### 2.3. Escrita e Decoração

A escrita deste códice é humanística *cancelleresca*<sup>35</sup>, pouco compacta e pouco pesada, praticamente homogénea, quase exclusivamente da responsabilidade de uma só mão dominante, a mão A, embora existam vestígios da intervenção de uma mão B. Apresenta algumas abreviaturas, e uma ligeira inclinação<sup>36</sup> à direita, quer das hastes, quer do corpo das letras. É uma escrita cursiva no sentido em que apresenta ligaduras (não só entre as letras de uma mesma palavra – as mais frequentes – mas também entre palavras diferentes), laçadas, letras feitas a um só tempo, e figuras mais e menos aumentadas. Ainda assim, é uma escrita bastante regular e

---

indentação, têm menos linhas escritas do que outros e isso faria com que o número de linhas registado não representasse verdadeiramente os limites da caixa de texto.

<sup>35</sup> Sobre este tipo de escrita v. Cencetti (1954:54).

<sup>36</sup> *Inclinação da escrita*, medida através das hastes das letras em função das linhas de escrita. Não confundir com o conceito de *ângulo de escrita* (v. Gilissen 1973:15-29), calculado entre os traços mais largos dos caracteres de escrita (normalmente os oblíquos, mas não necessariamente nas hastes) e a linha de escrita.

cuidada, preocupada com a clareza das formas, numa tentativa de as produzir sempre do mesmo modo, o que aponta para uma velocidade de execução não muito elevada.

Em letras de figura minúscula com hastes superiores ou inferiores, essas hastes prolongam-se, respectivamente, quase até à linha de escrita anterior e seguinte. A diferença entre as formas minúsculas e maiúsculas das letras é facilmente reconhecível na maior parte dos casos, excepto em letras como o <s> e o <c>, que variam muito mais em módulo do que propriamente na figura, o que sugere a possibilidade de terem uma função de destaque<sup>37</sup> em alguns casos, a menos que, na mão responsável pela escrita deste códice, as letras em início de palavra, tenham, tendencialmente, uma figura aumentada (o que pode não significar necessariamente um destaque propositado). Quanto ao módulo, pode ainda ser dito que as letras maiúsculas de início de palavra em títulos e subtítulos (e muitas vezes de início de parágrafo) são muito maiores do que o texto corrente e que, por sua vez, a escrita da coluna de texto corrente tem um módulo relativamente maior do que o da escrita das notas marginais, embora o módulo destas notas tenda também a variar muito de acordo com o espaço disponível.

Apesar da regularidade da forma das letras, que unificam pelo menos a maioria do códice como tendo sido escrito por uma só mão, estamos perante um códice de funcionalidade utilitária, não monumental ou sequer formal: a escrita é claramente cursiva, existe uma grande variação no módulo das letras, uma enorme variação no espaçamento entre as linhas de escrita, entre os limites da caixa de texto (ilustrado anteriormente), utilizam-se diversas tintas sem sistematicidade, e a dispersão e frequência de erros, cancelamentos, correcções e elementos marginais apontam para uma grande despreocupação na cópia. Existem também espaços lacunares, deixados em branco pelo copista no corpo do texto (onde normalmente faltam nomes próprios, por ex. ff.115v, 119v, 120v e 121v); existem versos de fólios deixados em branco antes do início da cópia de apenas alguns textos (por ex. ff.42v, 60v, 94v, 190v, 201v e [237v]) e, por fim, a última página do índice é composta pelo registo desordenado de fólios e títulos.

A escrita aponta para a utilização de pena de ponta com um aparo não muito fino e de um conjunto de tintas ferrogálicas, de diferentes composições, que reagiram à oxidação adquirindo diferentes tons de castanho e que, em pontos de maior concentração, provocaram a corrosão do papel (por ex.: f.140). As tintas utilizadas também parecem revelar as diferentes sessões de escrita

---

<sup>37</sup> O conceito de *letras de destaque* aqui utilizado advém do conceito de *escritas de aparato* (Stirnemann *et al.*2007:68) e assume que os caracteres de escrita podem ter características que lhes confirmam uma determinada função de realce, destacando-se do texto corrente do espécime paleográfico na sua figura, na série alfabética a que pertencem, no aumento do seu módulo, etc.

da mesma mão (e possivelmente a utilização de penas com características físicas ligeiramente diferentes). Nos fólhos em que existe uma diferença clara entre o tom da tinta utilizada no texto corrente e a utilizada em certos elementos marginais (notas e reclamos, por exemplo) parece possível concluir que essas diferenças separam tempos de escrita diferentes, ou que a tinta que é utilizada na escrita de alguns elementos marginais tende a ficar mais clara com o tempo (e a maior exposição à luz). Que a cópia dos textos aqui transmitidos foi feita em diferentes tempos não é novidade, não só dada a dimensão do códice, impossível de copiar numa só sessão de trabalho, mas também porque sabemos que a cópia se prolongou por, pelo menos, 25 anos (de 1620 a 1645). Já a perfeita correspondência entre tonalidades de tinta e sessões de cópia ou de anotação parece mais difícil de propor.

As notas marginais da autoria de um copista de um determinado códice podem ser de vários tipos (Lemaire 1989:161-179):

- 1) *menções técnicas* – directivas mais ou menos importantes deixadas pelo copista para garantir a boa confecção da encadernação, rubricação ou decoração do livro.
- 2) *elementos de realce* – elementos acrescentados à margem do texto e que têm como objectivo chamar a atenção do leitor para uma determinada zona do texto.
- 3) *menções práticas* – elementos marginais cujo objectivo é facilitar a consulta dos livros/obras pelos leitores, podendo ser inscritas ao mesmo tempo do que a transcrição do texto, ou pouco depois.
- 4) *menções pessoais* – notas à margem feitas pelos copistas que se consideram autorizados a confiar os seus próprios estados de alma, opiniões, comentários, nos livros que confeccionam. Correspondem a uma ruptura com o tom da obra transcrita, só sendo verdadeiramente aplicável a códices ou textos copiados.

Além destes tipos, há ainda que considerar a utilização das margens para inscrição de emendas ao texto e restituição de texto omitido durante a cópia.

À excepção dos reclamos já descritos, não existem outros elementos marginais que possam ser classificados como *menções técnicas*, sobretudo porque o códice em causa não é decorado, não dando, por exemplo, lugar a letras de espera. Também não existem elementos que tenham como função única e exclusiva o realce.

Outros elementos marginais, nomeadamente algumas notas, talvez se possam classificar como *menções práticas*. A maioria das notas que se encontram neste códice parecem ter como objectivo resumir e lembrar o tema tratado no segmento de texto mais próximo, explicando-o ou disponibilizando informação adicional sobre ele, e consequentemente, podendo ainda ser consideradas *manchetes*, isto é um tipo de menções práticas correspondentes a inscrições

marginais que têm como função particular o destaque de uma determinada zona do texto (Lemaire 1989:169). As restantes notas marginais são maioritariamente notas que servem para corrigir o texto copiado.

Por fim, apesar de não ser frequente encontrar notas marginais que tenham um teor mais pessoal (*menções pessoais*), e em que o autor pareça fazer comentários ao texto, talvez haja pelo menos um exemplo desse tipo, como será mencionado adiante.

A mão dominante (mão A, a de Pedro de Mesquita, ao que tudo indica) é responsável pela escrita da maioria do códice, quer do texto que ocupa a coluna quer das notas marginais. É sua a maior parte dos elementos que pertencem a uma fase de correcção do material copiado e a foliotação. Além desta mão, identifica-se uma segunda mão (B), responsável por alguns acrescentos e correcções feitos ao longo do volume.

Na intervenção da mão A identificam-se diferentes tempos de cópia. Estes distinguem-se pelo tom da tinta utilizada e são, por vezes, simultâneas operações de revisão, operando na coluna de texto, nas entrelinhas e nas notas marginais. Vejam-se os ff.9r, 11r-v, 12r, 107r, 131r-v e 211r, exemplos onde é possível identificar mais do que um momento de cópia e operações de revisão<sup>38</sup>.

Em geral, as intervenções feitas em diferentes tempos na mesma página correspondem, como seria de esperar, a revisões, correcções, cancelamentos e, portanto, a operações de revisão que podem ou não coincidir com um dos momentos de cópia representados na página. Vejam-se os ff.4r, 12v, 23v, 25v, 31v, 32v, 90r, 103r, 111r, 131v, 132r, 133r, 142r, 143r, 186r, 202r, 203v, 204r e v, 208r, 209r e 237r. Porém, regista-se igualmente identidade de tinta<sup>39</sup> e letra entre o texto copiado e notas marginais que disponibilizam fontes, citações, títulos de obras, explicações e acrescentos de informação típicos das menções práticas. Vejam-se os ff.4r, 8v, 9r, 10r, 11r-v, 12r-v, 13r-v, 14v, 15r, 17v, 25v, 27r, 28r, 31v, 32r-v, 39v, 41r, 91r, 96v, 97r-v, 98r-v, 99r, 100v, 102r, 103r, 104r, 106v, 107v, 138r-v, 202r-v, 203r-v, 205v. É admissível, portanto, que todos, texto copiado e menções práticas, pertençam ao mesmo momento de cópia.

A mão B é responsável por algumas notas, acrescentos e correcções. O teor e localização de alguns desses elementos (sobretudo nos casos em que intervém nas entrelinhas da cópia) indicam que esta é, antes de mais, uma mão revisora do trabalho anterior. Participa no códice

---

<sup>38</sup> Nas descrições deste capítulo não se procedeu à identificação destes momentos de cópia de forma detalhada, reconhecendo-os apenas no mesmo espaço de escrita, isto é, página a página.

<sup>39</sup> A escrita das entrelinhas e margens é sempre mediata, portanto sempre posterior à da coluna do texto, mesmo se feita com a mesma tinta. Assim, se a mesma tinta pode ser utilizada em diferentes momentos de cópia, então usar a identidade da tinta como único elemento de distinção de diferentes tempos de cópia torna estas conclusões meramente indicativas.



assistemáticamente e com baixa frequência para completar, acrescentar ou corrigir informação. Como exemplos da intervenção da mão B, vejam-se ff.2r, 6r, 32v, 88v, 89v, 131v, 132v, 133r, 134r, 135r, 210r (nos dois últimos ocorrem correcções ou notas marginais com tinta diferente e módulo mais pequeno do que o utilizado pela mão A nos mesmos fólhos). O caso das notas marginais de 131v é bom exemplo de correcção e/ou anotação motivada pela falta de informação. B acrescenta o seguinte, após ter sublinhado e cancelado com um traço o ano de 1572 na coluna de texto escrita por A:

não pode ser neste tempo/ El Rei D.Pedro

Imediatamente abaixo escreve, com outra tinta:

tem rezão, é nhuá quem fés a Lembrança<sup>40</sup>

Mais abaixo escreve:

Faltão neste catálogo/ mais de des priores/ E uão postos sem ordem porque/ hũs vão ao diante outros atras.

O f.210r-v é também um caso particular. B adiciona um texto completo neste fólho (a cópia de uma carta - recto - e a respectiva resposta - verso). Acrescenta ainda a entrada e marcação deste texto no índice da compilação, no final do f.2r. São estes últimos casos que melhor exemplificam a diferença entre a mão A e a mão B, apoiando a hipótese de que as intervenções desta última sejam, além de revisoras, actualizadoras, pela adição de novos textos.

Assim, a mão B que, num primeiro momento, poderíamos atribuir a um leitor posterior que tomou a liberdade de corrigir e completar informação, parece afinal pertencer a alguém que também tem acesso a documentos do cartório da igreja da Oliveira de Guimarães e que tem autoridade para os incorporar no conjunto inicial com estatuto igual aos coligidos por Pedro de Mesquita. Este comportamento só se explica se a mão B pertencer também a um cónego da mesma igreja e se o códice for considerado não um livro de registos pessoal, mas sim um livro de funcionalidade comunitária da colegiada de Guimarães. Quanto ao tempo histórico em que interveio a mão B, pouco se poderá dizer. Poderá ser pouco posterior a Pedro de Mesquita e assumir uma responsabilidade que o primeiro responsável pelo códice já não estava em condições de assegurar, mas não é impossível admiti-la ainda como contemporânea do primeiro compilador, se o códice tinha, de facto, um estatuto comunitário.

---

<sup>40</sup> O enunciado parece pouco coerente, se entendermos que *é nhuá* representa a 3ª pessoa do singular do verbo “ser” mais uma variante de *nenhũa*. Poderá ter havido um erro por *nẽhũa*, e ainda assim a construção da negativa, sem advérbio de negação inicial, parece pouco comum.

## 2.4. Adições Posteriores

Consideram-se adições posteriores todos os elementos do códice que tenham sido acrescentados num momento temporalmente distante da escrita e produção do livro e que claramente não faziam parte do produto final tal como o compilador (ou as várias mãos que o produziram) o terminou (independentemente do tempo que essa cópia tenha levado).

Além da intervenção de B, dificilmente localizável no tempo, existem ainda outros elementos em que há dúvida sobre o momento em que foram escritos – isto é, se correspondem a uma terceira mão (C) com autoridade sobre o códice ou à mão de um leitor posterior. Esses casos estão, por exemplo, nos ff.43v (sublinhado e um #), 92v (*hic* na margem de goteira e um sublinhado), 103r (x a lápis), e 131v (depois da nota de correcção do copista B, acima e escrito a lápis surge *será 1372*). Dado que são, na sua maioria, elementos com função de realce, é mais provável que pertençam a um leitor.

Existe ainda pelo menos um conjunto de elementos claramente adicionados depois da finalização do livro: são números escritos a vermelho (aparentemente a cera) a partir do fólio 4r, sempre que se inicia um novo texto na compilação. Estas marcas, de uma letra, instrumento e módulo com características distintas quer da mão A, quer da de B, quer das outras marcas de leitura acima citadas, e cujo traçado resultou mais grosso, parecem ter também um intuito de destacar as partes da obra durante a leitura, numerando quase todos os textos da compilação<sup>41</sup>, provavelmente de forma a facilitar a sua localização no códice.

## B. Fólios 211r-236r

### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

#### 1.1. Identificação

**Título:** Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto

**Autor:** Desconhecido.

**Copista:** Pedro de Mesquita.

**Localização no códice:** ff.211r-236r.

**Data de redacção:** 1248-1284

**Data de cópia:** 1620 - 1645

**Referência BITAGAP:** cnum 27628.

---

<sup>41</sup> Como se refere anteriormente (v. p. 25), este leitor conta apenas menos dois textos do que os que são assinalados no índice da obra, pelo menos mais 21 do que as mãos A e B nesse índice, e menos 12 do que os que realmente são copiados na totalidade do espaço do livro.

## 1.2. História e Origem

Parte integrante do códice atrás descrito, estes fólhos partilham a sua história e origem.

## 1.3. Conteúdo

Os fólhos contêm um testemunho da VSSB, o qual não apresenta o título pelo qual é conhecido. O texto identifica-se através das seguintes menções históricas<sup>42</sup>:

**Introdução:** [211r] *Santa Senhorinha de Basto e seu irmam san Geruas e seu primo san Rosendo bispo de dume eram nobres da familia dos Sousas. Antonio de sousa no seu liuro das exçelencias de Portugal. cap 7. Exçeçellencia 5.*

*Comeca se a vida e Milagres da bem auenturada santa Senhorinha da Ordem de são Bento...*

**Incipit:** [211r] *Esta bem auenturada santa, por que Deos fas muitos milagres, tam...*

**Explicit:** [236r] *...derão graças a Deos, e a esta sua santa por tam grande millagre.*

**Remate:** [236r] *...derão graças a Deos, e a esta sua santa por tam grande millagre. / finis.*

## 2. Descrição Material

### 2.1. Composição

O texto encontra-se entre os ff.211r-236r das *Lembranças* que, tal como os restantes fólhos desse códice, são de papel e medem 278 x 198 mm.

As folhas que constituem estes 26 fólhos (51 páginas) têm vergaturas horizontais e pontuais verticais, e nelas são visíveis, no centro dos fólhos, quatro marcas de água diferentes<sup>43</sup>: ff.211, 213, 223 e 230. Destas, as duas últimas são únicas e as duas primeiras repetem-se ao longo dos restantes fólhos do códice, o que exclui a possibilidade de estes fólhos corresponderem a uma unidade codicológica mais ou menos autónoma e, consequentemente, aponta para a possibilidade de o texto ter sido copiado precisamente para ser integrado nesta compilação, tal como os restantes textos do códice. Pela posição das marcas de água observadas face aos restantes elementos da trama do papel, estes fólhos confirmam que as folhas de papel que constituíram os cadernos em que estão dispostos eram folhas com um formato comercial de pelo menos 278 x 396 mm, e com um formato bibliográfico *in-folio*. Embora entre os 26 fólhos em exame não se encontre nenhuma nota marginal aparada, as características do recorte das folhas, já descrito, corroboram a existência desse aparato.

---

<sup>42</sup> No registo das menções históricas inclui-se a *introdução* e o *remate*, como termos operatórios definidos para referir, respectivamente, as linhas de texto que contextualizam a localização do texto da VSSB no conteúdo do códice em que está inserido. São dois elementos que não têm tanto peso codicológico quanto terão valor estemático, visto que eventuais diferenças nesses contextos poderão funcionar como elementos identificadores dos testemunhos da tradição manuscrita.

<sup>43</sup> V. Anexo A, pp. 380-386.

Os 26 fólhos encontram-se nos cadernos 20 e 21 do códice. O seu conjunto ocupa cerca de quatro dos 35 mm de espessura total do corpo de cadernos do códice. O caderno 20 é um sénio, enquanto o 21 é um septénio, ambos cadernos regulares<sup>44</sup>. O lugar do texto em dois cadernos diferentes, em sequência anterior e posterior com outros textos coligidos, confirma que ele não constitui uma unidade codicológica autónoma.

A foliotação é visível em todos os fólhos e corresponde à descrição geral já apresentada. Um dos reclusos já descrito encontra-se no caderno 20, no f.222v (*grande*).

Dada a variação das características da empaginação ao longo do códice, os limites e margens da caixa de texto de quatro dos 26 fólhos foram analisados e medidos no recto<sup>45</sup>, confirmando que neste pequeno conjunto a mancha de texto é particularmente mais regular:

1. [211r] – 27 linhas de escrita; 23 + 140 + 34 x 14 + 242 + 24 mm<sup>46</sup>;
2. [213r] – 28 linhas de escrita; 33 + 130 + 36 x 23 + 240 + 17 mm;
3. [220r] – 27linhas de escrita; 33 +128 + 38 x 24 + 231 + 24 mm;
4. [226r] – 29 linhas de escrita; 32 + 134 + 33 x 23 + 235 + 21 mm.

Em média, a empaginação dos ff.211r-236r tem, portanto, 35 linhas de escrita e as seguintes dimensões: 30,3 + 103,8 + 34,8 x 21 + 237 + 21,5 mm.

Nos fólhos 211r-236r existem pouquíssimos vestígios de acidentes materiais. Alguns fólhos estão manchados e amarelecidos pela humidade (causada ou não por contacto directo com água): ff.216, 217, 221 (margem de cabeça, pé e goteira); 224, 226, 227, 232, 234 (sobretudo no canto inferior direito, no cruzamento da margem de pé com a de goteira); 229, 230 (sobretudo no canto inferior direito, mas também nas margens de pé e cabeça); 235 (sobretudo na margem de cabeça).

O verso (e alguns rectos) da maioria dos fólhos em análise apresenta a cruz já descrita no centro da margem de cabeça, cuja função não se pôde apurar.

## 2.2. Escrita e Decoração

Nos fólhos 211r-236r identifica-se apenas a mão A, responsável pela escrita da coluna de texto, das notas marginais e da foliotação.

---

<sup>44</sup> V. a tabela 20 do Anexo A, p. 401.

<sup>45</sup> Os quatro rectos foram sempre escolhidos de acordo com a aparência geral da sua mancha de texto, como casos em que, a olho nu, parecia existir uma ligeira oscilação na disposição da escrita nas páginas, e sobretudo quanto ao número de linhas de escrita em cada uma. Como se verá de seguida, essa impressão acabou por não se confirmar (em nenhum dos mss. descritos no presente capítulo).

<sup>46</sup> A mancha de texto deste fólho pode parecer mais larga apenas porque o primeiro parágrafo de introdução ao texto é mais largo do que as restantes colunas de texto nos fólhos que se seguem.

Existe apenas uma nota marginal no f.223v que parece ter um carácter prático. Além de se distinguir, pela tinta e pelo aparo, da escrita da coluna de texto desse fólio, caracteriza-se por estar localizada na margem de goteira e por estar escrita com um módulo ligeiramente mais pequeno do que o da coluna de texto. Contém uma manchete (Lemaire 1989:169), com um intuito de esclarecimento ou acrescento de informação, e situa-se a 3 mm da margem do corte de goteira, junto à coluna de texto e alinhada com a 17ª linha:

foi s.Rosendo bispo de Dume

Identificam-se pelo menos quatro tempos de cópia evidentemente diferentes: o primeiro no primeiro parágrafo do f.211r em que se introduz o texto; o segundo entre os ff.211r e 233v; o terceiro entre os ff.234r e 236r; e o quarto correspondente à já citada nota marginal do f.223v (aparentemente o mesmo tempo de escrita da foliação deste conjunto de fólios). Estes tempos de cópia identificam-se por diferenças no tom de tinta, no espaçamento entre as linhas e pela grossura do aparo utilizado. Não há correcções, nem da mão A, nem de outra interveniente no códice, pelo que não há evidência, nestes fólios, de revisão. É notória, porém, a posteridade, em relação à cópia, do primeiro parágrafo introdutório e da nota marginal. Quanto à introdução, apesar da sua localização não marginal, o início da cópia das suas quatro linhas excede a medida das restantes linhas da página, o que pode significar que foi escrita posteriormente num espaço deixado em branco pelo copista para encabeçamento do texto. O conteúdo não pertence ao texto da *VSSB* copiado mas equivale a uma menção prática, fornecendo informação histórica adicional e citando a fonte que a fundamenta. Quanto à nota marginal, que também adiciona informação histórica, tem a sua posteridade denunciada pela coincidência com a foliação.

### **2.3. Adições posteriores**

Apenas dois elementos poderão, talvez, ser considerados adições posteriores, isto é, acrescentos da responsabilidade de leitores ou outros intervenientes que não sejam necessariamente contemporâneos da produção do manuscrito e que, consequentemente, não fariam parte do conjunto destes fólios enquanto produto final. São eles a marca do leitor que contabiliza o número de textos ao longo do códice, a cera vermelha, o número 88 no f.211r; e duas marcas, com linhas ondeadas, desenhadas na margem de pé dos ff.211v e 212r, e interpretáveis como testes de tinta, ou marcas de leitura. No segundo caso as marcas parecem ter sido desenhadas com uma tinta com um tom próximo do da coluna de texto desses fólios, apontando para a possibilidade de se atribuírem à mão A.

Em conclusão, a *VSSB* no testemunho G1 faz parte de um conjunto de textos documentais considerados de interesse pela Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães. Convive com o registo histórico dos priores da casa, com a preservação de privilégios, cartas, autos e outros documentos, num códice de função não monumental mas antes claramente utilitária, sujeito a diferentes revisões e actualizações por mais de 25 anos e tutelado comunitariamente e, provavelmente, com o objectivo de facilitar a consulta dos documentos e preservar os originais. A funcionalidade do códice está também patente na informalidade das suas características codicológicas e paleográficas, e permite considerar que a sua passagem a limpo pudesse ter estado prevista. No entanto, a falta de vestígios mais evidentes e o desconhecimento de uma cópia impedem de desenvolver a possibilidade.

O certo é que, tal como indica o título deste volume, o projecto inicial deste códice implicava a cópia de *cousas Notaveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira*, isto é, de documentos importantes que se encontrassem no cartório desta igreja (como também confirma o título alternativo do códice). Contudo, como se justifica que Pedro de Mesquita tenha levado pelo menos 25 anos (1620-1645) a copiar um códice que acaba por ter apenas 237 fólios? Só se pode explicar se o códice tiver sido o resultado de um trabalho progressivo cujo conjunto de textos copiados foi paulatinamente aumentando ao longo do tempo, provavelmente à medida que iam surgindo documentos de interesse.

Porém, a *VSSB* não se encontrava no cartório de Nossa Senhora de Oliveira, mas sim na sua igreja, como regista o compilador. O que faz, portanto, este texto nas *Lembranças*? O texto encaixa-se apenas na categoria de “coisas notáveis” a que Mesquita promete dedicar o códice. O facto de ser um dos poucos textos narrativos relativamente extensos do códice e de ser praticamente o último copiado (ff.211r-236r) provam que o projecto do códice se foi alargando não só a cada vez mais documentos do cartório em causa, mas também a outros que não lhe pertenciam. Por esta razão é também possível concluir que a leitura hagiográfica sobre Santa Senhorinha não tinha, neste testemunho, uma função literária e cultural, mas uma função histórico-documental que Pedro de Mesquita considerou equivalente à dos restantes documentos que copiou, embora não se encontrasse no cartório da sua igreja.

## 1.2. TESTEMUNHO E

### A. Códice

#### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

##### 1.1 Identificação

**Título:** *Memorias Resucitadas da antiga Guimarões*

**Autor e copista:** Torcato Peixoto de Azevedo

**Localização:** Évora, Biblioteca Pública de Évora (BPE), CIII / 1-22;

**Data de redacção:** 1656-1692 (14 de fevereiro)

**Data de cópia:** 1692-1705

**Referência BITAGAP:** manid 5602.

O título deste códice surge nos fólhos iniciais [i], [ii] e [iii]<sup>47</sup>, que incluem os textos preliminares anexados ao início da obra: *Prefacção*<sup>48</sup>, *Ao leitor* e *Protestação*. Contudo, só é verdadeiramente apresentado como título no topo e centro da coluna de texto do fólho 1r, a partir do qual o texto da obra se inicia. Constatam-se vestígios deste título escrito a tinta na lombada da encadernação deste volume, embora esteja muitíssimo deteriorado.

Quanto à autoria e datação do códice, sabe-se apenas o que a combinação de elementos codicológicos com algumas informações de teor textual ou histórico permite ponderar. Por exemplo, no f.[iii]r encontra-se uma dedicatória que termina com o local e data em que o livro foi produzido e ainda com uma assinatura do autor (da mão responsável pela escrita do códice):

Guimarões 14 de fevereiro de 1692.  
Capellão de *Vossa Merce*  
Torcato Peixoto de Azevedo

No f.[iii]v encontra-se novamente a assinatura do autor, mas com algumas variações nos elementos decorativos a ela associados. Estas duas assinaturas indicam que estamos perante um códice autógrafo. Menos significativa é a datação do códice e o facto de os textos preliminares estarem escritos na primeira pessoa, visto que estes elementos podem ser copiados (como se comprova na sua exacta reprodução nos códices P e G2, cronologicamente impossíveis de atribuir ao autor da obra).

Para a datação, além das informações da dedicatória (que não explicitam se a data referida é de início ou de final da produção do livro), vem em auxílio o trabalho de análise textual

---

<sup>47</sup> Por razões operatórias numeram-se com [i], [ii], [iii] e [iv] os quatro fólhos iniciais não numerados.

<sup>48</sup> Leia-se a justificação para a escolha deste título adiante (v. nota 50, p. 47).

e histórica das versões das *MRAG*, dado a lume em 1981 por Maria Fernanda Constante de Brito, segundo o qual o ano de 1692 corresponderia à data em que Torcato de Azevedo teria terminado a redacção da obra, tendo levado cerca de 36 anos a completá-la. Como argumentos a favor desta proposta a autora apresenta as «últimas entradas cronológicas», localizando alguns dos exemplos textuais que sustentam 14 de fevereiro de 1692 como data de finalização da obra, pois de outro modo seriam anacronismos inexplicáveis (Brito 1981:439-440). Como argumentos a favor de a obra ter levado, pelo menos, 36 anos a redigir, entre o último ano de governo de D. João IV e 1692 (nove anos depois de D. Pedro II subir ao trono), Brito apresenta as abundantes referências textuais a D. Pedro II e, sobretudo, as referências a D. Luísa de Gusmão não como regente (como terá sido entre 1656 e 1663), mas como esposa do monarca (Brito 1982:439-440).

A demonstração de Brito refere-se ao tempo que Azevedo terá levado a redigir a obra (36 anos). Contudo, e como se verá adiante, o facto de este códice ter muito poucas correcções e cancelamentos é um indício forte de que não pode ser o primeiro testemunho escrito da obra do autor, mas sim uma cópia, ainda que autógrafa, de um modelo/rascunho anterior.

Esta descrição codicológica e as informações históricas e literárias acima mencionadas fazem de E uma cópia autógrafa produzida entre 1692 e 1705 (data da morte de Azevedo).

## 1.2. Origem e História

Dando fé à dedicatória, este códice terá sido produzido em Guimarães.

Visto que não existem quaisquer vestígios de outro tipo de catalogação, e de acordo com a informação obtida junto dos serviços da biblioteca em questão, CIII / 1-22 é a única cota de identificação da qual se tem conhecimento. Desconhecem-se proprietários anteriores, visto que ao longo de todo o códice só se identificam carimbos de propriedade da BPE.

## 1.3. Conteúdo

O códice identifica-se pelas seguintes menções históricas:

**Incipit:** [1r] *Naquelle tão valerozo, como discreto o grande Alexandre Magno...*

**Explicit:** [331v] *...da cada hũa dellas tanto gosto, quanto Eu quizera achasse o leitor deste volume. / Finis / Laus Deo, Virginique Matri.*



O códice é constituído por quatro secções textuais que correspondem primeiro aos textos preliminares e depois à obra propriamente dita (esta, por sua vez, subdividida em 142 capítulos<sup>49</sup>):

- Prefacção, ff.[i]r – [ii]r<sup>50</sup>: *Naquelle tão valerozo, como discreto o grande Alexandre Magno...*
- ff.[ii]v – [iii]r: *Ao leitor*.
- f.[iii]v: *Protestação*.
- ff.1r-331v: *Memorias Resucitadas da antigua Guimarões*

O texto das MRAG que está entre os ff.1r-331v é uma monografia dedicada à história da cidade de Guimarães. Seguindo a tradição historiográfica da época, inicia-se com a origem do mundo, segue para a história da Europa, Península Ibérica, Portugal e, só depois, continua para a região Entre-Douro-e-Minho e, finalmente, chega a Guimarães. Para tal, o autor dedica-se à descrição dos fastos vimaranenses, enumera freguesias, concelhos e coutos, edifícios, mosteiros, igrejas e rios, copia textos e vidas de santos relevantes para a definição da identidade vimaranense, menciona as casas e famílias mais antigas e de maior poder na cidade e ainda descreve os sucessos e insucessos na defesa da região.

## 2. Descrição Material

### 2.1. Encadernação

A encadernação é constituída unicamente por uma capa de pergaminho, sem planos, aparentemente original e bem conservada, na qual se identificam apenas alguns acidentes externos, como um rasgão na pele na zona inferior da lombada, uma tranchefila rasgada no sistema de cabeça do livro, e vestígios de escrita a tinta na lombada muito deteriorados.

Na impossibilidade de identificar o tipo de pele utilizada, diga-se apenas que tem uma cor amarelada e acastanhada que se distribui de acordo com a disposição de alguns vincos que explicam a oscilação entre um tom mais escuro nas suas zonas mais baixas onde se acumulou mais particulato, e uma cor mais pálida e amarelada em zonas da pele que estão mais elevadas, provavelmente graças a abrasão pelo contacto com outras superfícies.

A encadernação tem as seguintes dimensões: 294 x 218 mm no primeiro plano; 294 x 215 mm no segundo plano, e 294 x 50 mm na lombada. Aberto o livro a meio, mede-se uma totalidade de cerca de 294 x 483 mm.

---

<sup>49</sup> Por razões práticas não se apresentam os títulos e a localização destes capítulos, que se distribuem entre os ff. 1r-331r. Transcreve-se o *incipit* de cada secção, que pode ou não corresponder ao respectivo título.

<sup>50</sup> O texto destes fólios não tem título. Atribuí-lhe o título operatório *Prefacção*, por colação com a lição dos testemunhos P e G2 e em coerência com o estatuto paratextual desta secção.

Apesar de apresentar vestígios de escrita do título e do nome do autor, a tinta (e escritos de cima para baixo) na lombada do volume, estes elementos são tão residuais que apenas são legíveis algumas das letras do título e, logo abaixo (a uma tinta mais clara), do nome do autor:

[...] <sup>51</sup>orias R[...]suci[...]ad[...] da Ant[...] [...]ma[...]  
P Torquato Peix[...] A[...]

A encadernação em causa não tem decoração nem apresenta qualquer tipo de sistema de fechos. No seu exterior é possível identificar cinco nervos de apoio, três dos quais com saliências visíveis na lombada do volume, através da pele da encadernação. O primeiro nervo está a 53 mm do limite de cabeça da encadernação, o primeiro entre-nervo mede 93 mm, o segundo 86 mm e o terceiro está a 57 mm do limite do pé da encadernação.

Nos cortes de cabeça e de pé do volume é ainda possível identificar duas tranchefilas, aparentemente iguais e com linguetas rectas, isto é, que não sobressaem além dos limites do volume. A tranchefila do sistema de cabeça do códice está rasgada, o que permite confirmar que é composta por uma tira cilíndrica de couro toda envolvida por corda.

O resguardo do códice é constituído por cinco fólios de guarda<sup>52</sup>, dois colados em cada contra-plano (contra-guardas), dois volantes no início do volume e um no final do volume. As guardas volantes [2] e [3] estão ambas em branco, embora manchadas nas zonas onde contactam com os nervos de apoio da encadernação, e a guarda [3] está não só ainda vincada ao longo da margem de dorso (numa dobra que parece ter resultado de um momento em que o volume terá sido mal fechado), mas também manchada no verso por zonas em que houve contacto com a tinta do texto escrito no recto do fólio seguinte. A guarda volante [4], no final do volume, está completamente em branco, mas o seu canto inferior direito está rasgado em arco. As contra-guardas [1] e [5] cobrem grande parte dos restantes elementos da encadernação, mas permitem analisá-la em alguns lugares onde, pela fragilidade do papel que as constitui face à força aplicada pela pele da encadernação, apresentam rasgões, transparências ou zonas descoladas. Nestes fólios de guarda, todos de papel, é possível observar marcas de água na contra-guarda [1] e nas guardas [3] e [4], tendo sido possível recolher de forma muito rudimentar as das últimas duas<sup>53</sup>.

Pelas zonas onde as contra-guardas estão ligeiramente deterioradas nota-se que a pele utilizada nesta encadernação ultrapassa os limites estabelecidos pelas dimensões já apresentadas

---

<sup>51</sup> Esta primeira lacuna não corresponde a uma zona exposta da lombada mas sim a uma zona tapada por uma etiqueta de catalogação da BPE que impede de verificar se a tinta se conservou nesse local.

<sup>52</sup> Daqui em diante designar-se-ão estes fólios de guarda como contra-guardas [1] e [5], e guardas (volantes) [2], [3] e [4], de acordo com a ordem pela qual surgem no códice.

<sup>53</sup> V. as marcas de água das guardas [3] e [4] nas tabelas 8 e 14 do Anexo A, pp. 387 e 393, respectivamente.

de cada um dos planos, dando origem a virados nos limites de cabeça, goteira e pé da encadernação em pergaminho. Cada um desses virados tem as seguintes dimensões no primeiro contra-plano (que se confirmam muito aproximadas no segundo contra-plano): 23 mm de altura no limite de cabeça do plano da encadernação (e a mesma largura da encadernação), 34-32 mm no limite de goteira (e a mesma altura da encadernação) e 29-19 mm de altura no limite de pé (e a mesma largura da encadernação).

Apesar de as extremidades da pele dos virados não estarem completamente descobertas em toda a encadernação, é possível confirmar esta ligeira oscilação entre as dimensões dos virados porque estão visivelmente marcados por vincos e transparências nas contra-guardas que os cobrem. Primeiro parece ter sido feito um corte oblíquo de 25 mm de comprimento em cada um dos quatro cantos dos limites de pé e cabeça da pele, e outro corte também oblíquo de cerca de 42 mm de comprimento em cada um dos quatro cantos dos limites de goteira da pele, retirando-se toda a porção de pele recortada pela união dos dois cortes. Depois a pele parece ter sido dobrada para dentro, primeiro nos limites de pé e cabeça do pergaminho, e só depois no limite goteira (visto que este virado se sobrepõe aos outros). Além disso, estes virados não parecem ter sido fixados por nenhum tipo de costura ou cola, mas sim por duas tiras também de couro, essas sim provavelmente coladas (visto que não são visíveis no exterior da encadernação) de forma a fixar os virados do limite de goteira da encadernação no interior dos contra-planos. Existem duas destas tiras em cada contra-plano e estão ambas a cerca de 17 mm do limite de goteira da encadernação, e a 60 mm do limite de cabeça e do limite de pé da encadernação, respectivamente. É ainda possível ver que a dobragem dos limites da pele da qual resulta a forma desta encadernação em pergaminho é feita sem interrupção do primeiro ao segundo contra-plano do volume pelo interior da lombada, sendo fixada pela colagem das contra-guardas [1] e [5].

Nos contra-planos confirma-se ainda que a encadernação tem cinco nervos de apoio feitos de tiras de couro (mais espessas, embora do mesmo tom, que as dos nervos independentes das tranchefilas), nervos que estão embutidos na pele por meio de duas incisões, e através dos quais é feita a fixação dos cadernos do livro à encadernação. Posteriormente a sua posição e inserção no pergaminho foram reforçadas pela colagem das contra-guardas nos contra-planos da encadernação. Só o primeiro nervo (o mais próximo do limite de cabeça) está totalmente descoberto pelo canto superior direito da contra-guarda [1] deteriorada nessa zona. Os dois nervos mais próximos dos cortes de cabeça e de pé do volume estão embutidos no pergaminho de

forma oblíqua ao dorso do volume, enquanto os restantes três nervos (com as saliências visíveis na lombada do códice) estão inseridos perpendicularmente.

Por fim, em ambos os contra-planos a encadernação foi fortalecida por quatro reforços de pergaminho colados ao jogo interior da capa e utilizados como forma de garantir a ligação entre a encadernação e o corpo do volume. Esses reforços foram colados junto à margem de dorso depois da dobragem dos virados e da inserção dos nervos de apoio, mas antes da colagem das contra-guardas [1] e [5]. Apenas o primeiro reforço (colado entre o dorso do volume e o limite de cabeça do primeiro contra-plano da encadernação) está descoberto porque a tira de couro que o constitui se descolou da encadernação e a tensão da pele rasgou a contra-guarda [1] ao longo do seu contorno. As restantes peças de reforço vêm-se pelo relevo que provocam nas contra-guardas que as cobrem. As do primeiro contra-plano têm as seguintes dimensões (que se confirmam muito aproximadas no segundo contra-plano)<sup>54</sup>: a primeira peça mede 44 x 36 mm; a segunda 80 x 38 mm; a terceira 61 x 29 mm; e a quarta 44 x 34 mm.

Todos estes reforços do limite interno da encadernação parecem alongar-se até ao corpo dos cadernos, isto é, o corpo dos cadernos cosidos entre si parece estar coberto não só por uma espécie de cola aplicada ao longo do dorso (apesar de não ser possível ver com facilidade, pelo olhal do volume percebe-se que foi aplicada uma substância ligeiramente transparente ou então que foi colocada uma gaze ou folha muito fina como reforço ao longo da zona), como pelo menos a primeira destas quatro peças de reforço já vem colada desde o dorso do corpo dos cadernos cosidos. Embora não seja possível verificar se cada uma destas quatro peças é contínua do primeiro até ao segundo contra-plano, talvez se possa extrapolar que assim seja e concluir que, no total, não existem oito, mas sim quatro reforços que unem a encadernação (pelos seus contra-planos) ao corpo dos cadernos (pelo dorso).

## **2.2. Composição**

O códice é constituído por um conjunto de 334 fólhos de 290 x 210 mm, aos quais se acrescentam três fólhos de guarda volantes e duas contra-guardas. Este conjunto de fólhos organiza-se de acordo com a seguinte fórmula: 334: [3] + (3) + 331 + [2]<sup>55</sup>.

Todos estes fólhos são de papel, observando-se múltiplas marcas de água ao longo do volume. Foi possível identificar pelo menos sete marcas de água diferentes, recolhendo-se com

---

<sup>54</sup> Medidas recolhidas seguindo a altura e largura das peças na posição em que o volume é lido.

<sup>55</sup> Leia-se: 1 contra-guarda + 2 fólhos de guarda volantes + 3 fólhos escritos, mas não numerados + 331 fólhos numerados + 1 fólho de guarda volante + 1 contra-guarda.

dificuldade, devido à falta de meios adequados, as presentes no fólio de guarda [3], nos ff.17, 20, 286, 288, 295, e no fólio de guarda [4]. Não tendo sido feita uma recolha exaustiva das marcas de água<sup>56</sup>, também não é possível afirmar com certeza que ao longo do corpo do volume não existam outras. O facto de as marcas de água observadas no resguardo do códice serem diferentes das dos fólhos do corpo dos cadernos permite concluir que a composição do livro e a sua encadernação foram feitas por duas pessoas diferentes que tinham acesso a materiais (neste caso a folhas de papel) de tipos distintos.

Todas as marcas de água se encontram no centro dos fólhos, o que, em conjunto com o facto de as vergaturas serem sempre horizontais e os pontusais verticais, possibilita reconstituir o formato das folhas de papel utilizadas para a constituição dos cadernos: tinham um formato bibliográfico *in-folio* e, conseqüentemente, um formato comercial equivalente à mesma medida de altura de um fólio por, pelo menos, o dobro da sua largura: 290 x 420 mm. Estas dimensões são meramente aproximadas, visto que existem vários indícios de os fólhos terem sido aparados aquando da encadernação e de, conseqüentemente, as folhas de papel que lhes deram origem terem dimensões relativamente maiores do que as que os vestígios permitem reconstituir. Os indícios de aparamento são os seguintes:

1. Existem alguns reclamos (horizontalmente dispostos na margem de pé dos fólhos) parcialmente cortados (ex.: ff.18v, 133v, 140v, 200v, 246v, 258v, 274v);
2. Existem algumas notas na margem de goteira dos fólhos parcialmente cortadas (ex.: ff.36v, 116v, 117v, 119r, 120r-v, 128v, 140v, 180v, 181v, 183v, 189r-v, 190v, 191v, 194v, 195v, 199v, 235v, 239v, 240r, 241r, 274r);
3. Existe uma nota marginal no canto inferior direito da margem de goteira do f.33r que se estende num pedaço da folha que ultrapassa o limite direito da largura medida para os restantes fólhos em cerca de 7 mm. Esse pedaço foi claramente recortado em torno do texto da nota previamente escrita, e depois dobrado para o interior do volume (com a ajuda de outro corte de 9 mm para o interior da largura dos restantes fólhos), de forma a não ficar saliente no corpo do volume quando o livro está fechado. Nessa nota lê-se a seguinte explicação:

Veigas da Rebata na fraqueza de Caldellas

As dimensões do pedaço de folha descrito neste último ponto permitem perceber que as folhas de papel que deram origem a estes fólhos tinham não só o dobro da largura de um fólio deste códice (420 mm), mas pelo menos mais 14 mm. Embora isto permita reformular o formato

---

<sup>56</sup> A recolha de marcas de água foi feita apenas desde os fólhos de guarda iniciais até ao f.20, entre os ff.286 e 305, e nos fólhos de guarda do final do volume (v. tabelas 8-14 do Anexo A, pp. 387-393).

comercial das folhas para cerca de 290 x 434 mm, estas dimensões continuam a ser aproximadas, pois não é possível ter a certeza de que o recorte feito em volta da nota do f.33r corresponda a uma amostra dos limites da folha de papel original.

Os 334 fólhos estão distribuídos ao longo de 47 cadernos que ocupam uma espessura total de cerca de 50 mm e que se distribuem ao longo do livro de forma um pouco irregular (nem todos os cadernos têm o mesmo número de fólhos, nem a disposição dos diferentes tipos de cadernos pelo volume é particularmente ordenada). Os cadernos 7, 39 e 46 são bifólhos independentes, enquanto os cadernos 2, 4, 8, 15, 27 e 29 são bínios, os cadernos 13, 23, 25, 33 e 37 são térnios, os cadernos 9, 11, 19, 21, 30, 36, 40, 42 são quaternos, os cadernos 24 e 45 são quínios e os cadernos 10, 12, 20, 22 e 32 são sénios.

Existem 23 talões ao longo do códice, isto é 23 vestígios de fólhos recortados ou rasgados a uma curta distância da dobra do bifólho, os quais tornam os seus cadernos irregulares: o caderno 17 é um bifólho independente irregular, o caderno 18 é um bínio irregular, os cadernos 3 e 35 são térnios irregulares, os cadernos 31 e 44 são quaternos irregulares, os cadernos 5, 6, 28, 34 e são quínios irregulares, e os cadernos 14, 16, 26, 41 e 43 são sénios irregulares.

São ainda irregulares os cadernos 1 e 47, o primeiro e último do códice. No primeiro caso, o caderno parece ter sido constituído por um quaterno regular no início do qual foi inserido um bifólho independente que corresponde à contra-guarda [1] e à guarda volante [2]), cujo festo aparece saliente no final do quaterno (depois do f.4) e ao qual parece ter sido cosido o f.5 de forma completamente independente. No caderno final do volume, dado que são visíveis dois fios de cosedura (um entre o f.331 e a guarda volante [4] e outro entre essa guarda volante e a contra-guarda final) e dado que é possível verificar que os dois fólhos de guarda apresentam solidariedade entre si, então parece que este caderno é constituído por um fólho independente e sem solidariedade com mais nenhum (o f.331), cosido ao bifólho que corresponde às últimas guardas do volume<sup>57</sup>.

A maioria destes 23 talões resulta da eliminação de fólhos através de corte pelo limite interno das suas colunas de texto, o que faz com que tenham 37-50 mm de largura<sup>58</sup>. Excepções são aqueles que, além de terem sido rasgados e não cortados, apresentam uma largura menor: é o caso de dois talões entre os ff.110-111, com 13 mm de largura; e os talões que existem entre os

---

<sup>57</sup> V. a estrutura dos cadernos na tabela 21 do Anexo A, pp. 402-406.

<sup>58</sup> Estas medidas foram recolhidas do corte de pé dos talões, o que não implica que não ocorram algumas oscilações, sobretudo no caso dos talões que foram rasgados e não cortados.

ff.113-114, 184-185, 197-198 com, respectivamente, 6, 2 e 10 mm de largura. Existe também um talão entre os ff.26-27 que, apesar de cortado, mede 30 mm de largura.

Uma vez que nenhum dos fólhos imediatamente anteriores e posteriores aos talões apresentam lacunas no texto, é também possível conjecturar que ou estes talões resultaram da eliminação de fólhos onde tinham ocorrido erros de cópia<sup>59</sup> (que teriam sido imediatamente identificados e eliminados), ou então que os fólhos eliminados estavam escritos previamente, tendo sido reaproveitados para a constituição dos cadernos deste livro, mas nunca tendo participado na cópia do conteúdo desta obra. Sete destes talões apresentam vestígios de escrita localizados junto ao limite de dorso da coluna de texto, cinco deles apenas no recto do talão e dois com vestígios de escrita no recto e verso (talões entre os ff.34-35 e 215-216). Tendo quase todos os talões deste códice a mesma largura e correspondendo os vestígios de escrita a um texto claramente distinto do que se encontra, sem lacunas nem correcção visível de erros, nos fólhos anterior e seguinte, é possível postular que os fólhos de que resultam estes talões estavam previamente escritos. Esta hipótese torna-se ainda mais plausível perante os dois talões onde se encontram vestígios de escrita quer no recto quer no verso - um erro de cópia que atingisse duas páginas de texto parece bastante mais improvável. Contudo, realce-se que, se no caso dos restantes cinco talões se identificam vestígios de texto apenas no recto, isso não implica que não pudessem estar escritos também no verso, já que os talões tendem a ser cortados ou rasgados por um limite da coluna de texto que poderia não coincidir exactamente com o recto e verso dos fólhos que lhes deram origem (tal como se verá adiante, não existe regramento na empaginação). A favor desta hipótese está também a sugestão de que estes fólhos foram eliminados antes da inserção da foliotação, cuja numeração não apresenta nenhum erro nos fólhos próximos dos talões.

Existem dois tipos de sistemas técnicos utilizados para garantir a sucessão dos fólhos nos cadernos: reclusos e foliotação a partir do início da obra propriamente dita. Os reclusos estão dispostos horizontalmente no verso dos fólhos, no canto inferior direito da margem de pé, abaixo da última linha de escrita e alinhados com a coluna de texto, embora um pouco mais à esquerda do que o limite mais interno dessa coluna. Estes reclusos surgem de bifólio em bifólio (alternadamente nas páginas do volume), fazendo a ligação entre o verso de um fólho e o recto do seguinte, e permitindo a sucessão do texto de uma página para a outra. Isto confirma-se para quase todo o códice, com excepção de certas irregularidades que se descrevem em seguida.

---

<sup>59</sup> Postulou-se atrás que o códice contém uma cópia limpa de rascunhos prévios (v. p. 46).

- A existência de reclamos no recto de alguns fólhos<sup>60</sup>. Exs.: *to*<sup>61</sup> (*Torca/to*, f.113r), *cão* (*Juridis/cão*, f.122r), *ja* (*Igre/ja*, f.138r), *o* (*Chantre* (f.152r), *Eu* (f.155r), *brinho* (*so/brinho*, f.219r), *da Igreja* (f.301r), *entom* (*meu / entom*, f.303r)];
- A inexistência de reclamo no verso de um fólho. Ex.: f.187v.

Quanto à foliotação, é feita desde o 8º fólho do volume até ao 337º, em números árabes e no canto superior direito do recto dos fólhos, no espaço resultante do cruzamento da margem de cabeça com a margem de goteira desses fólhos. É inserida por uma mão diferente daquela que é responsável pela escrita dominante do livro, o que se deduz do facto de estar escrita com uma tinta de tom bastante mais claro do que a do restante texto, mas sobretudo da comparação entre os algarismos utilizados na foliotação e os presentes ao longo do restante códice (em datas, números de capítulos, etc.). Esta foliotação terá sido feita numa fase posterior à da escrita e produção do códice, não só porque não apresenta erros de sequência, apesar do corte dos fólhos de que restam talões, mas também porque não é afectada pelo aparo dos fólhos em nenhuma das suas margens (o que implica que seja posterior à encadernação).

Os fólhos não apresentam regramento, utilizando o copista a trama do papel para orientar as linhas de escrita. Contudo, a orientação pelas vergaturas não é rígida, o que se reflecte nas características da empaginação. Assim, o códice é escrito a uma só coluna de texto que se dispõe de forma bastante uniforme ao longo do livro, de acordo com as seguintes medidas (largura x altura da caixa de texto, em mm): 41-48 + 122-124 + 36-40 x 34-39 + 230-235 + 18-25 (v. nota 32, p. 34). O número de linhas de escrita oscila entre 36-38 por coluna (v. nota 34, pp. 34).

Alguns dos fólhos que compõem o códice encontram-se rasgados ou deteriorados no centro, devido à corrosão provocada pela tinta. Os ff.195 e 196 estão rasgados no canto superior da margem de goteira - esses rasgões foram posteriormente colados com fita-cola.

A maioria dos fólhos do códice têm três furos com cerca de 3 mm de diâmetro na margem de dorso. O primeiro furo está a cerca de 47 mm da margem de cabeça, o terceiro a cerca de 45 mm da margem de pé e todos se encontram a cerca de 19 mm do festo dos cadernos e a 98-102 mm de distância entre si. Verificou-se que alguns fólhos não apresentam estes furos de forma tão evidente, isto é, com um diâmetro tão alargado. Apesar de também neles se identificarem três

---

<sup>60</sup> Estes “reclamos” do recto para o verso de um fólho não asseguram a correcta sequência dos fólhos no interior dos cadernos, função a que normalmente estão destinados. Aparentemente desnecessários, não foi possível apurar a razão pela qual foram inseridos no recto dos fólhos.

<sup>61</sup> Todos os reclamos são transcritos em itálico (v. nota 30, p. 34). Nos casos em que o segmento do fólho/página seguinte que se repete no fólho/página anterior constitui apenas parte de uma palavra ou parte de um conjunto de palavras, o reclamo é seguido dessa contextualização.



pequenas perfurações exactamente nos mesmos locais em que surgem nos restantes fólhos, estas têm um diâmetro mínimo que parece ter sido provocado por um instrumento pontiagudo muito fino. Os fólhos em que surgem estes furos menores pertencem sempre ao mesmo caderno (é o caso dos ff.[i] e 4), são bifólhos (como no caso dos ff. 39-40 e 65 e 66) ou correspondem à totalidade de um caderno (é o caso dos ff.82-87).

Na maioria dos fólhos a posição destes furos é sempre a mesma de fólho para fólho, o diâmetro da abertura provocada por cada um deles é aparentemente sempre da mesma dimensão e as protuberâncias de papel resultantes da perfuração demonstram que esta foi feita do recto para o verso. Assim, e embora não tenha sido possível compreender a sua função, é possível conjecturar que, na maior parte do códice, os três furos foram realizados através de um instrumento com três pontas (com as distâncias entre si acima descritas e com uma ponta com diâmetro de cerca de 3 mm). O mesmo pode ter acontecido nos casos excepcionais em que estes furos têm um diâmetro menor, tendo talvez sido utilizado um instrumento com pontas mais finas. O facto de existirem estas excepções de fólhos ou bifólhos com perfurações mais estreitas permite perceber que, independentemente de qual tenha sido a sua funcionalidade, talvez tenham sido concretizadas bifólho a bifólho, e que certamente foram feitas antes da cosedura dos cadernos.

### **2.3. Escrita e Decoração**

A escrita deste códice é humanística, pouco compacta e pouco pesada, homogénea, de uma só mão, apresenta algumas abreviaturas (maioritariamente a abreviatura de *que*) e mostra uma ligeira inclinação à direita, quer das hastes, quer do corpo das letras. É uma escrita cursiva porque apresenta ligaduras (não só entre as letras de uma mesma palavra, mas também entre palavras diferentes), laçadas, letras feitas a um só tempo, e figuras mais e menos aumentadas sem aparente critério. Ainda assim, é uma escrita bastante regular e cuidada, visto que há uma determinada preocupação de clareza das formas, numa tentativa de as produzir sempre do mesmo modo, o que aponta para uma velocidade de execução não muito elevada.

Em letras com figura minúscula, as hastes prolongam-se, respectivamente, até à linha de escrita anterior e seguinte (algumas vezes até além disso). A diferença entre as formas minúsculas e maiúsculas é facilmente reconhecível na maior parte dos casos, excepto em letras como o <s>, o <c> e o <v>, que variam muito mais em módulo do que propriamente na sua figura, o que sugere a possibilidade de terem uma função de destaque em alguns casos, a menos que, na mão responsável pela escrita deste códice, as letras em início de palavra tenham, tendencialmente, uma figura aumentada, o que pode não significar necessariamente um destaque propositado.

Quanto ao módulo, pode ainda ser dito que as letras maiúsculas de início de capítulo (e muitas vezes de início de parágrafo) são maiores do que o texto corrente e que, por sua vez, a escrita da coluna de texto corrente tem um módulo relativamente maior do que o da escrita das notas marginais. Além disso, na mão deste copista também se confundem as figuras minúsculas das letras <a> vs. <o> e <e> vs. <i> ou <o><sup>62</sup>.

A escrita deste códice aponta para a utilização de pena de ponta relativamente fina e de um conjunto de tintas ferrogálicas que algumas vezes parecem ter adquirido tonalidades mais acastanhadas em fólhos onde a mancha de tinta é menos carregada do que noutras em que a tinta é claramente mais concentrada e escura, ao ponto de por vezes provocar a corrosão do papel (ex. f. 104r). As tintas utilizadas também parecem revelar diferentes momentos de cópia da mesma mão (e possivelmente a utilização de penas com características físicas ligeiramente diferentes) que são claramente impossíveis de reconstituir física e temporalmente. Nos fólhos em que existe uma diferença clara entre o tom da tinta utilizada no texto corrente e a utilizada em certos elementos marginais (notas e reclamos, por exemplo), parece possível concluir que essas diferenças distinguem momentos de escrita diferenciados, ou que a tinta que é utilizada na escrita de elementos marginais tende a ficar mais clara com o tempo (e exposição à luz). Pelas mesmas razões apresentadas na descrição do Códice G1, a hipótese de identificação de diferentes tempos de cópia associadas a tintas de tonalidades diferentes parece a mais plausível.

Não é possível identificar com exactidão a relação entre o uso de várias tintas e vários tempos de cópia mas é possível afirmar que:

- Os títulos correntes parecem ter sido escritos todos em sequência e num momento posterior à transcrição do texto corrente, depois de aparadas as margens dos fólhos do volume, e depois de cortados/rasgados os fólhos a eliminar;
- Os reclamos e as notas marginais são escritos antes de os fólhos serem aparados, alguns à medida que era escrito o texto corrente (com a mesma tinta) e outros num momento posterior (com uma tinta de tom claramente distinto do da escrita dominante no fólho em causa).

Ao longo de todo o livro existem notas marginais de vários tipos<sup>63</sup>, todas elas escritas na margem de goteira e com uma letra de módulo menor do que a do texto corrente.

---

<sup>62</sup> Se os problemas de módulo se resolvem por comparação entre diferentes exemplos, a distinção entre algumas figuras minúsculas faz-se sobretudo pela análise do *ductus* de cada uma das figuras em causa. Estas tarefas realizar-se-ão nas normas de transcrição das edições semidiplomáticas dos mss. E, P e G2 da VSB (v. pp. 106-138) e, em princípio, aplicam-se à restante escrita dos códices.

<sup>63</sup> Sobre a categorização de Lemaire (1989), v. p. 37.

À excepção dos reclamos, não existem mais menções técnicas, sobretudo porque o códice não é decorado. Também não existem elementos exclusivamente com função de realce.

Já os títulos correntes são elementos marginais classificáveis como menções práticas. São constantes, sem erros, no corpo de fólios a partir do f. 1v, sempre na margem de cabeça, no recto e no verso: *Memorias Ressucitadas* (verso), *da antiga Guimarães* (recto). A sequência é perfeita mesmo nos fólios adjacentes aos talões de fólios cortados, o que demonstra que foram inseridos depois desse corte. No f.1r, em que se inicia o texto das *MRAG*, o título, completo, desempenha a sua função didascálica e não de elemento de orientação.

O códice apresenta ainda um outro tipo de elementos marginais, que também se consideraram menções práticas pela definição de Lemaire (1989). São notas (a maioria das que se encontram neste códice) que parecem ter como objectivo resumir e relembrar o tema tratado na porção de texto mais próxima, explicando-o ou disponibilizando informação adicional sobre ele, e consequentemente, podendo ser consideradas manchetes.

Alguns dos elementos que pertencem à mão responsável pela maioria do texto do volume foram claramente escritos em momentos diferentes, como é o caso dos elementos marginais e de correcção. Além destes, o códice também apresenta outros elementos da responsabilidade de outra mão contemporânea à produção do livro.

Assim, além da mão dominante (A, de Azevedo), é possível identificar uma segunda mão (B) desconhecida e responsável pela foliotação do volume.

No caso de A, diferentes momentos de cópia identificam-se, no corpo do texto, pelo tom da tinta utilizada. No conjunto das notas marginais e dos reclamos, alguns desses elementos são claramente escritos ao mesmo tempo que o texto da coluna de escrita, e outros em alturas diferentes, mas sempre pela mesma mão.

Quanto à correcção do texto, ela deve-se exclusivamente à mão A e consiste em poucas substituições de texto cancelado na linha, feitas nas entrelinhas de modo muito esporádico.

A mão B é a do responsável pela foliotação, identificada pelo tom distinto da tinta que utiliza, e pela figura dos algarismos árabes, muito diferente da dos algarismos da mão A. Utiliza igualmente tinta ferrogálica e aparo de pena e, por vezes, faz algumas correcções ao seu próprio trabalho: veja-se, por exemplo, os ff.166r, 188r, 288r e 321r, corrigidos, respectivamente, sobre 167, 189, 289 e 331, correcção essa que parece ter sido feita imediatamente, visto que não provoca nenhum erro de numeração ao longo dos fólios.

## 2.4. Adições Posteriores

Além da foliotação, já descrita, o livro conta com pelo menos um tipo de elementos claramente adicionados depois da finalização do livro, posteriores porque acrescentados num momento temporalmente distante da escrita e produção do livro. Estes elementos correspondem a notas marginais escritas por um leitor na margem de goteira de alguns dos fólhos do códice (ex.: ff.135r, 315v, 318r), com uma tinta de consistência e tom muito diferentes das utilizadas pela mão A, mais clara e alaranjada, e aparentemente mais propícia a borrões, e por uma letra com características distintas e cujo traçado resultou mais grosso, eventualmente pela utilização de um instrumento de escrita também diferente.

## B. Fólhos 286r-305v

### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

#### 1.1. Identificação

**Título:** Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto

**Autor:** Desconhecido

**Copista:** Torcato Peixoto de Azevedo

**Localização no códice:** Capítulo 114., ff.286r-305v.

**Data de redacção:** 1248-1284

**Data de cópia:** 1692-1705

**Referência BITAGAP:** cnum 29493.

#### 1.2. História e Origem

Parte integrante do códice atrás descrito, estes fólhos partilham a sua história e origem.

Quanto à presença de marcas de propriedade, este testemunho apresenta apenas um carimbo da BPE disposto verticalmente (face à leitura do livro) na margem de goteira do f.288r.

#### 1.3. Conteúdo

Estes fólhos contêm um testemunho da VSSB, o qual não apresenta o título pelo qual é conhecido. Contudo, identifica-se através das seguintes menções históricas:

**Introdução:** [286r] *Na Igreja de sancta senhorinha se achou hũ liuro manuescripto...*

**Incipit:** [286r] *Esta bem aventurada sancta, por que Deos faz muitos milagres, tam...*

**Explicit:** [305v] *...derão graças a Deos, e a esta sua sancta por tão grande milagre*

**Remate:** [305v] *...Isto hera o que aquelle antigo papel, que nesta Igreja... que he indicação pera se lhe dar todo o Credito de verdadeiro.*

## 2. Descrição Material

### 2.1. Composição

O texto encontra-se entre os ff.286r-305v, que, tal como os restantes do códice, são de papel e medem 290 x 210 mm.

As folhas que constituem estes 20 fólhos têm vergaturas horizontais e pontuais verticais. Neste conjunto são visíveis, no centro dos fólhos, três marcas de água distintas<sup>64</sup>. Pela posição das marcas de água observadas face aos restantes elementos da trama do papel, estes fólhos confirmam que as folhas de papel que constituíram os cadernos em que estão dispostos eram folhas com um formato comercial de pelo menos 290 x 420 mm, e com um formato bibliográfico *in-folio*. Estas dimensões são aproximadas, visto que os fólhos foram aparados, como se prova nos ff.295r e 305r cujas notas marginais foram parcialmente afectadas pelo corte.

Os 20 fólhos encontram-se entre os cadernos 41 e 43 do códice, mais precisamente a partir do terceiro fólho do caderno 41, e até ao quinto fólho do 43. O seu conjunto ocupa cerca de 4 dos 50 mm de espessura total do corpo de cadernos do códice. O caderno 41 é um sénio irregular, o 42 é um quaterno e o 43 volta a ser um sénio irregular. Sendo irregulares, os cadernos 41 e 43 contêm fólhos sem solidariedade com outros e, consequentemente, talões<sup>65</sup>.

Apesar de existirem quatro talões no conjunto destes três cadernos, só um deles se encontra entre os ff.286r e 305v – o talão existente entre os ff.290v e 291r. Nesse talão é possível ver vestígios do texto escrito no fólho que lhe deu origem, uma vez que se identificam os ornamentos que Torcato Peixoto de Azevedo frequentemente utiliza na figura do <S> maiúsculo em início de capítulo e/ou parágrafo (e que se caracterizam pela extensão da letra ao longo da margem de dorso do fólho). O facto de, neste caso, os vestígios de escrita no talão apontarem para um texto completamente diferente daquele que está no f.291r (cujo conteúdo semântico não apresenta lacunas), mostra que, pelo menos neste caso, o talão resulta do recorte de um fólho que estava previamente escrito com outro texto e que foi reaproveitado para a composição do caderno 40 deste códice. Os vestígios de escrita permitem identificar a mão (A) e apontam para um momento de escrita diferente, já que a tinta é mais clara do que a utilizada nos ff.290 e 291.

Quanto aos reclamos presentes nestes fólhos, relembre-se que asseguram a sucessão dos bifólhos no caderno e que se encontram dispostos horizontalmente no canto inferior direito do verso dos fólhos, alinhados abaixo da última linha da coluna de texto, e ligeiramente mais à

---

<sup>64</sup> V. as tabelas 11-13 do Anexo A, pp. 286-391.

<sup>65</sup> V. a tabela 21 do Anexo A, p. 404.

esquerda. Uma vez que nos 20 fólhos em causa existem 20 reclamos nesta posição, foi possível recolhê-los a todos e ainda verificar que, em média, se encontram a cerca de 5 mm da última linha de escrita na coluna, a 20 mm do margem de pé e a cerca de 55 mm da margem de dorso do verso do fólho: *fo* (*Auul/fo*, f.286v); *nhor* (*Se/nhor*, f.287v); *do* (*esta/do*, f.288v); *e bem* (f.289v); *caba* (*a/caba*, f.290v); *o segundo* (f.291v); *terca* (f.292v); *bamos* (*Be/bamos*, f.293v); *go* (*Tri/go*, f.294v); *sua* (f.295v); *tuaes* (*Esperi/tuaes*, f.296v); *tre* (*an/tre*, f.297v); *dor* (*Rege/dor*, f.298v); *ante* (f.299v); *apalpou* (f.300v); *dito* (f.301v); *da hũa* (*ca/da hũa*, f.302v); *lheiro* (*to/lheiro*, f.303v); *Milagre* (f.304v); *ta* (*des/ta*, f.305v). A acrescentar a estes encontram-se ainda dois reclamos no recto de dois fólhos, casos esses que ilustram algumas excepções à regra geral da disposição dos reclamos pelo códice: *da Igreja* (f.301r), *entom* (f.303r).

A recolha destes 22 reclamos nos ff.286r-305v permitiu compreender que neste conjunto existem três tipos de reclamos que se distinguem pela sua composição (numa categorização que provavelmente se aplica aos restantes fólhos):

1. Reclamos compostos pelas letras que iniciam o texto do fólho seguinte (e que completam a última palavra do fólho anterior) (ex.: f.286v);
2. Reclamos compostos pelas primeiras palavras do fólho seguinte (ex.: f.289v);
3. Reclamos compostos pelas letras iniciais do fólho seguinte (e que completam a última palavra do fólho anterior) + a primeira palavra do fólho seguinte (ex.: f.302v).

Quase todos pertencem ao momento de cópia da coluna de texto dos fólhos em que se encontram. Excepção são quatro reclamos (os que se encontram nos ff.301r, 303r, 303v e 304v) que serão mencionados adiante como elementos representantes de um tempo de escrita distinto.

Quanto à foliotação, assinala-se no f.288r um dos já mencionados erros que foram corrigidos imediatamente pela mão A (288 corrigido sobre 289).

Embora não se desviem das características gerais da empaginação do códice, os limites e margens da caixa de texto destes fólhos foram medidos no recto de quatro desses 20 fólhos, confirmando essa informação e permitindo caracterizar a empaginação média dos ff.286r-305v:

1. [387r] – 38 linhas de escrita; 48 + 124 + 36 x 34 + 230 + 25 mm;
2. [288r] – 38 linhas de escrita; 47 + 122 + 36 x 39 + 233 + 18 mm;
3. [292r] – 36 linhas de escrita; 41 + 122 + 38 x 36 + 230 + 25 mm;
4. [293r] – 36 linhas de escrita; 45 + 123 + 39 x 35 + 235 + 21 mm.

Em média, a empaginação dos ff.286r-305v tem, portanto, 35 linhas de escrita e as seguintes dimensões: 45,8 + 122,8 + 37,5 x 35,8 + 232 + 22,5 mm.

Tal como no restante códice, todos os fólhos em análise (incluindo o talão existente entre eles) apresentam três furos na margem de dorso, o primeiro a 47 mm da margem de cabeça, o terceiro a cerca de 45 mm da margem de pé, todos a 19 mm do festo dos cadernos e a uma distância de 98-102 mm entre si<sup>66</sup>. Tal como no resto do códice, são sempre coincidentes de fólho para fólho de um mesmo caderno, o orifício de cada um deles é sempre da mesma dimensão (3 mm de diâmetro) e as proeminências de papel resultantes sugerem que a perfuração tenha sido feita do recto para o verso dos fólhos, provavelmente com um instrumento com três pontas que furou não só os fólhos de um mesmo caderno todos ao mesmo tempo, mas também os fólhos de cadernos diferentes (neste caso os dos cadernos 41, 42 e 43) se não ao mesmo tempo, pelo menos sem movimentação desse dispositivo.

## 2.2. Escrita e Decoração

Nos fólhos 286r-305v identifica-se a mão A, na escrita da coluna de texto, em notas marginais, nos reclusos e títulos correntes (com as características anteriormente descritas); e a mão B, responsável pela foliação.

Apesar de, ao que tudo indica, a mão A pertencer ao autor das *MRAG*, há que considerá-la a mão de um copista, não só porque o códice se constitui como uma cópia autógrafa, mas também porque o texto da *VSSB* não é da autoria, no sentido crítico do termo, de Azevedo – Azevedo é autor da obra onde o texto está compilado, é autor do códice E, mas não do texto que copia nestes fólhos. O mesmo já não se poderá dizer acerca das notas marginais, as quais, aliás, não estão todas presentes nos restantes testemunhos da *Vida*.

Na escrita deste manuscrito identificam-se pelo menos dois tempos de escrita evidentemente diferentes – o da cópia do texto, da maioria dos reclusos e dos títulos correntes (com uma tinta); e o das notas marginais (escritas pela mesma mão, mas com outra tinta, e portanto, noutra momento). Embora não se tenha feito uma análise exaustiva, é possível identificar zonas onde a escrita tem um traço relativamente mais claro e mais fino do que noutras.

Entre os fólhos 286r e 305v existem elementos marginais que parecem ter um carácter prático e pessoal, títulos correntes no recto e verso de todos os fólhos, reclusos e cinco notas marginais. Pertencem a momentos de cópia distintos daquele em que foi copiada a coluna de texto, denunciados pela diversidade de tinta e pela menor dimensão do módulo da letra (embora

---

<sup>66</sup> Estas medidas foram tiradas no f.286r, mas coincidem não só com todos os fólhos dos cadernos em que estão inseridos (ff.284-311) como com todos os fólhos do códice.

a escrita em entrelinha e/ou margem seja quase sempre de módulo menor, devido ao constrangimento topográfico).

Os títulos correntes correspondem, em tudo, ao que acima foi descrito para a globalidade do códice, apresentando-se centrados com a coluna de texto, a cerca de 17 mm da margem de cabeça dos fólios e a cerca de 19 mm da primeira linha de escrita da coluna de texto.

Outros elementos também mostram diferença de tom muito evidente nas tintas utilizadas. Disso são exemplo quatro dos reclamos já mencionados e aparentemente adicionados pelo copista em momento posterior à cópia:

1. *da Igreja* (f.301r) – a outra tinta, e não tão chegado à esquerda quando os restantes reclamos (a 15 mm da margem de pé e 8 mm da linha de escrita, a 3 mm da linha imaginária que limita a coluna de escrita à direita);
2. *entom* (f.303r) – com a mesma tinta que 301r, e também não tão chegado à esquerda quanto os restantes reclamos (a 20 mm da margem de pé e 3 mm da linha de escrita, a 4 mm da linha imaginária que limita a coluna de escrita à direita);
3. *to/lheito* (f.303v) – com a mesma tinta que 301r e 303r, particularmente mais abaixo do que a linha de escrita (a 10 mm da margem de pé e 10 mm da linha de escrita, a 12 mm da linha imaginária que limita a coluna de escrita à direita);
4. *Milagre* (f.304v) – com a mesma tinta que o reclamo de 301r, 303r-v, e também particularmente mais abaixo do que os restantes (a 10 mm da margem de pé e a 14 mm da linha de escrita, a 3 mm da linha imaginária que limita a coluna de escrita à direita), o que poderá significar que pertence a um tempo ainda distinto do dos três anteriores, igualmente posterior à cópia.

Todas as notas marginais encontradas nos fólios 286r-305v são de um momento de escrita distinto da cópia da coluna de texto, pois são escritas com uma tinta também mais clara e, aliás, muito semelhante à dos quatro reclamos acrescentados. No conjunto dessas notas há três que têm teor explicativo ou funcionam como guias de leitura de uma parte do texto próxima (manchetes: notas 2, 3 e 4, abaixo) e uma que serve de registo de fonte (nota 1), função também parcialmente desempenhada pela nota 4:

1. f.286r, na margem de goteira (a cerca de 6 mm da coluna de texto, e a 3 mm do corte de goteira), alinhada com as linhas de escrita 21-25, lê-se:

*Monarchia Lusitana parte 4 libro 12 capitulo 27 Excelencia de Portugal capitulo 7 Excelencia 5*

2. f.295r, na margem de goteira (a cerca de 12 mm da coluna de texto e a 5 mm do corte de goteira), alinhada com as linhas de escrita 25-29, lê-se:

*foi são Rozendo Bispo de Dume primo desta sancta.*



3. f.297v, na margem de goteira (a cerca de 3 mm da coluna de texto e a 8 mm do corte de goteira), alinhada com as linhas de escrita 1-3, lê-se:

de idade de 58 annos anno *anno* de 1020

4. f.305r, na margem de goteira (a cerca de 73 mm da coluna de texto e 7 mm do corte de goteira), alinhada com as linhas de escrita 6-14, lê-se:

D.Tereza filha de El Rey Dom Sancho o 1º cazada cõ El Rey D. Affonco 9º de Leão sepultada no Mosteiro de Loruão da ordem de são Bernardo. Catalog[...] Real de Hespanha fol. 79.

Existe ainda uma nota cujo conteúdo parece classificável como o de uma menção pessoal, isto é, como um comentário do copista ao texto que transcreve na zona próxima dessa nota:

1. f.296v, na margem de goteira (a cerca de 7 mm da coluna de texto e a 6 mm do corte de goteira), alinhada com as linhas de escrita 4-6, lê-se:

em muitas pessoas podia sancta senhorinha fazer o milagre das Rans.

À mão A parecem pertencer ainda as poucas correcções feitas ao texto, cuja maioria se destina à eliminação ou substituição de segmentos de texto (e nunca a acrescentos). Vejam-se os seguintes exemplos:

- f.289r: onde se lê *ouuiar*, o copista parece ter corrigido *o* sobre *a*;
- f.302r: onde se lê *todollos*, o copista parece ter escrito primeiro *tollo*. Corrige imediatamente // para *d*.

Nos fólios em análise não existem adições posteriores da responsabilidade de leitores ou outros intervenientes não envolvidos na produção do manuscrito.

Em conclusão, a *VSSB* no testemunho E está integrada nas *MRAG* de Torcato Peixoto de Azevedo, uma obra dedicada aos marcos históricos e culturais de Guimarães importantes para a construção, desenvolvimento e identidade da cidade. Dado que tudo aponta para que este códice seja uma cópia autógrafa destas *Memórias*, lembre-se que este volume não parece ter tido uma função utilitária porque foi sujeito a pouquíssimas revisões e correcções. A limpeza da cópia e as suas características codicológicas e paleográficas relativamente regulares revelam um certo cuidado na produção do códice e permitem considerar a hipótese de que ele se destinasse a um uso privado e que tivesse uma funcionalidade formal, isto é como um códice que se dá como terminado e que deve figurar na biblioteca do seu possuidor como testemunho íntegro e terminal de uma determinada obra. Uma vez que se trata de um autógrafo, poder-se-á mesmo atribuir-lhe um estatuto equiparável ao da edição *ne varietur*. O termo edição *ne varietur* aplica-se a textos de

original presente (Castro 2013:95) e corresponde a uma edição que contém, na íntegra, o texto de determinada obra obtido a partir de um original ou de uma edição crítica, isto é, por um processo de fixação de algum modo autorizado pela vontade do autor. Embora aqui não se possa utilizar o termo no seu sentido estrito, em E está-se perante um procedimento semelhante porque este códice resulta de uma evidente passagem a limpo das *MRAG* levada a cabo pelo próprio autor, num formato que ele considerou definitivo e terminado<sup>67</sup>. Em todo o caso a leitura hagiográfica sobre Santa Senhorinha tinha, neste testemunho, uma função historiográfica e não cultural.

### 1.3. TESTEMUNHO P

#### A. Códice

##### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

###### 1.1 Identificação

**Título:** *Memorias Ressucitadas da antigua Guimarães*

**Autor:** Torcato Peixoto de Azevedo

**Copista:** Desconhecido

**Localização:** Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), Cofre. N. 527

**Número do catálogo:** 683

**Data de redacção:** 1656-1692 (14 de fevereiro)

**Data de cópia:** segunda metade do século XVIII / início do século XIX (talvez por volta de 1787)

**Referência BITAGAP:** manid 5692.

O título deste códice surge no topo e centro da coluna da primeira página de texto, a primeira página do primeiro fólio numerado (f.1r), onde se iniciam os textos preliminares da obra. Reaparece no topo e centro da coluna de texto do f.4r, onde se inicia a obra propriamente dita.

---

<sup>67</sup> O conceito de *edição ne varietur*, tal como se aplica a edições do séc. XX, não se pode aplicar rigorosamente da mesma maneira a esta compilação do séc. XVII, sobretudo no que toca ao objectivo de fixar lições que representem a última vontade autorizada pelo próprio autor, visto que o estatuto de Torcato de Azevedo nas *MRGA* é o de compilador e não o de autor. Porém, a tradição medieval (e ainda em parte a tradição moderna) inclui o trabalho de compilação no conceito de autoria. Esta questão mereceria uma discussão mais alargada acerca do estatuto de uma compilação manuscrita e da autoridade textual de um compilador que, no acto de se apropriar dos textos compilados e integrá-los numa composição original que assina, os torna seus, isto é, sujeitos à sua validação autoral. Ademais, o termo *ne varietur* também não se pode aplicar a E no seu sentido estrito porque este testemunho não parece ter sido produzido para o uso público a que tipicamente se destinam as edições com essa designação. Contudo, E parece ter uma funcionalidade formal que, ainda assim, não exclui a possibilidade de ter servido de modelo a outras cópias de uso público das *MRAG*.

Quanto à autoria, datação e local de produção do códice, a única informação explícita no texto (como em E e G2) é o nome de Torcato Peixoto de Azevedo, que teria escrito em Guimarães a 14 de Fevereiro de 1692 (vejam-se os ff.2v e 3r). Não havendo nenhuma menção histórica (como um cólofon) que situe a produção deste manuscrito, sabe-se apenas que a assinatura do copista responsável talvez seja a que se encontra no canto superior direito do primeiro fólio numerado (f.1r). Apesar de ilegível, essa assinatura também se encontra noutro livro da mesma biblioteca – livro de menor tamanho, correspondente a uma lista de nomes de plantas, datado de 1787 e aparentemente da mesma mão do códice nº 527 em análise<sup>68</sup>.

## 1.2. Origem e História

Como já foi referido, este códice da BPMP parece ter sido escrito provavelmente na segunda metade do século XVIII.

Os únicos elementos que contribuem para a reconstrução da história e origem deste livro manuscrito são uma marca de propriedade da Biblioteca do Porto e também a informação obtida junto dos serviços da BMP acerca de outras cotas anteriores à catalogação actual: Cofre. N. 527 | *Olim* 683 | *Olim* 10 | *Olim* 4. Enquanto as últimas duas nunca surgem inscritas no códice, este continua a ter hoje o número 683 no catálogo interno da biblioteca e a cota N. 527. Este número de catálogo foi escrito a lápis por mão posterior na guarda volante [5]<sup>69</sup> do códice:

Numero novo 683

Quanto a marcas de propriedade, o códice tem apenas um carimbo da BPMP, preenchido a lápis, por uma mão posterior, com a informação que se segue:

Bibliotheca Portuense  
Ex - libris  
Nº geral: 527  
Collocação: G/8/

## 1.3. Conteúdo

O códice identifica-se pelas seguintes menções históricas:

**Incipit:** [1r] *Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães / Prefacção / Aquelle tão valerozo, como discreto e grande Alexandre Magno...*

---

<sup>68</sup> No *Catalogo da Bibliotheca Publica Municipal do Porto* (p. 45, nota 68), lê-se que o ms. nº527 (683 do catálogo) é da mesma mão do ms. nº6 da mesma biblioteca (1104 no catálogo). No 10º Fascículo do *Catalogo da Bibliotheca Publica Municipal do Porto* (p. 8), lê-se: «1:104, nº6. **Alphabeto do nome das Arvores e Arbustos** conhecidos e dos Lugares de sua natureza. 1787. 1 vol.8º, peq.». A identidade das mãos foi confirmada na presença de ambos os mss.

<sup>69</sup> Designar-se-ão os fólhos de guarda, descritos adiante, como contra-guardas [1] e [9], e guardas (volantes) [2], [3], [4] e [5] (no início do volume) e [6], [7] e [8], de acordo com a ordem pela qual surgem no códice.

**Explicit**<sup>70</sup>: [223r] ...*Todas estas fontes estão tão avizinhasdas huas as outras que quem beber na primeira pode chegar a ultima sem sede, e achará na agoa de cada hũa dellas tanto gosto quanto eu quizera achasse deitar neste volume / Finis laus Deo virginique matri*

Além disso é constituído por quatro secções textuais delimitáveis que correspondem primeiro aos textos preliminares e depois à obra propriamente dita, subdividida em 142 capítulos<sup>71</sup> tal como em E e G2:

- f.1r: *Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães / Prefacção / Aquelle tão valerozo, como discreto e grande Alexandre Magno...*
- f.2v: *Ao leitor*
- f.3r: *Protestação*
- ff.4r-223r: *Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães.*
- ff.223v-227r: *Indice dos Capitulos deste livro*<sup>72</sup>

## 2. Descrição material

### 2.1. Encadernação

A encadernação é feita de couro sobre pasta, isto é, é constituída por planos<sup>73</sup> de cartão/pasta de papel cobertos de couro. É uma encadernação aparentemente original e bem conservada, embora nela se identifiquem alguns acidentes externos:

- o couro da lombada está muito deteriorado, sobretudo na zona superior, deixando descoberto o corpo dos cadernos e alguns dos nervos de apoio da cosedura;
- os planos da encadernação estão um pouco soltos do restante sistema nas zonas em que o couro rasgou entre a lombada e os planos;
- no primeiro plano, além dos desgastes por abrasão, há dois cortes na própria cobertura de couro;
- nos limites de goteira, cabeça e pé da encadernação, o couro que cobre os planos de cartão está mais deteriorado na zona da dobra desses virados, sobretudo nos cantos da encadernação;
- no segundo plano nota-se que o canto superior esquerdo da cobertura de couro está parcialmente corrompido e rasgado, deixando apenas parte da pele colada ao plano de cartão.

---

<sup>70</sup> Na descrição a que se dedica o presente capítulo, considerou-se que os Índices são partes integrantes do conteúdo de cada códice, sendo que P e G2 terminam precisamente com essa subdivisão interna da obra. Contudo, uma vez que aceito que um *explicit* equivale às últimas palavras de um texto (Muzerelle 2002, definição a)), considero que o *explicit* em E, P e G2 corresponde às últimas palavras do texto das *MRAG*, e não apenas às palavras da sua doxologia de encerramento - *intitulé final* (Muzerelle 2002, definição b)) - ou à doxologia de encerramento dos índices de P e G2.

<sup>71</sup> Transcreve-se o *incipit* de cada uma das secções, que pode ou não corresponder ao respectivo título.

<sup>72</sup> Este índice está ordenado por número, título de capítulo e fólio em que cada um se inicia.

<sup>73</sup> A encadernação tem *planos*, no sentido codicológico do termo, isto é, faces do livro (opostas ao dorso e ao corte) que correspondem fisicamente a peças materiais mais ou menos rígidas que se aplicam contra o primeiro e último fólio do volume (v. nota 12, p. 25-26).

A encadernação tem as seguintes dimensões: 350 x 228 mm no primeiro plano; 347 x 226 mm no segundo plano, e 340 x 40 mm na lombada. Aberto o livro a meio, medem-se cerca de 350 x 550 mm. Além disso, cada um dos planos da encadernação tem cerca de 3 mm de espessura.

Quanto à cobertura desta encadernação, é simples e feita de couro castanho-escuro (mais claro em algumas zonas onde sofreu desgaste por abrasão no contacto com outras superfícies), não apresenta decoração, nem nenhum sistema de fechos para manter o códice fechado. No seu exterior é possível identificar cinco nervos de apoio, todos eles com saliências visíveis na lombada do volume, e alguns deles até descobertos pela deterioração da cobertura. Estes nervos, feitos de corda, parecem estar embutidos na encadernação por meio de incisões feitas nos planos e na cobertura. Observam-se nas seguintes posições: o primeiro nervo está a 52 mm do limite de cabeça da encadernação, o primeiro entre-nervo mede 52 mm, o segundo 55 mm, o terceiro 54 mm, o quarto 58 mm e o quinto nervo está a 65 mm do limite de pé da encadernação.

Nos cortes de cabeça e de pé do volume é ainda possível identificar duas tranchefilas, aparentemente iguais e com uma lingueta redonda, isto é, que sobressai ligeiramente além dos limites do volume. Apesar das tranchefilas de ambos os sistemas parecerem iguais, a tranchefila do sistema de cabeça está quebrada, faltando-lhe uma parcela de cerca de 15 mm, permitindo ver que é formada por uma corda envolvida por outra talvez mais fina. Além disso, e uma vez que as tranchefilas são nervos independentes, é possível observar um dos fios de cosedura que fixa a tranchefila de pé, por exemplo, entre os ff.9v-10r e 220v-221r.

O resguardo do códice é constituído por nove fólios de guarda, dois colados em cada contra-plano (contra-guardas), quatro guardas volantes no início do volume e três no final do volume (v. nota 69, p. 65). De todos estes elementos, apenas a contra-guarda [1] e a guarda volante [5] não estão completamente em branco, tendo a primeira um carimbo da Biblioteca Portuense e a segunda uma nota de uma mão posterior. As contra-guardas [1] e [9] cobrem grande parte dos restantes elementos internos da encadernação, mas permitem analisá-la em algumas zonas onde, pela fragilidade do papel que as constitui face à força aplicada pela pele da encadernação, apresentam transparências ou zonas descoladas. Nestes fólios de guarda, todos de papel, só não é possível observar marcas de água nas guardas [2] e [8]. Nos restantes foi possível identificar pelo menos duas marcas de água distintas (como se dirá adiante), ambas no centro dos

fólios, recolhendo-se de forma muito rudimentar a marca de água da guarda [3] e a marca de água da guarda [6]<sup>74</sup>.

Uma vez que a contra-guarda [9] está quase totalmente descolada do segundo contra-plano da encadernação, foi possível analisar o processo que deu origem à encadernação, extrapolando que o que se observa no segundo contra-plano também representa o ocorrido no primeiro contra-plano.

Existem seis peças de reforço ao longo da lombada do corpo dos cadernos cosidos. Estas peças estendem-se ligeiramente até cada um dos contra-planos da encadernação, sendo aí fixadas de forma a reforçarem a firmeza da encadernação também na zona de união entre os planos e o dorso do volume. Pelo que é visível no segundo contra-plano, estas peças parecem feitas de uma espécie de sarapilheira, estando cada uma delas colada no contra-plano através de um pedaço de folha de papel que corresponde ao vestígio (intacto em altura) da margem de dorso de um fólio que tinha solidariedade com a guarda volante [7] como um bifólio independente, visto que é possível ver o fio de cosedura entre elas. Assim sendo, este bifólio talvez tenha sido primeiro cosido ao corpo dos cadernos e depois, na altura de o fixar à encadernação, esta primeira folha tenha sido rasgada ao longo da sua altura (um talão), de modo a colá-la sobre as peças de reforço de sarapilheira entre o segundo contra-plano e a contra-guarda [9]. Essa folha de papel tem uma altura igual à do volume (cerca de 350 mm), mas a sua largura varia, talvez porque foi rasgada nos seus limites laterais e aproveitada para a concretização deste reforço. Extrapolando que o visível no segundo contra-plano se aplica ao primeiro, supõe-se que tenham sido coladas estas seis peças de reforço ao longo da lombada, peças essas que foram fixadas a cada um dos contra-planos ao longo da margem de dorso da encadernação através de parte de dois fólios de papel (dois talões) que tinham solidariedade com as guardas volantes [5] e [7], respectivamente. Deste modo, a fixação do corpo dos cadernos à encadernação parece ter sido feita pela seguinte ordem: os reforços de sarapilheira foram colados sobre os virados do contra-plano, depois foram colados os talões das guardas [5]/[7], e só depois fixadas as contra-guardas [1] e [9].

Ao longo da lombada o couro que cobre a encadernação parece ter sido apenas colado, visto que não são visíveis quaisquer virados de couro do exterior para o interior da lombada. Contudo, cobertos os planos da encadernação, formaram-se virados resultantes do envolvimento e dobragem do couro para o interior dos contra-planos. Esses virados foram feitos dos planos para

---

<sup>74</sup> V. as marcas de água recolhidas das guardas volantes [3] e [6] nas tabelas 15 e 17 do Anexo A, pp. 394 e 396, respectivamente, e estão presentes em muitos outros fólios do volume, como se verá adiante.

os contra-planos da encadernação, primeiro nas margens de cabeça e pé e depois na margem de goteira (cujo virado se sobrepõe aos restantes), e têm as seguintes dimensões:

- No primeiro contra-plano: 4-35 mm de altura no limite de cabeça do plano da encadernação (e a mesma largura da encadernação), 35-60 mm no limite de goteira (e a mesma altura da encadernação) e 27 mm de altura no limite de pé (e a mesma largura da encadernação);
- No segundo contra-plano: 24-27 mm de altura no limite de cabeça do plano da encadernação (e a mesma largura da encadernação), 34-24 mm no limite de goteira (e a mesma altura da encadernação) e 40-43 mm no limite de pé (e a mesma largura da encadernação).

Os virados da margem de goteira apresentam um corte oblíquo em cada um dos seus cantos (superior e inferior), corte esse que leva a supor que os virados de cabeça e pé também apresentam um corte semelhante que tenha permitido separar da encadernação o pedaço de couro que os unia, consequentemente permitindo que fossem feitas as dobras individualmente. Os nervos da encadernação foram aparentemente embutidos nos planos através de incisões e fixados aos contra-planos provavelmente primeiro por colagem directa no cartão, e depois através da mesma porção de folha de papel que fixa as peças de reforço.

Por fim, são coladas as contra-guardas ([1] e a [9]) em cada um dos contra-planos, cada uma delas cobrindo a porção do fólio de papel que é solidária às guardas volantes [5] e [7] (no primeiro e segundo contra-planos da encadernação, respectivamente), cobrindo os reforços, os nervos de apoio, e ainda os virados de couro das margens de goteira, cabeça e pé (que, apesar de tudo, continuam visíveis pela transparência do papel). Essas contra-guardas têm solidariedade com os fólios de guarda [4] e guarda [8], respectivamente.

## 2.2. Composição

O códice é constituído por um conjunto de 227 fólios de 340 x 225 mm, aos quais se acrescentam sete fólios de guarda volantes e duas contra-guardas. Este conjunto de fólios organiza-se de acordo com a seguinte fórmula: 227: [1] + [4] + 227 + [3] + [1]<sup>75</sup>.

Todos estes fólios são de papel, visualizando-se múltiplas marcas de água ao longo do volume. Foi possível verificar que existem pelo menos três marcas de água diferentes nas folhas de papel utilizadas (incluindo nos fólios do resguardo), recolhendo-se com dificuldade as que se apresentam no centro do fólios de guarda [3] (aparentemente igual à das guardas [4], [7] e [9]), [6]

---

<sup>75</sup> Leia-se: 1 contra-guarda + 4 fólios de guarda volantes + 227 fólios escritos e numerados + 3 fólios de guarda volante + 1 contra-guarda.

(aparentemente igual às marcas de água que se observam nos ff.1, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 15, 17 e 20 e à dos ff.197, 199, 202, 205, 207 e 208), e do f.203 (aparentemente igual às dos ff.196, 198, 200, 201 e 206)<sup>76</sup>. Não tendo sido feita uma análise exaustiva das marcas de água de todo o códice<sup>77</sup>, também não é possível afirmar com certeza que ao longo do corpo do volume não existam outras.

Todas estas marcas de água encontram-se no centro dos fólhos, o que, em conjunto com o facto de as vergaturas serem sempre horizontais e os pontusais verticais, permite reconstituir o formato das folhas de papel utilizadas para a constituição dos cadernos: um formato bibliográfico *in-folio* e, conseqüentemente, um formato comercial equivalente à medida de altura de um fólio por, pelo menos, o dobro da sua largura: 340 x 450 mm. Estas dimensões são possivelmente bastante próximas das dimensões reais da folha de papel original, pois não há qualquer vestígio de aparo e todas as margens apresentam a irregularidade natural dos limites do papel.

Os 238 fólhos do códice (incluindo os do resguardo) estão distribuídos ao longo de 25 cadernos que ocupam uma espessura total de cerca de 35 mm, e que se distribuem ao longo do livro de forma bastante regular, não só porque quase todos os cadernos têm o mesmo número de fólhos, mas também porque a sua disposição no volume é bastante ordenada. O caderno 24 é um quaterno, enquanto os cadernos 2 a 23 são todos quínios. Visto que existem dois fólhos rasgados ao longo da altura do festo dos cadernos, e que foram utilizados num sistema de reforço da encadernação já descrito anteriormente, o caderno 1 é um tério irregular (sendo que o primeiro fólio foi rasgado e a contra-guarda [5] com que tinha solidariedade foi colada ao f.1 (o primeiro fólio numerado) apenas em dois pontos centrais, de modo a reforçar a ligação entre o primeiro e o segundo caderno); e o caderno 25 é um bínio irregular (em que o fólio com solidariedade com a contra-guarda [7] foi rasgado e utilizado como reforço na fixação ao segundo contra-plano da encadernação)<sup>78</sup>. Isto faz com que os únicos dois cadernos irregulares da composição deste códice sejam os cadernos compostos pelos elementos do resguardo.

Existem dois tipos de sistemas técnicos usados para garantir a sucessão dos fólhos nos cadernos: reclamos e foliotação. Quanto aos reclamos, a sua distribuição é muito irregular ao longo do códice, sendo a única constante o facto de fazerem sempre parte da última linha de escrita de uma página, não apresentando qualquer tipo de destaque na sua posição. Analisados na

---

<sup>76</sup> V. as marcas de água recolhidas nas tabelas 15-17 do Anexo A, pp. 394-396.

<sup>77</sup> A recolha de marcas de água foi feita numa amostra que inclui apenas os fólhos do resguardo do volume, os primeiros 20 fólhos numerados, e os ff. 196-208.

<sup>78</sup> V. a estrutura dos cadernos na tabela 22 do Anexo A, pp. 407-409.



mesma amostra que as marcas de água anteriormente referidas, verificam-se as seguintes situações:

1. São inexistentes em muitos fólhos. Ex.: ff.1r, 2r, 2v, 3r, 3v, 4r, 4v, 6r, 8v, 9v, 13r, 15v, 16v, 20r - embora em pelo menos quatro destes casos seja de admitir que a situação não proporciona a sua utilização porque a mudança de página coincide, por exemplo, com a mudança de capítulo;
2. Alguns ocorrem no recto dos fólhos. Exs.: *Reinar* (f.5r); *havia* (f.7r); *della* (f.8r), *que* (f.9r), *amb* (*amb/os*, f.10r); *de lagon* (*de lagon/ha*, f.11r), *nos* (f.12r), *anda* (*anda/va*, f.14r); *dos no* (*dos no/vos*, f.15r), *Cap.17* (f.16r); *num* (*num/ero*, f.17r); *que* (f.18r), *some* (*some/teo*, f.19r).
3. Outros ocorrem do verso para o recto dos fólhos. Exs.: *com* (*com/fiança*, f.1v); *o Rio* (f.5v); *este* (f.7v); *so* (*so/frer*, f.10v); *nestes* (f.11v), *Lu* (*Lu/sitania*, f.13v); *pos* (*pos/ta*, f.14v); *esta* (f.17v). Destaque-se o reclamo do f.18v para o f.19r, cuja palavra tem uma grafia diferente em cada um dos fólhos envolvidos: *cõ* e *com*, respectivamente.

Nos exemplos de 2., existem sete casos em que ocorre a repetição de uma palavra completa de uma página para a outra e seis casos em que na página/fólio seguinte se continua uma palavra que tinha ficado incompleta na última linha de escrita da página/fólio anterior. Já em 3., há cinco casos em que ocorre a repetição de uma palavra completa de uma página/fólio para o seguinte, e cinco exemplos em que na página/fólio seguinte se continua uma palavra não completa no fólio anterior. Em nenhum destes pontos há qualquer ocorrência de uma palavra incompleta que não seja totalmente repetida na página/fólio seguinte, sendo simplesmente completada num processo normal de translineação. Por fim, em 3. há apenas dois casos em que, de uma página para a seguinte, a grafia da palavra repetida se altera.

O facto de não existir sistematicidade na distribuição destes elementos ao longo dos cadernos do volume, o facto de existirem tantos ou mais exemplos de palavras incompletas que são repetidas na totalidade na página/fólio seguinte do que palavras simplesmente repetidas e, por fim, o facto de estes elementos de repetição não terem qualquer posição de destaque são tudo argumentos que permitem questionar a função destes elementos com verdadeiros reclamos. No entanto, embora a assistematicidade com que ocorrem dificilmente permita que cumpram a função de ordenação de fólhos em cadernos ou dos cadernos no volume, não é fácil conjecturar-lhes uma funcionalidade alternativa. Seja como for, é de realçar que na amostra analisada existe pelo menos uma excepção, essa sim com um formato semelhante ao que seria de esperar de um reclamo: no f.6v, *Com o Rio*, destacado abaixo da última linha de escrita da página e repetida na sua totalidade no fólio seguinte (f.7r).

Quanto à foliotação, é feita desde o primeiro fólio escrito do volume (depois de uma contra-guarda e quatro fólhos de guarda volantes) e até ao f.227 (que corresponde ao último fólio do índice da obra), em números árabes e no canto superior direito do recto dos fólhos. Por comparação da figura dos algarismos e do tom da tinta utilizada, parece ser da mesma mão responsável pela cópia. Apesar de o tom da tinta utilizada não variar muito ao longo do volume, é possível afirmar que os números da foliotação oscilam apenas quando o tom da tinta da coluna de escrita também oscila ligeiramente, levantando assim a hipótese de esta numeração ter sido inscrita à medida que a cópia avançava. A regularidade do trabalho não permite detectar facilmente diferentes momentos de cópia da mesma mão. Não existem erros de foliotação, à excepção de dois casos de erros corrigidos que, por não gerarem lacunas na numeração, e por serem corrigidos pela mesma mão, parecem ter sido emendados imediatamente depois de serem cometidos:

- f.42: corrigido sobre 12;
- f.226: corrigido sobre 126.

Os fólhos não apresentam regramento, utilizando-se apenas a trama do papel para orientar as linhas de escrita. Contudo, essa orientação pelas vergaturas não é rígida, o que se reflecte nas características da empaginação. O texto é escrito a uma só coluna, disposta de forma bastante uniforme e regular ao longo do volume, e de acordo com as seguintes medidas (largura x altura da caixa de texto, em mm): 17-20 + 165-169 + 38-40 x 19-20 + 283-285 + 36-38. O número de linhas de escrita varia entre 38-40 linhas por coluna.

Existem alguns fólhos corroídos pela tinta (ex. f.116) ou rasgados nos cantos superiores e/ou inferiores, isto é, no limite entre os cortes de cabeça/pé e goteira desses fólhos, onde estão mais expostos ao contacto com o exterior (ex. ff.136 e 181).

### **2.3. Escrita e Decoração**

A escrita deste códice é humanística, pouco compacta e pouco pesada, homogénea, de uma só mão, apresenta algumas abreviaturas (embora de modo geral reduzidas à abreviatura de *que*, *-mente* e *muito(s)/a(s)*), e uma ligeira inclinação à direita, quer das hastes, quer do corpo das letras. É uma escrita cursiva no sentido em que apresenta ligaduras (não só entre as letras de uma mesma palavra, mas também entre palavras diferentes), laçadas, letras feitas a um só tempo, e figuras mais e menos aumentadas sem aparente distinção na sua função de destaque. Ainda assim, é uma escrita regular, em que há alguma preocupação com a clareza das formas, embora

algumas oscilações de figura, módulo e inclinação possam apontar para uma velocidade de execução não muito lenta.

A diferença entre as formas minúsculas e maiúsculas das letras é facilmente reconhecível na maior parte dos casos, excepto em letras como <s>, <c>, <i>/<j> e <v>, que variam muito mais em módulo do que propriamente na sua figura. Quanto ao módulo pode ainda ser dito que as letras maiúsculas de início de capítulo e/ou título (e muitas vezes de início de parágrafo) são um bom termo de comparação para o módulo que teriam as restantes formas maiúsculas, visto que o seu tamanho não é muito maior do que o texto corrente, embora sejam ligeiramente aumentas. De resto, na letra deste códice há ainda outros casos que tornam a leitura menos clara, pois há formas que se aproximam: é o caso do <e> minúsculo que frequentemente se confunde com <a> e <o> minúsculos, ou ainda com <v> minúsculo (quando estão em meio de palavra); ou o caso de <o> que também por vezes se confunde com <a> (sobretudo nas terminações <-os> e <-as>); ou ainda <z> e <s> minúsculos em final de palavra (parece existir uma forma intermédia entre ambas as letras, cuja classificação não é evidente).

A escrita deste códice aponta para a utilização de pena de ponta não muito fina e de uma tinta ferrogálica, mas que algumas vezes adquiriu tonalidades mais claras ou mais escuras em diferentes zonas dos fólhos e do volume. Visto que a tonalidade da tinta não varia significativamente, não é possível identificar diferentes tempos de cópia.

Existem notas marginais, da mesma mão da cópia, ao longo de todo o livro (mais frequentes nos primeiros cadernos), todas elas na margem de goteira e todas com um módulo ligeiramente menor mas relativamente próximo do da escrita corrente da coluna de texto. Além da foliotação anteriormente descrita, estas notas são os únicos elementos verdadeiramente marginais no códice, e todas elas parecem classificar-se como manchetes porque são meramente explicativas e/ou informativas. Vejam-se exemplos nos ff.4v, 5r, 6v, 9r, 10r e v, 13r, 23v, 25r, 27v, 34v, 49v, 51v, 54v, 56r, 59v, 60r e v, 67v, 70r, 84v, 102v e 147v. Não é possível precisar quando foram inscritos estes elementos marginais – se durante a cópia, se em fase de releitura do texto.

Além destes elementos marginais, o volume não apresenta outro tipo de menções práticas e, à excepção dos reclusos descritos, também não parecem existir outras menções técnicas. Também não existem menções pessoais, elementos apenas com função de realce, nem elementos decorativos.

É possível identificar apenas uma mão de escrita – a mão de um copista responsável pela cópia, pelas notas marginais, pela foliotação e pelos únicos casos de correcção do texto, esta feita

quase sempre na linha, por sobreposição, e muito esporadicamente. O códice não parece, portanto, ter sido sujeito a um processo de revisão. Vejam-se alguns cancelamentos (corrigidos na entrelinha ou não) nos ff.10v, 22v, 28r (dois casos), 31r, 48r, 57r, 59r, 68v, 80v, 114r, 127v, 150r, 167v, 197v.

Foi ainda usada a mesma tinta na assinatura ilegível que se vê no topo da margem de goteira do f.1r. O instrumento de escrita parece ter sido uma ponta mais fina do que a utilizada na cópia, mas nada indica que a assinatura pertença a mão alheia ao copista. A ilegibilidade da assinatura não permite a comparação positiva de letras mas a sua presença em outro códice claramente da mesma mão (ms.6 da BMP) parece argumento suficiente para identificar a mão que copia com a mão que assina no Testemunho P.

#### **2.4. Adições Posteriores**

Além das intervenções de bibliotecários descritas (v. p. 65), o códice conta com pelo menos três tipos de elementos adicionados depois da finalização do livro. Correspondem a marcas de leitura típicas (cruzes, sublinhados e vistos) inseridas por um leitor posterior, sempre a lápis na margem de goteira, sobre ou sob as linhas do texto de alguns dos fólhos:

1. Cruzes em aspa encontram-se: a meio de uma linha de escrita nos ff.70r, 124v, 125r, 125v (duas), 177r, 178r (duas), 178v (três), 179r (duas); na margem de dorso dos ff.126r e 177v; e na margem de goteira no exemplo do f.177r;
2. Sublinhados encontram-se nos ff.172v, 176v e 177r;
3. Vistos (v) encontram-se no f.226r (sendo o primeiro uma cruz transformada num visto, como se assinalasse um lugar por ler que depois foi lido).

### **B. Fólhos 196v-208v**

#### **1. Identificação, Referências e Conteúdo**

##### **1.1. Identificação**

**Título:** Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto

**Autor:** Desconhecido

**Copista:** Desconhecido

**Localização no códice:** Capítulo 114, ff.196v-208v

**Data de redacção:** 1248-1284

**Data de cópia:** segunda metade do século XVIII / início do século XIX (talvez por volta de 1787)

**Referência BITAGAP:** cnum 30138.

## 1.2. História e Origem

Parte integrante do códice atrás descrito, estes fólhos partilham a sua história e origem.

## 1.3. Conteúdo

Estes fólhos contêm um testemunho da VSSB, o qual não apresenta o título pelo qual é conhecido mas o texto identifica-se através das seguintes menções históricas:

**Introdução:** [196v] *Na Igreja de santa senhorinha se achou hum livro manuscrito...*

**Incipit:** [286r] *Esta bem aventurada sancta, por que Deos faz muitos milagres, tam...*

**Explicit:** [208v]... *derão graças a Deos, e esta sua santa por tão grande milagre.*

**Remate:** [208v]... *Isto era o que aquelle antigo papel que nesta Igreja ... que he indicação [209r] para se lhe dar mais credito de verdadeiro.*

## 2. Descrição Material

### 2.1. Composição

O texto encontra-se nos ff.196v-298v, que, tal como os restantes do códice, são de papel e medem 342 x 220 mm.

As folhas que constituem estes 12 fólhos e meio (12 fólhos completos – recto e verso – e apenas o verso do fólho 196) têm vergaturas horizontais e pontuais verticais, e neles são visíveis, no centro dos fólhos, duas marcas de água diferentes<sup>79</sup>: uma nos ff.197, 199, 202, 205, 207 e 208 e outra nos ff.196, 198, 200, 201, 203 e 206). Pela posição das marcas de água face aos restantes elementos da trama do papel, estes fólhos confirmam que as folhas de papel que constituíram os cadernos em que estão dispostos tinham um formato comercial de pelo menos 340 x 450 mm, e com um formato bibliográfico *in-folio*.

Os 13 fólhos em causa encontram-se nos cadernos 21 e 22 do códice, mais precisamente a partir do verso do 7º fólho do caderno 21 até ao verso do 11º fólho do 22. O conjunto desses fólhos ocupa cerca de 2 mm nos 35 mm de espessura total do corpo de cadernos. O caderno 21 é um quaterno, enquanto o 22 é um sénio<sup>80</sup>.

Quanto aos reclamos presentes nestes fólhos, eles colocam a dúvida já exposta acima acerca do seu estatuto de menções técnicas, já que não se apresentam com uma sistematicidade

---

<sup>79</sup> Tenha-se em conta que deste testemunho só foi verdadeiramente recolhida uma delas, a do f.203 (v. tabela 16 do Anexo A, p. 395). Não foi possível recolher a marca de água dos restantes fólhos, que se apresenta em anexo por analogia com a do fólho de guarda [6] (v. tabela 17 do Anexo A, p. 396).

<sup>80</sup> V. a tabela 22 do Anexo A, pp. 408.

que assegure verdadeiramente a ordenação dos fólhos nos cadernos: por vezes repetem-se palavras completas, outras vezes apenas a primeira sílaba da palavra do fólho seguinte, e noutros casos correspondem à última palavra de uma página/fólho à qual é adicionada a primeira sílaba da página/fólho seguinte. Da mesma forma, também se observam as três situações previamente identificadas:

1. Não existem reclamos nos ff.197v, 198v, 201v, 202r, 202v, 206v, 207r e 207v;
2. Ocorrem no recto de alguns fólhos. Exs: *com* (f.197r); *e* (f.198r); *sua* (f.199r), *a car* (*a car/ne*, f.200r); *ella* (f.201r), *que* (f.203r), *nun* (*nun/qua*, f.204r); *a qui* (*a qui/zesse*, f.205r), *mos* (*mos/trasse*, f.206r), *e* (f.208r);
3. Ocorrem do verso para o recto dos fólhos. Exs.: *dizer* (f.196v); *pen* (*pen/sando*, f.199v); *de beber* (f.200v), *e lo* (*e lo/go*, f.204v); *se* (*se/de*, f.205v). Neste conjunto destaque-se o reclamo do f.203v para o f.204r, o único cuja palavra que o constitui tem uma grafia diferente em cada um dos fólhos envolvidos: *ẽ* e *em*, respectivamente.

Nos exemplos de 2. existem quatro casos em que ocorre a repetição de uma palavra completa de uma página para a outra e seis casos em que na página/no fólho seguinte se continua uma palavra que tinha ficado incompleta na última linha de escrita da página/fólho anterior. Já em 3. lêem-se dois exemplos onde ocorre a repetição de uma palavra completa de uma página/fólho para o seguinte, enquanto também existem quatro casos em que na página/fólho seguinte se continua uma palavra não completa no fólho anterior. Em nenhum dos pontos há ocorrência de uma palavra incompleta que não seja totalmente repetida na página/fólho seguinte, sendo simplesmente completada num processo normal de translineação<sup>81</sup>.

Quanto à foliotação, ela corresponde em tudo ao que foi descrito para a generalidade do códice. A empaginação, que obedece às características gerais descritas, foi analisada e medida no recto de quatro destes 13 fólhos:

1. [197r] – 40 linhas de escrita; 18 + 166 + 38 x 20 + 283 + 36 mm;
2. [200r] – 40 linhas de escrita; 20 + 169 + 39 x 19 + 284 + 37 mm;
3. [204r] – 40 linhas de escrita; 18 + 166 + 39 x 19 + 285 + 36 mm;
4. [206r] – 40 linhas de escrita; 17 + 165 + 40 x 19 + 283 + 38 mm.

Em média, a empaginação dos ff.196v-208v tem, portanto, 38-40 linhas de escrita e as seguintes dimensões: 18,3 + 166,5 + 39 x 19,3 + 283,8 + 36,8 mm.

---

<sup>81</sup> Na edição semidiplomática deste manuscrito, assume-se que estes elementos têm o estatuto de reclamos (e não de erros por repetição do copista) destas palavras, pelo que não são transcritos.

## 2.2. Escrita e Decoração

Nos ff.196v-208v opera a única mão que se identifica no códice, responsável pela cópia, pelos reclusos e pela foliotação. Não se encontram, nestes fólhos, elementos marginais, o que poderá corresponder a uma decisão do copista, visto que, neste testemunho, não existe nenhuma das notas observadas em alguns dos restantes testemunhos da *VSSB*.

Embora nos fólhos em análise não se possam identificar tempos de cópia distintos com certeza, parece existir uma ligeira oscilação na tonalidade da tinta utilizada em dois momentos, o que sugere a existência de pelo menos três tempos de cópia entre os ff.196v e 208v:

1. do f.196v (talvez iniciada antes) ao f.204r;
2. do f.204v ao 206r – com a tinta bem mais concentrada e escura;
3. do f.206v ao 298v (terminando talvez depois).

Alguns erros de cópia são imediatamente emendados pelo copista, por cancelamento:

- f.199v: onde se lê *sengio me*, o copista terá escrito primeiro *seg*. Corrige imediatamente o corpo de *g* para *n*, escrevendo *sengio me* e cancelando a haste inferior de *g*;
- f.205v: onde se lê *tragia*, primeiro foi escrito *trg*. O copista emenda imediatamente o primeiro *g* para *a*, cancelando a sua haste e continuando a palavra;
- f.208r: onde se lê *assossegados* primeiro foi escrito *assog*. O copista cancela o primeiro *g* e continua a palavra, emendando o erro.

A presença de alguns erros por corrigir sustenta a inexistência de revisão já defendida. Não se observam intervenções de mãos de leitores posteriores.

Em conclusão, a *VSSB* no testemunho P está integrada numa cópia das *MRAG* de Torcato Peixoto de Azevedo, como dito a respeito do códice E, uma obra historiográfica dedicada à cidade de Guimarães. Então, é certo que, como em E, a leitura hagiográfica sobre S. Senhorinha não tinha, neste testemunho, uma função cultual, mas sim uma função histórica e documental. A funcionalidade do códice está patente no facto de ser uma cópia com muito poucas correcções e no facto de ter características codicológicas e paleográficas em geral bastante regulares. Uma vez que este códice não deve ter sido produzido com o propósito de integrar o acervo da Real Biblioteca Pública do Porto, o cuidado com que parece ter sido produzido (mas não decorado) talvez permita concluir que se destinava a um integrar uma biblioteca privada. A esse respeito, veja-se a seguinte hipótese:

Com a entrada do exército liberal no Porto, D. João de Magalhães e Avelar (1754-1833), Prelado da Diocese, retirou-se para a sua casa de Vila Nova de Souto d'El-Rei, gerando o abandono de vários conventos da região e, consequentemente, das bibliotecas deste bispo e de todas essas congregações religiosas. Numa altura em que se assistia a uma enorme valorização das bibliotecas privadas dos mais variados domínios em Portugal (Oliveira 1995:11), a biblioteca de D. João de Magalhães e Avelar parece ter sido uma das mais ricas e importantes. Com a fuga do prelado, a biblioteca foi inicialmente sequestrada e guardada no Convento dos Lóios para mais tarde vir a ser comprada pelo Estado. Em conjunto com um exemplar de cada livro impresso em todas as tipografias da cidade do Porto desde Julho de 1832 (como ordenou a portaria de 14 de janeiro de 1833), e com as bibliotecas dos ditos conventos abandonados, a biblioteca de Magalhães e Avelar viria a constituir o maior núcleo do primeiro fundo bibliográfico da Real Biblioteca Pública do Porto (fundada em 1833), hoje BPMP, onde se encontra o códice descrito. Tendo em conta que o códice P tem apenas o carimbo da BPMP e que não está identificado como parte do fundo bibliográfico constituído pela biblioteca do dito Prelado<sup>82</sup>, então também não é fácil considerar que tenha sido produzido para o seu uso pessoal. Contudo, pelo mesmo raciocínio, o códice pode ter sido produzido para uma das livrarias das congregações religiosas mencionadas, ou para o uso privado da família ou do proprietário de uma das muitas bibliotecas privadas que viriam a fazer doações à BPMP nessa altura<sup>83</sup>. Em qualquer um dos casos a leitura da VSSB é motivada pelos mesmos interesses historiográficos que justificam a leitura das MRAG.

## 1.4. TESTEMUNHO G2

### A. Códice

#### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

##### 1.1 Identificação

**Título:** *Memorias Resuscitadas da antiga Guimarães*

**Autor:** Torcato Peixoto de Azevedo

**Copista:** Desconhecido

**Localização:** Guimarães, Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento (BSMS), BS 1-4-36;

**Data de redacção:** 1656-1692 (14 de fevereiro)

**Data de cópia:** 1801(?) – 1845(?)

**Referência BITAGAP:** manid 5308.

---

<sup>82</sup> Se este códice fizesse parte desse fundo provavelmente estaria catalogado nos Índices da biblioteca do Bispo do Porto D. João de Magalhães e Avelar, ms. 374, 375, 376, 377, 378 e 379 (v. Oliveira 1995:127).

<sup>83</sup> Sobre alguns dos responsáveis pelos legados que integraram a primitiva BPMP v. Machado (1965:109).



O título deste códice surge logo na página 1, onde se inicia o primeiro dos textos preliminares (*Prefacção, Ao leitor e Protestação*). Volta a ser apresentado como título da obra no topo e centro da coluna de texto da página 8. Por fim, reaparece, embora de forma contraída, ao longo da largura da lombada da encadernação, gravado a dourado em letras capitais (MEMORIAS DA ANTIGUA GUIMARAES) e entre duas linhas também douradas, como se simulasse um rótulo<sup>84</sup>.

Quanto à datação e local de produção do códice, embora a única informação explícita no códice indique Guimarães, 14 de Fevereiro de 1692 (p.6.: *Guimarães 14 de Feverº de 1692*), sabemos que esses elementos (tal como o conteúdo da obra) foram copiados de um modelo anterior, visto que eles também estão presentes nos Testemunhos E e P.

## 1.2. Origem e História

Não havendo nenhuma menção histórica (como um cólofon) que situe o local e data da produção deste livro manuscrito, temos de contar com outros elementos para a sua datação. A BSMS adquiriu o códice em 29 de Abril de 1902<sup>85</sup>, três anos depois da morte de Francisco Martins Sarmiento (1833-1899). Os seus carimbos de propriedade (de cor roxa) surgem no recto e verso da guarda [2], e ainda na p. [380] onde termina o índice do códice:

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Assim, o códice não pode ter sido concretizado depois de 1902 - isto é, quando a BSMS adquiriu o livro. A favor disso estão outras duas marcas de propriedade anteriores às da BSMS (onde hoje se encontra o códice) e que devem suceder-se pela seguinte ordem cronológica: as do Dr. João Vieira Pinto, e as do Reverendo Dr. Pedro Augusto Ferreira (Abade de Miragaia).

O Dr. João Vieira Pinto formou-se em Matemática e Medicina pela Universidade de Coimbra. Foi professor na Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto, que também frequentara como aluno, entre 1830 e a vitória dos liberais, em 1833, e foi professor na Escola Industrial do Porto a partir de 1854<sup>86</sup>. Sobre o modo como adquiriu este volume nada se sabe. Sabe-se apenas que os seus carimbos de propriedades (pretos) são os que surgem mais frequentemente ao longo das páginas do volume, como os exemplos seguintes ilustram: p.1, no cruzamento da margem de cabeça com a de goteira; pp.27, 31, 35, 37, 59, 91 a meio da margem

---

<sup>84</sup> *Rótulo*, na terminologia codicológica portuguesa, refere-se a uma peça de metal, pergaminho, couro ou madeira que exibe o título da obra. Na encadernação medieval era colocada no pé da cobertura do segundo plano da encadernação e na encadernação moderna surge na lombada (v. Nascimento e Diogo 1984:100).

<sup>85</sup> V. esta informação na descrição externa do códice manid 5308 na respectiva página BITAGAP.

<sup>86</sup> Leia-se sobre o percurso de João Vieira Pinto em Pinto (2012:60) que, por sua vez, recorre a documentos da Real Academia Velha e a Cardoso Machado (1878:294-295).

de goteira e sobre o texto (e rasgados); pp.45, 53, 97 perto do limite direito da coluna de texto, mas sobre o texto; p.137, numa posição semelhante aos das três páginas anteriores, mas mais acima; p.201 no canto superior direito da página, numa zona não escrita. Nesses carimbos lê-se:

EX LIBRIS VIEIRA PINTO

O Reverendo Dr. Pedro Augusto Ferreira (1833-1913) nasceu em Lamego, onde foi seminarista e, mais tarde, presbítero. Em 1856 formou-se em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi Abade de Távora em 1861 e Abade de Miragaia a partir de 1864. Proprietário de uma extensa e rica biblioteca, viria a oferecer o seu conteúdo à BPMP (à excepção, claro está, de volumes como o que aqui se descreve) provavelmente antes de 1902 (ano em que a BPMP imprimiu o catálogo deste fundo). Sucessor do conhecido historiador Augusto Pinho Leal (1816-1884), com quem muito trabalhou em áreas como a Arqueologia, Corografia e História, é já com o estatuto de Abade de Miragaia que terá sido proprietário deste códice, tal como indica o único carimbo de propriedade azul esverdeado que se encontra-se na p. [380]<sup>87</sup> do volume:

PEDRO A. FERREIRA ABBADE DE MIRAGAYA/  
PORTO

O Reverendo era também amigo de Francisco Martins Sarmiento, como prova a correspondência que trocaram ao longo dos anos, sobretudo no final da vida de Martins Sarmiento<sup>88</sup>. Nessa correspondência trocam conhecimentos, dúvidas, informações bibliográficas e fazem referência a uma frequente oferta e empréstimo de livros entre ambos. No entanto, em 1986, três anos antes da sua morte, Martins Sarmiento não tinha conhecimento de nenhum outro manuscrito das *MRAG* além daquele que sabia estar na posse da família Motta Prego<sup>89</sup>. Dado que não se encontra nenhuma referência a este códice na correspondência acima citada, então é possível considerar que o livro só tenha chegado às mãos do Abade de Miragaia depois da morte de Martins Sarmiento (cujo interesse na obra seria certamente evidente para o amigo), a menos

---

<sup>87</sup> Embora se tenha atribuído foliotação (e não paginação) aos constituintes do resguardo do volume, no caso dos fólhos do índice que não estão numerados optou-se por atribuir um número que continua a paginação dos fólhos anteriores: pp. [377], [378], [379] e [380].

<sup>88</sup> Da correspondência trocada entre Martins Sarmiento e o Abade de Miragaia entre 1895 e 1899 sobrevivem apenas alguns autógrafos nos acervos da BPMP e da BSMS, respectivamente. Esta correspondência foi publicada, sem indicação do editor, no vol. LXI da *Revista de Guimarães*, em 1935.

<sup>89</sup> Referindo-se a um problema de leitura do impresso das *MRAG*, Martins Sarmiento afirma: «O único manuscrito que conheço, pertencente ao meu amigo António Coelho da Motta Prego, e a que recorri para estudar a dificuldade, está incompleto e não chega mesmo ao capítulo em que se trata do nosso texto» (Sarmiento 1896:7, nota 1).

que tenha sido mencionado e oferecido pelo Abade numa das muitas missivas em falta. É difícil acreditar que entre 1881 (ano em que é fundada a SMS) e 1902 (ano em que o testemunho deu entrada na sua biblioteca) o livro tivesse estado sempre na biblioteca do Abade de Miragaia. Consequentemente, talvez possamos considerar a hipótese de só ter estado sob a sua posse entre 1833 e 1902.

Assim, embora o códice não possa ter sido produzido depois de 1864 (quando pode ter sido adquirido por Pedro Augusto Ferreira sob o título de Abade de Miragaia), talvez seja possível recuar esse limite *ante quem*. No recto do fólio de guarda [2]<sup>90</sup> lê-se a seguinte nota escrita a tinta preta por outra mão:

Imprimio-se este mss: na cidade do Porto na Typografia da Revista 1845.

Entre o primeiro plano da encadernação do códice e o corpo dos seus cadernos encontra-se um pequeno pedaço de cartão solto onde está impresso o seguinte:

Manuscrito original das «Memórias ressuscitadas da Antiga Guimarães», do Padre Torcato de Azevedo.

Não é óbvia a interpretação a dar a estes dados. Se, na nota manuscrita, se interpretar “Imprimio-se este mss” como indicação de que este foi o original de imprensa usado para a edição de 1845, o manuscrito terá naturalmente de ser anterior. Porém não pode descartar-se imediatamente a possibilidade de a nota se limitar a identificar o texto contido no manuscrito com o texto impresso em 1845. Não sabemos que credibilidade merece o desconhecido autor da nota. O mesmo poderá dizer-se do autor do cartão impresso. Como interpretar “Manuscrito original”? Não pode referir-se ao autógrafo das *MRAG*, porque esse, como vimos, será o códice de Évora. Com isso também concorda Brito (1981:440-441), para quem G2 não poderia ser o original desta obra porque: a) tem uma letra muito cadenciada e sempre igual (argumento que não é necessariamente válido, dado que o que explica a regularidade da letra é o facto de G2 ser uma cópia da obra de Azevedo. Também o códice E apresenta essas mesmas características de regularidade porque é uma cópia, não deixando por isso de ser autógrafa.); e b) tem muito menor extensão do que E (numa diferença que não pode ser explicada apenas pela utilização de abreviaturas e espaço entre linhas de escrita, o que, de acordo com a autora, talvez signifique que o seu texto esteja parcialmente truncado). Está, então, o autor deste cartão equivocado ou quer antes dizer que este manuscrito foi usado como original de imprensa da edição de 1845?

---

<sup>90</sup> Como são fólhos não numerados, daqui em diante os fólhos do resguardo do volume serão designados por contra-guardas [1] e [4], e guardas (volantes) [2] e [3], de acordo com a ordem em que surgem no códice.

Brito (1981) sugere que G2 poderá ser o testemunho base do texto impresso de 1845, não só porque este tem, como G2, uma extensão muito menor do que E e P, mas também porque o uso intensivo de abreviaturas em G2 poderá explicar alguns dos seus erros e gralhas.

A questão decide-se com um estudo estemático, chamando à colação o texto impresso, tal como o que empreendo no capítulo II (v. pp. 217-221) e que confirma que o texto impresso apresenta todas as variantes significativas do subarquétipo  $\alpha$  e todas as variantes privativas significativas de G2 – às quais acrescenta os seus próprios erros. Conclui-se, portanto, que o conteúdo da nota e do cartão mencionados (“Imprimio-se este mss” e “Manuscrito original”, respectivamente) fazem referência ao códice G2 como o original de imprensa da edição de 1845.

Na contra-guarda [1] vêem-se, a lápis, além da cota actual, cotas anteriores:

B-2-65  
~~B-S-10-6-146~~  
B.S  
1-4-36

Embora se descarte a possibilidade de atribuição a Torcato Peixoto de Azevedo, cuja mão conhecemos (Testemunho E), não há nenhum elemento codicológico que certifique quem tenha sido o responsável pela produção deste códice. O facto de os textos introdutórios (aparentemente equivalentes em E, P e G2), mostrarem aqui discurso na primeira pessoa é apenas um indicativo de que a obra de Azevedo foi copiada. O mesmo vale para a cópia do nome do autor na dedicatória da secção *Ao leitor* (p.6) e no final da *Protestação* (p.7):

- 1) Capelão de Vm.  
Torcato Peixoto de Azevedo
- 2) Torcato Peixoto de Azevedo

### 1.3. Conteúdo

O códice identifica-se pelas seguintes menções históricas:

**Incipit:** [p.1] *Memorias Resuscitadas da antiga Guimarães. / Prefação / Aquelle tão valerozo, como dyscreto, e grande Alexandre Magno...*

**Explicit:** [p. 376]...*Todas estas fontes estão vezinhas humas das outras e todas seruem a utilidades , e delicias desta Nobre Villa de guimaraes. / Dinis laus Deo.*

O códice é constituído por quatro secções textuais delimitáveis que correspondem primeiro aos textos preliminares e depois à obra propriamente dita, como E e P, subdividida em 142 capítulos<sup>91</sup>:

---

<sup>91</sup> Transcreve-se o *incipit* de cada uma das secções, que pode ou não corresponder ao respectivo título.

- pp. 1-4: *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarões / Prefacção / Aquelle tão valerozo, como dyscreto, e grande Alexandre Magno...*
- pp. 5-6: *Ao leitor*
- pp. 6-7: *Protestação.*
- pp. 8-376: *Memorias Resuscitadas da Antigua Guimarões*
- pp.[377-380]: *Índice*<sup>92</sup>

Este códice contém todas as secções textuais das *MRAG* e os 142 capítulos em que a obra se divide nos restantes testemunhos (E e P). Contudo, e como salienta a análise de Brito (1981:443), a comparação entre as dimensões deste códice com as do códice P (e consequentemente com as de E, da mesma extensão que P) permite concluir que G2 tem pelo menos 237344 (cerca de 4746 linhas ou 121 páginas de texto) letras a menos<sup>93</sup>, o que indica que, qualquer que tenha sido o critério de supressão, esta é uma cópia da obra deliberadamente truncada.

## 2. Descrição Material

### 2.1. Encadernação

A encadernação é constituída por brochado, isto é, um tipo de encadernação feita de planos de cartão<sup>94</sup> e por uma cobertura de papel de fantasia marmoreado (azul, vermelho, amarelo, preto, e branco). Esta encadernação é aparentemente original e bem conservada, embora se consigam identificar alguns acidentes externos, como um rasgão de cerca de 75 mm de altura ao longo do limite direito do topo da lombada (rasgão que está ao nível da cobertura e do plano de cartão e que deixa a descoberto o corpo dos cadernos e o interior da encadernação).

Os planos têm 220 x 155 mm e a lombada 322 x 34 mm. Aberto o livro a meio, mede-se uma totalidade de cerca de 220 x 342 mm. As peças de cartão que constituem os planos têm uma espessura de cerca de 2 mm.

A cobertura da encadernação é dupla: primeiro os planos e dorso estão cobertos por um papel verde-escuro (acastanhado em algumas zonas, nomeadamente na lombada, graças à abrasão e à passagem do tempo), papel esse que é ligeiramente timbrado com linhas oblíquas. Só

---

<sup>92</sup> Este índice, entre as páginas [377]-[380], está ordenado por número de capítulo, título de capítulo e página em que esse capítulo se inicia.

<sup>93</sup> Estes resultados de Brito são obtidos estimativamente através das dimensões das páginas manuscritas, do formato da mancha de texto, do número total de fólios, da média de linhas por página e média de letras por linha. Esta minha descrição codicológica de G2 não confirma a estimativa do número médio de linhas por página de Brito (38,25), contando-se entre 40-42 linhas (média de 40,8).

<sup>94</sup> Como na descrição de P, utiliza-se o sentido codicológico do termo *planos*. *Contra-plano* continua a ser o termo utilizado como sinónimo das faces interiores (primeiro e segundo contra-plano).

depois são cobertos pelo papel de fantasia, deixando o papel verde apenas visível na lombada e numa tira que se estende para cada um dos planos até cerca de 16 mm de largura.

No exterior da encadernação é ainda possível identificar alguns elementos com função decorativa: o papel verde timbrado da lombada tem gravadas sete linhas douradas distribuídas ao longo da sua altura e que parecem simular visualmente as saliências através das quais os nervos das encadernações medievais se faziam notar ao longo da lombada. Essas linhas decorativas apresentam as seguintes distâncias entre si: a primeira está a 5 mm do limite de cabeça da lombada e a 31 mm da linha seguinte, a segunda, terceira, quarta e quinta têm 36/37 mm de distância entre cada uma, a quinta dista 46 mm da sexta, a sétima dista 16 mm da sexta e 5 mm do limite de pé da lombada da encadernação. Além disto, a lombada tem ainda o título da obra gravado a dourado em letras capitais e entre as duas primeiras linhas douradas, como se também simulasse visualmente um rótulo (v. nota 84, p. 79).

Existe uma etiqueta colada na zona inferior da lombada da encadernação, etiqueta essa muito deteriorada, o que impossibilita a leitura do texto nela escrito. Vêem-se ainda dois elementos que parecem simular tranchefilas de lingueta recta, isto é, que não sobressaem do volume. Esses elementos não correspondem verdadeiramente a nervos independentes da encadernação mas sim apenas a dobras arredondadas num reforço de papel colado na lombada, dobras essas que visualmente geram um efeito semelhante ao das tranchefilas.

O resguardo do códice é constituído por quatro fólios de guarda, dois colados em cada contra-plano (contra-guardas), uma guarda volante no início do volume e outra no final. A guarda e contra-guarda do final do volume estão ambas em branco, mas a contra-guarda [1] tem escritas as cotas (actual e anteriores) do códice, como foi descrito anteriormente, e a guarda [2] tem não só um carimbo da BSMS em cada um dos seus lados, como no seu recto também se lê a já referida nota manuscrita, a lápis, que identifica este manuscrito com a edição de 1845.

As contra-guardas [1] e [4] cobrem em grande parte os restantes elementos da encadernação, mas permitem analisá-la em algumas zonas onde, pela fragilidade do papel que as constitui face à força aplicada pela pele da encadernação, as contra-guardas são de algum modo ligeiramente transparentes ou estão descoladas. Também é possível ver parte do interior da encadernação pela zona deteriorada da lombada, o que permite analisar o processo que deu origem à encadernação. Assim, nota-se que o papel verde da primeira cobertura da encadernação tem dimensões superiores às já apresentadas de cada um dos planos, dando origem a virados nos limites de cabeça, goteira e pé nos contra-planos encadernação. Cada um deles tem as seguintes

dimensões aproximadas, em ambos os contra-planos: 10 mm de altura no limite de cabeça do plano da encadernação (e a mesma largura da encadernação) e 21 mm de altura no limite de pé (e a mesma largura da encadernação); os virados dessa primeira cobertura nas margens de goteira da encadernação não se conseguem ver nem decalcar, pelo que não se percebe por quantos milímetros de largura o recorte de papel excedia as dimensões dos planos.

Estes virados também parecem cobrir toda a encadernação de um contra-plano ao outro, o que demonstra como esta primeira cobertura foi colocada não só em torno dos planos da encadernação, mas também do dorso. Na verdade, a lombada da encadernação não é feita de cartão, mas sim formada apenas por este papel verde da primeira cobertura, relativamente grosso, de modo a tornar a lombada resistente, mas maleável o suficiente para se manusear o livro. Além disso, ainda é possível verificar que os virados desta cobertura são feitos primeiro nas margens de cabeça e pé da encadernação e só depois na margem de goteira, visto que é possível ver que o virado da margem de goteira se sobrepõe aos outros.

Em seguida foi colada a segunda cobertura, composta pelo papel de fantasia e por duas peças que são individualmente coladas sobre a cobertura verde em cada um dos planos. Através das transparências das contra-guardas é possível ver que da sua colagem resultam três virados em cada um dos contra-planos da encadernação, tendo primeiro sido feitos os de cabeça e pé e só depois, através de um corte oblíquo no papel de fantasia, um virado no limite de goteira, que se sobrepõe aos outros dois. Contudo, e como os virados de cabeça e de pé não têm a mesma largura do plano, a colagem desta cobertura deixa a descoberto uma faixa verde mais próxima da lombada em cada um dos planos (não impedindo de visualizar os virados da primeira cobertura). Assim sendo, os virados dessa segunda cobertura ultrapassam as dimensões dos planos de forma quase idêntica nos dois contra-planos: o virado de cabeça excede em cerca de 30 mm o limite de cabeça da encadernação, o virado de pé excede em cerca de 34 mm (e ambos têm menos 15 mm de largura do que o plano); o virado de goteira excede em cerca de 40 mm o limite de goteira do plano. Isto faz com que a peça de papel que cobre o primeiro plano da encadernação tenha cerca de 284 x 180 mm.

Esta dupla cobertura parece ter sido fixada aos contra-planos por três meios. O primeiro é, provavelmente, a colagem de cada um dos virados de papel à superfície dos contra-planos. O segundo parece ter sido a utilização de duas tiras de papel ou pele que foram coladas aos virados de goteira de cada um dos contra-planos e à sua superfície de cartão, fixando-os. Essas duas tiras não estão visíveis a não ser em relevo e transparência nas contra-guardas, e por isso é impossível

verificar de que material são feitas. Contudo, no primeiro contra-plano vê-se o seu relevo aos 60 e 90 mm de altura do contra-plano<sup>95</sup> e no segundo contra-plano encontram-se mais a meio do plano de cartão, isto é, a 80 e 130 mm de altura, respectivamente. Por fim, a fixação desta cobertura é feita pela colagem das contra-guardas aos contra-planos, processo que também garante a fixação do corpo dos cadernos à encadernação, pois as contra-guardas [1] e [4] apresentam solidariedade com duas guardas volantes que iniciam e terminam o volume ([2] e [3] respectivamente).

É também pela transparência das contra-guardas que se confirma que o segundo meio de fixação do corpo dos cadernos à encadernação é assegurado por três nervos, que servem de apoio à cosedura dos cadernos do volume à encadernação. O material de que são feitos estes nervos não é discernível apenas porque estão completamente cobertos pelas contra-guardas do volume, mas a forma como estão fixados aos contra-planos através de incisões é visível através de um rasgão entre a guarda [2] e a página 1, e as suas posições são facilmente identificáveis pelo seu relevo. Assim, no primeiro contra-plano, o primeiro nervo está a 48 mm do limite de cabeça e a 61 mm do segundo, enquanto o terceiro está a 56 mm do limite de pé e a 55 mm do segundo nervo. No segundo contra-plano o primeiro nervo está a 45 mm do limite de cabeça e a 62 mm do segundo, enquanto o terceiro está a 58 mm do limite de pé e a 57 mm do segundo.

O corpo dos cadernos parece ser fixado à encadernação não apenas pelos nervos de apoio e pela colagem das contra-guardas, mas ainda por um reforço de papel que foi colado ao longo de toda a superfície da lombada do corpo dos cadernos e da encadernação, e ainda por, pelo menos, duas peças de papel mais espesso<sup>96</sup>, com cerca de 40 x 25-30 mm, coladas sobre o primeiro reforço referido, no topo e na base da lombada do corpo de cadernos e da encadernação. Verifica-se ainda que as peças de reforço foram fixadas por meio de uma dobra para o interior da encadernação aos 29 mm da sua altura, só depois sendo coladas à lombada do corpo de cadernos. Essa dobra faz com que estas peças de papel do limite de cabeça da encadernação se pareçam com tranchefilas de lingueta recta.

---

<sup>95</sup> Estas medidas representam a distância dessas peças ao limite de cabeça dos contra-planos.

<sup>96</sup> Pelo menos duas peças, visto que só é possível ver este mecanismo no sistema de cabeça da encadernação, extrapolando-se que ocorrerá o mesmo no sistema de pé.



## 2.2. Composição

O códice é constituído por 190 fólhos (380 páginas) de 211 x 150 mm, aos quais se acrescentam dois fólhos de guarda volantes e duas contra-guardas. Este conjunto de fólhos organiza-se de acordo com a seguinte fórmula: 190: [2] + 188 + (2)+ [2]<sup>97</sup>.

Todos estes fólhos são de papel, visualizando-se pelo menos uma marca de água repetidamente ao longo dos fólhos do volume, marca essa que se recolheu com muita dificuldade devido à falta de condições e à posição em que se encontra num formato relativamente pequeno<sup>98</sup>. A parte visível da marca de água encontra-se na margem de dorso dos fólhos do livro, na zona do festo dos cadernos, e corresponde a metade da marca. As vergaturas do papel são verticais, e os pontusais horizontais, permitindo reconstituir o formato das folhas de papel utilizadas para a constituição dos cadernos: tinham um formato bibliográfico *in-quarto* e, conseqüentemente, um formato comercial equivalente pelo menos ao dobro da altura e largura de um fólho: 422 x 300 mm. Na margem de cabeça os fólhos parecem ter sido rasgados ou mal aparados (o que em ambas as situações seria um vestígio da quebra de solidariedade entre os fólhos), e as margens de pé e goteira são completamente lisas, o que indica que os cadernos resultaram de uma dobragem *in-quarto* através da fórmula 32/41<sup>99</sup> (Lemaire 1989:70-72). Deste tipo de dobragem resultam quatro fólhos (oito páginas) cuja solidariedade é quebrada, formando dois bifólhos e um bínio.

As medidas propostas para as folhas de papel originais são aproximadas, porque os prováveis vestígios de solidariedade dos fólhos na margem de cabeça tornam possível considerar a hipótese de o códice ter sido descuidadamente aparado nesta margem, e porque o facto de as margens de goteira e de pé não apresentarem nenhuma irregularidade pode indicar que também foram aparadas (neste caso, por meio de um corte bastante regular). Em todo o caso, quer tenham sido concretizados dois apartamentos distintos (um menos cuidado na margem de cabeça, e um mais regular nas restantes), quer a regularidade das margens de goteira e pé resulte da conservação dos limites das folhas de papel originais, é sempre possível afirmar que os bifólhos

---

<sup>97</sup> Leia-se: 1 contra-guarda + 2 fólhos de guarda volantes + 188 fólhos paginados + 2 fólhos não paginados (de índice) +1 fólho de guarda volante + 1 contra-guarda.

<sup>98</sup> Esta marca de água é apresentada em duas metades nas tabelas 18 e 19 do Anexo A, pp. 397 e 398, respectivamente. Foi recolhida de uma amostra que incluiu os primeiros 20 fólhos do códice (em oito dos quais não se observam marcas de água), os fólhos das páginas 334-356, e o fólho das páginas 61/62 (devido à facilidade no decalque deste fólho).

<sup>99</sup> Os números ordenam os fólhos no caderno a que dão origem, depois da dobragem.

deste códice apresentam certamente alguns milímetros de altura (e talvez também largura) a menos do que metade da altura das folhas de papel que lhes deram origem.

Os 190 fólhos do códice estão distribuídos, assim como os fólhos do resguardo, ao longo de 21 cadernos que ocupam uma espessura total de cerca de 25 mm, e que se distribuem ao longo do livro de forma bastante regular. Os cadernos 1 e 21 (constituídos pelas guardas do volume) são bifólios independentes, enquanto os cadernos 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17 e 19 são quaternos, e os cadernos 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16 e 18 são sénios. Os cadernos 2 e 20 têm um fólho a menos que foi claramente arrancado pelo fio de cosedura do início de cada um destes cadernos. Embora se vejam alguns vestígios deste procedimento, não é certo que se possa falar da existência de um talão em cada um destes cadernos, visto que esses vestígios não são evidentes, e demonstram que quem quer que tenha arrancado esses fólhos o fez de forma a que não se notasse. Os cadernos 2 e 20 terão de ser classificados como sénios irregulares, visto que, apesar de terem tido inicialmente 12 fólhos, um deles foi arrancado e não foi utilizado no livro como produto final<sup>100</sup>.

Sendo o volume constituído por bifólios independentes, quaternos e sénios, mas tendo as folhas de papel sofrido uma dobragem *in-quarto*, então, se os cadernos 1 e 21 são bifólios (metade de uma folha de papel), os quaternos são o resultado de quatro bifólios (dois bínios) encasados (isto é, duas folhas de papel) e os sénios são o resultado de seis bifólios (três bínios) encasados (isto é, o resultado da dobragem de três folhas de papel). Estas conclusões permitem supor que este códice utilizou pelo menos 49 folhas de papel.

A paginação, o único sistema técnico utilizado neste códice para garantir a sucessão dos fólhos e dos cadernos, inicia-se na página 2 do primeiro fólho escrito, continuando até ao último fólho de texto com apenas dois erros: à p.254 segue-se a p.155 e depois a p.256 e à p.302 segue-se a p.203 e depois a p.304. Além dos fólhos do resguardo, os fólhos finais do índice também não estão paginados<sup>101</sup>. A paginação é da mesma mão da escrita do códice, identidade que se conclui quer por comparação da tinta utilizada, quer por comparação da forma dos algarismos. Além dos erros de paginação mencionados, o copista comete mais alguns que corrige imediatamente (v., por exemplo, as pp. 31, corrigida sobre 13; 32, corrigida sobre 14<sup>102</sup>; 280, corrigida sobre 290; 324, corrigida sobre 323). Mostra-se, além disso, mais moderno do que os dos restantes manuscritos,

---

<sup>100</sup> V. a estrutura dos cadernos na tabela 23 do Anexo A, pp. 410-411.

<sup>101</sup> São os ff.[189] e [190], correspondentes às páginas [377], [378], [379] e [380], que surgem imediatamente antes dos últimos elementos do resguardo do códice.

<sup>102</sup> Este erro, ao contrário dos restantes, é mais difícil de explicar. Talvez se possa colocar a hipótese de resultar do reaproveitamento de um fólho com uma paginação que não foi aproveitada no códice.

visto que é o único a utilizar este sistema de numeração que, após a difusão da tipografia, veio a substituir definitivamente a foliação. Isso também estaria de acordo com a possibilidade de este códice ter sido produzido para servir de original de imprensa.

Como não há fólhos arrancados no meio do corpo dos cadernos e como a tinta utilizada não apresenta variações significativas ao longo do códice (não permitindo identificar facilmente momentos de cópia distintos), não é possível concluir, a partir deste indicador, se a paginação foi feita sequencialmente depois da cópia, ou durante o processo em que esta decorreu, sempre que se ocupava uma nova página. Porém, o facto de os erros corrigidos não provocarem nenhum salto na numeração nos fólhos seguintes e o facto de alguns algarismos da paginação se encontrarem truncados provavelmente devido a um apuramento pouco cuidado da margem de cabeça dos cadernos (ex. pp.33/34, 93, 113, 167 e 308), apontam para a probabilidade de a paginação ter sido inserida depois de dobradas e cortadas as folhas de papel e separados os bifólhos que constituem os 21 cadernos deste livro, mas antes de apurados esses cadernos. Quanto ao tom da tinta, a única excepção é a p.11, cuja tinta não só parece mais clara, como o número de página é acompanhado de um sinal de ordinal <º>, indicando que, neste caso, a numeração foi, provavelmente, inserida num momento diferente da dos restantes fólhos (talvez devido a um erro por omissão da mão que inseriu a paginação de forma contínua).

Se a paginação é posterior à separação dos dois bifólhos a que uma folha dá origem, mas anterior ao apuramento dos cadernos, resta estabelecer a cronologia da paginação dos fólhos e da composição dos cadernos em relação à cópia do texto. Nesse sentido, considerem-se as seguintes hipóteses:

- a) a cópia foi feita depois de encasados e cosidos os bifólhos em cadernos soltos – o que não se faria, provavelmente, sem que ocorresse algum efeito de espelho entre os fólhos, provocado pela tinta não completamente seca;
- b) a cópia foi feita depois de cosidos todos os cadernos em bloco – o que, além do efeito de espelho produzido pela tinta, implicaria que o copista escrevesse sobre um conjunto de 21 cadernos cosidos entre si;
- c) a cópia foi feita antes de separados, encasados e cosidos os bifólhos em cadernos – o que implicaria que tivesse sido concretizada de uma forma não sequencial na folha de papel original e antes da paginação.
- d) a cópia foi feita depois de separados os bifólhos, mas antes de estes serem encasados e cosidos em cadernos soltos – seguindo a cópia sequencialmente mas nem sempre em páginas contíguas.

A hipótese b) não tem nenhuma vantagem sobre a primeira e, pelo contrário, constituiria situação de grande desconforto para o copista, pelo que deve ser eliminada. Como não se observa entre páginas contíguas nenhum efeito de espelho produzido pela tinta, também a hipótese a) é rejeitável. Quanto a c), note-se que não só seria muito pouco confortável para o copista copiar o texto de forma não sequencial, mas também que seria menos provável que o fizesse antes de inserir a paginação (uma menção técnica claramente utilizada para facilitar a cópia sequencial de um texto). Finalmente, a hipótese d), além de permitir boas condições de trabalho, explica a necessidade de paginar o suporte previamente à cópia, de modo a garantir que o texto apresentaria a ordem correcta depois de encasados os bifólios.

Esta hipótese é compatível com a regularidade que existe nos limites internos da coluna de texto (visto que copiar o texto antes de cosidos os bifólios em cadernos permitiria certamente controlar melhor a distância entre esses limites e a marca de dobragem que viria a corresponder ao festo dos cadernos) e também com a correcção imediata da maioria dos seus erros. Também não é incompatível com os únicos dois erros de paginação não corrigidos acima mencionados (p.155 no lugar de 255, e 203 no lugar de 303). O segundo explica-se facilmente, visto que se encontra na passagem da última página do caderno 16 para a primeira do caderno 17. O primeiro erro, que ocorre no interior do caderno 14, apesar de parecer mais difícil de cometer em sequência, também não é impossível porque equivale apenas a um erro no algarismo das centenas e não necessariamente no algarismo que define a posição do fólio na sequência da paginação.

Em suma, o corpo de cadernos deste códice foi composto pela seguinte ordem: corte das folhas de papel em dois bifólios, inserção da paginação, cópia sequencial do texto, encasamento e cosedura dos bifólios em cadernos soltos, aparamento dos cadernos e encadernação.

Os fólios deste códice não apresentam regramento, utilizando o copista a trama do papel para orientar as linhas de escrita. Contudo, essa orientação pelas vergaturas não é rígida, o que se reflecte nas características da empaginação. O texto é escrito a uma só coluna, que se apresenta disposta de forma bastante uniforme no volume, de acordo com as seguintes medidas (largura x altura da caixa de texto, em mm): 5-6 + 132-136 + 5-6 x 3-5 + 195-200 + 7-10 mm. O número de linhas de escrita oscila entre 40 e 42 por coluna.

Registam-se acidentes materiais em alguns fólios, como por exemplo a corrosão na sua zona central, provavelmente devido à concentração de tinta (exs. pp.19/20; pp.207/208; pp.209/210; pp.211/212 e pp.217/218). Ademais, no fólio das pp.239 e 240 observa-se um borrão de tinta circular quase a meio da página que parece ter sido deixado por um objecto húmido com

uma base circular e que afecta ligeiramente a leitura do texto (ou seja, é posterior à cópia). Essa marca não ocorre em efeito de espelho no fólho seguinte (correspondente às pp.241 e 242) talvez porque a humidade não tenha sido suficiente para passar de um fólho para o outro, ou porque o objecto tenha sido pousado antes de os bínios terem sido encasados e cosidos em cadernos.

### 2.3. Escrita e Decoração

A escrita de todo o códice é humanística *cancelleresca*, um pouco compacta, pesada, mas homogénea, de uma só mão. Apresenta muitas abreviaturas e uma ligeira inclinação à direita quer das hastes, quer do corpo das letras. É cursiva no sentido em que apresenta ligaduras (não só entre as letras de uma mesma palavra, mas também entre palavras diferentes), laçadas, letras feitas a um só tempo, e figuras mais e menos aumentadas sem aparente razão de destaque. No entanto, o copista nem sempre aplica ligaduras entre as letras, o que faz com que, ao mesmo tempo que se distinguem ligaduras e laçadas, também se encontrem letras concretizadas de modo isolado. É uma escrita não muito regular e não muito cuidada, visto que, apesar de a forma das letras não variar muito, não parece resultar de uma grande preocupação com a clareza das figuras, o módulo das letras é muito variável independentemente da sua posição na palavra/frase e a posição das palavras na linha de escrita imaginária é muito pouco constante.

A diferença entre as formas minúsculas e maiúsculas é facilmente reconhecível na maior parte dos casos, excepto em letras como o <s>, o <c>, o <v>, o <o> e muitas vezes <i> e <j>, letras essas que variam muito mais em módulo do que propriamente em figura, o que sugere a possibilidade de terem uma função de destaque em alguns casos, a menos que, na mão responsável pela escrita deste códice, as letras em início de palavra, frase ou linha tenham, tendencialmente, uma figura aumentada.

A escrita deste códice aponta para a utilização de pena de ponta relativamente grossa e de uma tinta ferrogálica que mantém a sua tonalidade escura ao longo da escrita do códice, apesar de haver algumas zonas em que a mancha de tinta se mostra menos carregada do que noutras onde a tinta é claramente mais concentrada e escura, ao ponto de por vezes provocar a corrosão do papel (ex.: fólho das páginas 19 e 20).

Não existe decoração ao longo dos fólhos, assim como não se encontram notas nem outros elementos marginais de mão diferente da da cópia. Como se compreende pela descrição da empaginação, não existem margens com largura suficiente para que nelas se insiram quaisquer elementos. Assim, além da paginação, classificável como menção prática, assinalam-se apenas duas cruzes (p.128, na margem de goteira e alinhada com a 6ª linha de escrita; p.314, na margem

de goteira e alinhada com a 11ª) da mão do copista, as quais, dada a sua posição, parecem funcionar como menções de realce.

Há pelo menos dois elementos que parecem representar tempos de escrita distintos do da cópia:

- Um acrescento feito no final do índice do livro em causa (p.[380]), da mesma mão mas escrito com uma tinta de tonalidade mais clara:

Furto<sup>103</sup> sacrilego af 307

- Uma nota acrescentada na margem de goteira da p.322 classificável como manchete:  
+ Aires

As raras correcções de texto observadas pertencem ao copista e são feitas por sobreposição do segmento de texto erróneo. A emenda por sobreposição não permite determinar a sua cronologia mediata ou imediata. Contudo, é duvidoso que o copista tenha procedido a uma revisão geral do texto, não só pela raridade destas emendas como pelo facto de terem subsistido muitos erros por corrigir.

## 2.4. Adições Posteriores

Existem três tipos de elementos claramente adicionados depois da finalização do livro, os quais correspondem a notas escritas por dois a três leitores<sup>104</sup> nas margens ou nas entrelinhas de alguns dos fólhos do códice, e que aqui se identificam pela única característica verdadeiramente distinta entre elas – a letra:

1. Uma correcção a lápis, na margem de goteira da p.75, de um leitor que completa uma palavra em que o copista se esqueceu da última sílaba: “guardão”.
2. A inscrição do fólho de guarda [2r]: “Imprimio-se este mss: na cidade do Porto na Typografia da Revista 1845.”

Além disso, existem elementos que, pelas suas características, não podem facilmente ser atribuídos à responsabilidade de nenhum dos leitores acima:

3. Marcas frequentes ao longo do códice, com forma de cruces ou de H (horizontais ou ligeiramente oblíquos) e que se encontram ou na margem de goteira dos fólhos, alinhadas com as linhas de escrita - exs. pp.118 (l.19)<sup>105</sup>, 136 (l.38), 184 (l.22), 196 (l.19), 208 (l.7),

---

<sup>103</sup> Leitura duvidosa.

<sup>104</sup> Como se depreende do parágrafo seguinte, não foi possível verificar se as adições posteriores que aqui se descrevem são o resultado da intervenção de dois ou três leitores posteriores devido à pequena extensão da amostra analisada e ao tamanho e tipologia dessas marcas.

<sup>105</sup> Em seguida leia-se *l.* como abreviação para *marca alinhada com a linha de escrita x.*

214 (l.34 e 36), 230 (l.9), 248 (l.19), 155 (255) (l.14)<sup>106</sup>, 274 (l.11), 295 (l.11), 331 (l.28), 345 (l.35), 367 (l.29)); ou na margem de dorso dos fólhos, também alinhadas com as linhas de escrita – exs. pp.187 (l.5) e 305 (l.21). Embora estas marcas pudessem ser entendidas como marcas de leitura, a sua elevada frequência aponta para a possibilidade de serem sinais de transporte. A presença de sinais de transporte corroboraria a hipótese de este códice ter sido o original de imprensa da edição de 1845.

4. Um cancelamento na p. 296 cuja autoria e cronologia não pode ser apurada:

João Machado d'Eça filho ~~primogenito~~ de Manuel Machado de Miranda...

Aqui a palavra “primogenito” foi cancelada com uma tinta aparentemente diferente daquela com que se copiou a página, mas não é possível determinar se é uma tinta contemporânea da produção do códice ou se é resultado da intervenção de uma mão posterior. Talvez a intervenção de um leitor distante no tempo seja mais coerente com o perfil pouco corrector já descrito para este copista.

## B. Páginas 334-356 (fólios 167v-178v)

### 1. Identificação, Referências e Conteúdo

#### 1.1. Identificação

**Título:** Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto

**Autor:** Desconhecido

**Copista:** Desconhecido

**Localização no códice:** pp.334-356 (ff.286r-305v).

**Data de redacção:** 1248-1284

**Data de cópia:** 1801(?) – 1845(?)

**Referência BITAGAP:** cnum 27665

#### 1.2. História e Origem

Parte integrante do códice atrás descrito, estes fólhos partilham a sua história e origem.

#### 1.3. Conteúdo

Os fólhos contêm um testemunho da VSSB, o qual não apresenta o título pelo qual é conhecido. O texto identifica-se através das seguintes menções históricas:

**Introdução:** [334] *Na Igreja da santa se achou o livro antigo de sua vida...*

**Incipit:** [334] *Esta santa por quem Deos fas muitos milagres nom...*

**Explicit:** [356] *...derão grandes graças a Deus.*

---

<sup>106</sup> Relembre-se o erro de paginação acima mencionado (v. p. 90).

**Remate:** [356]...*Isto he o que continha aquelle antigo papel dos milagres de santa senhorinha que foi tresladado na mesma fraze antiga.*

## 2. Descrição Material

### 2.1. Composição

O texto encontra-se nas pp.334-356, correspondendo estas 23 páginas ao verso de um fólio e a mais 11 fólhos completos (ff.167-178) de papel com as mesmas dimensões dos restantes fólhos: 211 x 150 mm.

Os 12 fólhos (11 e meio) que constituem estas 23 páginas têm vergaturas verticais e pontusais horizontais, e neles são superficialmente visíveis marcas de água (ex. ff.333/334, 335/336, 337/338 e 341/342), aparentemente iguais entre si e equivalentes às marcas de água recolhidas dos ff.3/4 e 61/62), que se encontram centradas com o festo dos cadernos, isto é, incompletas pela metade na margem de dorso dos fólhos em que surgem<sup>107</sup>. Pela posição das marcas de água face aos restantes elementos da trama do papel, estes fólhos confirmam que as folhas de papel que constituíram os cadernos em que estão dispostos tinham um formato comercial de pelo menos 422 x 300 mm, e um formato bibliográfico *in-quarto*. Além disso, os fólhos destas páginas também confirmam este tipo de dobragem pelos vestígios de solidariedade na sua margem de cabeça.

Os 12 fólhos que contêm o texto encontram-se entre os cadernos 18 e 19 do códice, mais precisamente a partir do verso do 8º fólio do caderno 18, até ao verso do 7º fólio do 19. O conjunto desses fólhos ocupa cerca de 1 mm nos 25 mm de espessura total do corpo de cadernos do códice. O caderno 18 é um sénio, e o 19 é um quaterno. Os cadernos em que se distribuem as páginas do texto são cadernos regulares, isto é, a que não faltam quaisquer fólhos<sup>108</sup> e neles a paginação não apresenta erros.

A empaginação, que obedece às características gerais já descritas, foi analisada e medida no recto de quatro fólhos:

1. [p.335] – 40 linhas de escrita;  $6 + 132 + 6 \times 4 + 198 + 9$  mm;
2. [p.337] – 42 linhas de escrita;  $5 + 134 + 6 \times 3 + 200 + 8$ mm;
3. [p.339] – 40 linhas de escrita;  $5 + 134 + 5 \times 3 + 195 + 10$  mm;
4. [p.341] – 41 linhas de escrita;  $6 + 136 + 6 \times 5 + 199 + 7$  mm.

---

<sup>107</sup> Dada a falta de condições e o pequeno formato bibliográfico do livro, não foi possível fazer a recolha desta marca de água. Contudo, no f.333/334 verificou-se que os pontusais distam cerca de 28 mm entre si e que 20 vergaturas do papel ocupam também cerca de 28 mm.

<sup>108</sup> V. a tabela 23 do Anexo A, p. 411.



Em média, a empaginação das pp.334-356 tem, portanto, 40,8 linhas de escrita e as seguintes dimensões: 5,5 + 134 + 5,6 x 3,6 + 198 + 8,5 mm.

## 2.2. Escrita e Decoração

A escrita é a mesma do códice, já descrita. Não existe decoração nem elementos escritos à margem.

Sendo, como já se sabe, este copista parco em correcções, assinala-se também nestas páginas a sua raridade. Na p.356 foi reposta uma falta, com a adição do número do milagre 17, no canto superior direito da margem de cabeça. Embora a tinta pareça mais clara do que aquela com que se escreveu o restante texto da página, o facto de em nenhum outro caso o copista utilizar a margem de cabeça dos fólios (a não ser para inserir a paginação), começando sempre a transcrição na primeira linha de texto, sugere que se trata de uma emenda mediata. Prova disto é também o único outro exemplo deste texto em que a primeira linha de uma página corresponde à primeira linha de um milagre: nesta p.350, o número do milagre não foi colocado na margem de cabeça dessa página, mas no espaço deixado pelo final de parágrafo na página anterior (como é frequente neste manuscrito). Assim sendo, 17 na p.356 parece ter sido acrescentado pelo copista pelo menos depois de ter escrito a primeira linha da página.

Outras correcções são todas feitas na própria linha de escrita, não revelando distinção na tonalidade ou tipo de tinta com que são concretizadas. Vejam-se apenas os seguintes exemplos (entre outros):

- p. 338: onde se lê *avondou*, primeiro tinha sido escrito *abandonou*. O copista cancela a palavra e substitui imediatamente (na linha);
- p. 339: onde se lê *de quanto bem fes, d* parece ter sido emendando sobre o *q*.
- p. 348: onde se lê *Amigos*, primeiro parece ter sido escrito *Inimigos*. A correcção por sobreposição provocou um ligeiro borrão de tinta sobre a primeira sílaba.

A *VSSB* não foi objecto de intervenção de mãos de leitores posteriores neste códice, uma vez que não se observam marcas de leitura.

Em conclusão, a *VSSB* no testemunho G2 está integrado numa cópia das *MRAG* de Torcato Peixoto de Azevedo que, como digo a respeito de E e P, é uma obra historiográfica dedicada à cidade de Guimarães. Assim, como em E e P, a leitura hagiográfica sobre Santa Senhorinha não tinha, neste testemunho, uma função cultural, mas sim historiográfica e documental.

Quanto à funcionalidade deste códice, há que retomar o facto de ser uma cópia com poucas correcções, de não ter características paleográficas particularmente regulares, e de ter características codicológicas que apontam para a sua possível utilização como original de imprensa: lembre-se a frequência de possíveis sinais de transporte e a inserção de paginação. Dado que o impresso de 1845 apresenta as mesmas variantes significativas no texto da *VSSB* copiado neste códice, é possível confirmar que ele tenha servido como original de imprensa dessa edição (v. capítulo II, p. 217-221). O facto de ser uma cópia das *MRAG* com menor extensão do que as restantes (Testemunhos E e P) e o facto de não apresentar nenhuma das notas marginais da obra originalmente escritas por Torcato Peixoto de Azevedo são dados que apontam para uma poupança de espaço de cópia que também poderá estar de acordo com a possibilidade de o códice ter sido produzido precisamente com o objectivo de servir de original de imprensa. Assim talvez se explique o formato bibliográfico pequeno (limitativo, mas portátil e adequado às exigências e custos de uma obra impressa) e, consequentemente, parte do contexto e das razões à luz das quais se deve analisar a variação do texto deste apógrafo. Sobre isso, veja-se o capítulo III, onde se concretiza uma análise das variantes de G2.

### 1.5. ANÁLISE DAS MARCAS DE ÁGUA

A recolha e identificação das marcas de água dos códices descritos<sup>109</sup> foi feita com dificuldade, não só por não serem totalmente discerníveis nos fólhos escritos destes códices, mas também pela falta de condições para levar a cabo o decalque. Comparou-se os frágeis resultados obtidos com os apresentados em três obras de referência: Briquet (1907), Melo (1926) e Santos (2015)<sup>110</sup>. Em nenhum destes catálogos se encontram marcas de água exactamente iguais às recolhidas destes códices, pelo que a proposta de identificação deve considerar-se aproximativa.

Todas as marcas de água recolhidas são *marcas de água de efeito claro*, isto é, marcas que são mais claras do que a restante superfície do papel e que resultam «do alto-relevo da filigrana na superfície da teia da forma [do papel], onde, no momento da formação da folha, se acumulavam menos fibras, criando-se assim uma área de maior transparência por onde passa mais luz» (Santos 2015: 107). Estas marcas de água são as mais antigas, tendo sido utilizadas entre os séculos XIII e XVII, por oposição às *marcas de água de efeito escuro* que surgem no século XVIII.

---

<sup>109</sup> V. Anexo A, pp. 380-398.

<sup>110</sup> Quanto a Briquet (1907), consultou-se a versão disponibilizada *on-line*.

### 1.5.1. Testemunho G1

Em Melo (1926) as marcas de água compostas por uma elipse e por um trevo (ou trifólio) e um coração/flor nas suas extremidades datam de entre 1551 e 1650 e têm quase sempre uma provável origem em França (Angoulême). Já a marca de água composta por uma coroa é uma variante que o autor data de entre 1494 e 1500, com origem no Norte de França. Dessas marcas de água seleccionaram-se aquelas cujas características mais se aproximavam das recolhidas no códice em análise e conclui-se que as sete marcas de água recolhidas das *Lembranças* teriam de se dividir em, pelo menos, dois conjuntos diferentes: as dos ff.2 (a mesma na contra-guarda [1]), 21, 211, 223 e 230 (compostas por uma elipse com as extremidades preenchidas), e a marca recolhida do f.3 (composta por uma coroa). A terceira marca de água recolhida do f.213 deste códice não corresponde a nenhuma variante de Melo (1926), com a ajuda da qual possa ser identificada.

O primeiro grupo pareceu estar de acordo com grande parte da descrição da marca de água 114 de Melo (1926), uma marca composta por uma elipse cujo campo está preenchido por um C, encimada por um trifólio, e em cuja parte inferior existe um coração. Melo situa esta marca num papel que teria sido produzido em Angoulême entre 1601-1650. Assim sendo, embora as formas difiram ligeiramente (por exemplo, a marca do f.223 tem um F à esquerda e um L/I à direita), as marcas de água dos ff.2, 21, 211, 223 e 230 parecem apontar para a possibilidade de o papel desses fólhos ter sido importado de França (e até talvez do mesmo moinho, visto que apresentam mais ou menos sempre a mesma distância entre pontuais e a mesma distância ocupada por 20 vergaturas (entre 22 a 25 mm)). Esse papel teria sido produzido entre 1601-1650, o que torna a proposta compatível com o limite *post quem* para a produção deste códice – 1620.

Além disso, esta proposta é igualmente aceitável por comparação com as marcas de água apresentadas por Santos (2015). De facto, com semelhanças face ao primeiro conjunto de marcas recolhidas do códice G1 das *Lembranças*, há que mencionar as marcas com nº de inventário MJ 68 (de um ms. datado de 1593), MJ 146 (de um ms. datado de 1460) e MJ 17 a (de um ms. datado de 1337) porque todas apresentam pelo menos um dos elementos presentes nessas marcas de água com elipse recolhidas de G1: a primeira corresponde precisamente a uma elipse mais um trevo, a segunda a um trevo e a terceira a uma flor (talvez uma tulipa), ambas com desenhos relativamente parecidos com os das marcas deste códice. Dado que a marca MJ 68 é realmente a mais próxima das recolhidas por decalque do códice G1, à identificação proposta através das referências de Melo (1926) pode apenas ser acrescentado que, de acordo com o trabalho desta autora, estas marcas de água de G1 categorizar-se-iam da seguinte forma na classificação de

GIMA<sup>111</sup>: Classe – figuras geométricas; Subclasse – elipse; Subgrupo – elipse com trevo, coração/túlipa. Esta classificação permite apenas assumir que o papel dos ff.2, 21, 211, 223 e 230 de G1 possa ter sido produzido pelo menos entre 1593 e 1620.

Já quanto à marca de água recolhida do f.3, composta por uma coroa, a origem e datação do papel em que se encontra é um pouco mais incerta. Seguindo Melo (1926), admite-se que esta marca de água se assemelha à marca 9 catalogada pelo autor, isto é, a uma variante de coroa de um papel possivelmente produzido entre 1494 e 1500 e importado do Norte de França. Além disso, das amostras apresentadas por Santos (2015) serve destacar a marca de água com o nº de inventário MJ 1532a, recolhida de um manuscrito datado de 1630. Esta marca de referência distingue-se pela seguinte classificação de GIMA: Classe – insígnia de cargo, cetro, joia; Subclasse – coroa; Subgrupo – coroa sem arcos. As marcas deste subgrupo têm entre 23 a 30 mm de altura por 34 a 42 mm de largura e encontram-se em manuscritos do final do século XVI ou do início do século XVII. Assim, é apenas possível propor que esta segunda marca de água de G1 identifique um papel importado de França, produzido num intervalo de tempo necessariamente anterior ao limite *post quem* da produção do códice em causa – 1620 -, provavelmente entre o final do século XV e o início do século XVII.

A respeito desta segunda marca de água de G1 convém também esclarecer que não tem grandes semelhanças com muitas das marcas disponibilizadas por Briquet (1907). Contudo, talvez se possa incluí-la no conjunto dominado pelo motivo que o autor designa por *Couronne à trois fleurons (pointes ou perles) et deux demi*. Embora este motivo seja aparentemente frequente em marcas de água das mais variadas regiões e datas, note-se que a marca que pareceu mais próxima da recolhida do f.3 de G1 é a marca nº 4842, identificada num manuscrito de Luzerna datado de 1564. No entanto, há que ter em conta que esta marca apresenta ligeiras diferenças de forma para a de G1 e que se encontra dividida em duas metades por um pontusal. O pouco rigor da recolha concretizada e as diferenças ainda relevantes entre esta marca de G1 e a de Briquet (1907) não permitem utilizá-la com certeza na datação e localização do papel de f.3.

---

<sup>111</sup> A classificação e sistematização utilizadas pela autora são as aplicadas no projecto GIMA (Gabinete de Investigação de Marcas de Água), apresentado na referida obra e desenvolvido no âmbito do Centro de Estudos da História de Papel criado pela Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel (TECNICELPA). Essa classificação é importada da International Association of Paper Historians (IPH), como desde logo a autora explicita (Santos 2015:67-69). Devido à impossibilidade de estabelecer uma correspondência directa entre as marcas de água recolhidas e as expostas por Santos (2015), nem sempre a classificação atribuída está de acordo com a tabela proposta pela autora.

Por fim, e visto que em Melo (1926) não se encontra qualquer registo de uma marca de água semelhante à recolhida do f.213 de G1, apenas o confronto com as marcas apresentadas por Santos (2015) permite imaginar o que a delicadeza do desenho obtido por decalque não permitia dizer com segurança. De facto, apesar de parecer um monograma composto pelas letras <t> e <s>, a comparação com a marca com nº de inventário MJ 130 (recolhida de um ms. datado de 1433) torna possível considerar que a marca recolhida de G1 seja, na realidade, composta por um punhal seguido da letra <s>. Esta marca de referência classifica-se em GIMA da seguinte forma: Classe – defesa e armas; Subclasse – punhal; Subgrupo – punhal (no geral), sendo que tem 52 mm de altura por 19 mm de largura. Contudo, visto que o fólio onde surge esta marca de água não parece ser de uma composição necessariamente distinta dos restantes fólhos de G1, então esta referência serve apenas para reavaliar a constituição da marca, mas não para discorrer sobre a datação e origem do papel desse fólio (provavelmente produzido entre o final do século XVI e o início do XVII).

### **1.5.2. Testemunho E**

No caso do códice E, começou-se por verificar em Melo (1926) que todas as marcas de água compostas por três circunferências datavam de entre 1601 e 1750, e que tinham origem em Itália. Já as marcas de água com uma elipse sob uma coroa e suportada por dois dragões são apresentadas pelo autor como variantes de um papel proveniente de França (Angoulême) e produzido entre 1601 e 1800. Dessas marcas de água seleccionaram-se aquelas cujas características mais se aproximavam das recolhidas do códice em análise (utilizando como critério dominante o número de elementos no interior das circunferências), e conclui-se que as sete marcas de água recolhidas deste testemunho das *MRAG* teriam de se dividir em, pelo menos, dois conjuntos diferentes: as marcas dos ff.guarda [3] e [4] (compostas por três circunferências), e o conjunto das restantes cinco marcas recolhidas dos ff.17, 20, 286, 288 e 295 (compostas por uma elipse e duas circunferências).

O primeiro grupo pareceu estar de acordo com grande parte da descrição da marca de água 129 de Melo (1926), marca composta por três circunferências tangentes dispostas verticalmente sob uma coroa e que o autor situa em papel de origem italiana, produzido entre 1651 e 1700. Esta hipótese está de acordo com a informação apresentada por Briquet (1907), segundo o qual todas as marcas de água compostas por três círculos têm origem italiana (embora tenham sido adaptadas em variantes Francesas e Espanholas a partir do século XVIII), surgindo pela primeira vez entre os finais do século XIV e a primeira metade do século XV e podendo ser

encontradas até 1728 e ilustradas em muitíssimas variantes produzidas ao longo do tempo<sup>112</sup>. Assim sendo, as marcas de água presentes nos fólhos de guarda [3] e [4] parecem apontar para a possibilidade de o papel destes fólhos ter sido importado de Itália (embora não necessariamente do mesmo moinho, já que as formas das suas marcas diferem, assim como diferem as distâncias entre pontusais e as distâncias ocupadas por 20 vergaturas). De acordo com a mesma hipótese, o papel desses fólhos teria sido produzido entre 1651 e 1692 (o que é compatível com o limite *post quem* da composição deste códice – 1692).

Além disso, esta proposta está também de acordo com as informações apresentadas por Santos (2015) quanto às marcas de água do seu catálogo semelhantes às recolhidas de E. De acordo com o trabalho desta autora, estas marcas categorizar-se-iam da seguinte forma: Classe – figuras geométricas; Subclasse – circunferência; Subgrupo – três circunferências tangentes. Em todas as marcas deste sub-grupo pelo menos as duas circunferências posteriores estão preenchidas por algum desenho e/ou por monogramas; todas apresentam uma figura variável no topo da primeira circunferência (uma cruz, uma coroa, etc.); todas têm dimensões compreendidas entre 78 e 92 mm de altura e 22 e 25 mm de largura; e, por fim, todas são recolhidas de manuscritos datados da primeira metade do século XVIII. Neste aspecto, todas são semelhantes ao primeiro conjunto de marcas recolhidas do códice E das *MRAG*. Em particular mencione-se as marcas com nº de inventário MJ 431 d1 (de um ms. datado de 1714) e MJ 436 a (de um ms. datado de 1733) como referência desta comparação porque ambas, e tal como as marcas de água compostas por três circunferências de E, têm a primeira circunferência cortada por um traço convexo face ao topo da marca de água e que pode representar o que Santos (2015) inclui na seguinte categorização: Classe – céu, terra, água; Subclasse – lua; Subgrupo – quarto crescente. Esta marca surge num papel datável pelo menos de 1540, com nº de inventário MP 1.

Já quanto às restantes cinco marcas de água recolhidas – todas elas inegavelmente constituídas por uma elipse (onde está inscrita uma cruz) e duas circunferências –, a origem e datação do papel em que se encontram é ainda menos segura, visto que os outros dois elementos que parecem comuns a todas (um elemento sobre a elipse, e dois do seu lado esquerdo e direito) são muito pouco discerníveis ao longo dos fólhos do códice e, consequentemente, nos desenhos obtidos por decalque. Admite-se que estas marcas de água se assemelham às marcas 118 e 132 catalogadas por Melo (1926), isto é, marcas compostas por uma elipse suportada por dois leões, que tem no campo uma cruz alta sob coroa e na parte inferior duas circunferências tangentes

---

<sup>112</sup> Estas são variantes que o próprio autor não cataloga. Confirme-se Briquet (1907:217-218).

(preenchidas ou não por outros elementos), datáveis de entre 1601 e 1700 e que o autor supõe pertencerem a um papel com origem francesa (Angoulême). Contudo, as amostras apresentadas por Santos (2015) demonstram a muito maior proximidade das marcas de água de E com aquelas que se encontram no papel italiano designado «Papel de Génova». Todas as marcas de referência desse conjunto apresentadas por Santos (2015) encaixam na seguinte classificação de GIMA: Classe – heráldica, escudos, marcas de canteiro ou de comércio; Subclasse – escudo, brasão; Subgrupo – escudo (brasão) identificado: países, cidades e famílias, Escudo de Génova<sup>113</sup>. Além disso, todas têm dimensões entre 47 e 123 mm de altura por 40 e 88 mm de largura, e todas se detectam em manuscritos do final do século XVII ou do século XVIII.

De acordo com isto, a par da sistematicidade que o papel destes fólhos apresenta na distância ocupada por 20 vergaturas (sempre entre 18 e 19 mm) e na distância entre pontusais (sempre 17 mm), e a par da posição da marca de água face aos pontusais (nestes exemplos recolhidos de E a marca encontra-se sobre um pontusal e entre outros dois) talvez seja possível estabelecer a hipótese de que as cinco marcas de água recolhidas dos fólhos ff.17, 20, 286, 288 e 295 se assemelham às que a colecção TECNICELPA cataloga com os seguintes números de inventário: MJ 110 b (de um ms. de 1799), MJ 1430 (de um ms. de 1683), MJ 431 z (de um ms. de 1714) ou MJ 1424 (de um ms. de 1684). Posto isto, é possível identificar este segundo grupo de marcas de água de E como pertencentes a um papel italiano<sup>114</sup>, produzido num intervalo de tempo necessariamente anterior ao limite *post quem* da produção do códice em causa – 1692, provavelmente no século XVII ou até antes, dado que nessa altura «todo o papel exportado pelos genoveses para Portugal e Espanha (...) era marcado com contramarca de canto para além da contramarca principal» (Santos 2015:89-91), mas isso não é visível nos fólhos do códice E.

### 1.5.3. Testemunho P

Do códice P foram recolhidas três marcas de água distintas: a marca da guarda volante [3] (igual às da guarda [4], [7] e [9] do mesmo códice) composta por um brasão, a marca do f.203 (igual às dos ff.196, 198, 200, 201 e 206) composta pelas maiúsculas A e P separadas por um dos pontusais e, por fim, a marca da guarda volante [6] (aparentemente igual às marcas de água que

---

<sup>113</sup> Vejam-se as marcas de água catalogadas por Santos (2015:116-122).

<sup>114</sup> A designação «papel de Génova», como explica Santos, não implica necessariamente que tivesse sido produzido nessa cidade. Diz a autora que: «(...) sob a designação “Papel de Génova” era incorporado papel de outras regiões da Itália, como a Lombardia, Veneza, Toscana, Fabriano, Bolonha, dado que, praticamente todo o papel italiano era exportado através do Mediterrâneo pelo porto de Génova» (Santos 2015:89).

se observam nos ff.1, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 15, 17 e 20 e à dos ff.197, 199, 202, 205, 207 e 208), composta pelo que parece ser uma água de duas cabeças sob uma coroa.

Comece-se pelo caso do brasão do fólio de guarda [3]. Em Melo (1926) encontrou-se apenas uma marca de água composta por um brasão relativamente parecido com o que se encontra em P: marca 139, descrita como um brasão de armas com elmo e timbre, escudo partido em pala, com um lobo no primeiro quartel e com campo liso no segundo quartel. Esta marca de referência parece ter sido considerada pelo autor como uma variante de brasão datável de 1651-1700 e de origem italiana. Assim sendo, e apesar das formas diferirem, a marca de água recolhida de [3] parece apontar para que o papel desta guarda tenha sido importado de Itália e produzido numa data compatível com o limite *post quem* da composição deste códice – final do século XVIII (aproximadamente por volta de 1787).

Esta proposta é igualmente aceitável pela colação dessa marca de água com as marcas apresentadas por Santos (2015). De facto, semelhante a esta marca do testemunho P das MRAG sobretudo pelo seu formato rectangular, há que mencionar pelo menos a marca com nº de inventário MJ 467 a (de um ms. datado de 1807). Esta é uma marca que, de acordo com o trabalho da autora, permite categorizar a da guarda [3] da seguinte forma: Classe – heráldica, escudos, marcas de canteiro ou de comércio; Subclasse – escudo, brasão; Subgrupo – escudo (brasão) não identificado. Certo é que esta classificação só permite considerar que o papel das guardas [3], [4], [7] e [9] de P possa ter sido produzido pelo menos entre 1651 e 1807.

Já a segunda marca recolhida de P – a marca do f.203, composta pelas letras A e P – parece facultar um pouco mais de informações quanto à possível origem e datação do papel em que se encontra. Admite-se que esta marca de água se assemelha à marca 155 catalogada por Melo (1926), isto é, a uma variante de flor-de-lis datável de 1701-1750, de um papel importado do Norte de França. Embora a sua datação seja compatível com a datação do códice P, esta é uma marca cujo motivo dominante é o da flor-de-lis onde se observam, na parte inferior, as letras A.P. Contudo, existe pelo menos uma amostra de Santos (2015) que torna difícil a utilização da referência de Melo (1926) sem pelo menos colocar em causa a origem do papel destes fólhos – trata-se da marca de água catalogada pela autora com o nº de inventário MJ 944, recolhida de um manuscrito datado de 1812 e cuja contramarca é precisamente um monograma composto por AP. Esta marca de referência encaixa na seguinte classificação de GIMA: Classe – heráldica, escudos, marcas de canteiro ou de comércio; Subclasse – escudo, brasão; Subgrupo – escudo (brasão) identificado: países, cidades e famílias. Escudo Português. As marcas deste subgrupo têm entre 86



a 206 mm de altura por 72 a 145 mm de largura, e encontram-se em manuscritos do final do século XVIII ou do início do século XIX. Posto isto, veja-se como Santos (2015) identifica a contramarca AP como uma marca de água «portuguesa» mas de fabrico italiano. Diz a autora que este era um papel produzido por António Pollera, cuja família, oriunda de Génova, estaria estabelecida na região de Luca no século XVIII e onde detinham várias unidades papelarias. Esta contramarca é frequentemente utilizada junto de marcas que representam as armas de Portugal. Assim sendo, e dado que a marca dos ff.203, 196, 198, 200, 201 e 206 não é uma contramarca nem um monograma, é apenas possível considerar que possa identificar um papel possivelmente importado de Itália e produzido necessariamente antes do final do século XVIII (provavelmente entre o final desse século e o início do século XIX).

Por fim, veja-se a terceira marca de água recolhida do fólio de guarda [6] e aparentemente dominante no corpo dos fólhos de P. Em Melo (1926) a única marca de água minimamente semelhante à recolhida desta guarda é a 158, descrita pelo autor como composta por uma circunferência encimada por uma águia, tendo no campo e em cruz as letras SMSAS e um monograma constituído por CP. Esta é uma marca que Melo localiza num papel datável de 1701-1750 e produzido em Itália, o que parece estar não só de acordo com a janela temporal em que o códice terá sido composto, mas também com a tão frequente importação de papel italiano para Portugal pelo menos até meados do século XIX.

O confronto desta marca de água com as marcas apresentadas por Santos (2015), embora não acrescente muita informação a respeito da origem do papel deste códice, parece disponibilizar informações relativamente mais seguras a respeito da sua datação do que as recolhidas por Melo (1926). Veja-se a marca com nº de inventário MJ 349 b de Santos (2015), recolhida de um manuscrito datado de 1814. Esta marca de referência permite categorizar esta terceira marca de água de P de acordo com a classificação GIMA que se segue: Classe – aves; Subclasse – águia; Subgrupo – águia de duas cabeças. Embora a marca de Santos (2015) tenha dimensões relativamente maiores do que a obtida por decalque do fólio de guarda volante [6] (MJ 349 b tem 121 mm de altura por 93 mm de largura), a verdade é que os motivos utilizados e o tipo de estrutura permitem considerar que o papel dos ff.[6], 1, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 15, 17, 20, 197, 199, 202, 205, 207 e 208 talvez date do final do século XVIII ou inícios do século XIX.

Também a favor desta proposta de datação é o facto de ser possível seleccionar duas marcas de água relativamente semelhantes à da guarda [6] em Briquet (1907): nº 262 e 265. Estas incluem-se num conjunto dominado pelo motivo que Briquet designa por *Aigle à deux têtes*,

*Signes sur la poitrine: armoiries ou croix, fleurs, corne ou monts*, ambas recolhidas de um papel com origem Alemã (de Sayn e Waldbach, respectivamente) e aparentemente datável do final do século XVI. No entanto, ao contrário da marca de água com águia de duas cabeças de P, esta tem traços ligeiramente diferentes que tornam as informações de Briquet menos fiáveis na datação do papel deste códice (por exemplo, ao contrário de todas as marcas de referência mencionadas, as cabeças da águia em P estão viradas para dentro). Além disso, e embora a Alemanha não tenha sido o ponto de importação a que Portugal mais recorreu, tendo em conta que o plágio de marcas de água foi desde sempre uma realidade, o rigor do desenho desta marca torna impossível descartar a possibilidade de o papel destes fólhos ter sido importado de Itália ou Alemanha, e produzido entre o final do século XVIII e o início do XIX.

#### **1.5.4. Testemunho G2**

No códice G2 das *MRAG* foi detectada apenas uma marca de água repetida ao longo dos fólhos do volume. No entanto, essa marca foi recolhida dos fólhos equivalentes às páginas 3/4 e 61/62 com muita dificuldade não só devido à falta de condições disponibilizadas para essa recolha, mas também devido à posição em que se encontra num volume pequeno e cujos fólhos resultam de dobragem de folhas de papel *in-quarto*.

Assim sendo, é apenas possível descrevê-la de forma muito rudimentar apelando ao facto de as suas formas básicas fazerem lembrar um escudo bastante simples sob o qual estão algumas letras. Apesar de algumas dessas letras serem legíveis, o resultado obtido (IRVNDNIN(R)EID) não é nítido o suficiente para que se possa ler alguma palavra, expressão ou sigla identificável.

Apesar destas dificuldades foi possível examinar brevemente toda a secção de Santos (2015) dedicada à Classe – heráldica, marcas de Canteiro, comércio, escudos e à Subclasse – escudos (brasão) (Santos 2015:82-116). Contudo, durante essa análise não se encontrou nenhum brasão tão simples quanto o de G2, nem nenhuma marca equivalente ou semelhante à sequência de letras desta marca. Assim, e utilizando como critérios a simplicidade do escudo e a extensão do nome do fabricante, só foi possível comparar minimamente esta marca de G2 com as marcas de água de Santos (2015) catalogadas com os números de inventário MJ 321 b, MJ 1084 e MJ 1237. Sobre elas importa apenas salientar que datam todas da primeira metade do século XIX, mas esta informação não serve para datar e identificar o papel utilizado na produção do códice G2 dada a fragilidade da colação concretizada.

### 1.5.5. Conclusão

Tendo em conta que as hipóteses de datação e origem acima apresentadas estão não só de acordo com as datas limite depois das quais os códices poderão ter sido produzidos, note-se que também concordam com a informação a respeito dos países europeus em que esta indústria já estava avançada no século XVII e com os quais Portugal mantinha algum tipo de relação comercial (possibilitando a importação de papel). Sobre a importação de papel para Portugal concordam Melo (1926:18) e Santos (2015:83-85).

Por fim, é necessário ter em conta que a constituição da obra de Melo (1926) torna mais evidente a incerteza das propostas apresentadas, pois apresenta uma lista de marcas de água encontradas sobretudo em livros impressos. Quer isto dizer que a obra do autor ilustra, sobretudo, a importação e utilização do papel nas tipografias portuguesas, o que pode não corresponder exactamente à produção manuscrita do livro ainda levada a cabo nessa época<sup>115</sup>.

---

<sup>115</sup> Apesar disso, consultou-se o «Índice Geral» desta obra em busca de alguma obra publicada em Guimarães, com cujas marcas de água se pudessem comparar as do códice em análise. Melo não utilizou nenhuma obra publicada em Guimarães, mas verificou-se os locais de impressão mais próximos por ele listados – Braga e Porto. Contudo, os exemplos a que o autor recorre não só foram publicados muito depois de 1620, como nenhum deles apresentava marcas minimamente semelhantes às recolhidas nestes códices.

## 2. EDIÇÕES SEMIDIPLOMÁTICAS

A edição semidiplomática dos testemunhos E, P e G2 pretende disponibilizar transcrições dos testemunhos com um grau baixo de intervenção editorial, ou seja com a conservação das suas lições características: erros, lacunas e grafias. Ao contrário de edições diplomáticas (também chamadas paleográficas) - isto é, edições mais conservadoras que reproduzem rigorosamente a lição de um testemunho e as suas características externas - estas edições semidiplomáticas não conservam necessariamente as abreviaturas ou uso de maiúsculas/minúsculas do testemunho porque se regem por um critério de utilidade. Quer isso dizer que, se é possível estabelecer critérios semânticos para explicar certas diferenças na figura e módulo das letras ou a utilização de pontuação, então preservam-se essas especificidades dos testemunhos. Se, por outro lado, as características físicas das letras, o desenvolvimento assinalado de abreviaturas ou a actualização da pontuação não interferem no conteúdo substantivo do texto editado, então não se conservam essas características porque podem não só dificultar a interpretação do texto, mas também criar a ilusão de que assinalam diferenças substantivas que o editor, não tendo certeza sobre elas, não deve sugerir injustificadamente.

Desta forma, e sem dar destaque a atributos dispensáveis à interpretação do texto, a edição semidiplomática dos testemunhos desta tradição pretende tornar esse texto acessível tal como se lê em cada um dos três manuscritos inéditos e, consequentemente, disponibilizar dados fiáveis e consistentes para a análise linguística do testemunho G1, a análise das variantes de G2 e para o estudo da transmissão do texto que se empreende no segundo capítulo desta dissertação. Destinadas à publicação no CTA (do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) onde já se encontrava disponível o testemunho G1 editado por Cristina Sobral, estas edições serão publicadas *on-line* e, consequentemente, virão alargar o público e as condições de acesso ao texto, ao mesmo tempo que, como objecto digital, se mantêm um produto actualizável, capaz de acolher futuras alterações que o aprofundamento do estudo ou a participação colaborativa de outros utilizadores revelar pertinentes<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> Consultem-se estas edições semidiplomáticas de E, P e G2 respectivamente em:

<http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=file&id=M5602T12967.xml>

<http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=file&id=M5692T12967.xml>

<http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=file&id=M5308T12967.xml>

Tomou-se por base os critérios de edição e as normas de transcrição aplicados no *CTA*<sup>117</sup>, aos quais foi necessário fazer ajustamentos e adições que respondessem à especificidade dos manuscritos agora editados. Particularidades paleográficas, descritas de um modo geral nas secções dedicadas à Escrita e Decoração da descrição codicológica de cada testemunho, explicam a necessidade de estabelecer normas para a transcrição de maiúsculas ou minúsculas, ou para a decifração de alguns grafemas fundada na análise minuciosa da sua figura e/ou módulo.

O critério do *CTA* segundo o qual as palavras devem ser transcritas juntas ou separadas de acordo com a grafia actual não responde imediatamente às palavras do português antigo que hoje já não se utilizam (pelo menos não com a mesma acepção) e, conseqüentemente, foi necessário tomar decisões específicas para a transcrição desses casos.

Foi ainda necessário decidir como transcrever cada um dos manuscritos de forma a representar adequadamente a mancha de texto de cada um deles.

Tendo em conta que a edição de três testemunhos de um mesmo texto evidentemente beneficia da sistematização de normas de transcrição comuns (por exemplo, quanto à pontuação, acentuação, sinalização de erros e da anotação do texto), mas exige realçar as particularidades de cada manuscrito, optou-se por ajustar a estrutura das normas do *CTA* aos objectos deste trabalho.

## **2.1. CRITÉRIOS DE EDIÇÃO**

1. Todos os textos são introduzidos por um cabeçalho que inclui os dados fundamentais para a sua identificação.
2. Todas as edições são semidiplomáticas.
3. Todas as edições observam as mesmas normas de transcrição. Para representar certas particularidades dos manuscritos são adicionadas normas de transcrição específicas que, na futura publicação no *CTA*, serão apresentadas em Notas no cabeçalho introdutório.
4. Informação codicológica e bibliográfica mais detalhada deve ser consultada nas descrições codicológicas dos testemunhos e confrontada com a informação BITAGAP, para a qual remetem as referências Manid e Texid de cada texto.

---

<sup>117</sup> Consultáveis em <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=criterios>.

## 2.2. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

### 2.2.1. Utilização de Maiúsculas ou Minúsculas

- O critério que estabeleceu a utilização das *maiúsculas* e *minúsculas* disponíveis na ortografia actual teve por base a *figura* dos caracteres de escrita, isto é, a sua forma externa e os traços que permitem reconhecer a letra em causa.
- O *módulo* das letras (entenda-se, o tamanho relativo dos caracteres de escrita) só é tido em conta se e quando for possível identificar alguma sistematicidade com base num critério adequado (ex. um critério semântico) que permita afirmar com certeza que o aumento/diminuição da letra tem uma função de destaque pretendida pelo copista.
- O *ductus* das letras (entenda-se, o modo como são concretizadas traço a traço) é tido em conta não só na transcrição como maiúsculas ou minúsculas, mas também sempre que a sua análise esclareça as diferenças entre algumas figuras que se possam confundir.
- A distinção entre *maiúsculas* e *minúsculas* é feita de forma independente em cada manuscrito e de acordo com as características da letra da mão do copista responsável por esse testemunho.
- Não se registam nem justificam casos em que a diferença entre a figura *maiúscula* e *minúscula* é tão evidente que não causa qualquer tipo de hesitação de leitura (ex. <a> minúsculo e <A> maiúsculo, na maioria dos manuscritos).
- Nas letras em que houve algum tipo de hesitação na distinção entre as figuras *maiúsculas* e *minúsculas*, as opções tomadas justificam-se em normas de transcrição redigidas especificamente para cada um dos manuscritos.
- Independentemente das opções de transcrição especificamente estabelecidas para cada manuscrito, serão transcritas sempre como maiúsculas as letras de início de capítulo, título ou parágrafo, não só porque em todos estes testemunhos dominam os casos em que se lêem letras com uma figura maiúscula bastante distinta nestas posições, mas também porque os casos em que isso não acontece dizem precisamente respeito às figuras pouco distintas sobre as quais houve necessidade de tomar uma decisão particular.

O mesmo acontece quanto aos nomes próprios de pessoas e lugares. Visto que em todos os manuscritos editados a maioria dos nomes próprios está escrita com figuras incontestavelmente maiúsculas, assume-se que um substantivo que identifica algo de modo específico (uma pessoa, um lugar, uma entidade geográfica) funciona para os três copistas como indicador de valorização semântica suficientemente enfática para ser representada por

maiúscula – isto é, com função de destaque. Consequentemente, todos os nomes próprios serão transcritos com maiúscula inicial, mesmo que isso possa estar em desacordo com alguma norma redigida para uma dada letra de algum testemunho.

- O mesmo tipo de decisão já não se aplica no início de frase/oração/coluna de texto, isto é, na transcrição das letras iniciais de palavras localizadas depois de sinal final de pontuação ou na mudança de página porque isso não é sistemático na mão de todos os copistas. Consequentemente, a localização das letras nestas posições não será utilizada como argumento a favor ou contra a transcrição de maiúsculas ou minúsculas.

#### **2.2.1.1. Ms. E**

##### **Maiúsculas e Minúsculas**

- <a> e <A> em início de palavra.
  - <a> com forma minúscula mas aumentado será sempre transcrito como minúscula (independentemente do seu módulo e apesar de surgir em palavras nas quais o aumento de módulo podia ter alguma função de destaque), pelas seguintes razões:
    - depois de sinais de pontuação nem todos os <a> são maiúsculos – há muito mais casos de <a> claramente minúsculos e com o mesmo módulo que o corpo das restantes letras minúsculas;
    - embora alguns casos pareçam letras de destaque, a maioria das palavras em que esse <a> aumentado ocorre também se atestam com a figura minúscula normal e com <A> claramente maiúsculo (exs.: <a/Ama>, <a/Alma>, <a/Agoa>, <a/Amiga>, <a/A> (palavra gramatical), etc.);
    - não existindo sistematicidade no módulo, não é possível saber em que palavras o copista responsável por este manuscrito utilizaria <a> minúsculo aumentado com uma função enfática típica das letras de destaque;
    - a não representação do destaque por aumento do <a> minúsculo não apaga nenhuma informação relevante para a finalidade da edição semidiplomática.
    - a ocorrência de <a> minúsculo aumentado apenas em início de palavra está de acordo com um dos traços característicos desta mão cursiva: a tendência para iniciar as palavras com letras ligeiramente aumentadas (em comparação com as figuras minúsculas da escrita corrente da coluna de texto).
- <c> e <C> em início de palavra.
  - Existem duas formas distintas da letra que foram interpretadas como maiúsculas ou minúsculas, independentemente do módulo. A distinção faz-se pelo facto de a letra minúscula nunca descer abaixo da linha de escrita, enquanto a maiúscula desce e estende-se numa curva

à esquerda até à largura ocupada pela primeira letra da palavra seguinte. A forma maiúscula ocorre quase sempre em palavras em que é possível que essa figura seja usada como elemento de realce (o que não significa que as palavras em que ocorra também não sejam atestadas no texto com a figura minúscula, nem que não existam pelo menos uma a duas ocorrências desta forma maiúscula em palavras com evidentemente nenhum valor semântico a destacar no contexto em que se encontram).

Na figura minúscula <c> existe alguma oscilação no módulo que não será representada na transcrição porque os casos de <c> minúsculo aumentado:

- parecem ocorrer aleatoriamente no manuscrito (as palavras em que ocorrem nem sempre são escritas com maiúsculas e, antes pelo contrário, ocorrem mais como letras com figuras minúsculas – exs. <cazar>, <cara>, <castigos>, <costume>, <couza>, <costas>, <chuiva>, <cuíta>, <collo>, <crede>, etc.);
  - surgem muito na palavra *ca* e depois de sinal de pontuação (<,> <;> ou <.>), mas a verdade é que depois destes sinais existem mais palavras iniciadas com formas minúsculas do que com maiúsculas;
  - não são tão definidos que permitam afirmar que existe uma verdadeira distinção entre apenas dois <c> minúsculos, um mais pequeno e outro mais aumentado, mas sim várias gradações do módulo da letra que impedem que se interprete o aumento de módulo como um elemento de destaque representável na edição;
  - só ocorrem em início de palavra/linha/coluna de texto, levantando o problema de transcrição apenas nessas situações. Isso está de acordo com o facto de esta mão cursiva atacar as palavras de forma aumentada nessas posições, mas sem uma sistematicidade semântica que fundamente uma função de destaque dessas letras;
- <e> e <E> em início de palavra.

Serão transcritas como minúsculas todas as que têm figura baixa e redonda, e que se caracterizam por um *ductus* a dois traços e um tempo (em que o primeiro traço é ascendente com uma curva à direita e o segundo é descendente com uma ligeira curva à esquerda, gerando um pequeno olhal no corpo da letra (Fig. 1<sup>118</sup>)). Assim, apesar de existirem alguns casos em que esta figura minúscula surge aumentada em início de palavra (Fig. 2), visto que isso ocorre de forma assistemática e está de acordo com a tendência desta mão para iniciar as palavras com letras ligeiramente aumentadas, então esses exemplos esporádicos transcrevem-se também como letras minúsculas, pois o seu destaque não traria qualquer benefício à leitura do texto deste testemunho.

---

<sup>118</sup> As imagens, por serem obtidas com a ferramenta de recorte do Windows, não permitem representar com rigor o módulo relativo das figuras.



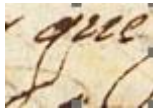


Fig. 1 (f. 286v)



Fig. 2 (f. 286v)

Já quanto à forma maiúscula desta letra, ocorre sempre em início de palavra (e em palavras nas quais a figura parece ter uma função de realce semântico), mas não necessariamente em início de linha. Apesar de se terem identificado duas figuras distintas, serão ambas tomadas como concretizações da figura maiúscula da letra <E>.

O primeiro caso (que é também o mais frequente ao longo do manuscrito) corresponde a um <E> ligeiramente mais alto do que a escrita corrente, resultando de um *ductus* em três traços a um tempo (Fig. 3): o primeiro traço é ascendente e curvo à esquerda; os dois seguintes são traços descendentes e curvos à direita, colocados um sobre o outro (alguns, pela cursividade da escrita, acabam por ter curvas mais arredondadas e outros curvas ligeiramente mais angulosas). A segunda figura que também se considerou maiúscula é um <E> também mais alto do que o restante corpo das letras minúsculas, mas que corresponde a uma concretização cursiva de <&>, realizada a quatro traços e (provavelmente) a um tempo (Fig. 4): o primeiro traço é ascendente e curvo à direita, continuando para um traço descendente e ligeiramente curvo à esquerda, formando um pequeno olhal na letra; de seguida o terceiro traço é ascendente e curvo à esquerda, e o último traço é descendente, mais longo e curvo à direita. Esta figura corresponde a um sinal gráfico recuperado da letra carolina pelos humanistas que o interpretam, já não como uma mera ligadura entre os grafemas <e> e <t>, mas como um sinal abreviativo de um étimo – *et*. No entanto, como a edição semidiplomática tem como objecto um testemunho da VSSB em português, este caso não será tratado como uma abreviatura de *et*, porque em latim essa forma discordaria do restante texto em português – por essa razão talvez se possa extrapolar que o copista a tome simplesmente como mais uma forma maiúscula da letra <E>. Contudo, e preservando a possibilidade de assim não ser, na edição anota-se em rodapé o primeiro caso em que ocorre esta figura (Fig. 4), salientando-se aqui que volta a ocorrer várias vezes ao longo do manuscrito (ff.287v, 288v (duas ocor.), 290r (três ocor.), 292r (duas ocor.), 292v, 293r (duas ocor.), 298r, 300r, 303v (duas ocor.), 305r (duas ocor.) e 305v.



Fig. 3 (f. 286v)



Fig. 4 (f. 286v)

- <i>, <j>, <I> e <J>.

Não existe dificuldade em estabelecer a diferença paleográfica entre <i> e <j> minúsculos, apesar de serem ambos representações gráficas de [i], porque o primeiro nunca desce abaixo da linha de escrita (curto), mas o segundo sim (longo).

Já quanto às formas maiúsculas, a diferença entre a representação gráfica curta e longa não parece existir, e a distinção entre <j> minúsculo e <J> maiúsculo não é muito evidente. Assim, como <i> nunca desce abaixo da linha de escrita (seja maiúsculo ou minúsculo), não existe nenhuma forma maiúscula que corresponda a <I> (prova disso são os exemplos de início de capítulo <Jazendo> e <Jsto>, iniciados exactamente pela mesma forma (Figs. 5 e 6, respectivamente)).



Fig. 5 (f. 288v)



Fig. 6 (f. 305v)

Como <I> e <J> foram apenas duas figuras da mesma letra, aqui o problema está em compreender se existe uma diferença clara entre <j> minúsculo e <J> maiúsculo no início de palavra/linha/página neste manuscrito. Visto que o <j> minúsculo que surge frequentemente em meio de palavra (composto por dois traços a dois tempos (Fig. 7) – o primeiro um traço longo, descendente e com uma ligeira curva à esquerda, e o segundo um ponto no topo desse traço) é uma figura que, por vezes, também ocorre em início de palavra, será transcrita com a forma minúscula (<j>) em qualquer uma das posições. Em contrapartida, existe outra forma que só ocorre em início de palavra/linha/parágrafo, distinguindo-se não só por ser ligeiramente mais alta e terminar frequentemente num traço ascendente e curvo à direita, criando um olhal largo, mas também por se iniciar sempre num traço mais ou menos curto, ascendente e oblíquo à direita (isto é, com um *ductus* composto por três traços realizados em dois tempos (Fig. 8)). Apesar de esta forma surgir em algumas palavras nas quais dificilmente seria utilizada como figura de destaque (exs. <Ja> (f.299v), <Jazendo> (f.297r), <Jamais> (f.293r) e <Jgre//Ja> (f.293v), em verbos, advérbios e num caso de mudança de linha), também há que ter em conta o facto de ser esta a figura utilizada nas únicas duas ocorrências desta letra em início de parágrafo (posição em que a maioria das letras deste manuscrito tem uma forma maiúscula). Por esta razão, esta figura será transcrita sempre como um <J> maiúsculo, preservando o eventual significado dessa distinção.

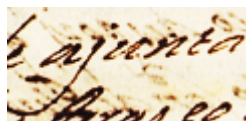


Fig. 7 (f. 287v)

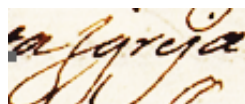


Fig. 8 (f. 298v)

- <m> e <M> em início de palavra.

O <m> minúsculo em início, meio e final de palavra parece ter sempre a mesma forma, caracterizada por um *ductus* aparentemente composto por seis traços realizados a um tempo, e cujo primeiro traço tem ataque em cima, é curto, oblíquo à esquerda e ascendente. Na cursividade da escrita esta forma minúscula de <m> acaba assim por se revelar particularmente angulosa e oblíqua, e o seu tal traço de ataque (como uma terceira perna muito curta) contribui em muito para essa angulosidade (Fig. 9).

A forma maiúscula de <M> é bastante distinta em inícios de capítulo/subtítulos, diferenciando-se da forma minúscula não só por ser bastante mais arredondada, mas também porque o seu *ductus* se inicia em baixo, ao nível da linha de escrita, por um primeiro traço descendente, curto e curvo à direita, que imediatamente se liga a um segundo traço ascendente da primeira perna do <M> (Fig. 10). Esta particularidade faz com que, nos casos em que a letra foi desenhada com mais cuidado, se identifique claramente um pequeno olhal aberto ou fechado (e, por vezes, até totalmente preenchido por tinta). Esta figura será transcrita como <M> maiúsculo, independentemente do seu módulo (muitas vezes quase do tamanho das restantes letras minúsculas) e da posição da palavra em que surge no manuscrito. Esta opção é suportada pelo facto de esta figura poder ter alguma função de destaque na maioria das palavras em que ocorre (e embora existam pelo menos três excepções: <Muy> (f.288r), <Mantimento> e <Mereceres>, (f.288v)).

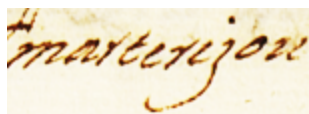


Fig. 9 (f. 286r)



Fig. 10 (f. 293v)

- <n> e <N> em início de palavra.

Apesar de existirem duas formas da letra que são frequentemente aumentadas, uma delas tem exactamente a mesma figura que o <n> minúsculo (evidente em qualquer uma das outras posições nas palavras). Assim, as figuras minúsculas distinguem-se das maiúsculas por uma clara diferença na forma: as primeiras têm um *ductus* cujo traço inicial tem ataque em cima

(Fig. 11) - tal como as formas dos <m> minúsculos com uma pequena haste no topo -, e as formas maiúsculas têm ataque do primeiro ao nível da linha de escrita (Fig. 12).

Todos os casos de <n> minúsculos aumentados serão transcritos como minúsculas (Fig. 13), não só pela sua figura, mas também porque não parecem ocorrer de forma sistemática em palavras onde pudessem ter uma determinada função de destaque evidente. Esta assistematicidade dos casos de <n> aumentados está também de acordo com a tendência desta mão cursiva em atacar algumas palavras com um ligeiro aumento nas letras iniciais. Esta opção também se justifica pelo facto de existirem alguns casos (embora poucos) de <N> maiúsculo com um módulo pequeno (quase do tamanho das restantes minúsculas da escrita corrente do manuscrito) e que serão transcritas como maiúsculas independentemente disso.



Fig. 11 (f. 290v)



Fig. 12 (f. 294r)



Fig. 13 (f. 290v)

- <o> e <O> em início de palavra.

Parece existir uma ligeira diferença entre a figura da letra minúscula e da letra maiúscula, sendo a primeira, por norma, não só mais pequena, redonda ou ligeiramente oval, mas também com um *ductus* com ataque e saída no topo da letra, fechando a maior parte das vezes num pequeno olhal e deixando frequentemente uma certa concentração de tinta no topo da letra devido ao traço descendente e curvo à direita com que termina (traço esse tão visível quanto mais largo for o olhal da letra resultante) (Fig. 14). A figura maiúscula, que ocorre incontestavelmente em alguns casos de início de subcapítulo (exs. nos ff.300r e 301v) não só é muito aumentada, como tem a particularidade de fechar completamente sobre si e, na maioria dos casos, ter um *ductus* cujo ataque e saída ocorrem no lado esquerdo da forma, onde se projecta um terceiro traço relativamente longo, descendente e por vezes curvo para o interior do olhal (Fig. 15). Excepção é uma forma de início de capítulo que parece ter um *ductus* semelhante ao da forma minúscula, mas que é tão aumentada que não pode ser transcrita como minúscula (Fig. 16).

Contudo, existem alguns casos em que a letra tem uma figura semelhante à minúscula, mas um módulo aumentado (Fig. 17). Como nesses casos não se verificou a aplicação de um critério semântico que os justificasse como letras de destaque, e como a posição mais frequente em que ocorrem é depois de sinais de pontuação (<,>, <;> e <.> ) onde até ocorrem

mais letras minúsculas do que maiúsculas, serão transcritos sempre como minúsculas, já que o interesse meramente paleográfico de preservar o seu módulo aumentado não é produtivo à luz dos objectivos desta edição semidiplomática.

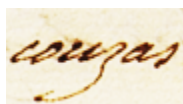


Fig. 14 (f. 287v)



Fig. 15 (f. 300r)



Fig. 16 (f. 299v)

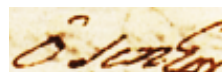


Fig. 17 (f. 287v)

- <r> e <R> em início de palavra.

Em meio e em final de palavra não é difícil identificar a forma minúscula da letra utilizada por este copista (Fig. 18). Contudo, em início de palavra não só essa forma minúscula nunca é utilizada como todas as palavras iniciadas por esta letra oscilam entre duas figuras aumentadas, nenhuma delas próxima da forma minúscula, mas ambas semelhantes entre si (distinguindo-se apenas por um traço). A primeira dessas formas tem um *ductus* composto por quatro traços realizados a dois tempos (Fig. 19), sendo que no primeiro tempo se realiza um traço descendente que termina numa ligeira curva à esquerda na linha de escrita; e que no segundo tempo se realiza um traço ascendente e oblíquo que se inicia à esquerda do primeiro traço, depois um traço descendente e oblíquo à direita, e por último, um traço ligeiramente ascendente e curvo à direita. A segunda forma é constituída apenas pelos traços do segundo tempo da primeira forma (Fig. 20).

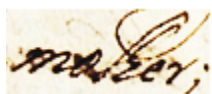


Fig. 18 (f. 287r)

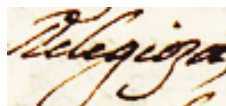


Fig. 19 (f. 287r)

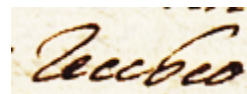


Fig. 20 (f. 287r)

As duas figuras serão transcritas como letras minúsculas, sem distinção entre ambas e sem distinção do <r> minúsculo de meio/final de palavra, pelas seguintes razões:

- todas as palavras que se iniciam com esta letra oscilam entre essas duas formas;
- as formas em causa são ambas aumentadas, o que é frequente nesta mão;
- as formas em causa são muito semelhantes entre si, distinguindo-se apenas por um traço que pode ter sido suprimido em alguns casos por simples abreviação (a forma composta por três traços é muito menos frequente do que a composta por quatro traços);
- não parece existir sistematicidade no tipo de palavras em que se utiliza uma e outra forma. Prova disso é que existem palavras em que ocorrem ambas as figuras (exs. <razom>, <religioza>, <rogando>, <responderão>, <recebeo>, <roupa>, <rezar>, <rogo(s)> (Figs. 21 e 22)). Além disso, em qualquer um dos conjuntos de palavras que utilizam cada

uma destas figuras, existem sempre palavras onde a sua utilização com função de destaque não faz qualquer sentido (exs. <reuogar>, <receber> (Fig. 23) e muitas outras formas verbais a meio de frase). Por fim, note-se que os casos que podiam utilizá-las como letras de destaque não se explicam facilmente sob a aplicação de um critério semântico definido;

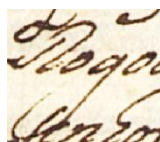


Fig. 21 (f. 288r)



Fig. 22 (f. 286v)

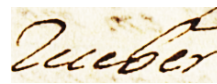


Fig. 23 (f. 289r)

- não existe nenhum <R> em início de subtítulo/subcapítulo (onde as letras têm sempre uma forma maiúscula) com que se possam comparar estas formas, fundamentando outra decisão;

Apesar disto, regista-se em nota a primeira ocorrência de cada uma destas figuras de <r> minúsculo inicial, salvaguardando a alternância assistemática entre elas.

- <s> e <S> em início de palavra.

A letra desta mão apresenta, aparentemente, cinco tipos de <s>:

- <s> curto em meio de palavra;
- <s> longo em meio de palavra (sobretudo no dígrafo <ss>);
- <s> curto em final de palavra;
- <s> curto em início de palavra;
- <s> longo também em início de palavra.

Quanto às formas em meio e final de palavra não parece haver dúvida quanto à sua figura minúscula. O mesmo não se aplica aos casos de <s> inicial, que oscilam entre um <s> relativamente curto com base ao nível da linha de escrita, mas que se alonga até um pouco acima da altura do corpo das restantes letras minúsculas, (Fig. 24); e um <s> longo que se estende acima da altura média do corpo das letras minúsculas e bastante abaixo da linha de escrita (Fig. 25).

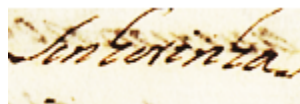


Fig. 24 (f. 286r)



Fig. 25 (f. 286r)

Ambos estes <s> serão transcritos como figuras minúsculas, visto que ocorrem de forma não sistemática, não sendo possível estabelecer um critério definido que tenha sido aplicado na sua

utilização. Assim, se <s> longo muitas vezes parece maiúsculo por ser aumentado, será sempre transcrito como minúscula pelas seguintes razões:

- tal como o <s> curto de início de palavra, ocorre tanto em palavras que podiam ter algum destaque semântico (nomes próprios, substantivos religiosos, etc., (Fig. 26)) como noutras em que essa função não faz sentido (pronomes possessivos, advérbios, formas verbais, etc. (Fig. 27));
- o único <S> evidentemente maiúsculo de E (início de um subcapítulo) é bastante mais curvo e arredondado na sua base e não necessariamente tão longo (Fig. 28);
- embora aumentada por estar em início de palavra, a forma deste <s> longo é igual ao <s> longo que ocorre frequentemente em meio de palavra na primeira posição do dígrafo <ss> (Fig. 29), o que sustenta a hipótese de a utilização desta figura em início de palavra estar quase sempre associada à existência de uma ligadura com a última letra da palavra anterior, com a letra seguinte, ou com ambas;
- as hastes superiores e inferiores deste <s> longo são tão alongadas quanto as de outras letras com o mesmo tipo de traço base (como é o caso do <f> minúsculo, (Fig. 30)), letras essas cujas figuras maiúsculas e minúsculas não se confundem;
- a representação desta diferença paleográfica não parece essencial ao cumprimento dos objectivos desta edição semidiplomática;

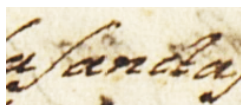


Fig. 26 (f. 292r)

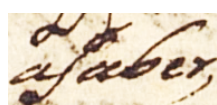


Fig. 27 (f. 291vr)

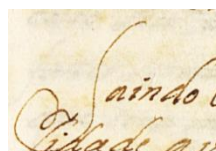


Fig. 28 (f. 298r)

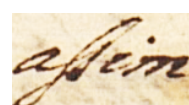


Fig. 29 (f. 288v)



Fig. 30 (f. 289r)

- <v> e <V> em início de palavra.

Em início de palavra esta letra parece ter sempre a mesma forma na mão deste copista, oscilando apenas no módulo com que se apresenta. Assim, à excepção dos poucos casos de <V> com uma figura maiúscula em início de subcapítulo (nos quais a letra tem uma forma muito semelhante à minúscula, distinguindo-se apenas por uma maior extensão e curvatura do seu primeiro traço ascendente e por um módulo bastante maior, (Fig. 31)), os restantes casos de <v> (Fig. 32), quer em início quer em meio de palavra, parecem ter todos a mesma forma, apesar de alguns <v> iniciais apresentarem um módulo ligeiramente mais aumentado do que o restante corpo médio das letras minúsculas (Fig. 33).



Fig. 31 (f. 289v)

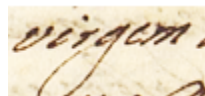


Fig. 32 (f. 289v)



Fig. 33 (f. 289v)

Todos os casos de <v> inicial serão transcritos como letras minúsculas



(independentemente do seu módulo) pelas seguintes razões:

- a letra cursiva deste manuscrito tende a aumentar algumas formas em início de palavra;
- não parece ter sido aplicado qualquer critério semântico definido que justifique a utilização destas formas aumentadas como letras de destaque, visto que não se verifica nenhuma sistematicidade que sustente esse tipo de realce;
- é difícil identificar as oscilações de módulo em muitos dos casos (não existindo apenas dois tamanhos distintos);
- esta decisão não afectará o objectivo final deste tipo de edição.

### Outras decisões paleográficas

- Na mão do copista responsável por este manuscrito as figuras minúsculas de <a> e <o> confundem-se muitas vezes, levando, por vezes, a indecisões de leitura e, consequentemente, de transcrição. Os exemplos que causarem hesitações serão resolvidos (e, em alguns casos, assinalados como erros evidentes) de acordo com o *ductus* das respectivas letras:
  - o *ductus* de <o> minúsculo tem ataque de cima para baixo, e a saída do traço final será novamente em cima (Fig. 34);
  - o *ductus* de <a> minúsculo tem ataque no topo da letra, de cima para baixo, mas o traço final (num segundo tempo) tem saída junto à linha de escrita (Fig. 35);



Fig. 34 (f. 286r)



Fig. 35 (f. 287r)

- Também é comum que a letra minúscula <e> se confunda com as letras minúsculas <i> e <c>. Mais uma vez, as hesitações de transcrição resolveram-se (ou foram anotadas como erros) através da análise do *ductus* de cada uma das letras:
  - o *ductus* de <e> minúsculo tem ataque de meio da figura para cima, iniciando-se ligeiramente à esquerda e criando uma laçada pequena (com curva também à esquerda) que só depois desce para o traço descendente e curvo semelhante ao do <c> (Fig. 36). Em meio de palavra <e> ainda se pode confundir com <i>, sobretudo quando a escrita da palavra é muito compacta. Contudo, note-se que apesar de <e> ter uma laçada pequena e uma curva inicial semelhantes aos traços de <i>, <e> é uma letra bem mais angular, sobretudo no topo da sua figura;
  - o *ductus* de <c> minúsculo tem ataque mesmo no centro da figura e de cima para baixo, raramente criando uma laçada no topo da letra (como em <e>) (Fig. 37).
  - o *ductus* de <i> minúsculo implica um traço com ataque à esquerda que ascende obliquamente à direita para depois descer obliquamente e terminar noutro traço oblíquo à direita. A saída desse traço final gera uma ligeira curva à esquerda na base da letra que se pode confundir com a saída do traço final de <e>. (Fig. 38).





Fig. 36 (f. 286v)



Fig. 37 (f. 287r)



Fig. 38 (f. 290r)

### 2.2.1.2. Ms. P

#### Maiúsculas vs. Minúsculas

- <i>, <j>, <I> e <J>.

Não existe dificuldade em estabelecer a diferença paleográfica entre <i> e <j> minúsculos porque, apesar de serem ambas representações gráficas de [i], o primeiro nunca desce abaixo da linha de escrita (curto), mas o segundo claramente desce (longo).

Já quanto à forma maiúscula, parece não haver uma grande distinção. Aliás, a única diferença observada não está na saída do último traço da letra – muito abaixo ou ao nível da linha de escrita –, mas sim no topo das figuras, umas vezes com um traço inicial ascendente mais curvo (Fig. 39) e outras com um traço curto mais recto (Fig. 40). Contudo, e porque a utilização destas formas não ocorre segundo um critério de distinção aplicado de forma sistemática (o que também se explica pela provável indefinição do uso de cada uma das letras <I> e <J> a sons distintos), os cerca de 17 casos em que o topo da letra é mais angular serão transcritos como <J> maiúsculo, de forma a preservar a possibilidade de a ocorrência paralela de <I> maiúsculo em algumas dessas palavras ser uma característica paleográfica que ilustra uma particularidade linguística (conservada ou não da legenda original) deste testemunho. Esses 17 casos ocorrem em palavras como <Jesus>, <Igreja(s)>, <Jsac>, <Jnos> e <Jerusalem>.

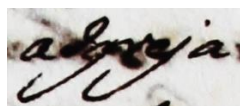


Fig. 39 (f.199r)

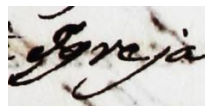


Fig. 40 (f.208r)

- <c> e <C> em início de palavra.

Parece não existir uma grande diferença entre a figura minúscula e maiúscula da letra, sendo a primeira, por norma, muito pequena, muito arredondada no ataque e normalmente da altura do corpo das restantes letras minúsculas (tal como a figura de <c> que surge em meio de palavra) (Fig. 41), enquanto a figura maiúscula não só tem um módulo maior, sendo bem mais alta, como tende a ser mais oval (Figs. 42 e 43).

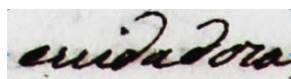


Fig. 41 (f. 200r)

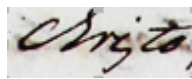


Fig. 42 (f. 200r)

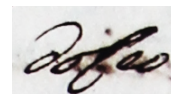


Fig. 43 (f. 200r)

Além desta diferença não muito evidente entre as figuras minúscula e maiúscula, existe também uma diferença entre dois casos de <C> aumentado. Num deles, o <C> é apenas aumentado em altura, continuando a ter base ao nível da linha de escrita (Fig. 42). O segundo <C> aumentado tem não só maior altura, como desce abaixo da linha de escrita (Fig. 43). Recolhendo os casos em que cada um deles ocorre, compreende-se que a sua utilização não tem qualquer tipo de correspondência com uma distinção de valor semântico, e que ocorre por meras oscilações paleográficas próprias de uma escrita humanística cursiva. Além disso, qualquer uma destas formas aumentadas parece ser usada como letra de destaque (isto é, em palavras cujo valor semântico pode justificar um realce), com a diferença que o primeiro caso surge quando existe uma ligadura da escrita cursiva entre esse <C> inicial e a seguinte letra minúscula da palavra, enquanto o segundo ocorre apenas quando existe uma ligadura entre <C> inicial e a última letra da palavra anterior.

Desta forma, todos os <c> menores foram transcritos como minúsculas e todos os mais aumentados como maiúsculas (independentemente da sua altura ir abaixo ou ficar sob a linha de escrita) pelas seguintes razões:

- a diferença entre os <c> pequenos e os <C> aumentados parece corresponder a um critério de destaque: o primeiro caso surge em palavras comuns, preposições, conjunções, verbos etc.; o segundo só ocorre em substantivos cujo contexto, valor semântico ou colocação no texto (títulos, inícios de parágrafo) parece justificar a utilização de uma forma maior e ligeiramente mais oval;
  - a diferença entre as duas formas aumentadas de <C> é não só meramente paleográfica, como não parece estar associada à aplicação de um critério semântico que justifique salientar esta oscilação numa edição semidiplomática (todos os exemplos parecem ter um contexto, sentido ou colocação que fundamentariam o mesmo tipo de realce).
- <o> e <O> em início de palavra.

Não parece existir uma grande diferença entre a figura da letra minúscula e da letra maiúscula, a não ser no módulo, visto que a primeira é por norma muito pequena ao ponto de ser totalmente fechada, redonda ou ligeiramente oval (Fig. 44), enquanto a figura maiúscula tem um módulo maior e tende a não fechar no segundo tempo do seu traço de saída. Contudo, existem apenas dois casos em que este último <O> é aumentado o suficiente para ser considerado (e transcrito) como uma letra maiúscula – cinco deles em início de parágrafo/capítulo/título, isto é, em posições que justificam o aumento da figura (exs. <Outrossi> (três casos, Fig. 45), <Ó> e <Outro>); e apenas um caso numa palavra em que o

copista parece ter usado a letra aumentada como figura de destaque: <Ordem>, em “ordem de S. Bento” (Fig. 46). Todas as restantes ocorrências, independentemente da posição em início, meio, ou final de palavra (e antes ou depois de pontuação), são sempre transcritas com minúsculas, sobretudo devido ao seu módulo muito pequeno.



Fig. 44 (f. 196v)

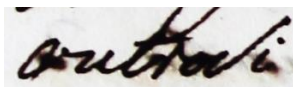


Fig. 45 (f. 205v)

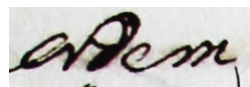


Fig. 46 (f. 199r)

- <v> e <V> em início de palavra.

Como no caso de <o> e <O>, a figura não varia muito, embora a forma minúscula seja muito pequena e aparentemente mais angular não só na passagem do primeiro para o segundo traço, mas também na saída do último (Fig. 47). A figura que se considerou maiúscula é muito maior em módulo, só ocorre em início de palavra e é mais arredondada (ao ponto de até não parecer tão bem definida) (Fig. 48). Além disso, os <v> pequenos claramente minúsculos ocorrem maioritariamente em palavras cujo valor semântico dificilmente mereceria algum tipo de destaque, enquanto <V> aumentados ocorrem apenas no início de palavras nas quais a maiúscula parece ter tido uma função de destaque (inícios de capítulos ou parágrafos: exs. <Vivendo>, <Vendo>) ou em substantivos cujo valor semântico e o contexto em que são utilizadas também justificam a utilização de uma letra aumentada com função de realce (exs. <Virgem> (12 casos), <Villa>, <Vicente> e <Vieira> (quatro casos, Fig. 49)).

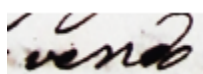


Fig. 47 (f. 199v)

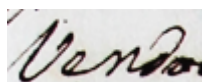


Fig. 48 (f. 200r)

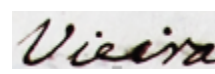


Fig. 49 (f. 202r)

- <r> e <R> em início de palavra.

Em meio e em final de palavra não é difícil identificar a forma minúscula da letra utilizada. Em início de palavra, essa forma minúscula só ocorre na palavra <reverencia> (Fig. 50). As restantes palavras iniciadas por esta letra oscilam entre a utilização de duas figuras aumentadas. Essas duas figuras são muito diferentes entre si, quer na forma (e consequentemente *ductus*), quer no módulo: a primeira é ligeiramente mais alta do que o corpo das restantes letras minúsculas e é composta por quatro traços realizados de cima para baixo a um só tempo (Fig. 51); a segunda forma é ainda mais alta do que a primeira e é constituída por seis traços concretizados a um (ou dois) tempo(s) (Fig. 52).

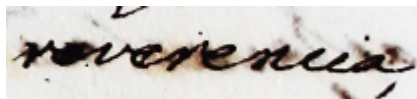


Fig. 50 (f. 206v)

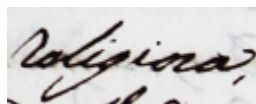


Fig. 51 (f. 197r)

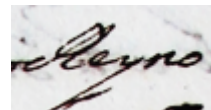


Fig. 52 (f. 197v)

A primeira forma será transcrita como minúscula e a segunda como maiúscula pelas seguintes razões:

- todas as palavras que se iniciam com esta letra oscilam entre essas duas formas (mesmo aquelas a que o copista provavelmente não tencionava dar qualquer destaque semântico);
- as formas em causa são ambas aumentadas face à minúscula em meio e final de palavra, mas diferem de tamanho entre si;
- as formas em causa apresentam figuras e *ductus* diferentes entre si: a primeira é mais simples e relativamente mais próxima das formas minúsculas de meio e final de palavra;
- parece existir uma certa sistematicidade no tipo de palavras em que ocorre uma e outra forma. Prova disso é que, apesar de existirem algumas palavras que ocorrem com ambas as figuras (exs. <regra> (Figs. 53 e 54), <religiosa> e <rans>), a primeira forma é utilizada em palavras em que este tipo de realce faria menos sentido (sobretudo formas verbais como <rogar>, <receber> (Fig. 55), <refrear>, <revogar>, etc.) e em muito poucas cujo contexto, valor semântico e localização no texto mereceriam realce. A segunda forma só ocorre em substantivos (próprios ou não) cujo destaque parece semanticamente mais plausível: exs. <Rey(s)> (Fig. 56), <Rio>, <Religião>, <Regra>, <Reyno>, <Ressureição>, <Rezendo>/<Rozendo>/<Rodezindo>, <Religioza>, <Rans> (num título) e <Regedor>;

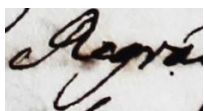


Fig. 53 (f. 199r)

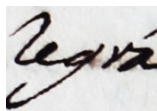


Fig. 54 (f. 199r)

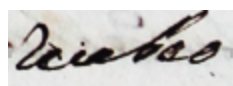


Fig. 55 (f. 197r)

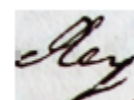


Fig. 56 (f. 197v)

- <s> e <S> em início de palavra.

Nesta mão cursiva esta letra conta com pelo menos quatro figuras diferentes de <s>:

- <s> longo no final de palavra (arredondado e com curva à esquerda);
- <s> longo no final de palavra, em alguns casos confundível com um <z>, mas claramente mais próximo do formato do <s> longo descrito acima (com um ligeiro ângulo ascendente antes do traço descendente, longo e curvo à esquerda);
- <s> curto em meio de palavra;
- <s> longo a meio de palavra (como o <s> longo de final de palavra e frequentemente associado às letras <e>, <a> ou <o>);
- <s> em início de palavra, cuja figura é composta por dois traços realizados a um tempo (um traço longo descendente, oblíquo à esquerda, e um traço curvo à direita, na base da

letra, que assenta ao nível da linha de escrita, criando muitas vezes um olhal na letra, ou apenas um caracol na base) (Fig. 57).

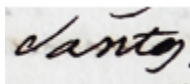


Fig. 57 (f. 199r)

Esta figura de <s> inicial é quase sempre uma figura aumentada nesta mão. Contudo, como não ocorre sistematicamente nem segundo um critério definido que permita distinguir quando é que a oscilação no módulo ou a utilização da figura pretendem atribuir funções de destaque à letra; e como não existem apenas dois módulos (um grande e um pequeno) que acentuem e certifiquem uma distinção entre uma figura maiúscula e uma minúscula (existem várias gradações de tamanho claramente resultantes de uma escrita cursiva), serão transcritas sempre como letras minúsculas. Esta decisão não afecta o objectivo final da edição e preserva a indistinção entre a forma das diversas ocorrências da letra nesta posição. Além disso, evita a má interpretação do texto editado e a possibilidade de extrapolação arriscada quanto ao destaque dado a palavras iniciadas por letras aumentadas, o que, em última análise, está de acordo com a ocorrência dos casos de módulo relativamente aumentado em palavras em que certamente não funcionariam como letras de destaque (exs.: <se>, <sua>, <senom>, <sahia>, <sendo>, <sobredita>) face à ocorrência em alguns substantivos cujo valor semântico e contexto podem justificar o realce (exs.: <senhorinha>, <sancho>, <santa(s)/o(s)>, <samora>).

#### Outras decisões paleográficas

- Na mão do copista deste manuscrito as figuras minúsculas de <a> e <o> confundem-se muitas vezes, levando, por vezes, a indecisões de leitura e transcrição, sobretudo em palavras com a terminação <os> ou <as>. Os casos que suscitarem esse tipo de dúvida serão resolvidos (ou assinalados como erros evidentes) de acordo com o *ductus* das respectivas letras:
  - o *ductus* de <o> minúsculo tem ataque de cima para baixo, e saída do traço final novamente no topo da figura (Fig. 58);
  - o *ductus* de <a> tem ataque no topo da letra, de cima para baixo, mas o traço final (num segundo tempo) tem saída em baixo, ao nível da linha de escrita (Fig. 59);



Fig. 58 (f. 197r)

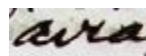


Fig. 59 (f. 197r)

- Também é comum que <e> minúsculo se confunda com outras minúsculas como <o>, <c>, <a> e até <v> (em meio de palavra). Essas dúvidas serão resolvidas através da análise do *ductus* de cada uma dessas letras:

- o *ductus* de <e> minúsculo tem ataque de meio da letra para cima, iniciando-se ligeiramente à esquerda e criando uma pequena curva à esquerda que só depois continua num traço descendente e curvo (semelhante ao de outras letras, nomeadamente <c> minúsculo) (Figs. 60 e 61);
- o *ductus* de <c> minúsculo parece ter ataque não tanto à esquerda, mas mesmo no centro da figura e de cima para baixo (raramente gerando uma laçada no topo da letra como <e>) (Fig. 62).

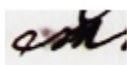


Fig. 60 (f. 197v)



Fig. 61 (f. 197v)

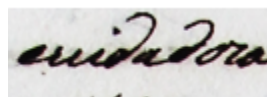


Fig. 62 (f. 200r)

- <e> e <o> ou <e> e <a> confundem-se sobretudo quando o módulo das letras é tão pequeno que as figuras são muito fechadas e os seus traços são, consequentemente, difíceis de identificar. Muitos desses casos de difícil leitura serão resolvidos pela comparação com palavras da mesma família daquelas em que provoquem dificuldades: ex. <trager> ou <tragar> (Fig. 63)? Optar-se-á por <trager> porque em outros lugares do manuscrito o copista escreve <trageria> e <trager> (Fig. 64). Neste caso de hesitação entre as terminações <er> e <ar> note-se que a terminação <ar> implica que <a> desça mais até ao nível da linha de escrita, enquanto <e> tem um *ductus* com um último traço ascendente à direita e, portanto, mais favorável à ligação (por ligadura) entre as letras do dígrafo.

Já quanto à confusão entre <e> e <o>, note-se que <o> parece ter um traço que sobressai ligeiramente no topo da letra, no lado direito, quando se fecha em olhal, distinguindo-se assim de <e> (Fig. 65);

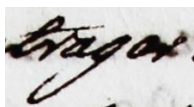


Fig. 63 (f. 199v)

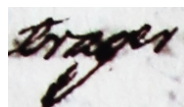


Fig. 64 (f. 199v)

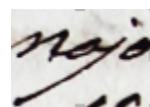


Fig. 65 (f. 197r)

- <r> e <v> por vezes confundem-se quando ocorrem em meio de palavra e o seu módulo é muito pequeno. A dificuldade será ultrapassada pela comparação da forma base dessas letras noutras palavras com <r> e <v> nesta mesma posição: ex. <lera> ou <leva> (Fig. 66)? <lera>, por analogia com <virtude> (Fig. 67), na mesma página.

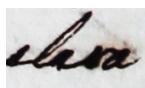


Fig. 66 (f. 199r)

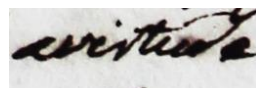


Fig. 67 (f. 199r)

### 2.2.1.3. Ms. G2

#### Maiúsculas vs. Minúsculas

- <i>, <j>, <l> e <j>.

Não existe dificuldade em estabelecer a diferença paleográfica entre <i> e <j> minúsculos. Apesar de serem ambas representações gráficas de [i] distinguem-se porque o primeiro nunca desce abaixo da linha de escrita (curto), mas o segundo sim (longo).

Já quanto à forma maiúscula, a distinção entre a representação gráfica curta e longa não parece existir. Assim, como <i> nunca desce abaixo da linha de escrita (seja maiúsculo ou minúsculo), e como <l>/<i> e <j>/<j> foram figuras da mesma letra, na edição deste testemunho serão transcritas todas as ocorrências como <l> maiúsculo, uma vez que, independentemente do facto de a grafia representada ter ou não correspondência fonológica com a distinção entre [i] e [j], e independentemente do facto de a grafia do texto representar a grafia do arquétipo da tradição ou do copista responsável por este apógrafo, as características desta mão não permitem fazer qualquer distinção entre a forma das letras. É o caso, por exemplo, de <Igreja> e <Iesus> (Figs. 68 e 69).



Fig. 69 (p.334)



Fig. 69 (p.334)

- <o> e <O> em início de palavra.

Existe uma ligeira diferença entre a figura da letra minúscula <o> e da letra maiúscula <O>, sendo a primeira, por norma, muito pequena, ao ponto de ser totalmente fechada, redonda ou oval (Fig. 70), enquanto a figura maiúscula tem um módulo maior e tende a não fechar totalmente no segundo tempo do traço de saída, gerando muitas vezes uma ligeira curva para dentro e à esquerda nesse último traço (Fig. 71).

Existem alguns casos em que a letra tem um módulo aumentado mas a sua figura é mais parecida com aquela que se considerou minúscula. Como nesses casos não se verifica a existência de um critério semântico aplicado sistematicamente e que os justificasse como exemplos de letras de destaque (essas letras aumentadas surgem em palavras arbitrárias e também em casos em que o copista recorre a uma forma claramente maiúscula ou minúscula), e como em alguns casos excepcionais (ex. <vejo> (Fig. 72)) <o> muito aumentado ocorre até em final de palavra, estes exemplos serão transcritos como minúsculas, já que o

interesse meramente paleográfico de preservar este aumento de módulo não interfere nos objectivos desta edição.



Fig. 70 (p.335)



Fig. 71 (p.336)



Fig. 72 (p.341)

- <c> e <C>, <s> e <S> e <v> e <V> em início de palavra.

Estas três letras parecem ter sempre a mesma forma na mão deste copista, oscilando apenas no módulo com que se apresentam.

Não parece existir qualquer critério definido para o uso das suas figuras aumentadas como letras de destaque, visto que não só não se verifica nenhuma sistematicidade que sustente esse realce, como também é bastante difícil detectar as oscilações de módulo em muitos dos seus exemplos. Além disso, como as palavras em que actualmente o destaque semântico justifica a utilização de maiúsculas não seriam necessariamente merecedoras desse destaque no século XVII (e ainda menos do século XIII, se se considerar esta uma característica reproduzida do arquétipo da tradição), então também não é possível prever em que palavras o copista atribuiria realces deste tipo. A estes argumentos acrescenta-se a tendência desta mão cursiva para iniciar as palavras e as linhas com figuras aumentadas.

Assim sendo, estas três letras em posição inicial serão transcritas sempre como minúsculas porque essa decisão, não afectando o objectivo final desta edição semidiplomática, permite preservar a constância da figura propriamente dita das letras, evitando extrapolações arriscadas a respeito do uso de letras iniciais aumentadas. Em última análise esta opção está de acordo com os casos de letras com módulo relativamente aumentado que ocorrem em palavras onde certamente não teriam um valor de destaque (exs. <como> (Fig. 73), <sem> (Fig. 74), <vio> (Fig. 75)).



Fig. 73 (p.344)



Fig. 74 (p.337)



Fig. 75 (p.340)

No caso do <s> importa salientar que a decisão tomada tem por base a comparação com apenas uma das quatro figuras de <s> minúsculo que a mão deste copista apresenta – a de <s> em início de palavra. Note-se, contudo, que existem as seguintes:

1. <s> longo no primeiro do dígrafo <ss> (com haste e perna igualmente longas);
2. <s> longo no final de palavra (com haste não tão alta quanto 1., mas com perna igualmente longa);
3. <s> curto em final de palavra;



4. <s> inicial que é sempre uma figura aumentada, mas que não se atesta em palavras onde possa ter uma evidente função de destaque que fundamente a sua transcrição como maiúscula.

#### Outras decisões paleográficas

- Na mão deste copista muitas vezes as figuras minúsculas de <e> e <o> confundem-se entre si, levando a indecisões de leitura e, conseqüentemente, de transcrição. Os casos que provocam hesitações serão resolvidos (ou assinalados como erros evidentes em alguns casos) de acordo com a análise do *ductus* das respectivas letras:
  - O *ductus* de <o> minúsculo tem ataque de cima para baixo, e a saída do traço também será novamente em cima (Fig. 76);
  - O *ductus* de <e> minúsculo tem ataque e saída em baixo, junto à linha de escrita (Fig. 77).



Fig. 76 (p.334)



Fig. 77 (p.334)

#### 2.2.2. Junção e separação de palavras

- Os copistas de cada um dos manuscritos editados separam o suficiente a maioria das palavras entre si. No entanto, também se atestam casos bastante frequentes de ligação entre palavras desde sempre isoladas no português (e independentemente da quantidade de ligaduras característica da mão de cada copista). Por esta razão, e de forma a maximizar as condições de legibilidade dos textos editados, todas as palavras serão transcritas juntas ou separadas segundo a norma actual.
- Elisões em palavras hoje não contraídas são assinaladas por apóstrofe. Veja-se o caso particular de uma lição do ms. P onde a elisão entre *de* e *o* será assinalada graficamente porque no português actual é uma elisão que só pode ser concretizada em sintagmas nominais, e nunca em sintagmas verbais com infinitivo:

e mais dezejarão nunca o verẽ *que d'o* averem de criar como mudo (207v).

- As enclíticas são separadas sem hífen.
- Em seguida, registam-se as decisões tomadas quanto a palavras inexistentes no português actual, quanto a palavras cuja utilização no português antigo é distinta da utilização contemporânea e quanto a casos que suscitem dúvidas perante as normas de transcrição gerais acima apontadas:

- <desy>/<desi> (e outras variantes gráficas da palavra) – será transcrita como uma só palavra quando tem o valor semântico de *então/logo, depois*, de forma a promover a distinção com <de sy> e <de si>, preposição *de* mais pronome pessoal reflexivo *si*. <deshi>/<deshj> também serão transcritas juntamente porque, embora a utilização do grafema <h> possa ser vestígio de um ponto mais recuado da evolução, são apenas variantes gráficas de <desy>/<desi>. Em todas <i>/<y>/<hi>/<hj> correspondem ao pronome anafórico locativo(/temporal) *i*, que se segue a <des> (do latim *de* + *ex*).
- <por ende> – será transcrita separadamente porque, em princípio, esta expressão só tem o antigo valor semântico causal de *por isso* (derivado do lat. PER INDE); <por em> (e variantes gráficas da locução) – será transcrita separadamente sempre que a expressão tem o valor causal de *por isso*; <porem> (e variantes gráficas da palavra) – será transcrita como uma só palavra quando tem o valor adversativo actual;
- <de su> (e variantes gráficas) – a expressão será transcrita separando duas palavras isoladas porque equivale ao antigo *de consuñ* que significa *juntamente, em conjunto*.
- <aredor> e <arredor> – ambas serão transcritas como uma só palavra, independentemente de terem um valor substantivo (ex. *estar no(s) arredor(es)*), adverbial (ex. *à volta*) ou adjectivo (ex. *as casas arredores*), de forma a preservar a possibilidade de se poder interpretar um dos valores mencionados, sem que a transcrição e a grafia (sobretudo quanto à utilização de <r> simples ou <rr> duplo) influenciem a leitura. O mesmo se aplica a <darredor> e <daredor> com valor adverbial. <d'arredor> – será transcrita separadamente como duas palavras entre as quais há uma elisão, supondo que corresponde à preposição *de* + *arredor/aredor* com valor substantivo.
- <el Rei> (e outras variantes gráficas) – a expressão será transcrita separadamente, de forma a preservar o que antes era um artigo definido (*el*) e um substantivo (*rei*). <del Rei> – nos casos em que o artigo antigo <el> surge elidido com a preposição *de*, transcrever-se-á *del* (preposição *de* + artigo *el*) por analogia com as actuais contracções entre a preposição *de* e outras palavras (exs. *doutros, dum, donde*, etc.).
- <ẽno(s)/a(s)>, <emno(s)/a(s)>, <ẽneste(s)/a(s)>, <emneste(s)/a(s)> – todos estes casos serão transcritos como palavras únicas por analogia com as formas dos pronomes demonstrativos actuais a que correspondem: *no(s)/a(s)*, *neste(s)/a(s)*. Manteve-se o <~> supondo que representa a nasalidade naquela que pode ser uma forma intermédia do processo de contracção da preposição lat. IN com o artigo ILLO, e que culminará nas contracções actuais *no(s)/a(s)* (*em* + artigo definido) e *neste(s)/a(s)* (*em* + pronome demonstrativo)<sup>119</sup>. <em ho(s)/a(s)>, <em o(s)/a(s)>, <en o(s)/a(s)> e <em no(s)/a(s)>, <en no(s)/a(s)> ou <em este(s)/a(s)> e <en este(s)/a(s)> – estes casos serão transcritos separadamente, conservando a dúvida quanto à correspondência entre estas formas gráficas e a sua concretização fonológica. Transcrever juntamente estes casos podia levar a uma leitura errónea (e desnasalizada) das palavras ([emu(s)/e(s)], [enu(s)/e(s)], [emeste(s)/e(s)] e

<sup>119</sup> Leia-se sobre a evolução deste processo de contracção em Castro (2006:118-119).

[eneste(s)/e(s)]). Transcrevê-las separadamente assegura a nasalização e preserva a grafia do manuscrito.

- <dy>/<di> (e outras variantes gráficas) – serão transcritas como palavras únicas por analogia com a opção tomada para <desi> temporal/conclusivo (e todas as suas variantes gráficas) onde se considera que *i* é pronome anafórico.
- <por ventura> – será transcrita separadamente, por analogia com as variantes da locução também utilizadas no português antigo: <per ventura> e <pel(l)a ventura>.
- <açerca>/<acerca> – será transcrita como uma só palavra quando tem um valor semântico temporal de *cerca de x tempo*, quando tem o valor adverbial de *à volta, aproximadamente, perto, próximo, mais ou menos, etc.*, e ainda quando tem os significados actuais de *acercar* (sinónimo de *rodear*) ou de *a respeito de*.  
<a çerca>/<a cerca> – será transcrita separadamente apenas quando tem o significado actual de *a cerca* (artigo definido + substantivo) ou quando <a> corresponde a uma forma do verbo *haver*, com um valor temporal de *há cerca de xx tempo*.
- <todolo(s)>/<todala(s)>, <sobrelo(s)>/<sobreela(s)>, <sobelo(s)>/<sobela(s)>, <pel(l)o(s)>/<pol(l)a(s)> e <depollos> (e outras variantes gráficas) – cada uma destas formas será transcrita como uma unidade gráfica porque, embora resultem de contracções entre o pronome indefinido *todos* + artigo definido plural *os* (ex. *sua vida em todos os dias* (ms. E., f.292v)), preposições *sobre/sob* + artigos definidos *o(s)/a(s)*, preposições *per/por* + artigos definidos e entre *depos* + artigo definido plural *os*, respectivamente, no português moderno corresponderiam a uma só unidade fonológica.  
<sobr'elo(s)>/<sobr'ela(s)>, <sob'elo(s)>/<sob'ela(s)>, e <pe l(l)a(s)>/<po l(l)a(s)> (e outras variantes gráficas) – estas formas serão transcritas separadamente (como duas unidades gráficas entre as quais há uma elisão) porque correspondem a contracções entre as preposições *sobre/sob* + pronomes pessoais *elo(s)/ele(s)/ela(s)* (e têm um significado equivalente a *sobre/sob ele* e *sobre/sob ela*) ou preposições *por/per* + artigos *o(s)/a(s)* com valor pronominal equivalente ao dos pronomes clíticos, isto é, em circunstâncias em que corresponderiam a mais do que uma unidade fonológica no português actual (o que se poderia reflectir na separação gráfica).
- <porquanto> (e variantes gráficas) – será transcrita como uma só palavra quando tem um valor equivalente ao das actuais conjunções coordenativa explicativa e subordinativa causal, isto é, quando significar *porque, visto que, uma vez que*<sup>120</sup>.
- <vosoutros> e <nosoutros> – serão transcritas como palavras isoladas porque, independentemente de remontarem ao estado da língua da cópia ou ao da legenda original, funcionam sempre como unidades pronominais. São formas antigas (e actualmente em desuso) dos pronomes pessoais *vós* e *nós*.

<sup>120</sup> Em contrapartida, separar-se-ia <por quanto> se a expressão ocorresse com valor quantitativo no texto.

### 2.2.3. Mancha de texto, pontuação e acentuação

- A transcrição será feita, tanto quanto possível, de acordo com a disposição da mancha de texto pela página de cada testemunho manuscrito:
  - Em todos os manuscritos o texto ocupa uma só coluna, assinalando-se a mudança de fólio através da sua numeração destacada entre [ ] no corpo dos textos editados:
    - numeração associada às letras *r* (recto) e *v* (verso) do fólio, no caso do texto dos manuscritos foliotados (mss. E e P);
    - numeração simples no caso do texto do manuscrito paginado (ms. G2).
  - O texto correspondente a títulos e/ou subtítulos será sempre transcrito a negrito, independentemente de não existir nenhum destaque de cor e/ou espessura das letras nos respectivos manuscritos. No CTA não é possível respeitar totalmente a posição e enquadramento desses títulos/subtítulos nos manuscritos (por vezes centrados) porque a linguagem TEITOK utilizada permite apenas alinhar todo o texto (incluindo títulos) à esquerda. Esta limitação também impede que se respeite a indentação presente no ms. E, embora não afecte a representação dos parágrafos de P e G2 (assinalados apenas pela mudança de linha, mas alinhados à esquerda).
  - Os elementos marginais presentes em alguns dos testemunhos manuscritos serão transcritos em nota e com a indicação da margem do fólio em que se encontram.
- Sinais de pontuação:
  - (.) , (!) , (?) e (:) no interior dos parágrafos – serão transcritos em todas as edições com espaço entre as palavras que os antecedem e seguem porque há evidências de que possam não ter o valor entoacional que hoje têm (isto é, um valor exclusivamente final, exclamativo, interrogativo e anunciativo, respectivamente). A favor desta opção estão, por exemplo, a utilização assistemática de maiúsculas e minúsculas depois desses sinais de pontuação, os espaços físicos que ocorrem frequentemente antes e depois dos sinais, e a sua localização (por vezes não em final de frase/oração).
  - (.) que marcam abreviações – serão transcritos imediatamente depois da palavra (sem espaço entre ela). Exs. <s.> <D.>
  - (.) em final de parágrafo (antes da mudança de linha) – serão transcritos sem espaço depois da última palavra do parágrafo porque, nestes casos, há certeza quanto ao seu valor final.
  - (,) e (;) – serão transcritos sem espaço em relação à palavra que os antecede porque se mantêm bastante próximos dessa palavra em todos os manuscritos editados. Visto que estes sinais não eram utilizados à data da redacção do arquétipo da tradição, alguns destes casos têm de ser necessariamente considerados pontuação acrescentada por cada copista, ou substituições (modernizações) do que no arquétipo provavelmente seriam pontos (.) utilizados com um valor não final.

- Sinais de acentuação:
  - Só serão reproduzidos os sinais que possam ter algum valor fonológico. Independentemente da grafia actual, serão transcritos de acordo com a sua figura, sílaba que acentuam e orientação (no caso do acento grave <`> ou agudo <'>).  
Ex.: <bó>, <bóa>, no ms. E, é frequente. O sinal de acentuação será transcrito como o actual acento agudo <'> pela semelhança física entre as marcas. Esta opção considera a frequência do fenómeno gráfico segundo o qual, no português antigo, a plica <'> em palavras como <bó>, <bóa> e <só> (“sou”) representava a nasalização das vogais. Conservar as particularidades destes sinais preserva a possibilidade de nalgum destes mss. a acentuação representar uma característica fonológica do arquétipo.
  - Os raros sinais de acentuação cuja orientação e figura não são claras (impedindo que se façam distinções entre <'>, <`> e <~>) serão transcritos segundo a grafia actual.
  - Quando esses sinais de acentuação surgem sobre duas vogais iguais (vogais duplas) – o que acontece sobretudo no caso das marcas de nasalidade (<~>) –, o sinal de pontuação será repetido em ambas, de modo a preservar a possibilidade de esses exemplos representarem hiatos etimológicos transmitidos do arquétipo da tradição em casos que não conhecemos ao ponto de poder indicar com certeza qual das vogais (ou ambas) era acentuada.

#### 2.2.4. Desenvolvimento de abreviaturas

- As abreviaturas serão sempre desenvolvidas na transcrição.
- As letras/sílabas abreviadas serão assinaladas no corpo do texto da edição em tipo *itálico*.
- Quando existe variação gráfica em palavras abreviadas, as abreviaturas serão desenvolvidas segundo a forma plena mais frequente no texto, mas as particularidades deste critério de desenvolvimento serão explicitadas nas normas de transcrição de cada testemunho. Quando determinada palavra nunca ocorre com uma grafia plena no ms. em causa, a sua abreviatura será desenvolvida por analogia com outros casos ou segundo a grafia actual;

##### 2.2.4.1. Ms. E

- Além da abreviatura de *que* (a mais frequente), existem apenas outras duas palavras abreviadas neste manuscrito:
  - <sor> – *senhor* (com <or> como letras sobrescritas e unidas entre si);
  - <d> – *de*.

#### 2.2.4.2. Ms. P

- <pa> – *para*, não havendo nenhuma forma plena, será desenvolvida segundo a grafia actual, o que está de acordo com a tendência da grafia deste manuscrito;
- Palavras com a vogal nasal [ẽ] abreviada, nomeadamente em terminações como [ẽto(s)], [ẽte]:
  - Terminação [ẽto]: <enfadamto> – *enfadamento*, por analogia com a única forma plena da palavra, e <merecimto(s)> – *merecimento(s)*, por analogia com <enfadamento>;
  - Terminação [ẽte]: <mte> – *mente*, por analogia com uma ocorrência plena de <mentes> e os advérbios de modo com a mesma terminação. Os restantes casos desenvolvem-se por analogia com o caso de <mente>: <fielmtte> – *fielmente*, <novamete> – *novamente*, <escondidamte> – *escondidamente*, <fortemte> – *fortemente*, <gravemte> – *gravemente*, <devotamte> – *devotamente*.
- Palavras com a vogal nasal [ã] abreviada:
  - Palavras com [ã] abreviado: <sto/a(s)> – *santo/a(s)* por analogia com 190 ocorrências da grafia plena de <santo(s)> e <santa(s)>;
  - Terminação [ãdo] (gerúndio dos verbos da 1ª conjugação): todos os exemplos abreviados serão desenvolvidos com a grafia <an> (exs. <qdo> – *quando*, <qto> – *quanto*, <emqto> – *emquanto*, <porqto> – *porquanto*) por analogia com uma forma plena de <quando>, cinco de <quanto> e pelo predomínio desta grafia nas formas gerundivas de verbos da primeira conjugação.
- <Ds> – *Deos*, de acordo com as 88 ocorrências da grafia plena da palavra;
- <Va> – *Villa*, devido às únicas duas atestações com grafia plena (<Villa> e <Villas>);

#### 2.2.4.3. Ms. G2

- As seguintes palavras nunca ocorrem no ms. com uma grafia plena e as suas abreviaturas serão desenvolvidas segundo a grafia actual (para a qual este manuscrito tende):
  - <Ds> – *Deus*;
  - <pa> – *para*;
- Palavras com a vogal nasal [ẽ] abreviada, nomeadamente em terminações como [ẽdo] (gerúndio de verbos da 2ª conjugação), [ẽto], [ẽte] e [ẽsia]:
  - Terminação gerundiva [ẽdo]: os três casos abreviados serão desenvolvidos por analogia com as únicas ocorrências da grafia plena das palavras - <vivdo> – *vivendo*, <dizdo> – *dizendo* e <querdo> – *querendo* -, o que também está de acordo com mais 36 ocorrências de formas plenas de outros verbos com esta terminação (exs. <sendo>, <tendo>, <iazendo>, <vendo>, <parecendo>, <avendo>, <metendo>, <entendendo>, <vivendo>, <crecendo>, <poendo> e <acontecendo>);  
    <Rozdo>/<Rezdo> – *Rozendo/Rezendo*, por analogia com os casos acima mencionados e com a única forma plena deste nome próprio.

- Terminação [êto]: apenas um dos casos abreviados tem uma grafia plena neste testemunho – <Bto> – *Bento*. Como esta é, na verdade, a única forma com grafia plena da terminação, todas as outras serão desenvolvidas por analogia com ela: <entendimto> – *entendimento*, <conhecimto> – *conhecimento*, <nacimto> – *nascimento*, <sacramto> – *sacramento*, <prometimtos> – *prometimentos*, <propoimto> – *propoimento*, <mantimto> – *mantimento*, <enfadamto> – *enfadamento*, <mandamtos> – *mandamentos*, <merecimtos> – *merecimentos*, <moimto> – *moimento*, <juramto> – *juramento*, <ornamtos> – *ornamentos*, <tangimto> – *tangimento*, <elemtos> – *elementos*.
- Terminação [ête]: apenas dois casos com a vogal nasal abreviada têm grafias plenas no manuscrito – <mte> – *mente*, <preztes> – *prezentes* (neste caso por analogia com <presentavão> e <presentou>). A estas acrescenta-se a da palavra <vivente>. Todas as restantes abreviaturas serão desenvolvidas por analogia com estes casos: <gte> – *gente*, <semtes> – *sementes*, <fielmtte> – *fielmente*, <maravilhosamte> – *maravilhosamente*, <novamte> – *novamente*, <escondidamte> – *escondidamente*, <solamte> – *solamente*, <gravemte> – *gravemente*, <partes> – *parentes*, <fortemte> – *fortemente*, <brandamte> – *brandamente*, <fervte> – *fervente*, <mormte> – *mormente*, <devotamte> – *devotamente*, <Victe> – *Vicente*, <Primeiramte> – *Primeiramente*.
- Terminação [êsia]: apenas uma das palavras abreviadas tem uma forma gráfica plena – <obedia> – *obediencia*. Por analogia com este único caso, desenvolvem-se as restantes: <deliga> – *deligencia*, <revera> – *reverencia*.
- Palavras com a vogal nasal [ẽ] abreviada, nomeadamente na terminação [ẽdo] (gerúndio de verbos da 1ª conjugação):
  - Palavras com [ẽ] abreviado: só existem três grafias plenas – <demdar> – *demandar*; <grde(s)> – *grande(s)* e <mdar> – *mandar*. As restantes abreviaturas serão desenvolvidas com <an> por analogia com esses três exemplos: <qto> – *quanto*; <emqto> – *emquanto*; <porqto> – *porquanto*; <qdo> – *quando*; <sto(s)> – *santo(s)* <sta(s)> – *santa(s)*; <seme> – *semelhante*; <espera> – *esperança*; <obste> – *obstante* e <infte> – *infante*.
  - Terminação gerundiva [ẽdo]: neste manuscrito existem 33 formas verbais com esta terminação que ocorrem com grafias plenas (exs. <arredando>, <presentando>, <encomendando>, <mostrando>, <cuidando>, <tardando>, <falando>, <confiando>, <mostrando>, <maravilhando>, <bradando>, <dando>, <acabando>, <preguntando>, <cantando>, <ameasando>, <arrastando>, <confiando>, <parando>, <entregando>, <sofreando>, <alçando>, <alumando>, <louvando> e <baixando>). Por analogia com esses 33 casos, as 14 formas verbais abreviadas deste testemunho serão desenvolvidas com <an>: <estdo> – *estando*; <conciderdo> – *conciderando*; <pensdo> – *pensando*; <torndo> – *tornando*; <tomdo> – *tomando*; <rogdo> – *rogando*; <chegdo> – *chegando* e <folgdo> – *folgando*, <atormentdo> – *atormentando*; <suspirdo> – *suspirando*; <chordo> – *chorando*; <deixdo> – *deixando*; <curdo> – *curando*; <rezdo> – *rezando*; <entrdo> – *entrando*; <olhdo> – *olhando*; <cazdo> – *cazando* e <ficdo> *ficando*.
- Palavras com a vogal nasal [õ] abreviada:
  - <ce> – *conde*, pela única forma plena atestada.

- <Affso> – Affonso e <Glo> – Gonçalo - apesar de não ocorrerem as respectivas formas plenas, estes nomes serão desenvolvidos com <on> por analogia com a grafia plena maioritária da vogal nasal [õ] em meio de palavra. Assim, embora a grafia <om> domine neste manuscrito (pelo menos 239 casos, face a 171 casos de <on> e apenas cinco de <õ>), na maior parte desses casos a vogal nasal é final, à excepção apenas de 12 atestações de palavras em que a grafia <om> é utilizada em meio de palavra. Visto que esses são 12 exemplos de [õ] antecedido por <b> ou <p>, tal como é regra na grafia actual (exs. <companhas>, <lombos>, <comparar>, <comprir> e <pomba>), e visto que todos os restantes casos de [õ] em meio de palavra são representados graficamente por <on> (cerca de 125 exs.: <contar>, <confirmar>, <conciderar>, <concelho>, <honra>, <confessar>, <acontecer>, <contra>, <responder>, <confortar>, <monjes>, <monges>, <contendas>, <convem>, <contrario>, <fonte>, <avondar>, <onde>, <aonde>, <pondo>, <continha>, e palavras derivadas destas), então os dois casos de [õ] abreviado em meio de palavra serão desenvolvidos também com a grafia <on>.

Estas opções de transcrição são suportadas pelas ocorrências de grafias plenas acima enumeradas para cada um dos casos, mas também estão de acordo com o facto da grafia deste manuscrito ter tendência para se aproximar da actual;

- Palavras com a vogal nasal [ĩ] abreviada de alguma forma, nomeadamente em terminações como [ĩo]/[iño], [ĩa]/[iña] ou apenas em casos de abreviação da vogal nasal [ĩ] simples:
  - Terminações [ĩo] ou [iño]: as palavras abreviadas <camo> – *caminho* e <Marto> – *Martinho* (que nunca ocorrem em forma plena neste manuscrito) serão desenvolvidas com a grafia <inho>, por analogia com outras palavras com o mesmo segmento fonológico (exs. <vinho> e <vezinhos>). Exclui-se, assim, a possibilidade da representação de formas mais antigas, com hiato e ainda não palatalizadas ([camĩho], [Martĩo]).
  - Terminações [ĩa] ou [iña]: por analogia com a única forma plena deste texto manuscrito desenvolver-se-á <ma> da seguinte forma – *minha*. Além disso, e visto que nunca ocorrem em forma plena, por analogia com <minha> e com muitas outras palavras deste manuscrito (exs. <tinha>, <linhagem>, <vinha>, etc.) a abreviatura de <fara> também será desenvolvida com <nh>: *farinha*. Exclui-se, assim, a possibilidade da representação de formas mais antigas, com hiato e ainda não palatalizadas ([mĩha], [faĩa]).
  - Palavras com a vogal nasal [ĩ] abreviada: <domgos>/<domos> e <Pre>, que não apresentam nenhuma atestação da sua forma plena neste manuscrito, serão desenvolvidas para *domingos*/*domingos* e *Principe* por analogia com a maior parte das palavras que apresentam vogal nasal [ĩ] e que neste manuscrito já parecem ocorrer de acordo com a grafia actual - isto é, nunca <ĩ>, <in> em palavras com [ĩ] antes da maioria das consoantes (exs. <infingido>, <inteiro>, <injuria>, <infante>, <ainda>, <vingança>, <dormindo> (e outros gerúndios), <lingua>, <cinto>, etc.) e <im> em palavras terminadas nesta vogal nasal ou seguidas de <p> ou <b> (exs. <assim>, <mim>, <fim>, <impetuoso>, <imperio>, <taimbo>, etc.).

Já no caso de <segte>, além da abreviação da vogal nasal [ĩ] está também em causa a utilização de <u> na grafia da palavra. Dado que a sua forma plena não ocorre, esta



abreviatura será desenvolvida de acordo com a grafia actual – *seguinte* – e por analogia com a grafia com que se representa o som [gi] noutras palavras, isto é, com <gui> (exs. <guiza>, <Guimarães>, <Aguiar> e <seguir>).

- Palavras com o ditongo [ej] abreviado serão desenvolvidas com a grafia <ei>:
  - <covilha> – *covilheira*, de acordo com a única forma plena da palavra;
  - <provto> – *proveito*, de acordo com uma forma plena de um adjectivo derivado desta palavra (<proveitoza>).
  - Os restantes casos em que o ditongo está abreviado serão desenvolvidos com a grafia <ei> não só por analogia com as duas formas acima, mas também com a única grafia plena de <feito>: <verdadra>/<verdaderos> – *verdadeira/verdadeiros* (e da mesma forma será desenvolvida uma única abreviatura ainda mais contraída: <verdra> - *verdadeira* (p.335)); <Mostro> – *Mosteiro*; <companhras>/<companhro> – *companheiras/compaheiro*; <Rno> – *Reino*; <intra> – *inteira*; <dinhro(s)> – *dinheiro(s)*; <cavalro(s)> – *cavaleiro(s)*.
- <Sa> – *Sousa*, por analogia com outras palavras com a terminação [za]. Assim sendo, além de a maior parte das palavras com esta terminação estarem escritas com <sa> (33 dos 41 casos), a palavra fonologicamente mais semelhante a este caso também tem <sa> como grafia plena maioritária: <cousa(s)> (23 ocor.) face a <coza(s)> (quatro ocor.).
- <mer> – *molher* e *molheres*, porque só existem quatro formas com grafia plena destas palavras, três delas escritas com a vogal <o> – <molher> e <molheres>.
- <aqla(s)>/<aqle(s)> – *aquella(s)* e *aquelle(s)*, porque a maioria das formas plenas tem o dígrafo <ll>.
 

<daquelle(s)> e <daquella(s)> - nunca ocorrem com grafia plena neste manuscrito, mas as suas abreviaturas serão desenvolvidas com o dígrafo <ll>, por analogia com <aquelle/a(s)>.
- <contros> – *contrarios*, por analogia com uma única forma plena do singular *contrario*.
- <nras> – *necessarias*. Embora não exista nenhuma forma plena da palavra, e embora a maioria dos casos de abreviação por letras sobrepostas neste ms. seja feita por síncope simples (isto é, por um sistema de abreviação em que só se suprime o centro da palavra)<sup>121</sup>, optar-se-á por *necessarias* porque este tipo de abreviaturas nem sempre apresenta as letras necessariamente pela ordem exacta com que terminam as palavras (isto é, podem corresponder a um conjunto composto por uma letra do meio da palavra e outras do final), e porque é a opção que concorda com a época em que o manuscrito foi copiado e com a grafia

<sup>121</sup> Leia-se sobre os vários sistemas de abreviação e a sua estrutura em Núñez Contreras (1994:109-113).

plena *contrario*. Desenvolver a abreviatura para *necessairas* não seria uma decisão suficientemente fundamentada e até contraditória face à atestação de *contrario*.

- <espto> – *espírito*, porque, não havendo nenhuma forma plena da palavra, será desenvolvida por analogia com a abreviatura do adjectivo dele derivado - *espiritual*.
- <fto> – *feito*, pela única grafia plena da palavra, <feitos>;
- <ans> – *annos*, pela grafia plena maioritária da palavra, <annos>;
- <casto> – *castelo*, e <casta> – *castela*, porque, não ocorrendo nenhuma forma plena das palavras, as abreviaturas serão desenvolvidas de acordo com a grafia actual (estando também de acordo com a tendência da grafia deste manuscrito);
- <Braga> (com o último <a> sobrescrito) - *Bragança*, de acordo com a grafia actual porque não existe nenhuma forma plena do topónimo neste manuscrito.

#### 2.2.5. Erros e notas

- Erros de cópia não serão corrigidos no corpo do texto.
- Acidentes materiais da escrita ou do suporte serão descritos em nota sempre que dificultem a leitura ou possam ser úteis no estudo estemático.
- Lições evidentemente (ou possivelmente) erróneas poderão ser assinaladas ou comentadas em nota, sugerindo-se a provável leitura correcta sempre que possível.

Anotar-se-ão os erros da seguinte forma:

- erro por omissão de uma marca de nasalidade – será considerada um erro porque se entende que a representação da nasalidade é assegurada nestes manuscritos quer pela utilização de til <~>, quer pelas consoantes nasais <m> e <n>. A ausência de <~> será considerada erro sempre que a nasalidade da vogal/ditongo seja inquestionável (isto é, sempre que a sua nasalização seja etimologicamente fundamentada e espelhada nas diversas variantes gráficas – e consequentemente linguísticas – atestadas ao longo da evolução do português). Contudo, como esta ausência de marcação da nasalidade é um erro muito frequente em alguns dos manuscritos, nas notas do cabeçalho da respectiva edição registar-se-ão apenas as palavras em que o erro é frequente e os fólios em que ocorre. No texto crítico anotar-se-ão apenas os casos em que a falta de marca de nasalidade provoca um erro pouco evidente. Ex. (ms. G2, p.339):
  - pertencia: *erro. Falta uma marca que assegure a nasalidade da última vogal e que deve concordar com o sujeito plural os livros.*
- lacunas:
  - *lacunas semânticas* – resultam de erro cometido ou reproduzido pelo copista e são detectáveis pela falta de um segmento de texto que assegure a coerência

semântica e/ou sintáctica do enunciado. Serão assinaladas no corpo do texto com [...]. Em nota serão registadas com as palavras imediatamente antes e depois, de modo a expor o problema. Quando possível, sugerir-se-á uma correcção do erro (isto é, quais as palavras em falta).

- *lacunas materiais* – resultam de acidentes da escrita (ex. borrões) ou do suporte (ex. rasgões, vincos, manchas devidas a má conservação, etc.) e correspondem a lugares do texto em que não é possível ler um segmento texto. Serão sinalizadas com [...], e descritas em nota. Registrar-se-á o contexto (palavra imediatamente antes e depois) apenas quando a lacuna material provocar uma lacuna substantiva evidente, cuja solução poderá ser proposta criticamente.
- erro por omissão de uma letra/sílaba numa palavra – serão assinalados como os restantes erros evidentes (e não como lacunas), visto que não correspondem a vazios no contexto semântico e sintáctico do texto, nem a acidentes de escrita/suporte, mas sim a enganos na cópia e/ou leitura que levaram à omissão de um (ou mais) caracteres de escrita. Serão registados em nota seguidos de uma sugestão de correcção.

A respeito do que não se considera erro:

- elisão entre a desinência da 3ª pessoa do singular das formas verbais e o pronome enclítico – estes casos em que parece faltar um clítico *o(s)* ou *a(s)* com função de complemento indirecto (em posição enclítica) não serão anotados como erros porque se supõe que as suas grafias representam crases/assimilações. Como as restantes elisões, estes exemplos serão transcritos com apóstrofe (exs.: <mete'os> (*meteu-os*, ms. E, f.300r), <ameaçand'o> (ms. E, f.330v)).  
Grafias como <benze a> não serão transcritas como elisões, nem consideradas erros evidentes, visto que é possível que sejam grafias que não representam necessariamente uma crase, mas sim a forma [benze e].
- til <~> sobre vogal contígua àquela cuja nasalidade representa – não será transcrito na posição documentada no manuscrito, e a situação não será assinalada como erro. Considera-se que a posição desta marca pode variar consoante as características da mão cursiva responsável pela escrita (ex. a inclinação da escrita pode interferir com este posicionamento). Transcrever a posição da marca de nasalidade de uma forma documentalista poderia induzir a sua leitura como erro.
- <'> ou <`> em vogais etimologicamente nasais – não serão consideradas erros, pois a utilização de plicas para assinalar a nasalidade é um fenómeno frequente na grafia do português antigo, podendo, portanto, ser uma característica conservada do arquétipo.
- formas gráficas do ditongo [ow] – os casos em que o ditongo [ow] é representado graficamente sem <u> não serão considerados erros porque a oscilação gráfica entre a presença ou ausência de <u> em algumas palavras pode indicar que o ditongo [ow] já monotongou em [o].
- ausência de marca de abreviatura – em alguns dos manuscritos é frequente o copista esquecer-se de marcas de abreviatura, sobretudo pontos (.) em casos como *D.* (exs. *Dom*,

*Dona*, etc.) ou *s.* (exs. *santo*, *santa*, *são*, etc.). Esses casos não serão considerados erros, mas as palavras em que ocorrem e os fólhos onde se repetem serão registados nas notas do cabeçalho da edição de cada testemunho.

- Nas notas ao texto, utilizar-se-ão os seguintes elementos:
  - barra oblíqua para representar mudança de linha ( / ).
  - [ ] com numeração no interior sempre que o texto a comentar esteja entre a mudança de página e/ou fólho. Nos casos em que a mudança de linha/fólho/página possa ser pertinente no esclarecimento de um erro/acidente/correção, a nota também incluirá o contexto imediato.
  - tipo de letra *itálico* para o discurso do editor, de forma a distingui-lo do conteúdo do texto editado (em tipo de letra redondo).

## **CAPÍTULO II**

### **ANÁLISE ESTEMÁTICA**

À análise estemática compete o registo, classificação e interpretação das variantes dos testemunhos de uma dada tradição textual, com o objectivo de estabelecer as relações hierárquicas (descendentes, ascendentes ou colaterais), ou seja, a *filiação* entre esses testemunhos ou grupos de testemunhos (*famílias*) (Blecua 2001:60 e Trovato 2014:52). Procedendo à colação dos testemunhos, à identificação de erros e variantes significativas (como se especifica adiante), a estemática propõe reconstruir o processo de transmissão de um texto, estabelecendo um *stemma codicum* como uma representação gráfica hipotética da filiação entre os testemunhos, tal como a informação obtida pela sua colação e recensão permite definir (Blecua 2001:73-74 e Trovato 2014:59).

Como conjunto de operações que levam ao estabelecimento do *stemma codicum*, a estemática metaforiza o processo de cópia manual de um texto no processo de replicação genética. Com uma função relativamente pragmática, a análise estemática permite reconstituir a lição do arquétipo de uma tradição, mas como disciplina autónoma permite estudar o processo de transmissão do texto, e os momentos e as razões pelas quais certas variantes foram introduzidas na tradição, condicionando a transmissão do texto e a sua recepção em cada época.

É precisamente nesta perspectiva dos estudos estematológicos que a presente análise se situa, interessando-se por analisar e conhecer, tanto quanto possível, o processo de transmissão do texto da *VSSB* e representando-o num *stemma codicum*.

Antes de mais, convém notar que nesta análise estemática não se faz distinção entre os conceitos de *original* e *arquétipo*. A distinção entre original e arquétipo reside, para alguns autores, como Trovato (2014), no facto de o primeiro, ao contrário do segundo, ser um texto autógrafa imaculado e desprovido de erros<sup>1</sup>. Esta distinção teórica, desde sempre controversa entre os críticos textuais, levanta muitos problemas terminológicos e conceptuais a que Sobral (2016) se dedica com detalhe, partindo de uma recensão das definições de Trovato (2014) no quadro conceptual em que elas surgem. Para esse autor, o *original* invoca um «texto ideal, limpo de erros» (Sobral 2016:212) que exprime a intenção inicial do autor. Contudo, e como lembra Sobral (2016:212), «se há coisa que o estudo dos autógrafos praticado nas últimas cinco décadas nos ensinou foi a aceitar que o autor também erra». Ora, se o autor erra e o original não é «o

---

<sup>1</sup> Sobre esta distinção e aplicação desta terminologia v. Trovato (2014:38 e 64-66).

testemunho de pureza virginal» que a estemática pretende reconstituir, então a verdade é que é apenas uma «categoria abstracta e não um conceito operativo» (Sobral 2016:213). Quer isso dizer que «historicamente, [até] poderá ter existido um original, isto é um testemunho autógrafo que foi copiado pela mão apógrafa que deu origem à tradição. Mas nada nos garante que não foi de um testemunho autógrafo ou supervisionado pelo autor que derivou a tradição, sobrepondo-se, assim, original a arquétipo. Nada nos garante igualmente que o original existiu sempre» e, consequentemente, durante a análise estemática «ao crítico textual jamais será possível afirmar quais os erros que estavam no arquétipo e que não estavam no original» (Sobral 2016:213).

Por estas razões, nesta análise recorre-se apenas ao conceito de *arquétipo* ( $\Omega$ ) para retomar o testemunho perdido, datável do século XIII, que é antecedente comum dos testemunhos sobreviventes da tradição da VSSB<sup>2</sup>. Este deve ser definido como o «mais antigo antepassado comum dos manuscritos conhecidos» (West 2002:39) e a sua existência pode ser demonstrada pela ocorrência de, pelo menos, um erro comum a todos os testemunhos da tradição, que dificilmente pudesse ter resultado de poligénese.

## 1. ESTRUTURA EXTERNA DO TEXTO

Os dados obtidos da descrição codicológica de cada um dos testemunhos manuscritos desta tradição (e dos códices que os transmitem) são aqueles que permitem iniciar a análise estemática desta tradição porque oferecem as primeiras informações a respeito da filiação entre os seus testemunhos apógrafos.

Este procedimento designar-se-á *colação externa*, termo utilizado por Orduna (2005). Segundo o autor, um *stemma* «que pueda construirse por el cotejo interno de variantes debe ser controlado e orientado por un estudio minucioso de la historia de la tradición textual vinculada a estos códices misceláneos donde la obra por editar puede aparecer completa o fragmentaria y, a veces, hasta insertada en otra obra» (Orduna 2005:211). Orduna sugere que uma das principais vias da análise estemática deve ser (como ponto de partida ou como complemento final) a autorização obtida através da comparação externa como «procedimiento auxiliar para la identificación de familias de manuscritos y de ramas de la tradición del texto» (Orduna 2005:165). É esta colação externa que muitas vezes pode dar conta das primeiras variantes nascidas da transmissão textual e que, segundo este autor, podem ser tão valiosas (embora a um nível

---

<sup>2</sup> V. esta definição de *arquétipo* em A Valle (1985:85). Sobre a confusão com original e sobre a ambiguidade do conceito veja-se o artigo de Sobral (2016), já referido, e também Blecua (2001:67).

diferente) quanto a análise das lições divergentes e variantes conjuntivas. Esta proposta de Orduna salienta que algumas informações obtidas da descrição codicológica dos testemunhos traçam inevitavelmente as primeiras suspeitas a respeito das relações entre eles. Tomar-se-á este ponto de partida na presente análise estemática, esperando que ele contribua para aumentar a objectividade da aplicação dos critérios estemáticos neo-lachmannianos<sup>3</sup>.

O primeiro contributo da colação externa é a separação entre o ms. G1 e os restantes testemunhos. G1 é um testemunho transmitido numa compilação de textos documentais considerados de interesse pela Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, intitulada *Lembranças de muitas cousas Notaveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cónego, há 25 anos na mesma Igreja*, e cuja cópia se atribui precisamente ao pároco Pedro de Mesquita. Já os mss. E, P e G2 aproximam-se entre si (afastando-se de G1) porque são cópias de uma mesma monografia de Torcato Peixoto de Azevedo sobre a história da cidade de Guimarães, intitulada *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*. O arquétipo dessa obra terá certamente sido o antecedente de E, P e G2, um subarquétipo da tradição da VSSB a que chamarei, por enquanto, alfa ( $\alpha$ ), até que se esclareçam melhor as relações de parentesco que existem entre estes testemunhos.

Lembrando que o *arquétipo* é datável de 1248-1284, retomem-se agora as janelas de datação propostas para cada um dos códices a que pertencem os quatro testemunhos desta tradição, e veja-se a consequente proposta de datação de  $\alpha$ :

- G1 – códice datável de 1620-1645. 1620 é a provável data de início da cópia da compilação; 1645 é a data do mais recente texto datado do códice;
- Subarquétipo  $\alpha$  – arquétipo da tradição das *MRAG*, desaparecido, mas possivelmente produzido entre 1656-1692/02/14. Veja-se a discussão da proposta de Brito (1981) já referida (v. pp. 45-46), segundo a qual Torcato Peixoto de Azevedo terá levado 36 anos a redigir a obra, e 1692 terá sido a data em que concluiu a tarefa;
- E – códice autógrafo das *MRAG*, mas provavelmente copiado (dada a sua apresentação, limpeza e clareza da cópia). Como autógrafo de Azevedo é datável dos finais do séc. XVII (*post* 1692) ou do início do séc. XVIII;
- P – códice da segunda metade do séc. XVIII, pelo menos de acordo com a identificação de um manuscrito da mesma mão (desconhecida) datado de 1787;
- G2 – códice datável da primeira metade do século XIX, produzido entre 1801 e 1845, tendo em conta que, até agora, tudo indica que possa ter sido o original de imprensa da edição de 1845 das *MRAG*.

---

<sup>3</sup> V. a definição do método Lachmanniano em Tavani (1993:230) e leia-se sobre os diversos contributos para a discussão deste método em Trovato (2014:49-75). Sobre o método neo-lachmanniano v. Picchio (1979:224).



Esta proposta de datação dos manuscritos conhecidos da VSSB permite começar por organizar os testemunhos sobreviventes por uma ordem cronológica que estabelece um limite ao *stemma codicum* proposto nesta secção: G1 > E > P > G2.

A respeito do testemunho G2 e do códice apógrafo das *MRAG* a que pertence, retome-se também a informação disposta na secção dedicada à origem e história do códice na sua descrição codicológica (v. pp. 79-82). Aí apresentam-se algumas razões que impedem G2 de ter outra posição cronológica na tradição e, conseqüentemente, fazem dele o único que não pode ter servido de modelo a nenhum dos restantes: marcas de utilizadores que confirmam a sua produção no século XIX, alguns erros flagrantes, muitas abreviaturas e, por fim, o facto de ter muito menor extensão do que E (numa diferença que não pode ser explicada apenas pela utilização de abreviaturas e espaço entre linhas de escrita).

Ainda com base nas descrições codicológicas mencionadas (v. pp. 45-96), observe-se agora a Tabela 1, que nos permite colacionar alguns dos elementos da composição de cada um dos códices apógrafos das *MRAG*, descendentes do subarquetipo  $\alpha$ :

Marcas de autor e copista	
E	Assinatura autógrafa (com elementos decorativos típicos) de Torcato Peixoto de Azevedo.
P	Nome de Torcato Peixoto de Azevedo copiado. Evidente assinatura do copista.
G2	Duas réplicas (sem elementos decorativos) da assinatura Torcato Peixoto de Azevedo.
Incipit	
E	<i>Naquelle tão valerozo, como discreto o grande Alexandre Magno...</i> (1r)
P	<i>Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães / Prefacção / Aquelle tão valerozo, como discreto e grande Alexandre Magno...</i> (1r)
G2	<i>Memorias Resuscitadas da antiga Guimarães. / Prefação / Aquelle tão valerozo, como dyscreto, e grande Alexandre Magno...</i> (1)
Explicit	
E	<i>...da cada hũa dellas tanto gosto, quanto Eu quizera achasse o leitor deste volume. / Finis / Laus Deo, Virginique Matri.</i> (331v)
P	<i>...Todas estas fontes estão tão avizinhas huas as outras que quem beber na primeira pode chegar a ultima sem sede, e achará na agoa de cada hũa dellas tanto gosto quanto eu quizera achasse deitar neste volume / Finis laus Deo virginique matri</i>
G2	<i>...Todas estas fontes estão vezinhas humas das outras e todas seruem a utilidades, e delicias desta Nobre Villa de guimaraes. / Dinis laus Deo.</i>
Conteúdo: Três secções textuais preliminares	
E	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪[Prefacção]: <i>Naquelle tão valerozo, como discreto o grande Alexandre Magno...</i> ([i]r – [ii]r)</li> <li>▪Ao leitor. ([ii]v – [iii]r)</li> <li>▪Protestação. ([iii]v)</li> </ul>
P	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães / Prefacção / Aquelle tão valerozo, como discreto e grande Alexandre Magno...</i> (1r)</li> <li>▪Ao leitor (2v)</li> <li>▪Protestação (3r)</li> </ul>
G2	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães / Prefacção / Aquelle tão valerozo, como dyscreto, e grande Alexandre Magno...</i> (1-4)</li> <li>▪Ao leitor (5-6)</li> <li>▪Protestação (6-7)</li> </ul>

Conteúdo: Texto	
E	<i>Memorias Resucitadas da antiga Guimarães</i> (1r-331v)
P	<i>Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães</i> (4r-223r)
G2	<i>Memorias Resucitadas da Antiga Guimarães</i> (8-376)
Conteúdo: índices e capítulos	
E	•Sem índice •142 capítulos
P	•Índice dos Capítulos deste livro (223v-227r) •142 capítulos
G2	•Índice ([377-380]) •142 capítulos
Notas marginais no Códice	
E	Várias notas marginais de leitura ao longo do códice.
P	Das várias notas marginais de leitura de E, P apresenta apenas algumas ao longo do códice.
G2	Sem notas marginais de leitura.
Notas marginais na VSSB	
E	Com notas marginais. Notas de leitura <sup>4</sup> : 1. <i>Monarchia Lusitana parte 4 libro 12 capitulo 27 Excelencia de Portugal capitulo 7 Excelencia 5</i> (286r) 2. foi são Rozendo Bispo de Dume primo desta sancta. (295r) 3. <i>de idade de 58 annos anno anno de 1020</i> (297v) 4. <i>D.Tereza filha de El Rey Dom Sancho o 1º cazada cõ El Rey D. Affonco 9º de Leão sepultada no Mosteiro de Loruão da ordem de são Bernardo. Catalog[...] Real de Hespanha fol. 79. [f.305r]</i> Notas pessoais: 1. <i>em muitas pessoas podia sancta senhorinha fazer o milagre das Rans.</i> (296v)
P	Sem notas marginais.
G2	Sem notas marginais.

### TABELA 1

É possível confirmar que até quanto ao número de capítulos e divisões internas da obra, bem como quanto à apresentação de elementos identificativos do autor, E, P e G2 mostram que pertencem a um mesmo ramo da tradição desta Vida – o ramo encimado por  $\alpha$ , arquétipo perdido das *MRAG*. Embora não se tenha feito uma colação minuciosa do conteúdo de nenhuma das unidades textuais além da *VSSB*, saltam à vista pelo menos os seguintes dados: o códice E distingue-se de P e G2 porque não tem o título *Prefação* no primeiro paratexto, não tem o índice final e, além disso, apresenta muitíssimas notas marginais (das quais P apresenta apenas algumas – embora não nos fólios correspondentes à *VSSB* – e G2 não transmite nenhuma). A isto acrescenta-se o facto de, no *incipit*, E apresentar o texto com a contracção *em* + pronome demonstrativo *aquele* (*Naquelle*), enquanto P e G2 apresentam apenas *Aquele*. No entanto, e embora a maioria destas variantes aproximem P e G2, também existem variantes que aproximam E e P (no caso das notas marginais) o que, por enquanto, torna impossível separar os três códices em famílias distintas.

Alguns destes dados foram inicialmente apurados por Brito (1891) através de uma breve colação do conteúdo do texto das *MRAG* que agora importa retomar. Nesse sentido autora propõe

<sup>4</sup> Confirme-se a localização e disposição destas notas na descrição codicológica do ms. E (v. pp. 62-63).

a utilidade de, por amostra, chamar à colação dos manuscritos o impresso de 1845<sup>5</sup>. Assim, e depois de se dedicar à breve biografia de Azevedo (Brito 1981:438-439), a autora concentra-se na transmissão destes apógrafos, questionando-se sobre por onde terão estado perdidos entre a morte do autor (1705) e a edição impressa (1845). Por último, Brito avança com alguns dados sobre a transmissão das *MRAG* que devem ser tidos em conta no estudo estemático da *VSSB*:

1. Além dos quatro códices onde se encontram os testemunhos manuscritos da *VSSB* e além da edição impressa das *MRAG*, Brito menciona a possível existência de outras cópias da obra de Azevedo que terão estado na posse da família Motta Prego. Essa informação é confirmada por uma declaração de Francisco Martins Sarmiento (1896:7, nota 1) - último possuidor do ms. G2 - anteriormente apresentada (v. nota 89, p. 80), e por outra de João Gomes de Oliveira, Abade de Tagilde (v. Brito 1982:442). Comentando essa declaração de Sarmiento (1896), Brito conclui que, embora não falem capítulos da obra a E, P ou G2, é possível que tenham existido outras cópias das *MRAG* incompletas ou truncadas.
2. G2 parece ser o original de imprensa da edição de 1845 das *MRAG*, não porque o refira o editor, mas porque tem muitas omissões em comum com o impresso e porque o impresso tem muitos erros que só se explicam pelo carácter abreviador de G2<sup>6</sup>. Estes dados serão retomados adiante, de forma a integrar o impresso no *stemma codicum* (v. pp. 217-221).
3. Fazendo uma análise descritiva mais pormenorizada de G2 face a P (que, por ser da mesma extensão que E, pode ser objecto da aplicação de um mesmo método estatístico), Brito (1981:443) conclui que G2 tem pelo menos 237.344 palavras a menos do que P<sup>7</sup>, o que talvez indique que, qualquer que tenha sido o critério de omissão, esta será certamente uma cópia das *MRAG* deliberadamente truncada;

A colação da *Introdução* e do *Remate* que contextualizam a *VSSB* nas duas obras que a integram mostra, desde logo, a separação sugerida anteriormente<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> V. a justificação para a escolha dos capítulos colacionados pela autora em Brito (1981:438).

<sup>6</sup> A este respeito Brito dá um exemplo particular de um erro histórico do impresso onde D. Fernando é mencionado como filho de D. Dinis. Feita a colação com E, P e G2, Brito conclui que só G2 explica o erro: «onde, na verdade, está escrito Aff.<sup>9</sup> – abreviatura esta escrita sobre outra palavra que ficou parcialmente encoberta –, o editor leu algo como Fer.<sup>9</sup>» (Brito 1981:441).

<sup>7</sup> V. nota 93, Capítulo I, p. 83.

<sup>8</sup> Nesta colação, a lição dos testemunhos apresentar-se-á pela sua ordem cronológica (G1 / E / P / G2) em lugares variantes identificados pelos fólhos de G1 e numerados pela ordem em que são apresentados na presente dissertação. Para evitar repetições, por vezes remeterei para lugares apresentados e/ou analisados com mais detalhe noutras secções do trabalho. Além disso, só se realçam a negrito os elementos essenciais a cada análise, e em E, P e G2 só se assinalam mudanças de fólho (//) ou linha de texto (/) sempre que isso for pertinente para esse exame. Esta análise da variação considera não apenas a palavra, mas também a oração, o período e até o parágrafo, visto que o contexto e a proximidade entre certos lugares variantes obrigam a que sejam entendidos como uma unidade para que se expliquem ou excluam certas leituras. A esse respeito v. Cerquiglini (1989:46): «Si l'acte d'édition impose la définition moderne du mot, il fait de même, à un niveau supérieur, avec celle de la phrase».

## Introdução

1. Começa-se a vida e milagres da bem aventurada santa Senhorinha da Ordem de São Bento. A qual foi tirada do próprio Original que está em Santa Senhorinha de Basto da Comarca d'entre Douro e Minho. (211r)

Na Igreja de Santa **Senhorinha** se achou hũ liuro **manuscripto, que por antigo, e pouco estimado estava já do tempo offendido, com falta de folhas, e as letras de outras corcomidas de maneira, que se não podião ler, nem ellas declarauão sua escrita**, que hera a vida e milagres **desta bem aventurada sancta**, que diz o seguinte.s

Na Igreja de Santa **Senhorinha** se achou hum livro **manuscripto que por antigo e pouco estimado estava já do tempo offendido com falta de folhas, e as letras de outras corcomidas de maneira que se não podião ler, nem ellas declaravão sua escrita**; que era a vida, e milagres, **desta bem aventurada santa**, que diz o seguinte.

Na Igreja **da** santa se achou o livro antigo de sua vida, e milagres **o qual dis assim**.

## Remate

2. finis. (236r)

Isto hera o que aquelle antigo papel, **que nesta Igreja de sancta Senhorinha se achou, continha, da vida, e milagres desta bem aventurada sancta tão mal tratado do tempo que delle se não pode colher mais**; que foi trasladado pelo mesmo estilo **como estava escrito naquella fraze antiga, em que os homens fazião mayor estimacão da verdade do que de nenhuma outra couza, e tinhão por muito grande afronta faltar a ella, e hera entre elles tão abominada a mentira, que se desprezaua pello vicio mais torpe dos homens . que he endicação pera se lhe dar todo o Credito de verdadeiro**.

Isto era o que aquelle antigo papel **que nesta Igreja de santa Senhorinha se achou continha da vida, e milagres desta bem aventurada santa; tão mal tratado do tempo que delle se não pode colher mais**; que foy trasladado pello mesmo estillo **como estava escrito naquella fraze antiga em que os homens fazião mayor estimacão da verdade, do que de nenhuma outra couza, e tinhão por muito grande afronta faltar a ella; e era entre elles tão abominada a mentira, que se desprezava pello vicio mais torpe dos homens, que he indicação para se lhe dar mais credito de verdadeiro**

Isto he o que continha aquelle antigo papel dos milagres de Santa Senhorinha que foi trasladado na mesma fraze antiga.

A colação destes dois lugares variantes permite concluir que:

- 1) E e P têm sempre a mesma variante, o que sugere que tenham tido um antecedente comum (que pode ou não ter sido o mesmo dos restantes);
- 2) G2 tem sempre variantes muito mais simples e abreviadas do que E e P, mas na verdade relativamente próximas delas (mais do que das de G1). Isso permite supor que G2 também descende de um antecedente comum a E e P, o que não é incompatível com as variantes por omissão (entre outras) que apresenta;
- 3) G1 difere por completo de E, P e G2, o que está de acordo com a probabilidade de representar um ramo de transmissão distinto.

Ambas as famílias mencionam o exemplar de onde copiam a *VSSB* como o manuscrito “original” do texto (o que também assegura a existência do arquétipo da tradição sobrevivente,  $\Omega$ ), mas fazem-no de formas diferentes. Assim, a *Introdução* e o *Remate* de E, P e G2 são mais extensos e elaborados do que os de G1, apresentando (no *Remate*) argumentos em defesa da “veracidade” deste texto, e portanto validando-o historicamente. O discurso de validação, que invoca a antiguidade do papel (apesar de, no século XIII, este suporte não ser ainda usado) e o seu estado de degradação, bem como a “frazes antiga”, culmina com a alegação de uma suposta “estimacão” dos homens antigos pela verdade que é evidentemente atribuível a Azevedo, desejoso de legitimar a fontes da sua obra historiográfica. Já Mesquita, mais sóbrio, limita-se a

invocar o lugar de conservação do manuscrito (Santa Senhorinha de Basto, isto é a igreja da santa) como validação suficiente da sua historicidade.

Confirma-se, portanto, a distinção de duas famílias, que agrupam E, P e G2 por oposição a G1, coincidentemente com a separação entre o códice das *Lembranças* (G1) e os apógrafos das *MRAG* (EPG2).

Ainda a respeito da estrutura do texto, veja-se como se comportam os quatro testemunhos em relação à distribuição dos parágrafos e títulos de capítulos. Na maior parte dos lugares de variação não é possível decidir qual das possibilidades – existência ou ausência de parágrafo – corresponde a um desvio da estrutura do arquétipo, onde não existiriam parágrafos, mas, provavelmente, outros elementos semiográficos (letrinas, caldeirões, etc.) a identificar as unidades textuais. Contudo, assumindo que a intervenção mais provável é sempre a de abertura de parágrafos para facilitar a leitura do texto (pelo menos de acordo com a evolução de um código bibliográfico com cada vez mais tendência para separar discursos e temas, facilitando a cadência da leitura, etc.), então essa é uma intervenção sem dúvida mais fácil de atribuir a um dos copistas do que a eliminação deliberada de um parágrafo – na maior parte dos exemplos injustificada, pelo menos de acordo com a estrutura discursiva. Assim, parte-se do princípio de que a variação ocorreu dos testemunhos onde o texto é contínuo para aqueles onde se abrem parágrafos. Excepção são os lugares onde o parágrafo seria inevitavelmente essencial (por exemplo, naqueles que abrem a narração de um novo milagre).

Na distribuição dos parágrafos ao longo do texto ocorrem apenas três tipos de situações (num total de 49 lugares e num conjunto de 13 lugares de variação):

1. Todos os manuscritos concordam no local onde se abre parágrafo;
2. G1 não tem parágrafo onde E, P e G2 abrem parágrafo;
3. G1 abre parágrafo onde E, P e G2 não o têm;

Assim, a distribuição do texto por parágrafos também se encontra a favor da separação da tradição manuscrita em dois ramos de transmissão: G1 e EPG2 ( $\alpha$ ). Aliás, nos três lugares que ilustram o ponto 3. facilmente se considera G1 como uma variante do arquétipo, porque, em pelo menos dois deles, a abertura do parágrafo pode ter sido sugerida pela mudança do recto para o verso de um fólio:

3. tornando sse **a Deos**. // § **A Deos** senhor muito alto criador (213r//213v)  
tornando sse **a Deos** . **A Deos** senhor muito alto criador  
tornando se **a Deos** : **A Deos** senhor muito alto criador  
tornando se a Deus senhor mui alto criador

4. quando he iunta com humildade verdadeira. // § Porem te rogo e peço senhor que queiras (216r//216v)  
quando he iunta cõ humildade verdadeira . Por em te rogo, e pesso senhor, que queiras  
quando he junta com humildade verdadeira; por em te rogo e peço senhor que queiras  
quando he junta com humildade verdadeira, por em te rogo, e peso senhor me queiras

No lugar variante 3, a inserção de parágrafo na mudança de página, em G1, parece ser (tal como a omissão do lugar em G2) uma forma de colmatar um erro do arquétipo por repetição de *A Deus* (lugar que adiante será examinado mais ao pormenor). Como é improvável que E e P mantivessem o erro embora eliminassem o parágrafo, isso sugere que no arquétipo talvez não existisse nenhum elemento semiográfico que separasse as unidades textuais, mas que o erro já existia.

Em 4, a inserção de um parágrafo na mudança de página parece ser uma intervenção de G1 motivada pela mudança do recto para o verso de um fólio. Essa divisão interrompe um discurso directo, o que não é frequente neste texto.

Independentemente de, na maior parte dos dez lugares que ilustram o ponto 2., E, P e G2 reproduzirem prováveis variantes do subarquétipo  $\alpha$  (nesses exemplos incluem-se casos em que a intervenção é evidente pela quebra de sentido do texto, e outros em que o sentido da variante é menos claro), há pelo menos dois lugares onde a inexistência de parágrafo em G1 parece menos correcta. Contudo, esses são lugares onde G1 difere de EPG2 porque não tem nenhum título introdutório em dois dos milagres em vida da S. Senhorinha:

5. e a graça que em elle hão os santos seus, Em esta igreja mesma esteue, esta santa algũs dias (224r)  
e a graça, que en elle hão os sanctos seus. § **Milagre que nosso senhor fes por rogos de sancta Senhorinha no pão que deu aos seus seruidores do Mosteiro de Vieyra em occazião que se uirão sem nenhum** § Estaua sancta Senhorinha pera se sahir do seu Mosteiro de Vieyra  
e a graça que em elle hão os santos seus. § **Milagre que Nosso senhor fez por rogos de santa Senhorinha no pão que de[...]os<sup>9</sup> seus servidores do Mosteiro de Vieira em occazião que se virão sem nenhum.** § Estava santa Senhorinha para se sahir do seu Mosteiro de Vieira  
e a graça que em elle hão os santos seus. § **Outro.** Estava santa Senhorinha para se sahir do seu Mosteiro de Vieira
6. este mesmo senhor deu a esta santa o dito pam . Depois que esta santa leixou mantimento (224v)  
este mesmo senhor deu a esta sancta o dito pão. § **Milagre que sancta Senhorinha fes cõ as rans que a não deixauão rezar** § Depois, que esta sancta leixou mantimento  
este mesmo senhor deo a esta santa o dito pão. § **Milagre que santa Senhorinha fez com as Rans que a não deixavão rezar** § Depois que esta santa leixou mantimento  
este mesmo senhor deo a esta santa o dito pão. § **Outro.** § Depois que esta santa leixou mantimento

EPG2 não só abrem parágrafo nos lugares assinalados como apresentam um título que introduz o milagre narrado e, conseqüentemente, poderiam parecer mais aceitáveis (mesmo que não representassem a lição genuína). Isto não só porque introduzem dois novos milagres de S.

---

<sup>9</sup> Seguindo o critério utilizado nas edições semidiplomáticas dos testemunhos E, P e G2 (v. pp. 136-137), na transcrição das variantes não se assinalam com [...] as lacunas semânticas perceptíveis apenas depois da colação dos apógrafos.

Senhorinha, mas também porque anteriormente G1 já tinha (como EPG2) começado a enumerar os milagres da santa, abrindo um novo parágrafo e dando um novo título aos três milagres que apresenta imediatamente antes dos dois acima apresentados. Nestes dois lugares G1 não separa o “Milagre do pão” e o “Milagre das rãs” do milagre imediatamente anterior em que o demónio toma um homem por dizer mal de S. Senhorinha, o que provavelmente se explica pelo facto de G1 estar a reproduzir o arquétipo, onde o início dos milagres não estaria certamente assinalado por parágrafos, mas por um caldeirão e/ou uma letrina, tal como é habitual nos manuscritos medievais. Em todo o caso a distribuição dos parágrafos favorece a separação entre dois ramos de transmissão da *VSSB*, pois G1 provavelmente reproduz fielmente a capitulação do texto de  $\Omega$ , enquanto E, P e G2 reinterpretem a função semiográfica dos caldeirões e/ou letrinas para o equivalente no seu código bibliográfico, isto é, parágrafos.

No entanto, e visto que nos dois últimos exemplos a distribuição dos parágrafos estava directamente relacionada com a colação dos títulos atribuídos aos milagres da santa, note-se que os dois lugares indicados e aquele que os segue são os únicos três casos onde G1 não tem nenhum título, sendo que a única coisa que têm em comum é serem milagres em vida. O último não se corresponde a nenhum da lista acima porque G1 abre parágrafo tal como EPG2:

7. **om.** (224r)

Milagre que nosso senhor fes por rogos de sancta Senhorinha no pão que deu aos seus seruidores do Mosteiro de Vieyra em occazião que se uirão sem nenhum

Milagre que Nosso senhor fez por rogos de santa Senhorinha no pão que de[...]os seus servidores do Mosteiro de Vieira em occazião que se virão sem nenhum.

Outro.

8. **om.** (224v)

Milagre que sancta Senhorinha fes cõ as rans que a não deixauão rezar

Milagre que santa Senhorinha fez com as Rans que a não deixavão rezar

Outro.

9. **om.** (225r)

De hũa reuelação que sancta Senhorinha teue de nosso senhor em que lhe mostrou [...] tinha em seu reyno a alma de seu Primo são Rozendo Bispo de Dume.

De hum a reuelação que santa Senhorinha teve de Nosso senhor em que lhe mostrou [...] tinha em seu Reyno a alma de seu Primo santo Rozendo, Bispo de Dume.

Revelação

Mais uma vez, só é possível concluir que E e P concordam sempre no título de todos os milagres – em muitos casos bastante próximo do título de G1. G2 difere em todos os casos, apresentando apenas uma palavra ou um número para enumerar o elenco de milagres. Se E e P partilham sempre a mesma lição em todos os títulos, e se G2 deve descender do mesmo subarquétipo, então existe na distribuição dos títulos dos milagres outro argumento a favor da

separação dos dois ramos de transmissão sugeridos. Igualmente coerente com esta hipótese é o único exemplo em que G1 tem uma variante mais complexa e extensa, não coincidindo com a lição de EP nem mesmo na componente da narrativa que realça:

10. **Em como Dom Paio Arcebispo de Bragua quisera abrir o moimento de santa Senhorinha.** (227r)

Milagre do Cego que uio por vertude da sancta Senhorinha.

Milagre do Cego que vio por virtude de santa Senhorinha.

2º

Um pouco menos elucidativo da separação entre G1 e EP é o facto de a variante de G1 ser, na maior parte dos casos, diferente da de EP, mas não necessariamente separativa. Há lugares em que G1 tem uma especificação (a mais do que EP) que talvez tenha sido copiada de  $\Omega$  (v. o lugar 11, abaixo). Ao mesmo tempo, existem lugares em que os títulos de G1 são verdadeiramente próximos dos de EP (v. o lugar 12, abaixo):

11. Da **Molher Demonhada** como foi liure do diabo. (234r)

Milagre que sancta Senhorinha fez em hũa **Molher Demonhada**.

Milagre que santa Senhorinha fez em hũa **molher demonhada**.

15

12. Da **Molher que foi espantada da dor do filho** (235v)

Milagre **da mulher que foi espantada da Dor do filho**.

Milagre **da mulher que foy espantada da dor do filho**.

17

Aproximando G1 e  $\alpha$ , note-se como existem pelo menos quatro lugares (os primeiros quatro abaixo) onde G1 se comporta exactamente como EP, sem qualquer variante que pudesse sustentar a separação das duas famílias:

13. Millagre da madre e da filha (229v)

Milagre da Madre, e da filha

Milagre da Madre, e da filha

*om.*

14. Millagre do que furtou os Dinheiros Do ouro. (230r)

Milagre do que furtou os Dinheiros do ouro.

Milagre do que furtou os dinheiros do ouro.

8º

15. Millagre das tres molheres que forão sans das suas dores. (233v)

Milagre das tres molheres, que forão sans das suas dores.

Milagre das tres mulheres que forão sããs das suas dores.

13º

16. *om.* (234r)

*om.*

*om.*

14



17. Do homem que dizia que lhe furassem a orelha com hum ferro. (235r)

Milagre do Homem que dizia que lhe furassem a orelha cõ hum ferro.

Milagre do homem que dizia que lhe furassem a orelha com hum ferro.

14

Quanto ao último exemplo, note-se que o que está em causa é o facto de G1, E e P apresentarem a mesma ordenação do “milagre do homem que pedia que lhe furassem a orelha”, isto é, como 17º milagre e não o 14º (como em G2). Independentemente de qual deles possa representar a lição genuína, sabe-se que, se G2 apresenta o número do milagre correcto dentro da sua contagem sequencial, há apenas três possibilidades: G2 copia de um modelo (que pode ser a posição em que o milagre surge em  $\Omega$  ou num subarquétipo); G2 tem uma variante intencional (introduzida por si ou copiada de um subarquétipo), antecipando o milagre durante a cópia; G2 cometeu um erro que provavelmente implicou uma pausa na cópia (já que o lugar não envolve nenhuma mudança de fólio ou de página coincidente), levando-o a copiar primeiro o “milagre do homem que pedia que he furassem a orelha” e, de seguida, apercebendo-se do salto na cópia, a retomar o modelo para copiar os dois episódios de que se havia esquecido (numerando-os sem adulterar a sua sequência).

Por agora recorde-se que os três lugares em que G1 não apresenta título são o 4º, 5º e 6º milagres em vida de S. Senhorinha, mas que nos três primeiros G1 teria feito esse tipo de introdução. Este dado, a par dos quatro lugares acima mencionados onde G1, E e P coincidem, sugere que a lição de EP talvez aponte para os lugares onde haveria (ou deveria haver) algum título no arquétipo da tradição. Num futuro estabelecimento crítico do texto esta hipótese deverá ser cuidadosamente analisada, considerando que estas variantes podem ter resultado de amplificações descritivas de Azevedo (em EP,  $\alpha$ ) ou de simplificações de Mesquita em G1.

## 2. COLAÇÃO INTERNA - *collatio variantium lectionum*

Apresentados os resultados obtidos da colação externa dos testemunhos, veja-se como eles colocam em evidência alguns dos lugares mais relevantes na colação das suas variantes substantivas (*collatio variantium lectionum*).

Na análise e classificação das variantes considerar-se-ão as quatro operações de escrita clássicas: omissão, adição, substituição e reordenação. Utilizar-se-ão ainda as subcategorias *ampliação* e *repetição* no caso das adições, bem como *perífrase* e *síntese* no caso das substituições. No que toca a lacunas, isto é, a omissões acidentais de texto que provocam variantes substantivas, existem dois tipos: lacunas semânticas e lacunas materiais. As lacunas

semânticas são aquelas que resultam da acção do copista e que, em geral, podem ser percebidas apenas pela falta de coesão gramatical ou discursiva que delas resulta. As lacunas materiais resultam de um acidente material posterior à escrita e, como tal, não caracterizam a acção dos copistas. Só as lacunas semânticas caracterizam o processo de cópia e, consequentemente, só elas têm valor estemático. Assim, convém esclarecer que, ao longo da presente análise estemática, utilizar-se-á sempre só o termo *lacuna*, excepto quando for necessário fazer referência a uma omissão provocada por um acidente posterior à cópia – casos em que será utilizado o termo *lacuna material*.

Ademais, a análise da intencionalidade ou accidentalidade das variantes também permitirá restituir o sentido em que ocorreu a variação de alguns lugares e, consequentemente, perceber se algum dos testemunhos sobreviventes da *VSSB* exhibe a lição genuína - e, se sim, qual. Contudo, e como diz Blecua, em muitos lugares «resulta imposible detectar cuando se trata de una intervención voluntaria o cuando de um erro accidental» (Blecua 2001:20). Saber como reconhecer com certeza se determinada variante é intencional ou accidental é uma questão muito interessante em Crítica Textual, à qual não me dedico devido aos limites impostos, mas que mereceria um futuro estudo teórico detalhado.

## **2.1. RELAÇÕES DE DESCENDÊNCIA DIRECTA**

### **2.1.1. Variantes privativas**

Tomando como único critério a datação, só G2 não pode ser antecedente de nenhum dos restantes testemunhos manuscritos da tradição, por ser posterior a todos eles. Porém, visto que todos os testemunhos apresentam variantes privativas, na verdade nenhum deles pode ter sido antecedente de outro. No caso de G2 essa impossibilidade é imediatamente notória, pelo facto de este apógrafo ser mais curto do que os restantes, ter lições mais simplificadas, e numerosas variantes privativas (como aliás salientam Sobral 2012 e Brito 1981), a cuja análise promenorizada me dedico na segunda secção do capítulo III (v. pp. 289-363).

#### **2.1.1.1 Variantes privativas de G1**

G1 não pode ser antecedente directo de E, P ou G2 porque, sendo estes três últimos parte integrante de três testemunhos das *MRAG*, seria difícil de acreditar que os respectivos copistas tivessem procurado, apenas para a *VSSB*, um modelo diferente daquele que usaram para copiar toda a obra de Azevedo. Além disso, embora G1 (datável de 1620-1645) seja anterior à data de redacção das *MRAG* (1656-1692), também é possível excluir a hipótese de ele ser antecedente

directo do arquétipo das *Memórias*, pois apresenta pelo menos quatro variantes privativas que impedem que E, P e G2 (ou um antecedente comum) o tenham utilizado como modelo:

18. e lhe pareço [...] leixando sua ama (217r)  
e parecendo lhe, **que o** deixando sa ama  
e parecendo lhe **que o** deixando sá ama  
e parecendo lhe **que o** deixando sa ama
19. na egreja **desta** santa (231r)  
nesta Igreja de sancta Senhorinha  
nesta Igreja de santa Senhorinha  
na Igreja de santa Senhorinha
20. sem lhe pedir beïçom, e sem lhe fazer oraçom, e por isso lhe detinha (232r)  
sem lhe pedir beicõ **e merce, e** sem lhe fazer oração, e por esso lhe detinha  
sem lhe pedir bençom, **e merce, e** sem lhe fazer oração, e por esso lhe detinha  
sem lhe pedir bençom, **e merce, e** sem fazer oração, e por esso lhe detinha
21. e ella disse digo uos que o medo que eu auia **que ia o perdi** (235v)  
e ella disse digo uos, [...] que eu auia, que Já o não hei que Já o perdi  
e ella disse digo vos [...] que eu avia que ja não o hey que ja o perdi  
e ella disse digo vos que eu avia **o** que ja nom ei

Em 18, a lacuna de G1 talvez pudesse ser um erro de  $\Omega$  corrigido por conjectura no subarquétipo que copia directamente de  $\Omega$  e que deu origem ao ramo a que pertencem E, P e G2 - por enquanto,  $\alpha$ . Contudo, a verdade é que a próclise depois de conjunção cordenativa *e* (**e lhe pareço**) não era uma estrutura sintáctica aceitável no século XIII e, consequentemente, isso indica que a variante de G1 provavelmente não é a lição genuína. Já em EPG2 o pronome clítico de 3ª pessoa ocorre em ênclise (como seria expectável no português duocentista), e o lugar onde G1 tem uma lacuna encontra-se correctamente preenchido com *que o* (o que certamente não seria uma correcção poligenética de E, P e G2). Assim, G1 tem uma lacuna privativa que o impede de ser antecedente directo de E, P ou G2, e EPG2 copiam de  $\alpha$  a estrutura sintáctica que certamente pertencia ao  $\Omega$  duocentista.

Em 19, a variante de EP é provavelmente a lição genuína, dado que os deíticos de identificação de lugar como *a igreja da santa* são abundantes nesta Vida e, aliás, são um dos argumentos a favor da função cultural do texto, produzido para ser lido na igreja da santa aos peregrinos. No caso deste milagre póstumo isso ainda é mais provável, uma vez que a fonte para os milagres póstumos pode ter sido um livro de milagres guardado na igreja da santa. Se assim foi, o discurso facilmente assumiria a identificação com o local do culto (*nesta igreja*), onde se está e de onde se narra o milagre. Assim, enquanto EP têm a lição genuína, G1 e G2 eliminam o deítico. No entanto, importa notar que G1 parece ter tido alguma consciência das consequências da sua inovação porque imediatamente repõe parcialmente o valor semântico do texto, substituindo o

nome da santa pelo demonstrativo *desta*. Esta variante privativa impede que G1 tenha sido o antecedente directo dos restantes.

Em 20, G1 tem um erro por omissão do sintagma *a merce* provocado por um *salto do mesmo ao mesmo* ancorado na conjunção copulativa *e*. Também não parece possível considerar que os copistas de E, P e G2 (ou do antecente,  $\alpha$ ) tivessem adicionado *e merce* como uma correcção conjectural, sobretudo quando, se este fosse um erro do arquétipo, não tornaria o texto evidentemente agramatical. Este erro de G1 impede-o de ser antecedente de qualquer um dos restantes testemunhos da VSSB.

No lugar 21, G1 e G2 têm duas variantes (*que ia o perdi* e *que ja nom o ei*, respectivamente), e cada uma delas corresponde a parte da lição de EP (*que ja não o hey que ja o perdi*). Dado que a lacuna de G1 não torna o enunciado agramatical, não é possível considerá-lo um erro de  $\Omega$  que EP e G2 corrigissem conjecturalmente. Assim sendo, é mais provável que em  $\Omega$  existisse a lição redundante de EP e que G1 e G2 tivessem duas variantes privativas distintas. Neste sentido, a variante de G1 pode ter sido: 1) accidental, e motivada por um salto do mesmo ao mesmo ancorado na conjunção relativa *que*; 2) intencional e, provavelmente, motivada pela eliminação de uma redundância. Em todo o caso, E, P, G2 e mesmo  $\alpha$  certamente não teriam copiado G1.

Existem outros quatro casos onde G1 apresenta lições erróneas que não podem ter estado na origem policgénica das lições mais correctas de EPG2:

22. quantos marteiros os martires per Jesu cristo [...] <sup>10</sup> (218r)  
quantos marteiros os Martires por Jesus Christo **padecerão**  
quantos marteiros os martires por Jesus Christo **padecerão**  
quantos martirios os Martires de Iesus Christo **padecerão**

23. e cuidando *que lho* fizera a sergenta escarnio (221v)  
e cuidando, que lhe fizera a sergenta **por** escarnio  
e cuidando que lho fizera a sargenta **por** escarneio  
e entendendo que lho fizera a sargenta **por** escarneio

24. fallou o judeu e **disse** a grandes vozes **disse** (226v)  
fallou o Judeu, e **disse** a grandes uozes,  
falou o judeo e **disse** a grandes v[...]z[...]s  
falou o Iudeo, e **disse** a grandes voses,

---

<sup>10</sup> Na edição semidiplomática de G1 esta lacuna surge assinalada no primeiro lugar onde a forma verbal poderia estar em falta (*quantos marteiros [...] os martires*) porque a correcção depois do complemento *per Jesu cristo* só se torna evidente após a colação com os restantes apógrafos.

25. ella ficou muito espantada, e com grande medo, e doo de seu filho que os olhos non podera ter assossegados, nem os braços, que tinha estendudos, non os podia colher, **asi** pero bradaua per Deos e per sua madre (235v)

ella ficou muito espantada, e cõ grande medo, e Doo de seu filho, que os olhos nom podera ter asossegados, nem os bracos, que tinha estendudos, nom os podia colher **a si**; pero bradaua por Deos, e por sua Madre

ella ficou muito espantáda, e com grande medo, e doo de seu filho que os olhos nom podera ter assossegados, nem os bracos que tinha estendudos nom os podia colher **a ssi**; pero bradava por Deos, e por sua madre

ella ficou muito espantada, e com grande medo, e dó de seu filho, que os olhos nom podera ter asoçegados, nem os braços que tinha estendudos nom os podia colher **a ssi** . pero bradava por Deus e por sua Madre

Em 22, G1 apresenta uma lacuna evidente onde falta um verbo que ligue o complemento directo *marteiros* ao sujeito plural *martires*. Não seria impossível, considerando o contexto de semântica muito restrita em que a lacuna se encontra<sup>11</sup>, postular uma conjectura a partir de um arquétipo lacunar mas, trabalhando independentemente, os copistas de E, P e G2 não chegariam necessariamente à mesma solução. Parece evidente que os três dependem de um antecedente comum que conservou a lição correcta do seu antecedente.

O contexto em que ocorre o lugar 23 implica que seja lido da seguinte forma: “pensando que a sargenta lho fizera (algo a santa Senhorinha) por (causal) escárnio”. A utilização do clítico dativo + artigo definido (*lho*) indica que EPG2 têm a lição correcta (apesar de E ter uma variante *lhe*), pois um complemento directo incluído no complemento indirecto sugere que *escarnio* não deve ser entendido como o complemento directo da oração, mas sim como causa desse sentimento. Assim, a variante de G1 deve resultar da omissão accidental do conector de subordinação *por* (com valor causal/explicativo). Menos provável é que a variante de EPG2 resulte da adição poligenética desse conector.

Em 24, G1 tem um erro por repetição do segmento *e disse*. As redundâncias entre “falar” e “dizer” são comuns no português antigo, em casos nos quais um dos verbos podia funcionar como referente do discurso indirecto (“do que foi dito”) e o outro como introdutor do discurso directo. Aqui, uma terceira forma verbal para introduzir o discurso directo não pode deixar de ser um erro que não se transmitiu a EPG2, provando que estes três não descendem directamente de G1.

Em 25, G1 apresenta um erro de *asi* (advérbio de modo) por *a si* (complemento indirecto da acção de *colher os braços a si*) sobre o qual não pode haver dúvidas porque este é o único dos quatro manuscritos da VSSB onde a separação de palavras é clara e sistemática em todos os lugares do texto. A sua origem em  $\Omega$  implicaria a correcção por poligénese em E, P e G2. Consequentemente, G1, que evidencia a sua leitura com pontuação (naturalmente ausente do arquétipo) não pode ser antecedente directo dos restantes apógrafos das MRAG, e provavelmente nem do seu antecedente, que assinala, por sua vez, uma leitura distinta com pontuação diferente.

---

<sup>11</sup> As soluções possíveis oscilam entre *padeceram* e *sofreram*.

### 2.1.1.2. Variantes privativas de E

O testemunho E tem apenas quatro variantes privativas que devemos considerar:

26. hum Conde que auia nome (212r)

hum Conde que **auinom**

hum Conde que avia nome

hum conde, que avia nome

27. nhum dos ditos lauradores, nõ podera mais estar na Eyra, e colherã sse as cazas, e falauão nas vertudes, e milagres de Deos de Deos, e dos seus santos, **antes** os quaes hũ clerigo que a dita igreia regia (222v)

nenhum dos ditos lauradores, nõ podera mais estar na Eyra, e colherã sse as cazas, e falauão nas vertudes, e milagres de Deos, e dos seus sanctos, **ante** os quaes hum Clerigo que a dita Igreja regia

nenhum dos ditos lavradores nom poderom mais estar na eyra, e colherão se as cazas, e falavão nas virtudes, e milagres de Deos, e dos seus santos, antre os quais hum clerigo que a dita Igreja regia

nenhum dos do ditos lavradores non poderom mais estar na eira . e colherão se às cazas, e falavão na virtude, e milagres de eus, e dos sous santos, antre os quaes

28. mandou pello clerigo da igreia (231v)

mandou pello **dos Crego** // Da Igreja

mandou pello Crego da Igreja

mandou pello crego da Igreja

29. e loguo ella e seu marido, e outros que hi estauão, derão graças a Deos (236r)

**e // E** logo ella, e seu marido, e outros que ahi estauom derão graças a Deos

e logo ella e seu marido, e outros que ahi estavom derão graças a Deos

e asim derão grandes graças a Deus

Em 26, E tem um erro evidente de *auianom* por *auia nome*. Dado que a variante é totalmente agramatical, E deve ter apenas cometido um *lapsus calami*. Contudo, como a incoerência é evidente, e uma vez que o contexto antecipa claramente que o que estava em causa era o nome do conde mencionado, então este erro podia ter sido corrigido pelos copistas de P e/ou G2, se estes copiassem E atentamente. Como, no entanto, a atenção ao texto não é necessariamente apanágio do processo de cópia, poderíamos notar que ambos concordam na solução encontrada e que nenhum interpreta, por exemplo, *auinom* como um erro por *auiom* (pretérito imperfeito de haver), o que seria bastante fácil paleograficamente.

Em 27, PG2 têm uma variante da preposição “entre”, relativamente comum no português dialectal e no português antigo, atestada entre o século XII e o XVI, embora desde o XIII a par de *entre* (cf. Houaiss 2015 e Piazza 1999). A utilização desta preposição não provoca qualquer dificuldade na leitura do texto: ...*antre os quais* (lavradores). Contudo, mesmo que pudesse não ser claro que o sintagma pronominal *os quais* retoma o sujeito *os lavradores* (e não necessariamente outro complemento como *milagres* ou *santos*), G1 e E têm variantes provavelmente erróneas. G1 tem a forma *antes*, que poderia ser um advérbio de tempo (“antes de”), um advérbio de lugar (“diante de”, “na presença de”), ou significar “pelo contrário” (como acontece no *Orto do Esposo*, século XIV, cf. Maller 1956 e Parker 1977). Contudo, nenhuma destas

acepções está de acordo com a estrutura sintáctica da oração ou com o sentido exigido pelo contexto em que ela se insere. Em E há uma variante de G1, *ante*.

Dado que é bastante improvável que PG2 transmitam uma correcção de  $\alpha$  a um erro pouco evidente de  $\Omega$ , mas uma vez que é claro que este *clérigo que a dita igreja regia* é o mesmo *Preposto* que teria chamado os lavradores a trabalhar na eira (e que se teria deslocado à casa onde estava S. Senhorinha para denunciar a injúria que Deus lhes fazia), então as variantes de G1 e E são certamente erros privativos. Nesse caso, os copistas entenderam que o antecedente de *os quais* era o conjunto de *os milagres* (de Deus e dos seus santos) e, conseqüentemente, julgaram que o clérigo em questão agia em relação esses milagres; ou perceberam que o sintagma *os lavradores* era o antecedente de *os quais*, mas julgaram que o contexto se focava no facto de o clérigo ter injuriado S. Senhorinha diante de todos *os lavradores*. Em todo o caso, E tem um erro de *ante* por *antre* e G1 um erro de *antes* por *antre*, que provam o princípio estemático *recentiores non deteriores*.

Em 28, E comete um erro, acrescentando a *pello Crego* um preposição que torna o enunciado agramatical. Primeiro o copista escreve *dos*, cuja tinta tem o mesmo tom da restante linha. Depois, a mesma mão parece ter corrigido o erro, ligeiramente acima da linha de escrita, para *pello Crego*, no mesmo momento em que insere o reclamo *da Igreja* na sublinha e no canto do fólio. Embora a correcção tenha sido concretizada imediatamente acima de *dos*, esta última palavra nunca foi cancelada, o que talvez tornasse o erro mais evidente, facilitando a sua correcção por qualquer copista que utilizasse E como modelo. Assim, embora seja difícil compreender o erro de E (em nenhuma parte do texto próximo deste lugar variante ocorre a unidade de cópia<sup>12</sup> *dos* que pudesse ter sido erradamente retomada por E), a sua agramaticalidade é tão fácil de copiar quanto de detectar e corrigir. Por essas razões codicológicas, este é um erro privativo de E relativamente pouco significativo<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Uso o termo unidade de cópia para designar o segmento de texto que, de uma só vez, o copista lê, memoriza, dita interiormente e reproduz no novo suporte, antes de regressar ao antecedente para repetir o processo. V. West (2002:2): «unidade de cópia que serve de referência ao copista».

<sup>13</sup> Utilize-se o termo *erros significativos* para fazer referência a erros com um determinado valor estemático: «Errors arising in the course of transcription are of decisive significance in the study of the interrelationships of manuscripts – I may be allowed to use the terme ‘stemmatics’. Hitherto investigations of errors have been mainly concerned with how they arise and how they can be removed. In what follows I mean to ask simply what characteristics an error must have in order to be utilized for stemmatic purposes, and how many of these errors are required to prove the main types of stemma. In geology those fossils which are characteristic of certain epochs of the earth’s history are denoted in German by the technical term *Leitfossilien* (index fossils); I have similarly employed the term *Leitfehler* (indicative errors, *errores*

Em 29, independentemente da evidente omissão de G2, E tem um erro por repetição da conjunção copulativa, provavelmente motivado pela mudança do recto para o verso do f. 305<sup>14</sup>. Apesar de simples, este é um erro privativo relativamente significativo, uma vez que a sua localização poderia aumentar a probabilidade de um copista, que utilizasse E como modelo, repetir o erro se não estivesse relativamente consciente do contexto.

Como se pode verificar, são muito poucos os erros privativos de E a que se podem atribuir valor estemático. São erros paleográficos ou de escrita que provocaram variantes agramaticais que podem parecer relativamente fáceis de corrigir, se admitirmos que os copistas de P e de G2 estão rigorosamente atentos ao sentido do texto. Porém, a presença de erros também nestes testemunhos não permite garantir que assim seria. A estes quatro exemplos acrescenta-se apenas uma única variante adífora privativa de E, cujo conteúdo não é esclarecedor porque as variantes *são Rozendo* e *santo Rozendo* explicam-se facilmente como duas leituras distintas da mesma abreviatura (S.):

30. *om.*

De hũa reuelação que sancta Senhorinha teue de nosso senhor em que lhe mostrou [...] tinha em seu reyno a alma de seu Primo **são Rozendo** Bispo de Dume.

De huma revelação que santa Senhorinha teve de Nosso senhor em que lhe mostrou [...] tinha em seu Reyno a alma de seu Primo **santo Rozendo**, Bispo de Dume.

Revelação

Como ficará claro ao longo deste capítulo, é possível invocar outros argumentos que defendem que E não foi o antecedente de P nem de G2. Por outro lado, a relativa pobreza de E em matéria de erros pode apontar para a possibilidade sugerida no capítulo anterior (v. pp. 63-64) de este apógrafo ter um estatuto equivalente à edição *ne varietur* das MRAG.

### 2.1.1.3. Variantes privativas de P

Em P também é possível destacar algumas variantes privativas que asseguram que este testemunho não pode ter sido antecedente directo de G2. Em primeiro lugar, vejam-se os três erros que se seguem:

31. e o bem da obediência he tal que os ceos traspassa, e leua o homen a gloria do paraizo (217r)

e o bem da obediencia he tal, que os Ceos traspça, e leua o homem a gloria do paraizo

e o bem da obediencia he tal que os Ceos trespaça, e **lara** o homem a gloria do paraizo

obediencia [...] he tal que os ceos traspça, e leva o homem a gloria do Paraizo

---

*significativi*) for errors which can be utilized to make stemmatic inferences (Gnomon, vi (1930, 561).» (Maas 1972:42).

<sup>14</sup> Esta repetição tem de ser considerada um erro porque o texto não está destacado abaixo da última linha de escrita no recto do fólio, como todos os restantes reclusos do códice E (v. p. 56).



32. a igreja de sam nhoane de veeira (223v)  
a Igreja de são Nhoanne de Vieyra  
a Igreja de s. **Nhoanoza** de Vieira  
a Igreja de s. loane de Vieira

33. Em esta igreja mesma esteue, esta santa algũs dias, e depois que minguarão os mantimentos esta santa estaua de caminho pera se ir a outra igreja, e vendo (224r)

Estaua sancta Senhorinha pera se sahir do seu Mosteiro de Vieyra donde hera religioza, e tinha tomado o abito, com as suas companheiras pera o de são Jorge de Basto, que seus parentes lhe tinham mandado fazer no lugar da Faya, e estando assi todas de Caminho, e uendo

Estava santa Senhorinha para se sahir do seu **Mosteiro de Vieira** donde hera Religioza e tinha tomado o habito com suas companheiras, para **a de s. lorge de Basto** que seus parentes lhe tinham mandado fazer no lugar da Faya; estando assy todas de caminho, e vendo

Estava santa Senhorinha para se sahir do seu Mosteiro de Vieira donde tinha tomado o habito de Religiosa, com suas companheiras para o de s. lorge de Basto, que seus Parentes lhe tinham mandado fazer no lugar da Fiaya, e asi estando todas de caminho, e vendo

Em 31, G1, E e G2 apresentam uma lição (*e leua*) que prova como no arquétipo provavelmente não estava escrito *eleua*, sem separação entre as palavras. P tem um erro paleográfico evidente de *lara* por *leva*.

Em 32, G1 e E têm uma variante linguística popular do topónimo “São João”, no Concelho de Cabeceiras de Basto (onde acontece o episódio narrado) atestada em Machado (1993). Diz o autor: «Já nas Lições [2ª edição] p.203 [273, 3ª edição], expliquei *Sanhoane* por *Sã-Joane*, com a assimilação do [j] à nasal. A falta de palatal em *Sanoane* pode explicar-se assim: o povo decompõe *Sanhoane* em *San-Nhoane*, e como não há palavras que em português comecem normalmente por –nh-, mudou este som em [n]. Nunes explica *Sanoane* mais simplesmente por assimilação do <nh> ao <n> seguinte, citando formas populares danino por daninho, manino por maninho, nino por ninho.» Na mesma entrada Machado acrescenta: «*Sanoane* fica no concelho de Cabeceiras de Basto. Notar esta forma para “São João”, festa litúrgica que parece revelar uma pronúncia popular». Assim, P apresenta um erro cometido sobre essa variante popular transmitida por G1 e E (a lição genuína deste lugar), um erro paleográfico possivelmente motivado pelo desconhecimento desta forma. G2 apresenta uma forma mais comum do nome próprio, o que torna mais provável que tenha lido a variante popular correcta de  $\alpha$  - *nhoanne* - e não o erro de P.

Em 33, existem várias variantes, mas note-se como P apresenta uma pequena variante face à lição de E e G2 – *a de s. lorge de Basto*. Esta é uma variante certamente accidental, pois a utilização de um pronome feminino *a* não é legitimado por nenhum substantivo anterior. Assim, embora o pronome devesse retomar o substantivo *mosteiro*, P deve ter cometido o erro pensando que o antecedente que retomava (já à distância de algumas palavras) seria *igreja*. Pelas mesmas razões, se G2 fosse descendente directo de P talvez também copiasse o erro em causa - simples e, talvez por isso, difícil de detectar. Contudo, dado que em P a figura dos grafemas <o> e <a> é

bastante semelhante, e que em geral oscilações entre o/a (que ocorrem num contexto de alternativa restrita) são pouco significativas, então talvez não fosse totalmente impossível que G2 tivesse copiado de P, corrigindo o erro de forma inconsciente.

Além destes, existem pelo menos dois lugares variantes que tornam verdadeiramente improvável a hipótese de G2 ser descendente directo de P e, ainda assim, ter corrigido por conjectura dois erros privativos desse testemunho certamente fáceis de copiar:

34. toda a quaresma afora tres dias da Doma (219v)

toda a quaresma afora tres dias da Doma

toda a quaresma afora tres dias da **Dona**

toda a Quaresma fora 3 dias de Doma

35. e que se per uentura mentia, que a ira de deos e desta santa viesse sobre ell (230v)

e que se por uentura mentia, que a ira de Deos, e desta sancta viesse sobre elle

e que se por ventura mintia, que a ira de Deos, e desta santa **viässe** sobre el

e que se mentia a ira de Deus, e da santa viesse sobre elle

No lugar 34, P apresenta um erro evidente de *Dona* por *Doma*. G1, E e G2 têm a lição correcta e genuína *Doma*, palavra do grego < HEBDOMÁS, -ÁDOS pelo latim < HEBDŌMADA que designava ‘semana’, e que se atesta desde o século XIII (cf. Lorenzo 1968 e Houaiss 2015) e, pelo menos, até ao século XV (*domãã*, cf. Machado 1977). Neste lugar, a palavra faz referência ao tempo/calendário da quaresma, tal como exige o contexto, mas P comete um erro por *lectio faciliior*, devido ao desconhecimento da forma *Doma*. Pelas mesmas razões, G2 certamente não corrigiria o erro por conjectura e, consequentemente, não pode ter descendido directamente de P, mas sim de  $\alpha$ .

Em 35, P tem um erro de *viässe* por *viesse*. Ao que parece, P entende que a forma verbal devia estar na segunda pessoa do plural (*viessẽ*) e concordar com o sujeito composto *ira de Deos, e desta santa*, mas comete um erro por leitura metatizada (*vi + essẽ/ässe*) provocado pela proximidade entre os grafemas. Se G2 fosse descendente directo de P, ainda que detectasse a incoerência, seria provavelmente induzido a corrigi-la para o plural *viessẽ* (evidentemente sugerido pela marca de nasalidade <~>) e não para *viesse*.

Em suma, G1 tem oito variantes (e erros) privativas significativas, E tem apenas quatro e P tem cinco. Tudo indica, portanto, que nenhum destes testemunhos terá sido antecedente directo de outro que seja cronologicamente posterior.

### 2.1.2. Variantes linguísticas separativas

«Uma língua não é um objecto estático e fechado [...] antes parece um corpo vivo que se acha em mutação constante, [e] pode reverter sobre os seus passos ou pode oscilar entre avanços em várias direcções, naquilo a que se chamaria *variação*» (Castro 2006:7). A Linguística Histórica é a disciplina que se dedica ao estudo da mudança e *variação* diacrónica da língua, isto é aquela que ilustra diversas manifestações de uma língua ao longo do tempo e que resulta de um processo de substituição progressiva (mas não necessariamente sistemática) de uma forma por outra tendencialmente mais moderna. Contudo, convém lembrar que «a delimitação cronológica dos diferentes períodos que constituem um quadro periodológica da história da língua [é] muitas vezes estabelecida a partir de aspectos extralinguísticos» (Brocardo 2014:108) e, sobretudo, que o conhecimento sobre a *variação* diacrónica da língua está muitas vezes dependente de parâmetros imensuráveis, como a transparência (e consequente correspondência) entre a expressão gráfica e fonológica das palavras.

Apesar disso, e a respeito dos diversos instrumentos de análise que podem fornecer informação útil para a demonstração das relações de filiação entre os testemunhos de uma tradição, Ralph Hanna (2009:358) afirma o seguinte: «even fields with such modest claims as dialectology and traditional paleography provide vital information: they ground individual books in time and space, offer data useful in creating networks of literary relationship».

Assim sendo, podem existir variantes linguísticas (formas mais antigas/modernas da mesma palavra, ou estágios distintos da sua evolução morfológica) pertinentes para a análise estemática de uma tradição porque impedem que determinado testemunho tenha sido copiado de um cronologicamente anterior. No presente trabalho designarei esses casos por *variantes linguísticas separativas* porque, devido à data em que se atestam e/ou à datação do testemunho em que ocorrem, funcionam como variantes privativas que impedem que esse testemunho tenha copiado um (ou mais do que um) dos anteriores. Quer isto dizer que encontrar uma variante linguística mais antiga num manuscrito mais moderno significa que esse testemunho provavelmente a copiou de um antecedente, mas também que não deve ter copiado dos testemunhos que, embora anteriores, apresentam uma forma incontornavelmente mais moderna no mesmo lugar.

À partida G1 é o único que não pode ter variantes linguísticas separativas, tal como as defino, uma vez que é o testemunho mais antigo da tradição. Assim, nos casos em que apresenta uma variante necessariamente mais antiga tem de a ter copiado de um antecedente, mas não se

pode considerá-la separativa das restantes porque as variantes de E, P e/ou G2 nesses lugares podem ser simples modernizações poligenéticas. Contudo, existem outros lugares onde E, P e/ou G2 não devem ser descendentes directos de outros testemunhos da tradição anteriores porque as suas variantes são mais antigas<sup>15</sup>:

1) *Nascimento/Nascimento* (e formas verbais derivadas deste substantivo)

36. nascimento (211v)

nascimento  
nascimento  
**nascimento**

37. naçença (211v)

nascença  
nascença  
**nacensa**

38. nação (211v)

nasceo  
nasceo  
**naceo**

Nestes três lugares G2 apresenta uma variante linguística que se atesta no século XIII e, pelo menos na língua literária, até ao século XVI (cf. Houaiss 2015). Esta forma deve ter sido copiada de um antecedente, mas a forma com sibilante em E e P – *nascimento* – é uma recomposição culta que também se atesta a partir do século XIII (cf. Houaiss 2015). Assim, nestes casos G2 não deve ter copiado de E ou P, pois no século XIX decerto não reintroduziria a forma antiga se no seu modelo existisse a moderna.

Contudo, há que considerar que a variante *nascimento* sobreviveu dialectalmente até ao português actual (cf. Houaiss 2015) e, consequentemente, que talvez pudesse representar apenas uma idiossincrasia do copista. No entanto, ao longo da *VSSB* G2 apresenta apenas mais cinco

---

<sup>15</sup> De forma a tornar o conjunto apresentado tão concreto quanto possível, excluíram-se: as variantes sobre cuja evolução (datas de atestação e/ou desaparecimento das formas) se sabe pouco; os casos em que há alguma insegurança quanto à leitura paleográfica de alguns grafemas, que possa de algum modo ter interferido com uma das variantes em análise (por ex. em E e P há uma certa dificuldade em distinguir os grafemas <a> e <o>, v. pp. 56 e 72-73, respectivamente); as variantes que, apesar de antigas, podem representar idiossincrasias do copista, provavelmente mediante a região onde tenha sido produzido o apógrafo; os casos em que, embora algum dos manuscritos mais antigos tenha uma variante não atestada no português duocentista, a alternância entre as formas analisadas ocorreu desde sempre ou até tarde na evolução da língua; por fim, os casos em que a variante sobrevivente no português actual é, no fundo, a mais antiga do espectro evolutivo (por ex. v. a variação entre *carcereiro* e *cacereiro*, onde se atesta *caçereyro* apenas a partir do século XV, mas *carçereiro* no século XIV; ou a variação entre *demonio* e *demo*, onde *demo* surge como uma desnasalização, dissimilação e assimilação atestada a partir do século XV, mas que alterna com *demonio* até hoje, cf. Houaiss 2015).

lugares com variantes sem sibilante: *nascimento*, *nacensa*, *naceo* (duas ocor.) e *nacia* (v. pp. 335 e 336 de G2), e pelo menos outros cinco onde já tem uma grafia com consoante: *nascença* (duas ocor.), *nascem*, *nascensa* e *nascer* (v. pp. 339/350, 343, 350 e 352 de G2). Isto sugere que as variantes sem representação da sibilante não são necessariamente uma idiossincrasia do copista de G2, e que as variantes com <s> são representações que provavelmente resultam da interferência da sua língua no texto da cópia, enquanto as variantes sem <s> são provavelmente conservadas de um antecedente.

Assim, as variantes mencionadas funcionam como variantes linguísticas separativas entre G2 e EP.

## 2) *De Linhagem/do linhagem*

No lugar variante 39, P e G2 apresentam formas que remontam ao português antigo, enquanto G1 e E têm formas que ilustram uma provável modernização:

39. Conde mui rico que vinha de linhagem de Reis (213v//214r)

Conde Muy rico, que vinha de linhagem de reys

Conde muy rico que vinha **do linhagem** de Reys

conde mui rico que vinha **do linhage** dos Reis

Aqui as variantes de P e G2 têm de ter sido copiadas de um antecedente, porque nem no século XVIII, nem no XIX (nem mesmo no século XVII, de que  $\alpha$  é datável) *linhagem* seria um substantivo masculino, tal como era entre o século XIII e o final do século XVI (v. esta evolução no capítulo III, pp. 276-285). Já G1 e E têm uma forma neutra que, por meio deste lugar isolado, não permite saber se a palavra se apresenta como feminina ou masculina.

Dado que em qualquer um destes testemunhos (incluindo P e G2) as duas ocorrências de *linhagem* que se seguem no texto são acompanhadas de determinantes masculinos (**ao linhagem das molheres** e **do linhagem humanal**, v. pp. 338 e 344 de G2 e os ff. 198v e 201v de P, respectivamente), a utilização de *de* neutro em 39 deve ser prova de que a mudança de género já teria ocorrido. Ademais, nem em G1 (v. f. 214r), nem em E (v. f. 288r) há confusão entre os grafemas <e> e <o> e, conseqüentemente, esta variante linguística torna muito improvável que P e/ou G2 sejam descendentes directos de G1 e/ou E.

## 3) *Aco/Aca e Alo/Ala*

Em apenas dois lugares G2 tem uma variante antiga e dissimilada do advérbio de lugar *cá* distinta da variante, também arcaica, presente em G1, E e P:

40. aco tão cedo (215r)  
aco tão cedo !  
acó tão cedo ?  
**aca** tão cedo ?

41. eu vim aco (215r)  
eu vim aco  
eu vim acó  
eu vim **aca**

Embora estas formas redobradas e dissimiladas ainda ocorram de forma esporádica no século XV, são evidentemente medievais (v. Sobral 2012:172). Certo é que G2 não poderia ser descendente directo de nenhum dos restantes testemunhos da tradição porque, utilizando algum deles como modelo, certamente o seu copista não substituiria a forma antiga *aco* por outra variante igualmente antiga, mas distinta. Esta hipótese só não seria válida se os grafemas <a> e <o> se pudessem confundir em G1, E e P. Contudo, enquanto em E e P pode haver uma certa dificuldade na distinção entre as figuras minúsculas destas letras (o que impede de utilizar este exemplo como barreira para a cópia de G2 ter usado E e/ou P como modelo), o mesmo já não acontece em G1 (onde a figura dos grafemas é perfeitamente distinta). Assim, os dois casos mencionados impedem que G2 seja descendente directo, pelo menos, de G1.

O mesmo se aplica a outros dois lugares variantes onde existem variantes redobradas e dissimiladas *alo* e *ala* e onde G1 não deve ser antecedente directo de E, P ou, pelo menos, de G2:

42. e lauamos alo (221v)  
e lauamos alo  
e lavamos alo  
e lavamos **ala**

43. chegando allo (234v)  
chegando allo  
chegando allo  
chegando **alla**

#### 4) *Sua/Sa*

Nos lugares que se seguem G2, P e E têm uma variante mais antiga do que a de G1:

44. ventre de sua madre (230v)  
ventre de **sa** Madre  
ventre de **sá** madre  
ventre de **sa** Madre

45. leixando sua ama (217r)  
deixando **sa** ama  
deixando **sá** ama  
deixando **sa** ama

A forma de  $\alpha$  deve de ter sido copiada de um antecedente, pois à data da redacção das MRAG a forma do possessivo feminino singular dominante já não seria *sa* (v. esta evolução no capítulo III, pp. 269-261). Como não é plausível que, perante uma variante moderna e dominante na sua gramática seiscentista, o copista de  $\alpha$  (ou os de E, P e G2) a substituísse por uma forma mais antiga, então E, P e G2 não podem ser descendentes directos de G1.

O mesmo ocorre em outros dois lugares onde P e G2 (lugar 46) ou apenas G2 (lugar 47) têm a variante *sa* onde os restantes têm *sua*:

46. manco do ventre de sua madre. (230v)  
 manco do ventre de **sa** Madre.  
 manco do ventre de **sá** madre  
*om.*

47. vendo esto sua madre bradou (231v)  
 vendo esto sua Madre bradou  
 vendo esto sua madre, bradou  
 vendo esto **sa** madre bradou

#### 5) *Senger, Singer e Sengir/Singir*

Em pelo menos dois lugares E e P têm formas linguísticas mais antigas do que o testemunho mais antigo da tradição<sup>16</sup>:

48. çingio me (217v)  
**sengio** me  
**sengio** me  
 singio me

49. çengeo (228r)  
**singeo**  
**singeo**  
 cingio

As formas *senger* (atestada no século XIV) e *singer* (atestada nos séculos XIII e XIV) são variantes antigas do verbo *cingir* (cf. Machado 1977). Em 48, E e P têm variantes antigas que devem ter sido copiadas de um antecedente (provavelmente do arquétipo da tradição). Em 49, G1 também tem uma variante tão antiga quanto a de EP. Embora não se possa saber qual foi a forma copiada de  $\Omega$ , é improvável que E e P sejam descendentes directos de G1, não só porque G1 tem uma forma mais moderna, mas porque E e P não utilizariam G1 como modelo substituindo a sua variante por uma forma duocentista.

<sup>16</sup> Nestes lugares note-se ainda a utilização de três grafias diferentes para a sibilante inicial (<c>, <s> e <ç>). Embora esta oscilação gráfica possa ser diacronicamente interessante, não a tive em consideração na presente análise devido ao detalhe necessário para a comentar e aos limites impostos a este trabalho.

## 6) *Assy/Assim*

As formas antigas *assi/assy* ocorrem frequentemente em testemunhos desta tradição já distantes do arquétipo duocentista. Em 11 lugares P tem essa variante (tal como G1), por oposição à moderna e nasalizada *assim* em E. Veja-se um desses exemplos:

50. eu assi não faço como elles (218r)  
Eu assim ño faço como elles  
eu **assy** nom fasso como elles  
eu assim nom faço como elles

Sobre a substituição de *asi* por *assim* veja-se o que diz Lorenzo (1977:188), que explicita que «El port. ant. es assi (hasta el XVII), pero ya desde el s. XVI se conoce assim». Ana Maria Martins (2013) concorda com esta cronologia e utiliza-a para analisar a distribuição destas formas nas mãos intervenientes no *Livro de José de Arimateia*, considerando *asi* como atestação do português antigo e *assim* como inovação do copista. Deste modo, em todos os casos mencionados é possível afirmar que G1 e P devem ter copiado a sua variante de um antecedente, visto que é uma variante antiga da palavra (pelo menos em comparação com *assim*, claramente inovadora). P também não deve ter sido descendente directo de E. Ademais, em cinco dos 11 exemplos, G2 apresenta a variante antiga e desnasalizada *assi*, o que o impede de ser descendente directo de E. Veja-se um desses casos:

51. assi de dia come de noite (218v)  
assim de dia, como de noite  
assy de dia, como de noyte  
**asi** de dia, como de noite

Apesar de tudo, é necessário considerar que P ou G2 apresentem um erro por falta de uma marca que assinalasse a nasalidade da vogal final (provavelmente til). No entanto, dado que a ocorrência destas formas desnasalizadas é bastante frequente em P e G2 e que nenhum destes testemunhos apresenta atestações da palavra com til, então é possível concluir que, quando têm a forma <assim>, copiam o modelo com interferência da sua língua (ou da língua de  $\alpha$ ); sempre que têm a forma <asi>, conservam a forma de um antecedente (como provavelmente ocorreria em  $\Omega$ ). O esquecimento da marca de nasalidade é muito improvável nestes testemunhos.

## 7) *Mim/My e Mi*

Por analogia com o caso descrito acima, veja-se o lugar 52 onde P e G2 têm uma forma desnasalisada do pronome oblíquo *mim* que impede que estes testemunhos sejam descendentes directos de G1 e E (onde já ocorre a forma moderna):



52. mim (225v)

mim  
**my**  
**mi**

#### 8) *Isto vs Esto*

Veja-se ainda um lugar onde E e P têm uma variante linguística antiga do pronome demonstrativo neutro (*esto*) que os restantes não apresentam:

53. isto era millagre (219v)

**esto** hera milagre  
**esto** hera milagre  
isto era milagre

G1 e G2 têm a forma moderna do demonstrativo «saída de *esto*, por metáfora» (cf. Michaëlis de Vasconcelos 1929). E e P têm a forma mais antiga e, conseqüentemente, dificilmente serão descendentes directos de G1 – o que não estaria de acordo com a evolução morfológica do pronome. Ademais, a variante de EP certamente não é da responsabilidade de um copista de 1692 (de  $\alpha$ ), nem de um eventual subarquétipo comum a E e P.

#### 9) *Seus vs sous*

54. dos seus santos (222v)

dos seus sanctos  
dos seus santos  
dos **sous** santos

Neste lugar G2 tem uma forma antiga do pronome possessivo de 3ª pessoa que se atesta no século XIII (entre 1242-1252, cf. Houaiss 2015), embora nessa altura também já se atestasse *seu*. Apesar de ambas as formas poderem ocorrer em  $\Omega$ , a verdade é que a forma antiga de G2 não seria introduzida no texto à data de G2, nem à data do subarquétipo  $\alpha$  (a não ser, talvez, por algum erro paleográfico). Assim, a variante de G2 foi provavelmente conservada de um antecedente, e G2 não deve ser descendente directo de nenhum dos restantes testemunhos que têm a forma moderna. Esta hipótese só seria inválida se em G1, E e/ou P os grafemas <e> e <o> se pudessem confundir, mas dado que só em P isso acontece (v. p. 72-74), este exemplo mostra como G2 não é descendente directo pelo menos de G1 e E.

#### 10) *Aí* (locativo) / *i* (anafórico)

Há também um lugar onde G2 apresenta um *i* com função de pronome anafórico onde os restantes testemunhos mais antigos apresentam a forma com valor adverbial *aí*, que prevalece sobre *i* apenas a partir do século XVI (v. esta evolução no capítulo III, pp. 244-249). Assim, a forma

de G2 (*hi*) já não ocorreria no século XVII de que data  $\alpha$ , mas a forma de G1, E e P (*ahi*) também não poderia ocorrer no português até ao século XIII:

55. ca todos quantos ahi estauão (223r)  
ca todos quantos ahi estauão  
ca todos quantos ahi estavom  
ca todos os que **hi** estavão

A variante de G1, E e P pode perfeitamente ser uma modernização poligenética. Contudo, G2 não pode ser descendente directo de nenhum deles, pois não seria o responsável pela introdução do pronome anafórico *hi*. Além disso, nenhum dos testemunhos apresenta um contexto de cópia que pudesse justificar a variante de G2 como accidental: a palavra imediatamente anterior não termina na vogal <a> - o que poderia levar ao erro na separação das palavras durante o processo de cópia; este lugar tem ainda uma variante privativa de G2 (*quantos por que*); *hi* não se encontra numa mudança de linha/página/fólio.

Semelhante a este é o lugar que se segue, onde G1 e P têm a forma com valor anafórico, enquanto E tem a forma adverbial *aí* necessariamente posterior ao século XVI. Neste caso P não pode descender de E:

56. quando isto virom os que hi estauão (231v)  
quando esto virõ os que ahi estauõ  
quando esto virom os que **hy** estavom  
os que isto virom

#### 11) 2ª Pessoa do plural com -d- intervocálico

No português, as formas plenas com -d- na segunda pessoa do plural da flexão verbal perdem o domínio para as formas sincopadas a partir do segundo quartel do século XV (v. a evolução desta característica no capítulo III, pp. 254-256). Assim, as formas plenas atestadas nos testemunhos da VSSB devem ser conservadas de  $\Omega$ . No entanto, há pelo menos um lugar onde  $\alpha$  teria uma forma plena que G1 não apresenta:

57. non sabes que non fica mantimento (224r)  
non **sabedes**, que nõ fica mantimento  
nom **sabedes** que nom fica mantimento  
non **sabedes** . que non fica mantimento

A variante de G1 é uma forma da segunda pessoa do singular ou é uma forma linguística morfológicamente moderna e sincopada da segunda pessoa do plural “sabeis”. Em todo o caso a variante de  $\alpha$  não só deve ter sido copiada de um antecedente anterior ao século XVII, como isso impede que este subarquétipo e os seus descendentes tenham copiado de G1.

Considerar a segunda hipótese implica lembrar que  $\alpha$  é datável do século XVII. Contudo, apesar de esta característica ter sobrevivido até mais tarde no português do Norte de Portugal (v. capítulo III, nota 34, p. 256), e embora não haja qualquer informação contra a naturalidade vimarenense do autor das *MRAG*, o certo é nesse caso formas como *sabedes* ter-se-iam conservado certamente apenas na língua falada. Assim, não é de crer que um erudito como Azevedo, encontrando a forma *sabes*, e mesmo que nela reconhecesse a 2ª pessoa do plural, a substituísse por uma variante tão claramente dialectal em vez da variante culta. Por essa razão, o exemplo torna improvável que E, P e G2 descendam de G1.

### 12) *Inimigos vs Imigos*

Em pelo menos um lugar do texto os testemunhos E e P têm uma variante antiga do substantivo “inimigo” que se atesta entre os séculos XIV e XV (cf. Machado 1977 e Cunha 2000), enquanto G1 tem uma forma moderna com a expressão de três sílabas distintas, e que decerto não estaria em  $\Omega$ , pois só se atesta a partir do século XVI (cf. Machado 1977).

58. Ihe tinhão os inimigos cercado o castello d’aguiar (232r)  
 Ihe tinhão os **Jmigos** cercado o Castello de Agiar  
 Ihe tinhão os **imigos** cercado o castello de Agiar  
 Ihe tinhão cercado o castelo de Aguiar

A variante linguística de G1 tem de ser uma modernização e, conseqüentemente, é bastante improvável que E e P sejam seus descendentes directos, porque se assim fosse não substituiriam uma forma totalmente natural na língua do século XVII por uma mais antiga. Também não o fariam por poligénese.

Semelhante a este é o lugar 59, onde P tem a variante do português antigo que o impede de ser descendente de E ou G1:

59. e correo depollos enemigos (232v)  
 e correo depollos inemigos  
 e correo depollos **imigos**  
 e correo depos os Inimigos

### 13) *Deixar vs Leixar*

Do latim < LAXO, AS, ÆUI, *leixar* é uma variante que se atesta no português pelo menos até ao século XV, e que começa a ser substituída por *deixar* a partir do século XVI (cf. Machado 1977). No lugar 60 a forma mais antiga ocorre em E e P, mas não em G1:

60. ella iamaiz non deixaua de cozer // o dito pam (234r//234v)  
 Ella Jamais nom **leixaua** de cozer o dito pão  
 ella iamaiz nom **leixava** de cozer o dito pão  
 ella iamaiz deixava de coser o dito pão

Embora à data de  $\Omega$  estas variantes alternassem (apesar de *deixar* ser evidentemente menos frequente), não é plausível que  $\alpha$  (ou qualquer dos seus descendentes) reintroduzisse *leixar* na sua cópia. É ainda menos provável que o fizesse se utilizasse G1 como modelo (estando diante de uma forma moderna natural na língua seiscentista). A variante de EP é separativa porque impede que esses testemunhos sejam descendentes directos de G1.

#### 14) *Sou* vs *Som*, 1ª pessoa do singular

Veja-se agora o lugar 61 onde G2 tem uma variante linguística da primeira pessoa do singular do verbo *ser* mais antiga do que a dos restantes testemunhos:

61. ia sou saã (235r)  
la sou sã  
ja sou sam  
ja **som** sãã

A variante antiga e nasalizada de G2 (etimológica porque derivada do latim < SUM) parece deixar de ocorrer no português pelo menos a partir do século XVI (cf. Cardeira 2005). Também não ocorre nem na *Demanda do Santo Graal* (século XV), nem no *Orto do Esposo* (séculos XIV/XV), onde já se atesta a forma moderna *sou*. Assim, se a representação da nasalidade nesta forma é característica de um dado ponto da evolução linguística da forma verbal, então a variante de G2 deve ser a lição genuína da tradição. Ademais, G2 não deve ser descendente directo de nenhum dos restantes testemunhos, uma vez que não reintroduziria a variante antiga, quando no seu modelo lia uma forma moderna e certamente já estável no português oitocentista – *sou*.

#### 15) *Ter* e *Haver*

62. e este uso teue esta santa (218r)  
e este uso teue esta santa  
e este uso teve esta santa  
e este uso **ouve** esta santa

Em 62, G2 utiliza *haver* como o verbo de posse. Contudo, no século XIX a substituição de *haver* por *ter* já tinha ocorrido e estabilizado, o que significa que a variante de G2 deve ter sido copiada de  $\alpha$ , e que a dos restantes testemunhos deve ser uma modernização poligenética.

## 2.2. DOIS RAMOS DE TRANSMISSÃO – G1 vs $\alpha$

### 2.2.1. Variantes conjuntivas EPG2

Avançada a hipótese de separação entre G1 e EPG2 ( $\alpha$ ), veja-se como de facto existem pelo menos 29 lugares variantes que corroboram essa a separação e, consequentemente,

demonstram a existência de  $\alpha$ . Em 14 destes 29 lugares, EPG2 apresentam variantes intencionais e 15 têm variantes acidentais (erros), mas todas elas só podem ter sido transmitidas a E, P e G2 por um antecedente comum (pois não seriam produzidas de forma independente). Simultaneamente, são variantes separativas de G1, que decerto não seria capaz de as substituir por uma conjectura razoável.

### 2.2.1.1. Variantes intencionais

Comece-se pelos lugares onde G1 apresenta a lição genuína e as variantes de EPG2 aparentemente dependem de uma inovação de um antecedente comum ( $\alpha$ ). Em primeiro lugar vejam-se os quatro lugares onde as variantes de EPG2 apontam para uma substituição e/ou adição intencional de  $\alpha$ :

63. foi a moça apresentada en casa de seu padre (212v)

foi a moça **leuada** à caza de seu padre

foy a moça **levada** a caza de seu padre

foi a moça **levada** a casa de seu padre

64. o bispo dom Rodesindo que era homen de boa vida; [*nota marginal*:] foi.s.Rosendo **bispo de Dume** [*fim de nota marginal*] (223v)

o Bispo Dom Rodezindo, que hera homem de boa vida [*nota marginal*:] foi são Rozendo **sendo Bispo de Dume primo desta sancta** [*fim de nota marginal*]

o Bispo D. Rezendo **sendo Bispo de Dume e primo desta santa**; que hera homem de boa vida

**sendo** D. Rezendo **Bispo de Dume, Primo desta santa**, que era homẽ de boa vida

65. daquella hora as rãns se callarom, e demais nunca nhũa ficou // na dita lagoa, que se non fosse pera outra parte (224v//225r)

daquella hora as rãns se callarão e se não ouuio mais nenhũa na dita lagoa.

daquella hora as rans se callarão e se nom ouvio mais nenhũa na dita lagoa:

daquella hora as rans se calarão, se nom ouvio mais nenhua na dita lagoa .

66. entom estaua tanta gente na egreja desta santa que hum homen non podera caber **dentro**, e dormindo // todos (227v//228r)

Entõ estaua tanta gente na Jgreja desta sancta, que hum homem não podera caber **nella** e dormindo todos **dentro della**,

entom estava tanta gente na Igreja desta santa que hum homem não podera caber **nella**, e dormindo todos **dentro della**

entom estava tanta gente na Igreja **que ninguem mais cabia** : e dormindo todos **dentro della**

Em 63, ambas as variantes acabam por conservar o sentido do texto, e *presentada en* (G1) ou *levada a* ( $\alpha$ ) podem ter o mesmo significado. No entanto, a lição de  $\alpha$  explica-se como uma variante intencional provavelmente motivada por uma tentativa de actualizar o texto. Por outro lado, G1 tem uma *lectio difficilior* porque se distingue de «todas as outras lições atestadas devido ao seu grau de dificuldade ou raridade do ponto de vista morfológico, semântico ou lexical» (Avalle 1985:88), o que torna difícil que não seja a lição genuína. Assim, este lugar prova a existência de  $\alpha$ , pois, embora qualquer um dos copistas possa ter tido tendência para modernizar

a lição genuína (de G1), dificilmente exibiriam a mesma inovação sem descenderem de um antecedente comum. Ademais, a *lectio difficilior* de G1 não seria uma correcção conjectural, quando a lição dos restantes (*levada a*) seria perfeitamente aceitável e, em todo o caso, provavelmente mais acessível para um copista seiscentista.

O contexto que introduz o lugar 64 é o seguinte: *Creçendo per todallas terras d'arredor a boa fama desta santa, aconteceu que...* Apesar das múltiplas variantes, este caso demonstra a existência de  $\alpha$ , que teria introduzido a variante de E *foi são Rozendo sendo Bispo de Dume, primo desta sancta* (ou seja “foi S. Rosendo, além de Bispo de Dume, primo desta santa”). Em  $\Omega$  existia a nota marginal que sobrevive em G1. Já  $\alpha$  reproduz essa nota, mas acrescenta-lhe uma informação sobre o parentesco entre S. Rosendo e S. Senhorinha, o que qualquer monge português mais ou menos culto ou instruído poderia ter feito. Contudo, a nota de  $\Omega$  (e G1) oferece uma primeira informação sobre S. Rosendo (ser Bispo de Dume), mas inverte a ordem habitual do sujeito e do predicado. O copista de  $\alpha$  provavelmente já tinha escrito *foi são Rozendo* quando decidiu acrescentar a informação sobre o parentesco. Assim, transformou a primeira informação numa oração gerundiva de valor copulativo e acrescentou a segunda informação. Resultou uma sintaxe complexa, com uma oração gerundiva interpolada noutra oração, que se presta, é claro, a simplificações. Dessa forma, enquanto E a reproduz como a encontrou, P e G2 integram-na no corpo do texto e simplificam-na, interpretando correctamente o valor copulativo que tinha a oração gerundiva. P liga os dois elementos com uma conjunção copulativa, e G2 transforma o segundo elemento num aposto do sujeito.

Fica evidente que, neste lugar E, P e G2 interpretaram individualmente um antecedente comum, seguindo as tendências próprias dos seus respectivos copistas: E mostra-se mais conservador e P e G2 (sobretudo o último) mais inovadores, com tendência para a resolução de lugares difíceis do antecedente, recorrendo a simplificações e adaptações do enunciado quando necessário. A integração das notas é também coerente com o número baixíssimo de notas marginais em P e a sua inexistência em G2.

Em 65, o texto de todos os testemunhos diz que não permaneceu na lagoa nenhuma rã que não se fosse embora. Contudo, em G1 há uma expressão categórica e absoluta da ausência de rãs através de uma tripla negativa certamente genuína: *nunqua nhũa fiquou... que se non fosse...* Já  $\alpha$  simplifica-a, transformando-a numa dupla negativa (comum em português) e, conseqüentemente, diminui a intensidade retórica do texto. Por outro lado, esta sua intervenção transfere a intensidade retórica para a ideia do silêncio que comprova a ausência de rãs, em

paralelo com o verbo anterior: ...*se callarom... se **nom** ouvio...* Esta variante é sintacticamente mais simples e elimina palavras antigas (*demais, pera*).

Assim, embora ambas as formulações sejam aceitáveis, G1 expressa a ideia de forma relativamente mais complexa, podendo ser considerada, face a EPG2, uma *lectio difficilior*. Tal como em casos anteriores, considera-se genuína essa lição *difficilior* que, neste caso, contém palavras antigas. Ademais, a variante de E, P e G2 não poderia ser poligenética.

Em 66, a lição de EP e a lição de G2 são claramente dependentes de um mesmo antecedente. O copista de G2 sentiu necessidade de modernizar a estrutura, relativamente antiga, desse antecedente, sintetizando-a: *hum homem ño podera caber nella* (com significação negativa de “nenhum homem poderia caber nela”) para *ninguém mais cabia*. Além disso, embora o sentido do contexto se conserve em ambos os ramos, EPG2 têm uma variante que facilmente se explica como um esclarecimento da lição de G1, isto é como uma variante intencional. Mais improvável é considerar a possibilidade de G1 ter obscurecido intencionalmente o texto que era claro - o que não é frequente nesse apógrafo.

Vejam-se três lugares cujas variantes de EPG2 evidentemente dependem de uma variante intencional por reordenação cometida em  $\alpha$ :

67. Deos padre, a qual nunca queda de rogar pollos seus amigos e seruidores, que ella (226r)

Deos Padre **pera onde pasou em idade de sincoenta, e oito annos no anno de mil e vinte**, [nota marginal] de idade de 58 annos anno de 1020 [fim de nota marginal] aonde nunca queda de rogar pollos seus amigos, e seruidores, que ella

Deos Padre **para onde passou em idade de sincoenta e oito annos no anno de mil e vinte**, aonde nunca queda de rogar pollos seus amigos, e servidores que ella

Deus Padre **para onde pasou em idade de 58 annos em 1020**, que ella

68. Outrosi sabede que esta santa se passou deste mundo em idade de sincoenta e oito annos . era de mil e vinte annos. (226v)

om.

om.

om.

69. hum homem do reino de Leon veio **a sua casa** desta santa, o qual era inchado, assi come odre, e (227v)

Hum homem do reyno de Leão, **que hera inchado assi como hum odre ueyo a Igreja de sancta Senhorinha**, e

Hum homem do Reyno de Leão **que hera inchado assy como hum odre, veyo a Igreja de santa Senhorinha**, e

Hum homem do Reino de Leão **que era inchado como hum odre, veio a Igreja de santa Senhorinha** e

O discurso em que se integra o lugar 67 tem a formulação de uma oração cujo objectivo é sugerir a forma como os devotos devem rogar a S. Senhorinha. Na verdade, este tipo de discurso jamais seria interrompido por dados históricos factuais como o do ano em que a santa teria falecido (em EPG2). Aliás, em textos hagiográficos, dados históricos como este são registados como em G1, isto é no final da vida do santo, rematando-a. Portanto, em G1 o discurso está

perfeitamente de acordo com as normas do género, e é muito provavelmente a lição genuína. Já em EPG2 quebram-se essas normas, o que só pode resultar de inovação do copista de  $\alpha$ , autor de uma memória histórica e não de um texto cultural. De facto, esta é uma informação histórica muito frequente nas *MRAG* (obra que  $\alpha$  consubstanciaria), mas também é uma informação que em E surge repetida na coluna de texto e em nota marginal – no que parece ser apenas mais uma das tão frequentes notas de leitura do códice a que pertence (e em alguns casos do códice de P e, consequentemente, da obra de Azevedo).

Assim, em 68, G1 reproduziria a lição de  $\Omega$ , e  $\alpha$  teria antecipado a informação histórica acerca da morte da santa para o início do episódio narrado (sentindo depois a necessidade de eliminar a redundância que causaria se copiasse o parágrafo final de  $\Omega$ ). Perante a lição de  $\alpha$ , E teria conservado a nota marginal sobre a idade com que morreu S. Senhorinha, e P e G2 teriam eliminado essa mesma nota (provavelmente de forma independente, mas em coerência com o perfil, comum a ambos, de restringir severamente ou eliminar completamente as notas marginais). Argumento forte é o facto de G1 conservar uma forma linguística do português antigo – a 2ª pessoa do plural com *-d-* intervocálico, *sabede* – que, embora possa ter sobrevivido até ao século XV (Williams 1986:176), torna mais provável o desvio de EPG2 ( $\alpha$ ).

Em 69, a maior variante entre G1 e EPG2 está na ordem pela qual a informação é apresentada. Além disso, enquanto G1 se refere à “casa” da santa, EPG2 referem-se à sua “igreja”. G2 apresenta uma pequena variante privativa (omissão do advérbio na expressão comparativa “assim como”), sem deixar de partilhar a variante de E e P.

G1, além de apresentar uma variante antiga de “como” (*come*) e uma expressão de determinação do possessivo (*sua casa desta santa*) – o que desde logo aponta para a sua genuinidade – tem ainda uma estrutura sintáctica tipicamente medieval e que caiu em desuso até se tornar notoriamente inaceitável no português contemporâneo e, provavelmente, já no do século XVII: a distância entre um pronome relativo e o nome a que se refere. Assim, em G1, *o qual* refere-se a *um homem do reino de Leon*, mas encontra-se separado deste sintagma nominal por uma oração. Não é aceitável que esta lição, em português caracteristicamente medieval, fosse uma inovação do copista seiscentista. Já a variante conjuntiva de EPG2 explica-se muito facilmente como inovação destinada a resolver esse problema: agora o pronome relativo, *que*, segue-se imediatamente ao sintagma nominal a que se refere, o que implicou a reordenação dos elementos da frase. Ademais,  $\alpha$  naturalmente actualiza as duas formas antigas acima mencionadas (*como* e *a Igreja de sancta Senhorinha*) e esclarece que a *casa desta santa* (G1) era, na verdade, a sua igreja.



Por fim, vejamos os sete lugares onde G1 tem a lição genuína e as variantes de E, P e G2 resultam de omissões provavelmente intencionais cometidas por  $\alpha$ :

70. quantos marteiros [.....] os martires per Jesu cristo, e como uençerom o Diabo, **os que som enemigos de Jesu cristo por seus marteiros**, E daua grãdes sospiros (218r)

quantos marteiros os Martires per Jesus Christo padecerão, e como vençerão o Diabo, e daua grandes sospiros  
quantos marteiros os martires per Iesus Christo padecerão, e como vencerão o diabo; e dava grandes sospiros  
quantos martirios os Martires de Iesus Christo padecerão, e como vencerão o Diabo, e dava grandes suspiros

71. **he** o primeiro imigo **he** este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro he a carne propria do homen (218v)

he o primeiro Inemigo este mundo O segundo he o Diabo, o terceiro he a propria carne do homem

he o primeiro inimigo este mundo, o segundo he o Diabo, o terceiro he a propria carne do homem

he o 1º Inimigo este mundo, o 2º he o Diabo, o 3º he a propria carne do homem

72. **En o dito tempo** saindo Dom Payo (227r)

Saindo Dom Payo

Saindo D. Payo

Sahindo D Payo

73. Senhorinha, **en o tempo sobredito** pera lhe pedir merçe (227v)

Senhorinha, pera lhe pedir merce

Senhorinha para lhe pedir merce

Senhorinha para lhe pedir merce

74. Outrossi hum cleriguo que auia nome Paio, sendo elle regedor da egreja, **onde esta santa jas, nos disse** que elle vira esto, que hum homem (227v)

Hum homem

Hum homem

Hum homem

75. e derom graças a Deos e a Santa Senhorinha. (228r)

e derão graças a Deos e a sancta Senhorinha . **o que succedeo sendo regedor desta Jgreja hum Clerigo que auia nome Payo.**

e derão graças a Deus e a santa Senhorinha, **o que succedeo sendo Regedor desta Jgreja hum Clerigo que avia nome Payo.**

e derão graças a Deus, e a santa Senhorinha, **era então Regedor desta Igreja hum clerigo que havia nome Payo.**

76. se dahi partio o moço são e saluo com seu padre, pera sua terra, **e assi o que veio a igreja desta santa en çima de hũa besta manco, tornou a sua terra são, indo de pee com seu padre.** (228v)

se dahi partio o moço são e saluo cõ seu padre pera sua terra.

se dahi partio o moço são, e salvo com seu padre para, sua terra.

se dali partio o moço são, e salvo com seu Padre para sua terra.

Em 70, EPG2 omitem a oração *os que som enemigos de Jesu cristo* presente em G1. Em G1, esse segmento pode ser lido como um aposto do complemento directo *o Diabo*, ou pode ser um aposto do sujeito do verbo *vencerão* (*os martires*). Se o sintagma for, de facto, um aposto de *martires* (embora colocado numa posição pouco clara porque distante do sujeito que amplifica), então G1 teria um erro de *enemigos* por *amigos*.

Seja qual for a leitura correcta, e quer contenha um erro (*enemigos* por *amigos*) quer conserve a lição de  $\Omega$ , o enunciado de G1 será sempre ambíguo e sintacticamente pouco claro, o que pode ter determinado a omissão, por  $\alpha$ , do segmento incómodo. Já a adição, por G1, de um

aposto ambíguo, que não clarifica o texto, é mais difícil de explicar. Além disso, a forma antiga *marteiros*, contida na eventual adição, não seria usada por um copista seiscentista, o que argumenta a favor da genuinidade da lição de G1.

Em 71, G1 apresenta um provável erro por assimilação (West 2002:27-28), isto é por atracção da forma do verbo que vem a seguir e que estaria provavelmente contida na mesma unidade de cópia. Este talvez seja um erro cometido em  $\Omega$  e corrigido por  $\alpha$ , uma vez que EPG2 omitem a segunda ocorrência de *he* porque interpretam a primeira como uma forma do verbo “ser”, provando que *he* não é uma grafia credível para a copulativa *e* que, aliás, se atesta como forma do verbo “ser” em mais 39 lugares de G1 (e nenhuma vez como conjunção copulativa). Neste caso, a lição de EPG2 explicar-se-ia como uma correcção de um erro de  $\Omega$  transmitido a G1.

Contudo, é difícil considerar que os três testemunhos tenham corrigido o erro de  $\Omega$  de forma independente e chegando à mesma solução coerente. Isso seria ainda menos plausível tendo em conta que os dois sintagmas que se seguem sugerem que a forma do verbo “ser” devia vir posicionada depois de *o primeiro*. Consequentemente, seria mais credível que pelo menos um dos copistas reconsiderasse o valor da primeira forma, ou que a eliminasse a essa e não à segunda. Além disso, também é difícil considerar que nenhum deles tenha copiado o erro (as duas formas de *he*) mecanicamente, sem colocar em causa o sentido do contexto.

Assim, mesmo que a lição de G1 em 71 pudesse não ter sido um erro (o que implicaria que este fosse o único caso em que o copista escreveu a conjunção copulativa *e* com a grafia <he>, talvez por influência de  $\Omega$ ), a variante de EPG2 seria sempre uma variante conjuntiva (intencional ou acidental) que prova a existência de  $\alpha$ .

Em 72 e 73, G1 é o único que situa claramente cada um dos episódios que narra no tempo em que teria ocorrido o milagre imediatamente anterior, isto é no tempo em que S. Senhorinha já estava morta. Para isso G1 utiliza, no primeiro lugar, a contextualização *En o dito tempo* e, no segundo, o reforço *en o tempo sobredito*.

Embora nenhuma das variantes torne o enunciado agramatical, é mais fácil explicar a de EPG2 como transmissora de variante intencional de  $\alpha$ , motivada pela tentativa de eliminar informação que considerou redundante, julgando que a anterior introdução de uma secção da vida destinada aos milagres póstumos e a própria narração dos episódios seriam informações mais do que suficientes para situar cada um deles depois da morte de S. Senhorinha. Por outro lado, é muito menos aceitável considerar que G1 optou (intencionalmente, mas sem verdadeira necessidade de contextualização) por se desviar da lição de  $\Omega$ , acrescentando o elemento

temporal no início de dois milagres que são imediatamente seguidos daquele onde é evidentemente esclarecida a ideia de que ocorreram depois da morte da santa. Além disso, e embora EPG2 omitam estas colocações temporais em ambos os lugares, sem que isso se justifique acidentalmente pelo mecanismo de cópia, note-se como a lição de G1 tem sempre a forma *em o*, que provavelmente representa uma fase intermédia da evolução da contracção da preposição *em* com o artigo definido *o*, que deixaria de se atestar no século XV e, consequentemente, teria sido provavelmente copiada pelo copista seiscentista de G1.

Nos lugares 74 e 75, que correspondem ao início e ao final de um mesmo milagre, a principal variante entre G1 e EPG2 ( $\alpha$ ) é a posição (no parágrafo) em que surge a informação acerca de quem era regedor na igreja mencionada à data em que ocorre o episódio narrado. Embora nenhuma das formulações seja necessariamente agramatical, G1 contém um elemento que não pode ter sido acrescentado e que justifica a omissão de  $\alpha$ . Trata-se da alegação do duplo testemunho: o testemunho presencial do clérigo Paio e a recolha desse testemunho pelo próprio autor do texto, que o refere na 1ª pessoa. Este tipo de alegações nunca são acrescentadas. São, pelo contrário, muito comuns em narrativas hagiográficas medievais (v. capítulo III, p. 313 e 315), por isso a lição de G1 só pode ser genuína.

Quanto à omissão de  $\alpha$ , é coerente com outras variantes intencionais que supõem a atribuição de um estatuto histórico ao texto (“verdadeiro”, e que por isso dispensa alegações de credibilidade) que lhe advém simplesmente da sua antiguidade, ou seja da distância entre o autor do texto e o copista. Por isso  $\alpha$ , que tinha omitido todo aquele segmento no início, acaba por recuperar dele, no final, apenas o elemento que pode contribuir para a sua localização histórica (aconteceu no tempo em que era regedor o clérigo Paio), porque este elemento interessa a um historiador e não tanto ao autor do texto original, cultural, mais preocupado em defender a autenticidade do culto, que depende da autenticidade dos milagres.

Em 76, o encerramento de uma narrativa curta com um segmento de texto de certa forma redundante, mas que sintetiza numa formulação conclusiva a história contada, é uma estrutura comum na literatura medieval (o caso mais comum será o dos *exempla* como os que se podem ler no *Orto do Esposo* e em muitos outros textos de literatura exemplar). Se nesse segmento de texto encontramos *padre* para designar um progenitor, forma completamente ultrapassada no português moderno e contemporâneo, temos duas boas razões para defender a genuinidade da lição de G1, coerente com a língua e com a literatura da época. Já a omissão de  $\alpha$  explica-se

precisamente pela sua indiferença pelas fórmulas literárias medievais e pela personalidade atualizadora e simplificadora de Azevedo.

### 2.2.1.2. Erros conjuntivos

Existem ainda 15 lugares onde G1 apresenta a lição genuína da tradição e as variantes de EPG2 dependem de um erro cometido num antecedente comum ( $\alpha$ ). Nesses casos, que asseguram a existência de  $\alpha$ , incluem-se três erros paleográficos, cinco erros por *lectio faciliior* facilitados por semelhanças paleográficas ou por algum desconhecimento de Azevedo, e sete erros por omissão accidental.

Vejam-se os erros paleográficos, isto é erros que tornam o texto quase sempre agramatical, e que provavelmente são provocados pela má interpretação de uma ou mais letras, de uma ligadura entre letras ou de uma abreviatura do modelo (West 2002: 30-31):

77. não querendo que esta santa pedra preçiosa fosse ençuiada da luxuria do diabo (213v)  
não querendo, que esta sancta pedra precisoza fosse **encurada** da luxuria do Diabo  
não querendo que esta santa pedra precisoza fosse **encurada** da luxuria do Diabo  
não querendo que esta santa pedra preciosa fosse **sencurada** da Luxuria do Diaboo

78. esta santa achou o çelicio que sua ama soia a trager vestido, o qual ella tomou e vestio a corom do seu corpo (217r)  
esta sancta achou o Celicio, que sua Ama soya a trager vestido, o qual ella tomou e vestio **ao caron** do seu Corpo  
esta santa achou o Celicio que sua ama soya a trager vestido, o qual ella tomou, e vestio **ao caron** de seu corpo  
esta santa achou o celicio que ella soya a trager vestido, o qual ella tomou, e o vestio **o caron** de seu corpo

79. e confessou lhe seu peccado, **e erro grande** que fizera na igreia desta santa (231v)  
e confessou lhe seu peccado, **e horo grande** que fizera na Jgreja desta sancta  
e confessou lhe seu pecado, **choro grande** que fizera na Igreja desta santa  
e confesou lhe seu pecado que fizera na Igreja da santa

Em 77, EP e G2 têm erros evidentes, embora distintos. Contudo, a única coisa que os distingue é a presença/ausência de uma consoante <s> inicial, o que consequentemente aproxima estes erros. Assim, é possível considerar que as variantes de EP e G2 resultam de um mesmo erro conjuntivo, copiado de um mesmo antecedente ( $\alpha$ ). Este erro pode explicar-se por uma má leitura paleográfica de <j> por <r> (neste caso, longo), o que provavelmente teria levado primeiro à lição errónea *encurada* em  $\alpha$ , que depois o copista de G2 (apercebendo-se da agramaticalidade) teria tentado corrigir para *sencurada* (“censurada”). Dado que o verbo com a prótese de reforço *en-* provavelmente já não estaria em uso no século XVII, Mesquita (copista de G1) não a usaria para corrigir uma lição incoerente de  $\Omega$  e, consequentemente, este lugar crítico prova a existência de  $\alpha$ .

Em 78 todos os testemunhos apresentam um erro pela expressão antiga *a caron*, equivalente a ‘junto ao corpo’ (cf. Rodrigues Lapa 1972), mas nenhum deles pode ser obrigatoriamente um erro de  $\Omega$ , já que facilmente todos os copistas estranhariam expressão *a*

*caron* (possivelmente correcta no arquétipo duocentista). Contudo, EP têm o mesmo erro (*ao caron*), provavelmente cometido em  $\alpha$ . Por outro lado, G1 comete um erro privativo pouco significativo de *a corom* por *a carom* e G2 comete um erro privativo (*o caron*) sobre o de  $\alpha$ .

Em 79, E e P também têm dois erros evidentes que, apesar de distintos, são demasiado próximos para que possam ter sido cometidos sem a influência de um antecedente comum. G2 difere de todos apenas porque omite o lugar em que os restantes variam – o que indica que decerto terá copiado de um antecedente comum a EP, optando por eliminar o lugar do texto cuja leitura não compreendia, enquanto EP terão, pelo mesmo raciocínio, tentado corrigir um erro de  $\alpha$ . Em suma, todas as lições deste lugar explicar-se-iam se em  $\Omega$  estivesse a grafia *hero*. G1 tê-la-ia interpretado correctamente, substituindo-a por uma forma mais moderna.  $\alpha$  ter-se-ia limitado a transcrever exactamente aquilo que julgou ler mas, não compreendendo, transcreveu mal, dando origem ao erro *horo*. Daqui advêm as lições dos seus três descendentes: E, conservador como é habitual, reproduz o erro, P tenta interpretá-lo e saná-lo, mas dá origem a um novo erro e G2 resolve o problema omitindo o segmento obscuro.

Além destes, EPG2 também têm cinco erros conjuntivos por *lectio faciliior*, isto é, erros onde o copista de  $\alpha$  reinterpreta uma determinada lição mais difícil ou pouco frequente no seu diassistema por analogia com uma palavra ou forma mais comum, mas com forma paleograficamente semelhante (Blecu 2001:25):

80. ora se prouuesse senhor de receberes cantares desta mui pobre peccador no conto e companhia das tuas seruas (213v)

ora se prouesse senhor de receberes cantares desta muy pobre peccadora, no **canto**, e companhia de tuas seruas  
ora se provesse senhor de receberes cantares desta muy pobre pecadora, no **canto**, e companhia de suas servas  
Ora se prouesse senhor de receberdes cantares desta mui pobre pecadora, no **canto**, e companhia de suas servas

81. escondia todo o seu **talanto** e a sua vontade (213v)

escondia todo o seu **talento** e a sua vontade  
escondia todo o seu **talento** e a sua vontade  
escondia todo seu **talento**, e a sua vontade

82. o padre non lhe ousou mais d'ementar tal cousa (214r)

o Padre non lhe ouzou mais d'ementar tal couza  
o padre nom lhe ouzou mais **d'ementar** couza  
o Padre nom lhe ousou mais **de mental** couza

83. Dizendo sua ama estas cousas, esta santa virgem ascuitaua bem todo, e asentaua o na arca do seu curaço (217r)

Dizendo sua Ama estas couzas, esta sancta virgem **a escuitaua muito** bem, **e tudo asentaua** na Arca do seu curaço  
dizendo sua ama estas couzas, esta santa virgem **a escuitava muito** bem, **e tudo assentava** na arca do seu curaço  
Dizendo sua Ama estas cousas, esta santa virgem **a escuitava muito** bem, **e tudo asentava** na arca de seu coraço

84. e desi tomou entom a agoa (221v)

e **disse** tomou entõ a agoa  
e **disse** tomou entom a agoa  
e **disse** tomando então a agoa

Em 80, a variante de EPG2, embora não seja agramatical (sem o confronto com G1 poderia facilmente ser interpretada como sinónimo de “acto de cantar”), tem necessariamente de ser um erro de cópia. Na verdade, essa variante é muito mais fácil de explicar como um desvio da lição genuína do que a de G1. Em primeiro lugar, em termos semânticos, G1 apresenta uma leitura mais adequada ao contexto do episódio narrado: “se a Deus desse prazer receber os cantares da santa na conta e companhia das suas servas”. Além disso, a variante de EPG2 pode perfeitamente ser uma *lectio faciliior* motivada pela semelhança paleográfica entre as figuras minúsculas dos grafemas <a> e <o>, e até por influência do valor semântico do substantivo plural *cantares* copiado imediatamente antes. Nesse caso, estamos provavelmente perante um erro conjuntivo que prova a existência de  $\alpha$ .

Em 81 há um evidente erro conjuntivo de EPG2, além de um erro em G1. Todos os testemunhos dependem do substantivo medieval *talante* que nenhum dos copistas seiscentistas (nem Mesquita, nem Azevedo) terá entendido. Sublinhe-se que, em  $\Omega$ , a palavra ocorria numa duplicação redundante (*o seu talante e a sua vontade*), estrutura retórica muito comum e apreciada na literatura medieval, mas provavelmente pouco familiar a estes copistas. Derivado do latim <TALENTUM, *talante* significava em português medieval ‘vontade, desejo, gosto’ (cf. Lorenzo 1977) e só mais tarde se desenvolve para a variante culta *talento*, com significado de “aptidão natural (para)” (cf. Nunes 2005). Em 1606, Duarte Nunes de Leão inclui esta palavra na *Origem da Língua Portuguesa* como vocábulo antigo português cuja «interpretação» era preciso esclarecer (Leão 1975:302). Daqui é possível concluir que no século XVI o vocábulo já tinha caído em desuso. Os erros cometidos por G1 e  $\alpha$  são ambas banalizações, com resultados diferentes. Enquanto o primeiro, mais conservador, como é habitual, se limita a tornar familiar a terminação da palavra (a determinação masculina do artigo e do possessivo antecedentes supõe um substantivo masculino, e a desinência de género masculino mais comum em português é *-o*), o segundo, mais imaginativo, como sempre, comete uma verdadeira *lectio faciliior* que atribui significado e aparente coerência ao enunciado. Ficam, assim, evidentes, os dois ramos da tradição.

Esta variante deve relacionar-se com outro lugar do texto onde G1 se comporta como neste lugar variante (*talanto*), mas  $\alpha$ , que aqui tinha sido mais inovador, é absolutamente conservador e reproduz a lição correcta de  $\Omega$  (*talante*), que transmite a G2, enquanto E e P cometem a mesma inovação de G1 (*talanto*). Isto apenas significa que, no lugar 81,  $\alpha$  estava atento à cópia ao ponto de estranhar o vocábulo e tentar corrigi-lo, mas mais adiante na cópia estava menos atento e, conseqüentemente, copia a forma antiga sem hesitação.

Em 82, G1 apresenta a lição genuína (*dementar tal cousa*) e os restantes três testemunhos apresentam três erros de copistas que se defrontam com um enunciado estranho e incompreensível (*difficilior*) por conter uma palavra em desuso – *ementar*, verbo do português medieval que significa ‘referir’, ‘mencionar’, do latim < EMENTUM + *ar*, e que se atesta pela primeira vez no século XIII (cf. Houaiss 2015 e Machado 1977), e apenas até ao século XV (v. Sobral 2012:172, nota 23). Assim,  $\alpha$  deve ter sido o primeiro testemunho a errar. Como para Torcato de Azevedo a palavra já não significava nada, concentra a sua atenção na palavra seguinte, *tal*, a qual facilmente contamina a anterior com cuja sílaba se parece. Assim,  $\alpha$  provavelmente memoriza *dementar tal cousa* e, conseqüentemente, é isso que copia, cometendo um erro por atracção fonética entre os dois segmentos semelhantes, erro que transmite a E. Depois, P, para quem *ementar* também não significa nada, comete outro erro de memorização, nomeadamente uma haplografia: *dementar couza*. Por fim, G2 faz uma hiper correcção do erro de  $\alpha$  que será analisada adiante (v. capítulo III, p. 354).

Em 83 existem pelo menos duas variantes. Em primeiro lugar, G1 apresenta uma variante linguística antiga do verbo *escutar*, atestada no século XIII (cf. Machado 1977). É uma forma que, não existindo no século XVII de que data o apógrafo, tem necessariamente de ter sido copiada de um antecedente ( $\Omega$ ). Quanto à variante conjuntiva de EPG2, não sendo agramatical, denuncia uma evidente tentativa de actualização linguística e uma muito provável *lectio faciliior* da variante do português antigo. Assim, é também provável que não seja a lição genuína, mas sim um erro motivado pelo facto de o copista de  $\alpha$  (seiscentista) desconhecer a variante linguística *ascuitava*, e pelo facto de a variante facilmente sugerir a lição *a escuitava* (em que *a* seria um pronome clítico com referente em *sua ama*), perfeitamente aceitável na língua seiscentista.

Em segundo lugar, G1 tem uma variante que recorre ao pronome indefinido *todo* (forma antiga de *tudo*) para referir “aquilo que a santa escutava da sua ama”, utilizando depois o pronome clítico *o* associado ao verbo, e de forma a retomar esse objecto directo. Aqui EPG2 apresentam não só a intensificação em ***muito bem***, como têm uma leitura diferente da relação entre o objecto directo *tudo* (forma actual) e o verbo: primeiro está implícito “o que ela escutava” e só depois há referência a esse complemento directo em *tudo assentava*. Devido à utilização da variante antiga *todo* em G1, e por analogia com o que acontece com a variante *ascuitava* e *a escuitava*, é mais fácil aceitar que a ordem de palavras de EPG2 seja uma variante da lição genuína por reordenação. Essa reordenação explicar-se-ia facilmente devido ao erro conjuntivo em *a escuitava*, pois só é aceitável precisamente nessa formulação que terá levado  $\alpha$  a interpretar o

pronome *a* (“a ama”) como o complemento directo da oração, e a reinterpretar o indefinido *tudo* como um pronome que retomava o que dizia a ama.

Se ambas as variantes de EPG2 em 83 não parecem ser a lição genuína, provam a existência do subarquétipo  $\alpha$ .

Em 84, EPG2 têm um erro conjuntivo, pois não há no contexto adiante nenhum discurso directo ou indirecto que justifique a utilização desta forma do verbo *dizer*. Trata-se de uma *lectio faciliior* provavelmente motivada pela estranheza que o advérbio de tempo *desi* provocou em  $\alpha$ . Além disso, a presença em G1 de uma forma linguística que já não estava disponível na língua do seu copista é argumento a favor da sua dependência do arquétipo, ao contrário de  $\alpha$ , que a actualiza.

Por fim, existem ainda sete lugares onde EPG2 apresentam omissões acidentais conjuntivas que provam a existência de  $\alpha$ .

A primeira delas ocorre no lugar 21 anteriormente analisado (v. p. 153). Aí G1 é o único que apresenta uma lição correcta, com um complemento directo expresso e indispensável ao sentido do texto: *o medo*. EP têm um erro evidente, uma lacuna onde falta um complemento directo para a forma do verbo “haver”. G2, apesar de diferir de EP e de não ser evidentemente agramatical, também não é uma lição narrativamente coerente porque o pronome *o* não retoma/antecipa qualquer substantivo anterior/posterior da oração, tornando o contexto igualmente incompleto. Já a variante de G2 explica-se facilmente como uma tentativa de correcção conjectural da agramaticalidade de um antecedente corrompido, cuja lição era igual à dos testemunhos E e P. Bastou que este copista reordenasse os elementos da frase para obter um enunciado gramatical, que apurou eliminando a duplicação redundante que  $\alpha$  introduzira no texto. Assim, as variantes de EPG2 podem ser evidentemente consideradas um só erro conjuntivo que separa G1 de  $\alpha$ .

Além deste caso, vejam-se outros dois lugares com omissões acidentais semelhantes:

85. com alegre **coraçom** e uontade taa o dia do Juizo (215r)

com alegre [...], e vontade taa o dia do Juizo

com alegre [...], e vontade taa o dia do juizo

com alegre [...], e vontade taa o dia do luizo

86. E deuedes a saber, que esto que Deos **fes** em este homen, non (224r)

e deuedes a saber, que esto, que Deos [...] em este homẽ, nõ

e devedes a saber que esto que Deos [...] em este homem nom

E devedes saber, que esto que Deus [...] em este homem non



Em 85, EPG2 têm uma lacuna a que falta um substantivo que possa ser caracterizado pelo adjetivo *alegre*. Este é um erro por omissão que decerto não seria cometido por poligénese nos três testemunhos - um erro conjuntivo. Na variante de G1, a lição não só correcta, mas certamente também genuína, lê-se o seguinte: *enuia senhor a tua graça sobre esta moça, que ella com toda sua boca, e curação e vontade te confesse, e te ame, e te deseie, e te abraçe, e te cobiçe, com alegre coração e uontade taa o dia do Juizo* (215r). O paralelismo retórico marcado pela expressão *com...curação e vontade* argumenta a favor da variante de G1 ser a lição genuína, pois é gramatical e retoricamente coerente com o texto e com o modo discursivo em que se integra. Por estas razões, este lugar apresenta um erro conjuntivo de EPG2, separativo de G1.

Em 86, EPG2 partilham uma lacuna onde falta uma forma da 3ª pessoa do singular do verbo *fazer* no Pretérito Perfeito do Indicativo. É evidentemente um erro conjuntivo de EPG2 porque não há qualquer justificação para que a lacuna ocorresse nos três por poligénese.

Aos três erros conjuntivos por omissão mencionados, acrescentem-se outros quatro motivados por um salto do mesmo ao mesmo na cópia:

87. fes seu conselho que terras ou que lugares leixaria a sua filha onde ouuese mantimento enquanto en este mundo viuese, e leixou lhe tres igreias **de que ouuesse mantimento enquanto en este mundo uiuesse, e onde fosse folgar, e** dizia (215v)

fes seu concelho, que terras, ou que lugares leixaria a sua filha onde ouuese mantimento enquanto neste mundo uiuesse, e onde fosse folgar, e leixou lhe tres Jgrejas **de que ouuesse o tal mantimento**; e dizia

fez seu concelho que terras, ou que lugares leixaria a sua filha onde ouuese mantimento enquanto neste mundo vivesse, e onde fosse folgar; e leixou lhe tres Igrejas **de que ouuesse o tal mantimento**; e dizia

fes seu concelho que terras, e lugares leixaria a sua filha onde ouuese mantimento enquanto neste mundo vivese, e onde fosse folgar, e leixou lhe 3 Igrejas, **de que ouuesse o tal mantimento**, e dizia

88. porquanto a claridade do sol iamais nunca se partiu da eira, **per guisa que na eira**, nem aredor della non chouiá, e asi esteue todo aquel dia (223v)

porquanto a claridade do sol, iamais nunca se partio da Eyra, nem aredor della nõ chouiá, e assi esteue todo aquel dia

porquanto a claridade do sol jamais nunca se partio da eyra, nem arredor della nom chovia; e assy esteve todo aquel dia

porquanto a claridade do sol jamais nunca se partio da eira, nem arredor della non chovia, ca asi esteve todo aquel dia

89. e chegando alli onde jaz o corpo desta santa, **non lhi lembrou de pedir merçe a esta santa**, e lhe fazer reuerençia e oraçom (232r)

e chegando ali onde jas o corpo desta sancta, e lhe fazer reuerencia, e oração **lhe nom lembrou**

e chegando alli onde jaz o corpo desta santa e lhe fazer reverencia, e oração **lhe nom lembrou**

E chegando aonde jas o corpo desta santa **lhe fes** reverencia, e oração **lhe nom lembrou**

90. e por lhe non pedir o seu Irmão, que tinha preso, **e loguo outorgou lhe a igreja, que lhe pedia, e demais soltou lhe o Irmão que tinha preso, e** demais deu lhe hum couto muito bom (233r)

e por lhe nõ pedir o seu Irmão, que tinha prezo, **e** demais deu lhe hũ couto muy bó

e por lhe nom pedir o seu irmão que tinha prezo **e** demais deu lhe hum couto muy bom

E por lhe nom pedir a seu Irmão que tinha prezo, **e** demais deo lhe hum couto muito bom

Em 87 não é fácil explicar a lição de G1 como derivada de um arquétipo que conteria lição igual à de EPG2. Uma hipótese seria considerar a existência de uma intrincada e pouco provável série de erros acidentais. Imaginemos, por exemplo, um *salto do mesmo ao mesmo* na primeira conjunção copulativa *e*, levando o copista a copiar o sintagma *leixou lhe tres igrejas de que ouuesse*, seguido de um *salto do mesmo ao mesmo* em *ouuesse*, agora voltando atrás no texto do modelo copiado. Este segundo erro explicaria a ordem de palavras de G1, a repetição do sintagma *enquanto en este mundo uiuesse* (ausente nos restantes manuscritos), e ainda a ausência do sintagma *o tal* que EPG2 apresentam. Porém, se se tratou de um processo mecânico, isso não explica porque foi omitido o segmento *e leixou lhe tres Igrejas de que ouuesse o tal mantimento*, que se seguia no antecedente<sup>17</sup>. Haveria que considerar que, logo depois de cometidos os dois erros, o copista de G1 teria retomado a cópia no lugar em que os restantes manuscritos iniciavam este lugar crítico e que agiu de uma das seguintes formas: a) apercebeu-se do erro cometido, mas optou por não o corrigir, continuando a cópia e acrescentando apenas o que lhe faltava (*e onde fosse folguar*), já que o sentido do texto não se alteraria; b) não se apercebeu do erro e voltou a cometer um salto do mesmo ao mesmo na segunda conjunção copulativa *e* (*e onde fosse folguar*), e um quarto salto na terceira conjunção, de modo a seguir o texto do modelo, tal como E, P e G2 (*e dizia*).

Outra explicação para o comportamento erróneo de G1 poderia ser a seguinte. O copista teria saltado o segmento *e onde fosse folgar*, não tanto em resultado de um *salto do mesmo ao mesmo* (que teria de ancorar-se na conjunção copulativa, elemento de memorização demasiado frágil e que dificilmente constituiria, só por si, uma unidade de cópia) mas, levado por alguma outra circunstância condicionante que hoje dificilmente poderemos conhecer. Continuando a cópia, resolveu substituir o sintético *o tal* por uma repetição da fórmula antecedente na frase, por razões que também não serão fáceis de explicar. Apercebendo-se então de que suprimira por erro um segmento de texto, acrescenta-o agora (*e onde fosse folguar*) antes de prosseguir a cópia.

Nenhuma destas explicações consegue obter plausibilidade suficiente para ser aceite. Ambas implicam uma série demasiado complexa de erros e soluções e não permite compreender o comportamento do copista. Então vejamos se a derivação da lição de EPG2 de uma lição genuína igual a G1 explica mais simplesmente e coerentemente os dados da colação.

---

<sup>17</sup> O resultado deveria ser: *leixaria a sua filha onde ouuese mantimento enquanto neste mundo uiuesse, e leixou lhe tres Igrejas de que ouuesse mantimento enquanto neste mundo uiuesse, e onde fosse folgar, e leixou lhe tres Igrejas de que ouuesse o tal mantimento; e dizia*.

A lição de EPG2 é evidentemente conjuntiva e classificá-la como errónea implica postular a dependência de um antecedente comum aos três testemunhos ( $\alpha$ ), no qual o enunciado resultaria de um comportamento simples do copista. Começa por cometer um salto do mesmo ao mesmo em *ouuese mantimento enquanto en este mundo viuese*, o que leva à omissão de todo o segmento intermédio, e *leixou lhe tres igreias de que*, e ao avanço no texto para *e onde fosse folgar*. Apercebendo-se imediatamente do erro cometido, o copista volta atrás a repor o elemento que suprimira. Continua sintetizando o elemento seguinte, que era evidentemente repetitivo (*o tal por enquanto en este mundo uiuesse*), e prossegue saltando por cima do elemento que, por erro, tinha antecipado. Temos assim, um copista que comete um erro, age imediatamente para saná-lo, e prossegue agindo de forma coerentemente económica, evitando repetir-se.

Como a melhor solução, em estemática, é sempre aquela que postula o menor número de operações para explicar os dados, e uma explicação simples e coerente é preferível a uma complexa e que deixa factos por explicar, deduz-se que a lição de EPG2 deve ser considerada um erro conjuntivo que postula a sua dependência de um antecedente comum,  $\alpha$ .

Já os restantes três lugares são relativamente mais simples, sendo que em 88, 89 e 90 se cometem saltos do mesmo ao mesmo ancorados nas palavras *eira*, *santa* e *preso*, respectivamente. Em 88, a lacuna, que não provocou agramaticalidade pela redundância do segmento omitido, faz com que a variante de EPG2 perca o sentido introduzido em G1 pela locução subordinada consecutiva *per guisa que* (equivalente a “de tal forma que”). A adição de um segmento de texto redundante exactamente no contexto de um salto do mesmo ao mesmo parece mais difícil de explicar, pelo que a variante de G1 deve ser considerada a lição genuína e a dos restantes testemunhos um erro transmitido por  $\alpha$ .

Em 89 o copista de  $\alpha$  parece ter cometido a omissão de EPG2, mas apercebeu-se logo de que faltava uma oração subordinante, a qual repõe (*lhe nom lembrou*). Porém, já não havia cabimento para repor todo o segmento suprimido, tanto mais que ele pode ser considerado redundante e, portanto, dispensável segundo os critérios simplificadores de  $\alpha$ . A simples omissão em ordem a estes critérios, sem que tivesse havido erro, é também uma possibilidade. A reprodução da lição do antecedente por E e P e a inovação pouco hábil de G2 estão também de acordo com os perfis destes copistas. Já a adição de elementos redundantes por G1 é de excluir e, consequentemente, o lugar 89 prova a existência de  $\alpha$ .

### 2.2.1.3. Variantes adiaforas G1 vs EPG2

Diz Blecua (2001) que quando duas variantes são verdadeiramente adiaforas «una de las dos traiga la lección original o la correcta, porque de no hacerlo, el error será igualmente del 100 por 100» (Blecua 2001:88-89). Assim, se uma delas tem de não ser a lição genuína da tradição, mas é impossível ter a certeza de qual, então é evidente que algumas variantes adiaforas podem, ainda assim, ter algum peso estemático. Nesse sentido, há três lugares variantes que, sem permitirem a imediata classificação da lição conjuntiva de EPG2 como errónea ou não genuína, ainda merecem ser discutidas:

91. tornou sse pera saa terra (229r)  
tornou sse pera sua **caza**  
tornou se para sua **terra, e caza**  
tornou para sua **casa**

92. Milagre **da mulher que trazia A serpente no ventre.** (229r)  
Milagre **que sancta Senhorinha fes em hũa molher que tinha [...] o ventre hũa Çerpente**  
Milagre **que santa Senhorinha fez em hua molher [...] o ventre hũa serpente**  
7<sup>e</sup>

93. e a outra dormio com seu marido, **e concebeo** e pario (233v)  
e a outra concebeo de seu marido, e pario  
e a outra concebeo de seu marido e pario  
e a outra concebeo de seu Marido, e pario

Em 91 a conjunção de *casa/caza* e *terra* em P não é necessariamente arquetípica. A variante de P, que contraria a tendência dos testemunhos das *MRAG* para a simplificação, configura mesmo uma duplicação redundante (*terra, e caza*) como aquelas cuja originalidade tenho defendido. Por seu lado, G1 teria eliminado uma duplicação semelhante a outras que normalmente conserva. Porém, se analisarmos o lugar no contexto discursivo das narrativas de milagres, podemos observar que neste caso os miraculados vêm *de longuas terras* e que ele se segue a outro no qual o miraculado vinha de Zamora e que remata com a sua partida para a terra. Veja-se ainda o milagre anterior: *partio o moço são e saluo com seu padre, pera sua terra... tornou a sua terra são...* (f. 228v). A frequência destes enunciados poderá ter influenciado, por associação de ideias, o ditado interior do copista de P, levando-o a cometer um erro por substituição. Sem ver nisso razão para rejeitar a lição do seu antecedente (*casa*), acrescenta-a logo de seguida.

Ademais, a operação de P pode também ter sido consciente e destinada a conferir consistência ao discurso tendo em conta o *usus scribendi* do milagre anterior. Note-se que só depois deste milagre é que ocorrem outros em que os miraculados regressam à sua *casa* – até aqui todos tinham regressado à sua *terra*, o que poderá ter facilitado o erro ou incentivado a

inovação de P. Esta argumentação, que pode explicar a coincidência de P com G1 sem lhe atribuir valor estemático, nada diz, todavia, sobre a originalidade de G1 (*terra*) ou de EPG2 (*casa*), visto que o mesmo raciocínio aplicado à explicação da inovação de P se poderá aplicar à explicação da variante de G1 se ela não for arquetípica. Estamos, portanto, perante variantes verdadeiramente adiaforas.

Em 92, o testemunho E tem uma variante no verbo utilizado, o que indicia a separação entre G1 e  $\alpha$ : *trazia* vs *tinha*, respectivamente. E também tem uma lacuna a que falta uma forma da preposição *em*, lacuna essa comum a P que, além da preposição, omite também a forma verbal. Embora a forma verbal *tinha* pudesse ser uma variante da responsabilidade de  $\alpha$  (omitida por P), a verdade é que a lacuna de EP não pode ser poligenética porque a agramaticalidade que provoca no texto é demasiado evidente para que tenha sido da responsabilidade independente dos dois cospistas. Consequentemente, terão inevitavelmente copiado de um antecedente comum.

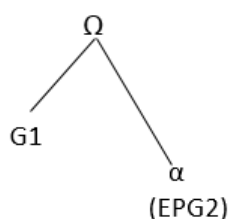
Nesse sentido, o mais provável é que a lição de G1 seja a lição correcta e genuína (aliás, com uma construção dificilmente explicada como uma inovação do copista: *trazia A serpente no ventre*), e que EP tenham copiado de um lugar relativamente obscuro, de difícil leitura (de  $\alpha$ ). G2 simplesmente omite o que não é claro (o que neste caso não é relevante, apenas porque omite todos os títulos dos milagres). Significativo é o facto de EPG2 apresentarem lacunas no mesmo lugar, o que aponta para a ocorrência um acidente num antecedente comum aos três testemunhos, provando a existência de  $\alpha$ , cuja lição talvez possa ser reconstituída da seguinte forma: *em hũa mulher que trazia em o ventre hũa Çerpente*.

Também é provável que o acidente de  $\alpha$  tenha levado à lacuna que P perpetua. Assim, embora este lugar variante não prove necessariamente a existência um antecedente  $\beta$  (comum apenas a E e P), é possível que ele tenha existido (v. pp. 203-208).  $\beta$  teria alterado o início do título do milagre, invertido a ordem dos sintagmas *serpente-ventre/ventre-serpente*, mas ainda assim teria reproduzido algo do acidente do arquétipo (provavelmente a lacuna de P). O que a variante de E tem a mais do que a de P talvez tenha resultado de conjectura (*que tinha*). Contudo, essa hipótese impossibilita que 92 prove a existência de  $\beta$  com segurança, pois se a E ainda falta a preposição (*em*), é provável que estivesse a copiar o seu modelo passivamente. Se o corrigisse, talvez não deixasse escapar a restante agramaticalidade.

Por fim, no lugar 93 as variantes de EPG2 e G1 são claramente adiaforas e, por isso, não é evidente qual seja a lição genuína. Ainda assim, é possível alegar duas razões para defender a

genuinidade de G1: uma retórica e a outra ideológica. Quanto à primeira, podemos evocar o gosto medieval pelas duplicações redundantes que explica a duplicação, no contexto redundante, de *dormio com seu marido, e concebeo*. Noutros lugares vimos já que  $\alpha$  não partilha este gosto retórico e que, por vezes, o sacrifica à simplificação. Quanto à segunda, podemos supor que o estreitamento, no século XVII, do sentido do decoro poderá ter levado o Padre Torcato de Azevedo a suprimir o que não era essencial à compreensão do texto.

Dos dados até agora apresentados de colação externa e interna, conclui-se a existência de duas famílias de testemunhos, assim representadas:



### 2.3. RAMO $\alpha$ – A CONTAMINAÇÃO DE E

Demonstrada a separação entre os ramos de transmissão encimados por G1 e  $\alpha$ , resta apurar se os testemunhos P e G2 são ou não descendentes directos de E. De facto, E tem poucas variantes privativas significativas (v. pp. 156-158), e P e G2 têm apenas algumas variantes linguísticas que argumentam contra essa relação (v. pp. 161-170).

Assim, demonstrar com segurança a filiação dos testemunhos descendentes de  $\alpha$  implica dar conta da existência de variantes conjuntivas que aproximavam os pares G1E e PG2, apontando para a separação dos quatro testemunhos em dois ramos de transmissão distintos. Contudo, isso coloca um novo problema: a separação entre G1E e PG2 é incompatível com a existência de um subarquétipo  $\alpha$  (comum a EPG2) e a sua distância de G1. No entanto, existem alguns lugares onde E e G1 têm variantes em comum (e correcções conjecturais<sup>18</sup>) que não se podem explicar por poligénese e, conseqüentemente, que E teria um antecedente comum a G1 e distinto do de PG2 (por exemplo, o lugar 113 adiante, v. p. 197). Descendendo, como foi demonstrado, E de  $\alpha$ , há que considerar a possibilidade de a sua ligação com G1 (que o separa de PG2) resultar de

<sup>18</sup> Macchi (2007: LXV) lembra que, se a dúvida se colocar, «(é) sempre preferível a poligénese do erro à poligénese da correção conjectural», o que nos casos mencionados teria sempre de se verificar em dois testemunhos distintos.

*contaminação*. Nesse caso o copista de E teria utilizado  $\alpha$  como modelo, mas em alguns lugares do texto teria confrontado a lição de  $\alpha$  com a de G1.

Macchi (2007) realça que a *contaminação* como a coincidência de vários testemunhos em lugares onde deveriam ser distintos é um fenómeno «que reduz de forma grave a possibilidade de construir estemas com certeza total, [e] não pode ser invocad[o] indiferentemente para explicar todas as situações, o bom senso obriga a atribuir-lhe as anomalias que não se podem explicar de outro modo, mas distinguindo criteriosamente qual, entre duas possíveis anomalias que se excluem reciprocamente, é verdadeiramente uma anomalia e pode ser atribuída exclusivamente à contaminação» (Macchi 2007:LVIII). Nesta tradição, E parece optar pela variante de G1 quando este testemunho tem uma lição aparentemente mais correcta em 17 lugares (onde PG2 têm erros e variantes conjuntivas que E não herda de  $\alpha$ ), e noutros 11 lugares E usa G1 como modelo, mas a sua lição é tão correcta quanto a de PG2 (variantes adiaforas conjuntivas entre G1E e PG2, ainda assim separativas dos dois grupos).

### 2.3.1. Variantes conjuntivas PG2

Do conjunto das variantes conjuntivas de PG2 salientam-se cinco lugares onde existem erros que provam como esses testemunhos descendem de um antecedente comum –  $\alpha$  –, mas onde a lição correcta e genuína de E não tem necessariamente de ser o resultado da contaminação com G1, porque a sua correcção por conjectura seria perfeitamente plausível.

Dois desses casos são erros conjuntivos PG2 por omissão de uma palavra, mas cuja lacuna seria facilmente corrigida poligeneticamente em G1 e E:

94. filha, porque não casar com tão nobre moço, **como** este moço he (214r)  
filha, porque não casar com tão nobre moço, **como** este moço he  
filha, porque não casar com tão nobre moço [...] este moço he  
Filha porque não casar com tão nobre moço ? [...] Este moço he
95. vidas dos santos e das santas, as quae **fazia** ler perante si por lingoagem (218r)  
vidas dos sanctos, e das sanctas, as quae **fazia** ler perante si por lingoagem  
vidas dos santos, e das santas, as quais [...] ler perante si por lingoagem  
vida dos santos, e das santas as quae [...] ler perante si per lingoagem

Em 94, P e G2 omitem a conjunção comparativa *como*. É certo que, para corrigir este erro, a G1 e E bastaria que estivessem atentos à coerência gramatical da oração ou que detectassem o erro pelo menos depois de copiarem o sintagma *este moço*, mas a alternativa da contaminação não pode deixar de se colocar. Quanto à correcção, não teria alternativa, o que justifica a poligénese. Contudo, G2 não corrige o erro, o que sugere que interpretou erradamente um ponto

de interrogação (o que teria interferido com o seu ditado interior), ou que adicionou deliberadamente esse ponto de interrogação precisamente para marcar uma pausa na leitura e tentar corrigir (insatisfatoriamente) o problema do antecedente.

Em 95, P e G2 omitem uma forma verbal que servia de auxiliar ao infinitivo *ler*. Se G1 e E quisessem preencher uma lacuna do arquétipo transmitida a  $\alpha$ , teriam apenas 50% de probabilidades de convergir, visto que, além de *fazia*, o verbo *mandava* seria muito adequado para esse efeito. Assim, é mais fácil explicar a variante de PG2 como uma lacuna de  $\alpha$  e a convergência G1E pelo recurso do segundo testemunho ao primeiro para resolver um problema do seu modelo.

Além destes casos existem ainda dois lugares cujos erros paleográficos de PG2 aproximam ambos os testemunhos, mas poderiam ser corrigidos por conjectura poligenética em G1 e E:

96. Non queiras ser toruado, nem tomes tuas noites sem sono pellas cousas que a tua filha a Deos prometeo, ao qual a tu offereceste (214v)

nom queiras ser toruado, nẽ tomes tuas noites sem sono pellas couzas, que a tua filha a Deos prometeo, ao qual a tu offereceste

nom queiras ser torvado, nem tomes tuas noites sem sono pellas couzas que tua filha a **Deos** prometeo **a qual a** tu offereceste

Non queiras ser torvado, nem tomes tuas noite sem sono pollas cosas que tua filha a **Deus** prometeo **o qual a** tu offereceste

97. non podia jazer (227v)

nõ podia jazer

nom podia jazer

non podia **fazer**

Em 96 a variante de G1E é a lição genuína, evidentemente correcta, onde *ao qual* é uma locução pronominal que retoma o complemento directo *Deos*. No contexto, um anjo dirige-se ao conde, pai de S. Senhorinha, dizendo-lhe que não perca “o sono pelas coisas que ela a Deus prometeu, **ao qual** (Deus)” ele próprio a ofereceu. Já à variante de PG2 falta um complemento indirecto, compatível com o pronome *a* cujo referente é *tua filha*. Assim, P e G2 têm dois erros paleográficos distintos (*a qual* e *o qual*, respectivamente), que provavelmente dependem de duas leituras erradas mas dependentes de um mesmo antecedente. Nesse caso, embora seja provável que P e G2 tenham copiado de um lugar obscuro em  $\alpha$ , G1 e E podem perfeitamente ter corrigido o erro por conjectura poligenética.

O contexto que introduz o 97 implica que o homem de quem se fala, cujo mal é estar inchado *come odre*, se deitou de barriga para cima porque não podia estar deitado de outra forma. Portanto, é evidente que G1, E e P apresentam a lição correcta e genuína, pois *jazer* é o verbo que melhor se adequa ao episódio narrado. Contudo, P, que começou por escrever *fazer*, ia



cometer o mesmo erro paleográfico de G2, provando que dependem ambos de  $\alpha$  onde existiria uma figura minúscula da letra <j> relativamente fácil de confundir com <f>. Se P é capaz de corrigir este erro evidente, G1 e E também o seriam e, consequentemente, as variantes deste lugar não se explicam necessariamente pela contaminação de E com G1.

Por fim, veja-se o lugar variante 98, onde E também não transmite um erro de  $\alpha$  não necessariamente por contaminação com G1, mas talvez porque  $\alpha$  tinha um erro seguido de uma correcção evidente (e, portanto, fácil de detectar) do próprio copista:

98. e cuidando elle **esto, deu lhe o sono** (214r)  
e cuidando elle **esto, deu lhe o sono**  
e cuidando elle **esto disse lhe o sono, digo, esto**, deu lhe o sono  
e cuidando elle **nelle dise lhe esto**: deu lhe o sono

Em 98 a lição genuína é a de G1 e E (*esto, deu lhe o sono*). Contudo,  $\alpha$  tinha um erro (*esto disse lhe o sono*) que ele próprio corrigiu imediatamente com uma fórmula correctiva (*digo*) para *esto disse lhe o sono, digo, esto deu lhe o sono*. E corrige essa lição de  $\alpha$  (quer tenha recorrido a G1, quer não). Já P não se apercebe do erro e copia-o, enquanto G2 tenta corrigi-lo de forma insatisfatória (v. capítulo III, p. 321).

Se os casos acabados de analisar não constituem provas fortes do recurso de E à contaminação, já o mesmo não se poderá dizer dos dez lugares variantes a seguir discutidos, visto que demonstram a separação das variantes conjuntivas de PG2 das de G1E, em lugares que não seriam corrigidos por conjectura em nenhum desses testemunhos. Estes lugares variantes têm erros de  $\alpha$  que E não transmite e que, portanto, só se se explicam pela contaminação de E por G1.

Os primeiros seis lugares a que importa dar destaque são casos onde a variante de PG2 depende de um erro paleográfico cometido em  $\alpha$  e que E corrigiu pelo confronto com G1. Vejam-se cinco deles:

99. ca bem sabedes que moor marteiro he aquelle que ho homen sofre por Deos (211r)  
ca bem sabedes, que mor martirio he aquelle, que ho homen sofre por Deus  
ca bem sabedes que **por martirio** he aquelle que ho homen sofre por Deos  
E bem sabees que **por martirio** he aquello que Deus sofre por Deus

100. ca o dito senhor lhe tem ia apostado o tambo (214v)  
ca o dito senhor lhe tem já apostado o Tambo  
ca o dito senhor lhe tem já apostado o **cambo**  
e ao dito senhor lhe tem ja apostado o **cambo**

101. e outrosi por hum rio que he mui impetuoso e corre mui rigo, e demais porque **morrião** en elle muitas gentes (216r)  
e outrosi, por hum rio, que he muy impetuooso, e corre muy rijo, e demais, porque **morrião** en elle muitas gentes  
e outrosi por hum Rio que he muy impetuooso, e corre muy rijo; e demais porque **corrião** en elle muitas gentes  
e outrosi por hum Rio, que he mui impetuoso, e corre mui rijo, **e a ella concorrião** muitas gentes

102. e como fui sua uida, **eu direi** depois indo por sua istoria desta guisa. (216r)  
e como foi sua vida, **eu direi** despois indo por sua historia desta giza.  
e como foy sua vida **cuidirei** despois indo por sua historia desta giza.  
e como foi sua vida **cuidarei** despois hindo [...] por esta gisa.

103. o seu gosto mais doce he ã mim **que** o mel (217v)  
o seu gosto mais doce he em mim, **que** o Mel  
o seu gosto mais doce he em mim **que** o meo  
o seu gosto mais doce he em mim o meo

Em 99, P e G2 têm um erro conjuntivo de *por martirio* por *mor martirio* certamente cometido por  $\alpha$ . Contudo, e embora a agramaticalidade seja incontornável, talvez só fosse verdadeiramente evidente depois de copiadas as três palavras que a seguem (*he aquella que*), e que talvez não pertencessem à mesma unidade de cópia de *mor martirio*. Nesse caso, seria possível que nem o copista de P nem o de G2 tivessem detectado a incoerência, tentando corrigi-la. Da mesma forma, não só não é certo que E tenha detectado o erro, mas é sobretudo improvável que o tenha corrigido com uma forma comparativa do adjectivo “grande”, *mor*, atestada no século XV (cf. Lorenzo 1968) – claramente próxima da lição correcta e genuína de G1, *moor*, variante atestada em 1265 (cf. Lorenzo 1968) – e não com a forma mais moderna do comparativo – *maior*. Por isso, a lição correcta de E talvez dependa do confronto com a de G1.

Em 100, P e G2 têm um erro paleográfico de *cambo* por *tambo* cometido em  $\alpha$  e provavelmente motivado pela semelhança entre a figura das letras <t> por <c> e pelo desconhecimento da forma antiga de *tálamo* do arquétipo, atestada no português do século XIV (Cf. Machado 1977 e Houaiss 2015). Pelas mesmas razões, é improvável que o copista seiscentista de E (e mesmo de G1) tenha corrigido o erro, pois certamente também não estaria familiarizado com a forma *tambo*. Assim, é mais plausível que este seja um erro de  $\alpha$ , transmitido a P e G2, mas não a E que o corrige por contaminação com G1 (cuja lição é correcta e genuína).

No contexto em que surge o lugar 101 enumeram-se as razões pelas quais S. Senhorinha não cuidava da terceira igreja que lhe fora oferecida pelo pai: 1) pelo facto de o caminho (até essa igreja) ser mau; 2) porque havia (junto dessa igreja) um rio que corria muito forte e rijo. Assim, neste lugar procura-se a terceira razão para o desagrado de Senhorinha em relação à dita igreja. Nesse caso a variante de G1E é evidentemente a lição correcta e genuína onde se lê que no rio *morrião... muitas pessoas*.

Embora em P e G2 talvez se pudesse ler que por aquele rio chegavam (*corrião/concorrião*) à santa muitas pessoas, a verdade é que o sintagma deixaria de funcionar como uma justificação para S. Senhorinha não gostar dessa Igreja. P e G2 são, portanto, erros evidentemente dependentes de um antecedente comum ( $\alpha$ ). O subarquétipo  $\alpha$  teria lido erradamente <m> de

*morrião* por <con>, dando origem à seguinte formulação: *e demais porque **concorrião** em elle muitas gentes*. Independentemente da omissão privativa de *e demais porque*, G2 teria copiado o erro de  $\alpha$  e P teria tentado corrigir o lugar por conjectura: *corrião*. Em todo o caso, e dado que detectar a incoerência deste lugar gramatical em  $\alpha$  exigiria que se prestasse muita atenção ao contexto copiado, então talvez seja mais provável que E corrija o erro do seu antecedente com a ajuda de G1, e não de forma independente.

Em 102, enquanto em G1E se lê “como foi a sua vida *eu direi* (contarei/narrarei) indo pela sua história da seguinte forma”, em G2 lê-se “como foi sua vida *cuidarei* (julgarei/preocupar-me-ei com) indo pela seguinte forma”. Contudo, P (*cuidarei*) e G2 (*cuidarei*) têm lições demasiado próximas para que não tenham derivado de um antecedente comum. Quer isto dizer que a variante de  $\alpha$  tinha de ser *cuidarei* ou *cuidarei*. Se em  $\alpha$  se lia *cuidarei*, então G2 copia correctamente a variante de  $\alpha$ . Por outro lado, talvez seja mais provável que  $\alpha$  tenha cometido um erro paleográfico relativamente simples (*cuidarei*), que P transmite e que G2 tenta corrigir com a variante *cuidarei*, perfeitamente aceitável no contexto. Nesse caso, apercebendo-se da agramaticalidade de  $\alpha$ , E copia a variante correcta e genuína de G1 (*eu direi*) já que, caso contrário, provavelmente chegaria à mesma conjectura que G2 (*cuidarei*).

No lugar 103, P e G2 apresentam um erro conjuntivo de *meo* por *mel*. O contexto exigia um termo com o qual *o gosto mais doce* do Senhor pudesse ser comparado, e só G1E o apresentam (*o mel*). Além disso, e dado que é bastante difícil considerar que P e G2 cometessem o mesmo erro paleográfico, e consequentemente, a mesma corrupção do sentido do texto, este erro deve ser copiado de  $\alpha$ . Prova disso é que, no mesmo lugar, G2 tem um erro privativo por omissão da conjunção comparativa *que* essencial à estrutura comparativa do contexto, provavelmente motivada pelo facto de o lugar já estar deturpado no seu antecedente. Dado que a estrutura de G1E é uma *lectio difficilior* (dificultada, sobretudo, pela pontuação), o erro de PG2 não deve ter sido cometido em  $\Omega$  e plausivelmente corrigido por G1. Então, certamente que E corrigiu  $\alpha$  por contaminação a lição correcta e genuína de G1.

Importa também retomar o lugar 80 (v. p. 179). Independentemente da *lectio faciliior* de EPG2 (*canto*) já analisada, neste lugar existe ainda outra variante: *companhia das/de **tuas** servas* (G1E) e *companhia de **suas** servas* (PG2). Apesar de ambas serem gramaticais, a lição de G1E é semanticamente mais adequada, pois neste lugar S. Senhorinha pede a Deus que lhe conceda a benção de a considerar no *conto* das suas servas, oferecendo os seus cantares como prova dessa sua devoção. Por isso o discurso mantém-se na segunda pessoa do singular (como exige o vocativo

*Senhor*), em *tuas servas*. Já a variante de PG2 implicaria que S. Senhorinha pedisse a Deus que recebesse os seus cantares, mas que ela cantaria na companhia das suas próprias servas, ou junto delas.

A variante de PG2 deve ser um erro cometido em  $\alpha$  devido a uma má leitura do contexto possivelmente motivada pelo erro de  $\alpha$  imediatamente anterior (*canto* por *conto*), e talvez por uma confusão entre os grafemas <t> e <s> longo. Dado que é difícil considerar PG2 um erro de  $\Omega$  corrigido por G1, E certamente terá corrigido o erro pouco evidente de  $\alpha$  pelo confronto com G1.

Além destes casos, veja-se o lugar 104 onde PG2 têm uma *lectio facillior* aparentemente cometida por  $\alpha$ , mas que E não transmite provavelmente graças à contaminação com G1:

104. e a Deos queria guardar castidade, e não **ençugar** seu corpo per homen, nem per outro peccado (212r)  
e a Deos queria guardar castidade, e não **ençugar** seu corpo por homen, nem por outro peccado.  
e a Deos queria guardar castidade, e não **entregar** seu corpo por homen, nem por peccado.  
e a Deus queria guardar castidade, e não **entregar** seu corpo por homem, nem por peccado.

Aqui a variante de PG2 tem um erro de *entregar* por *ençugar*. Em G1E o complemento directo de *ençugar* é *seu corpo*, o que faz com que o verbo seja necessariamente entendido com o sentido de “desonrar”, “profanar” a carne e o voto de castidade mencionado. Esta variante de G1E é uma lição correcta, mas *difficilior* e, consequentemente, devemos considerá-la a lição genuína. Provavelmente tendo compreendido que o contexto exigia esclarecer a ideia de que S. Senhorinha queria *guardar castidade* (o que implicava que não se deitasse com nenhum homem),  $\alpha$  cometeu um erro por *lectio facillior* e leu erradamente *ençugar seu corpo* por *entregar seu corpo*, onde o complemento indirecto do verbo *entregar* teria de ser *homem*. Esta substituição torna a oração agramatical pela utilização da preposição *por*.

Mesmo que se pudesse considerar que P e G2 transmitem um erro de  $\Omega$ , a verdade é que não só a *lectio difficilior* de G1E certamente não seria utilizada para corrigir esse lugar por conjectura, como provavelmente essa correcção conjectural ocorria ao nível da preposição *por* em *por homem* (onde reside a verdadeira agramaticalidade de PG2). Em todo o caso a variante de E só se explica pela contaminação com G1.

Por fim, P e G2 transmitem ainda três erros por omissão cometidos por  $\alpha$  que provavelmente só foram corrigidos em E graças por contaminação com G1. Em primeiro lugar, veja-se o lugar 105, onde P e G2 omitem acidentalmente a forma verbal *tinha*:

105. os seus gíolhos tanto os tinha finquados na terra, quando fazia oraçom que ia **tinha** os callos em elles (220v)  
os seus gíolhos tanto os tinha fincados na terra quando fazia oração, que ia **tinha** os Callos em elles  
os seus gíolhos tanto os tinha fincados na terra quando fazia oração, que ja [...] os callos ã elles  
os seus gíolhos tanto os tinha fincados na terra quando fazia oração que ja [...] os callos ã elles

Embora ambos pudessem detectar a falta da forma verbal *tinha*, G1 e E certamente não preencheriam a lacuna conjuntiva de PG2 poligeneticamente. Além disso, a possibilidade de um deles adicionar a forma verbal na sobrelinha (o que não acontece), o facto de nenhum ter uma estrutura em que o verbo ocorre depois do complemento directo (*que ia os callos **tinha** em eles*), mas ambos interpretarem *ia* como advérbio e não como imperfeito do verbo “ir” (num hipotético enunciado *que ia ganhando os callos em elles*) são argumentos a favor da contaminação de E. Assim, G1 é provavelmente a lição genuína,  $\alpha$  comete a omissão, PG2 transmite-na, e E corrige o erro por contaminação com G1.

Os restantes dois casos são erros por omissão accidental motivados por um salto do mesmo ao mesmo ancorados nas palavras *pequena* e *fruto*, respectivamente:

106. pois a moça era mui pequena, **que tal lhe pertença, ca senhorinha quer dizer senhora mui pequena** e disse (212v)  
 pois a moça hera muy piquena, **que tal lhe pertencia . ca Senhorinha quer dizer senhora muy piquena**, e disse  
 pois a moça era muy pequena, e disse  
 pois a moça era mui pequena, e dise

107. não queiras demandar **fruto a tua filha fruto** de morte e de tristeza, mais fruto de prazer, e de alegria, ca ella esposo non mortal catou (214v)  
 não queiras demandar **fruto a tua filha, fruto** de morte, e de tristeza, mais fruto de prazer, e de alegria, ca ella Esposo non mortal catou  
 não queiras demandar **fruto** de morte, e de tristeza, mas fruto de prazer, e de alegria, ca ella esposo não mortal catou  
 nom queiras demandar **fruto** de morte, e de tristeza, mas fruto de prazer, e de alegria ca ella esposo nom mortal catou

Em ambos os lugares a omissão de PG2 não pode ter sido cometida por  $\Omega$ , dado que G1 dificilmente detectaria qualquer uma das lacunas e em nenhum dos casos a preencheria com a lição que apresenta. Assim, estes erros por salto do mesmo ao mesmo foram cometidos por  $\alpha$ , transmitidos a P e G2, mas corrigidos em E graças ao confronto com a lição genuína de G1, pois de outro modo E não detectaria a incongruência. Em 107, E não só não detectaria a lacuna, como se o fizesse, provavelmente adicionaria o sintagma *a tua filha* na sobrelinha, ou só depois do sintagma *de alegria*, a partir de onde a agramaticalidade se torna evidente.

### 2.3.2. Variantes conjuntivas G1E

Por fim, vejam-se os dois lugares que se seguem, onde a lição de G1E é evidentemente a lição correcta e genuína, mas a lição conjuntiva de PG2 não pode ser considerada um erro, tanto quanto pode ser uma variante intencional de  $\alpha$ , perante a qual E acaba por optar pela lição de G1, restituindo a lição genuína.

108. o mundo peleja com homen // mostrando lhe riquezas e cousas deleitosas (218v//219r)  
 o mundo peleja com homem mostrando lhe riquezas, e couzas deleitozas  
 o mundo peleja com homem mostrando lhe riquezas; e couzas **deliciosas**  
 o mundo peleja com homem mostrando lhe riquezas, e cousas **deliciosas**

109. e a Dona cõtou todo a seu marido Dom Paio, e elles foron se ao muimento de santa Senhorinha cõ suas candeas, e obradas . E esta **Dona** dormindo chamou seu marido (236r)  
 e a Dona contou todo a seu marido Dom Payo, e elles foron se ao Moimento de sancta Senhorinha com suas Candeas, e obradas; E esta **Dona** dormindo chamou seu marido  
 e a Dona contou todo a seu marido D. Payo; e elles foram se ao moimento de santa Senhorinha com suas candeas, e obradas, e esta Dormindo chamou seu marido  
 E a Dona contou todo a seu Marido D. Payo, e forão ao moimento da santa com suas candeas, e obradas, e esta dormindo chamou seu Marido

Em 108 a variante de G1E (*deleitozas*) é a lição correcta e genuína. Já a de PG2 (*deliciosas*) é certamente uma modernização de  $\alpha$  transmitida a estes dois testemunhos. Nesse caso, E provavelmente só não transmite a mesma modernização de PG2 devido à sua contaminação com G1, por cuja variante optou.

Em 109, a falta do sujeito *Dona* em PG2 pode levar à errada interpretação do sintagma pronominal *e esta* como referente de *santa Senhorinha*. É difícil considerar que a variante de G1E resulte de uma adição conjectural poligenética operada de forma a esclarecer o texto de  $\Omega$ . Assim, é mais provável que a variante de PG2 tenha resultado de uma omissão intencional de  $\alpha$ , provavelmente motivada por esta ser a segunda ocorrência do substantivo *Dona* neste contexto. Essa omissão foi transmitida a P e G2, mas não a E graças à sua contaminação com G1. Nesse caso, E opta pela lição de G1 porque julgou que a omissão de *Dona* prejudicava a leitura do texto (provocando alguma confusão sobre qual seria o referente de *e esta*) ou simplesmente porque, confrontando o texto do seu modelo com o de G1, julgou que a variante de G1 era a mais pertinente para este lugar do texto.

### 2.3.3. Variantes adiaforas conjuntivas G1E vs PG2

Excluídos os lugares cujas variantes podiam resultar de poligénese (v. lugares 110 e 111, adiante), restam pelo menos 11 lugares cujas variantes adiaforas aproximam os testemunhos G1E e PG2 (porque dificilmente resultariam de poligénese) e, conseqüentemente, provam a contaminação de E por G1:

110. seis carregas de bõa farinha // **quanta** poderiam leuar seis camellos (224r//224v)  
 seis carregas de bõa farinha, **quanta** poderião leuar seis Camellos  
 seis carregas de boa farinha **quanto** poderião levar seis camellos  
 6 carregas de bõa farinha **quanto** poderião levar 6 camellos

111. uendo **esto hum homem** que estaua a par della (231v)  
 uendo **esto hum Homem** que estaua a par della  
 vendo **hum homem esto** que estava a par della  
 vendo **hum homem esto**, que estava apos ella

Desses 11 lugares, vejamos-se primeiro as cinco variantes adiaforas que se seguem:

112. esta regra de são Bento he nossa madre, e no começo he **muy** aspera e estreita (216v)  
esta regra de são Bento he nossa madre; e no começo he **muy** aspera, e estreita  
esta Regra de s. Bento he nossa madre, e no começo he **mais** aspera, e estreita  
esta Regra de s. Bento he nossa Madre, e no começo he **mais** aspera, e estreita
113. vendo a dita sua ama, como a moça era de muy pequena idade // e consirando que o ieium era grande pera ella outorgou lhe que a sesta feira ieiuasse (217v//218r)  
vendo a dita sua ama, como a moça hera de muy piquena idade, e conciderando, que o Jeiũ hera grande pera ella, outorgou lhe, que a ssesta feitra Jeiũasse  
vendo a dita sua ama **seu amor**, como ha moça hera de muy pequena idade, e conciderando que o jejum hera grande para ella, outorgou lhe que a sesta feira jejuasse  
vendo a dita sua Ama **seu amor**, como a moça era de muy pequena idade, e considerando como o jejum era grande para ella, outorgou lhe que a 6ª feira jejuase
114. nhum dos ditos lauradores non **poderá** mais estar na eira (222v)  
nenhum dos ditos lauradores, nõ **poderá** mais estar na Eyra  
nenhum dos ditos lavradores nom **poderom** estar mais na eyra  
nenhum dos ditos lavradores non **poderom** mais estar na eira
115. e **confiado** da sua merçe (231r)  
e **confiado** de sua merce  
e **confiando** de sua merce  
e **confiando** de sua merce
116. e mais deseiauum nunca o uerem que de o auerem de criar come mudo, e os cuitados non se **nembrauam** como o prometerom de o levar ao muimento desta santa (234r)  
e mais dezejarão nunca o verem, que de o auerem de criar Como mudo, e os cuitados nom se **nembrauão**, como o prometerõ de o levar ao moimento desta sancta  
e mais dezejarão nunca o verẽ qye d'o averem de criar como mudo; e os cuitados nom se **nembrarão** como o prometerom de o levar ao moimento desta santa  
e mais dezejarão nom o aver que de averem asi mudo, e os coitados nom se **lembrarão** como prometerom de o levar ao moimento da santa

Em todos estes casos é impossível que E tenha a mesma lição de G1 (seja ela a correcção de um erro de  $\Omega$ , uma variante accidental ou a lição genuína) sem que tenha confrontado o texto do seu antecedente  $\alpha$  com o texto de G1.

Em 112, a variante de G1E tem uma forma do indefinido *muito* que modifica os adjectivos *aspera* e *estreita*, utilizados para caracterizar a regra de S. Bento. Por outro lado, PG2 utilizam o advérbio *mais* para modificar esses adjectivos, conferindo um valor comparativo entre o início e (presume-se) o resto do percurso de aprendizagem na regra de S. Bento.

O lugar 113 ocorre num contexto em que S. Senhorinha pede que sua ama lhe dê autorização para jejuar todas as quartas e sextas-ferias em serviço de Deus. Em G1E lê-se que “vendo a ama que a moça era pequena, deixou-a jejuar apenas à sexta-feira”, estrutura onde a pequenez de Senhorinha é a razão pela qual D. Godina a deixou jejuar apenas um dia da semana. Em PG2 lê-se “vendo a ama o amor da moça (a Deus), (mas) como a moça era pequena deixou-a

jejuar apenas à sexta-feira”. Neste caso D. Godina reconhece o *amor* de Senhorinha a Deus e, por ele, concede-lhe parte do seu pedido. Nesta estrutura *seu amor* é um elemento que motiva a cedência da ama, e a *mui pequena idade* da moça é a razão pela qual a limita, deixando-a jejuar apenas um dia da semana, e não os dois que lhe havia pedido. Contudo, a lição de G1E é provavelmente a genuína, dado que não haveria qualquer explicação plausível para a omissão de G1. Nesse caso,  $\alpha$  teria sido responsável pela adição do segmento *seu amor*, talvez numa tentativa de esclarecer o texto, adição essa que foi transmitida a P e G2. Consequentemente, a variante de E, que restitui a lição genuína, seria o resultado de uma contaminação com G1, precisamente porque E não concretizaria uma inovação privativa igual à de G1 sem que existisse algum erro no seu antecedente que o motivasse a fazê-la. Nesse caso, embora as variantes de G1E e PG2 sejam adióforas, *seu amor* é provavelmente adicionado por  $\alpha$ , copiado por P e G2, mas não por E que, por contaminação, escolhe a variante de G1 provavelmente por considerar que essa opção melhorava o texto da sua cópia.

Em 114 as variantes de G1E e PG2 são adióforas, dado que o verbo pode concordar quer com o indefinido *nenhum* (em G1E), quer com o complemento determinativo *os ditos lavradores* (em PG2). Assim, qualquer uma pode ser a lição genuína, e ambas podem ser variantes acidentais (provocadas pelo esquecimento ou acrescento de uma marca de nasalidade), ou variantes intencionais (pois qualquer uma das diferenças de concordância sujeito-verbo poderia motivar a outra variante).

Em 115, G1E têm o participio passado do verbo “confiar”, enquanto PG2 têm o gerúndio. No entanto, ambos os tempos verbais são compatíveis com a estrutura *confiar de*. Ademais, é tão plausível que a variante de G1E seja um erro por omissão de uma marca de nasalidade, como que a de PG2 seja uma adição dessa marca numa tentativa de esclarecer um lugar de  $\Omega$ . Embora se pudesse argumentar que G1E não têm necessariamente uma variante conjuntiva precisamente porque podem apenas ter omitido uma marca de nasalidade <~> (um erro fácil de cometer de forma independente), nem G1 nem E frequentemente utilizam <~> para assinalar a nasalidade das vogais.

Em 116, G1E têm uma forma antiga do verbo lembrar (*nembrar*) no pretérito imperfeito do indicativo, enquanto PG2 têm o verbo no pretérito perfeito do indicativo. Independentemente da evidente modernização de G2 em *lembrarão*, as variantes são adióforas, mas não deixam de separar G1E de PG2.



Noutros seis lugares G1E e PG2 apresentam variantes adiforas entre as quais é difícil optar com segurança, muito embora seja mais provável que a variante de G1E seja a lição genuína. Em todos estes casos, quer PG2 transmitam uma variante de  $\alpha$ , quer sejam a lição genuína da tradição, a coincidência da variante de E com a de G1 só se explica por contaminação. Além do lugar 104 já mencionado (v. p. 194), vejam-se os restantes cinco:

117. o senhor me vestio com hũa uestidura **mui** clara, e branca (217v)  
 o senhor me vestio cõ hũa vestidura **muy** clara, e branca  
 o senhor me vestio com huma vestidura **bem** clara, e bran[...]  
 o senhor me vestio com hũa vestidura **bem** clara

118. tu senhor as auguoas poseste mui fortemente sob . a terra, tu enuiaste o teu spirito sobelas auguoas, tu senhor as deste aos que uiuem **per ellas** (222r)  
 tu senhor as agoas pozeste muy fortemente sob a terra; tu enuiaste o teu sperito sob'ellas; tu senhor as deste aos que viuem **por ellas**  
 tu senhor as agoas pozeste muy fortemente sob a terra, tu enviaste o teu spirito sob'ellas; tu senhor as deste aos que vivem **sob'ellas**  
 tu senhor as agoas pozeste mui fortemente sob a terra, tu inviaste o teu espirito sob'ellas, tu senhor as destes aos que era de ambas Espozo aos que vivem **sob'ellas**

119. Digo te que aquele senhor que era esposo d'ambas **estas virgens** (223v)  
 Digo te que aquelle senhor, que hera Espozo de ambas **estas virgēs**  
 digo te que aquelle senhor que hera de ambas espozo  
 digo te que aquele senhor que era de ambas Espozo

120. sentio **ao** uentre fazer gram roido (229v)  
 sentio **ao** ventre fazer grã roido  
 sentio **no** ventre gram roido  
 sentio **no** ventre grã roido

121. loguo a molher foi confessada, e a vespera chegando sse ella ao moimento oraua, choraua, **baixaua sse sobollo** moimento (234v)  
 logo a molher foi confessada, e a vespora chegando sse ella ao Moimento oraua, choraua, **baixaua sse sobollo** Moimento  
 logo a molher foy confessada; e a vespora chegando se ella ao moimento orava, chorava, **baixava sse ao** moimento  
 logo a molher foi confessada, e a vespora chegando ao moimento orou chorando, e **baixando se ao** moimento

Em 104 as variantes de G1E e PG2 são adiforas. Contudo, a utilização do indefinido *outro* em G1E talvez confira um sentido pejorativo ao sintagma anterior e *ençugar seu corpo per homem* passe a estar mais directamente associado à noção de pecado. Este é o sentido evidentemente pretendido no contexto e, consequentemente, é mais fácil considerar que a variante de G1E seja a lição genuína do que a adição em  $\alpha$  (P e G2).

A lição de PG2 explica-se como uma omissão conjuntiva, sobretudo se se tiver em conta a possibilidade de ser uma variante relacionada com a má interpretação do lugar. Se  $\alpha$  cometeu o erro de *ençugar* por *entregar* é possível que tenha lido o contexto da seguinte forma: “não entregar seu corpo **por** homem, nem **por** pecado”. Nesse caso, o erro cometido em 104 terá feito com que  $\alpha$  entendesse as duas ocorrências da preposição *por* como introdutoras de duas razões

(sem relação entre si) pelas quais a santa não entregaria o seu corpo e, consequentemente, omitisse o indefinido *outro* (gramaticalmente desnecessário nesse caso).

Em 117 as variantes de G1E e PG2 apresentam ambas advérbios cujo único objectivo é intensificar o quão *clara* e *branca* era a veste que o Senhor ofereceu a S. Senhorinha. Contudo, é muito menos provável que *muy* (G1E) derive (paleograficamente) de *bem* (PG2), e no contexto em que surge este lugar variante o advérbio *bem* ocorre com mais frequência do que *muito* ou *muy*. Assim, talvez se possa considerar que PG2 têm uma variante intencional da responsabilidade do copista de  $\alpha$  incentivada pelo *usus scribendi* do contexto desse parágrafo.

No contexto em que surge o lugar 118 enumeram-se casos da manifestação de Deus através da água. O sentido do texto não se altera necessariamente em cada uma das variantes G1E ou PG2, que são adiaforas. Contudo, assumindo que a referência pretendida em  $\Omega$  era aos seres que vivem **nas** águas (e, consequentemente, que delas dependem), então talvez a lição de G1E (*per ellas*) seja uma *lectio difficilior* em comparação com a de PG2 (*sob'ellas*). Se assim for,  $\alpha$  pode ter tido dificuldade em compreender o sentido do texto, substituindo intencional ou acidentalmente a preposição *per* pela contracção da preposição *sob* com o pronome pessoal *elas* (*sob'ellas*) que tinha sido utilizada na oração imediatamente anterior (*tu enuiaste o teu spirito sobelas auguoas*). Dado que *sob'ellas* causaria certamente menos dificuldades na leitura, é pouco provável que a variação tenha ocorrido de PG2 para G1E. Além disso, se a variante de PG2 tiver sido motivada por um acidente material em  $\alpha$ , *sob'ellas* dificilmente seria a correcção conjectural mais evidente. G1E deve ser a lição genuína e a substituição de  $\alpha$  é motivada pela reminiscência de um passo anterior. A variante de  $\alpha$  é transmitida a P e G2, mas não a E, provavelmente porque este utilizou G1 para repor a lição genuína.

Em 119 a variante de G1E é aparentemente a mais completa. É possível que o copista de  $\alpha$  tenha começado por copiar o complemento determinativo *de ambas*, tornando mais evidente a redundância de *estas virgões* e levando-o a omitir esse segmento. No entanto, não é impossível que esse sintagma tenha sido adicionado em G1E, sobretudo quando, a par dessa variante, existe outra variante adiafora quanto à ordem de palavras: G1E têm verbo + complemento directo + complemento determinativo; PG2 têm verbo + complemento determinativo + complemento directo. Em todo o caso o facto de E não ser equivalente a P e G2 só se pode explicar pela contaminação com G1.

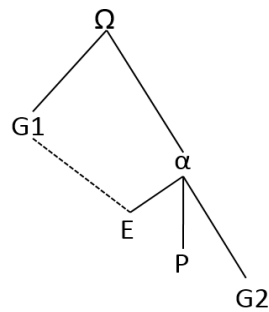
Em 120 as variantes de PG2 e G1E também são adíforas. Contudo, talvez seja mais provável que a de PG2 seja uma variante accidental/intencional de  $\alpha$  motivada pela actualização linguística, do que a variante de G1E ser um erro paleográfico de *ao* por *no*.

Em 121 a lição de PG2 (*baixava se/baixando se ao moimento*) explica-se muito facilmente como um esclarecimento da estrutura *difficilior* de G1E (*baixava se sobollo moimento*), embora talvez não seja a solução mais evidente – “sobre o”. Ademais, a variante de PG2 pode resultar de um erro por repetição da estrutura *ao moimento*, que o copista de  $\alpha$  tinha copiado numa das orações anteriores da mesma frase: *cheguando sse ella ao moimento*. Assim, G1E é provavelmente a lição genuína porque é uma *lectio difficilior* que certamente não seria uma correcção conjectural da variante perfeitamente aceitável de PG2. Pelas mesmas razões, é provável que E não transmita a lição de  $\alpha$  (*ao moimento*) porque recorre à de G1.

Todas as variantes conjuntivas G1E e as variantes adíforas G1E vs PG2 apresentadas permitem, em primeiro lugar, confirmar que nem P, nem G2 podem ser descendentes directos de E (o testemunho mais antigo do ramo  $\alpha$ ). Se assim fosse, erros e variantes com maior valor estemático (ex. lugar 113) seriam transmitidos a P e G2 que, por sua vez, têm muitos erros conjuntivos que não se explicariam se esses testemunhos utilizassem E como modelo.

Por fim, e embora não se encaixe em nenhum dos conjuntos anteriores, note-se que o lugar 63, anteriormente utilizado para provar a existência de  $\alpha$  (v. p. 171), também demonstra a contaminação de E. Aí E transmite uma variante intencional de  $\alpha$ . Contudo, veja-se como tem uma correcção dependente da lição de G1. Assim, apesar de preferir a variante de  $\alpha$  em *foi a moça levada*, E denuncia a sua contaminação com G1 devido à preposição que começou por escrever em *levada ã*. Essa preposição, que evidentemente não era a mais adequada a *levar*, é utilizada de forma aceitável em G1, a par de uma forma com aférese do verbo *apresentar*, *presentada en*. Embora as características físicas da correcção (por sobreposição) não permitam identificar o momento em que foi realizada, o mais provável é que E, retomando a cópia em  $\alpha$ , se tenha apercebido da estranheza da construção *leuada ã*, substituindo a preposição por *à*, uma contracção da preposição *a* (do seu modeo -  $\alpha$  ou outro descendente de  $\alpha$ ) com o artigo definido feminino *a*. Resulta a variante *foi a moça levada à caza*, que se distingue da dos restantes descendentes de  $\alpha$  só por um sinal de acentuação.

Assim, é possível propor a seguinte configuração para o *stemma codicum* da tradição:



Por último, importa realçar como a contaminação de E com G1 pode parecer um argumento contra a hipótese de o códice E ser um autógrafo da obra Torcato Peixoto de Azevedo. Se E copia de  $\alpha$ , mas contamina alguns lugares do texto com variantes de G1, então parece difícil aceitar que esse procedimento tenha sido realizado pelo autor das *MRAG* apenas e directamente numa cópia relativamente limpa da sua obra. Mesmo que tivesse tomado conhecimento da existência de G1 depois de terminada a obra, é difícil afirmar com segurança (embora não seja impossível considerar, dadas as evidências codicológicas da autoria do códice) que Azevedo tenha realizado uma cópia completa da sua extensa obra entre 1692 e 1705 (data da sua morte), mas é decerto pouco plausível que tenha cuidadosamente introduzido as variações feitas com base em G1 analisadas unicamente em E.

Aliás, lembre-se que E não recorre a G1 apenas em lugares onde  $\alpha$  erra evidentemente, mas também em lugares onde tinha variantes perfeitamente aceitáveis (mas não necessariamente mais correctas do que as de  $\alpha$ ). Em todo o caso torna-se claro que E recorreu às variantes de G1 sempre para tentar corrigir ou «melhorar» pontualmente o texto, levando a cabo uma contaminação que só se justifica para corrigir o modelo-base. Isso exclui a cópia mecânica e passiva, que é o que explica a reprodução dos erros e, consequentemente, explica porque é que E não reproduz nenhum erro evidente (ou nenhuma lição menos correcta) de G1. Contudo, mesmo uma contaminação correctiva e pontual deste tipo é difícil de conciliar com a limpeza da cópia de E. Sobretudo quando existem casos como os do lugar 63 exposto acima, onde a contaminação de E parece estar dependente de escolhas imediatas do copista e que, inevitavelmente, causariam pelo menos alguns acidentes materiais de cópia neste apógrafo (que está praticamente limpo de emendas, rasuras, cancelamentos, acrescentos ou sobreposições). Poderão, então, ter existido outros subarquétipos entre  $\alpha$  e E que expliquem a limpeza desta cópia, a sua contaminação com G1 e, simultaneamente, que sejam compatíveis com o seu estatuto autógrafo?

## 2.4. O SUBARQUÉTIPO $\beta$

Que o códice E não seja da mão do autor das *MRAG* é uma hipótese que começa por perder forças com a demonstração de que E e P dependem de um segundo subarquétipo comum inevitavelmente posterior a 1692. Vejam-se os lugares pertinentes para esta demonstração<sup>19</sup>.

### 2.4.1. Variantes conjuntivas EP

Em primeiro lugar atente-se às duas variantes conjuntivas de EP que se seguem:

122. o que estranho marteiro foi desta virgem (219v)

o que estranho Marteiro foi desta **senhora virgem**

ó que estranho marteiro foy o desta **senhora virgem**

Ó que estranho martirio foi desta santa virgem

123. roguo uos que qualquer cousa que uos de mim comprir que uos que a peçades, que eu uo llo outorgarei de grado (233r)

rogo uos, que qualquer couza, que uos de mim comprir, que vós, que a peçades, que Eu, **que** uo llo outorgarei

rogo vos que qualquer couza que vos de mim comprir que vós que a peçades que eu **que** vo llo outorgarei

rogo vos que qualquer coza que vos de mim cumprir, que o peçades que eu vo lo otorgarei

Em 122, embora P tenha um pronome *o* cujo referente é o substantivo *martirio*, E e P partilham a mesma formulação *difficilior* com a conjugação de dois títulos atribuídos a S. Senhorinha: *senhora virgem*. A lição genuína (e correcta) talvez seja a variante de G1 (*o que estranho marteiro foi desta virgem*) ou a provável variante de  $\alpha$  (*ó que estranho marteiro foi desta santa virgem*), no fundo adiaforas. Na verdade, ao longo do texto a palavra *virgem* é frequentemente utilizada isoladamente para referir S. Senhorinha (em 21 lugares), mas a conjugação dos títulos *virgem santa* ou *santa virgem* também ocorre com alguma frequência (em cerca de 13 lugares). Dado que G1 raramente comete supressões desnecessárias (ou inexplicadas por algum erro do copista), e visto que as últimas duas ocorrências da palavra *virgem* se encontram precisamente na expressão *sancta virgem*, então é mais provável que  $\alpha$  tenha intencionalmente adicionado *sancta*, provavelmente devido ao seu reconhecimento do *usus scribendi* do texto. Nesse caso,  $\alpha$  certamente teria a variante acima sugerida: *ó que estranho marteiro foi desta santa virgem*.

Por outro lado, a variante de EP está totalmente em desacordo com o *usus scribendi* do texto, já que não ocorre *senhora virgem* em nenhum outro lugar (e, aliás, o substantivo *senhora* só

<sup>19</sup> A este respeito, a colação de Brito (1981) não é esclarecedora, pelas três razões que se seguem: os textos são apresentados sinopticamente e com métodos de notação de variantes pouco intuitivos (a autora utiliza apenas o alinhamento do texto, itálicos e [sic] para assinalar lacunas); limita-se a oito capítulos das *MRAG*; o material disponibilizado revela apenas um lugar onde E e P têm uma lacuna em comum, mas essa lacuna também é comum ao texto impresso (e, consequentemente a G2 e a  $\alpha$ ).

é utilizado cinco vezes para referir S. Senhorinha, e sempre como um vocativo em discurso directo). Este erro não se explica por poligénese, a não ser que em  $\alpha$  existisse uma abreviatura de *santa* obscura ao ponto de levar E e P a cometerem o mesmo erro. Contudo, e visto que G2 não tem qualquer problema em reproduzir a palavra *santa* (quer estivesse abreviada no seu modelo, quer não), então este lugar sugere a existência de um antecedente comum a EP ( $\beta$ ), cujo copista cometeu o erro de *senhora virgem* por *santa virgem*. A favor desta hipótese está também o facto de PG2 terem uma variante conjuntiva com a interjeição em *ó que estranho marteiro/martírio*, provavelmente da responsabilidade de  $\alpha$ . O subarquétipo  $\beta$  copia essa formulação e, tendo lido a interjeição inicial *ó*, acrescenta o artigo definido *o* em *foy o desta senhora virgem*, provavelmente para tentar esclarecer o texto. Esta correcção deve ser de  $\beta$ , uma vez que P a exhibe, mas G2 não. Já E, embora descenda de  $\beta$ , pode facilmente ter corrigido a formulação pela contaminação com G1 já demonstrada.

Em 123 a variante de EP tem uma repetição da conjunção *que* entre os sintagmas *eu* e *uo llo* que G1 e G2 não transmitem. Embora este *que* pudesse parecer uma partícula de reforço típica da língua falada, talvez também pudesse ser um erro de  $\Omega$  (e corrigido por G1 e G2) ou uma variante de  $\alpha$  (e corrigida por G2). No entanto, note-se que o que torna a variante evidente é o contexto em que surge a repetição: *roguo uos **que** qualquer cousa **que** uos de mim comprir **que** uos **que** a peçades, **que** eu uo llo outorguarei de grado*. Assim, o facto de a conjunção ocorrer cinco vezes nas orações imediatamente anteriores pode ter servido de motivação para a variante accidental ou intencional de EP. No entanto, e embora a sexta ocorrência de *que* em EP seja difícil de compreender (mas não seja inaceitável) devido ao modificador *de grado*, também é difícil considerar que G1 e G2 a tenham ambos considerado dispensável antes de a copiarem, sobretudo quando essa conjunção provavelmente pertencia à mesma unidade de cópia que *vo llo outorgarei*, mas não necessariamente à mesma de *de grado*. Assim, é provável que a variante conjuntiva de EP tenha sido introduzida por  $\beta$ , uma vez que considerar G1 e G2 como correcções de  $\Omega$  talvez implicasse que pelo menos uma delas fosse uma correcção mediata por cancelamento de *que* (o que não acontece).

A par das poucas variantes conjuntivas apresentadas, existe ainda uma variante adiáfora conjuntiva de EP cujo conteúdo pode ser significativo para a demonstração de  $\beta$ . Este é um caso onde a variante de E coincide com a de P, mas a de G1 também coincide com a G2 - o que talvez só se explique se a variante de G1G2 for a lição genuína, uma vez que a separação entre os ramos G1 e  $\alpha$  impediria que G1 e G2 partilhassem erros relevantes que não fossem também transmitidos

a E e P (ou que, pelo menos, produzissem tentativas de correcção e/ou novos erros acidentais distintos nos descendentes de  $\alpha$ ):

124. ca hũa era demoniada, a outra auia fluxo de sangue, **a outra** como quer que paria muitos filhos auia depois gram noio (233v)

ca hũ hera demoniada, e a outra auia fluxo de sangue, e **a terceira** como quer que paria muitos filhos auia depois grã noJo

ca hũa hera demoniada, ca outra avia fluxo de sangue, e **a terceira** como quer que paria muitos filhos, avia depois gram nojo

ca hũa era demoniada, e a outra avia fluxo de sangue, **e a outra** como quer que paria muitos filhos, avia depois grão nojo

Em 124 a variante de G1G2 não pode ser considerada um erro de  $\Omega$  (corrigido em E e P) porque é gramatical e está de acordo com a construção da enumeração que esta oração completa: *hũa... a outra...a outra*. Além disso, também não pode ser um erro poligenético por repetição de *outra*, sobretudo porque G2 tem mais tendência para eliminar este tipo de redundâncias do que para criá-las (e o que faz neste caso, de acordo com o seu comportamento típico, é adicionar uma copulativa e para que a cadência da enumeração seja mais esclarecedora). Assim, a variante de G1G2 tem de ser a lição genuína e correcta.

Por outro lado, a variante de EP explica-se facilmente como a substituição de uma fórmula de enumeração indiferenciada, típica do discurso iterativo medieval, por uma fórmula de enumeração mais racional e matemática, em que os elementos da enumeração obtêm uma classificação que não se confunde com os de nenhum outro elemento, coisa muito própria do pensamento cartesiano moderno (pós-século XVI). É provável que esta substituição, embora obedecendo a princípios actualizadores, tenha sido feita apenas uma vez, por um antecedente comum a E e P, e não por ambos os testemunhos independentemente, visto que não se trata de uma actualização linguística, que poderia ser automática, mas sim substantiva, o que implica atenção e racionalização do discurso.

#### 2.4.2. Outros lugares

Vejam-se ainda quatro casos cuja análise também sugere a existência de  $\beta$ :

125. a ti senhor nunca praz o coração enfengido, mas **humiloso** e quebrantado (213v)

a ti senhor, nunca praz o Coração infingido, mas humildoço, e quebrantado

a ti senhor nunca praz o coração infingido, mas humildoço, e quebrantado

a ti senhor nunca praz o coração infingido, mas **humiloso**, e quebrantado

126. Outrosi em o tempo que este mesmo cleriguo era Regedor desta egreja nos disse (228r)

No tempo que o mesmo Clerigo Payo **estaua** regedor **da Jgreja de sancta Senhorinha** nos disse

No tempo que o mesmo Clerigo Payo **estava** Regedor **da Igreja de santa Senhorinha**, nos disse

No mesmo tempo que era Regedor este Payo nos dise

127. e o moço alçou se loguo, e vendo como se achaua são, bradou grandes vozes, dizendo acorde acorde, e aquelles que o trouxerom no asno forom a elle, e acharão no iunto com o moimento desta santa, alçado em pee, e contou lhes como lhe aconteçera, **com a dita molher, e como pella sua graça della**, era **ia** bem são (231r)

e o moço alçou sse logo, e uendo como se achaua são, bradou grandes uozes, dizendo : acorde, acorde, e aquelles, que o trouxerõ no Asno forão a elle, e acharão no iunto cõ o moimento desta sancta, alçado em pé, **contou lhe como lhes** aconteçera, **com a dita molher, e como polla sua graça della** hera **ia** bem são .

e o moço alçou se logo, e vendo como se achava são bradou grandes vezos dizende acorde, acorde, e aquelles que o trouxerão no asno forão a elle e acharão no junto com o moimento desta santa alçado em pé; **contou lhes como lhes** acontecera **com a dita molher, e como polla sua graça della** hera **ja** bem são

e o moço se alçou logo, e como se vio são bradou a grandes vozes dizendo acorde, acorde, e os que o trouxerom no asno forão a elle, e acharão no junto com o moimento da santa alçado em pe, contou lhes como lhe acontecera, e que era bem são.

128. e el lhes perguntou, se sabião porque era, e elles responderom que o nom sabiam (232v)

e el lhes preguntou se sabião porque hera; e elles **lhes** respõderõ, que non sabião .

e el lhes perguntou se sabião porque hera, e elles **lhes** responderom que nom sabião

el Rei lhes proguntou se sabião porque era, elles lhe responderão que nom .

Em 125 a variante de G1G2 é um provável erro por *humildoso* (variante de *humilde* atestada no século XIV, sendo que *humilde* tem uma proveniência regressiva de *humildar*, cf. Houaiss 2015), gerado pela omissão do grafema <d>. Embora *humiloso* não se ateste em Machado (1977) ou Houaiss (2015), e embora seja uma variante difícil de aceitar etimologicamente no português medieval, talvez se pudesse conceber como um cultismo *húmle*, derivado do étimo latino HUMILIS, E (cf. Houaiss 2015). Neste segundo caso, a variante só poderia ser posterior ao século XVI (o que são ambas as cópias G1 e G2, mas não Ω). Assim, quer a variante de G1G2 seja um erro ou a lição correcta e genuína da tradição, a variante de EP (*humildo*) certamente será da responsabilidade de β (e não de α, visto que G2 transmite a do arquétipo).

Em 126, G1 é provavelmente a lição genuína. Já G2 tem uma variante que está provavelmente distante da lição de Ω, não tanto pela vontade de sistematizar, mas sobretudo porque a colocação do pronome indefinido *mesmo* manifesta uma má interpretação do contexto. O foco devia estar em *clerigo* (como em G1, E e P), porque o contexto exige que quem tenha contado este milagre tenha sido precisamente o mesmo clérigo referido no milagre anterior. G2 antecipa o pronome indefinido, que acaba por ser lido em associação com o tempo em que foi contado este episódio e não necessariamente por quem foi contado (v. capítulo III, p. 320).

Já E e P têm variantes comuns em lugares onde G2 apresenta uma variante mais simples e menos completa. Contudo, talvez tenha sido α o responsável pela omissão do advérbio *outrosi* e pela adição do nome *Payo*: *No tempo que o mesmo clerigo Payo era regedor desta igreja nos disse*. Nesse caso, as variantes de G2 são privativas, mas as de EP ganham uma relevância que as impede de serem poligenéticas. Assim, prova-se a existência de β, cujo copista teria substituído *era* por



*estaua* (ambos verbos com propriedades transitórias neste contexto) e adicionado a identificação da igreja (*de sancta Senhorinha*).

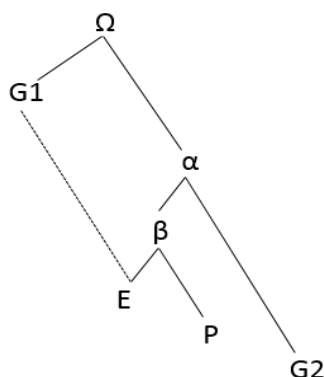
Em 127, G1 apresenta a lição mais correcta (e provavelmente genuína), enquanto G2 tem variantes intencionais por omissão de *com a dita mulher, e como polla sua graça della* e do advérbio em *era ja bem são*. Já o testemunho E tem um possível erro privativo de *contou lhe* por *contou lhes*. Na verdade, o pronome clítico singular *lhe* era frequentemente utilizado para o plural até ao século XVIII, tal como em E, onde o pronome dativo *lhe* (singular) retoma um referente plural *aquelles (que o trouxerom no asno forom a elle)*. Assim, até seria possível considerar a variante de E como a lição genuína da tradição, se E e P não tivessem, logo de seguida, um erro conjuntivo em *como lhes acontecera*, onde o pronome clítico (plural) devia retomar o sujeito singular *o moço*, que contava a história em causa. Desta forma, dado que este erro de EP não seria cometido por ambos os copistas de forma independente, foi certamente cometido por  $\beta$  (e não por  $\alpha$ , o que exigiria que G2 o tivesse corrigido). Ademais, é precisamente o facto de as duas formas se seguirem no texto, e certamente pertencerem à mesma unidade de cópia (*contou lhe como lhes acontecera*), que terá conduzido à variante privativa de E – *contou lhe* -, variante que agora pode ser seguramente considerada um erro.

Em 128 (cujo contexto deve ser lido no seguimento do lugar 323, v. capítulo III, p. 318) G1 tem a lição genuína (e correcta),  $\alpha$  adiciona o complemento indirecto *e elles lhe responderão que nom sabião* e G2 comete duas variantes provavelmente intencionais, por omissão da conjunção coordenativa *e* e da forma verbal *sabião*. Por fim, E e P têm o mesmo erro do lugar 127, apresentando um clítico dativo plural, quando o seu referente era o sintagma singular *el rei* (mais adiante retomado pelo pronome *e/e*). Este erro comum a EP certamente não seria poligenético e, consequentemente, também demonstra a existência de  $\beta$ .

Além disso, importa realçar que a repetição do erro *lhes* por *lhe* em 127 e 128 aumenta o valor estemático destes dois lugares, pois é muito mais plausível que o mesmo erro tenha sido cometido duas vezes pelo mesmo copista (de  $\beta$ ), do que duas vezes por E e duas vezes por P, de forma totalmente independente.

Está assim provada a existência de um subarquétipo  $\beta$ , responsável por algumas variantes conjuntivas de EP que não se explicam como erros do arquétipo corrigidos por G1 e G2. Não existem erros comuns apenas a G1 e G2 que não possam ter resultado de poligénese, ou que não possam ter sido cometidos por  $\Omega$ , mas corrigidos por  $\beta$  (ou por E e P, independentemente).

Assim, o *stemma codicum* da tradição adopta a seguinte configuração:



Por último, a existência do subarquétipo  $\beta$  permite concluir que a contaminação de E por G1 não derruba a hipótese de o códice E ser um autógrafo de Torcato Peixoto de Azevedo. De facto,  $\beta$  é antecedente comum a E e P, mas P não apresenta (logo,  $\beta$  também não apresentaria) as variantes que E tem em comum com G1. Contudo, isso permite considerar a hipótese de terem existido outras cópias das *MRAG* entre o subarquétipo  $\alpha$  e os três testemunhos sobreviventes (E, P e G2). Assim, e se a limpeza da cópia de E for mesmo incompatível com a ideia da sua contaminação ter sido concretizada por Azevedo directamente nesse manuscrito, note-se que, embora não existam lugares variantes que provem a sua existência, é possível que entre  $\beta$  (sem contaminação com G1) e E (com contaminação) tenha existido outro testemunho das *Memórias* onde essa contaminação tenha ocorrido pela primeira vez. Esse testemunho seria uma cópia autógrafa de Azevedo, rascunho de E – o que explicaria a limpeza deste último, sem pôr em causa o seu estatuto autógrafo.

## 2.5. PROBLEMAS DO *STEMMA CODICUM*

Apesar de tudo, existem pelo menos sete lugares onde ocorrem erros conjuntivos de G1EP (por comparação com variantes perfeitamente aceitáveis de G2) que contestam o *stemma codicum* proposto.

O primeiro é o erro por repetição do sintagma *a Deos* transmitido por G1EP no lugar variante 3 já mencionado (v. p. 147). No contexto em que ocorre, introduz-se e inicia-se uma oração a Deus. Por isso estaria pouco de acordo com as formulações típicas de uma oração considerar a variante de G1EP um erro pelo vocativo *Ó Deus*, na sua segunda ocorrência. Em qualquer dos casos, este erro é necessariamente copiado de um antecedente comum aos três. Já G2 não tem o mesmo erro. Contudo, o lugar não funciona como argumento contra o *stemma codicum* proposto,

pois o erro de G1EP pode perfeitamente ter sido cometido no arquétipo da tradição, e facilmente corrigido por G2 através de uma simples omissão do segundo sintagma.

Vejam-se também os dois lugares variantes que se seguem, onde G1EP têm um erro de interpretação do conteúdo do texto que G2 não transmite:

129. o que fes por santa Escholastica **de alçar as chuvas, que non chousesse**, Diguio te (224r)

o que Deos fes por sancta Escholastica **de alçar as chuiuas que non chousesse** . Digo te

o que Deos fez por santa Escholastica **de alçar as chuvas que nom chovesse** : digo te

o que fes por santa Escolastica, digo te

130. Ihe contarom que esta santa jazia no moimento inteira de todo seu corpo, e parecia que iazia dormindo, e querendo a **dessoterrar**, ouuio vozes de hum çego, que esta santa allumiou, o qual começou de bradar e dizer, veio eu as mãos do arçebispo, e veio eu o arçebispo, da qual cousa o arçebispo ficou muito espantado, e as gentes que com elle estauão, e perguntarão ao çego quem era, ou porque bradaua, e elle disse que sempre fora çego, e que hũa mão tangerá seus olhos, e que vira o arcebispo e o moimento de santa senhorinha, e // vendo esto o arçebispo louuou muito esta santa, e dali en diante nunca mais ouue tallante de abrir o seu muimento (227r//227v)

Ihe contarão, que esta sancta jazia no Moimento enteira de todo seu corpo, e parecia que jazia dormindo, e querendo a **dessoterrar**, ouuio vozes de hum Çego, que esta sancta allumiou, o qual começou a dizer; vejo eu as mãos do Arcebispo, e uejo eu o Arcebispo : da qual couza o Arcebispo ficou muito espantado, e as gentes que com elle estauão, e perguntarão ao Çego quem héra, ou porque bradaua, e elle disse, que sempre fora Cego, e que hũa mão tangerá seus olhos, e que uira o Arcebispo, e o Moimento de sancta Senhorinha, e vendo esto o Arcebispo louuou muito esta sancta, e dali en diente nunca mais ouue talante de abrir o seu moimento

Ihe contarão que esta santa jazia no moimento inteira de todo seu corpo, e parecia que jazia dormindo, e querendo saber se hera assy ajuntou muitas gentes, e querendo a **desoterrar**, ouuio vozes de hum Cego que esta santa allumiou, o qual começou de bradar, e dizer, vejo eu as mãos do Ar[...]ebispo, e vejo eu o Arcebispo; da qual [...] ficou o Arcebispo muito espantado, e as gentes que com elle estavam, e perguntarão ao Cego quem hera, ou porque bradava; e elle disse que sempre fora cego, e que hũa mão tangerá seus olhos, e que vira o Arcebispo e o moimento de santa Senhorinha; e vendo esto o Arcebispo louvou muito esta santa, e dali en diante nunca mais ouve talante de abrir o seu moimento

Ihe contarão que estava inteira de todo seu corpo, e parecia que jazia dormindo, querendo ver se era asi juntou muitas gentes, e querendo a sobterrar ouuio voses de hum cego que esta santa o iluminou, e comesou a bradar vejo eu as mãos do Arcebispo, e o Arcebispo ficarão todos espantados, e proguntarão ao cego quem era, e porque bradava, elle dise que sempre fora cego, e que ali hua mão tangerá seus olhos, e que vira as mãos do Arcebispo, e o moimento de santa Senhorinha, o que vendo o Arcebispo louvou muito a santa, e dali em diante nunca mais ouve talante de abrir o seu sepulchro

Embora não seja evidente, em 129 a variante de G1EP é um erro necessariamente copiado de um antecedente comum. Note-se que é o advérbio de negação *non* que torna evidente o contrassenso de G1EP. No entanto, esse erro resulta de um erro principal: *alçar* por *alcançar*. O milagre de S. Escolástica foi “alcançar” as chuvas (para impedir que S. Bento a deixasse), tal como se diz atrás: *pello roguo da outra alcançou as, e pollo roguo desta aleuantou as*. Portanto, o copista de  $\Omega$  comete o erro de *alçar* por *alcançar*, e depois torna o contexto semanticamente coerente acrescentando o advérbio *non*, antes de *chousesse*. O problema é que não foi esse o milagre de Escolástica e, conseqüentemente, destrói-se a comparação pretendida entre S.

Senhorinha e S. Escolástica: S. Senhorinha faz parar a chuva (“alçou-a”) e S. Escolástica faz cair a chuva (“alcançou-a”).

Assim, este é provavelmente um erro cometido pelo copista de  $\Omega$ , que se perdeu nos termos da comparação e nos diferentes verbos usados na antítese, tentou corrigir a incoerência que provocou, mas não se apercebeu do erro semântico. Nesse caso, G2 simplesmente omite todo o segmento problemático (*de alçar as chuvas que nom chovesse*) o que, se foi intencional, mais não faz do que corroborar a existência do erro em  $\alpha$ .

Em 130 a variante mais correcta parece ser a de G2, pois não era hábito tratar os corpos dos santos como os dos restantes homens comuns e pecadores, enterrando-os, mas sim colocando-os em sepulturas elevadas. De facto, o episódio em que surge este lugar variante conta que D. Paio, Arcebispo de Braga, foi ao lugar onde S. Senhorinha estava inumada. Entre os seus milagres, contaram-lhe que a santa jazia no monumento com o corpo ainda intacto e imune à decomposição, como se estivesse a dormir. Este contexto implica que o corpo da santa não estivesse enterrado, mas sim à vista de todos. O que se segue (o lugar 130) implica, portanto, que o Arcebispo de Braga quis duas coisas distintas: *saber se era assi* e *a sobterrar* (como em G2). Ou seja, para saber *se era assi*, o arcebispo juntou muita gente, e não estando convencido da santidade de Senhorinha, quis enterrá-la (*a sobterrar*), como aos homens comuns. Esse é, aliás, o intuito deste episódio: provar como até o Arcebispo foi inevitavelmente convencido da santidade de S. Senhorinha, ficando de tal modo *espantado* que *dali en diante nunca mais ouue tallante de abrir o seu muimento*. Em *abrir o seu muimento*, observe-se mais um argumento contra a possibilidade de Senhorinha estar enterrada.

Assim, a variante conjuntiva de G1EP é um erro. Contudo, é difícil dizer com segurança que a variante de G2 possa ter sido uma correcção conjectural de um erro de  $\Omega$ . Para isso, era necessário que detectasse a incongruência, o que provavelmente não aconteceria, dado que podia ler o texto com o seguinte valor gramatical: querendo saber se assim era (isto é, querendo confirmar se o corpo se mantinha intacto), o bispo queria desenterrá-la. No entanto, embora seja pouco provável que G1EP transmitam um erro cometido em  $\Omega$ , mas corrigido por G2, é precisamente a dificuldade de detectar a incoerência que permite considerar a hipótese da variante de G1EP ser um erro poligenético cometido em G1 e  $\beta$ , pela mesma razão: julgarem que o sentido mais adequado era o da relação causa-efeito entre *querendo saber se era assi* e *querendo a dessoterrar*. Trata-se, na verdade, de uma *lectio faciliior*.

Nos restantes quatro lugares, G1EP têm prováveis erros paleográficos em comum:

131. então disse esta santa aos clerigos e **donas Monges** que com ella vinhão (224v)  
então disse esta sancta aos Clerigos, e **Donas Monges** que com ella vinhão  
então disse esta santa aos clerigos, e **Donas Monges** que com ella vinhão  
então disse esta santa aos clerigos Monjas e Donas que com ella vinhão
132. que ella polla sua bondade e merçe **queiram** rogar a Deos por nos (226r)  
que ella polla sua vontade, e merce, **queirão** rogar a Deos por nos  
que ella polla sua vontade e merce **queirão** rogar  
que ella por sua vontade, e merce queira rogar a Deus por nos
133. dizêdo que **bem empregado** era em ellas pois non queriam chegar onde esta santa jazia (233v)  
dizendo, que **bem empregado** hera em ellas, pois nõ querião chegar aonde esta sancta Jazia  
dizendo que **bem empregada** hera em ellas, pois nom queriom chegar aonde esta santa jazia  
dizendo que bem empregadas erão em ellas, pois não querião chegar onde a santa jazia
134. e hũa ora aconteceo estando en vespera de santa maria ante o forno pera cozer seu pam, saltou o demo **della**, e non a leixou por muitos dias (234v)  
e hũa hora aconteceo estando em vespora de sancta Maria ante o forno pera cozer seu pão, saltou o Demo **della**, e não a leixou  
e hũa hora aconteceo estanto em vespora de santa Maria ante o forno para cozer seu pão, saltou o demo **della**, e não a leixou  
e hua hora aconteceo estando em vespora de santa Maria ante o forno para coser o pão, saltou o Demo nella, e nom a leixou

Em 131, seria possível considerar a sequência *donas Monges* como uma enumeração não marcada (nem pela conjunção *e*, nem por um sinal de pontuação), e *monges* como uma designação de conjunto para *clerigos* + *donas*. Contudo, semanticamente, *monges* e *donas* beneditinos não andariam juntos, como o contexto parece implicar. Na verdade, embora neste episódio S. Senhorinha se pudesse dirigir a clérigos e a donas que a acompanhavam, a dificuldade está em aceitar que estivesse acompanhada por monges da Ordem de S. Bento, já que os membros masculinos desta Ordem desde sempre levaram a vida monástica em clausura separada da feminina.

Resta perceber que o motivo do erro não deve ter sido o desconhecimento da Regra de S. Bento, mas talvez a influência de uma informação incluída no contexto em que este milagre é contado e o erro cometido: *e pera ainda Deos demonstrar o bem desta santa aos seruidores seus, elles indo seu caminho*. Ora se S. Senhorinha decerto se movia de uma igreja para outra acompanhada das outras virgens que com ela viviam, o contexto sugere que esse caminho também era seguido pelos *seruidores seus*, entre os quais estariam os clérigos mencionados, evidentemente seculares, mas não monges. Assim, talvez a referência a esse conjunto de homens que acompanhava S. Senhorinha tenha proporcionado o erro paleográfico provavelmente cometido em  $\Omega$  e que levou à substituição de *donas Monjas* por *donas monges*.

É provável que G2 tenha detectado o erro, pelo menos na sua dimensão mais óbvia, que é a falta de concordância em género do sintagma *donas monges*, que certamente dificultaria a leitura do texto (e, consequentemente, a cópia). Assim, G2 corrige o erro de  $\Omega$  atribuindo o mesmo género aos dois elementos do sintagma. Não satisfeito com a possibilidade de *Donas Monjas* ser uma formulação clara e aceitável, o copista reordena as palavras e coloca a conjunção *e* entre os substantivos, permitindo a enumeração: *Monjas e Donas*.

Em 132, G1EP têm uma forma verbal na terceira pessoa do plural que é absolutamente incompatível com o sujeito da oração, *ella* (S. Senhorinha) que certamente foi cometido por  $\Omega$ . Este erro pode ter resultado da errada leitura de um traço accidental como uma marca de nasalidade, ou pode ter resultado de um mau entendimento do sujeito da oração em *seus amigos e seruidores* ou em *bondade e merçe* (o que só seria possível por uma perda do sentido do texto, durante o ditado interior de um copista). Em qualquer dos casos este erro de  $\Omega$  foi corrigido em G2. Precedido do pronome pessoal *ella*, e do pronome possessivo *sua* (ambos incluídos numa formulação típica de uma oração normalmente dirigida a Deus ou a um santo, isto é no singular), G2 teria detectado a incongruência, corrigindo a forma verbal para *queira*.

Todo o passo do lugar 133 é bastante obscuro e entendê-lo implica optar por uma de duas leituras: ou as dores de que se queixavam (as três mulheres) eram bem *empregadas* nelas porque elas não iam ao santuário - o que implicaria que fosse natural (e até merecido) que estivessem doentes, porque não se dispunham a procurar a cura; ou as dores eram bem *pregadas* (“presas”, “cravadas”) nas três mulheres, precisamente porque não queriam procurar a cura, deslocando-se onde estava a santa. Embora a primeira leitura seja um pouco bizarra, em ambas G2 tem necessariamente de ser a lição correcta, mas não parece possível que G1, E e P tenham errado de forma independente.

Então, convém considerar que  $\Omega$  possa ter cometido o erro *bem empregado era* (que G1 copia), e que  $\alpha$  seria responsável pelo erro *bem empregada hera*. G2 corrigiria o erro de  $\alpha$  para *bem empregadas erão*, P transmitiria o erro de  $\alpha$  (copiando *bem empregada hera*), enquanto E recorrerá à contaminação com G1, copiando *bem empregado hera*. Esta possibilidade é relativamente mais plausível do que a de P ter cometido um erro privativo tão próximo da variante de G2, mas G2 – o testemunho com mais erros – ter sido o único a corrigir o erro do arquétipo.

Em 134, o contexto exige que o demónio estivesse a entrar na mulher (tomando o seu corpo) e não a sair dela. Assim, o erro de G1EP é provavelmente um erro de  $\Omega$  (*saltou o demo della*), pois os três testemunhos não o cometeriam por poligénese. G2 corrige-o.

Os erros comuns a G1, E e P apresentados podem perfeitamente ser erros de  $\Omega$  corrigidos em G2 (à excepção do erro do lugar 130, que pode ter sido poligenético). Além disso, está já provada a impossibilidade de P ser descendente directo de E (pela contaminação de E com G1, e pela existência de  $\beta$ ) e, conseqüentemente, estes sete erros conjuntivos de G1EP não invalidam o *stemma codicum* proposto.

No entanto, há apenas um lugar variante para o qual não parece haver, até agora, explicação possível mediante o *stemma* demonstrado:

135. oie auíamos o dia mui claro, e a **aguo**a he tornado em treuas (223r)  
oje auíamos o dia muy claro e a **ago**a he tornado em treuas  
oje avíamos o dia muy claro, e a **ago**a he tornado em trevas  
hoje avíamos o dia mui claro, e **ago**ra he tornado em trevas

Na variante de G1EP (*e a agoa he tornado*) não há nenhum sintagma que possa funcionar como sujeito de acordo com a forma verbal *he tornado*. Já a variante de G2 parece gramatical e semanticamente aceitável, referindo-se não ao céu, mas ao *dia*: *avíamos o dia mui claro, e agora he tornado em trevas*. Assim, G1EP deve ser erro por *e a agoa o há tornado em trevas* ou por *e agora a agoa o há tornado em trevas*. Ambas as hipóteses supõem que a forma verbal *he tornado* é um erro por *há tornado*. Contudo, o problema reside na variante *agora/agoa*, comum a G1 e  $\beta$ . É tão difícil aceitar que tenha sido cometido independentemente pelos três copistas de G1, E e P, quanto é difícil supor que seja um erro de  $\Omega$  corrigido por G2.

Apesar de tudo, a segunda hipótese (que G2 tenha corrigido  $\Omega$ ) é certamente mais provável. A favor dela está o facto de as palavras *agoa* e *agora* se distinguirem apenas por um grafema <r> fácil de suprimir acidentalmente por  $\Omega$  (e, conseqüentemente, fácil de repor por G2), sobretudo se o lugar parecesse correcto na leitura de *agora he tornado*.

## 2.6. ERROS DO ARQUÉTIPO

Além dos erros conjuntivos G1EP mencionados, resta lembrar que existem outros lugares variantes que provam a existência de erros em  $\Omega$ . Esses lugares são de três tipos:

- 1) Lugares onde existem erros conjuntivos entre dois ou três testemunhos, e onde os restantes podem ser considerados correcções conjecturais aceitáveis ou tentativas de correcção falhadas dos copistas de cada apógrafo.
- 2) Lugares onde apenas um dos testemunhos apresenta a lição genuína, na qual existia um erro evidente.

- 3) Lugares onde todos os testemunhos erram (de formas iguais ou distintas) e que terão de ser inevitavelmente corrigidos por conjectura do editor crítico (por *emendatio ope ingenii*) durante o estabelecimento do texto de uma edição crítica.

O primeiro grupo inclui os setes erros de G1EP analisados em 2.5 (v. pp. 208-213) e os oito casos onde só G1 tem variantes ou erro privativos provavelmente copiados de  $\Omega$  e corrigidos por  $\alpha$  (v. pp. 152-155). Ao grupo 2) pertence apenas lugar 70 (v. p. 175).

Por fim, vejam-se os 11 lugares variantes onde todos os testemunhos desta tradição apresentam um (ou mais do que um) erro, e nos quais o editor crítico terá necessariamente de corrigir o texto conjecturalmente.

Em primeiro lugar atente-se nos seis erros paleográficos de  $\Omega$  que se seguem:

136. pera as gentes auerem notiça, e conhocimento **a** sua vida e naçimento (211v)  
pera as gentes auerem noticia, e conhecimento **a** sua vida  
para as gentes averem noticia, e conhecimento **a** sua vida  
para as gentes averem noticia e conhecimento **a** sua vida
137. e disse lhe padre boo **por veeste** aco tão cedo (215r)  
e disse lhe Padre boo **por / ueeste** aco tão cedo !  
e disse lhe padre bõõ **proveeste** acó tão cedo ?  
e ella dise lhe Padre boa **prova esta** aca tão cedo ?
138. e outros liuros que a igreja ha de seu custume , e que **pertencia** a sua Ordem (216v)  
e outros liuros, que a Igreja há de seu costume, e que **pertencia** a sua ordem  
e outros livros que a Igreja há de seu costume, e que **pertencia** a sua ordem  
e outros livros que a Igreja há de seu costume, e que **pertencia** á sua ordem
139. nom quis escolher **no** máo caminho (220r)  
non quis escolher **no** mao Caminho  
nom quis escolher **no** máo caminho  
não quis escolher **no** máo caminho
140. e o demo saltou **del**, de guisa que o lancou loguo en terra (230v)  
e o Demo saltou **del**, de giza, que o lançou logo en terra  
e o demo **tal del** de giza que o lançou logo em terra  
e o Demo **tomou del** de giza, que o lançou logo em terr
141. Digo uos que ella come molher de grande **suplicadade**, e de grande humildade (233r)  
Digo uos, que ella, como molher de grande **suplicadade**, e de grande humildade  
digo vos que ella como molher de grande **suplicadade**, e de grande humildade  
Digo vos que ella como molher de grande **suplicidade**, e de grande humildade

Em 137, G1 transmite um erro evidente cometido no arquétipo da tradição, que também foi transmitido a  $\alpha$  e, consequentemente, fielmente reproduzido por E. Só assim se explica que G1 e E apresentem o mesmo erro, pois, se  $\alpha$  não o tivesse transmitido a E, E certamente não recorreria a G1 para corrigir um lugar cuja incoerência detectou sem que fosse de facto capaz de substituir *por veeste* por *porque veeste*, correcção relativamente evidente. Além disso, é fácil aceitar a possibilidade de E não se ter apercebido do erro, uma vez que esta lição se encontra



precisamente numa mudança de linha, provavelmente interrompendo o ditado interior do copista, interferindo no seu entendimento do contexto e quebrando uma unidade de cópia.

Já P e G2 apercebem-se do erro de  $\alpha$  e tentam que o texto faça sentido, hipercorrigindo o erro. P interpreta a lição do antecedente como uma metátese (*por/pro*), crasa o hiato e obtém o que pode ser entendido como uma forma do verbo “prover” (sinónimo de “providenciar”). G2 apresenta uma hipercorreção que retomarei (v. capítulo III, p. 354).

Em 138 falta uma marca que assinala a nasalidade da última vogal da forma verbal que tem necessariamente de ser da 3ª pessoa do plural, já que o sujeito da oração é o substantivo plural “livros (que a igreja há de seu costume)”. Em 139 há um possível erro por *escolher o mao caminho* e em 136 um erro por *conhecimento da sua vida*.

Em 140, G1 e E têm um erro por *saltou nele*, sendo que o contexto exige que o demónio entrasse **no** homem e não que saísse **dele**. P tem o erro *tal del* e G2 a variante *tomou del*, ambas com a contracção *del*, o que indica que P e G2 a copiaram de um mesmo antecedente de G1E ( $\Omega$ ). Assim,  $\Omega$  teria cometido o erro *saltou del*, copiado por G1 e  $\alpha$ . Em  $\alpha$  ou em  $\beta$  deve ter existido um lugar obscuro que dificultou a leitura da forma verbal *saltou*. Nesse caso, ou  $\beta$  cometeu o erro transmitido a P e corrigido em E por contaminação com G1; ou P cometeu um erro privativo e E copiou a lição de  $\alpha$ . Por fim, G2 substitui *saltou* por *tomou* de forma a tornar o contexto mais claro ou a corrigir a obscuridade de  $\alpha$ .

Em 141, G1EP têm um erro do arquétipo (*suplicadade*) que foi transmitido a G1 e  $\alpha$ , enquanto G2 comete um erro privativo (*suplicidade*), obviamente dependente do erro transmitido aos restantes testemunhos. A clara agramaticalidade de ambas as variantes e o contexto em que a palavra ocorre permitem concluir que, neste lugar, se procurava um substantivo que funcionasse como um atributo de S. Senhorinha, compatível com a sua (*grande*) *humildade* – isto é, *simplicidade*.

Vejam-se ainda quatro lugares onde todos os testemunhos transmitem um erro por omissão do arquétipo da tradição:

142. quando soem a colher o pam [...] aduzer as eiras (222v)  
quando soem a colher o pão [...] aduzer as Eyras  
quando soem a colher o pão [...] aduzer as eyras  
quando soem recolher o o pão [...] aduzer ás eiras

143. e estando na terceira com grande trabalho pera se auerem [...] desembargar (222v)  
E estando na terceira com grande trabalho pera se auerem [...] desembargar  
e estando na terceira com grande trabalho para se averem [...] desembargar  
e estando na 3ª com muito trabalho para se haverem [...] dezembargar

144. e ainda podemos comparar [...] que Deos fez por dona Escolastica (223r)  
e ainda podemos comparar, [...] que Deos fez por sancta Escholastica  
e ainda podemos comparar [...] que Deos fez por santa Escholastica  
e ainda podemos comparar, [...] que Deus fes por santa Escolastica

145. disse que he padre non esta ia morto (236r)  
disse que he Padre nom está ja morto ?  
disse que he padre ão está ja morto ?  
disse que he ! Padre nom esta ja morto !

Em 142 o copista de  $\Omega$  comete um erro por omissão de uma conjunção coordenativa *e* ou uma preposição *a*, e em 143 parece omitir uma preposição *de* na estrutura *haver de* + infinitivo que permita expressar o desejo dos lavradores se verem livres do tabalho num futuro próximo. Em 144 faz-se uma comparação entre o milagre de S. Senhorinha, o milagre que Deus fez por Gedeão e o milagre que Deus fez por S. Escolástica. Assim, parece faltar um artigo definido masculino *o* que torne clara a estrutura pronominal cujo substantivo retomado é *milagre*. No lugar 145,  $\Omega$  omite um grafema <s>, cometendo um erro pela forma da 2ª pessoa do singular do verbo “estar”, já que neste lugar o discurso directo de D. Teresa é evidentemente dirigido a seu pai, Sancho I, cujo vocativo é aliás expresso na oração.

Por fim, veja-se o lugar variante 146:

146. e portanto o moço foi a cabo de sinco annos mudo, que non fallaua, do que o padre e a madre, se marauilharom muito, hũ moço de **quinze** annos, non fallar (234r)  
e portanto o moço foi a cabo de sinco annos mudo, que nom falaua do que o Padre, e a Madre, se marauilharõ muito hum moço de **quinze** annos ão falar  
e portanto o moço foy a cabo de sinco annos mudo que nom falava, do que o padre, e a madre se maravilharom muito hũ moço de **quinze** annos nom falar  
e portanto o moço foi a cabo de 5 annos mudo, que non falava, de que o Padre e a Madre se maravilharão muito hum moço de **15** annos non fallar

Este lugar surge num milagre onde a terceira de três mulheres não conseguia conceber de seu marido. Depois de ir junto à sepultura de S. Senhorinha, conta-se que concebeu um filho a que pôs o nome de Martinho, comentando com seu marido que o deviam levar junto da santa para agradecer o milagre. No entanto, esquecem-se dessa promessa e, conseqüentemente, a criança é muda durante cerca de cinco anos. O que se segue é precisamente o que está em causa em 146: como o filho foi mudo (durante) cinco anos - tal como, aliás, volta a ser mencionado aquando da cura (em *o moço que era mudo sinque anos auia bradou*) -, os pais espantaram-se muito (por) *hũ moço de quinze annos, non fallar*. É claro que *quinze/15 annos* é um erro de  $\Omega$  transmitido a todos os testemunhos, e que a lição correcta deveria ser a seguinte: *e portanto o moço foi a cabo de sinco annos mudo, que non fallaua, do que o padre e a madre, se marauilharom muito, hũ moço de 5 annos, non fallar*.

## 2.7. O TEXTO IMPRESSO DE 1845

Feita a recensão dos testemunhos manuscritos da *VSSB*, importa agora trazer o texto impresso da edição 1845 à colação. Esta colação foi concretizada de forma exaustiva, e permite concluir que o texto do impresso (I) tem de ser descendente do ramo  $\alpha$  da tradição, mais especificamente de P ou G2, dado que tem todos os erros e variantes conjuntivas de EPG2, isto é  $\alpha$  (por ex. os do lugares 83, v. p. 179; e 93, v. p. 186), todos os erros e variantes conjuntivas de PG2 (por ex. os lugares 104 e 105, v. p. 194), todas as variantes adiaforas que separam G1E de PG2 e coincide com PG2 em todos os lugares utilizados para demonstrar a contaminação de E com G1 (por ex. os lugares 108, v. p. 196; e 112, v. p. 197).

Além disso, o texto do impresso não tem nenhum dos erros conjuntivos entre G1EP porque, nesses lugares, copia sempre as tentativas de correcção de G2 (por ex. nos lugares 129, v. p. 209; e 133, v. p. 211) e apresenta todos os erros do arquétipo que G2 transmite (por ex. os lugares 139 e 143, v. pp. 214 e 215, respectivamente), à excepção de dois que corrige adequadamente (por ex. nos lugares 141 e 146, abaixo). Além disso, independentemente da variante de 135 (v. p. 213) se poder ou não explicar como correcção de G2, certo é que o texto do impresso apresenta a mesma lição que G2. Embora já tenham sido analisados, revejam-se apenas as variantes dos dois lugares onde I corrige a lição de G2:

141. grande suplicadade, e (233r)  
grande suplicadade, e  
grande suplicadade, e  
grande suplicadade, e  
grande **simplicidade**, e

146. moço de **quinze** annos (234r)  
moço de **quinze** annos  
moço de **quinze** annos  
moço de **15** annos  
moço de **cinco** annos

Por fim, e provando que o testemunho G2 terá servido de original de imprensa à edição de 1845, note-se que o texto do impresso apresenta todas as variantes intencionais e acidentais mais significativas de G2 (à excepção de apenas alguns dos erros mais pequenos e evidentes de G2 que o tipógrafo do impresso corrigiu sem dificuldade (por exemplo lugar 362, capítulo III, p. 332)<sup>20</sup>. Ainda assim, o texto do impresso é substantivamente idêntico ao de G2 na *introdução* e no *remate*

---

<sup>20</sup> A maioria dos casos que se seguem retomam lugares apresentados com contextos mais detalhados no capítulo III desta dissertação, e que são essenciais para a análise das variantes privativas de G2 aí empreendida. Por essa razão, e visto que a colação de I com G2 depende dessa análise das variantes privativas de G2, os lugares reutilizados nesta secção surgem com a numeração que os identifica em III.

do texto, tal como no início e final de todos os milagres que, como se verá adiante, são lugares particularmente alterados pelo copista de G2 (por ex. nos lugares 299 e 306, v. capítulo III, pp. 313 e 314 respectivamente). No lugar de títulos de milagres também apresenta numeração, também antecipa o 17º milagre para a 14ª posição no texto e também omite o mesmo milagre que G2 (*O Milagre da Madre e da Filha*). Ademais, além de reproduzir os erros privativos mais significativos de G2 (por ex. nos lugares 98 e 137, v. pp. 191 e 214, respectivamente; e nos lugares 363, 366 v. capítulo III, p. 332) também reproduz muitas das suas variantes intencionais, isto é, aquelas em que os testemunhos só poderiam coincidir se o impresso copiasse de G2 (por ex. nos lugares 247, 415, 265, 391 v. capítulo III, pp. 305, 349, 306 e 341, respectivamente). No mesmo sentido realce-se que o impresso também apresenta todas as lacunas substantivas privativas de G2 (acidentais ou intencionais) (por ex. nos lugares 397 e 400, v. capítulo III, p. 343). O impresso reproduz as tentativas de correcção de G2 sobre o texto de  $\alpha$  (por ex. no lugar 79, v. p. 178) e apresenta algumas tentativas de correcção de erros privativos de G2 (por ex. no lugar 419, v. capítulo III, p. 349):

247. toma cuidado de criar esta moça (212v)

toma cuidado de criar esta moça  
toma cuidado de criar esta moça  
**cuida de criar** esta moça  
**cuida de criar** esta moça

363. como compria (212v)

como compria  
como compria  
**com propria**  
**com propria**

98. esto, deu lhe o sono (214r)

esto, deu lhe o sono  
esto disse lhe o sono, digo, esto, deu lhe o sono  
**nelle dise lhe esto: deu lhe o sono**  
**nelle dise-lhe esto; deo-lhe o sono**

137. por veeste (215r)

por / ueeste  
proveeste  
**prova esta**  
**prova esta**

366. e te ame (215r)

e te ame  
e te ame  
**e tema**  
**e tema**

397. mulheres, e dizia ainda que o fazia porque as mulheres são de fraco (215v)  
 mulheres, e dizia ainda, que o fazia porque as mulheres são de fraco  
 mulheres; e dizia ainda que o fazia porque as mulheres são de fraco  
 mulheres, [...] são de fraco  
 mulheres, [...] são de fraco
391. tomares astença (219r)  
 tomares astença  
 tomares astença  
 tomares **tença**  
 tomares **tença**
415. altar de que Deos recebeo (220v)  
 Altar de que Deos recebeo  
 altar de que Deos recebeo  
 Altar **de Deus em que o senhor recebeo**  
 altar **de Deus em que o Senhor recebeo**
400. moça **que fosse depos ella, e visse que fazia no caminho, e a moça** feze o (221v)  
 moça, **que fosse depos ella, e uisse que fazia no caminho, e a moça** feze o  
 moça **que fosse depos ella e visse que fazia no caminho, e a moça** feze o  
 moça : feze o  
 moça: feze-o
299. que este cerrado, e nhum que non saiba, o que em elle jaz, e que esto seia verdade, assi ho aprendemos  
**daquelles que o virom** (227v)  
 que este sarrado, e nenhũ, que non saiba o que em elle jas e que esto seja verdade, assi o aprendemos daquelles  
**que o uirãõ.**  
 que este sarrado, e nenhũ que nom saiba o que em elle jaz, e que esto seja verdade assy o aprendemos daquelles  
**que o virão**  
 que **esteja** serrado.  
 que **esteja** serrado.
306. Digo uos senhores hum boo millagre que nembra que Deos fes por esta sua serua em sua vida (232v)  
 Digo uos senhores hum bom milagre, que nembra, que Deos fes por esta sua serua em sua vida  
 Digo vos senhores hum bom milagre, que nembra, que Deos fez por esta sua serva em sua vida  
**Sendo ainda viva esta santa**  
**Sendo ainda viva esta Santa**
265. mansamente (231r)  
 mançamente  
 mançamente  
**brandamente**  
**brandamente**
79. seu peccado, e **erro grande** que fizera (231r)  
 seu peccado, e **horo grande** que fizera  
 seu pecado, **choro grande** que fizera  
 seu pecado que fizera  
 seu pecado que fizera
419. perto da igreja, em metade (232r)  
 perto da Jgreja em metade  
 perto da Jgreja em metade  
**em visto da Igreja metade**  
**em vista da igreja metade**

121. oraua, choraua, baixaua sse sobollo moimento (234v)  
oraua, choraua, baixaua sse sobollo Moimento  
orava, chorava, baixava sse ao moimento  
**orou chorando, e baixando se** ao moimento  
**orou chorando, e baixando se** ao moimento

Por último, o texto do impresso também tem muitos erros privativos, sendo que os mais significativos são aqueles que claramente dependem das variantes de G2 e das suas particularidades (por exemplo, abreviaturas ou acidentes materiais). Retomem-se lugares como o 77 (v. p. 178) e vejam-se todos os restantes casos abaixo:

77. ençuiada (213v)  
encurada  
encurada  
**sencurada**  
**sucurada**

147. per fazer sua oraçom (217r)  
per fazer sua oração  
per fazer sua oração  
per fazer sua **Oração**<sup>21</sup>  
per fazer sua **aduração**

148. amigos (226r)  
amigos  
amigos  
**Amigos**<sup>22</sup>  
**inimigos**

149. **ella** acabando sua oração (229v)  
**ella** acabando sua oração  
**ella** acabando sua oração  
**acabando** sua oração  
**acabada** sua oração

323. feitos de barro **ou lama, e loguo quebrauam, e caiam ã terra e depois uendo esto os caçereiros disseron no a el rei, e el** lhes perguntou (233r)  
feitos de Barro, **ou de Lama, e logo quebrauão, e cahião em terra; e depois uendo esto os Carcereiros dissero no a El rey, e el** lhes perguntou  
feitos de barro, **ou de lama, e logo quebravão, e cahião em terra; e depois vendo esto os Carcereiros disserom no a El Rey; e el** lhes perguntou  
feitos de barro ! **el Rei** lhes proguntou  
feitos de barro ! **el [...]** lhes pregontou

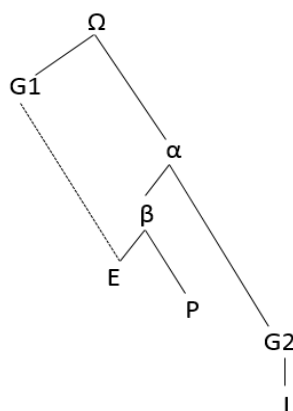
150. hũa molher que moraua com iunto Braguança (234v)  
hũa molher que moraua iunto com Bragança  
hũa molher que morava junto com Braguança  
hũa molher **de Bragança** (355)  
uma mulher de **Braga**

---

<sup>21</sup> Oração: primeiro foi escrito *sua*. Apercebendo-se imediatamente da repetição, o copista escreve *Oração*, colocando a maiúscula sobre *sua*.

<sup>22</sup> Amigos: primeiro parece ter sido escrito *Inimigos*. A correcção provoca um borrão de tinta sobre a primeira sílaba.

Esta análise permite acrescentar o impresso ao *stemma codicum* da tradição da *VSSB* na seguinte posição:



### 3. PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA DA *VSSB*

Além de permitir estudar a transmissão de um texto, a estemática tem como função prática o apuramento dos fundamentos necessários para o estabelecimento crítico de um texto. Avancam-se, em seguida, alguns elementos fundamentais para a definição de critérios de edição, apurados no estudo estemático realizado.

A primeira conclusão a retirar é que o testemunho G1 tem o mesmo estatuto estemático do que  $\alpha$ , arquétipo das *MRAG* mas subarquétipo da *VSSB*, cujo texto pode ser reconstituído através dos três testemunhos sobreviventes E, P e G2. Contudo, é notório que G1 apresenta menos erros evidentes do que  $\alpha$  e que, nos lugares em que não é possível saber qual é a lição genuína da tradição, G1 normalmente apresenta a lição mais correcta. Assim, perante variantes adiáforas de G1 contra EPG2, deve ser dada preferência ao primeiro.

Quando todos os testemunhos transmitem um erro do arquétipo, quando todos têm um erro comum poligenético, ou quando todos erram, embora de formas distintas, e é necessário fazer uma emenda *ope ingenii*, ela deve prestar a devida atenção à lição (ainda que errónea) de G1, em cuja análise poderá encontrar-se fundamento para a conjectura.

Porque o campo bibliográfico da *VSSB* já terá sido complementado com a edição semidiplomática dos quatro testemunhos sobreviventes proposta na presente dissertação, a grafia do texto da edição crítica poderá ser totalmente modernizada. Um editor tem a obrigação de

oferecer ao público as melhores condições de legibilidade do texto<sup>23</sup>. Dado que a grafia de cada testemunho foi cuidadosamente conservada nas suas edições semidiplomáticas, não há razão para que a edição crítica não modernize a grafia do texto, facilitando a sua leitura, desde que essa modernização gráfica não apague grafias que possam representar traços linguísticos característicos da legenda primitiva.

Pela sua antiguidade, em princípio é G1 que conserva um estado da língua mais próximo do do arquétipo duocentista desta tradição. Portanto, G1 deve ser o testemunho-base para o estabelecimento do texto no que ao estado da língua se refere. Contudo, e como ficou claro na análise das variantes linguísticas separativas (v. pp. 161-170), pontualmente E, P ou G2 têm variantes linguísticas mais antigas do que G1, as quais não só têm de ter sido copiadas de um antecedente, como devem remontar ao arquétipo. Se essas variantes já não estariam disponíveis nem na língua dos copistas de E, P ou G2 (nem mesmo na de Torcato Peixoto de Azevedo, século XVII), a sua ocorrência só pode resultar da reprodução fiel de  $\Omega$  em lugares onde G1 modernizou. Nesses casos, deve fixar-se a variante linguística de E/P/G2 (ou  $\alpha$ ) e deve registar-se em aparato a de G1 (e a dos restantes testemunhos que apresentem formas modernas). Vejam-se alguns exemplos:

- a) conservação de *-d-* intervocálico na 2ª pessoa do plural dos verbos. Por ex. *sabes* em G1, mas **sabedes** em  $\alpha$  (v. lugar 57, p. 168)
- b) participios passados em *-udo(-a)*.
- c) formas átonas dos pronomes possessivos em posição proclítica. Por ex. *sua ama* em G1, mas **sa ama** em  $\alpha$  (v. lugar 45, p. 164)
- d) *i* com valor de pronome anafórico no lugar de *ai* com *valor* de advérbio de lugar. Por ex. *ahi* em G1, mas **hi** em G2 (v. lugar 55, p. 166).
- e) formas antigas de determinados substantivos. Por ex. *inimigos* em G1, mas **imigos** em EP (v. 58 e 59, pp. 169);
- f) forma antiga da primeira pessoa do singular do verbo *ser*. Por ex. *sou* em G1, mas **som** em G2 (v. 61, p. 170).

---

<sup>23</sup> «Las grafías son un aspecto externo en la concreción de un texto crítico, pero pesan en la presentación editorial para sua lectura» (Orduna 2005:95).



### **CAPÍTULO III**

## **O QUE PODE UM APÓGRAFO?**

A retrospectiva histórica que a estemática proporciona quanto à transmissão de um texto pode seguir um modelo de reconstituição de um texto que recorre ao conjunto de todos os testemunhos de uma tradição mas pode também focar a sua atenção na individualidade de cada um dos testemunhos manuscritos sobreviventes. Como afirma Hanna (2009:347-348), «any textual tradition is progressive historical development, potentially localizable in time and space, which runs from early to late and must always be seen as such, as a series of ordered representations of a work». Os testemunhos de uma tradição são, portanto, produções de uma determinada época e local e, conseqüentemente, são determinados pelos vectores culturais que fazem dos textos construções colectivas, ilustrativas de uma sociedade, susceptíveis a diversos entendimentos e às condições de trabalho de quem os copia.

Veja-se o que dizem Bernard Cerquiglini (1989) e Pierre Chastang (2008), cujas teorias devem necessariamente ser consideradas como ponto de partida na demonstração de como um apógrafo pode dizer muito sobre as circunstâncias em que foi produzido, e como a análise das suas variantes pode elucidar sobre o modo como o copista interpretou determinados lugares do modelo que copiava (introduzindo erros ou variantes intencionais em função desse seu entendimento).

Cerquiglini (1989), em *Éloge de la variante – Histoire critique de la philologie*, começa por contextualizar o momento em que a escrita em língua vulgar passa a ter algum vigor literário e cultural. Nessa altura a escrita surge como uma nova forma de comunicação e intelectualidade, com um novo sentido de temporalidade, percepção do espaço e organização, como uma nova forma de apropriação de um saber descontextualizado e como um meio de progresso e de libertação, a que se associa uma crescente autoridade - «le mot écrit enlève à la parole son autorité» (Cerquiglini 1989:37). É neste contexto que a língua vulgar, em cuja emancipação se contextualiza a legenda primitiva da *VSSB*, ganha legitimidade. É também nesta conjuntura que surgem as primeiras condições para a corrupção textual e, conseqüentemente, para a variação.

Discorrendo sobre a postura dos editores perante materiais textuais, Cerquiglini afirma que a «matérialisation d'un texte à l'usage du public, qui équivaut pour nous, par une nécessité culturelle, à la confection d'un livre imprimé, obéit à des règles mettant en jeu un ensemble fini d'éléments pertinents» (Cerquiglini 1989:48). Esta visão propõe que o editor dê maior atenção à adaptação cultural do objecto textual com que trabalha, e não faz mais do que provar como esse

objecto é espelho da época em que é produzido. Portanto, um texto é também composto pelas rupturas que sofre ao longo da sua génese e/ou da sua transmissão.

No seguimento do que diz Orduna (2005) a respeito da descrição textual e a colação externa serem um ponto de partida (ou de desmistificação) essencial à recensão de uma dada tradição manuscrita, Cerquiglini demonstra como até o paratexto pode caracterizar o momento da produção do testemunho manuscrito: «l'écrit n'est pas seulement un dépôt du savoir, c'est surtout un incomparable moyen de le classer et de le retrouver» (Cerquiglini 1989:49). Pela mesma razão que Orduna, este autor vê na análise do códice (unidade superior aos testemunhos) um espaço aberto de confronto cujas variações ajudam a ilustrar o tempo de cada manuscrito. Assim, Cerquiglini demonstra como a variação implícita à produção textual é algo inerente à produção cultural em que cada texto se integra, mas que essa informação normalmente não é registada numa edição.

Numa segunda parte deste artigo, Cerquiglini centra-se na permeabilidade da cópia manuscrita (inerentemente exposta à intervenção) que tem sustento, sobretudo, na própria distância entre a sua produção e a matéria “original” em que se baseia. Nesse sentido, lembra-nos que muitas vezes a variação existe porque o texto e as suas cópias são partes de um conjunto de “continuações” sucessivas em que até algumas das suas características literárias (no caso do texto hagiográfico, por exemplo, a repetição e a redundância) dificultam a detecção da variação, ao mesmo tempo que explicam a facilidade com que a provocam. Por exemplo, a composição da literatura medieval é em si mesma dependente de uma estética do retorno e do regresso, que acaba por ser o espelho de um «plaisir du même et de l'autre» (Cerquiglini 1989:61), e pouco mais do que o gosto pela variação e pela forma como ela se multiplica lateralmente numa tradição.

Assim sendo, interessa não só procurar lições correctas que assegurem a fixação do texto de um arquétipo, aproximando o que a variação dos testemunhos separa, mas também olhar para a cópia como um processo de apropriação do texto de um modelo, partindo do princípio de que as variantes são reflexo da mutabilidade e mobilidade de um texto, mas que não deixam de ter um autor – um “responsável” – à luz de cuja cultura foram produzidas. Acreditando que a língua e o conteúdo substantivo de um texto variam de forma semelhante, Cerquiglini parece sugerir que a variação substantiva permite compreender o contexto em que ocorre, e que a análise linguística (morfológica e, em alguns casos, sintáctica) pode ser um factor de caracterização das circunstâncias de produção de um apógrafo, e um vector essencial na recensão de uma tradição e no estabelecimento crítico de uma variante. Deste modo, além de não procurarmos um texto

depurado de intervenções (o que exigiria que aceitássemos que a degradação do texto nega ao arquétipo a capacidade de errar), é também preciso lembrar que a reconstituição do texto de um arquétipo também depende da colação dos testemunhos da tradição, o que por si só assume que a variação de cada um deles é o resultado (mais transparente ou mais opaco) da sua produção.

Apesar de tudo isto, Cerquiglini está consciente de que a teoria que defende tem semelhanças com o modelo crítico do *bon manuscrit* de Bédier, para quem há uma barreira que atravessa e separa o trabalho do um autor do de um copista (que nunca poderá ser tão bom quanto o autor). Contudo, se é verdade que a variação ocorre porque a natureza do processo de cópia e as características dos textos a facilitam, mas se também é verdade que os autores erram, isso não significa que determinado apógrafo seja necessariamente “mau”, nem que um autógrafo e um arquétipo sejam intocáveis. Assim, desvinculando-se da teoria de Bédier, segundo a qual o trabalho sobre um texto que realmente se lê é mais seguro do que a reconstituição de um texto hipotético, as questões que interessam a Cerquiglini levantar são as seguintes: porque não pode haver um “bom copista”? Porque importa a qualidade do copista? Para Cerquiglini a cópia é uma entidade com valor: «Dans cette théorie, le plus neuf sans doute, et le plus important pour nous, est le parti pris d’ouvrir aux scribes le plus large crédit. Bédier accorde une attention positive aux données de la philologie, à ces manuscrits que le regard éditeur traversait, et qu’il importe considérer» (Cerquiglini 1989:99). Se o autor e a obra são entidades que representam o texto, porque não considerar um copista e/ou um apógrafo igualmente soberanos no trabalho de que são autor e produto? É neste ponto intermédio, entre a reconstituição do arquétipo e a edição de um *bon manuscrit*, que se situa a relevância da autonomia dos testemunhos de uma tradição que, na verdade, são mais uma forma de texto.

Em «L’archéologie du texte médiéval» (2008) Chastang começa por fazer uma breve introdução ao passado e ao presente da visão arqueológica em torno dos manuscritos medievais, e apresenta o método crítico do século XVIII como produto de uma filologia que pretende exumar e restaurar os textos, limpando-os de vestígios de usos posteriores para chegar o mais próximo possível do arquétipo. Este método, onde a estemática tem a função pragmática já referida, para Chastang corresponde à procura de uma historicidade do texto que possa garantir a veracidade do seu conteúdo.

De seguida o autor descreve brevemente a crise de modernidade e racionalidade do século XX que, acompanhada de um abandono dos modelos tradicionais de resolução de problemas, olha para cada tempo já não de forma tão generalizada, mas a uma micro-escala. É

esta nova visão que contextualiza o momento em que se passou a prestar mais atenção a cada texto. Em causa está também o envolvimento dos historiadores no debate do *linguistic turn*, onde o texto passa a ser uma produção impessoal e o autor perde importância em prol do leitor, mas também um novo entendimento da História como uma “articulação de descontinuidades” (expressão de Ginsburg 1980:19), na qual Chastang situa o conceito de *microstoria* (Chastang 2008:3,§10). A microstoria, embora evite o estatuto dos documentos como recursos ligados à sociedade que os produziu, permite recortar um pedaço de tempo e material objectivo, dando lugar a uma história cultural situada no tempo e espaço, onde a cultura da escrita pode ser um campo de investigação autónomo. Paralela à análise da História total, a análise da *microstoria* permite ganhar conhecimento sobre a sociedade com uma atenção particularmente direccionada para o texto (e, por analogia, as cópias) na sua dimensão discursiva e material. Por essa razão, a História (e, consequentemente a Crítica Textual) passa a ser uma ciência que produz uma verdade relativa em função dos contextos de produção dos seus objectos. Para Chastang, introduzir os testemunhos de uma tradição nesses contextos é o que garante o seu valor e o do texto que transmitem, valor esse que varia de acordo como o sistema em que e para o qual são produzidos, e de acordo com a estima dada ao património cultural em que se integram.

Embora Chastang discorra sobre a possibilidade de esta nova arqueologia gerar uma certa “fetichização” do texto (no sentido em que o transforma num objecto de idolatria), é certo que a sua visão propõe uma arma contra a textualização do mundo (Chastang 2008:3, §8). Assim, esclarecendo que o texto tem de voltar a ser considerado uma unidade de sentido, e que o «recorte no tecido documental» a que se referia Michel Foucault tem de ser verdadeiramente prudente (Chastang 2008:5, §18), Chastang sugere que estamos perante uma nova definição de *discurso histórico* que pode não corresponder à realidade mas, pelo menos, representa uma visão relativa sobre ela (Chastang 2008:4, §16). Ademais, e embora explore esta possibilidade a respeito de produções medievais, Chastang dá destaque ao conceito de *atelier de escrita* e à reconstituição das circunstâncias de produção dos apógrafos de uma tradição. Assim, adopta uma posição em que propõe que nos libertemos da preocupação com o arquétipo de uma tradição em prol do estudo da produção dos seus testemunhos de transmissão.

Então, para este autor parece essencial responder não apenas à pergunta *quem escreveu?*, mas também a perguntas como *porque escreveu?*, *como produziu?*, *em que condições?*, *qual a variação do texto operada de época para época, local para local, copista para copista?*. No caso da tradição da VSSB, cujos testemunhos já são datáveis da época moderna, o que interessa é analisar

as camadas textuais que a semiografia dos manuscritos e a variação do texto podem ilustrar. Citando Geneviève Hasenohr, Chastang chama a essas camadas «arquivos de uma tradição em movimento» (Chastang 2008:5, §21) porque são elas que revelam a transmissão de um texto. O problema não deve ser visto apenas em prol da limpeza de intervenções espúrias produzidas ao longo da transmissão desse texto, mas também considerando que cada testemunho é o espelho de diferentes situações históricas (ou historiáveis). A esse respeito veja-se também o que diz Hanna (2009), segundo o qual a variação apresentada por determinado manuscrito deve ser observada de acordo com o modo como ocorreu, quando e porquê: «variation does not simply inhere naturally in a literary text per se (...) but is also the product of work done under a specific mode of production, a set of material circumstances, a specific confluence between a piece of writing, a patron, and a variety of manual tasks» (Hanna 2009:351).

Adoptar esta perspectiva no presente capítulo é partir da noção de que a Crítica Textual pretende ser um acto de recuperação cultural, mas que pode sê-lo a vários níveis. Nesse sentido, veja-se como Hanna (2009:337) classifica o trabalho do editor crítico: «It attempts to effect an historical bridge between a lost productive past and a consuming present. But as a bridging gesture, such activity needs constantly to be aware of its own historicity». Ora, se Hanna não discorda da visão de Cerquiglini, para quem o trabalho num testemunho individual se dissolve na pluralidade das suas variantes, certo é que lhe aponta uma fraqueza importante: «For to create his infinitely generating text, Cerquiglini must presuppose the simultaneous social ubiquity of all textual forms, whatever their temporal or spatial disparities» (Hanna 2009:350)<sup>1</sup>. Assumindo que o texto resulta de uma consciência literária colectiva, Cerquiglini esquece-se de que isso por si só já explica a variação. Contudo, e como defende Hanna, a cópia não deixa por isso de ser um produto humano, historicamente situado e impossível de ser interpretado fora de um dado contexto (Hanna 2009:351), precisamente porque contém sempre evidências mais ou menos claras da sua produção.

Além disso, há ainda que considerar que as condições materiais da produção de um apógrafo também constituem uma base sólida para os factores de análise da cópia enquanto exercício escrito que envolve um modelo, um procedimento mecânico e um produto final. A esse respeito veja-se o que diz Blecua (2001:18-20) sobre as várias circunstâncias e operações físicas que geram e explicam a variação accidental durante o processo de cópia. Assim, importa analisar a

---

<sup>1</sup> Note-se que este artigo de Ralph Hanna foi publicado pela primeira vez em 1992 em A. J. Minnis e C. Brewer (eds.), *Crox and Controversy in Middle English Textual Criticism*, apenas três anos depois da publicação do trabalho de Cerquiglini comentado pelo autor.

variação de um texto não só ao nível da intenção, mas sobretudo segundo o tipo de erros cometidos e as circunstâncias que os produzem.

Seguindo a divisão de Blecua (2001:20-30), os erros de cópia podem pertencer a uma de quatro categorias anteriormente utilizadas no capítulo II: por adição, por omissão, por alteração de ordem e por substituição. Ademais, importa ainda ter em conta as cinco operações essenciais que compõem um acto de cópia e que estão na base de todos os tipos de variação acidental (Blecua 2001:17): primeiro um copista lê um pequeno segmento do modelo que copia; 2) depois memoriza-o; 3) depois dita-o para si mesmo; 4) transcreve-o; 5) por fim, volta ao modelo, tentando retomar a leitura no lugar onde pela última vez pousara o olhar. Em alguns casos, analisar a variação de um testemunho apógrafo à luz destas operações mecânicas também permite deduzir as condições materiais e psicológicas do trabalho do copista responsável por essa cópia. A luminosidade com que trabalhava, a distância a que se encontrava do modelo e a posição em que estava relativamente a ele, a fadiga, a atenção, as pausas que concretizou durante a cópia, a forma como segmentava o texto em unidades de cópia, a atitude perante as características materiais do modelo copiado e do suporte utilizado na cópia - são tudo factores que influenciam o acto de cópia e podem ser parcialmente reconstituídos pela análise cuidada dos testemunhos. A estes devem ainda associar-se outros factores que podem explicar eventuais acidentes materiais do suporte produzidos durante ou depois da escrita: o fogo, a humidade, a erosão, etc. Consequentemente, a união de todos estes factores pode clarificar algumas das variantes desse testemunho, deixar a descoberto dificuldades que o copista tenha tido na leitura do modelo, e reconstituir parte da história do testemunho.

Esta visão de Blecua também sugere que, no domínio da estemática como disciplina autónoma, também é possível reconstituir as condições de produção de um apógrafo pela análise minuciosa da sua variação intencional e acidental. Como Cerquiglini, Hanna ou Chastang, Blecua lembra ainda que o arquétipo de uma tradição não é imaculado, porque também o autor estava sujeito a certas condições de trabalho e, como tal, erra.

Assim sendo, e retomando o desafio lançado por Chastang de combater a “textualização do mundo”, no presente capítulo assume-se que o espaço, tempo, cultura, condições de produção e transmissão, suportes e materiais são indicadores e, simultaneamente, factores de variação na transmissão de um texto. Então, defendendo o texto e as suas cópias como artefactos históricos, dá-se importância à Crítica Textual e à Estemática como disciplinas de trabalho crítico (e não apenas técnico) paralelo ao do historiador. Esta crescente atenção prestada a cada testemunho de

uma tradição poderá ser particularmente decisiva na definição do peso hagiográfico, literário, histórico, cultural e sociológico de um texto como a *VSSB* numa determinada época.

Em suma, com o objectivo de demonstrar como apógrafos com diferentes pesos estemáticos podem ajudar a reconstituir as condições em que foram produzidos, de seguida levar-se-ão a cabo duas demonstrações: 1) uma análise linguística detalhada do testemunho mais antigo da tradição (G1), que deverá vir a ser o testemunho-base de uma futura edição crítica do texto (v. pp. 231-288); 2) uma análise das variantes do testemunho mais moderno da tradição (G2), caracterizando o tipo de cópia à luz de algumas das possíveis motivações do copista, da época e das circunstâncias em que trabalhou (v. pp. 289-363).



# 1. O ESTRATO LINGUÍSTICO DUOCENTISTA NUMA CÓPIA SEISCENTISTA

Exposta a hipótese de datação da legenda original da versão portuguesa da *VSSB*, importa relembrar que um dos principais argumentos a favor dessa janela temporal é, precisamente, a breve análise do estado da língua do testemunho G1 feita por Sobral (2012). Reforçando esse argumento, o que se propõe na presente demonstração é, perante a aparente distância de quatro séculos entre o arquétipo da tradição (séc. XIII) e a cópia de Pedro Mesquita (séc. XVII), analisar até que ponto foi conservada uma camada linguística duocentista neste apógrafo e observar em que medida algumas das suas características linguísticas argumentam a favor da proposta de datação da legenda original da *VSSB*. Em segundo lugar, pretende-se reflectir sobre o modo como a análise de um apógrafo pode contribuir para a caracterização de um estado da língua anterior à sua produção, ao mesmo tempo que permite avaliar a postura linguisticamente conservadora/modernizadora do copista responsável.

De seguida analisa-se a expressão de aspectos linguísticos no testemunho G1<sup>2</sup>, cujas conclusões são antecedidas da respectiva contextualização teórica<sup>3</sup> e cujos dados examinados se encontram em anexo a esta dissertação<sup>4</sup>.

A análise destes aspectos foi feita partindo sempre do pressuposto de que G1 copiou directamente do arquétipo da tradição e não de um subarquétipo igualmente perdido, eliminando-se a possibilidade de as conservações e/ou modernizações analisadas terem sido concretizadas (e, consequentemente aceleradas) por um copista anterior ao de G1. Contorna-se essa hipótese não só porque não existem evidências estemáticas que garantam a existência desse *codex interpositus* como antecedente directo de G1, mas também porque, sendo impossível confirmar essa hipótese, supor a existência desse *codex interpositus* poderia injustificadamente adulterar os resultados da análise. Além disso, note-se que o objectivo final proposto não obriga à resolução desta dúvida, já que isso implicaria apenas a relocalização temporal e espacial das modernizações detectadas. Os vestígios da língua duocentista continuariam sempre a sê-lo,

---

<sup>2</sup> Alguns dos aspectos linguísticos analisados foram já estudados por Sobral (2012), mas repetiu-se a sua análise de modo a corroborar ou não os resultados obtidos pela autora.

<sup>3</sup> Nesta contextualização teórica e na análise dos dados mencionam-se alguns trabalhos de referência utilizados como termo de comparação com os resultados obtidos. Também importa prevenir que se utiliza a nomenclatura e periodização da história da língua portuguesa proposta por Luís Filipe Lindley Cintra (cf. Castro 2006:73), embora se inclua o século XIII no período a que o autor chama *português antigo*.

<sup>4</sup> Os dados de algumas das divisões desta secção encontram-se no Anexo B deste trabalho (v. pp. 413-444).

embora talvez se pudesse considerar que tivessem existido em maior escala se fosse possível assumir a existência de um *codex interpositus* responsável pelo desaparecimento desses traços do século XIII entre  $\Omega$  e G1. Assim, assume-se que G1 apresenta toda a intervenção linguística operada desde o arquétipo da tradição, mas com a consciência de que quanto maior tiver sido o número de antecedentes de G1, maior e mais rápida deverá ter sido a modernização da língua do texto.

Por fim, é essencial estar ciente da relatividade dos resultados apresentados. De forma a evitar interpretações enganadoras, há que ter em conta os três factores que tornam estes resultados meramente aproximados: 1) a natureza do objecto de análise e do método adoptado – ambos presumem a existência de interferência entre a língua do texto de partida e a do texto de chegada durante a cópia; 2) a pequena extensão do texto analisado - que pode tornar os resultados obtidos consideravelmente menos estáveis ou relevantes na amostra; 3) o facto de os resultados de referência utilizados na análise de alguns aspectos também representarem conclusões relativas, diminuindo o grau de precisão com que as conclusões apresentadas podem ser lidas.

### 1.1. PRONOMES CLÍTICOS NA CARACTERIZAÇÃO DE UM ESTADO DA LÍNGUA

Os pronomes clíticos são as formas átonas dos pronomes pessoais e distribuem-se em três séries de acordo com a função sintáctica que preenchem na oração a que pertencem. Podem ser clíticos acusativos se funcionam como complementos directos (me, te, o/a, nos, vos, os/as), clíticos dativos se funcionam como complemento indirecto (me, te, lhe, nos, vos, lhes), e ainda clíticos reflexos (me, te, se, nos, vos, se).

Os pronomes clíticos distinguem-se de outras formas átonas (como preposições ou artigos) pelo facto de não terem uma posição fixa em relação à palavra de que dependem, mas uma posição definida por referência ao verbo a que estão adjacentes. Assim, podem ocorrer em *próclise*, quando precedem o verbo (ex. Ela não **me deu** um presente), e em *ênclise* quando estão em posição pós-verbal (ex. Ela *deu-me* um presente).

Convém também notar que os clíticos se caracterizam pela sua possibilidade de adjacência ou não adjacência ao verbo que têm como referência, podendo ou não aceitar *interpolação* (fenómeno caracterizado adiante) de outras palavras entre si e esse verbo de que dependem.

Por fim, os pronomes clíticos posicionam-se em próclise ou ênclise de acordo com um conjunto de regras que diferem quando se trata de uma oração principal afirmativa (sem

constituintes indutores de próclise<sup>5</sup>) ou de uma oração subordinada. Assim, no português europeu actual a próclise é sempre obrigatória em orações subordinadas e em orações com proclisadores; nos restantes casos (orações principais afirmativas sem proclisadores) é obrigatória a utilização de ênclise. Portanto, hoje a ênclise é o padrão não marcado de colocação dos clíticos no português, e a próclise o padrão marcado.

No entanto, e como se explica em seguida, as regras de colocação dos clíticos do português contemporâneo nem sempre se aplicaram.

### 1.1.1. Próclise e ênclise em contextos de variação

Como se lê em Castro (2006:196), a única característica do comportamento dos clíticos que se manteve desde o português antigo até ao actual é o facto de a próclise ser obrigatória em orações subordinadas e em orações principais com proclisadores. Já nos contextos da actual ênclise obrigatória o padrão de evolução da colocação dos clíticos alterou-se bastante: enquanto no português actual a ênclise é obrigatória em orações principais sem proclisadores, no português antigo ocorria variação entre próclise e ênclise nesses contextos.

Isto significa que nos séculos XIII e XIV os clíticos em orações principais afirmativas não introduzidas por proclisadores podiam estar quer em próclise quer em ênclise, variação esta que se podia observar sempre que o verbo não estava em posição inicial (V1). Contudo, a curva evolutiva desta alternância entre próclise e ênclise é curiosamente inesperada, mostrando que no século XIII dominava a ênclise (apesar de poder ocorrer próclise), no século XVII dominava a próclise, e no século XX voltava a dominar a ênclise. Esta curva está ilustrada no gráfico 1, e que inclui os dados de Martins (1994), Ribeiro (1995) e Galves, Britto e Paixão de Sousa (2003):

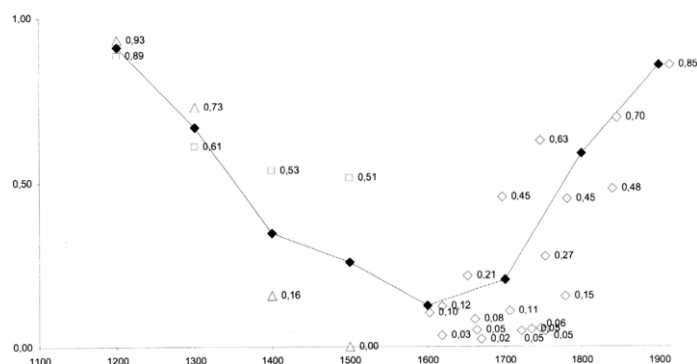


GRÁFICO 1

Evolução da Ênclise em frases afirmativas na história do português (Paixão de Sousa 2004)

<sup>5</sup> Daqui em diante estes constituintes indutores de próclise serão designados *proclisadores*.

Ao longo do tempo os linguistas deram sempre muita atenção a esta curva evolutiva da colocação dos clíticos em orações principais afirmativas. Acabou por se tornar claro que, para cada estado da língua, havia uma determinada expectativa percentual para a ocorrência de próclise e ênclise (em variação), o que fazia deste aspecto sintático um parâmetro com valores característicos de cada século, útil para a datação de textos e para a avaliação da qualidade de certas cópias. Assim, analisando o estrato linguístico duocentista conservado na cópia seiscentista G1 da *VSSB*, recolheram-se as seguintes atestações de próclise/ênclise em contextos de variação:

Próclise e Ênclise em Contextos de Variação		
	Próclise (Clítico + Verbo)	Ênclise (Verbo + Clítico)
Número de Ocorrências	43	128
Percentagem	25.1%	74.9%

**TABELA 1**

Comparam-se estes dados com os resultados obtidos por Martins (1994)<sup>6</sup>:

Próclise/Ênclise em orações principais afirmativas, séculos XIII-XVI (textos notariais)						
	1250-99	1300-49	1350-99	1400-49	1450-99	1500-49
Próclise	7,1%	24,6%	41,9%	78,9%	92,7%	98,8%
Ênclise	92,9%	75,4%	58,1%	21,1%	7,3%	1,2%

**TABELA 2**

(Martins 1994:580)

Pelo confronto com os resultados de Martins (1994), a percentagem de próclise/ênclise em variação obtida no apógrafo em causa aponta para o que deveria ocorrer na primeira metade do século XIV, isto é, para valores próximos de 24.6% de próclise e 75.4% de ênclise. Contudo, nem a legenda original desta *Vida* (do século XIII), nem a cópia que aqui se analisa (do século XVII) datam do século XV, o que mostra que, à partida, os resultados estão condicionados pelas duas épocas linguisticamente distintas de que resulta o texto da cópia seiscentista.

Assim, se o copista tivesse sido completamente conservador quanto à posição dos clíticos nestes contextos, esperava-se encontrar uma percentagem próxima dos 7.1% de próclise face a 92.9% de ênclise (o esperado para o século XIII). Contudo, registam-se valores ligeiramente mais elevados de próclise, 25.1%. Apesar disso, e visto que entre os séculos XV e XVIII a próclise cresce exponencialmente, também se sabe que, à data em que esta cópia foi realizada, a gramática do copista seria predominantemente proclítica nestes contextos de variação. Dado que no século XVII

<sup>6</sup> Apesar de Martins (1994) ter trabalhado com um *corpus* constituído por textos notariais, não existem dados suficientes sobre a variação próclise/ênclise em textos literários que possam ser utilizados como resultados de referência, indispensáveis neste tipo de trabalho comparativo.

se esperaria um domínio da próclise em contextos de variação (embora a frequência de ênclise já começasse a aumentar logo a partir daí), então talvez a sintaxe do copista seiscentista tenha interferido na cópia do texto. Mesquita pode ter alterado alguns casos de ênclise para próclise (mais natural na sintaxe do século XVII), deturpando os resultados esperados para cada uma destas colocações no século XIII. Na verdade, também os poucos dados disponíveis sobre o comportamento dos clíticos em textos literários permitem estabelecer esta hipótese:

<b>Próclise/Ênclise em orações principais afirmativas, séculos XV-XIX (textos literários)</b>		
	<b>Percentagem</b>	
	<b>Próclise</b>	<b>Ênclise</b>
Afonso de Albuquerque (1462?-1515)	73,5%	26,5%
Damião de Góis (1502-1574)	97,1%	2,9%
Fernão Mendes Pinto (1510-1538)	98,1%	1,9%
Diogo do Couto (1542-1616)	72,5%	27,5%
Francisco Manuel de Melo (1608-1666)	92,3%	7,7%
António Vieira (1608-1697)	31,6%	68,4%
Luís António Verney (1713-1792)	27,3%	72,7%
Almeida Garrett (1799-1854)	19,3%	80,7%
Oliveira Martins (1845-1894)	2,4%	97,6%

**TABELA 3**  
(Martins 1994:27)

A respeito destes resultados de Martins (1994), diz Castro (2006:197-198) que: «dada a natureza literária dos materiais, apetece pessoalizar na obra do Pe. António Vieira a adesão à ênclise. Mas Vieira é contemporâneo de D. Francisco Manuel de Melo, que ainda revelava pela próclise uma nítida proclividade. Será natural que dois escritores da mesma época e de estatuto sociocultural equivalente difiram de modo tão dramático na sintaxe dos clíticos? Talvez seja mais prudente admitir que no tempo de Vieira e de Melo, isto é, nos meados do século XVII, existia um conflito entre as tendências de próclise e de ênclise, conflito que esta segunda venceu durante o século XVIII. [...] as percentagens de Ana Maria Martins (31.6% de próclises e 68.4% de ênclises) foram obtidas em sermões do Pe. António Vieira, mas em outro género de textos, a sua correspondência epistolar, foram encontrados 81% de próclises e 18.9% de ênclises (Galves 2003). Isto parece indicar que a natureza dos textos analisados para recolha de dados deve ser tida em conta na ponderação dos resultados. [...]».

Mesmo que a proposta de Castro (2006) se pudesse confirmar, a verdade é que não explicaria as percentagens de próclise e de ênclise registadas nesta cópia. Na realidade, o que o autor enfatiza não é que no século XVII haveria confusão entre próclise e ênclise na gramática de cada indivíduo, mas sim que as distintas utilizações de próclise e ênclise em autores do mesmo século talvez se possam explicar e medir pelas diferenças entre os géneros literários em que cada

um deles escreve. Quer isto dizer que, mesmo que a gramática proclítica do século XVII já estivesse em intenso confronto com uma gramática enclítica em crescimento, esse confronto não se ilustraria numa confusão na sintaxe de um mesmo texto: a ideia de gramática em competição<sup>7</sup> só permite explicar usos proclíticos e enclíticos diferentes em textos igualmente diferentes (mesmo que de um mesmo autor)<sup>8</sup>. Desta forma, 25.1% de próclise e 74.9% de ênclise nesta cópia da *VSSB* são resultados que só se podem explicar pela interferência de uma gramática puramente proclítica do copista em prol da colocação pré-verbal dos pronomes clíticos do texto.

Pelo menos mais dois aspectos da sintaxe deste apógrafo confirmam esta interferência da gramática seiscentista durante cópia de G1: a existência de próclise em orações infinitivas introduzidas por *A* e a existência de próclise em contextos que seriam V1 no século XIII. A primeira categoria funcionaria como um parâmetro indicativo porque, de acordo com os resultados de Martins (1994), no século XIII só podia ocorrer ênclise em orações infinitivas introduzidas por *A*, e a próclise só surge neste contexto a partir do século XIV. Contudo, neste testemunho manuscrito não existe nenhuma oração infinitiva introduzida por *A*<sup>9</sup>, o que impede a utilização deste aspecto a favor da hipótese apresentada.

O mesmo já não acontece nos casos em que o verbo está em posição inicial (V1). De acordo com a Lei Tobler-Mussafia os pronomes clíticos não podem ocupar a primeira posição na frase, ou seja, a ênclise é sempre obrigatória em frases com verbo inicial que não correspondam a contextos de variação. No entanto, no século XIII esta lei tinha uma aplicação mais ampla do que no português contemporâneo, aplicando-se a verbos iniciais depois de conjunção coordenativa e (1), depois de oração subordinada anteposta (2) e em estruturas de deslocamento à esquerda clítica (DEC) (3). Nestes três contextos a sintaxe do século XIII só permitia a ocorrência de ênclise, mas no século XVII já ocorreria próclise em qualquer um dos casos<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Sobre o conceito de *gramática em competição*, veja-se Kroch (1994:184): «variation in the course of syntactic change is between options that are grammatically incompatible and, therefore, that the variation reflects grammar competition».

<sup>8</sup> Prova disso é o caso de Pe. António Vieira, acima mencionado por Castro (2006), que tem um uso predominantemente enclítico nos seus sermões, mas proclítico nos textos epistolares.

<sup>9</sup> No Anexo B apresentam-se todos casos de próclise em orações infinitivas introduzidas por preposição atestados em G1 e pode-se confirmar (embora indirectamente) a inexistência de exemplos de próclise em orações infinitivas introduzidas por *A* (v. pp. 413-419).

<sup>10</sup> Para cada um dos contextos mencionados (1), (2) e (3), a próclise só começa a ser atestada nos séculos XIV, XV e XVI, respectivamente.

Assim, apesar de em G1 não se registar nenhum caso de próclise depois de orações subordinadas antepostas (2) ou em estruturas de DEC (3), ocorrem pelo menos três casos de próclise depois da conjunção coordenativa, tal como o seguinte exemplo:

(194) <sup>11</sup> Das quaes cousas e palauras o dito mançebo ficou muito enuerguonhado, e mui sanhudo, e o contou a seu padre (214r)

Estes três casos, que não podem pertencer à língua da legenda primitiva da *VSSB* porque só ocorrem no português a partir do século XIV, são necessariamente parte da língua do copista seiscentista e mais uma prova da ligeira intervenção da sua sintaxe na língua duocentista do texto copiado<sup>12</sup>.

Por último, verificou-se que em G1 existem cinco casos de ênclise com proclisadores, isto é, cinco casos de ênclise num contexto que, quer no português antigo quer no contemporâneo, seria um contexto de próclise obrigatória. Veja-se o seguinte exemplo:

(197) e ainda diguo **uos** que estando folguando em sua terra hum príncepe (232r)

Desses cinco casos, dois encontram-se em orações subordinadas relativas, o que é consideravelmente comum pelo menos até ao século XVII e XVIII. Os três restantes são exemplos de ênclise com os proclisadores adverbiais *ainda* e *logo*. Estes, apesar de se atestarem pontualmente ao longo de toda a história do português, são contextos em que está por verificar se os advérbios em causa têm algum comportamento particular que facilite esta ocorrência de ênclise. O certo é que ao longo da história do português sempre existiram casos esporádicos (ainda que relativamente frequentes) de ênclise com proclisadores, sendo possível encontrá-los ainda no português contemporâneo em orações subordinadas concessivas. Assim sendo, a ocorrência dos exemplos mencionados nesta cópia seiscentista não é um factor indicativo do grau de conservadorismo da língua da legenda original, embora seja curioso que ocorram cinco casos num texto tão curto.

Em suma, tendo em conta os 25.1% de próclise, os 74.9% de ênclise e os três exemplos de próclise em contextos V1 do século XIII, é possível concluir que, apesar de esta cópia da *VSSB* não poder ser utilizada com total segurança no estudo do comportamento dos clíticos do português antigo, o seu copista parece ter sido relativamente conservador quanto à expressão deste aspecto

---

<sup>11</sup> Daqui em diante, a numeração dos exemplos utilizados corresponde à numeração utilizada no anexo correspondente a cada secção do ponto 1.

<sup>12</sup> Na secção 1.1.1. do Anexo B (v. p. 413-414), estas ocorrências de próclise também foram contabilizadas como exemplos de próclise em contextos de variação porque, apesar de serem frases V1 no século XIII, na sintaxe de um copista do século XVII já seriam verdadeiramente contextos de variação.

sintáctico. Aliás, uma vez que a ênclise continua a dominar com bastante vigor neste apógrafo, o que decerto não aconteceria no século XVII, a intervenção operada pelo copista deve ter sido não só mínima, como provavelmente não intencional.

### 1.1.2. Interpolação

Como foi brevemente referido, no comportamento dos pronomes clíticos do português há ainda outro aspecto que tem sido frequentemente estudado pelos linguistas e a que importa dar destaque: a *interpolação*, isto é, o fenómeno de não adjacência entre o clítico e o verbo.

A interpolação como a ocorrência de um constituinte (ou mais do que um) entre o clítico e o verbo é um fenómeno que só pode ocorrer em orações subordinadas finitas e em orações principais introduzidas por proclisadores, ou seja, em contextos de próclise obrigatória. Uma vez que os contextos de próclise obrigatória do português antigo são os mesmos em que a próclise é obrigatória hoje<sup>13</sup>, a esse nível não há uma grande distinção entre o comportamento dos pronomes clíticos do português antigo e do português contemporâneo. Contudo, no português antigo e no português médio os contextos de próclise obrigatória permitiam que ocorresse interpolação de diversos constituintes que deixaram de poder ocorrer entre o clítico e o verbo a partir do português clássico (Castro 2006:196).

Antes de mais, é preciso começar por fazer a distinção entre os dois tipos de interpolação que existiam no português antigo - *interpolação generalizada* e *interpolação de não* -, distinção essa feita de acordo com o tipo de elementos que se podiam posicionar entre o clítico e o verbo. A interpolação generalizada é aquela a que se refere Castro (2006:196) e que diz respeito à interpolação de certos constituintes como operadores de negação predicativos diferentes de *não*, oblíquos adverbiais, oblíquos preposicionais, sujeitos, objectos directos e indirectos, núcleos predicativos de natureza adjectival, participios passados, infinitivos em construções de complementação ou em estruturas com auxiliares, constituintes de redobro do clítico, quantificadores, vocativos e orações reduzidas<sup>14</sup>. Esta interpolação generalizada é característica do português antigo porque foi muito frequente entre os séculos XIII e XIV, diminuindo apenas a partir do século XV, e tornando-se quase obsoleta só no século XVI (como se verifica nos dados de Martins 1994:193). Assim sendo, a ocorrência de interpolação de constituintes diferentes de *não* é

---

<sup>13</sup> A próclise é obrigatória em orações subordinadas finitas, em algumas orações subordinadas introduzidas por preposição (*de, a, por, para, em, sobre*) e em algumas orações não-dependentes (introduzidas por quantificadores, sintagmas focalizados ou advérbios que funcionam como proclisadores).

<sup>14</sup> Vejam-se exemplos e uma descrição mais detalhada de todos estes casos em Martins (1994:162-178).



um elemento sintáctico caracterizador do português dos séculos XIII e XIV, e a análise das suas ocorrências numa cópia seiscentista de um texto duocentista é essencial à sua interpretação linguística.

O segundo tipo de interpolação existente no português é a *interpolação de não* como marcador de negação frásica. Esta interpolação representa o único contexto em que a não adjacência entre *não* e o verbo é possível no português e, apesar de ser bastante frequente ao longo da história da língua e de ser o único tipo de interpolação que sobrevive no português actual, a sua frequência num determinado texto também pode dizer algo sobre os seus estratos linguísticos e, conseqüentemente, sobre a sua datação. Assim, também se observou a ocorrência de interpolação de *não* nesta cópia seiscentista, de forma a verificar o nível de conservadorismo com que Pedro de Mesquita copiou o texto do século XIII.

Resta esclarecer que a ocorrência de interpolação no ms. G1 se contabilizou em função, não do número de casos de próclise obrigatória, mas do número de casos de interpolação potencial<sup>15</sup>. Isto significa que, não sendo a interpolação um fenómeno obrigatório, há contextos em que poderia ocorrer, mas não ocorre. Nestes contextos existem constituintes que não estão interpolados, mas que são *interpoláveis* porque ocorrem antes do verbo principal da oração em causa e depois do proclisador (neste último caso se se tratar de uma oração com próclise tornada obrigatória pela ocorrência de um proclisador)<sup>16</sup>.

Posto isto, recolheram-se os casos de interpolação generalizada, os de interpolação de *não* e os casos das respectivas interpolações potenciais na cópia de 1620-1645 da VSSB. No caso da interpolação generalizada obtiveram-se os seguintes resultados:

Interpolação Generalizada		
	+ Interpolação	- Interpolação
Número de Ocorrências	34	37
Percentagem	47.9%	52.1%

TABELA 4

<sup>15</sup> Nas tabelas apresentadas distingue-se a interpolação da interpolação potencial com + interpolação e – interpolação, respectivamente.

<sup>16</sup> Desta contabilização excluíram-se os casos em que ocorrem constituintes entre os dois verbos de um complexo verbal, como no exemplo abaixo. Esses constituintes não são interpoláveis uma vez que o clítico tem de estar sempre associado ao primeiro verbo e, portanto, os constituintes em causa já estariam depois do verbo que o clítico tem como referência: ex. *E dizia lhe ainda que tal esposo como este, não auia semelhavel en todo o mundo, nem se poderia ~~outro tal~~ achar,*

Em seguida, compararam-se os resultados obtidos com os recolhidos por Martins (1994) de textos notariais, uma vez que os dados obtidos pela autora de textos literários não são tão conclusivos e requerem cuidado com outros problemas.

Interpolação de outros constituintes (≠não) entre os séculos XIII e XVI (textos notariais)				
	XIII	XIV	XV	XVI
clítico-X-verbo	66,7%	69,1%	57,0%	51,7%
X-clítico-verbo	33,3%	30,9%	43,0%	48,3%

**TABELA 5**  
(Martins 1994:193)

Como se verifica nas Tabelas 4 e 5, as percentagens obtidas para a interpolação generalizada no ms. G1 da VSSB não correspondem a nenhum dos séculos estudados por Martins (1994), pois até ao século XVI nunca a interpolação generalizada potencial foi superior à interpolação generalizada verdadeiramente concretizada.

Como se esperaria que no século XIII a + interpolação dominasse face à – interpolação (e que a sua percentagem fosse de cerca de 66.7% se o copista tivesse conservado totalmente a sintaxe da legenda duocentista), e visto que a frequência da interpolação generalizada vai diminuindo ao longo da história do português, então talvez a dominância de interpolação potencial neste manuscrito mostre que o copista interveio neste aspecto sintático do modelo, colocando numa posição X-CL-V<sup>17</sup> alguns dos constituintes que estariam interpolados no original (e portanto, em posição CL-X-V). Esta intervenção aproxima a sintaxe do texto copiado da sintaxe do copista do século XVII, pois os resultados obtidos estão muito próximos dos dados característicos do século XVI (51.7% de + interpolação e 48.3% de - interpolação), e daí em diante a interpolação generalizada só viria a diminuir até ao seu desaparecimento.

Posto isto, apesar de no século XIII «a opção pela interpolação [ser] mais frequente do que a opção pela estrutura alternativa» (Martins 1994:194), apesar de ambas serem estruturas gramaticais aceitáveis na altura, e apesar de diacronicamente a tendência ter sido para a diminuição da interpolação a partir do século XV, a verdade é que se Pedro de Mesquita copia entre 1620-1645, então talvez se esperasse encontrar muito menos interpolação generalizada do que a que esta cópia revela – o que sugere que a intervenção deste copista também não foi, certamente, sistemática. Além disso, dado que os resultados de referência (Martins 1994) mostram que a percentagem de interpolação generalizada não varia de forma acentuada ao longo do tempo em textos notariais, e uma vez que é possível que nos textos literários se registasse um

<sup>17</sup> Leia-se X (constituente(s)) – CL (clítico) – V (verbo).

pouco menos desta interpolação, então a intervenção do copista neste aspecto sintáctico do texto parece ter sido relativamente reduzida e, sem dúvida, não intencional.

Assim, é possível concluir que quanto à interpolação generalizada o copista deixou que a sua sintaxe interferisse na sua cópia, não conservando de forma metódica os níveis de + interpolação que provavelmente ocorriam no original duocentista. Contudo, já que também não é possível ter a certeza de que os resultados obtidos correspondam aos valores esperados de interpolação generalizada no século XVII<sup>18</sup>, a verdade é que não se pode excluir a hipótese do copista não ter deturpado todas as ocorrências do fenómeno de acordo com a sua gramática porque também não foi sistemático nessa sua intervenção. De qualquer forma, quanto a este aspecto sintáctico a cópia seiscentista da VSSB parece ser relativamente conservadora, pois os casos em que não o é parecem resultar de uma interferência não intencional da gramática do copista. Assim sendo, é uma cópia que pode ser útil para o estudo linguístico do português do século XIII, embora com as devidas reservas. Certo é que, se a gramática do copista seiscentista não influenciaria a alteração da sintaxe do texto em prol do aumento da interpolação generalizada, então 47.9% de + interpolação é uma percentagem que depende da ocorrência dos casos deste fenómeno já existentes na redacção original, sendo um vestígio da língua do século XIII e, consequentemente, um argumento a favor de uma redacção original datável do século XIII.

Quanto à interpolação de *não* os resultados obtidos são mais difíceis de interpretar (Tabela 6). Como termo de comparação utilizaram-se os dados quantitativos obtidos por Martins (1994) reproduzidos na Tabela 7.

Interpolação de <i>Não</i>		
	+ Interpolação	- Interpolação
Número de Ocorrências	18	3
Percentagem	85.7%	14.3%

TABELA 6

Interpolação de <i>não</i> entre os séculos XIII e XVI (textos notariais)				
	XIII	XIV	XV	XVI
clítico- <i>não</i> -verbo	94,10%	96,80%	90,70%	90,00%
<i>não</i> -clítico-verbo	5,90%	3,20%	9,30%	10,00%

TABELA 7

(Martins 1994:193)

<sup>18</sup> Numa proposta de trabalho futura seria útil analisar um texto literário de um autor como D. Francisco Manuel de Mello, autor do mesmo século da cópia aqui estudada, averiguando as percentagens de + e - interpolação generalizada e analisando o tipo de constituintes interpolados/interpoláveis, de forma a utilizar esses resultados como termo de comparação para os obtidos nesta cópia seiscentista da VSSB.

Como é possível verificar, a percentagem de interpolação de *não* obtida é mais baixa do que seria esperado no século XIII (94.1%). Contudo, como já tinha sido concluído por Martins (1994), apesar da frequência deste fenómeno diminuir ligeiramente a partir do século XV, a verdade é que este tipo de interpolação é, como provam os seus valores, independente da interpolação generalizada. Assim, como confirma a Tabela 7, a frequência de *não* interpolado é sempre muito maior do que a frequência da interpolação de outros constituintes -, de tal forma que, mesmo tendo diminuído ao longo do tempo, é o único tipo de interpolação que sobrevive até hoje na gramática do português.

Portanto, a questão que se coloca é se os resultados obtidos para a interpolação de *não* em G1 são de algum modo representativos da intervenção da gramática do copista na sintaxe do texto copiado, quando a diferença entre 85.7% de interpolação de *não* obtidos e os 94.1% de interpolação de *não* esperados (se a cópia tivesse sido sistematicamente conservadora) é separada apenas por dois em três casos de *não* em interpolação potencial.

Talvez se possa dizer que os 18 casos em que ocorre interpolação de *não* nesta cópia tenham sido conservados do modelo, pois não é provável que o copista tenha introduzido no texto novos casos de interpolação de *não*, e uma vez que essa interpolação dominava à data de redacção da legenda primitiva. Contudo, esta hipótese é pouco esclarecedora porque entre os séculos XIII e XVI (até onde existe ponto de referência em Martins (1994)) este tipo de interpolação não varia o suficiente para que a diferença entre os 90% de + interpolação no século XVI e os 85.7% de + interpolação deste testemunho seja elucidativa. Embora o facto de a percentagem obtida ser inferior à do século XVI aponte para uma intervenção da língua do copista nesta cópia, essa leitura continua a não ser segura, dado que o confronto destes resultados com os obtidos por Martins (1994) para os textos literários (Tabela 8) mostra que a frequência de interpolação de *não* foi, até ao século XX, muito variável:

Interpolação de <i>não</i> entre os séculos XV e XIX (textos literários)	
	Percentagem
Afonso de Albuquerque (1462?-1515)	64,9%
Damião de Góis (1502-1574)	100%
Fernão Mendes Pinto (1510-1538)	82,4%
Luís de Camões (1542?-1579)	56,6%
Diogo do Couto (1542-1616)	81,8%
Francisco Manuel de Melo (1608-1666)	89,5%
António Vieira (1608-1697)	92,5%
Luís António Verney (1713-1792)	26,3%
Almeida Garrett (1799-1854)	92,6%
Alexandre Herculano (1810-1877)	35%
Oliveira Martins (1845-1894)	83,3%

**TABELA 8** (Martins 1994:306)

Mais uma vez este testemunho da *VSSB* revela-se pouco útil para a caracterização do português antigo porque não é possível ter a certeza do grau de conservadorismo do copista quanto à interpolação de *não*. Consequentemente, esta cópia pode não retratar o comportamento deste fenómeno na língua do século XIII.

## 1.2. PRONOMES PESSOAIS FORTES EM LUGAR DE CLÍTICOS

Outra característica do português antigo, que só se atesta em textos escritos até ao início do século XV, é a possível ocorrência dos pronomes pessoais fortes no lugar dos pronomes clíticos, sobretudo com função de objecto indirecto (isto é, quando o clítico tinha um valor dativo). É só a partir de meados do século XV que a frequência dos pronomes pessoais no lugar dos clíticos começa a diminuir, e do século XVI em diante deixam de se atestar. Uma vez que a legenda original da *VSSB* é datável do final do século XIII, e que o testemunho G1 é datável do início do século XVII, então as duas épocas em causa são suficientemente distintas para que a expressão deste aspecto linguístico revele as camadas linguísticas que o apógrafo verdadeiramente apresenta. Recolhidas as atestações destes pronomes pessoais tónicos em lugares sintacticamente destinados aos pronomes clíticos, obteve-se o seguinte do ms. G1:

Pronomes Pessoais Fortes no lugar de Clíticos	
Número de Ocorrências	10
Exemplo	(1) E a uos diguo que o bem e vida desta santa, e millagres que Deos fes e fas por esta sua esposa, nehum non os deue callar, (211v)

TABELA 9

Nesta cópia seiscentista encontram-se dez casos desta utilização dos pronomes pessoais fortes, o que permite concluir que estas ocorrências são vestígios da língua da legenda original do século XIII, já que no século XVII os pronomes pessoais fortes já não ocorreriam neste contexto. Contudo, isso não faz desta cópia seiscentista uma cópia conservadora, porque não há como confirmar que na legenda original duocentista não existissem mais ocorrências semelhantes a estas, nas quais Pedro de Mesquita pudesse ter interferido, transformando-as em pronomes clíticos (como seria natural no português do século XVII). Considerar esta hipótese permitiria explicar a maior percentagem de próclise que se obteve em contextos de variação porque, se fosse possível provar que o copista encontrou casos desta utilização dos pronomes fortes e que os substituiu por clíticos, também seria possível demonstrar como adulterara os valores de próclise que se esperariam se tivesse conservado totalmente a sintaxe do arquétipo da tradição. Assim, e

não tendo termo de comparação, os dez casos mencionados podem apenas ser considerados resíduos do português do século XIII.

A análise desta característica diz pouco sobre o grau de conservadorismo do copista responsável por esta cópia seiscentista, uma vez que não é possível confirmar se as dez atestações de pronomes tónicos no lugar de clíticos eram as únicas representantes deste fenómeno no modelo copiado. Esses dez casos são apenas vestígios da língua do século XIII e argumentam a favor da redacção da legenda primitiva da VSSB ser datável desse século.

### 1.3. PRONOMES OBLÍQUOS *I* E *EN(DE)*

No português antigo o sistema de deíticos espaciais incluía não só os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar, mas também dois pronomes oblíquos que o português moderno já não utiliza: *i* (locativo equivalente a *em* + pronome) e *en(de)* (partitivo equivalente a *de* + pronome). Com origem nos pronomes latinos HIC e INDE, na passagem para o português estes pronomes tornaram-se formas anafóricas, isto é formas que retomam um antecedente já expresso (ou que antecipam referentes que virão mais adiante na oração) e que, portanto, ocorrem sempre associados ao verbo.

No português do século XIII *i* e *en(de)* existiam com valor pronominal, mas no século XV *en(de)* desaparece e *i* começa a perder força para as suas concorrentes (outras formas equivalentes a *em* + pronome). No século XVI surgem as primeiras ocorrências de *aí*, forma que resulta da reanálise do valor de *i* que, por analogia com [a] de *aqui* e *ali* (*a* + *i* = *aí*), vem preencher a lacuna existente na segunda pessoa do sistema de advérbios locativos do português antigo. Consequentemente, as poucas atestações de *i* no século XVI já não tinham um valor pronomial (mas adverbial), isto é, sem antecedente obrigatoriamente expresso<sup>19</sup>. Quanto a esta evolução de *i* e *en(de)* estão de acordo Paul Teyssier (1981) e Soraia Aboo Muidine (2000), embora o primeiro autor trabalhe com textos literários e a segunda com textos notariais<sup>20</sup>. Contudo, lembre-se o que salienta Teyssier sobre os resultados obtidos em Gil Vicente, onde *aí* e *i* já coincidem, funcionando ambos como advérbios e como variantes concorrentes uma da outra. A respeito do século XVII, de

---

<sup>19</sup> Como diz Mattos e Silva (1994), uma informação que parece apoiar este processo evolutivo é o facto de o desaparecimento das formas fracas dos possessivos também datar do século XV, sugerindo que houve uma tendência quase simultânea para a simplificação de ambos os sistemas através da eliminação das suas formas átonas.

<sup>20</sup> O *corpus* de Teyssier (1981) é constituído pelos *Diálogos de S. Gregório* (XIV), pela *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (XV) e pela obra de Gil Vicente (XVI). Muidine (2000) trabalha com o *corpus* disponibilizado por Martins (1994), isto é, com documentos notariais.

que data a cópia que aqui se analisa, Teyssier refere que *i* já não ocorre com valor pronominal e já nem se atesta como forma concorrente de *ái*.

Posto isto, e dado que os valores pronominais de *i* e *en(de)* parecem ser característicos do português antigo, recolheram-se as ocorrências de ambas as formas isoladas do testemunho G1 da VSSB<sup>21</sup>, esperando que os resultados ilustrassem o grau de conservadorismo do estrato linguístico duocentista neste apógrafo (Tabela 10):

Pronomes oblíquos <i>i</i> e <i>ende/en</i>		
	Número de Ocorrências	Exemplos
<b>Total</b>	8 <sup>22</sup>	-
<b><i>I</i> pronome locativo</b>	2	(5) E el disse non, mas vai te a <u>santa senhorinha</u> , e <b>hi</b> acharas o lume (236r)
<i>I</i> locativo adverbial	0	-
<i>I</i> sem antecedente claro	6	(6) entom responderão todos os <u>que hi estauão</u> amen, assi seia. (215r) (9) entom o enfermo pos a cabeça sobre o muimento, e dormindo pareceo lhe <u>que</u> hũa pomba lhe metia o bico pella orelha, e loguo perdia a dor, e demais ficaua mui confortado do bico da pomba, elle espantado do sono corria lhe tanta postema da orelha, <u>que</u> o campo enchia, alçando se do chão deu <u>muitas</u> graças a Deos, e esta santa, e os <u>que hi</u> presentes <u>estauão</u> quando virom tal millagre. (235r)
<b>Total</b>	0	-
<b><i>Ende/en</i> pronome partitivo</b>	0	-

**TABELA 10**

Existem apenas dois casos em que o pronome oblíquo *i* é verdadeiramente anafórico, isto é, cujo antecedente está expresso anteriormente. Uma vez que *i* já não ocorria com valor pronominal no século XVII, é certo que estas duas atestações são vestígios da língua do original duocentista conservadas pelo copista durante o processo de cópia. Contudo, também se verifica que existem pelo menos seis casos em que o *i* não tem um antecedente claro. É difícil compreender se esses exemplos são atestações de *i* com valor pronominal ou adverbial (e lembre-se que este último também já teria sido substituído por *ái* no século XVII). Numa tentativa de contornar este impasse considerou-se o que esses seis casos (em anexo) tinham em comum:

- Ocorrem com *estar* (provavelmente *ser* no português antigo) como verbo principal que traduz propriedades transitórias de indivíduos;
- Ocorrem em orações subordinadas finitas afirmativas;
- São pré-verbais (tal como os clíticos em orações deste tipo);

<sup>21</sup> Os autores citados concordam que importa apenas analisar os casos de *i* e *en(de)* como formas isoladas porque quando ocorrem em locuções como *des i*, *per i*, *per i*, *por ende*, *por en*, têm comportamentos particulares.

<sup>22</sup> Excluíram-se os casos em que o pronome faz parte de uma locução (v. nota 21), mas os três exemplos em que isso acontece são apresentados no Anexo B (v. p. 423).

A primeira dúvida que se coloca é se no português antigo *i* teria algum comportamento particular com o verbo *ser* (com valor de “estar”), nomeadamente em orações subordinadas afirmativas. Alguns autores como Mattos e Silva (1994) afirmam que *i* tinha um comportamento diferente com o verbo *haver*, existindo uma diferença semântica entre “*haver hi*” e “*hi haver*” - o primeiro caso teria uma interpretação existencial e o segundo uma interpretação de posse. Contudo, Muidine prova que esta distinção não existe verdadeiramente, ou pelo menos que «não é o diferente posicionamento de *i* que determina o tipo de leitura existencial ou de posse [e que] o diferente tipo de leitura também não influencia o posicionamento do pronome *i*» (Muidine 2000:92). Apesar disso, a hipótese de Mattos e Silva legitima a pergunta acima colocada: terá *i* um comportamento diferente com o verbo *estar* (cuja função também era executada pelo verbo *ser* no século XIII)? Para tal, verificou-se a secção que Muidine dedica às orações subordinadas finitas afirmativas, e recolheram-se os casos em que *i* ocorre anteposto ao verbo *ser* (com valor de “estar”) ou ao verbo *estar*. Eliminados os casos em que estes verbos tinham funções auxiliares, restaram os seguintes exemplos:

(150)<sup>23</sup> e pollo dito escambho todallas vijnhas que o dito . Moesteiro ha ã AlfforneL termho de ljbõa . cõ ssa casa que **hi** esta e casarias . cõ ssas êtradas e ssajdas e sseus derejtos e perteeças e foros Assj cõmo as o ditto . Mosteiro . hj a E ffaça dellas toda ssa uoõtade cõme de sseu Auer (Lx, 1372, p.344)<sup>24</sup> (Muidine 2000:48)

(157) E logo ã este dia os dictos veedores chegaram Ao logar dãboroes que he na freguesia de sam Jurgo de uarzea e per suas pesoas e pees Apergarom cõ testemunhas e cõ Vasco martiz de padroso e cõ goncalo de cabreira que hj Andauõ por omes boos os logares que **hj** está do mosteiro de põbeiro (NO, 1414, p.400) (Muidine 2000:49)

(219) derom e outorgarom a velentím guilhelme e a María anes sa molher moradores da dita Cidade na freguesia de santiago que **hy** presentes estauã hũa vinha e oliual (Lx, 1383, p.357) (Muidine 2000:57)<sup>25</sup>

Em Teyssier (1981) encontra-se apenas um exemplo de *i* com valor pronominal neste contexto, exemplo esse retirado de um texto literário:

(1)<sup>26</sup> «Ca el mandou logo prender em Sevilha todollos mercadores catellaãaes que hi eram» (18.34) [Teyssier 1981:24. Exemplo retirado *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes (século XV)]

Ao contrário dos seis casos de antecedente pouco claro que se atestam com *estar* nesta cópia seiscentista, os sete casos registados por Muidine (2000) onde *i* ocorre anteposto ao verbo *ser* (com valor semântico do *estar* actual) em orações subordinadas finitas afirmativas têm todos antecedentes identificáveis. Assim, Muidine e Teyssier não só não identificam nenhum

<sup>23</sup> Esta numeração remete para a utilizada por Soraia Aboo Muidine no trabalho citado.

<sup>24</sup> Esta página refere-se ao trabalho de Martins (1994), utilizado em Muidine (2000).

<sup>25</sup> Como este caso em que há um elemento interpolado entre o pronome e o verbo, a autora apresenta mais quatro exemplos ((220), (221), (224) e (226), Muidine 2000:57).

<sup>26</sup> A numeração destes exemplos retirados de Teyssier (1981) não corresponde à do autor, nem à do anexo deste trabalho, servindo apenas a organização interna desta secção do presente capítulo.



comportamento particular de *i* com o verbo *ser* (para propriedades transitórias) ou com o verbo *estar*, como os exemplos que apresentam nesta categoria de orações subordinadas (apesar de poucos) mostram que tinha um comportamento perfeitamente regular com esses verbos. Assim, restam apenas duas hipóteses para explicar estes seis exemplos de *i* sem antecedente claro:

- são casos que escaparam ao copista seiscentista porque este não os soube interpretar, deturpando a sua ligação ao antecedente (antecedente esse necessário ao *i* com valor pronominal, característico do português antigo);
- são casos que já ocorriam no original duocentista, e que escaparam à modernização do copista de G1 (de acordo com a hipótese pouco sólida de Teyssier (1981:16), segundo a qual existiram atestações de *i* ainda pronominal cujo antecedente parece ser absolutamente indefinido, ambíguo e incerto que corresponde a uma «abstração pura»).

Para verificar se estes seis casos ilustram alguma intervenção de Mesquita na língua do seu modelo, resta notar que o pronome *en(de)*, que desaparece da língua no século XV (mas que decerto ocorreria no arquétipo duocentista da *VSSB*) nunca ocorre nesta cópia. Este é o primeiro vestígio de que este copista interveio no número de ocorrências destes pronomes oblíquos, cuja utilização é característica da língua do século XIII. Para averiguar esta hipótese recolheram-se alguns substitutos de *i* e de *en(de)* que podem ter sido introduzidos pelo copista desta cópia de 1620-1645<sup>27</sup>, e cuja frequência pode denunciar o seu grau de conservação:

Substitutos de <i>i</i>		
	Número de Ocorrências	Exemplos
<b><i>Aí</i></b>	2	(13) e loguo o braço deu hum estouro, que quantos <b>hai</b> estauão fiquarom espantados (235r)
<b><i>A + pronome</i></b>	5	(14) e por esto non curaua da terceira <u>igreja</u> , nem hia folguar <b>a ella</b> assi como as outras. (216r)
<b><i>Em + pronome</i></b>	21	(19) e dezia ainda o dito seu padre, se se passar dũa igreja pera a outra de tempo en tempo, a moça podera milhor perseuerar en este <u>propoimento</u> <i>que</i> ia começou, e acabara <b>en elle</b> , (215v)
Substitutos de <i>En(de)</i>		
	Número de Ocorrências	Exemplos
<b><i>De + pronome</i></b>	8	(41) ca tu <i>senhor</i> sabes o meu deseio, e <i>senhor</i> olha polla <u>tua serua</u> , e quello <i>senhor</i> <i>que</i> tu <b>della</b> quiseres fazer com misericordia, (213v) (48) <u>Os quaes liuros ella aprendeo en espaço de hum ano, o <i>que</i> era gran marauilha, e os soube todos de cor, e outrosi a regra de são Bento de cuia Ordem ella era, toda a leo e soube de cor, e entendia mui bem, e desto</u> se non deue nenhũ de marauilhar, (216v)

**TABELA 11**

<sup>27</sup> Para a leitura dos dados recolhidos é preciso ter em conta não só que nem sempre os possíveis substitutos de *i* e *en(de)* tinham de ser colocados exactamente onde estes pronomes ocorriam, mas também que muitas vezes eram trocados por categorias vazias - diminuindo assim a possibilidade de encontrar constituintes que tenham eventualmente sido introduzidos no seu lugar.

Como se verifica na Tabela 11, existem duas atestações de *ái* (inexistente no século XIII) que ilustram a ligeira intervenção da língua do copista no testemunho G1. Quanto ao resto da informação recolhida, apesar de todos os possíveis substitutos de *i* e *en(de)* terem sido desde sempre formas concorrentes destes pronomes, a verdade é que sua frequência só suplanta a ocorrência dos ditos pronomes quando estes deixam de ser comuns na língua. Assim, 26 casos de possíveis substitutos de *i* e oito casos de possíveis substitutos de *en(de)* podem não ter sido necessariamente introduzidos no texto pelo copista seiscentista, mas essa dominância face à frequência mínima de *i* com valor pronominal e à inexistência de *en(de)* apontam para um elevado grau de modernização linguística quanto a esta característica. Além disso, embora estes dados não esclareçam o significado dos seis casos de *i* sem antecedente claro, talvez se possa considerar a hipótese de Teyssier (1981), de acordo com a qual existiram atestações de *i* com valor pronominal, mas com antecedente indefinido e abstracto, ou até correspondente a um lugar muito vago e indeterminado (com um valor semelhante ao francês “par lá”). Vejam-se os seguintes exemplos:

(2) «Depois que usan a falar com eles, tanto he o prazer que **hi** recebem que se non podem partir de sas falas» (3.16.55) (Teyssier (1981), p. 16. Exemplo retirado dos *Diálogos de S. Gregório* (século XIV))

(3) «Diz nossa ama/ que estaa **hi** o mestre esperando» (RUB 1384-1385) (Teyssier (1981), p.33. Exemplo retirado da obra de Gil Vicente (século XVI))

Note-se que estes dois exemplos de Teyssier (1981) são de séculos diferentes: o primeiro do século XIV e o segundo do século XV. Na verdade, no segundo caso (ex. (3)) a proposta de existência de um *i* ainda pronominal com um antecedente indeterminado é mais fácil de compreender, visto que no século XVI surgiriam as primeiras ocorrências de *ái* e, consequentemente, *i* perderia o seu valor pronominal (podendo esta ser uma fase intermédia do processo evolutivo). Contudo, independentemente disso, no século XVII já só se esperaria a utilização de *i* com valor adverbial ou mesmo apenas de *ái*. Mais interessante é a sugestão de Teyssier segundo a qual se encontram contextos no século XIV (e, talvez por isso, até antes) em que *i* ainda tem um valor pronominal anafórico, mas o seu antecedente é uma abstracção. Apesar de Teyssier (1981) não progredir muito nesta possibilidade, fundamentando-a apenas com um único exemplo ((2) acima), a verdade é que todos os exemplos de *i* sem antecedente claro desta cópia parecem equivalentes a este. Desta forma, não se afasta a possibilidade de os seis casos recolhidos pertencerem à língua do modelo copiado (e da legenda original duocentista), e de o copista os ter conservado apenas por acaso (tal como terá acontecido quanto aos dois casos de *i* com antecedente expresso).

Em suma, e apesar de todas as dúvidas, perante a informação recolhida sobre as formas atestadas, as ocorrências de eventuais substitutos de *i* e *en(de)* nesta cópia, e qualquer que seja a justificação para os seis casos de *i* sem antecedente claro, parece possível traçar a hipótese (ainda que incerta) de que o copista seiscentista não conservou a ocorrência destes pronomes, mas a sua modernização também não foi sistemática. Assim, a análise de G1 não contribui para o estudo do português do século XIII, mas permite identificar elementos residuais desse estado da língua.

#### 1.4. PRONOMES RELATIVOS LOCATIVOS *U* E *ONDE*

Outra das características do português antigo, pertinente para a presente análise, era a coexistência do pronome relativo e interrogativo *onde* (que na altura tinha o valor semântico correspondente a “de onde”) e a sua forma fraca *u* (com valor semântico de “onde”). Sabe-se que *u* viria a desaparecer como pronome relativo e interrogativo a partir de meados do século XVI, restando apenas o pronome relativo *onde* que, daí em diante, já não se distinguiria semanticamente de mais nenhum pronome, limitando-se ao valor semântico de “onde”.

Visto que o sistema de pronomes relativos locativos sofreu mudanças do português antigo para o português clássico, então a ocorrência de *u/onde* é um parâmetro possivelmente indicativo do grau de conservadorismo com que o copista seiscentista terá realizado esta cópia da VSSB. Vejam-se, então, os seguintes dados recolhidos de G1:

Pronomes relativos locativos <i>U/ Onde</i>		
	Número de Ocorrências	Ocorrências
<b>U</b>	1	e chegou allij <b>hu</b> esta santa jaz (226v)
<b>Onde (“de onde”)</b>	1	e veio ataa o soar da porta, <b>onde</b> podesse ver a eira, (223r)
Onde (“onde”)	19	onde

TABELA 12

Note-se que a única ocorrência de *u* em G1 parece ser bastante indicativa face a 19 ocorrências de *onde* com o valor locativo que tem hoje. Na verdade, esperar-se-iam muito mais atestações da forma fraca *u* na legenda original redigida no século XIII, ocorrências essas que foram decerto eliminadas ou substituídas pelo copista do século XVII de G1. Assim, a única ocorrência de *u* é necessariamente um vestígio da língua duocentista, pois essa forma já não seria utilizada no século XVII. Além disso, no século XVII também já não seria utilizada a palavra *onde* como forma forte com valor semântico de “de onde” e, conseqüentemente, encontrar uma ocorrência desse valor é também um vestígio da língua duocentista que esta cópia conservou. Em contrapartida, note-se que as 19 ocorrências de *onde* actual apontam para um grau de

modernização relativamente elevado neste aspecto linguístico da cópia, uma vez que no arquétipo duocentista a utilização de *u* como a forma fraca com valor de “onde” seria certamente mais comum, e *onde* seria muito menos frequente (embora já ocorresse).

Assim, Mesquita parece ter sido pouco conservador quanto a esta particularidade linguística do texto que copiava, tornando a sua cópia pouco segura para um trabalho de caracterização da língua do século XIII quando substitui, pelo menos, parte das ocorrências *u* locativo da legenda original pelo pronome relativo locativo *onde* – único que tinha disponível na sua gramática. Essas 19 ocorrências de *onde* locativo também são prova de que a palavra já não tinha o valor semântico forte de “de onde”, e testemunho de que já não existia a forma fraca *u* correspondente a “onde”. Assim, a atestação de *u* em G1 também é, com certeza, apenas mais um traço residual da língua duocentista do arquétipo, uma vez que o copista já não o introduziria no texto por interferência (intencional ou acidental) do seu diassistema - quando muito conservá-lo-ia por lapso durante a modernização linguística quase sistemática que concretizara ao longo do processo de cópia. Ademais, se a única ocorrência de *u* tem o mesmo valor semântico que as 19 de *onde* locativo, isso é não só um argumento a favor da legenda primitiva da *VSSB* ter sido redigida no século XIII, mas também um argumento estatístico a favor da possibilidade de o copista ter interferido na língua do seu modelo, eliminando as formas fracas *u* que já não lhe eram naturais no século XVII.

Em suma, no que toca à atestação de *u/onde*, este apógrafo é pouco útil para o exame do português antigo, embora a ocorrência de *u* tenha necessariamente de ser um vestígio da língua desse período.

### 1.5. CONCORDÂNCIA NEGATIVA

No português do século XIII, de que é datável a legenda primitiva da *VSSB*, os indefinidos negativos (e as palavras negativas em geral) que se encontravam em posição pré-verbal não só podiam co-ocorrer com o marcador de negação frásica do português – *não* -, como até ao início do século XV o faziam de forma quase obrigatória. Esta característica do português antigo designa-se por *concordância negativa*, porque os indefinidos negativos/palavras negativas co-ocorrem com *não* na posição pré-verbal mas, e ao contrário do que acontece nas línguas de *dupla negação*<sup>28</sup>, essa co-ocorrência mantém o sentido da frase negativo.

---

<sup>28</sup> Por exemplo, o Latim era uma língua de *dupla negação*, isto é, uma língua em que na co-ocorrência de duas palavras com polaridade negativa, estas anulam-se num sentido afirmativo. Ex. *Nemo non videt*. (Ninguém não vê = “Toda a gente vê”).

Assim, a ocorrência deste fenómeno no apógrafo de 1620-1645 que aqui se analisa pode ser um indicador do grau de conservação da camada linguística duocentista do arquétipo da tradição. Para verificar o seu comportamento em G1, recolheram-se os indefinidos negativos/palavras negativas em posição pré-verbal e contabilizaram-se os casos em que há co-ocorrência com *não*. Obtiveram-se os seguintes resultados:

Indefinidos Negativos + <i>Jamais</i>		
	Com co-ocorrência com o marcador de negação <i>não</i> (Concordância Negativa)	Sem co-ocorrência com o marcador de negação <i>não</i>
Ocorrências em posição pré-verbal	9	3
Percentagem	75%	25%

**TABELA 13**

Se o copista responsável por este apógrafo seiscentista tivesse conservado totalmente a expressão deste aspecto sintáctico do original, esperar-se-ia encontrar uma percentagem de quase 100% de concordância negativa nos contextos em que os indefinidos negativos (ou as palavras negativas) ocorrem em posição pré-verbal. Se nove em 12 das ocorrências de indefinidos negativos e *jamais*<sup>29</sup> em posição pré-verbal correspondem a contextos em que existe concordância negativa, então esses 75% estão de acordo com a sintaxe do século XIII em que a concordância era quase obrigatória.

Contudo, em G1 também se registam três casos em que os indefinidos negativos surgem em posição pré-verbal mas não co-ocorrem com o marcador de negação frásica. Esses três casos correspondem a 25% do total de indefinidos negativos em posição pré-verbal, uma percentagem relativamente alta para um texto tão curto. Dado que é muito pouco provável que três em 12 casos sejam representativos dos raros lugares em que a concordância negativa não se concretizava no português antigo, então é possível considerar que estes 25% ilustram a sintaxe do copista do século XVII, pois é certo que a partir de meados do século XVI os indefinidos negativos

<sup>29</sup> Neste conjunto de *palavras negativas* não se incluiu a palavra *nunca* (nem se contabilizaram as ocorrências de *jamais* que co-ocorrem com *nunca*), porque é uma palavra negativa que, ao longo da história do português, parece ter tido comportamentos excepcionais em diversos contextos. Além disso, se se contabilizassem esses casos, certo é que não seriam dados suficientes para assegurar os resultados obtidos. Também não se contabilizou nenhuma das ocorrências da palavra negativa *nem* porque, tendo de excluir os casos pouco claros em que a palavra ocorre em circunstâncias de coordenação com poucos constituintes, os restantes exemplos também suscitariam problemas não só porque se sabe pouco sobre o comportamento desta palavra nestes contextos, mas também porque não existiria nenhum termo de comparação com o qual analisar os dados recolhidos.

nesta posição podiam co-ocorrer com *não*, mas já de forma manifestamente opcional. Assim, a existência de três exemplos em que o indefinido negativo pré-verbal não co-ocorre com o marcador de negação frásica pode ser um vestígio da interferência da gramática do copista no texto que copiava.

Apesar disso, convém salientar que 75% de concordância negativa preservada em G1 é não só argumento a favor da datação da legenda original da VSSB, mas é também uma percentagem que favorece a hipótese de Pedro de Mesquita ter tido uma postura conservadora quanto a este aspecto linguístico, pois no século XVII o fenómeno já não ocorreria, nem de forma opcional. Assim, os três casos onde não há concordância negativa são provavelmente lapsos de um copista que deixou que a sua gramática interferisse na cópia esporadicamente. Da mesma forma, o testemunho G1 parece ser bastante conservador quanto a esta particularidade da gramática duocentista e os nove exemplos de concordância negativa são, sem dúvida, vestígios da língua do século XIII que argumentam a favor da legenda original da VSSB ser datável desse século.

## 1.6. CONJUNÇÃO *Ca*

No português antigo a conjunção *ca* introduzia orações explicativas/causais, completivas e comparativas. Esta palavra é, por si só, característica do português antigo visto que, e como é possível verificar no Corpus do Português, as suas atestações parecem dominar nos séculos XIV e XV, e que no decorrer do século XVI se regista um enorme decréscimo da sua frequência, acabando por cair em desuso<sup>30</sup>. À medida que a frequência de *ca* diminui ao longo da história da língua, esta conjunção viria a ser lentamente substituída por *porque* e *pois* nas orações explicativas e causais (Martins 2013:2237) e por *que* nas orações completivas e comparativas.

Além disso, como afirma Mattos e Silva (2008), à medida que a sua frequência vai diminuindo, *ca* vai tomando sobretudo o valor causal/explicativo, sendo primeiro substituída nos seus valores completivos e comparativos e só muito mais tarde completamente «erradicada» do português. Diz a autora que «a conjunção explicativa *ca/qua* [é] muito frequente no português dos séculos XIII a XV», que ainda ocorre em muitos textos do século XVI (embora numa frequência já bem menor), e ainda acrescenta que «*ca* era empregado, no português arcaico, como conjunção integrante ou comparativa e como pronome relativo» (Mattos e Silva 2008:172). Contudo, conclui,

---

<sup>30</sup> Estas atestações referem-se apenas à forma gráfica *ca*, mais comum. A variante gráfica *qua* acaba por ter um comportamento diferente, segundo os dados obtidos no Corpus do Português, mas a sua frequência, apesar de também diminuir um pouco no século XVI, é representada por muito menos atestações que *ca*. A variante *qua* nunca se atesta nesta cópia da VSSB e também por isso não se tem em conta a sua frequência.

remetendo para o trabalho de Olinda (1991), que no século XIV *ca* «era preponderantemente explicativo, depois tornou-se quase exclusivamente explicativo, enquanto decaiu como comparativo e integrante ou como encadeador de narrativa»<sup>31</sup>.

A isto acrescentam-se as conclusões de Martins (2013), de acordo com as quais os textos arturianos portugueses apresentam tratamentos diferentes quanto à conservação ou inovação da utilização desta palavra pelos seus copistas. Por exemplo, a autora conclui que o copista da *Demanda do Santo Graal* (cópia do século XV) conserva plenamente os valores gramaticais de *ca* do português antigo, enquanto o copista do *Livro de José de Arimateia* (cópia do século XVI) «conserva apenas a função de conjunção explicativa», indiciando uma certa intervenção da sua língua nos casos de *ca* com valores completivos ou comparativos, certamente existentes no original duocentista do *Livro de José de Arimateia* (Martins 2013:2237).

Parece evidente que a atestação da conjunção *ca* em todos os seus valores primitivos é uma característica típica da língua do século XIII que pode ser indicativa da data de redacção de um dado texto ou do grau de conservadorismo linguístico de uma determinada cópia.

Recolhidas e classificadas as atestações desta conjunção, veja-se que das 48 ocorrências de *ca* atestadas em G1 (todas elas com a grafia <*ca*>) 45 são explicativas/causais (ex. (1)) - o que equivale a 93,8% das ocorrências. Contudo, as três restantes atestações correspondem a um caso de *ca* com valor completivo (ex. (46)) e a dois com valor comparativo (ex. (47)):

- (1) Esta bem auenturada santa, porque Deos fas muitos milagres, tam solamente non a deuemos chamar Virgem, mas digo uos, que inda a deuemos chamar Virgem e martir . **Ca** ella martirizou o seu corpo, como vos adiante direi pello amor de Jesu christo . (211r)
- (46) non quedaua de dizer muito ameude a esta santa virgem, **ca** castidade e a virgindade do corpo, que he hũa cousa mui fermosa e santa, e sacrificio de que se Deos muito paguaua, (212v)
- (47) Ca bem sabedes que moor marteiro he aquelle que ho homen sofre por Deos muitas vezes, e per muitos tempos, **ca** o que sofre marteiro hũa hora soo, (211r)

Dado que no século XVII as já pouco frequentes ocorrências de *ca* seriam explicativas/causais, estas três atestações dos outros dois valores gramaticais da conjunção são certamente vestígios da língua da legenda duocentista que o copista seiscentista conservou do arquétipo da tradição. A par disso, é de salientar que a dominância de *ca* com valor explicativo/causal também é, no fundo, uma conservação do copista, visto que, embora *ca* ainda

---

<sup>31</sup> Mattos e Silva (2008:173). Note-se que, para a autora, como «encadeador de narrativa» *ca* alternava com *pois*.

ocorresse com esse valor no século XVII, é muito improvável que Pedro de Mesquita a tivesse introduzido em lugares do texto onde não existia no modelo.

Contudo, as baixas percentagens de *ca* completivo (2,1%) e comparativo (4,1%) também sugerem uma provável intervenção da gramática do copista na cópia, uma vez que se esperaria muito mais atestações de *ca* com estes valores semânticos num texto redigido no século XIII. Assim, Mesquita não deve ter alterado a utilização e ocorrência de *ca* explicativo/causal no texto que copiava (que talvez lhe fosse menos estranho), mas terá substituído *ca* completivo e comparativo por outras conjunções ainda hoje típicas dessas orações (exs. *porque* e *que*) ou até por outros conectores em nada semelhantes. Só uma atitude modernizadora como esta explicaria a atestação de apenas três casos de *ca* não explicativo/causal que só parecem sobreviver nesta cópia por lapso de um copista que os deixou escapar à sua uniformização.

Em suma, quanto a este aspecto linguístico, a cópia de 1620-1645 da VSSB não parece ter conservado a utilização da conjunção *ca* característica da gramática do século XIII. O copista modernizou esta característica, mas não o fez de forma sistemática. Deste modo, e apesar de três atestações dos valores gramaticais primitivos desta conjunção serem argumento a favor do arquétipo da tradição ser datável do século XIII, esta cópia seiscentista é pouco útil para o estudo do português duocentista.

### **1.7. -d- INTERVOCÁLICO NAS FORMAS DA 2ª PESSOA DO PLURAL**

O -t- intervocálico da terminação da segunda pessoa do plural do tempos verbais activos da língua latina sonorizou para -d- na passagem para o português (em todos os tempos à excepção do pretérito imperfeito). Assim, o que em latim era AMATIS passou a *amades* no português antigo. Este -d- intervocálico no morfema pessoa-número tornar-se-ia uma característica do português antigo porque viria a sincopar entre o português antigo e o médio, fenómeno esse que Bechara (1991:70) caracteriza como «balizador por excelência».

Unindo os trabalhos de Williams (1986), Azevedo Ferreira (1987), Mattos e Silva (1989), Maia (1997), Carvalho (1996), entre outros, Carneira (2005) conclui que a ocorrência de formas sincopadas demonstra, segundo estes autores, que o estudo da síncope deste -d- intervocálico deve ser feito com base num *corpus* alargado que permita apurar conclusões mais precisas<sup>32</sup> e que inclua um período do início do século XIV até ao início do século XVI. A autora também conclui que

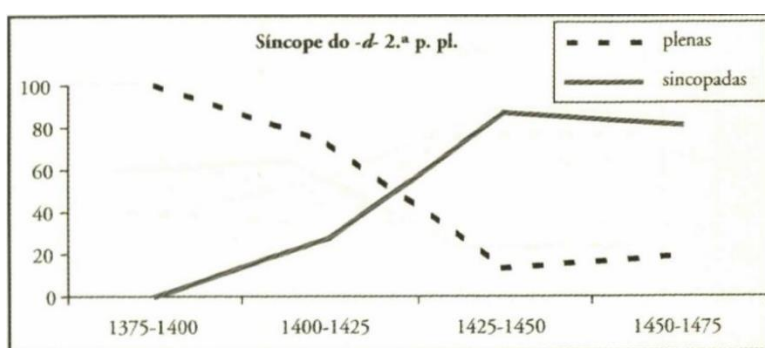
---

<sup>32</sup> Esta observação vale para a análise de quase todos os aspectos trabalhados pela linguística histórica e para todos os dados de referência utilizados. Naturalmente, quanto maior o *corpus* utilizado, maior o número de ocorrências recolhidas e mais precisos os resultados.



se as formas sincopadas ocorrem isoladas no século XIV, ainda que esporadicamente, isso impede-nos de excluir a hipótese do apagamento desta característica do português antigo ter ocorrido na viragem do século XIII para o XIV. No entanto, em última instância, a pergunta de Cardeira é a seguinte: «se formas sincopadas existiam apenas como variantes esporádicas das formas plenas, em que momento começa essa variação a generalizar-se? E quando começa a inverter-se a frequência de utilização de cada uma das variantes?» (Cardeira 2005:180).

Assim, aos dados obtidos pelos autores mencionados, Cardeira acrescenta os resultados da pesquisa no seu *corpus*<sup>33</sup> e, além de analisar as diferentes propostas de evolução desta mudança morfológica (discutindo-as, comentando-as e apresentando as diferentes grafias expectáveis durante o processo), conclui que a aplicação da regra do apagamento de *-d-* intervocálico na segunda pessoa do plural, na documentação em causa, ainda se regista de forma esporádica na segunda metade do século XIV. Por fim, afirma que, apesar de ser possível encontrar algumas formas sincopadas isoladas nos finais do século XIII, é entre 1410 e 1430 que «a percentagem de formas sincopadas aumenta e passa a suplantiar a de formas plenas» (Cardeira 2005:277). Veja-se o Gráfico 2:



**GRÁFICO 2.**

Formas plenas e sincopadas: percentagem (Cardeira 2005:277)

Utilizando-se os pressupostos mencionados como ponto de referência, classifique-se agora o nível de conservadorismo linguístico da cópia seiscentista G1 da *VSSB*, comparando a percentagem de formas com *-d-* intervocálico recolhidas deste apógrafo com a de formas sincopadas na Tabela 14.

<sup>33</sup> O *corpus* de Cardeira (2005), que será várias vezes referido neste capítulo, é composto pelos seguintes textos: *Livro da Cartuxa*, *Vidas de Santos*, *Documentos Notariais: Noroeste e Lisboa*, *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, *Actas das Vereações de Loulé e Capítulos de Cortes*.

Morfema da 2ª pessoa do plural		
	Formas plenas	Formas sincopadas
Número de Ocorrências	14	0
Porcentagem	100%	0%

TABELA 14

Em primeiro lugar, note-se que todas as formas de segunda pessoa do plural da flexão verbal de G1 são formas com *-d-* intervocálico. Visto que, e como mostra o Gráfico 2, o momento de inversão da tendência entre formas plenas com *-d-* intervocálico e formas sincopadas só ocorre na viragem do primeiro para o segundo quartel do século XV, então no século XVII, de que data o manuscrito em causa, esperar-se-ia que as formas sincopadas já dominassem sobre as formas plenas (dado que as suplantam a partir de 1430), ou até que já não se registasse nenhuma forma da segunda pessoa do plural com *-d-* intervocálico. Desta forma, 100% de formas plenas é uma percentagem que nunca poderia ilustrar a língua do copista do século XVII, na qual esperaríamos encontrar pelo menos alguma variação entre a atestação de formas plenas e sincopadas. Contudo, esta percentagem pode apontar para o século XIII, de que é datável a redacção da legenda original da *VSSB*, e em que se esperaria a total utilização de formas plenas (ainda o esperado para a primeira metade do século XIV).

Uma vez que na língua de Pedro de Mesquita, copista do século XVII, já não ocorreriam frequentemente formas de segunda pessoa do plural com *-d-* intervocálico, neste aspecto o testemunho G1 conservou totalmente o estrato linguístico do arquétipo do século XIII<sup>34</sup>. Deste modo, G1 parece útil para o estudo da língua duocentista, muito embora 14 casos de segunda pessoa do plural talvez não seja uma amostra muito significativa. Estes 14 exemplos com *-d-* intervocálico são prováveis vestígios da língua do século XIII que argumentam a favor do arquétipo da tradição ser datável dessa altura.

<sup>34</sup> Contra esta hipótese está a possibilidade de esta característica ainda ser aceitável na língua seiscentista de algumas zonas do Norte de Portugal (onde esta cópia certamente foi realizada). Se nessa região a utilização de *-d-* intervocálico integrou a língua durante mais tempo, há que considerar que os resultados obtidos possam não estar tão directamente relacionados com a expressão do português do século XIII. Para solucionar este problema seria necessário analisar a percentagem das ocorrências da segunda pessoa do plural em pelo menos mais alguns dos textos da mesma mão que copiou G1. Contudo, talvez nem assim se pudesse esclarecer totalmente o fenómeno, uma vez que, dado que nenhum desses textos é da autoria de Mesquita (ou não sendo possível assumi-lo), todos estariam sujeitos ao mesmo nível de incerteza quanto à postura do copista perante o aspecto linguístico em causa.

### 1.8. SISTEMA DE POSSESSIVOS – MA, TA, SA

O sistema de possessivos femininos do português antigo era bastante diferente do contemporâneo. No português antigo existiam as formas fracas, átonas<sup>35</sup> e proclíticas *ma, ta, sa*, a par das correspondentes formas fortes *minha, tua, sua*. À evolução deste sistema e, mais concretamente, ao desaparecimento destas formas fracas dos possessivos femininos dedica-se Cardeira (2005), afirmando que já na segunda metade século XIII as formas fortes *minha, tua* e *sua* começavam a dominar em função adjectiva.

No português antigo (até ao início do século XV) a eliminação das respectivas formas fracas já se encontrava em curso, tal como provam os resultados obtidos por Mattos e Silva (1989:175) segundo os quais se atestam apenas quatro ocorrências de *sua* para 261 de *sa(s)* nos *Diálogos de São Gregório* (século XIV), enquanto na versão de 1416 do mesmo texto há um significativo aumento do uso das formas tónicas. Também Cepeda (1962:175) e Maia (1994:60) dizem, respectivamente, que quer na *Imitação de Cristo* (segunda metade do século XV), quer no *Tratado de Tordesilhas* (final do século XV) já não se regista nenhuma ocorrência das formas fracas dos possessivos que aqui se analisa, muito embora Teyssier (1959:124) ainda encontre vestígios destas formas átonas no século XVI, no *Cancioneiro Geral* e em autos de Gil Vicente. A estes resultados Cardeira acrescenta os dados obtidos no seu *corpus* de trabalho (v. nota 33, p. 255), e apresenta as conclusões representadas nos Gráficos 3 e 4:

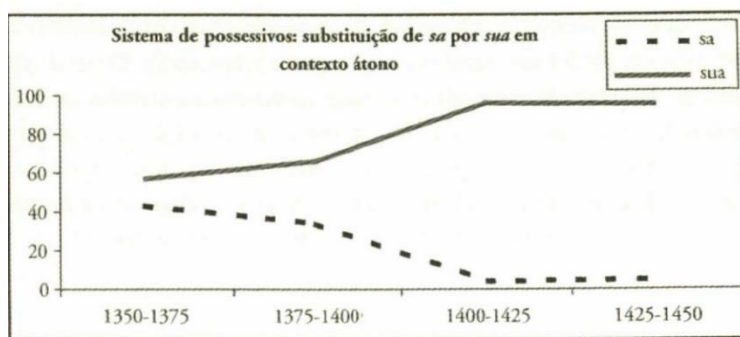


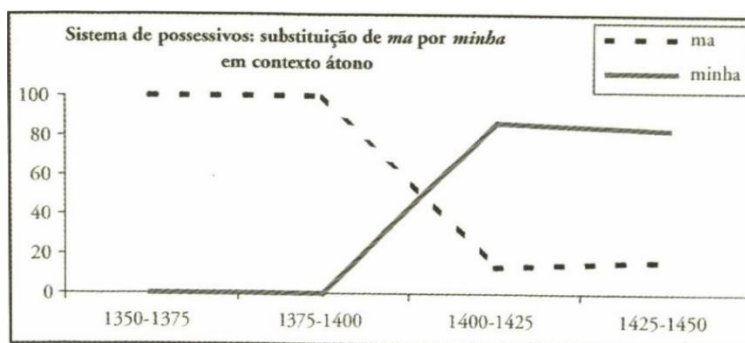
GRÁFICO 3.

Presença dos pronomes *sua* e *sa* com função adjectiva: percentagem (Cardeira 2005:283)

Como se pode ver no Gráfico 3, a autora conclui que, na análise dos documentos não literários do seu *corpus*, a inversão da tendência no uso das formas fracas e fortes dos pronomes possessivos femininos *sua* e *sa* já teria ocorrido antes de 1350. Entre 1350-1375 a forma tónica

<sup>35</sup> *Átonas*, isto é que precedem uma forma nominal acentuada com a qual formam uma única palavra fonológica.

*sua* suplanta *sa* e na primeira metade do século XV esta inversão está estabilizada. Apesar de realçar que os resultados obtidos para os textos literários parecem afastar-se um pouco do que acontece nos textos notariais, Cardeira também propõe que a utilização destas formas fracas em textos literários (nomeadamente no *Livro da Cartuxa* e nas *Vidas de Santos*) seja uma utilização de cariz estilístico: «se o pronome átono já tinha caído em desuso e era sentido como arcaísmo, a sua presença em determinado tipo de textos pode ser interpretada como intenção de introduzir no discurso uma certa solenidade [...]» (Cardeira 2005:183). Acrescenta ainda que «da presença das formas átonas *ta* e *sa* dos possessivos apenas em textos literários se pode [...] deduzir ser este um traço condicionado pelo género textual».



**GRÁFICO 4**

Presença dos pronomes *minha* e *ma* com função adjectiva nos *Documentos notariais dos Mosteiros do Noroeste e da região de Lisboa*: percentagem (Cardeira 2005:284)

Quanto à forma átona do possessivo feminino da primeira pessoa do singular (v. Gráfico 4), Cardeira encontra uma variação entre *ma(s)/minha(s)* que só se atesta na documentação notarial do Noroeste e Lisboa, mas que permite concluir que a frequência de *minha* em contexto átono aumenta ao longo da primeira metade do século XV, embora a alternância entre *ma* e *minha* continue a ocorrer depois disso. Já nos textos literários do seu *corpus*, a autora destaca que *minha* é sempre a única forma atestada do possessivo feminino de primeira pessoa – o que está de acordo com a possibilidade de que a escrita literária «já tinha abandonado a distinção entre o pronome átono e tónico na 1ª pessoa dos possessivos, ainda antes de 1350, eliminando a antiga variante *ma*» (Cardeira 2005:285).

Veja-se a Tabela 15, onde se registam os resultados obtidos da pesquisa dos pronomes possessivos femininos no testemunho G1 da VSSB.

Formas dos Pronomes Possessivos Femininos				
ma/minha				
	ma	mia	mã	minha
Número de Ocorrências	0	0	0	12
Percentagem	0%	0%	0%	100%
ta/tua				
	ta		tua	
Número de Ocorrências	0		20	
Percentagem	0%		100%	
sa/sua				
	sa		sua	
Número de Ocorrências	7		173	
Percentagem	3,8%		96,1%	

**TABELA 15**

Vejam-se primeiro as ocorrências das formas tônicas e átonas do possessivo feminino de terceira pessoa. Como se observa na Tabela 15, a percentagem de 96,1% da forma plena *sua* para apenas 3,8% de ocorrências da forma fraca *sa* apontam para o estado da língua do início do século XV. Contudo, nem a legenda original da *VSSB* nem o apógrafo G1 datam do século XV. Assim sendo, se no século XVII já não se espera a ocorrência de *sa* (a não ser de forma possivelmente esporádica), e, se no século XIII se esperaria encontrar uma percentagem de 40% da forma fraca para 60% da forma forte, então a divergência que se regista nesta cópia indica uma certa intervenção do copista na língua duocentista do texto que copiava.

Contudo, visto que esta percentagem de 96,1% de formas tônicas é separada da percentagem esperada no século XVII (+/- 100%) por apenas sete ocorrências de *sa* para 173 de *sua*, então é possível considerar que o copista modernizou grande parte desta utilização das formas dos possessivos femininos, e que as sete ocorrências de *sa* vestigiais são meros lapsos nessa sua intervenção – se o copista tivesse uma atitude conservadora, com certeza que se atestaria um número mais elevado de ocorrências de *sa*, uma vez que é muito improvável que o copista tivesse deixado que a sua língua interferisse acidentalmente em tantos lugares do texto (173). Neste aspecto o testemunho G1 da *VSSB* parece pouco conservador e, portanto, diz-nos pouco sobre a língua do século XIII. Contudo, as sete ocorrências de *sa* referidas já não poderiam pertencer à língua do século XVII e, portanto, são vestígios da língua duocentista que ajudam a datar a legenda primitiva desta Vida no século XIII.

Apesar de Cardeira (2005) não apresentar nenhum gráfico de referência para a evolução das formas *ta/tua* (uma vez que este possessivo feminino de segunda pessoa ocorre poucas vezes

nos textos), é expectável que a sua evolução seja relativamente semelhante à das formas *sa/sua*, ou seja, que ainda se esperasse a existência de *ta* no início (e talvez meio) do século XV, mas que daí em diante já não ocorresse (pelo menos de forma significativa). Assim, a exclusiva utilização da forma plena e tónica *tua* (e as 0 ocorrências de *ta*) em G1 é, provavelmente, mais um indício da intervenção linguística de Mesquita na língua do modelo que copiava. De facto, apesar de relativamente pouco frequente, no português duocentista *ta* decerto ocorreria com mais frequência, muito embora a percentagem pudesse não atingir os cerca de 40% de *sa* que se registam no século XIV. Desta forma, 0 atestações desta forma nesta cópia seiscentista é um sinal de que o copista poderá ter interferido na expressão deste possessivo da legenda original, substituindo por *tua* todas as poucas ocorrências de *ta*.

Por fim, e tal como seria esperado, não se atestou nenhuma das formas átonas e/ou intermédias *ma* e *mia* do possessivo feminino de primeira pessoa, uma vez que nos textos literários já só ocorria *minha* mesmo antes de 1350. Contudo, uma vez que a pesquisa em textos notariais do século XIV aponta para uma língua escrita em que só se utilizava *ma* (e não *minha*) (Gráfico 3), e dado que a redacção da *VSSB* é datável do século XIII, talvez ainda ocorresse *ma* nesse original (ou, pelo menos, alguma forma intermédia *mia* (*ma* > *mia* > *mãa/minha*) que atestasse o seu desaparecimento). Já que nos textos literários já não se atesta *ma*, pelo menos a partir da segunda metade do século XIV, então a inexistência desta forma em G1 é compatível com a língua literária do século XVII. Resiste a seguinte pergunta: existiria alguma forma *ma/mia* no original copiado que o copista tenha (deliberadamente ou não) substituído por *minha*? É impossível responder, dado que a mudança de *ma* para *minha* em textos literários também parece ter ocorrido na segunda metade do século XIII. Contudo, como o copista deste testemunho se revela pouco conservador em relação à utilização das restantes formas fracas dos possessivos femininos de um possuidor, talvez se possa supor que também o foi quanto a esta variação entre *ma/minha*. Apesar dessa eventual modernização poder ter sido motivada por uma característica da língua literária que, para Mesquita, já estaria estabelecida há bastante tempo, a verdade é que os resultados obtidos neste caso são inconclusivos quanto ao grau de conservadorismo do copista.

Outra característica do sistema de possessivos do português antigo seria a rara ocorrência de artigo definido antes do possessivo. Como esta particularidade só se generaliza a partir do século XVIII, uma cópia do século XVII poderia ainda apresentar grandes oscilações quanto à expressão deste aspecto – oscilações essas que seriam típicas da língua do copista e não necessariamente indicativas de uma atitude linguisticamente modernizadora ou conservadora. De

qualquer forma, e mesmo não tendo nenhum resultado de referência com que comparar a informação obtida, verificou-se que a ocorrência de artigo definido antes do possessivo é bastante frequente em G1, pelo menos para as formas dos possessivos femininos de um possuidor analisadas. Assim, embora no século XVII pudesse não ocorrer artigo definido antes do possessivo, no português antigo a ocorrência do artigo definido neste contexto seria rara e, portanto, a sua atestação nesta cópia seiscentista é mais um sinal da intervenção do copista na língua do texto copiado<sup>36</sup>. No entanto é interessante que pelo menos as suas sete ocorrências de *sa* façam parte dos casos minoritários em que não se atesta artigo definido antes do possessivo. Isso não só sugere que o copista conservou totalmente esses lugares do modelo, mas também que o fez de forma não controlada (dado que, como na maioria dos casos utiliza as formas fortes dos possessivos femininos de um possuidor, na maioria dos casos também usa o artigo definido).

Em suma, quanto à expressão do sistema de possessivos, o copista de G1 não é muito conservador e, conseqüentemente, este apógrafo é pouco útil para o estudo do português do século XIII. Já as ocorrências de *sa* são vestígios da língua duocentista e argumento a favor da datação sugerida para a legenda original da VSSB.

### 1.9. SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS – FORMAS SIMPLES E REFORÇADAS

O sistema de demonstrativos do português antigo integrava formas simples e formas reforçadas, pelo menos até ao início do século XV. A partir do século XVI começam a desaparecer as formas reforçadas nos pares *este/aqueste*, e o sistema começa a simplificar-se em direcção ao sistema actual, em que as únicas formas reforçadas sobreviventes são *aquel(e/a)* e *aquilo*.

Assim, a ocorrência de formas reforçadas *aqueste*, *aquesta* e *aquisto*<sup>37</sup> pode ser um indicador da fase da língua em que um texto foi escrito ou copiado.

---

<sup>36</sup> Solidificar esta hipótese implicaria confirmar esta frequência contabilizando não só o número de ocorrências do artigo definido antes dos possessivos femininos analisados, mas também antes dos possessivos masculinos de um possuidor e de todos os possessivos de vários possuidores. Desses casos separar-se-iam as construções de tipo pleonástico com especificação do possuidor (ex. *e loguo disse outrosi a sua ama da moça* (212v)), muito embora esta estrutura de reforço também não tenha registado uma evolução significativa até e ao longo do século XIV (Cardeira 2005:270). Também seria interessante verificar se os casos em que o artigo definido não é utilizado estariam de acordo com a hipótese de Maia (1986) segundo a qual o artigo só não é utilizado com substantivos pertencentes ao campo semântico da família. Não se aprofunda a questão nesta análise porque, uma vez que a data em que se estabiliza esta mudança (século XVIII) é posterior à data de G1 (1620-1645), os resultados não seriam precisos ao ponto de ilustrar a atitude do copista face aos vestígios da língua duocentista do modelo que copiava.

<sup>37</sup> De acordo com a classificação de Mattos Silva, estes são os pronomes demonstrativos com referência no campo do emissor. A estes acrescentam-se as correspondentes formas do plural, bem como os pronomes

Formas simples e reforçadas dos demonstrativos		
	Formas simples	Formas reforçadas
Número de Ocorrências	165	2
Porcentagem	98.8%	1.2%

**TABELA 16**

Na tabela 16 registam-se os resultados obtidos de G1. Como seria de esperar no século XVII, em G1 registam-se cerca de 98.8% de formas simples dos demonstrativos, visto que estas começam lentamente a dominar a partir de meados do século XV. Contudo, nesta mesma cópia existem duas ocorrências de formas reforçadas do demonstrativo feminino plural – *aquestas* - que podem ser prova de uma mudança linguística que ainda estaria em curso no século XVII, ou simples vestígios da língua do arquétipo duocentista onde ocorreriam formas reforçadas dos demonstrativos, pelo menos numa frequência mais equilibrada com a das formas simples.

Se é impossível determinar se o copista do século XVII conserva duas ocorrências de formas reforçadas porque ainda as aceita gramaticalmente como variantes das formas simples, ou se as mantém no texto por falta de rigor e sistematicidade na sua modernização, certo é que no século XVII dificilmente seriam introduzidas formas fortes dos demonstrativos no texto e, portanto, essas duas ocorrências de *aquestas* devem ser vestígios do estrato linguístico do século XIII. Ademais, também é provável que na legenda primitiva desta Vida muitos dos restantes 165 demonstrativos surgissem com formas reforçadas que o copista seiscentista substituiu por formas simples mais naturais na sua gramática.

Não é possível determinar com precisão se a conservação de duas ocorrências de *aquestas* ainda seria permitida pela gramática seiscentista ou se se explica por um simples lapso de Mesquita. Contudo, se é coerente que o copista não introduziria no texto apenas duas formas reforçadas do demonstrativo feminino e se estas formas podem ter sido conservadas do arquétipo, o peso de dois exemplos de formas reforçadas face a 165 casos de formas simples torna mais plausível considerar uma atitude modernizadora do copista que falhou em apenas em dois momentos. Assim, neste parâmetro G1 revela ser uma cópia muito pouco conservadora, e a utilização esmagadoramente dominante de formas simples dos pronomes demonstrativos expõe a intervenção do copista na língua do século XIII. Em contrapartida, as duas atestações de *aquestas* são obrigatoriamente conservadas do arquétipo.

---

com referência no campo do receptor (*aquesse, aquessa e aquisso*) e os pronomes fora destes campos (*aquela, aquela, aquilo*).



### 1.10. CONVERGÊNCIA DAS TERMINAÇÕES NASAIS EM [-ẽw]

No português antigo existiam três terminações nasais, cada uma delas derivada de uma terminação latina diferente e resultante da queda da consoante nasal etimológica que nasalizava a vogal que a antecedia nessa forma. A tabela 17 esquematiza essa evolução latim > português antigo.

Terminações Nasais		
Latim		
Substantivos	Flexão Verbal	Português Antigo
-ONE e -UDINE	-UNT e -UN	-õ
-ANE	-ANT	-ã
-ANU	-	-ão

**TABELA 17**  
(Cardeira 2005:113)

Quanto à flexão verbal também é importante sistematizar quais os tempos verbais que derivavam de cada terminação latina, de forma a poder classificar a terminação nasal de certas formas verbais de G1. Veja-se a Tabela 18 abaixo:

Evolução da Flexão Verbal	
Flexão Verbal Latina	Tempos Verbais do Português
-ÁNT	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente do Indicativo de <i>estar</i> e <i>dar</i></li> <li>• Futuro de todos os verbos</li> <li>• Presente do Indicativo dos verbos da 1ª conjugação<sup>38</sup></li> <li>• Imperfeito, Futuro do Pretérito e Pretérito Mais-que-Perfeito de todos os verbos</li> <li>• Presente do Conjuntivo da 2ª e 3ª conjugações</li> </ul>
-ANT	
-UNT	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente do Indicativo do verbo <i>ser</i></li> <li>• Pretérito Perfeito de todos os verbos</li> </ul>
-ÚM	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeira pessoa do singular no Presente do Indicativo do verbo <i>ser</i></li> </ul>

**TABELA 18**  
(Cardeira 2005:113)

Entre o século XV e meados do século XVI (e até talvez ainda no século XIII) estas terminações acabariam por convergir na terminação *-ão*. Esta mudança fonológica traduz-se na simplificação de um sistema de nasais finais composto por [-ẽ], [-õ], e [-ẽu] para um sistema resultante da convergência no ditongo nasal [-ẽw] que pode ter ocorrido devido a ditongação espontânea ou a ditongação por analogia com as palavras em <-ão><sup>39</sup>. Contudo, apesar de se tratar de uma mudança fonológica, a verdade é que o estudo desta evolução depende de um trabalho com a língua escrita, ou seja, um trabalho com aspectos grafemáticos que não têm necessariamente uma correspondência fonológica, já que não é possível ter certeza se a grafia de

<sup>38</sup> Inclui-se o Presente do Indicativo da 2ª conjugação, por analogia e assimilação com a vogal temática da 1ª conjugação.

<sup>39</sup> Sobre a discussão destas hipóteses formuladas para explicar a convergência destas terminações nasais em [-ẽw] veja-se Cardeira (2005:115-120).

um texto de uma dada época do português antigo representa necessariamente a língua falada nesse período<sup>40</sup>.

Esta mudança fonológica, que se parece operar entres os séculos XV e XVI, sugere que as terminações nasais referidas são características do português antigo porque já não se atestariam graficamente (pelo menos de forma tão sistemática e etimológica) no século XVII de que data o testemunho G1 da *VSSB*. Contudo, é necessário ter alguns cuidados na colocação deste problema. Na verdade, no século XIII seria expectável encontrar apenas grafias etimológicas para estas terminações nasais, visto que existiria uma grande diferença fonológica entre elas e isso espelhar-se-ia numa distinção clara das grafias utilizadas. O problema surge quando a mudança fonológica se começa a operar e as grafias reflectem a confusão entre as diferentes grafias etimológicas ou entre essas grafias e a grafia <-ão>. Assim, quando num texto se atestam grafias não etimológicas com <-õ>, <-ã> e <-ão> (e outras variantes gráficas linguisticamente semelhantes)<sup>41</sup>, não significa necessariamente que a mudança fonológica já se tivesse operado, mas pelo menos que já se iniciara ao ponto de o falante responsável pela redacção/cópia do texto já não reconhecer diversos sons e, conseqüentemente, não os distinguir por grafias diferentes.

Enquanto no século XIII se esperava registar apenas grafias etimológicas (ou, pelo menos, que as não etimológicas fossem escassas), no século XVII de que data a cópia G1, a convergência fonológica em [-ẽw] já se concretizara e, embora ainda fosse possível encontrar algumas grafias etimológicas, decerto dominariam as grafias não etimológicas. A presença destas últimas espelharia o facto de os falantes (neste caso o copista) também já não distinguirem os sons em causa.

Embora não ilustre o momento da inversão da tendência, confirmem-se os resultados esperados para o século XIII no Gráfico 5 da página seguinte.

---

<sup>40</sup> Utilizar-se-ão os símbolos referentes à grafia (< >) porque, embora se trate de um problema fonológico, os dados para os quais se remete são meramente gráficos.

<sup>41</sup> Utilizar-se-ão <-õ>, <-ã> e <-ão> como representações gerais das variantes gráficas (de cada uma delas) que se registam nesta cópia e que se distinguem devidamente no Anexo B (v. pp. 431-435). Assim <-ã> vale por <-an> e <-am> e <-õ> por <-on> e <-om>. Para <-ão> esta generalização não se aplica porque é a única grafia registada em G1.

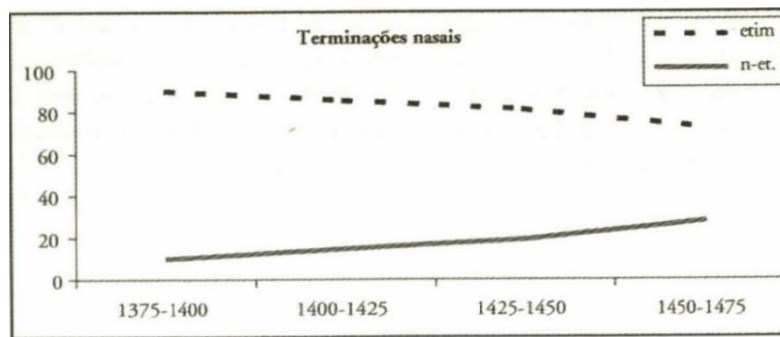


GRÁFICO 5

Grafias etimológicas e não etimológicas nas terminações nasais: percentagem (Cardeira 2005:277)

Recolhidas as variantes gráficas representativas das terminações em causa, e classificando-as como etimológicas ou não etimológicas, obtiveram-se os resultados da tabela 19:

Grafias das Terminações Nasais						
	<-õ> etimológico	<-õ> não etimológico	<-ã> etimológico	<-ã> não etimológico	<-ão> etimológico	<-ão> não etimológico
	Número total de terminações					
	540					
	Número de Ocorrências					
Substantivos	28	-	17	2	30	30
Adjectivos	-	-	5	-	8	-
Palavras Gramaticais <sup>42</sup>	163	-	10	-	-	36
Flexão Verbal <sup>43</sup>	89	-	24	6	-	92
Total	280	0	56	8	38	158
	Percentagem					
	51.9%	0%	10.4%	1.5%	7%	29.3%

TABELA 19<sup>44</sup>

No testemunho G1 atestam-se 374 grafias etimológicas para as terminações nasais - <-õ> (280), <-ã> (56) e <-ão> (38) - num total de 540 lugares onde estas terminações ocorrem. Isto corresponde a uma percentagem de cerca de 69.3% (51.9% + 10.4% + 7%) da totalidade das terminações nasais, ou seja, a uma grande maioria dos casos. Contudo, apesar de alta, esta percentagem não indica necessariamente o grau de conservadorismo do copista quanto à língua do modelo porque, embora essas grafias etimológicas certamente pertencessem à língua da legenda original duocentista, a verdade é que a sua presença nesta cópia seiscentista não assegura

<sup>42</sup> Inclui-se o advérbio de negação *não*, apresentado separadamente no Anexo B (v. p. 431-432).

<sup>43</sup> No Anexo B distinguem-se as formas do verbo *ser* dos outros verbos derivados de -UNT (v. pp. 431-432).

<sup>44</sup> Deste tabela excluíram-se as duas ocorrências da 3ª pessoa do plural no Presente do Indicativo do verbo *ir*, visto que a origem desta forma verbal é ainda controversa entre os linguistas. Assim, e como está expresso na tabela 9 do Anexo B (v. p. 435), nesta cópia da VSSB ainda se regista uma atestação de <vão> e uma de <vam>, que não entraram para as contagens acima apresentadas porque ilustram um caso particular para o qual se sugerem dois possíveis étimos diferentes: <vão> <VADUNT> e <vam> <VADENT>. Na incerteza a respeito do étimo desta forma verbal, não é possível classificar as grafias atestadas e, consequentemente, é mais seguro não contabilizar o exemplo.

que no século XVII ainda não tivesse ocorrido a convergência fonológica em [-ẽw], podendo significar apenas que na língua oral a convergência já tinha ocorrido, mas que a língua escrita não o reflectia.

Interessante é a existência de 158 atestações (29.3%) de grafias não etimológicas em <-ão>. Isso demonstra que a convergência em [-ẽw] influenciou a língua escrita desta cópia e, conseqüentemente, que estas grafias não etimológicas em <-ão> são indícios de que a língua do copista do século XVII interferiu na língua do texto que copiava. A esta percentagem de 29.3% de grafias <-ão> acrescentam-se oito casos (1.5%) de grafias <-ã>, também não etimológicas, que ilustram a confusão entre a etimologia de palavras com terminação <-õ> e <-ã>. Se no século XIII se esperava uma percentagem irrelevante de grafias não etimológicas nas terminações nasais, a percentagem significativa de grafias não etimológicas que aqui se atesta sugere uma intervenção da convergência em [-ẽw] na língua do modelo que Mesquita copiava.

Apesar de Cardeira (2005) não apresentar valores de referência para a percentagem de grafias etimológicas *versus* não etimológicas no século XVII, a verdade é que a convergência em [-ẽw] decerto já estaria terminada, mesmo que a grafia continuasse a ser predominantemente etimológica. Contudo, quanto mais estabilizada estiver esta convergência fonológica, mais se espera que a grafia seja cada vez menos etimológica. Posto isto, talvez 29.3% seja uma percentagem menos elevada do que a esperada para as grafias não etimológicas no século XVII, o que, associado à percentagem elevada de grafias etimológicas, talvez aponte para uma atitude relativamente conservadora deste copista seiscentista.

Uma vez que não é coerente considerar que o copista tentasse ser conservador (isto é, soubesse como no século XIII se concretizavam fonologicamente estas terminações nasais), mas errasse nos oito casos em que se registam grafias não etimológicas em <-ã>, então só é válido pensar que esses oito exemplos são lapsos que provam como a língua do copista interferiu neste aspecto particular do português antigo. Esta hipótese é amparada pelos 158 exemplos de <-ão> não etimológico, e pelo facto de seis dos oito casos de <-ã> não etimológico ocorrerem em formas verbais do Pretérito Perfeito (ex. *foram*), quando a maioria dos verbos neste tempo apresenta uma grafia etimológica (76 casos, ex. *forom* (cinco)<sup>45</sup> e *foron* (um)) e outros 45 casos apresentam grafia não etimológica <-ão> (ex. *forão* (seis)). Além disso, os restantes dois casos de <-ã> não etimológico são dois substantivos com étimo em -ONE (ex. *toruam*, *razam*), mas a maioria dos substantivos com esta origem ocorre com a grafia etimológica <-õ> (28) e 19 casos ocorrem com a

---

<sup>45</sup> Entre parêntesis leia-se o número de ocorrências da palavra em itálico.

grafia não etimológica <-ão>. Estas notas parecem provar que as atestações da grafia não etimológica <-ã> são tão aleatórias que têm necessariamente de corresponder a erros do copista motivados por um estado da língua em que a expressão gráfica já não tinha correspondência com a fonológica. O mesmo se verifica quanto à maioria das grafias não etimológicas <-ão> porque quase todas as palavras desta categoria também se atestam com a sua grafia etimológica em G1 (ex. *oração* (seis) e *oraçom* (11); *tão* (oito) e *tam* (nove)), sobretudo em formas verbais como se pode confirmar em anexo (ex. *tomarão* (um) e *tomarom* (dois)).

Importa ainda salientar que as grafias etimológicas de <-ão> ocorrem com muito menos frequência (38) do que as grafias etimológicas em <-õ> (280) e <-ã> (56), o que argumenta contra a hipótese de esta convergência fonológica se ter operado por analogia com as palavras com grafia etimológica em <-ão>.

Em suma, embora seja impossível ter a certeza do grau de conservadorismo do copista quanto à língua (escrita) do século XIII, supõe-se que os 69.3% de grafias etimológicas são conservados do modelo pois, se assim não fosse, pelo menos a maior parte desta percentagem teria sido alterada para grafias não etimológicas. Com mais segurança é possível afirmar que os 30.8% de grafias não etimológicas (<-ão> e <-ã>) são resultado da interferência da língua do copista do século XVII (em que já teria ocorrido a convergência das terminações nasais em [-ẽw]). Uma vez que no século XVII se esperariam menos grafias etimológicas do que não etimológicas, e sendo incoerente considerar que o copista tivesse consciência desta diferença entre as realizações fonológicas da língua que copiava e as da sua, então talvez seja plausível afirmar que Mesquita foi relativamente conservador pelo menos quanto à grafia do seu modelo, interferindo apenas de forma não intencional. Assim, G1 pode ser útil para o estudo da língua do século XIII com as devidas reservas quanto à intervenção do copista e com consciência de que a distância entre a língua escrita e a língua oral torna as conclusões bastante incertas.

### **1.11. VALORES SEMÂNTICOS DE *SER/ESTAR* E *TER/HAVER***

Do português antigo ao contemporâneo a utilização dos verbos *ser* e *estar* e *ter* e *haver* como verbos principais sofreu algumas alterações que culminaram nos seus valores semânticos actuais: *ser* – traduz propriedades permanentes de indivíduos; *estar* – traduz propriedades transitórias de indivíduos; *ter* – verbo de posse; *haver* – verbo existencial. Como nem sempre estes verbos se limitaram a estas funções, a atestação das suas diferentes acepções ao longo da história

do português pode ser um parâmetro útil para a caracterização do grau de conservadorismo linguístico de um texto apógrafo.

### 1.11.1. Repartição dos papéis entre *ser/estar*

O verbo *ser* actual apresenta formas etimologicamente derivadas de dois paradigmas latinos distintos: ESSE e SEDERE. Na sua acepção mais antiga o verbo *ser* deste segundo paradigma significava ‘estar sentado’ (SEDERE > seer > ser) e o verbo *estar* significava ‘estar de pé’ (STARE > estar) (v. p. 277). No português antigo o verbo *ser*, como verbo principal, podia traduzir quer propriedades permanentes (como hoje), quer propriedades transitórias de indivíduos, isto é, podia ser utilizado em contextos hoje reservados à utilização do verbo *estar* (ex. *ser cansado* a par de *estar cansado*), verbo esse que nessa altura também já se atestava nessas circunstâncias.

Só a partir do século XV (e até meados do século XVI) é que se começa a dar a repartição dos papéis entre *ser* e *estar* e, por exemplo, *ser cansado* dá lugar a *estar cansado*. A estabilização do resultado desta repartição semântica ocorre no português clássico, ou seja, entre o século XVI e meados do século XVIII. Visto que este testemunho mais antigo da VSSB data de 1620-1645, então seria de esperar que a gramática do seu copista espelhasse uma repartição entre *ser* e *estar* já bastante definida. Contudo, como a legenda primitiva desta Vida é datável do século XIII, quando o verbo *ser* ainda podia concentrar as funções de *ser* e de *estar*, então o exame deste aspecto linguístico pode ser útil para a caracterização do grau de conservadorismo linguístico deste apógrafo. Vejam-se os resultados obtidos:

Repartição <i>Ser/Estar</i>		
	Número de Ocorrências	Exemplo
<b><i>Ser</i> – propriedades transitórias (“estar”)</b>	29	(1) A cabo de pouquo depois <i>que</i> ella nação, morreo sua madre, e <b>sendo</b> o dito conde seu padre desta virgem triste polla morte de sua molher (212r)
<b><i>Ser</i> – propriedades permanentes</b>	128	(30) Primeiramente uos diguo <i>que</i> esta virgem <b>foi</b> loguo de sua naçença santa, (211v)
<b><i>Estar</i> – propriedades transitórias</b>	38	(158) A qual foi tirada do proprio Original <i>que</i> <b>esta</b> en <i>santa</i> Senhorinha de Basto da Comarqua d’entre douro e minho. (211r)

TABELA 20

Em primeiro lugar, é necessário salientar que os 128 lugares em que *ser* traduz propriedades permanentes são, decerto, ocorrências conservadas do arquétipo da tradição, pois os contextos em que surgem eram os mesmos no português do século XIII e no português do século XVII, e, portanto, Mesquita não teria o que modernizar nesses casos. Mais curioso é o número de ocorrências de *ser* com o valor de *estar* em comparação com o número de ocorrências

de *estar*. Como no século XVII o verbo *estar* já tinha substituído *ser* em contextos como *ser cansado*, então estas 29 ocorrências de *ser* com o valor de *estar* são vestígios da língua duocentista e argumentam a favor da datação da legenda original deste texto.

Apesar de o copista ter conservado pelo menos 29 casos de *ser* como verbo utilizado para a expressão de propriedades transitórias, isso não é suficiente para analisar o grau de conservadorismo da cópia quanto a esse aspecto (embora se possa propor que, qualquer que tenha sido o seu nível de intervenção, terá sido certamente não intencional porque, de outro modo, o copista não deixaria escapar 29 casos por modernizar). Assim, comparem-se estas 29 atestações com as 38 em que ocorre o verbo *estar*. Como o verbo *estar* sempre existiu e foi sempre utilizado como representativo de estados transitórios (e como não é possível afirmar que no português antigo o verbo *ser* dominasse necessariamente sobre *estar* nesses contextos), isso significa que ainda que parte das 38 ocorrências de *estar* substituíssem *ser* nesta cópia, não seria possível confirmar o número de casos em que a hipótese era viável. Assim, não há forma de saber se o copista conservou maioritariamente a utilização *ser/estar*, porque não existem valores de referência que indiquem o que esperar da sua variação no português antigo. Só é seguro afirmar que os 29 casos de *ser* na qualificação de estados transitórios em G1 são vestígios de uma legenda original datável do século XIII. Então, a evolução de *ser/estar* não parece ajudar a classificar o grau de conservadorismo deste copista seiscentista e G1 mostra-se uma fonte pouco segura para o estudo desta repartição (mesmo que 29 casos pareça um número relativamente elevado de atestações conservadas para que o copista não as tenha modernizado apenas por lapso).

### **1.11.2. Verbo de posse - *Ter e Haver***

No português antigo, e até ao início do século XV, o verbo *haver* (do latim < HABERE) como verbo principal expressava posse ao mesmo tempo que era um verbo existencial e temporal. No português europeu actual *haver* é apenas um verbo existencial e temporal, enquanto o verbo de posse é, por excelência, o verbo *ter*. É ainda no português antigo que se começa a atestar a variação *haver/ter* como verbos de posse (embora comecem por ser utilizados para exprimir diferentes tipos de posse, v. nota 24, p. 441 do Anexo B), mas é só entre o século XV e meados do século XVI que a tendência começa gradualmente a apontar para a substituição de *haver* por *ter*, período durante o qual *ter* suplanta o seu antecedente. Esta alteração só ficará completamente estabilizada entre a segunda metade do século XVI e o século XVIII, quando *ter* passa a ser o único verbo atestado em contextos de posse e *haver*, como verbo principal, passa a ter apenas a função existencial/temporal que ainda hoje tem.

Este cenário evolutivo de *haver/ter* torna evidente a diferença entre a expressão desta variação linguística nos séculos XIII e XVII, cuja língua se analisa em G1:

Repartição <i>Haver/Ter</i>		
	Número de Ocorrências	Exemplo
<b><i>Haver</i> – verbo de posse</b>	49	(5) Loguo ben cedo pella manhã o padre foi ali onde estaua a <i>filha</i> , o qual a virgem bem auenturada reço com grande alegria porque <b><i>auia</i></b> reço do padre encorrer na sua ira (214v)
<b><i>Haver</i> – verbo existencial</b>	7	(50) E dizia lhe ainda que tal esposo como este, não <b><i>auia</i></b> semelhael en todo o mundo, (213r)
<b><i>Ter</i> – verbo de posse</b>	22	(57) Presentando lha sua ama, <i>que</i> a criaua, e <b><i>tendo</i></b> a nos braços, disse entom seu padre sospirando (212r)

**TABELA 21**

No português antigo o verbo *haver* já podia ter o valor existencial/temporal que tem hoje, e que dificilmente se confunde com o de posse. Então, comece-se por notar que nesta cópia as sete atestações de *haver* como verbo existencial/temporal podiam pertencer ao arquétipo duocentista, embora não sejam nem características do século XIII, nem do século XVII.

Quanto às ocorrências de *haver* como verbo de posse face às ocorrências de *ter* com o mesmo valor, os resultados são mais indicativos. Na realidade, embora no século XIII já se atestassem os primeiros casos esporádicos de *ter* como verbo de posse (por exemplo, em casos de posse de carácter transitório), a verdade é que na língua duocentista esperar-se-ia um domínio de *haver* nesses lugares. Por outro lado, no século XVII esperar-se-ia que *ter* fosse o único verbo de posse utilizado, uma vez que *haver* como verbo principal já teria apenas um valor existencial ou temporal. Assim, e como se confirma pela Tabela 21, 49 atestações de *haver* como verbo de posse para apenas sete ocorrências de *haver* existencial/temporal e 22 atestações de *ter* como verbo de posse mostram que, quanto a esta oscilação, Mesquita deixou que a sua língua interferisse nas particularidades linguísticas do seu modelo que não lhe eram naturais. Como no século XVII seria expectável encontrar *ter* em quase todos os contextos de posse deste texto (72 exemplos), e visto que *haver* já só teria funções de verbo existencial/temporal, então os 49 casos de *haver* possessivo são prováveis vestígios da legenda do século XIII que foram conservados durante a transmissão. Além disso, como no século XIII se esperaria que os casos de *ter* como verbo de posse fossem apenas esporádicos, então 22 casos talvez ultrapassassem o resultado esperado e, consequentemente, é possível deduzir que parte dessas ocorrências de *ter* tenham sido introduzidos pelo copista seiscentista como substitutos de *haver*. No entanto, o simples facto de 49 casos de *haver* como verbo de posse (a maioria dos contextos de posse) sobreviverem neste apógrafo de 1620-1645 mostra que o copista reconhecia esta utilização, mas sugere que a possível



parcela dos 22 casos de *ter* possessivo introduzidos em lugar de *haver* tenha resultado de uma intervenção não intencional de um copista que já escolhe preferencialmente *ter* nesses contextos. Se assim não fosse, decerto não sobreviveriam tantos casos de *haver* possessivo numa cópia seiscentista.

Em suma, o testemunho G1 da VSSB parece ser conservador quanto à utilização de *haver* e *ter* porque a intervenção de Mesquita não é sistemática. Em contrapartida, os 49 casos de *haver* como verbo principal não existencial/temporal são vestígios da língua duocentista que argumentam a favor da janela de datação proposta para a legenda primitiva do texto, e também são prova de que o copista quis conservar os diversos contextos em que o verbo era utilizado em fases anteriores da língua, embora não tenha sido capaz de o fazer de forma metódica. Este testemunho pode ser utilizado para o estudo linguístico da variação de *haver/ter* no século XIII com as devidas reservas.

### 1.12. VARIAÇÃO ENTRE AS TERMINAÇÕES PAROXÍTONAS –VIL/-VEL

No português contemporâneo os lexemas terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* nas formas do singular substituem o *-l* por *-is* nas formas do plural. O caso particular dos lexemas do singular terminados em *-il* transformam o *-l* em *-s* quando são oxítonos e a terminação *-il* em *-eis* quando são paroxítonos. No português antigo estes plurais formavam-se de forma ligeiramente diferente, como ilustra o seguinte esquema:

Plural dos Lexemas Terminados em <i>-al</i> , <i>-el</i> , <i>-ol</i> e <i>-ul</i>		
Latim	Português Antigo	Português Contemporâneo
-ALLES	-aes	-ais
-ELLES	-ees	-eis
-OLES	-oes	-ois
-ULES	-ues	-uis
-ĪLES	-ies > -iis	-is
-ĪLES	-iis, -ees, -is, -es	-eis

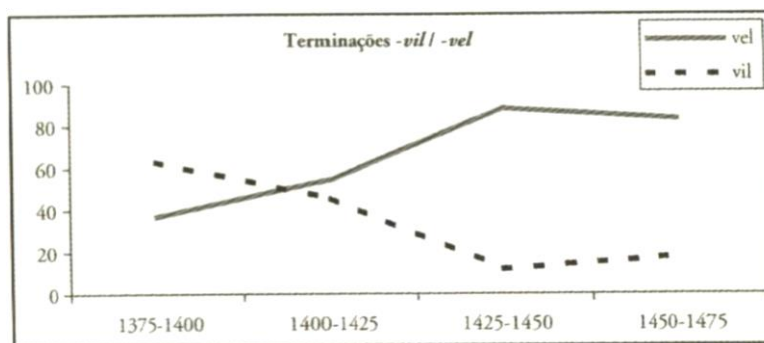
**TABELA 22**  
(Cardeira 2005:221)

O *-l-* intervocálico que estava presente em todas estas terminações latinas com o tempo acabaria por sincopar, criando hiatos. Esses hiatos viriam a ser dissolvidos, neste caso por ditongação, provavelmente entre o século XV e meados do século XVI (quando se resolvem os restantes hiatos do português), dando lugar aos ditongos que se registam nas formas plurais contemporâneas destes lexemas (na terceira coluna da tabela acima).

Com base nos resultados recolhidos do seu *corpus* e no trabalho de diversos autores, Cardeira (2005:222) tenta responder à seguinte questão: «Quando é que surgiram estes novos plurais?». Em primeiro lugar é preciso ter em conta que a evolução destes plurais se fez com base em dois processos - a *ditongação* e a *crase*<sup>46</sup> –, culminando em terminações de três tipos – 1) *-al*, *-el*, *-ol*, *-ul*; 2) *-il* oxítono e 3) em *-il* ou *-el* paroxítonos. Os casos 1) e 2) dissolveram-se por ditongação e por crase, respectivamente. Em 3) é de salientar que a oscilação <-is>/<-es> no plural talvez esteja relacionada com uma variação entre as terminações singulares *-vil* e *-vel* já existente no português antigo.

Esta variação *-vil/-vel* surge nas formas singulares derivadas dos étimos *-BĪLE* e *-BĪLE* (respectivamente), sendo que a distinção entre as evoluções naturais de cada um destes casos se fazia sobretudo pela expressão da quantidade da vogal *i*. Assim, depois da fricativização de [b] > [v] e da apócope de [e] final das formas latinas, *Ī* latino daria origem a [i] no português e *Ī* a [e]: *-BĪLE* > *-vil* (plural *-BĪLES* > *vees* > *ves/veis*) ; *-BĪLE* > *-vel* (plural *-BĪLES* > *viis* > *vis*)

Embora ambas as terminações sejam etimológicas, a variação entre elas aconteceu desde sempre, não só entre palavras com étimos e evoluções diferentes (*-BĪLE* *versus* *-BĪLE*), mas também em ocorrências da mesma palavra. No entanto, a terminação *-vil* viria a perder força, sendo gradualmente substituída por *-vel*, que hoje ocorre na maioria das palavras com o étimo – *BILLE*. Vejam-se os dados de Cardeira (2005) sobre esta substituição de *-vil* por *-vel*:



**GRÁFICO 6**

Terminações *-vil/-vel*: percentagem (Cardeira 2005: 279)

A substituição de *-vil* por *-vel* parece ocorrer no primeiro quartel do século XV, fixando-se logo em seguida, já entre 1425 e 1450. Note-se que quer antes quer depois do século XV ambas as

<sup>46</sup> *Ditongação* é o processo que transforma um hiato entre duas vogais de timbre diferente (e a 1ª é tónica e média) num complexo fonológico composto por uma vogal e uma semivogal, ex.: FOEDA > [fea] > [feja]. *Crise* é o processo que resolve um hiato entre duas vogais com o mesmo timbre, simplificando-o numa só vogal, ex.: LA(N)A > [lãa] > [lã].

formas ocorrem em variação, muito embora no português antigo se registasse uma variação muito mais equilibrada entre as duas terminações e a partir do final desse século a terminação singular *-vel* já suplantasse quase totalmente *-vil*. Assim, a variação *-vil/-vel* parece ter uma frequência particular no português antigo, podendo ajudar a distinguir as camadas linguísticas duocentista e seiscentista de G1 (v. a tabela 23).

Terminações <i>-vil/-vel</i>		
	Número de Ocorrências	Ocorrências
<i>-vil</i>	0	-
<i>-vel</i>	3	<i>semelhavel</i> (213r), <i>perduravel</i> (213r, 215r)
Plurais de <i>-il</i>	0	-

TABELA 23

Como seria de esperar num texto tão curto, os dados são escassos. Não se regista nenhuma ocorrência da forma plural das paroxítonas em *-il*, não sendo possível verificar se ocorria a oscilação entre <-is>/<-es> no plural deste lexema em *-l*. Contudo, atestam-se três formas com a terminação *-vel* face a 0 atestações da terminação paroxítona singular *-vil*.

Apesar de as três palavras em que se atesta a terminação *-vel* derivarem da terminação latina *-BĪLE* de que resulta naturalmente (*semelhável* < *SIMILIABĪLE*, *perdurável* < *PERDURABĪLE*), no português antigo sempre se registou variação *-vil/-vel* em qualquer uma delas<sup>47</sup>. Contudo, nesta cópia seiscentista da *VSSB* já só se registam formas em *-vel*. Quer isto dizer que, apesar deste universo de apenas três casos ser muito pouco significativo, no século de que é datável a legenda original desta *Vida* (XIII) seria possível (mas não expectável) que pelo menos uma delas ocorresse com a terminação *-vil*. Assim, embora se pudesse imaginar que este copista tivesse encontrado e modernizado pelo menos uma terminação *-vil*, a verdade é que não é possível ter a certeza que a totalidade de terminações paroxítonas em *-vel* de G1 ilustre necessariamente uma intervenção do copista na língua seu modelo, não só porque existem apenas três exemplos, mas também porque no português antigo se verificava uma variação equilibrada entre as terminações e não a dominância de *-vil*. Saliente-se ainda que, como sugerem os resultados de Cardeira (2005), a terminação *-vel* parece substituir *-vil* nos textos literários muito mais cedo do que nos textos

<sup>47</sup> *Semelhável* atesta-se em formas como *semellauéés* e *semellavil* (século XIII); *semellavel*, *semelhavel*, *semelhavil* e *ssemelhavel* (século XIV) (cf. Houaiss 2015). Cunha (2000) acrescenta *semelhavil* (século XIII). Já para *perdurável* atesta-se nas formas *perdurauil* (século XIII); *perduravel*, *perduravéés*, *perdurauil*, *perduravil* (século XIV) e *perduraavês* (século XV) (cf. Houaiss 2015), e ainda *perdurauil* (século XIII) (cf. Cunha 2000).

notariais<sup>48</sup> - assim no arquétipo da tradição talvez a variação *-vil/-vel* já não fosse assim tão equilibrada, pendendo para a dominância da terminação *-vel* como a que aqui se regista.

Ainda assim, a variação entre estas terminações paroxítonas não é útil para a datação da legenda primitiva da VSSB, nem permite classificar o grau de conservadorismo do copista seiscentista porque os dados obtidos são insuficientes, e porque é impossível corroborar a hipótese de, em textos literários, a substituição de *-vil* por *-vel* ter ocorrido mais cedo do que nos textos notariais. Como também não se atestam os possíveis plurais de *-il*, G1 é pouco útil para estudo desta característica duocensista.

### 1.13. PARTICÍPIOS PASSADOS DA 2ª CONJUGAÇÃO

Na passagem do latim clássico para o português antigo sobreviveram três conjugações verbais, sendo que a 2ª conjugação do português antigo foi o resultado de uma fusão da 2ª e 3ª conjugações latinas para a qual já havia tendência «ainda no latim vulgar» (Cardeira 2005:203). Essa 2ª conjugação no português antigo tinha a terminação *-udo* no particípio passado (como hoje tem, por exemplo, o castelhano), enquanto a 1ª e a 3ª conjugações tinham, respectivamente, as terminações *-ado* e *-ido*. Assim, o particípio passado dos verbos com origem na 1ª conjugação latina terminavam, no português antigo, em *-ado*, os verbos com origem na 4ª conjugação tinham terminação em *-ido* e os que derivavam da 2ª e 3ª conjugações latinas terminavam em *-udo*. Por analogia com as formas dos particípios passados em *-ido* dos verbos com vogal temática em *i*, a terminação *-udo* é substituída por *-ido* na 2ª conjugação, ao longo do século XV e até meados do XVI. Segundo Cardeira (2005:278) a terminação *-ido* torna-se mais frequente do que *-udo* no segundo quartel do século XV:

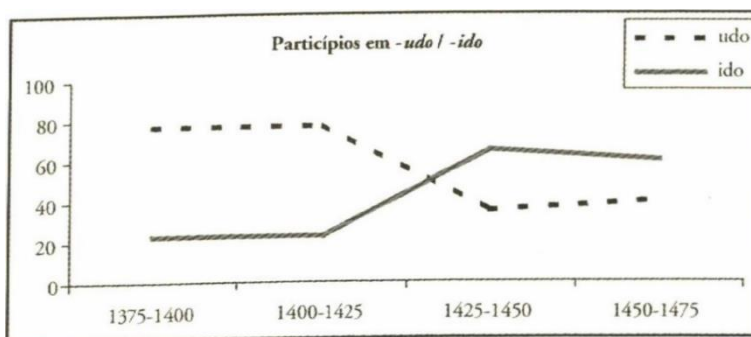


GRÁFICO 7

Particípios em *-udo/-ido*: percentagem (Cardeira 2005:278)

<sup>48</sup> Segundo Cardeira (2005), no *Livro da Cartuxa* (séc. XV) já não se atesta esta variação e todas as formas do singular (16) terminam em <-uel>. Nos documentos notariais de Noroeste e Lisboa esta variação ocorre e o ponto de viragem de *-vil* para *-vel* situa-se no final do séc. XIV, embora *-vel* só suplante *-vil* a meio do séc. XV.

A morfologia dos participípios passados da 2ª conjugação é, pois, um factor com um comportamento característico no português antigo e, conseqüentemente, pode ajudar a classificar os estratos linguísticos do testemunho de 1620-1645 da VSSB. Recolhidas todas as formas do participípio passado terminadas em *-udo* e em *-ido*, e seleccionadas as da 2ª conjugação (com vogal temática em *e*), obtiveram-se os resultados apresentados na tabela que se segue.

Participípios Passados da 2ª Conjugação		
	-udo(s) e -uda(s)	-ido(s) e -idas(s)
Número de Ocorrências	4	2
Percentagem	66,7%	33,3%

TABELA 24

No século XVII, de que data G1, esperar-se-ia encontrar participípios passados da 2ª conjugação apenas com terminação *-ido*, tal como no português actual. Em contrapartida, *-udo* seria a terminação que dominaria no século XIII, enquanto as terminações em *-ido* na 2ª conjugação ocorriam apenas de forma esporádica. Assim, a percentagem de 66,7% de participípios passados em *-udo* que se regista neste apógrafo parece apontar para o primeiro quartel do século XV quando a substituição de *-udo* por *-ido* já se começava a operar, mas a terminação *-ido* ainda não dominava sobre a mais antiga *-udo*. No entanto, nem a datação da legenda primitiva (século XIII) nem a data de G1 (século XVII) encaixam nesta janela temporal, o que indica que o copista deve ter deixado que a sua gramática interferisse no processo de cópia. Certo é que no século XVII já não ocorreriam participípios passados com terminação *-udo* e, portanto, como muito dificilmente o copista os introduziria no texto deliberadamente, as quatro formas atestadas (*perdudo* (duas), *estendudo* e *estendudos*) são vestígios do estrato linguístico duocentista conservados neste testemunho.

Além disso, as duas formas com terminação *-ido* atestadas (*metido* e *offrecida*) podem ser o resultado da intervenção da língua do copista seiscentista ou vestígio linguístico das raras formas em *-ido* que já ocorriam de ocasionalmente no século XIII. Apesar da incerteza, a segunda hipótese é a menos provável. De facto, a percentagem de 66,7% de formas antigas conservadas face a 33,3% de formas em *-ido* (apenas dois casos num total de seis) não favorece a hipótese de Mesquita se ter dedicado atentamente à modernização deste aspecto na cópia. Consequentemente, o mais provável é que tenha deixado que a sua língua interferisse no texto apenas em dois lugares aleatórios (note-se que *offrecida* ocorre no f. 216v e *metido* no f. 234v, com 15 fólhos de distância entre si).

Assim, o copista de G1 parece ter sido relativamente conservador quanto às formas do participio passado da 2ª conjugação, preservando a maioria das formas claramente pertencentes à língua do século XIII. Contudo, e embora as suas quatro ocorrências de *-udo* sejam vestígios do estrato linguístico duocentista que podem ajudar a datar a legenda original desta Vida pelo menos na primeira metade do século XV, esta cópia é pouco útil para o estudo desta característica do português antigo porque o número de ocorrências é muito reduzido.

#### **1.14. O LÉXICO NA CARACTERIZAÇÃO DE UM ESTADO DA LÍNGUA**

Não só os traços fonéticos, fonológicos e sintáticos podem ser usados para retratar o estado de uma língua e, conseqüentemente, servir como parâmetros indicativos da sua evolução. Como afirma Castro (2006), também existem indicadores morfológicos essenciais e, entre eles, o léxico é um dos mais úteis na classificação de determinada fase da língua, na datação de um texto ou na análise dos estratos linguísticos de um apógrafo.

Assim, a ocorrência de certas palavras no testemunho G1 da *VSSB* permite argumentar a favor da datação da redacção deste texto, mas não pode dizer muito sobre o grau de conservadorismo de Mesquita porque as atestações recolhidas não eliminam a possibilidade de este copista ter substituído algum vocabulário arcaico por outro mais comum no século XVII. Contudo, e dado que G1 não apresenta nenhum dos neologismos do século XV apresentados por Castro (2006:167-170), também não é possível sugerir que essa eventual atitude modernizadora do copista se tenha reflectido numa substituição de arcaísmos por palavras inexistentes no século XIII, impossíveis de ocorrer no arquétipo duocentista.

Em seguida vejam-se algumas palavras atestadas em G1 que podem ter sido conservadas da legenda original do texto. Esta lista de vocábulos resulta da reunião dos contributos sugeridos por Castro (2006), Sobral (2012) e Martins (2013)<sup>49</sup>. Vejam-se as quatro tabelas das páginas seguintes<sup>50</sup>:

---

<sup>49</sup> A dificuldade de ampliar esta secção reside na impossibilidade de precisar a data em que algumas palavras deixam de ser atestadas. Ademais, registam-se apenas as palavras dos trabalhos mencionados atestadas em G1, uma vez que nos interessa apenas demonstrar a forma como o copista seiscentista conservou alguns vocábulos típicos do português antigo que já não seriam utilizados no século XVII.

<sup>50</sup> Com um asterisco (\*) vão assinaladas as formas que, segundo Sobral (2012), deixam de se atestar no século XV (certamente úteis para situar a legenda original da *VSSB* antes dessa data). Com dois asteriscos (\*\*) assinalam-se os vocábulos/variantes que parecem remontar ao século XIII, de acordo com a mesma autora. Embora não se conheça o momento em que deixam de se atestar, conservam-se as restantes formas com a certeza de que já não ocorreriam frequentemente na língua do século XVII.

Formas Verbais				
	Número de Ocorrências	Ocorrências	Significado	Notas
ADUZER*	2	<i>aduze</i> <i>aduçera</i>	trazer, conduzir	Do latim < ADDUCERE, é uma forma atestada no século XIII (cf. Machado 1977).
ASSUAR/ ASSŪAR*	1	<i>assuou</i>	juntar, reunir	Do latim < SUB+UNUM (que forma AD-SUBUNARE). Atesta-se <i>assūar</i> no século XIII e <i>asuar</i> no século XIV (cf. Cunha 2000 e Houaiss 2015).
CATAR	1	<i>cactou</i>	buscar, procurar	Variante de <i>captar</i> (do latim < CAPTARE) que se atesta no século XIV. (cf. Machado 1977)
CHANTAR	1	<i>chantou</i>	plantar	Do latim < PLANTARE, atesta-se no século XIII (cf. Machado 1977).
CINGEO*	1	<i>cingeo bem</i> <i>seus lombos</i>		3ª pessoa do singular, Presente do Indicativo de <i>cingir</i> , por sua vez uma variante de <i>cingir</i> (do latim < CINGERE) atestada no século XIV (cf. Machado 1977).
EMENTAR*	1	<i>d'ementar</i>	relembrar, mencionar	Do latim < EMENTUM + <i>ar</i> . Atesta-se no século XIII (cf. Houaiss 2015).
ESPERTAR	1	<i>espertarom</i>	despertar, acordar	É uma variante de <i>despertar</i> (do latim < EXPERTUS + <i>ar</i> ) atestada no século XIII (cf. Houaiss 2015).
ESTAR	1	<i>estando</i>	estar de pé	Do latim < STARE (cf. Machado 1977)
MARTEIRAR	1	<i>marteirou</i>	aplicar martírio a alguém	Ver <i>marteiro</i> .
MEREZCER	1	<i>que ela</i> <i>merzca</i>		Variante de <i>merecer</i> (do latim < MERESCERE) atestada entre o século XIV e o XVI (cf. Machado 1977 e Houaiss 2015)
NEMBRAR	5	<i>nembrou</i> (3) <i>nembra</i> <i>nembrauam</i>	lembrar, recordar	Do latim < MEMORARE. Esta variante atesta-se nos séculos XIII e XIV como dominante, dando lugar a <i>lembrar</i> no século XV (cf. Machado 1977)
PARAR MENTES	1	<i>parando</i> <i>mentes</i>	prestar atenção a	No português antigo e médio o vocábulo <i>mente</i> (do latim < MENTIS) ocorria sobretudo nesta expressão verbal e com esta acepção (cf. Cunha 2000).
SACAR	1	<i>sacaua</i>	livrar, tirar	Do latim < SACARE.
SER	1	<i>sendo</i>	estar sentado	Do latim < SEDERE.
TRAGER	6	<i>trager</i> (5) <i>trageria</i>		Variante de <i>trazer</i> . De TRAGO veio TRAGERE, que por sua vez explica esta forma do português antigo <i>trager</i> (cf. Machado 1977).

TABELA 25

Substantivos				
	Número de Ocorrências	Ocorrências	Significado	Notas
ASTENÇA*	4	<i>astença</i> (2) <i>astença</i> <i>astências</i>		Variante antiga de <i>abstinência</i> (do latim < ABSTINENTIA) atestada no século XIII. <i>Abstinência</i> só é atestada a partir do século XIV (cf. Machado 1977 e Cunha 2000).
ARRAS	1	<i>arras</i>	aquilo que se dá em dote	Do latim < ARRAS, é uma palavra atestada no português já no século XI (cf. Machado 1977).
BEIÇOM**	2	<i>beiçom</i>		Variante antiga de <i>benção</i> (do latim < BENEDICTIONE) que é atestada no século XIII (cf. Machado 1977).
CUITA*	2	<i>cuita</i>	angústia, pena, mágoa	Variante de <i>coita</i> (substantivo derivado do verbo do latim vulgar < COCTARE), variante esta que se atesta no século XIII (embora já a par de <i>coita</i> ) e que só sobrevive até ao século XIV (cf. Machado 1977, Cunha 2000 e Houaiss 2015).
DOMA		<i>toda a quaresma a fora tres dias da Doma</i>	semana	De HEBDOMADA. <i>Domaa</i> atesta-se no século XIII, <i>doma</i> no século XIV e <i>domã</i> no século XV (cf. Machado 1977).
MADRE	24	<i>madre</i>	mãe	O uso deste vocábulo com a acepção de <i>mãe</i> chegou até ao século XVI (cf. Machado 1977). <i>Mãe</i> nunca ocorre nesta cópia.
MARTEIRO	16	<i>marteiro</i> (7) <i>marteiros</i> (9)	aquilo que sofre o mártir, pena, desgosto, paixão	Variante de <i>martírio</i> (do latim < MARTYRIUM), atestada no século XIII, tendo chegado até ao século XVI (cf. Machado 1977 e Cunha 2000).
MISSEGEIRO *	1	<i>missegeiros</i>		Variante de <i>mensageiro</i> atestada no século XV (cf. Machado 1977).
MUA*	5	<i>mua</i>		Variante de <i>mula</i> (do latim < MULA) atestada no século XIII (1267) (cf. Machado 1977 e Cunha 2000).
OBRADA*	8	<i>obrada</i> (2) <i>obradas</i> (6)	oferta ao santuário	-
PADRE	43	<i>padre</i>		Variante de <i>pai</i> (este atestado já no século XIII, mas só se vulgariza no século XVI) (cf. Machado 1977).
PRESSA	3	<i>pressa</i> (2) <i>pressas</i>	aflição	Atesta-se com esta acepção no século XIII (cf. Houaiss 2015).
SOLLAZ	1	<i>sollaz</i>	consolação, prazer, gozo, deleite	Do latim < SOLACIUM (SOLATIUM), esta palavra atesta-se no século XIII (cf. Cunha 2000 e Machado 1977).
TALANTE/ TALANTO	9	<i>talante</i> (2) <i>tallante</i> (5) <i>talanto</i> (2)	vontade, gosto, prazer,	Do latim < TALENTUM. Atesta-se <i>talante</i> no século XIII, <i>talâte</i> e <i>tallante</i> no século XIV e Duarte Nunes de Leão ainda inclui o vocábulo como corrente no século XV,



			desejo	século em que é atestado <i>talamte</i> (cf. Machado 1977 e Houaiss 2015).
TAMBO	3	<i>tambo</i>	tálamo, cama	Variante de <i>tálamo</i> (do latim < THALAMUS). <i>Tambo</i> vem de <i>taambo</i> , este último atestado no século XIV no <i>Orto do Esposo</i> (cf. Machado 1977 e Houaiss 2015).
TROO	1	<i>troo</i>	trovão (o som do trovão)	Variante de <i>trovão</i> (do latim < TURBO) que se atesta no século XIV (cf. Houaiss 2015).

**TABELA 26**

Adjectivos				
	Número de Ocorrências	Ocorrências	Significado	Notas
CUITADO*	1	<i>cuitados</i>		Variante de <i>coitado</i> que se atesta no século XIII (já a par de <i>coitado</i> ) e que ainda se atesta <i>cuytado</i> no século XIV (cf. Houaiss 2015).
ENTEJOSO*	1	<i>enteiosa</i>	entediante, sem interesse	Adjectivo derivado de <i>entejar</i> (do latim vulgar < INTAEDIARE) que, por sua vez, é a variante antiga de <i>entediado</i> atestada no século XIV (cf. Houaiss 2015).
QUITE	1	<i>quite</i>	livre	Com origem na expressão do latim jurídico < QUIETU, atesta-se no século XIII (1298) (cf. Machado 1977).
SANHUDO	2	<i>sanhudo</i>	estar irado, estar irritado contra alguém	Adjectivo derivado de <i>sanha</i> (do latim < INSANIA), e atestado nos séculos XIII e XIV (cf. Machado 1977 e Houaiss 2015).

**TABELA 27**

Palavras/Expressões Gramaticais				
	Número de Ocorrências	Ocorrências	Significado	Notas
AL	1	<i>al</i>	outra coisa, o mais, o resto	Pronome demonstrativo.
ASSI	55	<i>assi</i>		Forma antiga de <i>assim</i> (que não ocorre nesta cópia), do latim < AD SIC. <i>Assi</i> atesta-se até ao século XVII e <i>assim</i> só se atesta com frequência a partir desse século (cf. Machado 1977 e Cunha 2000).
U/HU	1	<i>hu</i>	onde	Pronome relativo e interrogativo. É a forma fraca de <i>onde</i> que no português antigo tinha o valor semântico de <i>para onde</i> .
HI	8 <sup>51</sup>	<i>hi</i>		Pronome oblíquo locativo equivalente a <i>em</i> + pronome.

<sup>51</sup> Excluíram-se os três casos (imediatamente abaixo neste quadro) em que o pronome *i* não ocorre isoladamente, mas sim numa locução. Contudo, porque no século XVII *i* pronominal/anafórico já não existia e *i* adverbial já tinha sido substituído por *aí*, incluíram-se os seis casos em que o antecedente de *i* não é claro e, portanto, não é possível dizer com certeza que tenha um valor anafórico.

DESI/DESSI/ DES HI	3	<i>desi</i> (2) <i>dessi</i> <i>des hi</i> (3)	desde aí, desde então, então, depois, logo	Locução adverbial.
DE CONSUUM, DE SÛÛ*	1	<i>de suu</i>	em conjunto	Advérbio de modo.
A CARON	1	<i>a corom do seu corpo</i>	ao lado, chegado ao corpo	Locução adverbial.
MEDES*	6	<i>medes</i>	mesmo/mes ma	Locução adverbial.
MAIS*	3	<i>mais</i>		Variante da conjunção adversativa <i>mas</i> (que, por sua vez, ocorre 19 vezes nesta cópia). <i>Mais</i> atesta-se no século XIII e vem do latim < MAGIS (partícula que era muitas vezes utilizada em contextos adversativos, e, conseqüentemente, ganhou esse valor) (cf. Houaiss 2015).
POR ENDE/ POR EM*	1	<i>por ende</i>	por isso, portanto, desse modo	Do latim < PER INDE.
COME**	23	<i>come</i>		Do latim < QUOMODO, esta variante da conjunção comparativa <i>como</i> atesta-se no século XIII (cf. Machado 1977).
ACO	2	<i>aco</i>		Forma dissimilada do advérbio de lugar <i>aqui</i> (do latim < HIC), atestada uma vez nesta cópia.
ALO/ALLO	4	<i>alo</i> <i>aloo</i> <i>allo</i> (2)		Formas redobradas e dissimiladas do advérbio de lugar <i>ali</i> (do latim < IBI), que tem seis ocorrências nesta cópia ( <i>ali</i> , <i>alli</i> (4) e <i>allij</i> ).

**TABELA 28**

Antes de mais destaquem-se as atestações de *estar* e *ser* com os seus valores semânticos primitivos equivalentes a “estar de pé” e “estar sentado”, respectivamente. Neste texto estes dois verbos encontram-se exactamente na mesma oração, cujo contexto permite assegurar o seu significado:

- (1) se por uentura te alçares de noite, e quiseses rezar estando en gíolhos, loguo te a carne dira sandia assenta te, ca faras a Deos oração **sendo** come **estando** (219r)

Veja-se também a ocorrência da expressão *a carom*. Mesquita, para quem a expressão já não é natural, copia-a erradamente como *a corom*<sup>52</sup>. Assim, a atestação é um vestígio característico do português antigo, mas o erro cometido pelo copista prova o seu desconhecimento da forma que, no século XVII, já seria um arcaísmo.

<sup>52</sup> Lembre-se que todos os testemunhos da tradição têm um erro neste lugar (v. 78, capítulo II, pp. 178-179).

Destaque-se ainda a atestação dos vocábulos *madre*, *padre* e *mais*, cuja frequência em G1 é interessante sobretudo por comparação com o número de ocorrências de algumas das suas formas concorrentes mais modernas:

- a) Existem 24 ocorrências da palavra *madre* e 43 ocorrências de *padre*, a par de 0 ocorrências das respectivas formas modernas com ditongo. *Madre* já não se atesta com esta aceção a partir do século XVI, tal como *pai* (forma ditongada) já se generaliza a partir desse mesmo século. Estas 24 ocorrências de *madre* são necessariamente vestígios conservados pelo copista do léxico do século XIII. O mesmo vale pelo menos para parte das 43 ocorrências de *padre*, que no século XVII já estaria em desvantagem em relação a *pai*.
- b) Existem três ocorrências de *mais*, como variante da conjunção adversativa *mas* (que, por sua vez, ocorre 19 vezes nesta cópia). Estas três ocorrências são um vestígio da redacção original deste texto (visto que *mais* já não ocorreria no lugar de *mas* no século XVII), provavelmente conservadas por mero lapso do copista. De facto, em G1 todas as ocorrências de *mais* se encontram na mesma zona do texto (f. 214v). Assim, apesar da dominância da forma *mas* não apontar necessariamente para uma certa intervenção do copista na língua do texto, o facto de as três formas da língua duocentista ocorrerem com a distância de apenas algumas linhas entre si talvez apoie a hipótese de que a conservação destes casos não foi deliberada.

Convém ainda dar destaque a outro traço lexical pertinente para o retrato linguístico duocentista deste apógrafo: o problema da regularização do género que se operou em algumas palavras ao longo da evolução do português.

Como se lê em Cardeira (2005:91-96), do desaparecimento do género neutro da língua latina no português resultou a absorção das formas terminadas em *-o* (e *-u*) no género masculino, e a das formas terminadas em *-a* no feminino. No entanto, os substantivos que terminavam noutra vogal ou em consoante (ou até aqueles que tinham mais do que um género em latim) oscilaram quanto ao seu género ao longo da história do português. Atente-se, por exemplo, em palavras como *fim*, *mar*, *planeta* e *queixume* (e alguns outros substantivos terminados em *-e*) que até à primeira metade do século XV não apresentavam género definido e que evoluíram para o género masculino no português contemporâneo. Observe-se também com particular atenção o caso das palavras terminadas em *-agem* que no português antigo tinham género masculino (ex. *o linhagem*) e que se transformaram em femininas a partir do final do século XVI (*a linhagem*).

No caso dos adjectivos, aqueles que em latim terminavam em consoante ou em *-i* transformaram-se em adjectivos uniformes no português, mas os restantes foram integrados no masculino e feminino também de acordo com a terminação em *-o(-u)* ou *-a*, e subsistindo na

língua como biformes – isto é, como adjectivos com duas formas, uma para cada género. Contudo, também algumas dessas palavras que no português antigo eram biformes (ex. *fermo/ferma*, *contente/contento/contenta*, *quite/quito/quita* e *comum/comua*) tornaram-se uniformes ao longo do tempo (ex. *firme*, *contente*, *quite* e *comum*, respectivamente).

Por fim, convém notar que alguns dos substantivos ou adjectivos que no português antigo eram invariáveis (que apresentavam a mesma forma para o feminino e para o masculino), tornaram-se biformes ao longo do tempo – é o caso dos terminados em *-or*<sup>53</sup>, *-ol*, *-nte*, e *-ês* (exs. *o/a profaçador*, *o/a Espanhol*, *o/a infante* e *o/a Português*). Nestes casos a formação do feminino através do acrescento da desinência *-a* (exs. *o profaçador* e *a profaçadora*, *o Espanhol* e *a Espanhola*, *o Infante* e *a infanta*, *o Português* e *a Portuguesa*, respectivamente) parece ter começado bastante cedo, mas não se generaliza até ao século XVI. Assim, embora no português antigo já ocorressem algumas formas femininas destas palavras, é possível afirmar que, de forma geral, esta biformização só se estabilizou a partir do português clássico<sup>54</sup>.

Apesar de tudo isto, é ainda de salientar o que diz Adolfo Coelho a respeito de, no caso das palavras terminadas em *-agem*, poder ter havido uma evolução do género feminino por um processo de extensão analógica. Por analogia com as poucas palavras portuguesas femininas com essa terminação (do latim < -AGINEM, ex. *imagem*), as formas masculinas com terminação *-age* (importadas do provençal e do francês para o português, do latim < ATICUM) teriam gerado as suas formas femininas em *-agem*. Nesta hipótese é particularmente interessante a possibilidade de formas femininas em *-agem* (escassas e pouco recorrentes no português) terem influenciado uma grande quantidade de formas masculinas importadas desde cedo para o português. Além disso, note-se que as palavras que mais oscilaram de género ao longo da história do português são as usadas com mais frequência nos textos (ex. *linhagem* ou *linguagem*), mas «talvez tenha sido precisamente essa frequência que as impediu, ainda durante algum tempo, de sofrerem o efeito assimilatório das formas que já tinham o género feminino» (Cardeira 2005:96).

O mesmo tipo de processo analógico pode ter levado à biformização do género dos nomes terminados em *-or*. Embora esta biformização só se tenha estabilizado a partir do século XVI (sendo sistemática a ausência da desinência *-a* no século XV), alguns autores como Maia (1986) já

---

<sup>53</sup> Como nota Cardeira (2005), parafraseando Williams (1986), os únicos adjectivos terminados em *-or* que nunca formaram feminino foram os comparativos *melhor*, *pior*, *menor* e *maior*.

<sup>54</sup> A respeito da formação destas formas femininas, Mattoso Câmara Jr. (1985:84-85) afirma que a adição da desinência *-a* começou por se fixar a partir do português clássico nos nomes derivados por sufixos *-(d/t)or* e *-ês* que pudessem ser utilizados como substantivos e adjectivos.

encontram algumas destas formas femininas (ex. *a senhora*) em textos do século XV, e ainda nos *Cancioneiros* portugueses<sup>55</sup>. Se *senhor* tiver sido dos primeiros casos a formar o feminino, por ser uma palavra muito frequente na língua, então é possível sugerir que, por analogia com *senhor/senhora*, se tenha impulsionado a agregação da desinência *-a* como marca do feminino noutras palavras com esta terminação.

Em todo o caso houve sempre uma tendência para a mudança de género no léxico ao longo da evolução do português. Assim, a sua regularização pode ser útil na análise de um determinado estado da língua. Vejam-se alguns dos casos atestados em G1<sup>56</sup>:

Género dos Substantivos de G1				
Terminação	Substantivos	Número de Ocorrências	Ocorrências	Género
-agem	LINHAGEM	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>ao linhagem</i></li> <li>• <i>do linhagem</i></li> </ul>	masculino
-or	SERVIDOR(A)	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>hũa sua <b>seruidor</b></i></li> <li>• <i>a sua <b>servidor</b></i></li> </ul>	feminino
		10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>seruidores</i> (9)</li> <li>• <i>seruidor</i></li> </ul>	masculino
	PECADOR(A)	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>desta mui pobre <b>peccador</b></i></li> <li>• <i>eu <b>peccador</b> possa ser iunta</i></li> <li>• <i>e temo muito que sera de mim <b>pecadora</b></i></li> </ul>	feminino
		1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>a mão do pecador non me moua</i></li> </ul>	masculino
	SENHOR(A)	55	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>senhor</i></li> </ul>	masculino
		13	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i><b>senhora</b></i></li> </ul>	feminino
	DOR	4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>hũa grande <b>dor</b> na cabeça</i></li> <li>• <i>e vendo que a <b>dor</b> era grande</i></li> <li>• <i>espantada da <b>dor</b> do filho</i></li> <li>• <i>nem por esto a <b>dor</b> non se fui</i></li> </ul>	feminino
	AMOR	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i><b>amor</b></i> (5)</li> </ul>	masculino
	LOUVOR	4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i><b>louuor</b></i></li> <li>• <i><b>louuores</b></i> (3)</li> </ul>	masculino
Outras	FIM	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>na <b>fim</b></i></li> </ul>	feminino
	FIRME	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>curação <b>firme</b></i></li> <li>• <i>(voto) <b>firme</b></i></li> </ul>	masculino
	QUITE	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>(virgem) era <b>quite</b> de pecado</i></li> </ul>	feminino

TABELA 29

<sup>55</sup> Estas atestações nos *Cancioneiros* são registadas em Williams (1986) e Nunes (1989).

<sup>56</sup> Incluem-se apenas as ocorrências das palavras que atestam a mudança de género que aqui se comenta (isto é, que ilustram fases diferentes da língua), e alguns casos cuja forma coloca em evidência alguma das características do processo de regularização mencionadas. Excluíram-se exemplos como o que se segue, em que o contexto não permite determinar o género da palavra em causa: *Ainda mais fazia esta santa Roguaua que lhe lessem ameude as vidas dos santos e das santas, as quaes fazia ler perante si por **linguagem*** (218r).

Atente-se primeiro nos casos que não funcionam como vestígios da língua duocentista, mas que já apontam para uma certa regularização quanto à selecção do seu género: *dor*, *amor*, *louvor*, *firme* e *quite*. As primeiras três palavras apresentam, em G1, o género que ainda hoje conservam. Assim, *dor*, *amor* e *louvor*, que no português antigo terão sido palavras cuja forma funcionava para ambos os géneros, em G1 já apresentam o género actual (*dor* (feminino), *amor* e *louvor* (masculino)). Esta mudança, que parece estabilizar a partir do século XV<sup>57</sup>, já é característica do português do século XVII, mas não necessariamente da legenda original duocentista. Contudo, e dado que o número de atestações destas palavras não é suficiente para confirmar se esta cópia reflecte ou não esta variação de género, então estas palavras parecem não dizer muito sobre o grau de conservadorismo de Mesquita.

Quanto a *firme* e *quite*, que no português antigo eram palavras biformes, note-se que ocorrem em G1 com valor adjectival em contextos cujo sujeito é feminino. Se no português antigo estas palavras eram biformes, esperava-se que no século XIII ocorressem também as formas *fermo* e *ferma* e *quito* e *quita*. No primeiro caso, a ocorrência de uma forma invariável (*firme*) é completamente atípica do português antigo. Quanto ao segundo caso, Maia (1986) afirma que já se atesta a forma *quite* desde o século XIII<sup>58</sup>. Estes casos também não são necessariamente vestígios da língua do século XIII porque não há dados que possam confirmar se a ausência de formas para os dois géneros é já uma amostra da língua seiscentista ou simplesmente um acaso.

Assim, os casos que melhor demonstram a conservação do género das palavras do texto original duocentista são as atestações de *linhagem*, *servidor*, *pecador* e *fim*. *Linhagem*, que no português antigo era uma palavra masculina, passa a feminina a partir do século XVI, mas em G1 atesta-se apenas como palavra masculina, quando já não o seria no século XVII. O mesmo quanto a *fim* que, apesar de ter oscilado de género até ao século XVI, se regulariza como masculina daí em diante, mas nesta cópia seiscentista ocorre ainda como palavra feminina (na sua única atestação). As ocorrências de *linhagem* no género masculino e de *fim* no género feminino são decerto vestígios da língua do século XIII que este copista conservou.

Ademais, note-se como entre 12 ocorrências de *servidor* em G1, duas são utilizadas para caracterizar um substantivo feminino. Esta variação mostra que no texto se atesta *servidor* como

---

<sup>57</sup> Mattos e Silva (1989:114-115) regista no século XIV a palavra *door* como masculino ou feminino. No *Livro da Cartuxa* (século XV) nomes como *amor*, *dor* e *louvor* já apresentam o género do português contemporâneo (Cardeira 2005:93).

<sup>58</sup> Maia (1986:661-662) afirma que *quito* e *quita* são as formas masculina e feminina, respectivamente, mas que se atestam em documentos dos séculos XIII-XVI sempre a par da forma invariável *quite*.

adjectivo uniforme, o que seria característico do português antigo, uma vez que a forma feminina com a desinência *-a* só se estabiliza no século XVI. No caso de *pecador*, em G1 atesta-se não só a utilização da forma em *-or* para os dois géneros, mas também um exemplo da forma feminina com a desinência *-a* (*pecadora*). Contudo, isto pode não ser necessariamente sinal da intervenção da língua seiscentista no texto copiado, visto que é possível que já desde o século XIII ocorressem esporadicamente formas com a desinência em causa e, assim sendo, *pecadora* já podia ocorrer no século XIII. Certo é que *servidor* e *pecador* já não seriam formas femininas no século XVII (quando o uso da desinência *-a* já se teria regularizado) e, conseqüentemente, os casos de G1 são vestígios da língua duocentista e argumentos a favor do arquétipo desta Vida ser datável do século XIII.

Apesar disto, há um possível indício da intervenção do copista no género de algumas palavras do texto (e, conseqüentemente, de que a desinência *-a* em *pecadora* possa ter sido introduzida por ele): o facto de já não ocorrer nenhuma atestação do feminino de *senhor*, sem desinência *-a*. Na verdade, embora *senhor* tenha adquirido a forma feminina *senhora* mais cedo, a oposição entre o masculino *senhor* e o feminino *senhora* já ocorre no *Livro da Cartuxa*, texto do século XV no qual *senhora* é a única forma do feminino atestada (Cardeira 2005:93). Embora as fronteiras sejam sempre ténues na mudança linguística, no século XIII poder-se-ia atestar a forma *senhora* para o feminino, mas não se esperaria, como em G1, que a totalidade dos femininos tivessem a desinência *-a* como marca desse género. Aliás, no século XIII esperar-se-ia que ainda ocorresse *senhor* como forma do feminino. Assim, o facto de todos os contextos femininos desta palavra serem representados pela forma *senhora* (13 casos) em G1 é uma característica da língua seiscentista que já ilustra a biformização de *senhor* em *senhor/senhora* e, pelo menos quanto a este vocábulo, o copista provavelmente modernizou as formas femininas em *-or* que encontrou no modelo.

Em suma, apenas a variação entre *mas/mais* e a estabilização da distinção entre o masculino e o feminino *senhor/senhora* demonstraram como Mesquita não conserva muitas das características lexicais da legenda original da VSSB. No entanto, embora nem sempre se possa tirar conclusões precisas sobre o grau de conservadorismo do apógrafo, a verdade é que as Tabelas 25 a 29 mostram que G1 tem muitos vestígios lexicais do português duocentista, não só porque utiliza léxico incomum do século XVII, mas também porque tem representações sugestivas de uma fase do processo de regularização de género incompatível com o século de Mesquita.

### 1.15. CONCLUSÃO

Nesta secção do presente capítulo procurou-se apurar o grau de conservadorismo com que o copista responsável pelo testemunho G1 da VSSB copiou a língua do seu modelo, verificando simultaneamente se este apógrafo tem vestígios do estrato linguístico de uma legenda primitiva do texto datável do século XIII.

Quanto a aspectos como a próclise/ênclise em contextos de variação, a interpolação de constituintes *≠ não* entre o clítico e o verbo, a ocorrência de concordância negativa, a utilização de *-d-* intervocálico nas formas da 2ª pessoa do plural, a convergência das terminações nasais em [-ẽw], a utilização de *ter/haver* como verbos de posse e mesmo quanto à ocorrência de participios passados da 2ª conjugação em *-udo*, conclui-se que o apógrafo parece ter preservado a maioria dos traços dessas características definidoras do português antigo, e que o copista modernizou a língua do texto que copiava apenas de forma esporádica e não deliberada. Em contrapartida, quanto às formas fracas femininas do sistema de possessivos do português, a utilização dos pronomes relativos locativos *u/onde* e da conjunção *ca*, o sistema de demonstrativos (mais concretamente quanto à utilização de formas reforçadas), e quanto a alguns aspectos lexicais como a variação entre *mais/mas* e a distinção de género em *senhor* e *senhora*, G1 parece ter modernizado quase totalmente a língua do original duocentista.

Assim, embora não seja sistemático, Mesquita moderniza alguns pontos e conserva em outros. Isso permite-nos considerar a possibilidade de ter achado que alguns traços arcaicos do texto se deveriam manter para dar veracidade ao texto e, por outro lado, que outras características da língua duocentista eram muito estranhas no século XVII, prejudicariam a leitura do texto e, conseqüentemente, deveriam ser eliminadas. Em todo o caso, Mesquita tomou decisões, mas algumas vezes não conseguiu cumpri-las, modernizando ou conservando particularidades da língua do século XIII de forma não intencional e relativamente esporádica quando se distrai dos seus propósitos. Outra prova de que Mesquita modernizou parte da língua do arquétipo da tradição são outros nove lugares da análise estemática empreendida no capítulo II (v. pp. 161-170) onde G1 tem variantes mais modernas do que as de E, P e/ou G2, nomeadamente: *çingio-me* e *çengeo-me* (v. lugares 48 e 49), *mim* (v. 52), *isto* (v. 53), *seus* (v. 54), *inimigos* (v. 58 e 59), *deixava* (v. 60) e *sou* (v. 61).

Lembre-se também os restantes parâmetros de análise cujos resultados se revelaram inconclusivos quanto ao grau de conservadorismo da camada linguística duocentista: é o caso da interpolação de *não*, da ocorrência de pronomes pessoais fortes no lugar de pronomes clíticos, do



registo da utilização dos pronomes oblíquos *i* e *en(de)*, da repartição dos papéis entre *ser/estar*, da variação entre as terminações paroxítonas *-vil/-vel* e ainda da conservação de algum léxico incaracterístico do século XVII (que, apesar de poder ser resíduo da língua duocentista, não permite tirar conclusões sobre a possibilidade de o copista ter adulterado a camada lexical do texto, substituindo algumas palavras por outras mais comuns na sua época).

Ainda assim, a análise dos estratos linguísticos de G1 permite reflectir sobre as seguintes questões.

Em primeiro lugar, embora de um modo geral esta cópia seiscentista conserve pouco do estrato linguístico do texto copiado e ilustre pouco da língua do século XIII, é importante salientar que Mesquita conservou (embora não sistematicamente) sobretudo aspectos sintácticos do português antigo e alguns componentes lexicais. Essa postura revela não só que há casos que considerou particularidades linguísticas intocáveis do modelo, mas também que existem outras características que considerou desnecessário conservar ou inevitável modernizar. Tendo também em conta que este testemunho manuscrito é transmitido num códice com uma função não monumental e claramente utilitária (numa compilação que não é mais do que um conjunto de textos documentais considerados de interesse pela Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães registados ao longo de 25 anos) cuja informalidade codicológica e paleográfica é evidente (v. capítulo I, p. 44), então talvez se possa propor a hipótese de Mesquita ter sido tão conservador quanto a sua compreensão do estado da língua do modelo lhe permitia. Isto é, Mesquita terá interferido na cópia apenas de forma não deliberada (nos casos que claramente quis preservar) ou nas características que já teriam evoluído e estabilizado de tal forma no século XVII que a sua conservação no texto não seria mais do que uma barreira linguística na compreensão de quem o lesse (por exemplo, na substituição de *u* por *onde* ou a substituição de *sa* por *sua*). A este nível, a análise de G1 demonstra como existe uma relação de maior ou menor flexibilidade linguística entre um copista e a língua do modelo que copia. Essa relação abre portas à caracterização do contexto e circunstâncias de produção do apógrafo e, consequentemente, à explicitação da sua finalidade.

Em segundo lugar, e tendo em conta que em G1 se atestam elementos do português antigo em todos os parâmetros comentados (mesmo naqueles que acabaram por ser inconclusivos), é importante relembrar que todos esses vestígios da língua duocentista (mesmo quando conservados apenas esporadicamente) são dados que argumentam a favor da possibilidade de a legenda original desta Vida ter sido redigida no século XIII, como sugere Sobral

(2012). Por outro lado, os traços da língua de G1 que a afastam do português duocentista revelam tipos e níveis de intervenção coerentes com a língua de um copista posterior aos finais do século XVI e, consequentemente, estão de acordo com a datação sugerida pela descrição codicológica deste testemunho (1620-1645). Assim, a análise linguística de um apógrafo revela-se muito útil no estabelecimento ou corroboração das janelas de datação da redacção de determinado texto e, simultaneamente, da produção dos seus testemunhos apógrafos.

Em terceiro lugar, importa ainda salientar que o exame dos estratos linguísticos desta cópia demonstra como um copista não tem necessariamente o mesmo nível de conservadorismo quanto a todas as características do texto que copia. O facto de Pedro de Mesquita modernizar a utilização dos possessivos femininos, mas conservar a terminação do participios passados da 2ª conjugação em *-udo*, prova que uma determinada cópia pode ser útil para o estudo da língua do século em que é realizada quanto a determinado aspecto, e noutro caso ser prestável à caracterização do estado da língua do modelo copiado. Desta forma, um apógrafo pode oferecer dados proveitosos para o estudo linguístico do estado da língua da redacção de um modelo (e, consequentemente, do arquétipo de uma tradição), mas as conclusões obtidas devem ser apresentadas com as devidas reservas e de forma adequada a cada aspecto específico. Em última análise, conclui-se que a disponibilização de uma determinada cópia nos mais diversos *corpora* de trabalho implica fazer um exame linguístico aprofundado que permita classificá-la e categorizá-la previamente como representante da língua do ponto de partida ou do ponto de chegada, ao mesmo tempo que autoriza (ou não) diversas propostas de datação. Consequentemente, uma análise deste tipo permite reflectir sobre a forma como o estado da língua de uma dada época interfere no processo de transmissão de um texto.

Por fim, a presente demonstração prova como a análise dos testemunhos de uma tradição manuscrita não tem de ser necessariamente utilizada apenas em prol da reconstituição do texto do seu arquétipo. A análise detalhada de um apógrafo pode tratá-lo como um artefacto sobrevivente de uma época, utilizá-lo para reconstituir as circunstâncias em que foi produzido e, independentemente do seu valor estemático, contribuir para a o estudo da transmissão de um texto.

## 2. AS VARIANTES DO TESTEMUNHO G2

Tal como a análise dos estratos linguísticos de G1 revela algumas das vantagens do estudo isolado de um dos testemunhos de uma tradição, também a análise das variantes – intencionais e não intencionais - de determinado testemunho pode argumentar a favor da utilidade de um apógrafo na caracterização das circunstâncias em que foi produzido. Tendo em conta que a colação dos testemunhos e o estudo estemático da tradição disponibilizam informações a respeito do comportamento geral de cada manuscrito, nesta segunda demonstração analisar-se-ão as variantes do testemunho G2 que, segundo a visão diacrónica de que depende o próprio conceito de variação, é o testemunho da tradição da *VSSB* que parece ter cometido mais erros e variantes intencionais.

Em primeiro lugar, e embora se possa vir a revelar o manuscrito menos útil para a reconstituição do arquétipo e para a fixação do texto crítico, a análise das variantes de G2 permitirá não só ter a certeza em que lugares variantes esse apógrafo oferece uma solução para um erro cometido no arquétipo, mas também demonstrar como essas variantes divulgam acidentes e intenções que permitem decompor as motivações e condições de trabalho do seu copista oitocentista.

Da mesma forma, também as características materiais do testemunho, a sua descrição codicológica e a sua história podem ser argumentos a favor da análise individual do apógrafo. De facto, estas categorias de análise oferecem elementos descritivos que não só permitem analisar e compreender a variação mencionada e o que a causou (Orduna 2005:213), mas também são formas de «descrever e compreender o contexto – e o contexto também é materialidade e inserção na obra» (Orduna 2005:215). A esse respeito lembre-se que o testemunho G2 não tem muitos acidentes materiais (apenas alguns borrões de tinta), mas que a sua extensão, formato e margens da caixa de texto são muito pequenas.

Além disso, embora este testemunho não seja fruto do trabalho de um copista medieval (mais próximo do arquétipo da tradição), isso não implica necessariamente que não seja uma cópia fidedigna do seu modelo. Assim, há que começar por considerar que o texto possa ter sido intencionalmente corrompido pelo copista, ou seja, que este não o copiasse do seu antecedente tão fielmente quanto possível, mas que agisse como um copista-refundidor e o adequasse a um novo público através de certas inovações. As variantes intencionais que resultam desta postura partem de intenções que talvez sejam tão mais claras para nós quanto mais moderno for o

copista. Dado que, de facto, o copista de G2 revela não ser totalmente fiel a  $\alpha$ , então isso faz deste manuscrito um objecto cuja variação textual deixa a descoberto (tal como um testemunho medieval) os propósitos e objectivos com que o copista deste apógrafo terá modificado o texto da VSSB e, consequentemente, das MRAG. Esta abordagem resulta da consideração da estemática, tal como expus no início deste capítulo, como uma disciplina autónoma que proporciona uma análise detalhada do processo de transmissão de um texto, incluindo da forma como esse texto é acolhido e tratado por um determinado copista, numa determinada época e com determinados recursos de produção.

De seguida apresentar-se-ão alguns dos lugares críticos que permitem caracterizar o tipo de variantes que o copista de G2 apresenta face ao seu antecedente, o subarquétipo  $\alpha$ . Em primeiro lugar apresentar-se-ão as variantes que G2 comete de forma intencional, e em segundo lugar as variantes acidentais, categorizadas. Tendo em conta que nem sempre é possível classificá-las seguramente como intencionais ou acidentais, ter-se-á em consideração o facto de algumas das intervenções do copista parecerem sistemáticas, enquanto outras são relativamente desorganizadas e casuais. Qualquer uma das situações permitirá reflectir sobre a postura do copista durante o processo de cópia.

Note-se que em G2 dominam as variantes linguísticas e morfológicas, na sua maioria modernizações da língua de  $\alpha$ . Embora não seja verdadeiramente pertinente discorrer sobre a sua intencionalidade sem que se leve a cabo uma análise linguística exaustiva como a que foi realizada para G1, este tipo de variação é expectável, dada a distância de pelo menos um século entre a redacção das MRAG e a cópia de G2. Na seguinte tabela vejam-se alguns exemplos que representam situações de actualização linguística que, embora não ocorram de forma sistemática, são necessariamente da responsabilidade do copista de G2:

G1	G2
marteirar (e outras formas do verbo)	martirisar
sabedes/devedes	sabees/deveis
esto	isto
mais	mas
non	não <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A respeito desta modernização, vejam-se as conclusões a que chega Sobral (2012). Na verdade, embora as terminações nasais sejam um elemento de análise com relativamente pouco valor para a datação linguística, a ocorrência da terminação *-ão* representa inevitavelmente um vestígio de modernização. Contudo, apesar de as formas uniformizadas em *-ão* predominarem em G2, «no advérbio de negação os valores são opostos (ocorrências: *non* 44, *nom* 55 e *não* 29)» (Sobral 2012:170). Isso quer apenas dizer que o copista foi mais conservador no caso do advérbio de negação, mas não que os lugares em que G2 (ao contrário de  $\alpha$ ) apresenta a grafia moderna não resultem efectivamente da intervenção da sua língua na cópia.

assi	assim
ante	antes
fastidio	fastio
leixar (e outras formas do verbo)	deixar
marteiro	martírio
ensobervecer (e outras formas do verbo)	ensoberbecer
singer	cingir
sa	Sua
perdudo	perdido
ata	Ate
dii (forma da 2ª pessoa do plural do verbo dizer no Imperativo)	dizei
mor	maior
nhoane	ioane
alumiar	iluminar
este (3ª pessoa do singular de <i>estar</i> no pretérito perfeito do Conjuntivo)	esteja
espertar (e outras formas do verbo)	despertar
crego	crelgo
chuiva	chuva
messigeiros	mensagemeiros
imigo(s)	inimigo(s)
depollos	depois os
mui	muito
gram	grão
cuitado(s)	coitado(s)
nembrar (e outras formas do verbo)	lembrar
poendo (gerúndio)	pondo
hi (pronome anafórico)	ahi/aí (advérbio de lugar)

**TABELA 1**

Noutros casos as variantes linguísticas de G2 não são necessariamente modernizações da língua do antecedente. Contudo, como são bastante frequentes neste apógrafo, note-se que essas variantes podem representar idiossincrasias da língua do copista. Vejam-se alguns exemplos:

<b>G1</b>	<b>G2</b>
razom	rezom
fruto	fruito
enviar (e outras formas do verbo)	inviar
afremozentou	afermoseou
ensinos	incinos
sabroza	saborosa
sacrificios	sacraficios
fezeste	fizeste
torvão	trovão
demonstrar	demonstrar
Rodesindo	Resendo
pre/perguntar (e outras formas do verbo)	proguntar
demoniados	endemoninhados
dependurada	pendurada
Proposto	Preposto
plazer	prazer

**TABELA 2**

Mais interessantes são as variantes substantivas entre  $\alpha$  e G2. Da colação torna-se evidente que G2 é uma cópia bastante «descuidada, com muitas omissões, frequentemente por *sauts du même au même*, de que resultam lugares incompreensíveis no texto» (Sobral 2012:168), como já tinha sido salientado pela colação que Sobral (2012) realiza entre G2 (que a autora considerava o autógrafo de Torcato de Azevedo) e G1.

Contudo, embora as variantes substantivas realizadas pelo copista de G2 manifestem a sua generalizada despreocupação com a cópia, os seus comportamentos são relativamente repetitivos, mas não sistemáticos. Aliás, essa estabilidade nas variantes de G2 é visível quer ao nível das suas variantes acidentais (erros), quer ao das suas variantes intencionais. Além desses comportamentos constantes que se expõem adiante, há também algumas variantes cuja classificação é relativamente mais duvidosa, mas que, não encaixando necessariamente em nenhum dos grupos e categorias mais frequentes, provam precisamente o descuido, a despreocupação e o escasso rigor deste copista.

## **2.1. VARIANTES INTENCIONAIS**

O copista de G2 realiza variantes intencionais, isto é, variantes em que se afasta da lição de  $\alpha$  de forma claramente deliberada e, na maioria das vezes, com uma motivação relativamente evidente. De um modo geral, este apógrafo apresenta inovações aparentemente motivadas pela preocupação de tornar o texto mais acessível. Consequentemente, o copista produz variantes com as seguintes motivações:

1. Variantes com intenção explicativa: revelam a preocupação de esclarecer, explicar ou simplificar alguns lugares do antecedente (possivelmente obscuros ou de difícil interpretação), ou aquelas que apenas reformulam algumas das ideias contidas no texto, de forma a torná-las mais explícitas;
2. Variantes com intenção actualizadora: partem de uma tentativa de aproximação da língua e contexto da narrativa à realidade oitocentista. Além da evidente modernização linguística referida, neste grupo destacam-se, sobretudo, variantes lexicais e variantes de reordenação sintáctica. Variantes com esta intenção têm como grande objectivo facilitar a leitura do texto a um público oitocentista.
3. Variantes com intenção abreviadora (*abbreviatio*): embora estejam inevitavelmente relacionadas com as duas categorias anteriores, correspondem a uma categoria textual cuja função é economizar o espaço, tornar o produto material final mais pequeno. Estas são as variantes intencionais que dominam em G2.
4. Variantes com intenção intensificadora: embora raras, são variantes que, incentivadas pela intenção de esclarecer o texto, reforçam uma ideia expressa (já com alguma clareza) em  $\alpha$ .

Embora o copista de G2 não intervenha no texto de  $\alpha$  com grandes propósitos pedagógicos e literários, é inevitável que as suas operações (intencionais ou acidentais) interfiram de alguma forma nos *topoi* hagiográficos e nas estratégias estilísticas do texto da *VSSB*. Apesar de não ser possível dissociar essas componentes didáticas e literárias das intervenções de G2, nesta demonstração faz-se essa separação por razões meramente metodológicas.

Além disso, as intenções acima descritas dão origem a variantes que resultam sempre de um pequeno conjunto de operações que, aplicadas ao texto de forma frequente ou sistemática, permitem analisar e categorizar os comportamentos do copista. Para isso, retomem-se as categorias omissão, substituição, reordenação e adição apresentadas no capítulo anterior (v. capítulo II, p. 151).

### 2.1.1. Variantes por omissão

A operação de que resulta a maioria das variantes com intenção abreviadora (e muitas vezes com intenção explicativa) é a omissão. Em G2 é frequente a omissão de artigos definidos *o*, *a*, *os*, *as* sempre que não são necessários à coerência gramatical e semântica do texto, e a omissão das conjunções coordenativa *e* e disjuntiva *ou* sempre que ambas possam ser substituídas por vírgula sem que o seu valor aditivo ou alternativo (respectivamente) seja danificado. Vejam-se os dois exemplos que se seguem:

151. por muitos jeiũus, **e** feridas segundo uos contarei, (211r)  
por muitos azoutes, por muitos Jeiũũs, **e** feridas segundo uos contarei;  
por muitos asoutes, por muitos jejus, **e** feridas segundo vos contarei  
por muitos asoutes muitos jejuns, muitas feridas segundo vos contarei. (334)
152. **ou** cuita ou tribulação (213r)  
**ou** cuita ou tribulação  
**ou** cuita, ou tribulação  
cuita, ou tribulação (336)

Em G2 também é muito frequente a omissão de títulos e/ou epítetos associados a substantivos próprios como o de S. Senhorinha ou o da Igreja de Basto, e ainda a omissão de alguns desses substantivos ou vocativos com simples valor retórico. Vejam-se os seguintes exemplos:

153. Esta **bem auenturada** santa (211r)  
Esta **bem auenturada** sancta  
Esta **bem auenturada** santa  
Esta santa (334)
154. então esta **santa** virgem (220r)  
entõ esta **sancta** virgem

entom esta **santa** virgem  
Entom esta virgem (342)

155. entom estaua tanta gente na egreia **desta santa**, (227v)  
entõ estaua tanta gente na Igreja **desta sancta**  
entom estava tanta gente na Igreja **desta santa**  
entom estava tanta gente na Igreja (350)

156. uirtude de santa **senhorinha** (228r)  
vertude de sancta **Senhorinha** .  
virtude de santa **Senhorinha**;  
virtude da santa . (350)

157. O **amigos** que proueitosa cousa he a beïçom desta santa (231v)  
Ó **amigos** que proueitoza he a beicõ desta sancta **Senhorinha**  
Ó **amigos** que proveitoza he a bençom desta santa **Senhorinha**  
Ó quam proveitoza he a bençom desta santa (353)

158. desçercar o dito castello **d'aguiar** (232r)  
descercar o dito Castello **de Agiar**  
dessercar o dito Castello **de Agiar**  
descercar o dito castelo. (353)

Além disso, o copista de G2 frequentemente omite outros elementos (sobretudo palavras gramaticais), deliberadamente abreviando o texto e economizando o espaço da cópia. Neste conjunto incluiu-se a omissão de alguns advérbios ou locuções adverbiais (exs. *logo*, *muito*, *tão*, *já*, *então*, *ainda*, *assim*, *um pouco*), quantificadores (exs. *todo*, *algum(a)*, *alguns* e *algumas*, *todo(s)*), pronomes demonstrativos (exs. *este(s)*, *esta(s)*), pronomes indefinidos (exs. *outra(s)*/*outro(s)*), pronomes relativos (exs. *que*, *o qual*, *a qual*) e pronomes possessivos (exs. *seu(s)*/*sua(s)*, *dele(s)*/*dela(s)*). Provavelmente com os mesmos intuitos, o copista também omite frequentemente expressões conectoras de vários tipos e pronomes clíticos reflexivos ou repetidos em construções próximas. Também é comum a omissão da preposição *de* em construções como *dever de*, *merecer de*, *haver de*, *prometer de* + infinitivo e da preposição *a* em construções como *desejar a*. Vejam-se os seguintes exemplos:

159. **por em** uos roguo (211v)  
**por em** uos rogo  
**por esso** vos rogo  
vos rogo (335)

160. e com a maior deligência que pudes, a guarda, e **a** cria bem . (212r)  
e cõ a mayor deligencia que pudes, a guarda, e **a** cria bem.  
e com a mayor deligencia que poderes a guarda e **a** cria bem.  
: com a maior deligencia que poderes a guarda, e cria bem. (335)

161. **te** aparelhar as cousas, que **te** som neçessarias (215r)  
**te** aparelhar couzas, que **te** son neçessarias  
**te** aparelhar couzas que **te** som neçessarias  
**te** aparelhar as cousas que som neçessarias (338)



162. se deue nenhũ **de** marauilhar (216v)  
se deue nenhũ **de** marauilhar  
se deve nenhum **de** maravilhar  
se deve nenhum maravilhar (339)
163. e deseioi loguo **a** trager, o dito çilição (217r)  
e dezeiou logo **a** trager o dito Celicio  
e dezejou logo **a** trager dito celicio  
e dezejou logo trager o dito celicio (340)
164. e dessi tornou **se** quada hũa pera sa casa (222r)  
e dessi tornou **sse** quada hũa pera sa caza  
e desi tornou **se** cada hũa para sa caza  
e desi tornou cada hũa para sua caza (344)
165. fosse sua merçe **de** olhar pollos seruidores (224r)  
fosse sua merce **de** olhar pellos seruidores  
fosse sua merce **de** olhar pellos servidores  
fosse sua merce olhar pellos servidores (346)
166. e **tam** solamente como os tangia (225r)  
e **tão** solamente, como os tangia  
e **tão** solamente como os tangia  
e solamente como os tangia (347)
167. **loguo** eram sãos . (225r)  
**logo** herão sãos .  
**logo** herão sãos :  
erão sãos (347)
168. Depois que vos contei **algũs** dos millagres (226v)  
Depois que uos contei **algũs** dos Milagres  
Depois que vos contei **algũs** dos milagres  
Depois que vos contei os Milagres (349)
169. pollos millagres que **della** ouuia (228r)  
pellos Milagres, que **della** ouuia  
pellos milagres que **della** ouvia  
pellos milagres que ouvia (350)
170. e disse o a **suas** uezinhas (229v)  
e disse o a **suas** vezinhas  
e disse o a **suas** vizinhas  
e dise o ás vezinhas (351)
171. fui sse aos **outros** parçeiros da casa (230v)  
foi sse aos **outros** parceiros da caza  
foy se aos **outros** parceiros de caza  
se foi aos Parceiros da casa (352)
172. e que se **per uentura** mentia (230v)  
e que se **por uentura** mentia  
e que se **por ventura** mintia  
e que se mentia (352)
173. estando **todo** o pobo daquella terra (321r)  
estando **todo** o pouo daquella terra  
estando **todo** o povo daquella terra  
estando o povo da terra (352)

174. veio **hũa pouqua de** chuiua (231r)  
 ueyo **hũa pouca de** Chuiua  
 veyo **hũa pouca de** chuiva  
 veio chuva (352)
175. a pele, **a qual** o dito clerigo deu a sua dona (231v)  
 a pele, **a qual** o dito Crego deu a sua dona  
 a pelle, **a qual** o dito Crego deo a sua dona  
 a pele, o dito crego a deo a sua dona (353)
176. e pero se deçeo della **muitas uezes**, non a podia aballar (232r)  
 e pero se deceo della **muitas uezes**, nõ a podia aballar  
 e pero se deceo della **muitas vezes** nom a podia abalar  
 e pero se deceo della e a nom podia abalar (353)
177. segundo o soem **de** fazer os caualleiros pobres (232v)  
 segundo o soem **de** fazer os Caualeiros pobres  
 segundo o soem **de** fazer os Cavaleiros pobres  
 segundo soem fazer os cavaleiros pobres (253)
178. non sabes como prometemos **de** levar este moço ao muimento (234r)  
 nom sabes, como prometemos **de** levar este moço ao Moimento  
 nom sabes como prometemos **de** levar este moço ao moimento  
 nom sabes como prometemos levar este moço ao moimento (355)

No mesmo sentido, G2 também omite frequentemente adjectivos, atributos ou quantificadores associados aos mais diversos substantivos, e alguns dos advérbios de modo associados a formas verbais. Fá-lo em lugares variantes onde a utilização destes constituintes evidentemente contribui para o valor semântico do contexto, mas a sua omissão não prejudica a gramaticalidade, nem a coesão. Sobretudo a omissão dos adjectivos é prova de que este copista não se preocupou em conservar a intensidade do valor pedagógico e didáctico do texto, tanto quanto se dedicou à sua simplificação e abreviação. Vejam-se os seguintes casos:

179. cristãos **mui** verdadeiros (212r)  
 Christãos **muy** verdadeiros  
 christãos **muy** verdadeiros  
 christãos verdadeiros (335)
180. e qualquer **fiel** cristão (217r)  
 e qualquer **fiel** Christão  
 e qualquer **fiel** Christão  
 e qualquer christão (339)
181. maos **muito** piadosas (220v)  
 mãos **muito** piadozas  
 mãos **muito** piedozas  
 mãos piedozas (343)
182. e guardou **bem**, aquel vinho (221v)  
 e guardou **bem** aquel vinho  
 E guardou **bem** aquel vinho  
 e guardou aquelle vinho (344)

183. seu marido e outras **suas vezinhas** (229v)  
 seu marido, e outras pessoas **suas vezinhas**  
 seu marido, e outras pessoas **suas vizinhas**  
 seu Marido, e outras pesoas (351)
184. hum príncepe **nobre e caualleiro** deste reino (232r)  
 hum Princepe **nobre, e Caualeiro** deste reyno  
 hum Princepe **nobre, e cavaleiro** deste Reyno  
 hum Principe deste Reino (353)
185. começou a tremer **fortemente** (235r)  
 comesou de tremer **fortemente**  
 começou de tremer **fortemente**  
 comesou de treme[...] (355)
186. lhe dera hũa **grande** dor na cabeça (235r)  
 lhe dera hũa **grande** dor na Cabeça  
 lhe dera hũa **grande** dor na cabeça  
 lhe dera hũa dor de cabeça (355)
187. e fizeram de noite **nobres** vigillias (235v)  
 e fizeram de noite **nobres** vegilias  
 e fizeram de noite **nobres** vegilias  
 e fizeram de noite vigilias (356)

Sempre que isso não afecte a correcção e coesão gramatical do texto, G2 tem também tendência para omitir total ou parcialmente estruturas com repetições, redundâncias semânticas, estruturas reforçadas por sinonímia ou pela recuperação de um constituinte sintáctico (em particular sujeitos, complementos directos e indirectos). Neste grupo é especialmente frequente a omissão dos adjectivos *dito(s)/dita(s)*, *sobredito(s)/sobredita(s)*, a omissão de preposições repetidas, e ainda a omissão de uma das formas verbais em construções compostas por dois verbos frequentemente utilizadas para introduzir o discurso directo na retórica duocentista (exs. *dizer + dizer*, *falar + dizer*, *bradar + dizer*, *jurar + dizer*, *ouvir + dizer*). Vejam-se os seguintes exemplos:

188. sendo o **dito** conde (212r)  
 sendo o **dito** Conde  
 sendo o **dito** Conde  
 sendo o conde (335)
189. mulher santa e de boa vida, e sotil ingenho (212v)  
 mulher sancta, e de boa vida, e **de** sotil ingenho  
 mulher santa, e de boa vida, e **de** sotil ingenho  
 Mulher santa e de boa vida, e sotil engenho (336)
190. tomou o hábito de religião **da Ordem** de são Bento, e aos lbiiijº **annos** se passou (216r)  
 tomou o hábito da relegião **da ordem** de são Bento, e aos lbiiijº **annos** se passou  
 tomou o hábito da Religião **da ordem** de s. Bento, e aos Lb111 **annos** se passou  
 tomou o habito da Religião de s. Bento, e aos 68 se passou (339)

191. e se eu a esta minha carne der pouquo de beber e de comer, e lhe der muitos açoutes, eu sei bem que estara **ella bem** sogeita (219v)  
 e se Eu a esta minha Carne dér pouco de beber, e de comer E lhe der muitos azoutes, eu sei bem, que estará **ella bem** sogeita  
 e se eu a esta minha carne der pouco de beber, e de comer, e lhe der muitos asoutes, eu sey bem que estará **ella bem** sogeita  
 e se eu a esta minha carne der pouco de beber e de comer, e lhe der muitos asoutes, eu sei bem que estará sojeita (342)
192. Agar sirua sua senhora, e Jsmael **sirua** a Izac (219v)  
 Agar sirua sua senhora e Jsmael **sirua** a Jsac  
 Agar serva sua senhora, e Ismael **serva** a Jsac  
 Agar sirva sua senhora, e Ismael a Izaa (342)
193. dali en diante en sua vida **en todos los dias** non comia (219v)  
 dali em diante em sua vida **em todos los dias** non comia  
 dali em diante em sua vida **em todos los dias** nõ comia  
 dali em diante em sua vida nom comia (342)
194. estaua o çeo **tam claro**, e o dia tam claro, que (222v)  
 Estaua o Ceo **tão claro**, e o dia tão claro, que  
 estava o Ceo **tão claro**, e o dia tão claro que  
 estava o çeo, e o dia tão claro, que (345)
195. chamou o procurador da **dita** egreja (224v)  
 chamou o Procurador da **dita** Jgreja  
 chamou o procurador da **dita** Igreja  
 chamou o Procurador da Igreja (347)
196. foi sse seu caminho, e pera ainda Deos demostrar (224v)  
 foi sse seu caminho pera a de são Jorge, que **com a sua assistencia** oje se chama de sancta Senhorinha, e pera ainda Deos demonstrar  
 foi se seu caminho para a de s. lorge, que **com a sua assistencia** hoje se chama de santa Senhorinha; e para ainda Deos demonstrar  
 foi se seu caminho para a de s. lorge, que hoje se chama de santa Senhorinha, e para Deus ainda demonstrar (347)
197. começou de bradar **e dizer** (227r)  
 começou de bradar, **e dizer**;  
 começou de bradar, **e dizer**  
 comesou a bradar (349)
198. veio eu as mãos do arçebispo, e **veio eu** o arçebispo (227r)  
 vejo eu as mãos do Arcebispo, e **uejo eu** o Arcebispo  
 vejo eu as mãos do Ar[...]ebispo, e **vejo eu** o Arcebispo  
 vejo eu as mãos do Arcebispo, e o Arcebispo (349)
199. açendeo **este homem** suas candeas (227v)  
 asendeo **este homem** suas candeas  
 acendeo acendeo **este homem** suas candeas  
 acendeo suas candeas (350)
200. dando grandes brados com alegria **e prazer, O çeguo alumiado** fui tanger os sinos (229r)  
 dando grandes brados cõ alegria, **e prazer, o Cego alumiado** foi tanger os signos  
 dando grandes brados com alegria, **e prazer o cego alumiado** foy tanger os sinos  
 dando grandes brados com alegria foi tanger os sinos (351)
201. tornou sse pera **saa terra** (229r)  
 tornou sse pera **sua caza**

- tornou se para **sua terra, e caza**  
tornou para sua casa (351)
202. e **ella** chegando allo (229v)  
e **ella** chegando allo  
e **ella** chegando allo  
e chegando alla (351)
203. . E loguo **depois desto** fui sse (230r)  
. e logo **despois desto** foi sse  
; e logo **despois desto** foy se  
, e logo se foi (352)
204. iurarom **e dezião** que os não virão (230v)  
jurarão, **e dezião**, que os non virão  
jurarão, **e dizião** que os não virom  
jurarão que os non virão (352)
205. naçera manco, **do uentre ataa os pes** e non andaua (230v)  
nascera manco, **do ventre ata os pes**, e nō andaua  
nascera manco, **do ventre até os pes**, e nom andava  
nascera manco, e non andava (352)
206. que lhe tinham **os inimigos** cercado o castello d'aguiar (232r)  
que lhe tinham **os Jmigos** cercado o Castello de Agiar  
que lhe tinham **os imigos** cercado o castello de Agiar  
que lhe tinham cercado o castelo de Aguiar (353)
207. mas ante a mua **quada ues, estaua** mais riga, e mais forte, e pero se deçeo della (232r)  
mas antes a Mua **quada uez estaua** mais rija, e mais forte, e pero se deçeo della  
mas antes a mua **quada vez estava** mais rija, e mais forte, e pero se deçeo della  
mas antes a mua **quedava** mais rija : e pero se deçeo della (353)
208. regia os reinos de portugual, **e de castella e de Leom** (232v)  
regia os reinos de Portugal, **e de Castella, e de Leom**  
regia os reinos de Portugal, **e de Castella, e de Leom**  
regia os reinos de Portugal, Castela, e Leom (353)
209. he monge **e dona** de boa uida (232v)  
he Monja, **e Dona** de bóa vida  
he Monja, **e Dona** de boa vida  
he Monja de boa vida (353)
210. el rei perguntou **onde ou** em que terra moraua (233r)  
El rey preguntou, **aonde, ou** em que terra moraua  
El Rey preguntou **aonde, ou** em que terra morava  
El Rey proguntou em que terra morava (354)
211. roguo uos que qualquer cousa que uos de mim comprir **que uos que** a peçades, que eu uo llo outorguarei de grado (233r)  
rogo uos, que qualquer couza, que uos de mim comprir, **que vós, que** a peçades, que Eu, que uo llo outorgarei  
rogo vos que qualquer couza que vos de mim comprir **que vós que** a peçades que eu que vo llo outorgarei  
rogo vos que qualquer coza que vos de mim cumprir, **que o** peçades que eu vo lo otorgarei (354)
212. disse entom a el rei com vooz **e com falla** muito humildosa . (233r)  
disse então a El reu, cō uos, **e com falla** muito homildoza .  
disse entom a El Rey cō voz, **e com fala** muito humildoza ,  
Disse entom a El Reu com vos muito humildosa . (354)

213. que fossem ao **seu** moimento **desta santa** com offertas **e com obradas**, (233v)  
 que fossem ao **seu** Moimento **desta sãcta** com offertas, **e com obradas**  
 que fossem ao **seu** moimento **desta santa** com offertas, **e com obradas**  
 que fossem a seu moimento com offertas (354)
214. bradou e disse, padre meu, **padre meu**, (234r)  
 bradou e disse Padre meu, **Padre meu**  
 bradou e disse padre meu, **padre meu**;  
 bradou, e disse Padre meu; (354)
215. e loguo **aquella hora** o spirito mao (234v)  
 e logo **aquella hora** o sperito mao  
 e logo **aquella hora** o spirito mão  
 e logo o espirito mão (355)
216. e acordada **do sono** achou se tão saã (235v)  
 e acordada **do sono** achou sse tã sã  
 e acordada **do sono** achou se tão sã  
 e acordada sentio se tão soã (356)
217. com seu marido e **com seus** filhos (236r)  
 com seu marido, e **com seus** filhos  
 com seu marido, e **com seus** filhos  
 com seu Marido, e filhos (356)

Por fim, note-se que G2 frequentemente concretiza omissões com intenção evidentemente actualizadora. Nestas omissões incluem-se a omissão do marcador de negação frásica *não* ou do indefinido negativo em estruturas de *concordância negativa* (porque as estruturas de concordância negativa já não seriam aceitáveis na gramática do século XIX) e a omissão do segundo termo em expressões de posse redobradas (ex. *sua...da*).

Veja-se a omissão de *nom* no lugar 60 (v. capítulo II, p. 169) e nos dois casos que se seguem:

60. ella iamaiz non deixaua de cozer // o dito pam (234r//234v)  
 Ella Jamais nom leixaua de cozer o dito pão  
 ella iamaiz nom leixava de cozer o dito pão  
 ella iamaiz deixava de coser o dito pão (355)
218. que **nunqua** iamaiz em ella a podesse semear (221r)  
 que **nunqua** iamaiz em ella a podesse semear  
 que **nunqua** iamaiz em ella a podesse semear  
 que iamaiz em ella a podese semear (343)
219. en nhũa guisa os **non** poderia contar (226v)  
 em nenhũa giza os **nõ** poderia contar  
 em nenhũa giza os **nom** poderia contar  
 em nenhũa giza os poderia contar (349)

Veja-se a omissão de um termo em expressões de posse redobradas no seguinte exemplo:

220. disse outrosi a sua ama **da moça** (212v)  
 disse outrosi a sua ama **da moça**  
 disse outrosi a sua ama **da moça**

disse outrosi a sua Ama (335)

Por fim, veja-se a omissão provavelmente actualizadora do segmento *do ouro* no seguinte lugar:

221. furtou os dinheiros **do ouro** (230r)  
furtou os dinheiros **do ouro**  
furtou os dinheiros **do ouro**  
furtou os dinheiros (351)

### 2.1.2. Variantes por substituição

Em G2 é bastante frequente a substituição de *em* + determinante/pronome e de *de* + determinante/pronome pelas respectivas contracções (ex. *no(s)/na(s)*, *neste(s)/nesta(s)*, e *do(s)/da(s)*, *deste(s)/desta(s)*), a substituição da expressão *diante o(s)/a(s)* por *diante do(s)/da(s)* (com a contracção da preposição *de* com os artigos definidos), a substituição de *começar de* por *começar a* – por ex. no lugar 197 anteriormente apresentado (v. p. 298) – (ou, em geral, a substituição de preposições por outras mais modernas), e a substituição da contracção entre a preposição *de* e os pronomes demonstrativos *este(s)/esta(s)* pela contracção dessa preposição com os artigos *o(s)* e *a(s)* (ou apenas por esses artigos). Neste grupo inclui-se ainda a substituição de alguns pronomes indefinidos ou demonstrativos por pronomes relativos (ex. *quantos* por *os que*), e a substituição de algumas conjunções por outras (ex. *se* por *que*). Vejam-se alguns lugares onde ocorrem estas substituições, claramente motivadas por uma intenção explicativa ou de actualização linguística:

222. atormentando seu corpo // **por** muitos jeíūs e marteiros (211v//212r)  
atormentando seu corpo **por** muitos Jeíūs e marteiros  
atormentando seu corpo **por** muitos jejūs, e marteiros  
atormentando seu corpo **com** muitos jejuns, e martirios (335)

223. noio **en** que estaua (212r)  
nojo **em** que estaua  
nojo **em** que estava  
nojo **com** que estava (335)

224. **en** tal guisa (213r)  
**em** tal giza  
**ẽ** tal guiza  
**de** tal guiza (336)

225. **de** tomar astençaa (219v)  
**de** tomar astença  
**de** tomar astença  
**a** tomar astençaa (342)

226. **todo o que** lhe demandasse obra de misericordia (225v)  
**todo o que** lhe demandasse obra de Mizericordia

**todo o que** lhes demandasse obra de misericórdia  
**aquelle** que lhes mandasse obra de misericórdia (348)

227. **polla** sua bondade (226r)  
**polla** sua vontade  
**polla** sua vontade  
**por** sua vontade (348)

228. **quanto** lhes aconteçera (229r)  
**quanto** lhes acontecera  
**quanto** lhes acontecera  
**o que** lhes acontecera (351)

229. e **aquelles** que o trouxerom no asno (231r)  
e **aquelles**, que o trouxerõ no Asno  
e **aquelles** que o trouxerão no asno  
e **os** que o trouxerom no asno (352)

230. estando **diant** o moimento (234v)  
estando **diant** o Moimento  
estando **diant** o moimento  
estando **diant** do moimento (355)

Além disso, também é muito frequente a substituição de um tempo verbal por outro, sendo que a substituição pelo gerúndio é das mais comuns. Essas são variantes de G2 que permitem, sobretudo, estabelecer uma certa harmonia e concordância com outras formas verbais próximas ou tornar mais clara a sequência dos eventos. Portanto, são substituições com intenção atualizadora e explicativa, no sentido em que facilitam a leitura e compreensão do conteúdo do texto e a sequência da narrativa. Retomem-se as variantes do lugar 121 (v. capítulo II, pp. 199 e 220):

121. oraua, choraua, baixaua sse sobollo moimento (234v)  
oraua, choraua, baixaua sse sobollo Moimento  
orava, chorava, baixava sse ao moimento  
**orou chorando, e baixando se** ao moimento (355)

Além disso, vejamos-se os seguintes casos:

231. e **encomendou** lhe que a criasse, (212v)  
e **encomendou** lhe, que a criasse,  
e **encomendou** lhe que a criasse,  
e **encomendando** lhe que a criasse, (335)
232. e desi **tomou** entom a agoa (219v)  
e disse **tomou** entõ a agoa  
e disse **tomou** entom a agoa  
e disse **tomando** entã a agoa (344)
233. e mandou lhe que **chamasse** todos os que **morassem** (222r)  
e mandou lhe, que **chamasse** todos os que **morassem**  
e mandou lhe que **chamasse** todos os que **morassem**  
e mandou que **chamasse** todos os que **moravão** (344)



234. começaram de fallar nas virtudes e nos bẽs de Seos, e outrosi dos seus santos, e mormente en a boa fama desta santa, e **falauão** outrosi na dita chuiua (223v)

comesarão de fallar nas vertudes, e nos bẽs de Deos; e outrosi dos seus sanctos, e mormente em a bóa fama desta sancta, e **falauão** outrosi na dita chuiua

começarão de falar nas virtudes, e nos bẽs de Deos, e outrosi dos seus santos, e mormente em a boa fama desta santa; e **falavão** outrosi na dita chuiva

comesarão a fallar nas virtudes e nos bens de Deus, e outrosi dos dos seus santos, e mormente na boa fama desta santa e **falárão** outrosi na dita chuiva (346)

235. e loguo aquella hora o tomou o demo por tal guisa que **cuidauão** todos que era morto (226v)

e logo aquella hora o tomou o Demo por tal giza, que **cuidauão** todos, que hera morto

e logo aquella hora o tomou o Demo por tal giza que **cuidavão** todos que hera morto

e logo aquella hora o tomou o Demo por tal giza, que **cuidarão** todos que era morto (349)

236. e **quando virom** o dito çego (229r)

e **quando uirão** o dito Cego

e **quando virão** o dito cego

e vendo o dito cego (351)

237. e **entregou** lhe a pelle (231v)

e **entregou** lhe a pelle

e **entregou** lhe a pelle

e **entregando** lhe a pelle (353)

238. chamou seu marido, e **dezia** que era ia saã (236r)

chamou seu marido, e **dizia**, que hera ia sã

chamou seu marido e **dizia** que era ja sã

chamou seu Marido **dizendo** que era já sãã (356)

Apesar de tudo, existem pelo menos dois lugares onde a variante de G2 não está necessariamente de acordo com nenhuma das intenções mencionadas, porque não abrevia, simplifica, esclarece ou reforça o sentido do texto, podendo até dificultar a leitura. As variantes que se seguem mostram como, por vezes, este copista intervém no texto de forma relativamente casual, ou que nem sempre consegue ir ao encontro dos seus propósitos:

239. e loguo en aquella ora o tomou o demo, e non o **leixou** ataa que todos **roguarom** (224r)

e logo em aquella hora o tomou o Demo, e non o **leixou** ata que todos **rogarão**

e logo em aquella hora o tomou o demo e nom o **leixou** atáa que todos **rogarão**

e logo em aquela hora o tomou o Demo, e nom o **leixava** ataa que todos **rogavão** (346)

240. e marauilhaua sse **porque non paria** (229r)

e marauilhaua sse, **porque nõ paria**

e maravilha se **porque nõ paria**

maravilhava se **de não parir** (351)

Além disso, em cinco casos G2 substitui a conjunção *ca* por outras conjunções. Essa substituição (sobretudo pela conjunção coordenativa copulativa *e*) mostra precisamente que o copista não estava familiarizado com os três valores antigos de *ca*. Consequentemente, quando não erra ou conserva a conjunção, tenta substituí-la por outras em lugares onde julgou compreender o seu valor, ou onde considerou que a sua intervenção não adulteraria o sentido do

texto. Estas variantes são portanto actualizadoras e explicativas, pois pretendem tornar o texto relativamente mais acessível para o leitor do século XIX. Um desses casos ocorre no lugar 99 (v. capítulo II, p. 191):

99. **ca** bem sabedes que moor marteiro he aquelle que ho homen sofre por Deos (211r)  
**ca** bem sabedes, que mor martirio he aquelle, que ho homen sofre por Deus  
**ca** bem sabedes que por martirio he aquelle que ho homen sofre por Deos  
**E** bem sabees que por martirio he aquello que Deus sofre por Deus (334)

Vejam-se os restantes quatro:

241. filha leixa a Deos os teus cuidados, e elle te liurara dos cuidados e tribulações, deste mundo, **ca** non tão solamente os santos martires forão ao reino do çeo (218r)

filha leixa a Deos os teus cuidados, e elle te liurará dos cuidados, e tribulações deste mundo, **ca** non tão solamente os sanctos martires forão ao reyno do Ceo

filha leixa a Deos os teus cuidados, e elle te livrará dos cuidados, e tribulações deste mundo, **cá** nom tão solamente os santos martires forão ao Reyno do Ceo

Filha leixa a Deus os teus cuidados, e elle te livrará dos cuidados, e tribulaçoens deste mundo, **que** nom tão solamente os santos martires forão ao Reino do ceo (341)

242. e astenças de comer e beber, **ca** prepos en seu talante iamaiz en sua vida non dar a sua carne de comer nem de beber (220r)

e astenças de comer, e beber . **ca** propos em seu talante, jamaiz em sua vida non dar a sua Carne, de comer nem de beber

e astenças de comer, e beber, **ca** propos em seu talante jamaiz em sua vida non dar a sua carne de comer, nem de beber

e astenças de comer e beber, **e** propos em seu talante jamaiz em sua vida non dar a sua carne de comer, nem de beber (342-343)

243. dom Gonçallo de souza o mui poderoso, **ca** todo o conselho del rei era em elle (232r)

Dom Goncallo de Souza o muy poderoso . **ca** todo o Concelho del rey hera em el

D. Gonçalo de Souza o muy poderoso, **cá** todo o concelho del Rey era em el

D. Gonçalo de Sousa mui poderoso, **e** todo o concelho del Rey era em el (353)

244. **ca** ia sou saã (235r)

**ca** ia sou sã

**ca** ja sou sam

**que** ja som sãã (355)

O copista de G2 também concretiza pelo menos duas variantes que, motivadas por uma intenção simplificativa ou explicativa, parecem ter como único objectivo estabelecer a devida distância entre o tempo do leitor e o tempo do relato<sup>2</sup> em lugares onde isso não era tão evidente:

245. como **esta** santa disse (225v)

como **esta** sancta disse

como **esta** santa disse

como **aquella** santa disse (348)

---

<sup>2</sup> Concebendo a devida distância entre a figura de S. Senhorinha e o século em que o apógrafo seria lido, talvez se pudesse considerar a hipótese de estas variantes representarem tentativas de tornar o conteúdo do texto relativamente mais credível. No entanto, uma vez que estas intervenções não são sistemáticas (nem mesmo muito frequentes), não é possível aceitar essa conjectura com segurança.

246. e logo se **dahi** partio o moço (228v)  
e logo se **dahi** partio o moço  
e logo se **dahi** partio o moço  
e logo se **dali** partio o moço (350)

Vejam-se agora os lugares variantes onde G2 realiza substituições por sinónimos, palavras com valores semânticos aproximados e formas mais modernas ou mais frequentes do que as de  $\alpha$ . Neste grupo inclui-se também a substituição de substantivos por pronomes que retomam a sua primeira ocorrência sem a repetir. Estas variantes têm intenções explicativas, actualizadoras, e também abreviadoras, pois é claro que o copista pretende eliminar redundâncias e repetições. Contam-se também as variantes que implicam a substituição do adjectivo *grande* pelo determinante indefinido *muito* (e vice-versa) porque, embora alterem o valor quantitativo/qualitativo dos substantivos a que estão associados, são intervenções que poderão estar de acordo com a frequência com que cada uma dessas palavras era utilizada na língua oitocentista.

247. **toma cuidado de criar** esta moça (212v)  
**toma cuidado de criar** esta moça  
**toma cuidado de criar** esta moça  
**cuida de criar** esta moça (335)

248. **grandes** graças te dou (215r)  
**grandes** graças te dou  
**grandes** graças te dou  
**muitas** graças te dou (338)

249. porque **era amoestado ia** do Anjo (215r)  
porque **hera amoestado ja** do Anjo  
porque **hera amoestado ja** do Anjo  
porque **era ja concelhado** do Anjo (338)

250. que non **trageria** outra roupa (217r)  
que non **trageria** outra roupa  
que nom **trageria** outra roupa  
que non **averia** outra roupa (340)

251. bem **entendia** (217v)  
bem **emendia**  
bem **entendia**  
bem **sabia** (340)

252. **grande** tempo ha (218r)  
**grande** tempo ha  
**grande** tempo ha  
**muito** tempo ha (341)

253. **eso medes** outras santas virgens (220v)  
**eso medes** outras sanctas virgēs  
**esso medes** outras santas virgēs  
**isso mesmo** outras santas virgens (343)

254. lançou **chuiuas** (223r)  
lançou **chuiuas**  
lançou **chuivas**  
lançou **chuiva** (346)
255. o deixou o **diabo** (224r)  
o deixou o **Diabo**  
o deixou o **Diabo**  
o deixou o **Demonio** (346)
256. ella dáua **grandes** louvores e graças (226r)  
ella dáua **grandes** louvores, e graças  
ella dáua **grandes** louvores, e graças  
ella dáua **muitos** louvores e graças (348)
257. abrir o seu **muimento** (227v)  
abrir o seu **moimento**  
abrir o seu **moimento**  
abrir o seu **sepulchro** (350)
258. e logo **fui** são (228r)  
e logo **foi** são  
e logo **foy** são  
e logo **ficou** são (350)
259. **lança te** sobello lado Destro (228r)  
**lança te** sobre o lado Destro  
**lança te** sobre o lado destro  
**deita te** sobre o lado destro (350)
260. chamar seu **parçeiro** (229r)  
chamar seu **parceiro**,  
chamar seu **parceiro**  
chamar seu **companheiro** (351)
261. **e o seu parçeiro** lhe perguntou (229r)  
**e o seu parceiro** lhe perguntou  
**e o seu parceiro** lhe perguntou  
**o qual** lhe perguntou (351)
262. e depois **a cabo de tempo** (229r)  
e depois **a cabo de tempo**  
e depois **a cabo de tempo**  
e depois **de largo tempo** (351)
263. e o homem depois que saio do banho, **que non** achou os dinheiros (230r)  
e o homem depois, que sahio do banho, **que nõ** achou os dinheiros  
e o homem depois que sahio do banho **que nom** achou os dinheiros  
e o homem depois que sahio do banho, **e nom** achou os dinheiros (352)
264. tomou **os dinheiros**, e **deu os** a seu dono (230v)  
tomou **os dinheiros**, e **deu os** a seu dono  
tomou **os dinheiros** e **deu os** a seu dono  
tomou **o dinheiro**, e **o levou** a seu dono (352)
265. apalpou todos seus membros **mansamente** (231r)  
apalpou todos seus membros **mançamente**  
apalpou todos os seus membros **mançamente**  
apalpou todos os seus membros **brandamente** (352)

266. **e auia nome** dom Gonçallo de sousa (232r)  
**e auia nome** Dom Goncallo de Souza  
**e avia nome** D. Gonçalo de Souza  
**e se chamava** D. Gonçallo de Sousa (353)
267. e leixou **encomendado** a todos fieis cristãos (232v)  
e leixou **encomendado** a todollos fieis Christãos  
e leixou **encomendado** a todolos fieis christãos  
e leixou **recomendado** a todolos fieis (353)
268. **bem** se fossem feitos de barro (232v)  
**bem** se fossem feitos de Barro  
**bem** se fossem feitos de barro  
**como** se fossem feitos de barro ! (353)
269. tal molher **como aquesta** (233r)  
tal molher, **como aquesta**  
tal molher **como aquesta**  
**a** tal molher, (354)
270. e **as festas dos santos** nom **embarguante** que lho dizia seu abbade (234r)  
e **as festas dos sanctos** nom **embargante**, que lho dizia seu Abbades  
e **as festas dos santos** nom **embargante** que lho dizia seu Abbade  
e **dias santos** nom **obstante** dizer lhe o Abbade (355)
271. hũa molher **que moraua iunto com** Bragança (234v)  
hũa molher **que moraua iunto com** Bragança  
hũa molher **que morava junto com** Bragança  
hũa molher **de** Bragança (355)
272. nos disse que **sendo** ella hum dia folgando (232r)  
nos disse, que **sendo** ella hum dia folgando  
nos disse que **sendo** ella hum dia folgando  
nos disse que **estando** hum dia folgando (356)
273. **tomando** ella **muchto** prazer (236r)  
**tomando** ella **muchto** prazer  
**tomando** ella **muchto** prazer  
**fazendo** ella **grande** prazer (356)

Semelhantes às destes lugares são também algumas das variantes dos lugares 23 e 143 anteriormente analisados no capítulo II (v. p. 154 e 215 respectivamente), onde G2 substitui *cuidando* por *entendendo* e *grande* por *muchto*, respectivamente. Ademais, retome-se o lugar 216 acima apresentado (v. p. 300), onde G2 também comete uma substituição deste tipo: *achou sse* são por *sentio se* são.

23. e **cuidando** que lho fizera a sergenta escarnio (221v)  
e **cuidando**, que lhe fizera a sergenta por escarnio  
e **cuidando** que lho fizera a sargenta por escarneo  
e **entendendo** que lho fizera a sargenta por escarneo (344)
143. e estando na terceira com **grande** trabalho pera se auerem [...] desembargar (222v)  
E estando na terceira com **grande** trabalho pera se auerem [...] desembargar  
e estando na terceira com **grande** trabalho para se averem [...] desembargar  
e estando na 3ª com **muchto** trabalho para se haverem [...] desembargar (345)

216. e acordada do sono **achou se** tão saã (235v)  
 e acordada do sono **achou sse** tã sã  
 e acordada do sono **achou se** tão sã  
 e acordada **sentio se** tão soã (356)

Outras das variantes mais evidentes e sistemáticas do testemunho G2 é a substituição de todos os títulos dos milagres da VSSB por uma só palavra ou algarismo. Assim, para os cinco primeiros milagres (os milagres em vida), o copista de G2 apresenta o título *Milagre*, para o primeiro caso, e *Outro* para os restantes quatro. O título do sexto milagre em vida também é resumido a uma só palavra: *Revelação*. Quanto aos milagres póstumos, o copista de G2 substitui todos os seus títulos por numeração árabe, o que permite acompanhar a sua sequência. Estas são variantes que corroboram a intenção abreviadora de G2. De facto, superando em muito o nível a que as restantes omissões e substituições simplificam e/ou abreviam o texto, estas variantes permitem economizar mais do que uma linha de texto porque, na maior parte dos casos, o copista coloca o seu título no espaço deixado em branco pela última linha de texto do parágrafo anterior.

Por último, e embora não possam ser consideradas variantes substantivas, note-se que G2 apresenta sempre algarismos em lugares onde os restantes manuscritos tinham números por extenso, provavelmente também para economizar espaço de cópia.

### 2.1.3. Variantes por reordenação

A terceira operação que o copista de G2 utiliza frequentemente é a reordenação dos constituintes frásicos. As variantes que resultam destas reordenações são motivadas sobretudo por uma intenção de modernizar a língua do texto, ou por uma intenção explicativa, pois esclarecem o conteúdo do texto sempre que a ordem dos constituintes dificultava a leitura. Vejam-se os seguintes dez lugares:

274. tu **senhor receberes** (216r)  
 tu **senhor receberes**  
 tu **senhor receberes**  
 tu **receberes senhor** (339)

275. que **logo te a carne** cobiçara (219r)  
 que **logo te a Carne** cobiçará  
 que **logo te a carne** cobiçará  
 que **logo a carne te** cobiçará (341)

276. faras **a Deos oração** (219r)  
 farás **a Deos oração**  
 faras **a Deos oração**  
 faras **oração a Deus** (342)

277. ca o spirito deuia de mandar a carne, e **a carne nom** o spirito (219v)  
ca o sperito deuia de mandar a Carne, e **a Carne nõ** o sperito  
ca o spirito devia de mandar a carne, e **a carne nõ** o spirito  
e o Espirito devia mandar a carne, e **não a carne** o espirito (342)

278. Viuendo **esta santa ainda** (222v)  
Vivendo **esta sancta ainda**  
Vivendo **esta santa ainda**  
Vivendo **ainda esta santa** (345)

279. e os obreiros **senhora todos** fogirom da eira (223r)  
e os obreiros **senhora, todos** fogirão da Eyra  
e os obreiros **senhora todos** fogirão da eyra  
e os obreiros **todos senhora** fogirão da Eira (345)

280. e pero **lhe todos dezião**, que se deçesse, non queria (226v)  
e pero **lhe todos dezião**, que se decess, non queria  
e pero **lhe todos dizião** que se decesse nom queria  
e pero **todos lhe disião** que se decesse no queria (349)

281. e **elles dormindo** vio este moço vir hũa mulher (231r)  
e **elles dormindo** vio este moço uir hũa mulher  
e **elles dormindo** vio este moço vir hũa mulher  
**dormindo elles** vio o moço vir hũa mulher (352)

282. e o moço **alçou** se loguo (231r)  
e o moço **alçou sse** logo  
e o moço **alçou se** logo  
e o moço **se alçou** logo (352)

283. non **lha ousarom de** furar (235r)  
nom **lha ousarom de** furar  
nom **lha ousarom de** furar  
non **ousarão de lha** furar (355)

#### 2.1.4. Outras variantes intencionais por substituição/omissão/reordenação

Além da omissão de um dos verbos em estruturas que enunciam o discurso directo, em G2 ocorrem constantes omissões e substituições associadas ao verbo *jazer*. Na verdade, o copista conserva apenas três ocorrências desta forma verbal e, nos restantes cinco lugares, omite o verbo, substituindo-o por uma forma alternativa ou omite/substitui alguns dos constituintes que lhe estavam associados.

O primeiro lugar variante onde ocorre a omissão é o lugar 130 anteriormente analisado (v. capítulo II, p. 209):

130. lhe contarom que esta santa **jazia** no moimento inteira de todo seu corpo, (227r)  
lhe contarão, que esta sancta **jazia** no Moimento inteira de todo seu corpo,  
lhe contarão que esta santa **jazia** no moimento inteira de todo seu corpo,  
lhe contarão que estava inteira de todo seu corpo (349)

A ele acrescentam-se mais quatro lugares cujas variantes mostram que o copista oitocentista julgou que era necessário esclarecer o valor semântico do verbo *jazer*, ou que a sua utilização facilitava a simplificação ou a abreviação dos lugares críticos em que ocorria:

284. todos os que **jazião** na dita egreja **dormindo** (228r)  
todos os [...] **Jazião** na dita Jgreja **dormindo**  
todos os que **jazião** na dita Igreja **dormindo**  
todos os que **dormião** dentro da Igreja (350)
285. terra onde **jazia o corpo de** santa senhorinha (228v)  
terra aonde **Jazia o Corpo de** sancta Senhorinha  
terra aonde **jazia o corpo de** santa Senhorinha  
terra onde **jazia** santa Senhorinha (350)
286. o clerigo **lançou** // o veio **que iaz sobre o** moimento **e pose o** sobre a dita mulher (234v//235r)  
o Crego lançou **lançou** o veio, **que ias sobollo** moimento, **e poze o** sobolla dita mulher  
o Crego **lançou** o veio **que jaz sobolo** moimento **e poze o** sobola dita mulher  
o crego **pos** o veio **do** moimento sobre a dita mulher (355)
287. hũa noite **iazendo en seu leito** dormindo (236r)  
hũa noite **jazendo em seu leito** dormindo  
huma noyte **jazendo em seu leito** dormindo,  
**estando** em hua noite dormindo (356)

Vejam-se agora alguns lugares variantes onde G2 intervém intencionalmente no texto de forma mais acentuada e complexa. Em primeiro lugar, importa salientar que essas variantes, claramente motivadas por intenções abreviadoras, explicativas e actualizadoras, surgem com particular intensidade no final dos parágrafos do texto, e na *Introdução* e *Remate* que contextualizam a VSSB nas MRAG. Estas variantes começam por ser relativamente mais amplas na *Introdução* (v. lugar 1, capítulo II, p. 146), no 11º milagre de G2 (v. lugar 288, abaixo) e no parágrafo dedicado à morte de Senhorinha (imediatamente depois dos milagres em vida) mencionado anteriormente (v. lugar 67, capítulo II, p. 173):

1. Começa se a vida e Milagres da bem auenturada santa Senhorinha da Ordem de são Bento . A qual foi tirada do proprio Original que esta en santa Senhorinha de Basto da Comarca d'entre douro e minho. (211r)  
Na Jgreja de sancta **Senhorinha** se achou hũ liuro **manuescripto, que por antigo, e pouco estimado estaua ja do tempo offendido, com falta de folhas, e as letras de outras corcomidas de maneira, que se não podião ler, nem ellas declarauão sua escrita**, que hera a vida e milagres **desta bem aventurada sancta**, que diz o seguinte.s  
Na Igreja de santa **Senhorinha** se achou hum livro **manuscrito que por antigo e pouco estimado estava ja do tempo offendido com falta de folhas, e as letras de outras corcomidas de maneira que se não podião ler, nem ellas declaravão sua escrita**; que era a vida, e milagres, **desta bem aventurada santa**, que diz o seguinte.  
Na Igreja **da** santa se achou **o** livro antigo de sua vida, e milagres **o qual dis assim**. (334)
288. e **por esto non curaua da terceira igreja, nem hia folgar a ella assi como as outras . Depois desto esta virgẽ bem auenturada acabou** oito annos (216r)  
e **por esto non curaua da terceira Jgreja, nem hia folgar a ella, assi como às outras . Despos desto esta virgem acabou** oito annos  
e **por esto nom curava da terceira Igreja, nem hia folgar a ella assi como as outras . Despos desto esta virgem acabou** [...]ito annos  
e **nesta vida pasou** oito annos (339)



67. Deos padre, a qual nunca queda de rogar pollos seus amigos e servidores, que ella (226r)

Deos Padre **pera onde pasou em idade de sincoenta, e oito annos no anno de mil e vinte**, [nota marginal] de idade de 58 annos anno de 1020 [fim de nota marginal] aonde nunca queda de rogar pollos seus amigos, e servidores, que ella

Deos Padre **para onde passou em idade de sincoenta e oito annos no anno de mil e vinte**, aonde nunca queda de rogar pollos seus amigos, e servidores que ella

Deus Padre **para onde pasou em idade de 58 annos em 1020**, que ella (348)

Como dissera Sobral (2012), existem vários elementos desta Vida que mostram como «é provável que este fosse um texto utilizado no dia da celebração da sua festa, não como leitura litúrgica mas como sermão a pregar, em linguagem, à multidão de peregrinos que vinham de várias cidades peninsulares atraídos pela fama dos milagres de Basto» (Sobral 2012:175). Argumentando a favor desta hipótese a autora destaca algumas características do texto como a «insistente comunicação com o público» e o facto de o texto dispensar a tradicional introdução das vidas, onde habitualmente consta uma apresentação do santo de que se fala, e lembra que «nos milagres póstumos, a referência às deslocações dos peregrinos adquirem valor deíctico pelo uso dos verbos “vir” e “trager” (e não “ir” e “levar”)» (Sobral 2012:175).

Dado que existem muitos lugares do texto que se explicam por esta ligação do texto ao culto da santa, veja-se como no lugar 67 o segmento omitido por G2 também tinha, na legenda original, uma mesma função cultual – convencer os ouvintes deste sermão de que S. Senhorinha cuidava sempre dos seus crentes. Assim, omitir este segmento é despojar o texto de um dos seus elementos característicos que só poderia ser considerado descartável para um refundidor (e um público) que não se interessa pela função cultual do texto, mas certamente apenas pela histórica. Deste modo, esta variante permite começar a demonstrar como o copista-refundidor de G2 retirou ao texto de  $\alpha$  alguns aspectos particulares da legenda primitiva da VSSB porque esta sua cópia (e o apógrafo das MRAG que a transmitem) já não tinha por objectivo ser lido aos peregrinos que se deslocavam à igreja de S. Senhorinha para lhe prestar culto, mas ser lido pelo público (neste caso, oitocentista) a quem interessaria a obra de Torcato de Azevedo e o valor historiográfico e documental dos episódios nela narrados (v. capítulo I, pp. 95-96). Prova disso é que a omissão de elementos cultuais é frequente ao longo da cópia de G2.

Vejam-se, pelo menos, mais dez lugares do texto em que este copista-refundidor omite segmentos que, na legenda original, tinham a funcionalidade cultual de testemunhar o poder de S. Senhorinha e, consequentemente, encaminhar o auditório de crentes que ouvisse contar esta sua vida em direcção a um comportamento considerado adequado:

289. hum daquelles **cegos, que mais amigo de Deos era**, ouuio (229r)  
 hum daquelles **Cegos, que mais amigo de Deos hera**, ouuio  
 hum daquelles **cegos que mais amigo de deos hera**, ou[...]io  
 hum delles ouvio (351)
290. tornou sse pera saa terra, são e saluo, **e com grande prazer**. (229r)  
 tornou sse pera sua caza são e saluo, **e cõ grande prazer**.  
 tornou se para sua terra, e caza são, e salvo **e com grande prazer**.  
 tornou para sua casa são, e salvo. (351)
291. **dando lhe muitas graças, pollo prigo grande, de que a liurara**. (229v)  
**dando lhe muitas graças, pello perigo grande de que a liurara**  
**dando lhe muitas graças pello perigo grande de que a livrara**.  
**e rendeo suas graças**. (351)
292. contou lhes como lhe aconteçera, **com a dita molher, e como pella sua graça della**, era ia bem são (231r)  
 contou lhe como **lhes** aconteçera, **com a dita molher, e como polla sua graça della** hera ia bem são  
 contou lhes como **lhes** acontecera **com a dita molher, e como polla sua graça della** hera ja bem são  
 contou lhes como **lhe** acontecera, **e que era bem são**. (352)
293. **mostrasse milagre, sobre aquel que assi deshonorara esta santa**, sede çertos (231v)  
**mostrasse milagre, sobre aquel, que assim deshonorara esta sancta** . sede sertos  
**mostrasse milagre sobre aquel que assy deshonorasse esta santa**; sede certos  
**obrase milagre** . sede certo (352)
294. **e que nobreza he aquelles que ameude vam // buscar** a sua merçe (231v//232r)  
**e que nobreza he aquelles, que ameude uão buscar** a sua merce  
**e que nobreza he áquelles que ameude vão buscar** a sua merce;  
**para os que buscão** sua merce (353)
295. que sempre fizessem **honra**, e reuerencia a santa senhorinha, **e a todo aquel que lhe algũa cousa demandasse com razom, que acharia em ella**. (232v)  
 que sempre fizessem **honra**, e reuerencia a sancta Senhorinha; **e todo aquel, que lhe algũa couza demandasse com rezão, que acharia em ella**.  
 que sempre fizessem **honra**, e reverencia a santa Senhorinha, **e todo aquel que lhe demandasse algũa couza com rezão, que acharia em ella**.  
 que sempre fizessem **oração**, e reverencia a santa Senhorinha. (353)
296. louuaram a Deos muito, e a esta santa sua **por tamanho millagre com'este**. (234r)  
 louvarão a Deos muito, e a esta sancta sua, **por tamanho milagre com'este**.  
 louvarão a Deos muito, e a esta santa **sua por tamanho milagre**.  
 louvarão a Deus, e a esta santa. (355)
297. e a molher **se tornou** pera sa casa louuando a Deos **por tanto bem que lhe fizera e esta santa**. (234r)  
 e a molher **se tornou** pera sa caza louuando a Deos **por tanto bem que lhe fizera, e esta sancta**.  
 e a molher **se tornou** para sa caza louvando a Deos **por tanto bem que lhe fizera, e esta santa**.  
 e a molher **foi** para casa louvando a Deus. (355)
298. graças a Deos, **e esta sua santa por tam grande millagre**. (236r)  
 graças a Deos, **e a esta sua sancta por tão grande milagre**.  
 graças a Deos, **e esta sua santa por tão grande milagre**.  
**grandes** graças a Deus. (356)

Em 295, G2 não só omite todo o segmento final (*e a todo aquel que lhe algũa cousa demandasse com razom, que acharia em ella*), mas também substitui *honra* por *oração*. Embora sejam sinónimos em contexto cultural, a verdade é que o copista parece ter concretizado esta

substituição precisamente porque suprime todo o segmento do final do milagre, onde se sugere que todo aquele que pedir algo a S. Senhorinha (isto é, que lhe fizer oração) encontrará nela uma solução para o seu problema. Assim, prevendo ou não a omissão final, o copista acaba por considerá-la necessária.

No mesmo sentido, o copista de G2 também omite ou substitui muitos segmentos de texto de  $\alpha$  que também tinham uma função cultural importante na lenda original: a alegação de testemunhas presenciais dos milagres. Esta é uma estratégia de credibilização do discurso frequente em hagiografia e, sobretudo, essencial na narrativa de milagres. Assim, provando que a credibilidade do seu texto já não depende deste tipo de testemunho e que a sua função já não é cultural, este copista omite estes segmentos em pelo menos sete lugares do texto.

Um deles é o lugar 29 anteriormente analisado (v. capítulo II, p. 156):

29. e loguo **ella e seu marido, e outros que hi estauão**, derão graças a Deos (236r)  
e E logo **ella, e seu marido, e outros que ahi estauom** derão graças a Deos  
e logo **ella e seu marido, e outros que ahi estavom** derão graças a Deos  
e asim derão grandes graças a Deus (356)

A este acrescentam-se outros seis:

299. e dali en diante nunca mais ouue talante de abrir o seu muimento, o qual Deos quer que **este** cerrado, **e nhum que non saiba, o que em elle jaz, e que esto seia verdade, assi ho aprendemos daquelles que o virom** (227v)  
e dali en diente nunca mais ouue talante de abrir o seu moimento, o qual Deos quer que **este** sarrado, **e nenhũ, que non saiba o que em elle jas e que esto seja verdade, assi o aprendemos daquelles que o uirão**.  
e dali em diante nunca mais ouue talante de abrir o seu moimento, o qual Deos quer que **este** sarrado, **e nenhũ que nom saiba o que em elle jaz, e que esto seja verdade assy o aprendemos daquelles que o virão**  
e dali em diante nunca mais ouue talante de abrir o seu sepulchro, o qual Deus quer que **esteja** serrado. (349)

300. nos disse o dito clérigo **e outros muitos que o uirom** (229r)  
nos disse o dito Crego, **e outros muitos que o uirão**  
nos disse o dito Crego, **e outros muitos que o virão**  
me dise o clérigo (351)

301. era ia bem são, **entom vendo elles esto**, derom graças a Deos **e a esta santa** (231r)  
hera ia bem são . **entõ uendo elles esto** derõ graças a Deos, **e a esta sancta**  
hera já bem são; **enton vendo elles esto** derom graças a Deos, **e a esta santa**.  
Era bem são . Derão graças a Deus, (352)

302. e loguo o braço deu hum estouro, **que quantos hai estauão fiquarom espantados**, entom dise o clérigo (235r)  
e logo o braço deu hum estouro **que quantos ahi estauão ficarão espantados; entom** disse o Clérigo  
e logo o braço deu hum estouro **que quantos ahi estavõ ficarão espantados, entom** disse o Clérigo  
e logo o braço deu hum estouro, e **lhe** dise o crego (355)

303. começou de estender o veio sobre o muimento, **do qual a cobrira o clérigo, o qual nos contou todo esto, que a uira como dito he**, (235r)  
comesou de estender o veio sobre o Moimento, **do qual a cobrira o Clérigo, o qual nos contou todo esto, que a uira como dito he** .  
começou de estender o veio sobre o moimento, **do qual a cobrira o Clérigo; o qual nos contou todo esto que a vira como dito he;**  
comesou de estender o veio sobre o moimento (355)

304. deu muitas graças a Deos, e esta santa, **e os que hi presentes estauão quando virom tal millagre.** (235r)  
 deu muitas graças a Deos, e esta sancta; **e os que hi presentes estauão quando virão tal milagre.**  
 deo muitas graças a Deos, e esta santa; **e os que hi presentes estavam quando virão este milagre.**  
 deo muitas graças a Deus, e a santa. (355)

Da mesma forma, observem-se dois lugares onde G2 intervém intencionalmente em duas ocorrências do discurso directo, eliminando dois elementos próprios do primitivo objectivo cultural da VSSB do seu antecedente: o discurso directo na segunda pessoa do singular no convite à invocação de S. Senhorinha (lugar 305, que Sobral (2012:175-176) também discute); e o discurso directo dirigido aos peregrinos para quem esta narrativa foi originalmente escrita (lugar 304):

305. reino do ceo, onde **viues** com Deos padre, Jesu cristo **teu** esposo (226v)  
 Reyno do Ceo aonde **viues** com Deos Padre, Jesus Christo **teu** Espozo  
 Reyno do Ceo aonde **vives** com Deos Padre Jesus Christo **teu** esposo  
 Reino do ceo, Onde **vive** com Deus Padre Iesus Christo **seu** esposo (349)
306. **Digo uos senhores hum boo millagre que nembra que Deos fes por esta sua serua em sua vida** (232v)  
**Digo uos senhores hum bom milagre, que nembra, que Deos fes por esta sua serua em sua vida**  
**Digo vos senhores hum bom milagre, que nembra, que Deos fez por esta sua serva em sua vida**  
 Sendo ainda viva esta santa (353)

O lugar variante 305 faz parte do convite à invocação de S. Senhorinha com que termina o parágrafo dedicado à sua morte e, consequentemente, toda a parcela de texto dedicada à narração da sua vida. Discutindo este lugar, diz Sobral (2012:175-176) que em G1 e  $\alpha$  esta oração formulada como um pedido de ajuda à santa é «reproduzida *ipsis verbis* na mudança abrupta para a segunda pessoa (“onde viues”, “teu esposo”), e provavelmente destinada a orientar os peregrinos na sua devoção» (Sobral 2012:176). Contudo, G2 não conserva essa mudança de discurso. Dada a lista de variantes de G2 claramente intencionais e que eliminam elementos culturais como este, certamente que aqui o copista também corrigiu intencionalmente *vives* por *vive* e *teu* por *seu*, eliminando a formulação de um discurso dirigido à santa (que só faria sentido se este texto fosse lido em contexto cultural), ao mesmo tempo que assegurava a concordância com o restante texto da exortação.

Em 306, G2 apenas conserva a parcela do texto de  $\alpha$  que situa este milagre em vida de S. Senhorinha. Considerando toda a restante informação desnecessária, veja-se como G2 aproveita para omitir a expressão *digo vos senhores*, que só faria sentido se o texto fosse lido numa circunstância cultural e perante uma audiência.

Está, pois, provado que o copista de G2 não estava interessado em conservar as características do texto da legenda primitiva que tinham uma utilidade meramente cultural. Por conseguinte, e como refundidor-históriógrafo, talvez estivesse apenas empenhado em fundar a

credibilidade da sua narrativa no próprio facto de ela ser uma fonte antiga. Por outro lado, G2 também não conserva os mecanismos de comprovação da verdade provavelmente adicionados por Torcato de Azevedo no *remate* da VSSB em  $\alpha$  (v. lugar 2, capítulo II, p. 146):

2. finis. (236r)

Isto hera o que aquelle antigo papel, **que nesta Jgreja de sancta Senhorinha se achou, continha, da vida, e milagres desta bem aventurada sancta tão mal tratado do tempo que delle se não pode colher mais;** que foi trasladado pelo mesmo estilo **como estaua escrito naquella fraze antiga, em que os homens fazião mayor estimacão da verdade do que de nenhũa outra couza, e tinham por muito grande afronta faltar a ella, e hera entre elles tão abominada a mentira, que se desprezaua pello vicio mais torpe dos homens . que he endicação pera se lhe dar todo o Credito de verdadeiro.**

Isto era o que aquelle antigo papel **que nesta Igreja de santa Senhorinha se achou continha da vida, e milagres desta bem aventurada santa; tão mal tratado do tempo que delle se não pode colher mais;** que foy trasladado pello mesmo estilo **como estava escrito naquella fraze antiga em que os homens fazião mayor estimacão da verdade, do que de nenhuma outra couza, e tinham por muito grande afronta faltar a ella; e era entre elles tão abominada a mentira, que se desprezava pello vicio mais torpe dos homens, que he indicação para se lhe dar mais credito de verdadeiro**

Isto he o que continha aquelle antigo papel dos milagres de santa Senhorinha que foi tresladado na mesma fraze antiga. (356)

Aqui G2 limita-se a sintetizar a informação, demonstrando que a omissão dos elementos cultuais do texto foi motivada pelo objectivo da sua cópia, mas sobretudo por uma intenção abreviadora.

Prova de que estas variantes intencionais resultam de uma interação entre o objectivo historiográfico desta cópia e a intenção abreviadora do copista é o facto de não ocorrerem de forma sistemática. Assim, em diversos lugares da sua cópia G2 não elimina estes segmentos com função cultural, conservando a alegação de testemunhas específicas, sobretudo, no início de cada milagre (ex. lugar 111, v. capítulo II, p. 196, retomado abaixo), algumas vezes no final de cada um (ex. lugar 307), e conservando, por exemplo, a formulação na segunda pessoa de uma oração dirigida a S. Senhorinha (ex. lugar 309). Além disso, em pelo menos um lugar, G2 limita-se a abreviar o texto em que se faz referência a essas testemunhas (v. lugar 308) e, num terceiro lugar, parece ter tentado corrigir  $\alpha$ , mas manteve o elemento cultural nele implicado (v. lugar 310):

307. ca **todos quantos ahi estauão** erão espantados (223r)

ca **todos quantos ahi estauão** herão espantados

ca **todos quantos ahi estavom** herão espantados

ca **todos os que hi estavão** erão espantados (345)

308. da qual cousa o arçebispo ficou muito espantado, **e as gentes que com elle estauão** (227r)

da qual couza o Arcebispo ficou muito espantado, **e as gentes que com elle estauão**

da qual [...] ficou o Arcebispo muito espantado, **e as gentes que com elle estavão**

e o Arcebispo **ficarão todos espantados** (349)

309. disse assi senhora mui gloriosa de muitas tribullações **acores** as minhas // **pressas**, peço te senhora que me queiras oie acorrer (230r//230v)

disse assi : senhora, muy glorioza de muitas tribulações **acores** as minhas **preças**

disse assy, senhora muy glorioza de muitas tribulações **acores** as minhas **preças**

e disse – senhora mui gloriosa de muitas tribulações **acode** ás minhas **preces** (351-352)

310. **Vendo esto todos**, o clérigo tomou os dinheiros (230v)

**vendo esto todos**, o Crego tomou os dinheiros

**vendo esto todos**, o Crego tomou os dinheiros

o crego **a vista de todos** tomou o dinheiro (352)

111. uendo **esto hum homem** que estaua a par della (231v)

uendo **esto hum Homem** que estaua a par della

vendo **hum homem esto** que estava a par della

vendo **hum homem esto**, que estava apos ella (352)

Atente-se no lugar 310, que ocorre no contexto que termina o milagre dedicado ao moço que roubara dinheiro a um homem que visitara a Igreja de S. Senhorinha, imediatamente depois de o Demónio ter tomado o moço e de o dinheiro, sobre cujo roubo mentia, cair do seu seio. Enquanto na lição de  $\alpha$  se lia que, em seguida, “vendo isto (o dinheiro a cair do seio) todos, o clérigo tomou o dinheiro...”, em G2 lê-se que “o clérigo tomou o dinheiro à vista de todos”. A variante de G2 é provavelmente motivada por uma intenção explicativa que acaba por mover o foco do segmento do milagre que ali ocorrera (e da alegação das testemunhas que o comprovavam) para a visibilidade com que o clérigo tomou o dinheiro do chão e o devolveu a seu dono.

Além de tudo isso, saiba-se que todas estas variantes ocorrem apenas a partir do 2º milagre póstumo (v. lugar 311), com mais frequência a partir do 6º milagre, e de forma crescente entre o 9º<sup>3</sup> e o 19º milagre de G2.

311. que este cerrado, **e nhum que non saiba, o que em elle jaz, e que esto seja verdade, assi ho aprendemos daquelles que o virom** (227v)

que este sarrado, **e nenhũ, que non saiba o que em elle jas e que esto seja verdade, assi o aprendemos daquelles que o uirão.**

que este sarrado, **e nenhũ que nom saiba o que em elle jaz, e que esto seja verdade assy o aprendemos daquelles que o virão**

que **esteja** sarrado. (349)

Assim, é possível confirmar que o copista de G2 intervém no texto «de forma quase sistemática no final dos milagres póstumos» (Sobral 2012:168). Contudo, embora essas variantes de G2 afectem segmentos do texto que provam a sua ligação ao culto de S. Senhorinha (e que ocorrem mais frequentemente nos milagres póstumos), convém esclarecer que não ocorrem apenas no final dos milagres, e que também surgem acompanhadas de outras variantes meramente simplificativas e abreviadoras, cada vez mais frequentes ao longo do texto. De seguida

---

<sup>3</sup> Este é o 8º milagre em G2, o que interfere na correspondência entre os milagres da VSSB, que aqui se enumeram, e a numeração do apógrafo G2.

vejam-se 23 lugares onde, à primeira vista, G2 intervém no texto de  $\alpha$  apenas para o tornar menos complexo, mais curto ou menos redundante:

312. E contau **isto** que lhe **acontecera a quantos achaua** (227r)  
e contau **isto** que lhe **acontecera a quantos achaua**  
e contau **isto** que lhe **acontecera a quantos achava**  
e contau **o** que lhe **sucedeo** (349)
313. e o diabo que o tragia enguanado **matou o, e leuou lhe a alma** ao inferno. (227r)  
e o Diabo, que o tragia enganado **matou o, e leuou lhe a alma** ao Inferno.  
e o Diabo que o tragia enganado **matou o, e levou lhe a alma** ao Inferno.  
e o Diabo que o tragia enganado **levou o** ao Inferno (349)
314. louuaram muito Deos, e esta santa sua, **e loguo a dita** molher leuou grandes offertas **ao corpo desta santa** (229v)  
louuaram muito Deos, e esta sancta sua; **e logo a dita** molher leuou grandes ofertas **ao corpo desta sancta**  
louuaram muito a Deos, e esta santa sua; **e logo a dita** molher levou grandes offertas **ao corpo desta santa**  
louuaram a Deus e a esta santa **a que** a molher levou offertas (351)
315. ainda **o catiuo non acabaua** sua palaura (230v)  
ainda **o catiuo não acabaua** sua palabra  
ainda **o cativo não acabava** sua palavra  
ainda **não tinha acabado** a palavra (352)
316. **porque lhe todos roguarom por el, e por honra desta** santa (230v)  
**porque lhe todos rogarõ por el, e por honra desta** sancta  
**porque lhe todos rogarão por el, e por honra desta** santa  
**por lho pedirem pola** santa (352)
317. e **assi** arrastaua **os pees** pello campo (230v)  
e **assi** arrastaua **os pés** pello campo  
e **assy** arrastava **os pés** pello campo  
**arrastando se pollos campos** (352)
318. **pois aquel moço que veera a sua egreja sobollo asno, tornou a seu pe** pera sua casa. (231r)  
**pois aquel moço, que uiera a sua Igreja sobello Asno, tornou a seu pé** pera sua caza.  
**pois aquel moço que viera a sua Igreja sobollo asno tornou a seu pé** para sua caza.  
**e elle foi** a pé para sua casa. (352)
319. pera **fazerem** festa, **assi como auiam costume de fazer quada sabodo** no uerão (231)  
pera **fazer** festa, **assim como huião costume de fazer cada sabbado** no verão  
para **fazer** festa, **assy como avião costume de fazer cada sabado** no verão  
para **fazer** a festa **costumada em todos os sabbados** no verão (352)
320. ainda diguo uos que estando folguando em sua terra hum príncepe nobre e caualleiro deste reino, o qual era mui priuado del rei dona Affonso, e auia nome dom Gonçallo de sousa o mui poderoso, ca todo o conselho del rei era em elle, estando **elle hũ dia em sua terra** folguando (232r)  
ainda digo uos, que estando folgando em sua terra hum Princepe nobre, e Caualeiro deste reyno, o qual hera mui priuado del rey Dom Affonço, e auia nome Dom Goncallo de Souza o muy poderoso . ca todo o Concelho del rey hera em el .estando **elle hũ dia em sua terra** folgando  
ainda digo vos que estando folgando em a sua terra hum Princepe nobre, e cavaleiro deste Reyno, o qual hera mui privado del Rey D. Affonço e avia nome D. Gonçalo de Souza o muy poderoso, cá todo o concelho del Rey era em el : estando **elle hũ dia em sua terra** folgando  
inda digo vos, que estando folgando em sua terra hum Principe deste Reino, o qual era mui privado del Rey D. Affonso e se chamava D. Gonçalo de Sousa mui poderoso, e todo o concelho del Rey era em el, estando **como dise** folgando (353)

321. o qual **caualeiro** loguo chamou **e assuou** suas gentes **as mais** que pode aver **da sua terra** (232r)  
 o qual **Caualeiro** logo chamou, **e assuou** suas gentes, **as mais** que pode aver **das suas terras**  
 o qual **Cavaleiro** logo chamou **e assuou** suas gentes **as mais** que pode aver **das suas terras**,  
 o qual logo chamou suas gentes que pode aver (353)
322. porque **era homem** proue, e **non tinha tanto de seu**, **per** que se podesse manter (232v)  
 porque **hera Homem** pobre, e **não tinha tanto de seu**, **por** que se pudesse manter  
 porque **hera homẽ** pobre, e **não tinha tanto de seu por** que se pudesse manter  
 porque **sendo** pobre, e **não tendo com** que se podese manter (353)
323. feitos de barro **ou lama**, e **loguo quebrauam**, e **caiam ã terra** e **depois uendo esto os caçereiros disseron no a el rei**, e **el lhes** perguntou (233r)  
 feitos de Barro, **ou de Lama**, e **logo quebrauão**, e **cahião em terra**; e **depois uendo esto os Carcereiros disseron no a El rey**, e **el lhes** perguntou  
 feitos de barro, **ou de lama**, e **logo quebravão**, e **cahião em terra**; e **despois vendo esto os Carcereiros disserom no a El Rey**; e **el lhes** perguntou  
 feitos de barro ! **el Rei** lhes proguntou (353)
324. **depois aconteçeo esto que caiam o ferros quebrados ao dito caualleiro Jrmão desta santa**, que el rei fui dello mui sanhudo, e perguntou aos caçereiros (232v)  
**depois aconteceo esto que cahion os ferros quebrados ao dito Caualeiro Jrmão desta sancta**, que El rey foi dello muy sanhudo, e perguntou aos Carcereiros  
**depois aconteceo esto que cahiom os ferros quebrados ao dito Cavaleiro irmão desta santa**, que El Rey foi dello muy sanhudo, e perguntou aos Carcereiros  
 El Rey foy dello mui sanhudo, e proguntou aos carcereiros (353)
325. que **a** leuassem a Toledo, **onde el entom estaua**, os quaes a leuaron com sua honra (233r)  
 que **a** leuassem a Tolledo, **onde el entom estaua** . os quaes a leuaron com sua honra  
 que **a** levassem a Toledo onde **el entom estav[...]** os quais a levarom com sua honra  
 que **lha** levasem a Toledo, os quaes a levarom con sua honra (354)
326. e deu lhe **o dito Rey** sua carta, **a qual fui dada em Tolledo** (233v)  
 e deu lhe **o dito rey** sua carta **a qual foi dada em Tolledo**  
 e deu lhe **o dito Rey** sua carta **a qual foy dada em Tolledo**  
 e deu lhe sua carta (354)
327. e esta santa se tornou loguo **pera sua casa, com grande honra**, e **morou na dita igreja** (233v)  
 e esta sancta se tornou **pera sua caza com grande honra**, e **morou na dita Igreja**  
 e esta santa se tornou **para sua caza, cõ grande honra**, e **morou na dita Igreja**  
 e a santa tornou **com grande honra** para sua Igreja (354)
328. e disse **entom** ao clerigo que **a igreja** regia **chorando, tendo os giolhos ã terra** (234v)  
 e disse **entom** ao Crego, que a Igreja regia, **chorando, tendo os giolhos em terra**  
 e disse **entom** ao Crego que a Igreja regia **chorando tendo os giolhos em terra**  
 e dise ao crego que regia (355)
329. e **alçou çe loguo sobre seus peitos**, com seu braço **estendido** (235r)  
 e **alçou sse logo sobre seus peitos**, com seu braço **estendido**  
 e **alçou se logo sobre seus peitos** com seu braço **estendido**  
 e com o braço **livre** (355)
330. auia sua soldada **como quada hũ dos outros seruidores della**, que hũa ora (235r)  
 auia sua soldada, **como cada hũ dos outros seruidores della** que hũa hora  
 avia sua soldada **como cada hum dos outros servidores della** que hũa hora  
 havia sua soldada, e que hũa hora (355)



331. e demais **ainda** esta dona **em nome desta santa Senhorinha** se achava algũs desta sua door, **come lhes punha** a mão, **e os alçasse da terra**, loguo erão sãos (235v)

e demais **ainda** esta Dona, **em nome desta sancta Senhorinha**, se achava algũs desta sua dor, **como lhes punha** a mão, **e os alçava da terra** logo herõ sã

e demais **ainda** esta Dona **em nome desta santa Senhorinha** se achava algũs desta sua dor, **como lhes punha** a mão, **e os alçava da terra** logo herom sãos

E demais esta Dona se achava alguns desta dor, **em lhes pondo** a mão **em nome da santa** saravão logo (356)

332. quando casou sua filha Dona Tareia com el rei Dona affonso de Leom, e todo o reino de Portugal // era antredicto (235v//236r)

quando cazou sua filha Dona Tareja com El rey Dom Affonco de Leon, e todo o reino de Portugal hera antredito

quando cazou sua filha D. Tareja com El Rey D. Affonço de Leom; e todo o Reyno de Portugal hera antredito

**estando o Reino antredicto e cazando a Infante D Tereja com El Rey D Affonso de Leom** (356)

333. anno e meo, **que nunca vio, nem conhecia, senon pella voz, ou se lhe dissessem que era, e sendo** desesperada da vista dos olhos

anno e meyo, **que nunca vio, nem conhecia senom pella uós, ou se lhe dissesse que hera; e sendo** desesperada da vista dos olhos

anno e meyo **que nunca vio, nem conhecia senom pella voz, ou se lhe dicesse que era; e sendo** desesperada da vista dos olhos

anno, e meio : desesperada da vista dos olhos (356)

334. via toda a igreja **relluzir come candeas, e assi** come raios de sol (236r)

via toda a Igreja **reluzir como Candeas, e assim** como rayos do sol

via toda a Igreja **rezulir como candeas, e assy** como rayos de sol

via toda a Igreja como rayos de sol (356)

320 é um dos casos que melhor prova como G2 pretende eliminar repetições e redundâncias. O copista substitui o segmento redundante (*hũ dia en sua terra*) não por um semelhante, mas por uma expressão que não só retoma o que foi dito como denuncia a redundância (*como disse*).

Em 321, G2 omite a forma verbal *assuou*. Do latim AD-SUBUNARE, o verbo *assũar* ou *assuar* significa “juntar”, “reunir”. Dado que o verbo se atesta apenas entre o século XII (na variante *assũar*) e o século XIV (na variante *assuar*) (cf. Cunha (2000) e Houaiss (2015)), esta omissão pode ter resultado de uma tentativa de eliminação de redundâncias, mas certamente terá sido motivada pela estranheza que a forma verbal provocara no copista do século XIX.

Em 323 o copista de G2 omite um conjunto de informações que evidentemente considerou desnecessárias. Contudo, isso levou-o a omitir o sujeito *El Rey*. Retomando a cópia em *el lhes perguntou* o copista apercebe-se que, devido à omissão, não é claro qual seja o referente do pronome pessoal. Consequentemente, acrescenta o substantivo *Rei* na sobrelinha, de forma a colmatar a falta de coesão que provocara no texto.

Em 325 é evidente que o copista de G2 considerou desnecessário repetir que o Rei se encontrava em Toledo. De facto, se o contexto exige que o Rei tenha mandado chamar S. Senhorinha junto dele, a Toledo, não é necessário repetir essa informação entre vírgulas como

fazem G1 e  $\alpha$ . Por isso, o copista substitui o clítico *a* (com função de complemento directo) pela sua fusão com o clítico dativo *lhe* em *lha* (com função de complemento directo e indirecto). Em 326 o copista volta a suprimir a redundância.

Em 327, atente-se não só na reordenação da informação entre o sintagma *com grande honra* e o lugar para onde tornou a santa, mas sobretudo no facto de tornar para a *Igreja*. O copista de G2 compreende que a casa em que Senhorinha moraria dali em diante seria essa Igreja e, conseqüentemente, elimina uma das referências.

Em 329, G2 omite *alçou çe loguo sobre seus peitos* e substitui a forma do particípio passado do verbo estender com terminação em *-udo* (*estendudo*). A segunda variante é motivada por uma intenção actualizadora, pois no século XIX (e desde meados do século XVI) as formas do particípio passado da segunda conjugação já tinham evoluído para *-ido*. Como a alternativa utilizada pelo copista não é *estendido*, há que concluir que, mesmo depois dessa operação de modernização, G2 considerou que o texto era pouco claro e, conseqüentemente, substitui *braço estendudo* por *braço livre* para esclarecer que S. Senhorinha tinha libertado o braço que aquela mulher levava preso.

Neste grupo também se deve incluir a substituição de G2 de *hum homem non podera caber dentro* por *ninguem mais cabia* no lugar 66 (v. capítulo II, p. 171) e a simplificação para *No mesmo tempo que era Regedor este Payo nos dise* no lugar 126 (v. capítulo II, p. 205):

66. entom estaua tanta gente na egreja desta santa que **hum homem non podera caber dentro**, e dormindo // todos (227v//228r)

Entõ estaua tanta gente na Igreja desta sancta, que **hum homem nõ podera caber nella** e dormindo todos **dentro della**,

entom estava tanta gente na Igreja desta santa que **hum homem nõ podera caber nella**, e dormindo todos **dentro della**

entom estava tanta gente na Igreja **que ninguem mais cabia** : e dormindo todos dentro della (350)

126. Outrosi em o tempo que este mesmo cleriguo era Regedor desta egreja nos disse (228r)

No tempo que o mesmo Clerigo Payo **estaua** regedor **da Igreja de sancta Senhorinha** nos disse

No tempo que o mesmo Clerigo Payo **estava** Regedor **da Igreja de santa Senhorinha**, nos disse

No mesmo tempo que era Regedor este Payo nos dise

Por fim, vejamos outros lugares cujas variantes intencionais de G2 exigem uma explicação relativamente mais complexa. Em primeiro lugar importa retomar os sete lugares onde o copista parece corrigir erros de  $\alpha$  ou  $\Omega$  de forma aceitável (v. todos os erros conjuntivos G1EP, capítulo II, pp. 208-213). No entanto, além desses existem ainda 12 lugares onde G2 tenta corrigir  $\alpha$ , mas não é bem sucedido.

Desses 12 casos, vejamos-se primeiro quatro que foram anteriormente analisados no capítulo II para demonstrar a existência de  $\alpha$  e a contaminação de E – lugar 77, 98, 102 e 116 (v. capítulo II, pp. 178, 191, 192 e 197, respectivamente):

77. não querendo que esta santa pedra preciosa fosse ençuiada da luxuria do diabo (213v)  
não querendo, que esta sancta pedra precisoza fosse **encurada** da luxuria do Diabo  
não querendo que esta santa pedra precisoza fosse **encurada** da luxuria do Diabo  
não querendo que esta santa pedra preciosa fosse **sencurada** da Luxuria do Diaboo (337)

98. e cuidando elle **esto, deu lhe o sono** (214r)  
e cuidando elle **esto, deu lhe o sono**  
e cuidando elle **esto disse lhe o sono, digo, esto**, deu lhe o sono  
e cuidando elle **nelle dise lhe esto**: deu lhe o sono (337)

102. e como fui sua uida, **eu direi** depois indo por sua istoria desta guisa. (216r)  
e como foi sua vida, **eu direi** despois indo por sua historia desta giza.  
e como foy sua vida **cuidirei** despois indo por sua historia desta giza.  
e como foi sua vida **cuidarei** despois hindo [...] por esta gisa. (339)

116. e mais deseiaua nunqua o uerem que de o auerem de criar come mudo, e os cuitados non se **nembrauam** como o prometerom de o levar ao muimento desta santa (234r)  
e mais dezejarão nunqua o verem, que de o auerem de criar Como mudo, e os cuitados nom se **nembrauão**, como o prometerõ de o levar ao moimento desta sancta  
e mais dezejarão nunqua o verẽ qye d’o averem de criar como mudo; e os cuitados nom se **nembrarão** como o prometerom de o levar ao moimento desta santa  
e mais dezejarão **nom o aver** que de averem asi mudo, e os coitados nom se **lembrarão** como prometerom de o levar ao moimento da santa (354)

Em cada um deles G2 apresenta uma variante privativa que representa uma má tentativa de correcção da lição do seu antecedente. Em 77 só G1 tem uma lição aceitável (*ençuiada*). O erro de EP (*encurada*) e o erro de G2 (*sencurada*) dependem de um erro paleográfico, ou de um lugar obscuro de  $\alpha$ . Ao contrário de  $\beta$ , E e P, G2 apercebeu-se da incoerência provocada por  $\alpha$ , tentando corrigir o seu erro para *sencurada* (“censurada”).

Em 98, a lição genuína é a de G1 e E (*esto, deu lhe o sono*).  $\alpha$  tinha um erro (*esto disse lhe o sono*) que ele próprio corrigiu para *esto disse lhe o sono, digo, esto deu lhe o sono*. E corrige essa lição de  $\alpha$  e P não se apercebe e copia o erro de  $\beta$ . G2 apercebe-se que o seu antecedente tinha um enunciado incoerente, tenta solucionar o problema, mas não é capaz de o fazer de forma eficaz, provocando uma nova incoerência: *nelle disse lhe esto*.

Em 102, G2 omite o segmento *sua historia*, presente em G1 e  $\alpha$ . Esta parece ser mais uma variante intencional em que G2 apenas omite um segmento que considerou redundante. No mesmo lugar, G2 apresenta uma segunda variante privativa: *cuidarei*. Se em  $\alpha$  se lia *cuidarei*, então G2 copia correctamente a variante de  $\alpha$ . Contudo, e como foi dito anteriormente (v. capítulo II, p. 193), talvez seja mais provável considerar que  $\alpha$  cometeu um erro paleográfico de *eu direi* por *cuidirei*, que  $\beta$  copiou (e P também), que E o corrigiu pelo confronto com G1 e que G2,

apercebendo-se da agramaticalidade, tenha tentado corrigir o erro do seu antecedente ( $\alpha$ ) com a variante *cuidarei*.

Em 116, G2 substitui o indefinido negativo *nunqua* por *nom* e *o verem* por *o aver*. No segundo caso, G2 é possivelmente influenciado pela repetição do verbo de posse em *averem de criar*. De seguida, o copista substitui *averem de criar como mudo* por *averem asi mudo*. Dado que em G1 e  $\alpha$  se lê que os pais “mais desejarão nunca verem (o filho) do que o terem de criar como mudo”, e em G2 se lê, exactamente com o mesmo sentido, que os pais “desejarão não ter o filho do que de o terem mudo”, então neste caso o copista de G2 limita-se a actualizar, simplificar e tornar o texto mais claro.

Da mesma forma veja-se o lugar 79 (v. capítulo II, pp. 178 e 219):

79. e confessou lhe seu peccado, **e erro grande** que fizera na igreia desta santa (231v)  
e confessou lhe seu peccado, **e horo grande** que fizera na Igreja desta sancta  
e confessou lhe seu pecado, **choro grande** que fizera na Igreja desta santa  
e confesou lhe seu pecado que fizera na Igreja da santa (353)

Aqui G2 elimina um erro de  $\alpha$  omitindo o segmento problemático. E e P apresentam duas lições erróneas distintas (mas evidentemente próximas), o que sugere que  $\alpha$  tivesse um erro por *erro grande*, que  $\beta$  conservou ou não soube corrigir. G2 ter-se-ia apercebido da incongruência, mas, não sendo capaz de corrigir o erro, omite todo o segmento de texto problemático para tornar a frase gramatical.

Ademais, atente-se aos restantes sete casos:

335. Padre boo não me escolheste tu hũ mui bom **esposo e senhor, e não** me offereceste tu a Deos (214r)  
Padre boo não me escolheste tu hũ muy bõ **Espozo, e senhor ! e não** mi offereceste tu a Deos !  
Padre bõõ não me escolheste tu hũ muy bõ **esposo, e senhor, e não** me offereceste tu a Deos ?  
Padre bom não me escolheste tu hum tão bom **esposo ?, E senhor Não** me offereceste tu a Deus ? (337)
336. **ca ella** curaua **dos** enfermos, e **sacaua** os demoniados (225v)  
**ca ella** curaua **dos** enfermos, e **sacaua** os demoniados  
**ca ella** curava **dos** enfermos, e **sacava** os demoninhados  
curava **os** enfermos, e **sanava** os endemoninhados (348)
337. e polla morte do bispo que **vio**, entendeo ella que a pouquo tempo a queria Deos leuar (225v)  
e pella morte do Bispo, que **uio** entendeo ella, que a pouco tempo a queria Deos leuar  
e pella morte do Bispo que **vio** entendeo ella que a pouco tempo a queria Deos levar  
e polla morte do Bispo que **morreo** entendeo ella que a pouco tempo a queria Deus levar (348)
338. parecia, que toda **a casa** caia (229r)  
parecia, que toda **a caza** cahia  
parecia que toda **a caza** cahia  
parecia que a **Igreja** cahia (351)
339. fazendo lhe muitas esmollas, e offertas que a quisesse alumiar **de** seu parto (229v)  
fazendo lhe muitas Esmollas, e ofertas que a quizesse alumiar **de** seu parto  
fazendo lhe muitas esmollas, e offertas que a quizesse alumiar **de** seu parto

fazendo lhe muitas esmollas e offertas que a quisesse alumiar **em** seu parto (351)

21. digo uos que **o medo** que eu auia **que ia o perdi** (235v)  
Digo uos, [...] que eu auia, que Já o não hei **que Já o perdi**  
digo vos [...] que eu avia que ja não o hey **que ja o perdi**  
digo vos que eu avia **o** que ja nom ei (356)

340. e non consirando **o mal** que ia passara (236r)  
e nõ conciderando **o mal**, que ia passara  
e nom considerando **o mal** que ja passara  
non conciderando **no** que já passára (356)

Se em 335 se puder supor que o ponto de exclamação de E assinala o lugar onde devia ser lida a primeira interrogação em  $\beta$  e  $\alpha$ , então a variante de G2 talvez resulte de uma leitura diferente do contexto. Em  $\alpha$  lia-se “Padre bom, não me escolheste tu um bom esposo e senhor? E não me ofereceste tu a Deus?”. Se é possível que, tal como em G1 e P, essa pontuação não estivesse assinalada com clareza em  $\alpha$ , então é provável que a variante de G2 resulte da uma má introdução do sinal de pontuação, o que implica a seguinte leitura: “Padre bom, não me escolheste tu um bom esposo ? E, senhor, não me ofereceste tu a Deus?”. Embora esta seja uma leitura gramatical, a prova de que a variante de G2 é uma tentativa de correcção do texto de  $\alpha$  é o facto de transcrever *Não* com maiúscula, mesmo não sendo essa a palavra que vem depois do sinal de pontuação por ele introduzido.

O lugar 336 pertence ao início do parágrafo dedicado à morte de S. Senhorinha, a uma parcela do texto em que se enumeram e descrevem os encargos e obras de misericórdia que Senhorinha fizera durante toda a sua vida. G2 omite a expressão conectora composta pela conjunção explicativa *ca* e o pronome pessoal *ella*, provavelmente com uma intenção simplificativa e actualizadora. Além disso, substitui *curava dos enfermos* por *curava os enfermos*. De facto, *curava dos enfermos* significa “cuidar de alguém”, de um doente, ministrando-lhes os devidos cuidados. *Curava os enfermos* pode significar não apenas “cuidar, tratar”, supõe-se que de algo ou alguém (cf. Houaiss 2015), mas também pode significar “ocupar-se de (alguma coisa)” (cf. Houaiss 2015), valor semântico com o qual o verbo parece ocorrer em outros dois lugares do texto (v. p. 342 de G2 e no lugar variante 288, na p. 310.). Neste lugar, *curava os enfermos* pode ainda significar, o que é mais provável, “obter cura por milagre”. Consequentemente, e qualquer que seja a sua acepção neste caso, esta parece ser uma variante intencional actualizadora que acabou por adulterar ligeiramente o sentido do texto.

Por fim, neste lugar G2 apresenta ainda *sanava* onde  $\alpha$  tinha *sacava*. *Sanar* é uma variante do verbo *sarar* ainda utilizada no português contemporâneo (embora com menor frequência) precisamente com o sentido de “curar, sarar, reparar” (cf. Houaiss 2015). Já o verbo *sacar* é

atestado no português dos séculos XII a XV com o significado, entre outros, de “tirar para fora bruscamente, conseguir com certo esforço ou dificuldade retirar algo a alguém” (cf. Houaiss 2015), “mostrar, ensinar” (cf. Tato Plaza 1999), enquanto no português contemporâneo já só é utilizado com o sentido de “fazer sair” ou “tirar”. Posto isto, em G1 e  $\alpha$  lê-se que “ela importava-se com enfermos e expunha os demoniados/retirando-lhes o demónio”, e em G2 lê-se que “ela tratava os enfermos e sarava os demoniados”. No entanto, como para sarar um endemoninhado é preciso sacar-lhe o demónio, neste caso as “sara” e “saca” são sinónimos e esta pode ser só mais uma variante actualizadora de G2.

Contudo, dado que ambas as variantes de G2 em 336 são as lições mais simples deste lugar, mas que a dos restantes testemunhos é igualmente correcta, isso leva a crer que G2 entendeu a acepção mais moderna do verbo *curar*, e que talvez tenha cometido uma *lectio faciliior* em *sanava*, provavelmente influenciado pela sinonímia entre *sanar* e *curar* (e talvez até pela sensação de que  $\alpha$  tinha um erro por *sacava os demónios* ou *sanava os demoniados*).

O lugar 337 pertence ao mesmo contexto que o lugar anterior, ocorrendo imediatamente depois do parágrafo dedicado à revelação que S. Senhorinha recebera da morte de S. Rosendo e, mais precisamente, num passo onde se apresentam as duas razões pelas quais a santa compreendeu que morreria dentro de pouco tempo: 1) ouve uma voz vinda do céu que a chama para si; 2) também recebera assim a revelação da morte de seu primo S. Rosendo, que acabaria por se confirmar. Em 2) o copista de G2 substitui *vio* por *morreu*, o que, embora seja gramatical, é manifestamente redundante. Assim, e como o verbo “ver” em  $\alpha$  (e  $\Omega$ ) se refere à revelação que a voz dos anjos lhe fizera no parágrafo anterior, a lição de  $\alpha$  é provavelmente a genuína. À luz desta hipótese, a variante de G2 parece uma tentativa de correcção do que o copista julgou ser um erro de  $\alpha$ . Contudo, essa intervenção apenas contribuiu para a produção de uma redundância como as que este copista frequentemente se esforça por eliminar.

Em 338 (no 6º milagre póstumo, dedicado aos dois mancebos cegos a quem S. Senhorinha recuperou a visão), G2 esforça-se por esclarecer uma lição de  $\alpha$  relativamente ambígua. Assim, acaba por reforçar que a *caza* a que o texto de  $\alpha$  fazia referência era a Igreja de S. Senhorinha onde ocorrera o milagre.

Em 339, G2 substitui a preposição em *de seu parto* por *em seu parto*. Esta intervenção actualiza a língua de  $\alpha$ , pois G2 substitui uma proposição que soaria estranha no século XIX (*de*) por outra que lhe era mais familiar (*em*). Ademais, é possível que tenha concretizado esta variante também para esclarecer o sentido do texto. Assim, enquanto em  $\alpha$  se lê que a mulher pedia a

S.Senhorinha que a quisesse “iluminar de seu parto”, em G2 lê-se que a mulher pedia que a quisesse “iluminar durante o seu parto”. A lição de G1 e  $\alpha$  é evidentemente a genuína e o que está em causa neste 7º milagre póstumo é que uma mulher tinha o ventre inchado havia já muito tempo (dois anos), pedindo auxílio a Senhorinha para dar à luz. Este pedido tem necessariamente que ver com a urgência do parto. Por isso, a substituição de G2 pode também ser uma tentativa de esclarecimento ao mesmo tempo que é uma actualização do texto. Em todo o caso, a variante de G2 transporta o foco da necessidade de estimular e apressar o nascimento da criança para o desejo de obter a protecção de S. Senhorinha durante o parto. O copista pode não se ter apercebido disso porque o milagre termina com a libertação de uma serpente que ocupava o ventre da dita mulher, e que foi morta graças à protecção da santa.

Retomando o lugar variante 21 (v. capítulo II, p. 153), lembre-se que em  $\alpha$  também existia uma lacuna onde faltava o sintagma nominal *o medo* em *Digo uos, [...] que eu auia, que Já o não hei que Já o perdi*. O copista de G2 apercebe-se da incoerência do contexto e, consequentemente, tenta corrigir o erro. No entanto, e tendo em conta que a lacuna de  $\alpha$  não é de preenchimento evidente, é natural que a correcção conjectural de G2 não restitua o texto de  $\Omega$ . O copista apercebe-se que falta um complemento directo à forma verbal *haver*, mas não é capaz de especular sobre o substantivo ausente, reordenando os constituintes frásicos e inserindo um pronome definido *o* imediatamente depois da forma verbal. Esse pronome torna o texto gramatical, mas não retoma/antecipa qualquer substantivo anterior/posterior da oração e, consequentemente, não corrige o erro de  $\alpha$ . Esta tentativa de correcção aliada à persistente intenção de eliminar redundâncias e repetições provavelmente levou G2 a suprimir o segmento seguinte: *que já o perdi*.

Se o lugar 21 diz respeito ao primeiro milagre dedicado à mulher de um tal Paio Egeas (milagre em que o seu filho é tomado pelo Diabo e salvo por S. Senhorinha), o lugar variante 340 faz parte do milagre seguinte, dedicado à mesma mulher e à sua perda e recuperação de visão. Fazendo referência ao que se passara no milagre anterior, o copista de G2 substitui o sintagma *o mal* por *no*. Essa variante, que não contribui para a clareza do texto, deve ter sido motivada pelo facto de o copista julgar desnecessário esclarecer que o acontecimento narrado no milagre anterior era um “mal”, ou porque considerou acertada a sua correcção em 21.

Além de todos estes lugares, analisem-se as únicas três variantes que G2 parece ter concretizado com a intenção de intensificar o sentido do texto:

341. sempre se chegou aos bõs costumes, e a fee de Jesu christo, e em elles acabou seu tempo viuendo sempre, en **santidade** (211v)

sempre se chegou aos bõs Costumes e a fé de Jesus Christo, e em elles acabou seu tempo viuendo sempre, em **sanctidade**

sẽpre se chegou aos bõs Costumes e a fé de Jesus Christo, e em elles acabou seu tempo vivendo sempre em **santidade**

sempre se chegou aos bons costumes, e a fé de Iesus Christo, e com elles acabou seu tempo, vivendo sempre em **castidade** (335)

342. que o **proposito** (215v)

que o **prepozito**

que o **propozito**

que o **prometimento** (338)

343. entendia que a carne nõ era ainda bem mansa, e obediente, mas **que** ainda lhe **compria de pelejar** novamente com ella (220r)

entendia, que a Carne nõ hera ainda bem mança, e obediente, mas **que** ainda lhe **compria de** pelejar nouamente cõ ella

entendia que a carne nom hera ainda bem mança, e obediente, mas **que** ainda **compria de pelejar** novamente com ella

entedia que a carne não era ainda bem mança, e obediente, mas ainda **pertendia pelejar** novamente com ella (342)

Em 341, G2 substitui *santidade* por *castidade*. Contudo, essa operação não pode ter sido motivada pela necessidade de simplificar o texto de  $\alpha$ , pois *santidade* seria uma lição totalmente aceitável. Já que também é difícil considerar que  $\alpha$  apresentasse uma abreviatura de *santidade* relativamente fácil de confundir com a de *castidade* (prova disso é que os testemunhos E e P não têm dificuldade em lê-la), então há que concluir que, julgando que o substantivo *santidade* fazia referência à ausência de pecado (que se segue no texto), o copista de G2 interpretou-a como abstinência dos prazeres da carne, assumiu que era sinónimo de *castidade* e levou a cabo a substituição, intensificando o sentido do contexto.

Não é frequente que o copista de G2 realize substituições que não tornem o texto mais claro e simples do que o de  $\alpha$ . Assim, embora *prometimento* (G2) seja sinónimo de *propósito* (G1 e  $\alpha$ ) em contexto monástico, é provável que a substituição de G2 em 342 tenha sido incentivada pela ocorrência anterior da palavra em *melhor preseverar em esto propoimento* (v. p. 338 de G2), e que o copista tenha tentado intensificar o sentido do texto, reforçando que o propósito de S. Senhorinha deve ser entendido como os votos (as promessas) de vida casta que tomou na profissão de fé, necessária à sua entrada na vida monástica.

O lugar variante 343 ocorre num contexto em que se conta que S. Senhorinha, com 15 anos, julga que a sua *carne* ainda era demasiado branda para o serviço a Deus e que,



consequentemente, ainda lhe cumpria lutar com ela. Assim se lê o texto de G1 e  $\alpha$ , que utilizam a expressão *compria de pelejar* para realçar a obrigação religiosa e a devoção de Senhorinha para com o propósito de ser uma serva digna de Deus. Aqui o verbo *cumprir* significa “pertencer”, “dever”, “ter de”. O copista de G2 substitui *compria de pelejar* por *pertendia pelejar*, isto é, substitui a forma verbal que continha o valor da obrigação por uma forma que considera mais a vontade da santa do que necessariamente o seu dever. Assim, G2, atribuindo à acção de “pelejar com a carne” um valor menos obrigatório do que em  $\alpha$ , faz uma inovação motivada por uma tentativa de intensificar o contexto.

Por outro lado, veja-se um único lugar onde a variante de G2 parece ter sido verdadeiramente motivada pela intenção de desintensificar o sentido do texto:

344. e daua **mui grandes** sospiros (213r)  
 e daua **muy grandes** sospiros  
 e dava **muy grandes** sospiros  
 e dava **doces** sospiros (336)

Este lugar ocorre numa parcela de texto dedicada à infância de Senhorinha, mais precisamente à altura em que, incentivada pela ama, começa a “acender” no amor de Deus. A substituição de *muy grandes* por *doces* sospiros não pode ter sido acidental, nem motivada por uma intenção simplificativa, actualizadora ou explicativa. Dado que *doces sospiros* são sospiros muito mais comedidos do que *mui grandes sospiros*, e visto que substituir um superlativo por um adjectivo em grau normal modera a intensidade dos sospiros de S. Senhorinha, então esta variante de G2 talvez tenha resultado precisamente de uma tentativa de desintensificar o sentido do texto neste lugar.

### 2.1.5. Variantes por adição

Existem ainda alguns lugares onde G2 tem variantes que não resultam de nenhuma das operações que concretiza com maior frequência (omissões, substituições ou reordenações). Assim, analisem-se os raros casos em que G2 comete pequenas adições:

345. ca o que sofre marteiro hũa hora soo (211r)  
 ca o que sofre martirio hũa hora só  
 cá o que sofre martirio hũa hora só  
 ca o que sofre martirio **por** hũa hora só (335)

346. chamada filha esposa. (214v)  
 chamada filha Espoza.  
 chamada filha espoza.  
 chamada filha **e** Esposa. (337)

347. faz lhe tomar e comer das cousas defesas, e leixar as que som saude da sua alma (219r)  
faz lhe tomar, e Comer das couzas defezas, e leixar as que sō saude da sua alma  
faz lhe tomar, e comer das couzas defezas, e leixar as que som saude da sua alma  
fas lhe tomar, e comer das cozas defezas, e leixar as **cosas** que som saude de sua alma (341)
348. e loguo se a auguoa mudou en vinho assi come da primeira (221v)  
e logo se a agoa mudou em vinho assi como da primeira  
e logo se a agoa mudou em vinho assy como da primeira  
e logo se a agoa mudou em vinho, asi como da 1ª **ves** (344)
349. entom ella come molher de grande paçiençia, e de grande fiuza que auia en Deos (223r)  
Entõ ella como molher de grande paciencia, e de grande feuzza, que auia em Deos  
entom ella como molher de grande paciencia, e de grande feuzza que avia em Deos  
Entom ella como molher de grande paciencia, e de grande **fortaleza**, e feuzza que avia en Deus (346)
350. trabalhaua por comprir as obras da misericordia e de charidade (225v)  
trabalhaua por comprir as obras de Mizericordia  
trabalhava por comprir as obras de mizericordia  
trabalhava por comprir **com** as obras de mizericordia (348)

Em todos estes lugares as variantes por adição de G2 parecem resultar de tentativas de actualizar ou tornar mais claro o texto de  $\alpha$ . Contudo, entre estes casos há um lugar cuja variante é relativamente mais complexa: o lugar 349. Em primeiro lugar, note-se que nesse lugar a lição de G1EP é gramatical e semanticamente aceitável e, conseqüentemente, que a variante de G2 não pode ser entendida como uma correcção de um erro de  $\Omega$ . Assim, resta considerar que o copista de G2 tenha deliberadamente adicionado o substantivo *fortaleza* à lista de características que definiam S. Senhorinha.

A *paciencia* é uma das sete virtudes contra as tentações, a *feuzza* em Deus (a fé) é uma das três virtudes teologais, mas a *fortaleza* é uma das quatro virtudes cardinais que pouco se adequa aos milagres de que aqui se trata. Assim, é bem mais provável que o copista de G2 não tenha reconhecido a palavra *feuzza*, que já não se usava no século XIX, e que tenha querido compensar essa obscuridade do texto com uma virtude também iniciada pela letra <f>, mas mais facilmente reconhecida pelo público. Por fim, note-se que o substantivo *fortaleza* (e outras formas verbais derivadas de *afortalezar*) ocorre duas vezes no texto antes deste lugar (v. pp. 338 e 342 de G2), enquanto a palavra *feuzza/fiuza* ocorre pela primeira vez neste lugar variante. Portanto, o *usus scribendi* do texto e a estranheza da forma *feuzza* podem ter incentivado esta inovação explicativa e actualizadora de G2.

### 2.1.6. Variantes intencionais que resultam de erros

Existem lugares críticos onde uma variante accidental de G2 explica uma variante intencional, isto é, lugares onde um determinado erro provocou intervenções necessárias e conscientes da parte do copista nesse mesmo lugar. Vejam-se os seguintes cinco casos:

351. e ella abraçou o entom, e disse lhe (215r)  
e ella abraçou o entom, e disse lhe  
e ella abraçou o entom, e disse lhe  
e **elle** abraçou entom **a Donzela**, e **ella** disse lhe (338)
352. tu senhor nas agoas **çarraste** todos aquelles que te **errarom** (222r)  
tu senhor nas agoas **carraste** todos aquelles, que te **errarão**  
tu senhor nas agoas **sarraste** todos aquelles que te **errarão**  
Tu senhor nas agoas **saraste** todos aquelles que te **amarão** (344)
353. **depois aconteçeo** que os **ditos lauradores comerão**, (222v)  
**depois aconteceo**; que os **ditos lauradores comerão**  
**depois aconteceo** que os **ditos lavradores comerom**  
**aconteceo** que os **lavradores depois que comerão** (345)
354. **e estando** esta santa em matinas (225r)  
**e estando** esta sancta em Matinas  
**e estando** esta santa em matinas  
**estava neste tempo** esta santa em Matinas (347)
355. **tinha** iuntos com os peitos (228r)  
**tinha** iuntos com os peitos  
**tinha** iuntos com os peitos  
**non** tinha iuntos **senom** com os peitos (350)

Em 351, G2 comete o erro de *elle* por *ella*. Apercebendo-se da incoerência que provoca no texto, acrescenta o sintagma *a Donzela* de forma a inverter os intervenientes no acto de abraçar sem que tenha de cancelar *elle*. No entanto, essa inversão não resolve o facto de, neste contexto, não ser o pai quem fala à filha, mas sim o contrário. Diante desse problema, o copista é forçado a reintroduzir o pronome pessoal *ela* antes do verbo que introduz o discurso.

Em 352 é evidente que a segunda intervenção de G2 é intencional, já que dificilmente se confundiria *errarão* e *amarão*. Em G1, E e P lê-se “encerraste/aprisionaste nas águas todos aqueles que te erraram”, enquanto em G2 se lê precisamente o oposto: “curaste nas águas todos aqueles que te amaram”. Uma vez que na grafia antiga <r> e <rr> eram usados indiferentemente, em α certamente existiria uma variante com <r> simples (*saraste*, *caraste* ou *çaraste*) que β leu correctamente e representou com <rr>, grafia modernizada que transmitiu a E e P. Já G2 copiou fielmente α, interpretando erradamente o verbo como uma forma de “sara” (e não de “cerra”), o que provocou inevitavelmente uma incoerência no texto que lia. Quer tenha reconhecido depois

o seu erro, quer julgasse – o que é mais provável - que *errarão* era um erro de  $\alpha$ , o certo é que G2 deliberadamente substituiu *errarão* por *amarão* para tornar o texto coerente.

Em 353, G2 começa por se esquecer de copiar o advérbio *depois*, necessário na ordem sequencial dos acontecimentos narrados. De seguida, e independentemente da omissão de *ditos*, apercebe-se do erro e reintroduz esse advérbio logo depois do sujeito plural *lavradores*, o que o obriga a acrescentar a conjunção *que* de forma a estabelecer a coerência gramatical da estrutura. Estas variantes acabam por adulterar o sentido do texto e, conseqüentemente, onde em G1 e  $\alpha$  se lia “depois (que isso aconteceu) os lavradores comerão”, em G2 lê-se “(aconteceu que) os lavradores, depois que comerão, (...)”.

Em 354, G2 substitui o gerúndio *e estando* por *estava neste tempo*. Dado que o desdobramento do texto em expressões de maior extensão não é uma operação frequente em G2, esta variante talvez tenha sido forçada por um erro. Nesse caso, lendo *estava* no lugar de *estando*, mas percebendo que adulterara a localização temporal da acção narrada, G2 acrescenta o segmento *neste tempo*.

Em 355 a variante de G2 é totalmente incoerente e implica uma adição relativamente atípica de G2. Assim, é mais provável que ela resulte de uma má interpretação do contexto que levou o copista a introduzir erradamente um marcador de negação *non* e, logo de seguida, a acrescentar *senom* para tentar anular o sentido negativo da frase e corrigir o erro.

Esta análise destas variantes intencionais de G2 permite começar a delinear o perfil do copista responsável por este apógrafo. Em primeiro lugar, torna-se evidente que ele intervém no texto sobretudo com uma intenção abreviadora que o leva a eliminar redundâncias e informações desnecessárias do texto de  $\alpha$ . No mesmo sentido, revela ser um refundidor-históriógrafo que não está interessado em conservar segmentos de texto directamente ligados à primitiva função cultural da *VSSB*, omitindo-os ou abreviando-os facilmente.

Em segundo lugar, G2 apresenta com frequência variantes intencionais por omissão, substituição e reordenação que claramente têm uma função sintáctica, semântica e morfológicamente actualizadora. Ademais, o copista não só intervém em lugares do texto cuja leitura considerou que podia ser simplificada, mas também, e sobretudo, em lugares onde evidentemente não reconheceu certas formas/palavras/expressões ou não compreendeu o sentido do texto. Nestes últimos casos G2 não se coíbiu de tentar forçar o texto a fazer algum sentido, muito embora muitas vezes tenha dificultado a sua compreensão.

Por fim, note-se que o testemunho G2 também termina a *VSSB* afirmando, embora de maneira bem mais abreviada do que E e P, que a copiou tal como estava no modelo (alegação de comprovação da verdade introduzida em  $\alpha$  por Torcato de Azevedo): *Isto he o que continha aquella antigo papel dos milagres de santa Senhorinha que foi tresladado na mesma fraze antiga* (v. remate, lugar 2, p. 315). Assim fica claro que a alegações como estas não deve ser dado crédito total sem um estudo estemático e linguístico que as sancione, visto que os copistas que as concretizam (ou, neste caso, reproduzem do seu modelo) não as cumprem necessariamente, como acaba de ficar demonstrado pela análise de G2.

## 2.2. VARIANTES ACIDENTAIS

À luz do perfil traçado pelas suas variantes inequivocamente intencionais, vejam-se agora os lugares variantes onde o copista de G2 comete variantes privativas inequivocamente acidentais. Estas variantes são muito frequentes ao longo do texto de G2 e provam inevitavelmente a desatenção do copista, pois a sua incorrecção seria evidente em qualquer circunstância. Em seguida sistematizar-se-ão, sempre que possível, essas variantes em categorias para que permitam compreender como funcionam os mecanismos mentais automáticos do copista responsável por elas.

### 2.2.1. Erros por substituição

As primeiras variantes acidentais de G2 que importa apresentar são os erros por substituição de uma letra, sílaba, palavra ou segmento por outro. Nesta categoria ocorrem os erros paleográficos e erros por *lectio faciliior* que se analisam em seguida.

#### 2.2.1.1. Erros paleográficos

Em primeiro lugar, vejam-se alguns dos inúmeros erros paleográficos cometidos pelo copista de G2:

356. E a uos diguo que o **bem** (211v)  
E a uós digo, que o **bem**  
e a vos digo que o **bem**  
ca vos digo que o **sem** (335)

357. **pero sentindo** sse (214r)  
**pero sentindo** sse  
**pero sentindo** se  
**por asentindo** se (337)

358. uai te buscar outra molher tal como ti, a qual tu possas **affaguar** com teus prometimentos (214r)  
vai te buscar outra molher tal, como ti; a qual tu possas **affagar** com teus prometimentos

vai te buscar outra mulher tal como ti, a qual tu possas **afagar** com teus prometimentos  
vai te buscar outra mulher tal como ti, qual tu possas **afogar** com teus prometimentos (337)

359. Non queiras ser toruado, nem tomes tuas noites sem sono pellas cousas que a tua filha a Deos prometeo, **ao qual** a tu offereceste (214v)

non queiras ser toruado, nẽ tomes tuas noites sem sono pellas couzas, que a tua filha a Deos prometeo, **ao qual** a tu offereceste

nom queiras ser torvado, nem tomes tuas noites sem sono pellas couzas que tua filha a Deos prometeo **a qual** a tu offereceste

non queiras ser torvado, nem tomes tuas noite sem sono pollas cosas que tua filha a Deus prometeo **o qual** a tu offereceste (337)

360. **a moça** (215v)

**a moça**

**a moça**

**o maça** (338)

361. **nem** ma tires (217v)

**nem** ma tires

**nem** ma tires

**uem** ma tires (340)

362. tão **saã** (235v)

tã **sã**

tão **sã**

tão **soã** (356)

Estes são erros paleográficos de evidente simplicidade, mas existem outros lugares cujos erros paleográficos parecem ter sido proporcionados por uma má interpretação do contexto ou por um escasso conhecimento do português antigo por parte do copista. Vejam-se os seguintes 14 erros e analisem-se os mecanismos mentais de que podem ter resultado:

363. A qual depois que foi bem criada **como compria** (212v)

A qual como foi bem criada, **como compria**

A qual como foy bem criada **como compria**

A qual foi bem criada, **com propria** (335)

364. todo aquel que naçia por el padeçer **pressa** (213r)

todo aquel, que nascia por el padesser **preça**

todo aquel que nascia por el padecer **preça**

todo aquel que nacia por el padecer **praça** (336)

365. todas as cousas que som de teu louuor, e da tua gloria e da tua virtude, e da tua vontade, que a minha alma podem **prestar** (213v)

todalas couzas que son do teu louuor, e da tua gloria, e da tua vertude, e da tua vontade, que a minha alma podem **prestar**

todalas couzas que som do teu louvor, e da tua gloria, e da tua virtude, e da tua vontade, que a minha alma podem **prestar**

todalas cosas que som de teu louvor, e da tua gloria, e da tua virtude, e da tua vontade, que a minha alma podem **pastar** (336)

366. que ella com toda sua boca, e curação e vontade te confesse, e **te ame**, e te deseie, e te abraçe, e te cobiçe (215r)

que ella cõ toda a sua boca, e coração, e vontade te confesse, e **te ame**, e te dezeie, e te abraçe, e te cobiçe

que ella com toda a sua boca, e coração, e vontade te confesse, e **te ame**, e te dezeje, e te abraçe, e te cobice

que ella com toda sua boca, coração, e vontade te confesse, e **tema**, e te dezeje, e te abraçe, e te cobise (338)

367. serua **a** mançeba do começo (219v)

serua **a** Manceba do começo

serva **a** manceba do começo

serva, **e** manceba do comesso (342)

368. dizia assi, **o** senhor meu **Jesu cristo** (222r)

dizia assim, **ó** senhor meu Jesus **Christo**

dizia assy, **ó** senhor meu **Jesus Christo**

dizia asy, **A** senhor **Deus** (344)

369. o qual senhor com suas gentes começaram de fallar nas virtudes e nos bẽs de Deos, e outrosi dos seus santos, e mormente en a boa fama desta santa, e falauão outrosi na dita chuiua que assi fizera, Antre **as quaes gentes** hi estauam obreiros (223v)

o qual senhor cõ suas gentes comesarão de fallar nas vertudes, e nos bẽs de Deos; e outrosi dos seus sanctos, e mormente em a bóa fama desta sancta, e falauão outrosi na dita chuiua, que assi fizera entre **as quaes** hi estauão obreiros

o qual senhor com suas gentes começarão de falar nas virtudes, e nos bẽs de Deos, e outrosi dos seus santos, e mormente em a boa fama desta santa; e falavão outrosi na dita chuiva que assi fizera, entre **as quais** hi estavão obreiros

o qual senhor com suas gentes comesarão a fallar nas virtudes e nos bens de Deus, e outrosi dos dos seus santos, e mormente na boa fama desta santa e falárão outrosi na dita chuiva que assi fezera . entre **os quaes** hi estavão obreiros (346)

370. a alma deste bispo seu senhor era em paraíso, e rogaua quanto **podia** a Deos, que dos bens espirituaes, **o** non priuasse. (225v)

a alma deste Bispo seu Primo e senhor hera em paraizo, e rogaua quanto **podia** a Deos, que dos bẽs Esperituaes **o** nã priuasse.

a alma deste Bispo seu primo e senhor hera em paraizo, e rogava quanto **podia** a Deos que dos bẽs spirituais **o** nom privasse.

a alma deste Bispo seu Primo, e senhor era em Paraíso, e rogava quanto **pedia** a Deus que dos bens espirituais **a** não privase. (348)

371. pressa que lhes **acorra** (226r)

preça, que lhes **acorra**

preça que lhes **acorra**

pressa, que lhes **ocorra** (349)

372. que tragia **ao collo**

que tragia **ao collo**

que tragia **ao collo**

que tragia **á colla**

97. non podia jazer (227v)

nã podia jazer

nom podia jazer

non podia **fazer**

373. uendo esto hum homem que estaua **a par** della (231v)

uendo esto hum Homem que estaua **a par** della

vendo hum homem esto que estava **a par** della

vendo hum homem esto, que estava **apos** ella (352)

374. hũa molher que moraua a par de são pedro de Torrados, sempre **cozia** seu pam domingos (234r)

hua molher que moraua a par de são Pedro de Torrados, sempre **cozia** seu Pão Domingos

huma molher que morava a par de s. Pedro de Torrados sempre **cozia** seu pão Domingos

hua molher, que morava a par de s. Pedro de Torrados sempre **trazia** seu pão Domingos (355)

375. e **alçou a** do chão (234v)

e **alçou a** do chão

e **alçou a** do chão  
e **lançou a** do chão (355)

Em 363 a lição agramatical de G2 parece ter sido induzida pela semelhança entre a última sílaba de *compria* e a palavra *propria*. O copista, entendendo que “a santa foi criada (pela ama) como se fosse a sua própria filha”, lê de forma incorrecta uma lição que talvez estivesse abreviada em  $\alpha$  (o que facilitaria ainda mais o erro). G2 erra ainda na cópia da conjunção *como*, tornando o seu texto totalmente agramatical e denunciando um erro que se torna evidente pela colação com os restantes testemunhos, onde se lê que “a santa foi criada (pela ama) como (lhe) competia”.

Em 364, G2 tem um erro que resulta apenas de uma troca de <e> por <a>, provavelmente proporcionada pelo desconhecimento do sentido medieval de *pressa*, do latim < PRESSA, substantivo feminino de < PRÉSSUS, A, UM, ‘apertado, calcado, impressado’, atestado desde o século XIII com este sentido e com as variantes gráficas *presa* e *preça*, respectivamente nos séculos XIV e XV (cf. Houaiss 2015).

Em 365 o contexto exige que os elementos previamente enumerados (as coisas que são do louvor de Deus, da sua gloria, virtude e vontade) possam *prestar*, isto é “servir” à alma de S. Senhorinha. A variante de G2 (*pastar*) resulta de um erro paleográfico que cometeu sem considerar o contexto em que ocorria.

Em 366 o erro de G2 não era gramaticalmente evidente. Na verdade, o contexto sintáctico permite que Senhorinha “temesse a Deus”. Contudo, a colação com os restantes testemunhos, mostra que G2 apresenta um erro provavelmente induzido pela proximidade paleográfica entre *te ame* e *tema*. Além disso, semanticamente e no quadro da espiritualidade monástica feminina, o verbo “amar” surge numa enumeração de sentido eminentemente místico (*te confesse e te ame, e te dezeje, e te abrace, e te cobice*), cuja gradação de intensidade fica prejudicada com a interposição de um verbo sem significado místico relevante. O segmento ocorre num contexto cujos sintagmas seguintes dependem todos da mesma construção - um discurso directo dirigido a Deus através do pronome clítico dativo na segunda pessoa do singular + o presente do conjuntivo: (que ela) **te dezeje, e te abraze, e te cobise**. Insensível ao sentido místico deste passo da VSSB, o copista de G2 lê erradamente o pronome clítico *te* e troca os grafemas em *ame*, produzindo acidentalmente a variante *tema*.

Em 367, G2 lê a preposição *a* como uma conjunção coordenativa *e* porque entende *serva* como um substantivo feminino. Contudo, neste contexto, *serva* deve ser lido como a forma antiga do presente do conjuntivo do verbo servir: “sirva enquanto manceba”.



No lugar em que surge 368, S. Senhorinha dirige-se a Deus em discurso directo. O copista de G2 provavelmente não compreendeu que o discurso se iniciava com um vocativo, lendo em *Ó senhor* um complemento indirecto *A senhor*. Prova da sua desatenção é a incoerência que a variante provoca e o facto de o copista oitocentista escrever *A* com uma forma maiúscula, indicando que o modelo de onde copiava distinguia a narração do discurso directo desse modo. Ainda assim, a confusão entre *A* e *Ó* deve ter sido proporcionada pela má leitura do contexto.

Em 369, G2 entende que o referente da expressão pronominal relativa (*os quaes*) é o sintagma masculino *os obreiros*, enquanto em  $\alpha$  a expressão (*as quaes*) retoma o sintagma feminino *suas gentes*. Este erro foi certamente facilitado pela omissão da segunda ocorrência de *gentes* em  $\alpha$ , e pela semelhança paleográfica entre os grafemas <o> e <a> que definem o género do artigo definido plural que antecede *quaes*.

Em 370, G2 começa por cometer o erro de *podia* por *pedia*, num contexto que exigia uma forma verbal que quantificasse quanto o bispo rogava à santa. Este é um erro paleográfico provavelmente facilitado pela semelhança entre <o> e <e>, e incentivado pela influência da forma *rogava*, sinónima de *pedia*, que o copista acabara de copiar. A segunda variante privativa de G2 neste lugar não é um erro tão evidente. G1EP terminam o parágrafo com um pronome definido masculino, que retoma *Bispo* como o sujeito por quem Senhorinha pede a Deus que não o prive dos bens espirituais. Já G2 assume que o sujeito da última oração deve ser a *alma* do Bispo e, como tal, apresenta um pronome definido feminino.

Já em 371, G2 comete um erro palográfico de <a> por <o>, substituindo a forma do verbo “acorrer”, *acorra*, (do latim < ACCŪRRO, IS, CŪRRI, CŪRSUM, CURRĒRE , ‘correr para, correr em direcção a, vir correndo’ que, neste contexto, significa necessariamente ‘ir ou vir em auxílio de (alguém); acudir, socorrer’, cf. Houaiss 2015) por uma forma do verbo “ocorrer”, *ocorra* (do latim < OCCŪRRO, IS OCCŪRRI, OCCURSUM, OCCURRĒRE, ‘ir ou vir adiante, sair ao encontro, aproximar-se de alguém, vir acudir, ocorrer, vir ao pensamento, etc’, cf. Houaiss 2015). A partir do século XV, “ocorrer” significa ‘dar-se (algum facto), acontecer, suceder, aparecer, sobrevir, vir à memória ou ao pensamento’, entre outros sentidos (cf. Houaiss 2015), mas no século XIV também se atesta com o sentido de ‘fazer face a, prover a’ (cf. Machado 1977). Ademais, dado que “acorrer” também se regista como sinónimo de ‘acontecer (repentinamente), ocorrer, sobrevir, vir’ (cf. Houaiss 2015), então talvez essa correspondência possa ter proporcionado o erro de G2. Contudo, e uma vez que este copista já deu provas de que o valor antigo da palavra *pressa* não lhe é familiar

(v. lugar 364, p. 332), é mais provável que este erro tenha resultado do facto de G2 não ter compreendido que *pressa* equivalia a uma dificuldade a que se tinha de *acorrer* (“acudir”).

Em 372 as variantes de G1EP e G2 são gramaticalmente adiáforas, pois *cola*, que se atesta a partir do século XIV, pode significar ‘cauda dos animais; rabo’ (do latim < CAUDA, AE) ou ‘seguir (alguém ou algo) de perto’ (cf. Houaiss 2015), isto é, “andar atrás” (andar na *cola* de alguém). Porém, é pouco provável que *ao colo* seja um erro do arquétipo (ou, menos ainda, um erro poligenético de G1EP) corrigido por G2. De facto, este lugar ocorre num milagre em que se refere uma bolsa de dinheiro que um homem que foi até à igreja de S. Senhorinha trazia consigo. Nesse caso faz sentido que o guardasse no peito, pendurado ao pescoço (*ao colo*), pois se lho quisessem roubar podia defender-se. Já se o trouxesse *à cola* (pendurado na cintura, talvez como uma cauda, isto é atrás de si), qualquer pessoa lho roubaria sem que ele se pudesse defender. Assim, este é provavelmente um erro paleográfico privativo de G2 e a G1EP têm a lição genuína.

Em 97 (v. capítulo II, p. 190) relembre-se que o contexto em que surge este lugar variante implica que o homem de quem se fala (cujo mal é estar inchado como odre) “se deitou de barriga para cima porque não podia estar deitado de outra forma”. É evidente que G1, E e P têm a lição correcta e genuína. Lembre-se também que P primeiro escreveu *fazer*, isto é, que ia cometer o mesmo erro de G2, mas corrigiu-o. Isto sugere que P e G2 copiavam ambos de  $\alpha$ , onde o lugar seria relativamente obscuro, ou pelo menos onde a figura minúscula da letra <j> seria relativamente semelhante a <f>. Assim, embora omita frequentemente as ocorrências deste verbo (v. pp. 309-310), neste caso G2 é o único que não corrige correctamente a lição obscura do seu antecedente.

Em 373 a variante de G2 dificilmente poderia ser considerada intencional, uma vez que não abrevia nem esclarece o texto. Aliás, ao adulterar o seu sentido sem melhorar a leitura do texto, esta variante deve ser acidental e provavelmente facilitada por um (ou mais do que um) dos seguintes factores: a junção das palavras em  $\alpha$  e a abreviatura de *par*: *aḗ*, que G2 teria desenvolvido erradamente para *apos*.

Em 374 a lição de G2 é gramatical, mas evidentemente errónea. Trata-se do milagre em que uma mulher foi endemoninhada por desrespeitar os dias santos cozendo pão. Assim, a lição de G2 não tem nenhuma explicação semântica, e só pode ser um erro. Se  $\alpha$  era um manuscrito de letra gótica, então este talvez seja um erro paleográfico, considerando a habitual semelhança, naquele tipo de letra, entre <c> (*cozia*) e <t> (*trazia*).

O lugar 375 surge num contexto em que um clérigo se aproxima de uma mulher possuída pelo diabo, e lhe bate na face. Consequentemente, em G1EP lê-se que o clérigo a *alçou* do chão (isto é, ergueu-a), depois de lhe bater; enquanto em G2 se lê que o clérigo a *lançou* ao chão no momento em que lhe bate. Se a colação com os restantes testemunhos permite compreender que *alçou a* do chão é a lição correcta e genuína, então a variante de G2 é provavelmente um erro por leitura metatisada (*al/lan + çou*), motivado pela proximidade paleográfica entre as formas. Prova disso é que G2 comete o erro, mas não substitui as preposições contraídas, *do* por *ao*.

### 2.2.1.2. Erros por *lectio faciliior*

Em pelo menos dez lugares G2 comete erros por *lectio faciliior*. Vejam-se os quatro que se seguem:

376. sa ama fui a egreia per fazer sua oraçom, e tardando **aloo** (217r)  
 sa Ama foi a Jgreja per fazer sua oração, e tardando **aló**  
 sá ama foy a Jgreja per fazer sua oração, e tardando **aló**  
 sa ama foi a Igreja per fazer sua Oração, e tardando **ella** (340)

377. e **arder** mais en seruisso de Deos (217v)  
 e **arder** mais en seruiço de Deos  
 e **arder** mais em serviço de Deos  
 e **andar** mais no serviço de Deus (340)

378. vendo esto o Diabo choraua e era mui triste porquanto da sua semente nom podia semear en esta vinha, de Deos, nem **atendia** que nunca iamaiz em ella a podesse semear. (221r)  
 vendo esto o Diabo choraua, e hera muy triste, porquanto da sua semente nõ podia semear em esta vinha de Deos, nem **atendia**, que nunca iamaiz em ella a podesse semear.  
 vendo esto o diabo chorava, e hera muy triste, porquanto da sua semente nom podia semear em esta vinha de Deos, nem **attendia** que nunca jamaiz em ella a podesse semear  
 vendo esto o Diabo chorava, e era mui triste porquanto de sua semente non podia semear em esta vinha de Deus, nem **entendia** que jamaiz em ella a podese semear (343)

379. elle espantado do **sono** (235r)  
 elle espantado do **sono**  
 elle espantado do **sono**  
 elle espantado do **sonho** (355)

Em 376 é, mais uma vez, a conjunção dos outros três testemunhos que indica que G2 cometeu um erro. Se a antiga forma dissimilada do advérbio de lugar *ali* que se lia em  $\alpha$  lhe era estranha, o copista parece ter entendido que, depois da forma do verbo tardar, vinha o pronome pessoal *ella*, cujo referente seria *sa ama*. Comete assim uma *lectio faciliior*.

O lugar 377 surge num contexto em que se diz que Senhorinha queria seguir a vontade de sua ama e dedicar-se cada vez mais a Deus. Se a lição de G1 e de  $\alpha$  (EP) é a correcta e apela à parábola bíblica do fogo que arde nos corações dos crentes pelo amor de Deus (Luc 24:32, Jr 20:9),

então é evidente que a variante de G2 é uma *lectio faciliior*, provavelmente facilitada pela semelhança paleográfica entre <r> e <n> e <e> e <a> em α.

O lugar 378 surge numa parte do texto em que se conta como S. Senhorinha venceu o Diabo pelos seus sofrimentos e sacrifícios a Deus e como a sua vinha tinha apenas rosas. Através da mesma metáfora, explica-se como o Diabo ficara triste por não poder semear nessa vinha e, conseqüentemente, como “não esperava” que o pudesse vir a fazer. Este é o sentido com que se lê o texto de G1 e α. Já G2 substitui *attendia* por *entendia*, o que faz com que tenhamos de ler que o Diabo ficara triste por não poder semear na vinha de S. Senhorinha e, conseqüentemente, não compreendia “porque (como)” jamais o poderia fazer. É evidente que a substituição de G2 adultera a interpretação do texto e, portanto, só se poderia explicar pela necessidade de esclarecer o significado da forma verbal *attendia* neste contexto. O verbo *atender*, do latim < ATTENDO, IS, TENDI, TENTUM, ĒRE, é atestado no português a partir do século XIII com várias acepções, entre as quais ‘aguardar com atenção, esperar atentamente’, ‘estar atento, tomar cuidado’ (cf. Houaiss 2015 e Machado 1977, respectivamente). Assim, é possível que esta acepção do verbo não fosse clara para o copista do século XIX. Dado que ele o substitui por uma forma verbal que não é sinónima e que, além disso, é graficamente semelhante (distinguem-se pela primeira sílaba), então esta deve ser uma *lectio faciliior* de G2.

O lugar 379 ocorre num contexto em que “espantar do sono” significa “afugentar o sono” e “ser espantado do sono” significa “acordar”. Por essa razão, em G1EP lê-se que ele acordou do **sono** que dormia. Já G2 entende que o sujeito ficou espantado do **sonho** que tinha tido enquanto dormia. Embora nenhuma das variantes seja necessariamente errada, e embora ambas sejam relativamente típicas da literatura de milagres<sup>4</sup>, e embora qualquer uma delas pudesse ter dado origem à outra (paleograficamente), a variante de G1EP tem uma estrutura muito semelhante a esta no lugar variante 216 (v. pp. 300 e 308), sugerindo a maior frequência desta formulação. Nesse sentido, a lição de G2 deve ser uma variante accidental motivada pela semelhança entre as palavras *sono* e *sonho* e, sobretudo, pela interpretação do particípio passado *espantado* como “surpreendido”. Isso levou o copista a procurar o objecto desse espanto, e a lê-lo no sintagma *sonho*.

---

<sup>4</sup> A título de exemplo, veja-se como no texto do *Novo Memorial do Estado Apostólico* de Paulo de Portalegre a palavra *espantado* ocorre quer com a acepção de “acordado” (capítulo 8º, Segunda Parte, cl. 22, Sobral 2007:115), quer com a acepção de “espantado de um sonho aterrador/em estado de semi-consciência” (capítulo 9º da Segunda Parte, cl. 30, Sobral 2007:119).

Neste grupo, há ainda que contabilizar os seis lugares em que o copista de G2 comete erros relacionados com a utilização da conjunção explicativa/completiva/concessiva *ca*. Estes contrastam com os únicos dois casos onde G2 conserva a correcta utilização de *ca* em  $\alpha$ : o lugar 107 (v. capítulo II, p. 195) e o 380:

380. que eu oie en este dia serei passada da morte a vida, do trabalho a folgança . **ca** o meu senhor Jesu cristo me chama (226r)  
que eu hoje em este dia serei passada da morte a vidda, do trabalho à folgança . **ca** o meu senhor Jesus Christo me chama  
que eu hoje em este dia serey passada da morte a vida, o do trabalho a folgança; **ca** o meu senhor Iesus Christo me chama  
que eu hoje em este dia serei passada da morte á vida, do trabalho á folgança **ca** o senhor meu Iesus me chama (348)

Assim, note-se que em três desses lugares  $\alpha$  teria a conjunção *ca*, mas o copista de G2 copia erradamente a conjunção copulativa *e* (frequentemente acompanhada de artigos definidos), provavelmente devido ao seu desconhecimento do uso de *ca* e muitas vezes também devido à semelhança paleográfica entre os grafemas <c> e <e> minúsculo. Dois desses erros ocorrem nos lugares variantes 100 e 277 anteriormente apresentados (v. capítulo II, p. 191 e p. 309 do presente capítulo, respectivamente). O terceiro é o 381 que se segue:

381. e non seias toruada en teus feitos, nem en teus cuidados pero que elles som bõs, **ca** te diguo que muitas lides e contendas as de auer com o imigo (218v)  
e nõ sejas toruada em teus feitos, nem en teus Cuidados, pero que elles sã bõs, **ca** te digo, que muitas lides, e contendas as de auer com o inimigo,  
e nom sejas torvada em teus feitos, nem em teus cuidados, pero que elles som bõõs, **cá** te digo que muitas lides, e contendas as de aver com o inimigo,  
e nom sejas torvada em teus feitos, nem em teus cuidados, pero que elles som bons, **eu** te digo que muitas lides, e muitas contendas as de aver com o Inimigo (341)

Em outros três casos, G2 lê a conjunção *ca* em lugares onde  $\alpha$  não a apresenta, e em cujo contexto não se parece adequar nenhum dos seus valores primitivos. Veja-se o lugar variante 88 (v. capítulo II pp. 183). A esse acrescentam-se os seguintes dois:

382. o voto que tu a Deos prometeste, **e a** tua filha (214 v)  
o voto que tu a Deos prometeste, **e a** tua filha  
o voto que tu a Deos prometeste, **e a** tua filha  
o voto que tu a Deus prometeste, **ca** tua filha (337)

383. **e a** cabo de pouquo disse a molher a seu marido (233v)  
**e a** cabo de pouco disse a molher a seu marido  
**e a** cabo de pouco disse a molher a seu marido  
**ca** cabo de pouco disse [...] molher a seu marido (354)

### 2.2.1. Erros por omissão

#### 2.2.1.1. Omissão de uma letra, sílaba ou palavra

Os erros mais comuns ao longo de toda a cópia de G2 são os erros por omissão. Nesse conjunto convém começar por dar destaque aos erros por omissão de uma letra ou de uma sílaba que, tal como os erros paleográficos mais simples acima apresentados, são bastante frequentes neste apógrafo. Destes destacam-se, por exemplo, omissões do <s> final em adjectivos ou substantivos que deviam ter uma forma evidentemente plural, omissões de uma vogal/consoante final ou omissões de marcas de nasalidade.

Em primeiro lugar vejam-se os erros de três lugares anteriormente apresentados. No lugar 359 (v. p. 332) G2 comete um erro de *tuas noite* por *tuas noites* e no lugar variante 280 (v. p. 309) comete um erro de *no queria* por *non queria*. Retome-se também o lugar 103 (v. capítulo II, p. 192), único caso em que G2 omite um pronome relativo *que*:

103. o seu gosto mais doce he ã mim **que** o mel (217v)  
o seu gosto mais doce he em mim, **que** o Mel  
o seu gosto mais doce he em mim **que** o meo  
o seu gosto mais doce he em mim o meo (340)

Neste caso, e além do erro conjuntivo de PG2 de *o meo* por *o mel*, a omissão do pronome relativo quebra a ligação entre os dois termos da comparação desejada: o gosto do Senhor e o gosto do mel. Dado que G2 copia o erro de *mel* por *meo* do seu antecente, então talvez isso tenha facilitado a omissão de *que*.

Além destes três erros vejam-se ainda os sete exemplos que se seguem:

384. **grandes** marteiros padeçesem (211v)  
**grandes** marteiros padecessem  
**grandes** marteiros padecessem  
**grande** marteiros padecessem (335)
385. e como **quer** que eu não soo Dino pera uo llo todos contar (211v)  
e como **quer** que eu non soo digno pera uo llo todos contar  
e como **quer** que eu nom soo digno para vo los todos contar  
e como [...] que eu non soo digno para vos todo contar (335)
386. hũa ves tangerem a mão ou o **curação** (213r)  
hũa ues tangerem a mão, ou o **coração**  
hũa vez tangerem a mão, ou o **coração**  
hũa ves tangerem a mão, ou o / **corão** (336)
387. recado (214r)  
recado  
recado  
**recad** (377)

388. todallas terras d'arredor (223v)  
todallas terras d'aredor  
todallas terras d'arredor  
todallas **terra** d'arredor (346)

389. e a molher lhe disse (228r)  
e a molher lhe disse  
e a mulher lhe disse  
E a **mulhe** lhe dise (350)

390. e seus uezinhos (234r)  
e seus vezinhos  
e seus vezinhos  
e os **vizinho** (355)

Em todos estes casos o erro por omissão torna o contexto incoerente. Pelo menos dois deles são casos de erros por haplografia, isto é erros por omissão de letras/sílabas que deviam ser escritas em duplicado, omissão essa que é motivada pela semelhança que se estabelece com a grafia de uma palavra contígua (Blecua 2001:22). Em 385, G2 omite uma conjunção *quer* provavelmente devido à semelhança entre a sua abreviatura de *quer* e a de *que*. Em 386, embora a palavra *corão* tenha sido escrita imediatamente depois de uma mudança de linha (/), isso não explica a omissão de duas letras. Este também é um erro por haplografia em que G2 suprime as letras *aç* em *coração* por analogia com a palavra *mão*.

Estes são exemplos simples, mas existem pelo menos um lugar cujo erro por omissão de uma letra/sílaba em G2 parece ter sido proporcionado por uma má interpretação do contexto ou por um escasso conhecimento do português antigo por parte do copista.

391. quando **tomares astença** (219r)  
quando **tomares astença**  
quando **tomares astença**  
quando **tomares tença** (341)

Em 391, o erro de G2 é novamente propiciado pelo desconhecimento da forma duocentista *astença*, atestada no português desde o século XIII (nas *Cantigas de Santa Maria* atesta-se *asteença*, cf. Lorenzo 1968). Esta forma não foi reconhecida pelo copista do século XIX e provocou a agramaticalidade *tença*. Essa agramaticalidade prova que o erro também deve ter sido facilitado pela proximidade das palavras em *α*, o que levou G2 a confundir a terminação de *tomares* com a primeira sílaba de *astença*.

Ademais, veja-se como G2 apresenta pelo menos cinco lacunas provocadas pela omissão da conjunção completiva *que*:

392. roguo te senhor **que** queiras ouuir os meus rogos (213v)  
rogo te senhor, **que** queiras ouuir os meus rogos  
rogo te senhor **que** queiras ouvir os meus rogos  
rogo te senhor [...] queiras ouvir os meus rogos (336)

393. peço senhor **que** queiras olhar por esta tua virgem (216v)  
    peço senhor, **que** queiras olhar por esta tua virgem  
    peço senhor **que** queiras olhar por esta tua virgem  
    peço senhor [...] **me** queiras olhar por esta tua virgem (339)

394. senhor sabes, **que** somos feitos de fraca maça (217v)  
    senhor sabes, **que** somos feitos de fraca Maça  
    senhor sabes **que** somos feitos de fraca maça  
    senhor sabes [...] somos feitos de fraca massa (340)

395. Outrosi uos diguo **que nos** disse o dito clerigo (229r)  
    Outrosi uos digo, **que nos** disse o dito Crego  
    Outrosi vos digo **que nos** disse dito Crego  
    Outrosi vos digo [...] **me** dise o crelgo (351)

396. cuidando **que** era prenhe (229v)  
    cuidãdo, **que** hera prenhe  
    cuidando **que** hera prenhe  
    e como cuidava [...] era prenhe (351)

Há que considerar a hipótese de esta omissão da completiva *que* ser o resultado de uma idiossincrasia do copista, uma vez que no lugar 392 parece uma omissão aceitável, o que poderia levar a crer que o copista a tivesse cometido por influência do seu próprio diassistema. Contudo, nos restantes casos a conjunção completiva *que* não parece ser dispensável, o que torna difícil aceitar a sua omissão como uma idiossincrasia do copista. Em todo o caso, mesmo que o pudesse ser, isso não significaria necessariamente que o copista concretizasse a omissão de forma intencional, sendo até mais provável que provocasse acidentalmente estas lacunas no texto. Além disso, note-se que nesses quatro lugares em que G2 omite a conjunção completiva estão para pelo menos 110 casos onde a conserva. Essas conjunções ocorrem ao longo de todo o manuscrito e associadas a vários verbos: *crer, perguntar, querer, parecer, contar, cuidar, chamar, pedir, rogar, responder, mandar, saber, dizer, achar, acontecer, ver, jurar*, etc. Vejam-se três exemplos onde G2 conserva *que* com as três formas verbais depois das quais ocorre:

- a) Primeiramente vos digo **que** esta santa virgem foi logo de sua nacensa santa (335)
- b) aconteceo **que** a demandou hum Mancebo mui loução (337)
- c) rogou lhe **que** a deixase jejuar todas as 4<sup>as</sup> feiras (340)

Talvez seja mais provável que estas cinco omissões de *que* completivo tenham sido acidentais. Assim, a omissão de G2 em 392 talvez seja uma variante acidental motivada pela abreviatura da primeira sílaba da forma verbal *queiras* (a mesma de *que*), isto é, um erro por haplografia. Em 393 e 395 G2 talvez possa ter cometido outro erro por haplografia motivado pela semelhança fonética entre *que* e o clítico dativo *me*. Em 394 e 396 parece não haver qualquer factor mecânico que explique as omissões acidentais. Em qualquer dos casos, mesmo que a



omissão da conjunção completiva pudesse ser uma idiossincrasia do copista oitocentista, teriam sido introduzidas acidentalmente.

### 2.2.1.2. Omissão de um segmento de texto (duas ou mais palavras)

O segundo tipo de variantes acidentais que o copista de G2 comete com maior frequência são as omissões de um segmento de texto mais curto ou mais longo, isto é, erros por omissão que provocam lacunas semânticas no texto. Algumas destas lacunas tornam o texto evidentemente agramatical (essas assinalam-se com [...] na edição semidiplomática de cada testemunho) e outras identificam-se apenas pela colação com a lição dos restantes testemunhos da tradição (e, consequentemente, não se assinalam).

#### 2.2.1.2.1. Omissão por salto do mesmo ao mesmo

G2 comete seis erros por omissão provocados por saltos do mesmo ao mesmo:

397. a outras mulheres, **e dizia ainda que o fazia porque as mulheres** são de fraco entendimento (215v)  
a outras mulheres, **e dizia ainda, que o fazia porque as mulheres** são de fraco entendimento  
a outras mulheres; **e dizia ainda que o fazia porque as mulheres** são de fraco entendimento  
a outras mulheres, [...] são de fraco entendimento (338)
398. obediência, // **Jra ao monte e morada de Deos, e diguo te que a virtude, e o bem da** obediência he tal (216v//217r)  
obediencia) . **irá ao monte e morada de Deos, e digo te, que a vertude, e o bem da** obediencia he tal  
obediencia) **irá ao monte, e morada de Deos; e digo te que a virtude, e o bem da** obediencia he tal  
obediencia [...] he tal (339)
399. coração **que ouuerão humildoso e contribulado, ca este he o sacrificio, e hostia e offerta que Deos quer do peccador, conuem a saber coração** quebrantado (218v)  
Coracõ, **que ouuerão humildoço, e contribulado; ca este he o sacrificio, e hostia, e oferta, que Deos quer do peccador; comuẽ saber, Coracõ** quebrantado  
coração **que ouuerom humildoço, e contribulado; ca este he o sacrificio e hostia, e offerta que Deos quer do peccador, conuem a saber; coração** quebrantado  
coração quebrantado (341)
400. mandou por outra moça **que fosse depos ella, e visse que fazia no caminho, e a moça** feze o assi (221v)  
mandou por outra moça, **que fosse depos ella, e uisse que fazia no caminho, e a moça** feze o assi  
mandou por outra moça **que fosse depos ella e visse que fazia no caminho, e a moça** feze o assy  
mandou por outra moça : feze o asi (344)
401. com o tangimento das suas santas mãos, **e afugentaua os diabos, saraua os cegos, e mancos e surdos,** e assi (225v)  
com o tangimento das suas sanctas mãos, **e afugentaua os Diabos, saraua os Cegos os Mancos, e surdos,** e assi  
com o tangimento das suas santas mãos, **e afugentava os Diabos, sarava os cegos, os mancos, os surdos,** e assy  
com o tangimento de suas santas mãos, e assim (348)
402. disse, que lhe fizesse dar seus dinheiros, **senom come ladrão o faria prender, e demais que pellas suas ouelhas e guado aueria os seus dinheiros,** da qual cousa o clerigo come **homen simples** e de boa vida (230r)  
disse, que lhe fizesse dar seus dinheiros, **senão come ladrão o faria prender, e demais, que pellas suas ouelhas, e gado aueria os seus dinheiros:** da qual couza o Crego come **homẽ simples,** e de boa vida  
disse que lhe fizesse dar seus dinheiros, **senão come ladrão o faria prender, e demais que pellas suas ouelhas, e gado averia os seus dinheiros;** da qual couza o Crego como **homẽ simples,** e de boa vida  
dise que lhe fizese dar seus dinheiros, da qual cousa o crego, como [...] de boa vida (351)

Todos estes exemplos são casos de saltos do mesmo ao mesmo. Contudo, em apenas três desses lugares a lacuna é de facto evidente por tornar o texto totalmente agramatical e incompleto. De facto, em 397, 398 e em 402, as omissões são evidentes, mas é apenas através da colação com os restantes testemunhos que nos é possível concluir que, em cada um deles, o copista cometeu um salto do mesmo ao mesmo nas palavras *mulheres*, *obediência* e *dinheiros*, respectivamente.

Nos restantes quatro casos as lacunas de G2 não são evidentes porque não tornam o enunciado agramatical: em qualquer um deles só seria possível detectar a omissão de G2 através da colação com os restantes testemunhos desta tradição. Assim, em 399, 400 e 401 o copista comete um salto do mesmo ao mesmo em *coração*, *moça* e na conjunção coordenada copulativa *e*, respectivamente.

Além das lacunas acidentais mencionadas, o copista de G2 comete ainda um evidente erro de cópia que interfere na ordem pela qual surgem alguns dos restantes milagres póstumos de S. Senhorinha. Assim, e como Sobral também já concluiu por comparação com G1 (Sobral 2012:168), o milagre a que  $\alpha$  atribui o título de “Milagre do homem *que* dizia *que* lhe furassem a orelha com hum ferro” e que nos seus descendentes E e P surge na 17ª posição, surge antecipado duas posições em G2, isto é, como 14º milagre (não esquecendo a omissão acima referida). À luz do *stemma codicum* proposto é agora possível retomar o ponto da colação externa onde este problema foi brevemente referido (v. capítulo II, p. 151) e concluir que o copista de G2 comete um salto na cópia (possivelmente facilitado por uma pausa na transcrição e pela semelhança entre os títulos de  $\alpha$ ), mas apercebe-se do erro, voltando atrás no modelo para copiar os dois milagres de que se esquecera, embora sem readaptar a sua numeração.

#### 2.2.1.2.2. Omissão na mudança de linha

Veja-se agora como existem pelo menos três lugares do texto onde G2 comete um erro por omissão evidentemente motivado pela mudança de linha:

403. peço senhor **que** queiras olhar por esta tua virgem (216v)  
peço senhor, **que** queiras olhar por esta tua virgem  
peço senhor **que** queiras olhar por esta tua virgem  
peço senhor / **me** queiras olhar por esta tua virgem (339)

404. cos seus **braços** afortalezou de misericordia de deos (220r)  
e os seus **bracos** afortalizou de misericordia de Deos  
e os seus **braços** afortalizou de misericordia de Deos  
e seus / [...] afortalizou de misericordia de Deus (342)

405. que **he** collor e natura desuairada (221v)  
 que **he** collor, e natura desuairada  
 que **he** collor, e natura desvairada  
 que / [...] color, e natura desvairada (344)

Em 403 talvez o copista tenha desejado acrescentar o clítico dativo *me* à construção *peso senhor que me queiras*, omitindo acidentalmente a conjunção completiva *que*. Em 404, G2 omite o substantivo *braços*, referente do pronome possessivo *seus*. Em 405, que deve ser lida no seguimento da variante 348 (v. p. 328), há uma omissão de uma forma da 3ª pessoa do singular do verbo *ser*. Em qualquer um destes três casos a omissão acidental deve ter sido facilitada pela mudança de linha na cópia.

### 2.2.1.3. Outros erros por omissão

Além disso, veja-se como G2 tem pelo menos quatro omissões inequivocamente acidentais, mas para as quais não há factores evidentes que expliquem o erro. Estes casos devem ser analisados lembrando apenas que a omissão de palavras ou segmentos curtos de texto é um erro geralmente muito comum, e que pode muitas vezes ser produzido na fase de memorização ou de ditado interior de um copista:

- 406 indo por **sua istoria desta** guisa. (216r)  
 indo por **sua historia desta** giza  
 indo por **sua historia desta** giza.  
 hindo por esta gisa. (339)
407. loguo te a carne **dira** non sabes que Deos fes as noite pera en ellas folgar todo o homem (219r)  
 logo te a Carne **dira**, nõ sabes, que Deos fes as noites pera en ellas folgar todo o homẽ  
 logo te a carne **dira** nom sabes que Deos fez as noites para em ellas folgar todo o homẽ  
 logo te a carne [...] non sabes que Deus fes as noites para em ellas folgar todo o homem (341)
408. querendo deos mostrar **o bem** desta santa (221v)  
 querendo Deos mostrar **o bem** desta sancta  
 Querendo Deos mostrar **o bem** desta santa  
 querendo Deos mostrar [...] desta santa (344)
409. da qual cousa non poderia ser são por fisico **nhum** (228r)  
 da qual couza não poderia ser são por Fizico **nenhũ**  
 da qual couza nom poderia s[...] são por Fizico **nenhum**  
 da qual cousa nom poderia ser são por fisico (350)

À excepção de no lugar 409, nos restantes quatro casos G2 apresenta variantes evidentemente erróneas que, consequentemente, têm de ter sido acidentais. Pela colação com os restantes testemunhos torna-se claro que, em 406, G2 omite o segmento *sua historia*, e que em 407 o copista omite uma forma da terceira pessoa do singular do futuro do indicativo do verbo “dizer” (*dira*), mas em nenhum destes casos é evidente qual tenha sido o mecanismo por trás do

erro. Visto que o erro de 407 não se encontra numa mudança de linha (e que não é possível saber se estaria numa situação do género em  $\alpha$ ), e dado que mais nenhuma das ocorrências do substantivo *carne* é seguida de um advérbio de negação *não* (o que impede que o copista tenha cometido um momentâneo salto na cópia), então neste caso também não é possível detectar nenhum factor evidente que possa ter facilitado o erro.

Em 408 também é evidente que G2 realiza uma omissão accidental do sintagma *o bem* que, nos restantes testemunhos, funciona como o complemento directo do verbo *mostrar* e referente de *esta santa*.

Já em 409 a omissão de G2 não é tão manifesta. Como se verifica ao longo da presente análise, as intervenções intencionais de G2 são concretizadas, na maioria dos casos, com uma intenção explicativa ou abreviadora. Assim, ainda que o pronome indefinido *nenhum* pudesse ser considerado redundante, a sua omissão em G2 não facilita a leitura de um público oitocentista, para o qual esta redundância (tal como para o falante actual) constituiria uma expressão de ênfase comum na língua. Desta forma, e a menos que aceitássemos que só G2 conserva a lição do arquétipo e que G1 e  $\alpha$  fizeram a mesma adição actualizadora, teremos de concluir que G2 omitiu accidentalmente o indefinido. A indefinição generalizante como esta que encontramos em G2 é menos própria da sua prática refundidora do que o contrário, ou seja, esperaríamos que G2 adicionasse um pronome indefinido concretizador e não que o omitisse onde ele existia. Esta omissão é provavelmente accidental, mas não há factores que tornem óbvio o mecanismo que a provocou.

A estas cinco variantes accidentais ainda é possível acrescentar a segunda lacuna de G2 do lugar variante 402, anteriormente analisado (v. p. 343). Nesse lugar conta-se como um homem poderoso acusa um clérigo da igreja de S. Senhorinha de lhe ter roubado o seu dinheiro enquanto estava no banho. Depois de omitir o substantivos *dinheiros*, G2 omite o sintagma *homẽ simples* que servia de referente ao atributo *de boa vida*, mas não há factores que expliquem claramente essa variante.

### **2.2.2. Erros por repetição**

Em G2 também existem erros por adição, mais precisamente, por repetição. Estes são erros por ditografia (Blecula 2001:20-21), isto é, erros por repetição de uma sílaba, palavra ou segmento de texto mais extenso que são sobretudo decorrentes do mecanismo de cópia, e que normalmente resultam de saltos do mesmo ao mesmo por recuo, de reminiscências de outros

passos relativamente próximos, ou de uma simples associação mental do copista. Embora estes sejam os erros menos frequentes em G2, existem pelo menos quatro casos significativos: o do lugar variante 99 exposto anteriormente (v. capítulo II, p. 191) e os três que se seguem:

99. ca bem sabedes que moor marteiro he aquelle que ho **homen** sofre por **Deos** (211r)  
ca bem sabedes, que mor martirio he aquelle, que ho **homen** sofre por **Deus**  
ca bem sabedes que por martirio he aquelle que ho **homen** sofre por **Deos**  
E bem sabees que por martirio he aquello que **Deus** sofre por **Deus** (334)

410. que ella comecou loguo d'acender en amor de Deos (213r)  
que ella comessou logo d'asender em amor de Deos  
que ella começou logo d'asender em amor de Deos  
que ella comesou **de** logo **d'acender** no amor de Deus (336)

411. e começou **de a** confortar (218v)  
e começou **de a** confortar  
e começou **de a** confortar  
e comeso **a de a** confortar (341)

412. virgem que ia reina com Deos (226r)  
virgem, que ia reina cõ Deos  
Virgem que ja Reina com Deos  
virgem **que** ja **que** reina com Deus (348)

Em 99, G2 apresenta um erro comum a P (*por martirio* por *mor martirio*), um erro privativo de G2 de *aquello* por *aquelle* e, por fim, um erro por reminiscência de um passo imediatamente anterior que provoca a repetição do substantivo *Deus*.

Por interferência do seu ditado interior, o copista de G2 coloca, em 410, a preposição *de* logo depois da forma do verbo auxiliar “começar”, antes do infinitivo *acender*. No entanto, como entre as duas formas do verbo composto havia um advérbio de tempo que G2 optou por conservar, esqueceu-se de que tinha colocado a preposição antes e, conseqüentemente, repete-a na posição em que se encontrava em  $\alpha$ .

Em 411, G2 parece ter cometido um erro influenciado pela construção da expressão “começar a” mais frequente no diassistema do copista. Assim, o copista começa por escrevê-la, mas depois retoma correctamente o seu modelo, copiando a preposição *de* e a expressão proclítica *a confortar*. Bem mais improvável seria a hipótese de G2 ter colocado o clítico com função de complemento directo, primeiro em ênclise em relação a *comesou* e depois em próclise em relação a *confortar*.

Em 412 o copista parece ter confundido duas possíveis leituras da exortação que se faz neste passo do texto: “Amigos, deveis rogar a esta virgem **que já** reina com Deus”, onde a expressão evocaria a presença de S. Senhorinha junto de Deus, depois de sua morte; e “Amigos,

deveis rogar a esta virgam, **já que** (ela) reina com Deus”, onde a expressão deveria ser entendida como uma locução causal. Optando pela primeira leitura, G2 copia correctamente *que ja*, mas repete acidentalmente a conjunção *que*.

Veja-se agora um lugar onde G2 apresenta um erro por repetição, que não pode ser considerado um salto do mesmo ao mesmo, mas que deve explicar-se por um mecanismo mais complexo, mas semelhante ao do salto do mesmo ao mesmo:

413. e per esta guisa a carne que deuia ser **serua**, ella he senhora, ca o spirito deuia de mandar a carne, e a carne nom o spirito. Estas cousas respondeo a bem auenturada santa senhorinha, e disse madre senhora pois daqui adiante **serua a manceba do começo** a ssa senhora, em tal guisa (219v)

e por esta giza a Carne, que deuia ser **serua**, ella he senhora; ca o sperito deuia de mandar a Carne, e a Carne nõ o sperito. Estas couzas respondeo a bem auenturada sancta Senhorinha, e disse Madre senhora, pois daqui adiante **serua a Manceba do começo** a sa senhora, em tal giza,

e por esta giza a carne que devia ser **serua**, ella he senhora; cá o spirito devia de mandar a carne, e a carne nõ o spirito. Estas couzas respondeo a bem auenturada santa Senhorinha, e disse Madre senhora, pois daqui em diante **serua a manceba do começo** a sa senhora em tal giza

e por esta giza carne que devia ser **serua, e mancebo do comesso**, ella he senhora, e o Espirito devia mandar a carne, e não a carne o espirito. Estas couzas responde santa Senhorinha . Madre, e senhora, pois daqui em diante **serua, e manceba do comesso**, ella he senhora (342)

G2 raramente acrescenta informação ao texto. Assim sendo, em 413 o segmento *e mancebo do comesso* (que não ocorre nos restantes testemunhos) deve ter sido acidentalmente adicionado pelo copista. Dado que a expressão *serua e manceba do começo* ocorre poucas linhas adiante - embora com outro erro privativo em G2 (v. lugar 367, p. 333) -, então a adição (e consequente repetição) deste segmento em G2 talvez se explique da seguinte forma: copiando o segmento que *devia ser serua* o copista comete um primeiro salto de cópia retomando-a a partir da ocorrência da palavra em *daqui a diante serua*. Por essa razão copia *serua, e mancebo do começo*, introduzindo um segundo erro de *mancebo* por *manceba*. Cometido este primeiro erro, a semelhança do segmento de texto seguinte (*a ssa senhora*) e o lugar onde havia interrompido a sua cópia (mesmo antes de em *ella he senhora*) levam-no a retomá-la e a copiar: *serua, e mancebo do comesso, ella he senhora*.

### 2.2.3. Erros que resultam de variantes intencionais

Por fim, existem também 11 lugares críticos onde uma variante intencional de G2 deu origem a uma variante accidental. Em primeiro lugar vejam-se os seguintes nove casos:

414. e não acho em mim nhũa cousa destas, entendo e temo muito que **sera de** mim peçadora (218r)

e não acho em mim nenhũa couza destas : entendo, e temo muito que **será de** mim peccadora

e não acho em mim nenhũa couza destas, entendo e temo que **sera de** mim peçadora

e não acho em mim nenhũa cousa destas, entendo, e temo muito que **serão em** mim peçadora (341)

415. altar **de que Deos recebeo** muitos e bos sacrificios (220v)  
 Altar **de que Deos recebeo** muitos, e bos sacrificios  
 altar **de que Deos recebeo** muitos e bõs sacrificios  
 Altar de **Deus em que o senhor** recebeo muitos, e bons sacraficios (343)
416. e rogou muito a Deus, que a quizesse levar para si, e **a** tirasse deste carcere em que uiuia (225v)  
 e rogaua muito a Deos, que a quizesse leuar pera si; **e** a tirasse deste Carcere em que viuia  
 e rougou muito a Deos que a quizesse levar para si e **a** tirasse deste carcere em que vivia  
 e rogou muito a Deus, que a quizesse levar para si, e [...] tirasse desta carne em que vivia (348)
417. lança te sobello lado Destro **e loguo** seras são (228r)  
 lança te sobre o lado Destro, **e logo** serás são  
 lança te sobre o lado destro **e logo** seras são  
 deita te sobre o lado destro [...] serás são (350)
418. e pareceo lhe que lhe deu a dita molher **hũa çinta, e tanto que** a çengeo deu do seu ventre tão grande brado (228r)  
 e pareceo lhe, que lhe dera a dita molher **hũa sinta, e tanto que** a singeo deu do seu ventre tão grande brado  
 e pareceo lhe que lhe dera e dita molher **hũa sinta, e tanto que** a singeo deu do seu ventre tão grande brado  
 e pareceo lhe que lhe dera a molher **hum cinto que** a cingio . Deo de seu ventre tão grande brado (350)
419. indo ainda **perto da igreja, em** metade de hum campo (232r)  
 e indo ainda **perto da Igreja em** metade de hũ campo  
 e indo ainda **perto da Igreja em** metade de hum campo  
 e hindo ainda **em visto da Igreja** metade de hum campo (353)
420. senhor ouuimos dizer que **este** caualleiro (233r)  
 senhor; ouuimos dizer, que **este** Caualeiro  
 senhor, ouvimos dizer que **este** Cavaleiro  
 senhor ouvimos dizer que **o este** cavaleiro (353)
421. e **ella** chegando **allo** (234v)  
 e **ella** chegando **allo**  
 e **ella** chegando **allo**  
 e chegando **a ella** (355)
422. roguo uos **que vosoutros seruidores desta igreja** roguedes a esta santa (234v)  
 rogo uos, **que uósoutros seruidores desta Igreja** roguedes a esta sancta,  
 rogo vos, **que vosoutros servidores desta Igreja** roguedes a esta santa  
 rogo vos **que os que servis esta Igreja** roguedes a esta santa (355)

No contexto em que surge o lugar 414, S. Senhorinha diz que não encontra em si nenhum dos atributos dos mártires de Cristo e teme que isso faça dela pecadora. É isso que se lê em G1 e  $\alpha$ . O erro de G2 parece ter resultado de uma tentativa de esclarecer o texto de  $\alpha$ . Entendendo que a santa temia que as coisas que lhe faltavam eram pecados dela, o copista corrige *sera de mim* para o plural *serão em mim*. Contudo, esquece-se de corrigir *pecadora* para *pecados*, o que torna a frase inaceitável.

Em 415 lê-se que S. Senhorinha “mereceu de ser altar do qual Deus recebeu sacrificios” em G1 e  $\alpha$ . Já em G2 lê-se que ela “mereceu de ser altar de Deus no qual o senhor recebeu sacrificios”. É evidente que em G2 há uma redundância que o copista tem por hábito eliminar e não produzir. Assim, a substituição de G2 deve ter resultado de um erro por omissão do pronome

relativo *que* seguido de uma tentativa de correcção imediata – a adição do segmento *em que*, essencial para esclarecer que o altar foi o local onde se receberam os sacrifícios. Depois, apercebendo-se de que a sua omissão inicial tornara impossível compreender que quem recebia os sacrifícios mencionados era Deus (e não S. Senhorinha), G2 volta a ampliar o texto acrescentando o sujeito *o senhor* e provocando a redundância.

Em dois dos casos acima G2 comete uma omissão accidental provavelmente provocada por uma omissão intencional anterior. O primeiro, 416, ocorre num lugar onde se conta que S. Senhorinha rogava muito a Deus que, por estar já cansada de viver, a levasse para junto dele. G2 omite apenas um pronome clítico *a*. A simplicidade desta omissão e o facto de se encontrar depois de uma oração onde tinha sido utilizado o mesmo clítico (referente ao mesmo sujeito), talvez indique que foi motivada por uma tentativa deliberada de tornar a estrutura do sintagma menos repetitiva. Contudo, ao omitir o clítico G2, não se apercebe que omite também o sujeito da segunda oração, essencial à clareza do texto. O segundo caso, 417, pertence ao milagre em que S. Senhorinha dá instruções a um homem que tem o ventre inchado, sendo que G2 omite uma conjunção coordenada copulativa que associa o conselho dado ao homem pela santa (que se deite sobre o seu lado direito) e o efeito que obterá se o seguir (ficar são). No entanto, essa omissão parece ter sido accidentalmente motivada pela omissão intencional do advérbio *logo*, relativamente frequente em G2 (v. p. 294).

Além disto, em três dos lugares variantes acima apresentados G2 comete uma substituição accidental provavelmente provocada por uma substituição intencional anterior: 418, 419 e 421. Em 418, G2 substitui *hũa sinta* por *hum cinto*, variante com uma intenção aparentemente actualizadora. No entanto, essa mudança do género do substantivo parece ter levado o copista a interpretar erradamente a lição de  $\alpha$ , lendo o clítico *a* em *a singeo* como um pronome referente ao substantivo *mulher*. Perdendo-se nos complementos da frase, o copista esquece-se de que a mulher de quem se fala é quem dá a *cinta* ao homem inchado, mas quem a aperta é ele. Este erro de leitura leva o copista a reinterpretar o pronome clítico e, consequentemente, a julgar que pode omitir o segmento adverbial *e tanto* sem que isso adultere o sentido do texto (esta última é uma variante intencional que resulta de um erro, como outras que vimos anteriormente, v. pp. 329-331).

A variante de 419 surge num lugar do texto onde se conta como o cavaleiro Gonçalo de Sousa ia a caminho do Castelo de Aguiar quando a sua mula deixou de avançar. G2 quis abreviar o texto de  $\alpha$  substituindo o segmento *perto da Igreja* por outro mais curto: *em vista da Igreja*.



Embora a variante de G2 permitisse perceber que de onde estava o cavaleiro se via a Igreja, o copista comete o erro *visto* por *vista*.

Em 421, G2 omite o pronome pessoal *ella* provavelmente para abreviar o texto de  $\alpha$ . Contudo, isso leva-o a cometer um erro por *lectio facillior* de *allo* por *a ella*. De facto, este lugar ocorre numa parcela do texto em que se narra como uma mulher de S. Pedro de Torrados foi aconselhada a ir à igreja de S. Senhorinha e a oferecer-lhe presentes. Ao omitir o pronome pessoal, o copista predispõe-se a ler *a ella* no lugar onde  $\alpha$  tinha uma variante dissimilada do advérbio de lugar *ali*.

Como estes três há ainda o lugar 307, anteriormente apresentado (v. p. 315). G2 substitui *preças* por *preces*. A ocorrência da palavra *preça* neste contexto exige que tenha o seu valor mais antigo: “opressão”, “sofrimento”. Contudo, essa acepção não é familiar ao copista deste apógrafo (v. também os lugares 364 e 371, pp. 332 e 333, respectivamente), que a substitui por um substantivo mais comum (*preces*). Em 307, esse erro por *lectio facillior* parece ter sido incentivado por uma variante intencional cometida imediatamente antes: a substituição de *acores* por *acode*, possivelmente motivada por uma tentativa de esclarecer o contexto, já que *acorrer* é um sinónimo de ‘acudir, socorrer’ (cf. Houaiss 2015) relativamente pouco frequente no português coloquial. Por estas razões, em G1 e  $\alpha$  lê-se “de muitas tribulações socorres aos meus sofrimentos”, mas em G2 lê-se “de muitas tribulações acodes aos meus pedidos”.

Já em 420, G2 utiliza dois pronomes para referir o cavaleiro mencionado. Como se viu anteriormente, é frequente que G2 substitua pronomes demonstrativos por pronomes definidos (v. p. 294), o que explicaria que aqui tivesse optado pela substituição de *este* por *o*. No entanto, ao retomar o modelo copia acidentalmente o pronome *este*.

Em 422, G2 substitui a construção *vosoutros servidores desta Igreja* por uma construção relativa mais simples, provavelmente para tornar a lição de  $\alpha$  mais acessível. No entanto, ao substituir esse segmento comete um erro de *vos que servis esta Igreja* por *os que servis esta Igreja*, prejudicando a interpretação do texto.

Por fim, a estes 11 lugares acrescenta-se o 396 anteriormente incluído nas omissões da conjunção completiva *que* (v. p. 342), onde G2 substitui (intencionalmente) *cuidando* por *e como cuidava*, mas isso talvez tenha provocado a omissão acidental da conjunção completiva.

### 2.3. VARIANTES ACIDENTAIS OU INTENCIONAIS?

Por fim, e além dos erros que se categorizaram nos grupos apresentados, G2 tem ainda muitas variantes privativas que não se explicam facilmente por factores mecânicos, paleográficos, morfológicos ou semânticos evidentes. Essas são variantes cuja intencionalidade ou accidentalidade é questionável e, como tal, merecem uma análise sistemática que permita problematizar os mecanismos possivelmente envolvidos nelas.

Neste conjunto, começa-se por analisar dois lugares críticos onde a variante de G2 pode ser, em termos mecânicos, quer uma variante intencional motivada pelo interesse em simplificar o texto, quer um erro por *lectio faciliior*. Retome-se o lugar 416 exposto anteriormente (v. p. 349) e veja-se o lugar 423:

416. e rogou muito a Deus, que a quizesse levar para si, e a tirasse **deste carçere** em que uiuia (225v)  
e rogaua muito a Deos, que a quizesse leuar pera si; e a tirasse **deste Carcere** em que viuia  
e rougou muito a Deos que a quizesse levar para si e a tirasse **deste carcere** em que vivia  
e rogou muito a Deus, que a quizesse levar para si, e [...] tirasse **desta carne** em que vivia (348)

423. e soffreando a mua **por detras** para se tornar a egreja (232r)  
e soffreando a Mua **por detras**, pera se tornar a Jgreja  
e soffreando a mua **por detras** para se tornar a Igreja  
e soffreando a mua **para tras** para se tornar á Igreja (353)

Em 416, e independentemente da lacuna semântica assinalada, G2 substitui *carcere* por *carne*. Neste contexto, S. Senhorinha roga a Deus que a leve para junto de si, pois está cansada de viver. Em G1EP lê-se que Senhorinha pede a Deus que a liberte do *carcere* em que vive (a existência terrena ou o corpo), e em G2 lê-se que Senhorinha pede a Deus que a liberte de sua *carne*, isto é, que a deixe morrer e que a alma abandone o seu corpo. G1EP têm uma metáfora comum na prosa ascético-monástica, e G2 tenta esclarecer o sentido do texto. Para isso, banaliza-o, tornando-o explícito e não metafórico. Contudo, dada a semelhança fonética das palavras, será esta variante o resultado de um comportamento inconsciente de G2 (favorecido por uma personalidade banalizante que já manifesta frequentemente) ou é uma variante intencional e denuncia critérios clarificadores presidindo à refundição praticada por G2?

A mesma dúvida se coloca em 423. Narra-se como Gonçalo Garcia teria passado pela igreja de S. Senhorinha e, não lhe fazendo reverência, a sua mula ficou parada sem que ele a conseguisse mover pelo caminho que pretendia. Quando se apercebe do desrespeito cometido à santa, compreende porque a mula não se move e redireciona-a para a igreja. Tendo em conta que *soffrear* significa ‘sustar ou modificar a marcha de (uma cavalgada), puxando ou retesando as

rédeas' (cf. Houaiss 2015), em G1EP lê-se que, estando atrás da mula, o cavaleiro puxou as rédeas para si e fê-la retornar. Já em G2 lê-se que ele "sofreu a mula para trás", isto é, redireccionou a sua marcha para que regressasse à igreja de S. Senhorinha. Embora ambos os sentidos sejam aceitáveis, é difícil considerar que G2 tenha estranhado a lição de  $\alpha$ , corrigindo-a. Mais fácil é supor que em  $\alpha$  existisse uma abreviatura de *por* que este copista tivesse interpretado como a de *para*. Nesse caso, a proximidade paleográfica entre as abreviaturas teria favorecido a *lectio facillior* de G2 mas, em todo o caso, não é possível saber se a cometeu acidental ou intencionalmente.

No mesmo sentido, veja-se como G2 também omite totalmente um milagre do texto de  $\alpha$ , mas é difícil saber se o terá feito conscientemente ou não. Sobral (2012:168) já destacara este caso na sua colação entre G1 e G2, dizendo que a G2 falta um dos 19 milagres póstumos de S. Senhorinha, mais precisamente o 8º milagre póstumo, a que os restantes testemunhos atribuem o título de "Milagre da mãe e da filha". Este é o milagre mais curto de todo o texto, o que pode ter facilitado a sua omissão acidental, nesse caso possivelmente motivada por um salto do mesmo ao mesmo no substantivo *Milagre* que inicia o título de quase todos os episódios.

Contudo, também é possível categorizar esta omissão de G2 como uma variante intencional. Para tal há que considerar que o copista talvez tenha omitido o milagre ou porque o seu conteúdo nada acrescentar ao teor didáctico da *VSSB*, omitindo-o para evitar redundâncias; ou porque o seu conteúdo foi considerado censurável pelo copista que, consequentemente, o eliminou. Este milagre trata de uma mãe e de uma filha que fizeram ofertas a S. Senhorinha para que a primeira não tivesse mais filhos e a segunda, que não conseguia conceber de seu marido, engravidasse. Em abono da primeira hipótese, note-se que, de facto, a presente análise tem vindo a confirmar que o copista de G2 obedece a um dos critérios mais comuns da refundição hagiográfica – a *abbreviatio*. Assim, pode considerar-se que tivesse omitido este pequeno milagre por julgar que a sua função era relativamente redundante, uma vez que os seus elementos estavam já presentes num milagre mais extenso adiante – o 14º milagre póstumo<sup>5</sup> ("Milagre das tres mulheres que forão sans de suas dores") – em que uma terceira mulher pede a S. Senhorinha que a faça capaz de levar uma gravidez a bom termo. Já considerar a segunda possibilidade implicaria assumir que o conteúdo deste milagre fosse censurável para o copista oitocentista. No entanto, dificilmente se poderia afirmar com segurança que o copista o tivesse omitido por decoro, sobretudo porque não há lugares paralelos no texto que sustentem esta leitura.

---

<sup>5</sup> 13º em G2

Em qualquer das hipóteses, tenha a omissão sido accidental ou intencional, a lacuna provocada explica porque é que o copista atribui o número 8 ao milagre seguinte ao que omite (que nos restantes testemunhos tem o título de “Milagre do que furtou os dinheiros do ouro”), continuando correcta e sequencialmente a numeração dos milagres, mas sem assinalar manifestamente a omissão de todo um parágrafo de texto.

### 2.3.1. Hiper correcções de G2

Existem ainda quatro lugares onde G2 apresenta uma hiper correcção do texto de  $\alpha$ . Estes são casos em que G2 julgou estar perante um erro em  $\alpha$ , tenta contorná-lo, mas acaba por introduzir um novo erro no texto. Contudo, e embora a colação as torne evidentes, não é claro se estas hiper correcções de G2 terão sido concretizadas de forma intencional ou accidental e, portanto, merecem ser analisadas em conjunto. Em primeiro lugar veja-se o seguinte caso:

424. **sei** certa que logo te a carne cobiçará (219r)  
**sei** certa que logo te a Carne cobiçará  
**sei** certa que logo te a carne cobiçará  
**sabei** certa que logo a carne te cobiçará (341)

Em 424, G1EP apresentam uma forma do imperativo antigo que já não se usa no século XIX. Assim, o copista de G2, que não reconhece esta forma, limita-se a hiper corrigir a lição do seu antecedente, o que neste caso torna o texto evidentemente agramatical. Esta talvez seja uma variante accidental visto que G2 conserva esta forma do imperativo em pelo menos mais quatro lugares (p. 337 (duas ocor.), p. 341 e p. 355): ex.: *sei certo que nom tens a sorte em mim* (p. 337).

Além deste lugar retome-se ainda o lugar 82 e o lugar 137 (v. capítulo II, p. 179 e 214, respectivamente) e o lugar 207 (v. p. 299) anteriormente analisados:

82. o padre non lhe ousou mais **d’ementar** tal cousa (214r)  
o Padre non lhe ouzou mais **d’ementar** tal couza  
o padre nom lhe ouzou mais **d’ementar** couza  
o Padre nom lhe ousou mais **de mental** couza (337)
137. e disse lhe padre **boo por veeste** aco tão cedo (215r)  
e disse lhe Padre **boo por / ueeste** aco tão cedo !  
e disse lhe padre **bõõ proveeste** acó tão cedo ?  
e ella dise lhe Padre **boa prova esta** aca tão cedo ?
207. mas ante a mua **quada ues, estaua** mais riga, e mais forte, e pero se deceo della (232r)  
mas antes a Mua **quada uez estaua** mais rija, e mais forte, e pero se deceo della  
mas antes a mua **quada vez estava** mais rija, e mais forte, e pero se deceo della  
mas antes a mua **quedava** mais rija : e pero se deceo della (353)

Lembre-se que, em 82, G1 apresenta a lição genuína (*dementar tal cousa*) e os restantes testemunhos cometem erros por *lectio faciliior*. O sub-arquétipo  $\alpha$  reinterpreta a lição de  $\Omega$  cometendo um erro por atracção fonética (*demental tal cousa*) e P comete um erro por haplografia (*demental couza*). Por fim, G2 faz uma hiper correcção e reinterpreta a lição *difficilior* (*demental*) separando-a em duas palavras reconhecíveis: uma preposição e um adjectivo (*de mental*). Depois, apercebe-se da repetição da última sílaba e elimina *tal*.

Em 137, enquanto G1 e E transmitem um erro cometido por  $\Omega$  (*por veeste*), P e G2 apresentam duas hiper correcções distintas. P hiper corrige o erro com uma metátese (*por/pro*) e a crase do hiato, obtendo uma forma do verbo “prover” (*proveste*). Já G2 é claramente mais audaz e, além de hiper corrigir a metátese, estende a interpretação ao contexto. Assim, substitui *boo* por *boa*, passa todo o segmento para o feminino e força-o a fazer sentido como uma exclamação que pode ser lida como expressão de simpatia pelo esforço do pai em vir visitar a filha tão cedo.

Em 207 a lição de G2 abrevia o texto de  $\alpha$  e é totalmente coerente. No entanto, a forma verbal do pretérito imperfeito *quedava* em G2 tem demasiadas semelhanças com o início e o final do segmento substituído *quada vez estava* que se lê em G1, E e P. Supondo que o copista de G2 não reconheceu a forma gráfica *quada* do pronome indefinido (ou, menos provavelmente, que em  $\alpha$  existisse uma abreviatura de *quada*: *qda*), é natural que tenha hiper corrigido o lugar. Julgando estar diante de um erro (mas não sabendo exactamente qual), G2 interpreta o sentido do texto e encontra uma forma verbal que se lhe adequa na perfeição e que tem semelhanças gráficas e fonéticas com o que está no antecedente – *quedava*-, solução que ele audazmente acata.

Note-se que em qualquer destes quatro lugares resta a dúvida se o copista de G2 terá concretizado estas hiper correcções voluntariamente (como variantes intencionais) ou de modo inconsciente (como variantes acidentais). Em todo o caso é interessante notar como em três destes casos as hiper correcções de G2 resultam em variantes incoerentes ou agramaticais. Contudo, este copista oitocentista estará certamente consciente de que copia um texto cuja língua não é exactamente igual à sua e, embora muitas vezes revele o seu desconhecimento da língua medieval (como provam os seus erros por *lectio faciliior*, e as variantes intencionais explicativas ou actualizadoras que concretiza), é evidente que esperaria que fosse relativamente estranha. Isso pode levá-lo não só a conservar certos erros do antecedente, mas também a hiper corrigir certos lugares do texto com enunciados que num texto seu contemporâneo não aceitaria e, por outro lado, a manter-se foneticamente próximo do modelo.

### 2.3.2. Possíveis idiossincrasias do copista

Existem ainda algumas variantes de G2 que, podendo ser ou não intencionais, talvez caracterizem o discurso do copista oitocentista, revelando alguma das suas idiossincrasias. Vejamos os três casos que se seguem:

425. acaba aquello que mim **começaste** (217v)  
a/Caba aquello, que mim **comesaste**  
acaba aquello que mim **comesaste**  
acaba aquello que em mim **comesastes** (340)
426. tu senhor **apartaste** as auguoas de todallas cousas (222r)  
tu senhor **apartaste** as agoas de todallas couzas  
tu senhor **apartaste** as agoas de todalas couzas  
tu senhor **apartastes** as agoas de todalas cousas (344)
427. tu senhor as **deste** (222r)  
tu senhor as **deste**  
tu senhor as **deste**  
tu senhor as **destes** (344)

Nestes três casos, o copista de G2 parece ter tendência para alterar o discurso dirigido a Deus (ou a Jesus Cristo) para a 2ª pessoa do plural, mesmo quando o sujeito expresso em orações envolventes era da 2ª pessoa do singular - *tu*. Contudo, e embora não o faça de forma sistemática, convém questionar se estes casos representam de facto uma passagem do singular para o plural ou se, na verdade, já demonstram a emergência do fenómeno de regularização da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito por analogia com a segunda pessoa do singular dos restantes tempos verbais – fenómeno esse que já estaria em curso no século XIX e que actualmente ainda decorre, apesar da oposição da norma linguística.

Além destes, veja-se ainda o seguinte lugar onde as variantes de G2 dificilmente poderão ser consideradas erros:

428. e dizia assi, **amercea te** de mim Deos, **amercea te** de mim (213v)  
e dizia assi : **amercea te** de mim Deos, **amercea te** de mim  
e dizia assi : **amercea te** de mim Deos, **amercea te** de mim  
E dizia asim **amereca te** de mim Deus, **amereca te** de mim (336)

Em 428, G2 apresenta *amereca te* por *amercea te* em dois lugares. “Amercear-se” significa ‘condoer-se’ ou ‘compadecer-se de algo ou alguém’, é uma forma verbal derivada do substantivo ‘mercê’, e é atestada no século XIII e pelo menos até ao século XV (cf. Lorenzo 1968). Dado que esta é uma fórmula litúrgica muito comum que o copista não podia deixar de conhecer, não é possível que G2 não a tenha reconhecido ou a tenha confundido com outra palavra. Assim, e uma

vez que repete duas vezes a mesma variante (*amereca te*), esta explica-se mais facilmente como o resultado de uma realização fonética idiossincrática do copista de G2.

## 2.4. CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, esta análise funciona como o derradeiro argumento contra a possibilidade de o códice G2 ser um autógrafo da obra de Torcato de Azevedo, como considerara Sobral (2012:167), porque está de acordo com os dados avançados na descrição codicológica e que fazem deste um apógrafo de uma mão inevitavelmente mais tardia (as marcas de propriedade que situam a produção de G2 no início do século XIX).

Em todo o caso, a pergunta de Brito continua pertinente: «Por onde se perderem, entre 1705 (ano da morte do Padre Torcato) e 1845 (ano da publicação das *MRAG*) os manuscritos do Autor?» (Brito 1981:440). A esse respeito lembre-se apenas que terá existido pelo menos mais um testemunho manuscrito das *MRAG* nas mãos da família Motta Prego, e que outros poderão ter permanecido no seio da família do próprio Azevedo.

É evidente que se sabe muito pouco sobre os manuscritos desta obra. Além do que nos dizem as marcas de propriedade, menos ainda se sabe sobre o testemunho G2, cuja descrição codicológica pouco diz sobre o seu copista e sobre o seu primeiro proprietário. Contudo, as características codicológicas deste códice e esta análise das variantes privativas<sup>6</sup> do testemunho da *VSSB* por ele transmitido permitem tecer alguns juízos sobre o tipo de cópia, a acção do copista e, conseqüentemente, o fim para o qual o apógrafo foi produzido.

A análise do comportamento do copista G2 pode ser sistematizada como se apresenta na Tabela 3. Uma vez que se destacam apenas os tipos de variantes mais relevantes deste capítulo, e dado que nem sempre foi possível contar exaustivamente os casos a incluir em cada um desses tipos, o número *total* apresentado nesta tabela pode não coincidir com a soma das variantes mencionadas, cuja contagem é também meramente indicativa (v. sobretudo os casos em que se utilizam expressões como *cerca de* e *pelo menos*), como explica a quantidade em que ocorrem.

---

<sup>6</sup> Na classificação destas variantes como privativas considera-se apenas o universo da tradição manuscrita. Em rigor, muitas destas variantes não são privativas porque são reproduzidas pelo impresso de 1845. Entenda-se, portanto, aqui, privativas como variantes devidas à inovação (acidental ou intencional) do copista de G2.

Variantes Privativas de G2			
Variantes intencionais			
Total	Tipologia		Número
Cerca de 860	por substituição		pelo menos 58
	por omissão		pelo menos 72
	por reordenação		10
	por adição		6
	mais do que uma operação	total	71
		relacionadas com a função cultual de $\Omega$	20
		boas tentativas de correcção de erros de $\alpha/\Omega$	7
		más tentativas de correcção de erros de $\alpha/\Omega$	12
variantes intencionais provocadas por erros		5	
Variantes acidentais/erros			
Total	Tipologia		Número
Cerca de 240	por substituição	total	pelo menos 34
		erros paleográficos	pelo menos 21
		<i>lectiones faciliores</i>	10
	por omissão	total	pelo menos 30
		saltos do mesmo ao mesmo	6
	por repetição		5
erros provocados por variantes intencionais		11	

**TABELA 3**

A maioria das variantes de G2 resultam de uma intervenção deliberada no texto que copia do seu antecedente  $\alpha$  (cerca de 860 variantes num universo de 1100 lugares variantes). Na base dessas intervenções foi possível identificar quatro tipos de motivação: explicativa, actualizadora, abreviadora e, por último, uma intenção intensificadora (apenas três casos). Concluiu-se que o trabalho deste copista é incentivado sobretudo pelas primeiras três intenções e que, de forma a cumprir esses objectivos, concretiza constantes omissões, substituições e reordenações no texto. Essas operações de G2 são concretizadas não só ao nível das palavras e expressões gramaticais, mas também ao nível do conteúdo substantivo das orações/frases e, consequentemente, isso recflete-se no modo como as variantes adulteram mais o sentido do texto nuns lugares do que noutros.

Existe um número elevado de variantes por substituição (pelo menos 58 casos), e de variantes por omissão (pelo menos 71 casos), mas contaram-se apenas dez variantes por reordenação e 71 casos de variantes inequivocamente intencionais, mas impossíveis de colocar numa das categorias mais simples. Neste conjunto de 71 casos, importa dar destaque a 20 variantes intencionais de G2 onde o copista se revela um copista-refundidor, para quem o texto da VSSB já não tem uma utilização cultual, mas sim historiográfica e que frequentemente substitui ou elimina alguns elementos textuais que no arquétipo duocentista teriam função cultual.



Além disso, importa destacar que, de modo geral, a operação que domina nesta cópia da *VSSB* é a omissão, existindo pelo menos 102 exemplos determinantes. O copista comete pelo menos 30 omissões acidentais (e seis delas são saltos do mesmo ao mesmo) e, sobretudo, pelo menos 72 omissões intencionais de maior ou menor extensão. As segundas parecem ter por objectivo limpar o texto de redundâncias, repetições e, em alguns casos, informações que o copista evidentemente considerou suplementares. Outras omissões intencionais parecem motivadas por uma intenção explicativa, pois revelam tentativas de tornar o texto menos ambíguo em lugares onde a sua estrutura era demasiado complexa ou a interpretação do seu conteúdo era pouco evidente. Além disso, nos 20 lugares em que o copista intervém em segmentos que no texto duocentista tinham função cultural, G2 comete sempre uma omissão com o objectivo de os eliminar do texto. Por fim, existem algumas omissões que se explicam apenas por uma vontade de abreviar o texto e de economizar o espaço de cópia.

Parecendo estar sobretudo interessado em esclarecer, simplificar e abreviar o texto que copia, G2 é pouco cuidadoso com o conteúdo, com detalhes expositivos e com a preservação do valor pedagógico da narrativa.

Além de tudo isso, lembre-se que cinco variantes intencionais de G2 são motivadas por erros cometidos no mesmo lugar crítico, e que a maioria desses casos prova como o copista, embora desatento ao ponto de cometer alguns erros, se preocupou o suficiente com a coerência do texto ao ponto de os tentar corrigir. Outros exemplos mostram como parece ter estado mais dedicado ao aspecto material do volume que produzia do que com o conteúdo do texto. Esses são os casos em que é evidente que o copista se apercebeu de alguma variante accidental, mas preferiu corrigi-la através de qualquer outra intervenção posterior do que cancelar e corrigir o erro cometido. Já os seus 11 erros resultantes de variantes intencionais mostram como os intuitos do copista por vezes interferiam no seu entendimento do texto, acabando por gerar incoerências que prejudicam a integridade do seu conteúdo.

Note-se ainda que as variantes intencionais por omissão, substituição e reordenação se intensificam ao longo dos milagres póstumos da *VSSB* (concentrando-se, sobretudo, no final dos respectivos parágrafos), mas também que parecem aumentar a partir do 9º milagre póstumo, crescendo até ao final do texto. Pode-se, por isso, concluir que este copista-refundidor abrevia o texto da *VSSB* não só para o tornar mais claro, menos repetitivo e depurado de características culturais desnecessárias ao leitor oitocentista, mas provavelmente também porque precisava de economizar o espaço da cópia.

No seguimento do comportamento relativamente simplificador e esclarecedor deste apógrafo, lembrem-se os escassos (seis) casos em que o copista não abrevia o texto do seu antecedente, concretizando pequenas ampliações e perífrases motivadas por uma intenção explicativa. Assim, é possível acrescentar que o copista de G2 tem um comportamento predominantemente simplificador que só não mantém quando em causa estão a clareza e acessibilidade do texto.

Ademais, apesar da frequente desatenção com que corrompe o texto de  $\alpha$ , em alguns lugares o copista de G2 parece estar ciente do contexto que copia ao ponto de tentar corrigir alguns dos erros de  $\alpha$  e/ou  $\Omega$  (19 casos). Corrige correctamente sete dos erros mais evidentes, detecta e elimina períodos erróneos para os quais não encontra uma correcção conjectural adequada e ainda, noutros 12 casos, detecta o erro de  $\alpha$ , mas não o consegue corrigir com uma lição tão aceitável quanto a genuína, ou a de outro testemunho da tradição. Assim, o copista de G2 está relativamente atento a alguns dos problemas do seu antecedente, o que em todo o caso retoma a sua necessidade de garantir a simplicidade e clareza do conteúdo do texto.

Por outro lado, este copista cometeu muitas variantes acidentais (cerca de 240 num universo de 1100 variantes privativas), das quais pelo menos 21 são exemplos de substituições motivadas por erros paleográficos e pela influência dos valores semânticos de outras palavras próximas. Também são comuns as *lectiones faciliores* explicadas pelo desconhecimento da língua duocentista (existem 10 casos) e existem numerosos erros por omissão (pelo menos 30 exemplos), entre os quais seis se explicam por *saltos do mesmo ao mesmo* na cópia. É no conjunto das lacunas que resultam desses saltos do mesmo ao mesmo que se incluem os erros mais flagrantes e menos flagrantes de G2. Por fim, em G2 ocorrem pelo apenas cinco erros por repetição. Todos esses erros provam a desatenção do copista e a sua despreocupação com a língua, conteúdo e até valor didáctico do texto copiado.

Esta sistematização do comportamento de G2 pode facilmente estender-se à caracterização do comportamento que terá tido ao longo de todo códice, não só porque é pouco provável que tenha adoptado um comportamento específico apenas durante a cópia deste testemunho da *VSSB*, mas também porque a própria colação realizada por Brito entre alguns dos capítulos dos códices E, P e do impresso das *MRAG* revela que o códice G2 sempre se comportou de forma homogénea.

Então, embora continue a ser impossível apontar um responsável pela produção desta cópia, é pelo menos possível afirmar que o copista, provavelmente influenciado por uma vontade

de esclarecer, actualizar e simplificar o texto que copiava, ao mesmo tempo que o abreviava e economizava o espaço da cópia, adultera em muito o texto do seu antecedente. Pretendia tornar o texto linguística e semanticamente tão acessível quanto possível ao leitor oitocentista (utilizando o seu conhecimento e a sua língua como principais critérios de intervenção), e isso não o impediu de interferir no sentido do texto sempre que considerou inadequadas ou inacessíveis as formulações, intensificações, redundâncias ou outras características típicas dos géneros e épocas de que datam o arquétipo da tradição da *VSSB* ( $\Omega$ ) e o arquétipo das *MRAG* ( $\alpha$ ). Em todo o caso, é evidente que este é um copista-refundidor que não está preocupado com o valor didáctico e cultural da *VSSB*, adequa o texto à língua e contexto historiográfico com cuja finalidade o copiou e, muitas vezes, quer accidental quer intencionalmente, tenta forçar o texto a fazer algum sentido (mesmo que acabe por cometer *lectiones faciliores* evidentes, ou faça hipercorreções pouco funcionais). Além disso, e como provam lugares como o 366 e o 416 (pp. 332 e 349), este copista mostra ignorar a linguagem típica da literatura hagiográfica e religiosa, sendo indiferente ao discurso místico e ao discurso ascético. Consequentemente, é pelo menos possível concluir que não era um clérigo regular, mas provavelmente um leigo.

O certo é que a grande quantidade de variantes intencionais abreviadoras de G2 e o facto de se tornarem cada vez mais frequentes à medida que nos aproximamos do final da *VSSB* (entre as páginas 334-356 de um códice com 380 páginas) permitem considerar que este testemunho das *MRAG* possa ter sido mandado produzir num formato portátil, talvez para servir como um exemplar de uso pessoal (por exemplo, para um membro de uma paróquia de Guimarães ou de uma família Vimaranense a quem interessasse perpetuar as memórias da cidade), ou já como original de imprensa. Em todo o caso, a análise estemática fornece provas irrefutáveis de que G2 foi o original de imprensa do testemunho impresso de 1845, pois a colação do texto do impresso com o texto de G2 assegura que o texto do impresso tem todos os erros cometidos por G2 (corrigindo apenas os pequenos erros por omissão ou troca de letras), produz erros privativos, segue algumas das variantes que G2 começara por escrever mas corrige-as e, por fim, tem todas as lacunas e substituições intencionais concretizadas por G2 (confirmando o que foi dito no capítulo II, v. pp. 217-218). Relembre-se que o impresso apresenta ainda os erros de  $\Omega$  e  $\alpha$  transmitidos por G2, à excepção de dois que este testemunho corrige adequadamente (v. capítulo II, p. 217). Assim, e como sugeria o acrescento de mão posterior no fólio de guarda [2], G2 foi o original de imprensa utilizado na edição das *MRAG* de 1845.

Esta funcionalidade não invalida que este códice tenha sido produzido simultaneamente para uso pessoal mas, neste caso, há que descartar a possibilidade de G2 ser o testemunho truncado que estava na posse da família Motta Prego que refere Martins Sarmiento (1896:7). António Coelho Motta Prego morre em 1933 (o que não implica que não possa ter deixado o códice mencionado à família) e Martins Sarmiento morre em 1899, três anos depois de fazer menção a esse testemunho de Motta Prego e três anos antes da entrada do testemunho G2 na Sociedade Martins Sarmiento (em 1902). Já o Abade de Tagilde só menciona esse quarto testemunho das *MRAG* da família Motta Prego em 1907, isto é, cinco anos depois de o testemunho G2 ter dado entrada no arquivo da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, e impedindo a identificação entre ambos. Quem quer que tenha produzido e conservado o testemunho G2 fê-lo chegar às mãos do Prof. Pereira Reis, que o viria a editar e publicar no Porto em 1845.

Assim, resta considerar que G2 tenha sido encomendado (talvez pelo próprio Pereira Reis) propositadamente para servir de original de imprensa à edição de 1845. Nesse caso, as suas variantes – e em particular a sua *abbreviatio* – devem ser entendidas à luz da descrição codicológica de G2. Lembre-se o pequeno formato do códice (220 mm de altura por 155 mm de largura e 25 mm de espessura) e a inscrição onde se lê *Imprimio-se este mss: na cidade do Porto na Typografia da Revista 1845*. Além disso, a paginação do volume parece ter sido inserida antes de copiado o texto, precisamente para facilitar a sequência dessa cópia em fólhos soltos. Assim, seria impossível associar o aumento das variantes à falta de espaço num volume acabado, o que também sugere que esta cópia das *MRAG* tenha sido encomendada num formato pequeno, e adequado aos limites materiais do livro impresso, os quais podiam ser calculados segundo correspondências conhecidas, como fazia Camilo Castelo Branco (v. Pimenta 2017:173): entre um x número de páginas com y número de linhas do manuscrito e w número de páginas com z linhas impressas.

Além disso, recorde-se que a composição deste códice parece ter sido bastante regular: todos os cadernos são quaternos ou sénios (dispostos alternadamente); existe apenas um fólio que foi arrancado sem deixar qualquer talão; o número de linhas de escrita oscila apenas entre as 40-42 por coluna e, por fim, a caixa de texto oscila apenas entre 3-5 mm na margem de cabeça e tem sempre 5 mm nas margens de festo e goteira. A regularidade com que o códice foi composto também está de acordo com a hipótese de que tenha sido projectado com as pequenas dimensões mencionadas e, consequentemente, que o copista tenha copiado o texto com o intuito de o fazer

caber num exacto número de fólhos. Da mesma forma, a elevada concentração de linhas de texto em páginas de pequenas dimensões, o tamanho mínimo das margens da caixa de texto e a ausência total de notas marginais são factores que provam que o copista quis aproveitar o máximo de espaço dos fólhos, e que talvez tenha trabalhado sobre um número máximo de páginas. Ademais, as margens de goteira e pé dos fólhos deste volume estão aparadas, o que implica que a cópia e as margens da caixa de texto tenham sido realizadas a contar com essa operação.

Lembre-se ainda que o códice tem uma escrita não muito regular nem cuidada, com muitas ligaduras utilizadas de forma pouco sistemática e muitas oscilações na figura e módulo de algumas letras. Esta irregularidade também está de acordo com a postura despreocupada e desatenta deste copista (como mostram todos os erros por corrigir analisados), e prova a despreocupação com grande parte das características externas do volume (que seriam inevitavelmente regularizadas e apuradas com o rigor da composição tipográfica).

Por fim, convém também notar que a exposição desta análise das variantes de G2 não apresenta nenhum dado a favor da última hipótese proposta por Brito (1981:443), quando a autora questiona se «será de admitir que o MMS da SMS é uma cópia voluntariamente truncada do texto total – ou seja, uma cópia censurada?». É incontestável que o testemunho G2 é uma cópia da obra de Azevedo abreviada e redundada. Contudo, no que se refere à *VSSB*, pode concluir-se que o texto não foi alvo de censura, já que a análise das respectivas variantes não destaca nenhuma omissão ou substituição necessariamente motivadas por objectivos ideológicos ou morais com que o copista deliberadamente adulterasse o sentido do texto em prol ou em detrimento de determinadas convicções.



## **CONCLUSÃO**

Terminado este trabalho, é tempo de sistematizar os objectivos propostos e os resultados obtidos para que, no futuro, possam alicerçar outros trabalhos em torno da tradição textual da *VSSB*, cujo alargamento fundamentou a análise a que me dediquei.

Assim, lembre-se que até aos trabalhos de Geraldês Freire (1986) e Gameiro (2000) conheciam-se apenas as duas versões latinas quinhentistas e uma versão portuguesa da *VSSB* (o ms. G2). Gameiro (2000), que leva a cabo o primeiro estudo aprofundado sobre S. Senhorinha, aceita a proposta de datação de Geraldês Freire, mas contextualiza a legenda primitiva portuguesa como tendo sido produzida por um monge de S. Miguel de Refojos no ambiente da família Sousa (finais do século XII). Este *dossier* hagiográfico viria a ser ampliado por Sobral (2012) que não só faz uma nova proposta de contextualização histórico-cultural do arquétipo da tradição (situando-o entre 1248-1284), como lembra que o ms. G2 – que a autora considera ser um autógrafo das *MRAG* de Torcato Peixoto de Azevedo – se encontra na BSMS em Guimarães. Ademais, Sobral aponta a existência de um segundo testemunho desta Vida copiado por Pedro de Mesquita numa compilação hoje conservada no AMAP, também em Guimarães (ms. G1). Depois da publicação de Sobral, a equipa BITAGAP identificou outros dois testemunhos do texto (os mss. E e P, na BPE e BPMP, respectivamente).

É evidente que o alargamento da *recensio* da *VSSB* veio melhorar as condições do estudo desta tradição textual e, conseqüentemente, dar resposta à carência de informação sobre S. Senhorinha, uma figura tão importante da História de Portugal, cujo culto foi intensamente difundido durante a Idade Média e à qual muitos autores têm vindo a dedicar diversos trabalhos ao longo dos anos. Por isso, e contribuindo para a linha de futuros estudos em torno daquela que pode ser a mais antiga Vida escrita em português de que há notícia, nesta dissertação concretizei uma análise detalhada da tradição textual da *VSSB* tal como hoje a conhecemos. Dessa análise resultou a proposta de *stemma codicum* apresentada e a análise do processo de transmissão deste texto que a acompanha.

Atingiu-se o primeiro objectivo deste trabalho pela realização das edições semidiplomáticas dos testemunhos E, P e G2, que contribuem para o preenchimento do campo bibliográfico do texto. Essas edições, como leituras informadas e criteriosas do texto de cada testemunho são publicadas no CTA e permitem o livre acesso a traços temporais posteriores ao do arquétipo da tradição e à utilização dos seus dados em outros trabalhos.



Com base nessas edições semidiplomáticas e nas descrições codicológicas dos quatro manuscritos da *VSSB*, realizou-se a análise estemática empreendida no capítulo II (na qual também se chamou à colação o impresso de 1845) e concluiu-se que a filiação entre os testemunhos desta tradição pode ser representada no *stemma codicum* proposto.

Em primeiro lugar, conclui-se que esta tradição textual se divide em dois ramos de transmissão distintos, encimados pelo ms. G1 (onde a *VSSB* tem um valor histórico-documental numa compilação copiada por Pedro de Mesquita no códice das *Lembranças*) e pelo subarquétipo perdido  $\alpha$  (o original das *MRAG* de Azevedo, onde a *VSSB* tem um valor historiográfico). De  $\alpha$  descendem E, P e G2, como provam as 29 variantes conjuntivas que partilham (entre as quais 15 são erros). Contudo, a existência de sete lugares com variantes apenas comuns a E e P permitiu concluir que estes testemunhos descendem de um antecedente comum,  $\beta$ . Por fim, dado que o testemunho E tem muitas das variantes significativas de  $\beta$  (transmitidas a P) de  $\alpha$  (transmitidas a P e G2), mas dado que também tem 28 variantes apenas comuns a G1 - que P e G2 não transmitem e, consequentemente,  $\beta$  e  $\alpha$  não transmitiriam-, entre as quais 17 lições correctas iguais às de G1 (provavelmente genuínas) a que E certamente não chegaria de forma independente, então é muito provável que E resulte de uma contaminação pontual com G1.

Esta análise estemática permitiu desde logo confirmar que, tal como sugeriam as assinaturas descritas na sua descrição codicológica, o códice E pode de facto ser um autógrafo de Torcato Peixoto de Azevedo. Nesse caso, a limpeza da sua cópia explicar-se-ia pela hipótese de ter utilizado um *codex interpositus* situado entre  $\beta$  e E como rascunho onde concretizara a contaminação da sua cópia da *VSSB* com a de G1 (da qual tivera conhecimento, provavelmente entre 1692-1705). Integrando o texto impresso da edição de 1845 das *MRAG* na colação, concluiu-se ainda que, e confirmando o que sugeria a descrição codicológica de G2, o códice G2 das *MRAG* foi o original de imprensa da edição da Typrografia da Revista e, consequentemente, que o texto impresso da *VSSB* é um testemunho *descriptus* da tradição.

De seguida, discutiram-se os mecanismos de cópia que interferiram na transmissão deste texto e, a partir do *stemma codicum* obtido, avançaram-se algumas informações essenciais para a definição dos critérios de uma futura edição crítica da *VSSB*. Nesse sentido, concluiu-se que G1 deverá ser o testemunho-base dessa edição no que à língua se refere (por ser o testemunho mais antigo), mas que E, P ou G2 deverão ser utilizados para reconstituir a língua do arquétipo, pelo menos sempre que apresentem variantes linguísticas inegavelmente mais antigas do que as de G1. G1 é também o testemunho com menos erros e, portanto, é aquele cuja lição o editor crítico

poderá escolher sempre que  $\alpha$  erra, ou sempre que as variantes de G1 e EPG2 ( $\alpha$ ) forem verdadeiramente adiaforas.

Além disso, esta análise estemática permitiu compreender que não só os erros conjuntivos podem ajudar a determinar as relações de filiação entre os testemunhos de uma tradição, mas também que algumas variantes intencionais conjuntivas podem corroborar a sua dependência de um antecedente comum, e que até mesmo algumas variantes adiaforas podem ter valor estemático. Ademais, existem também algumas variantes a que chamei *variantes linguísticas separativas* que, como as variantes privativas, impedem que um determinado testemunho tenha descendido de outro com uma forma mais moderna. A mesma análise dá destaque a 28 erros de  $\Omega$ , 11 deles transmitidos aos quatro testemunhos manuscritos da tradição, provando como o arquétipo não era um testemunho imaculado.

Por fim, foi possível identificar algumas variantes conjuntivas de EPG2 (copiadas de  $\alpha$ ) e algumas variantes privativas de G1 que vão ao encontro dos objectivos de cada um destes copistas inicialmente sugeridos pelas descrições codicológicas. Assim, a *VSSB* como uma das “coisas notáveis” a que Pedro de Mesquita dedica a sua compilação revela ser uma cópia substancialmente rigorosa porque este copista, que não está interessado em intervir no texto do seu modelo, inova pouco e erra apenas quando se defronta com um erro de  $\Omega$ , quando há algum factor externo ou material que interfere no seu entendimento do texto, ou quando se depara com uma forma linguística que desconhece e, consequentemente, sobre a qual comete uma *lectio faciliior* ou outra variante accidental. Já a cópia da *VSSB* de Torcato Peixoto de Azevedo integra a obra historiográfica que este autor dedica à cidade de Guimarães, e onde esta Vida também já não tem uma funcionalidade cultural, mas um valor histórico e documental. Isso torna-se evidente não só devido aos 15 erros conjuntivos, mas também devido a 14 variantes intencionais conjuntivas de EPG2, entre as quais se incluem a inserção de títulos (alguns que G1 não tem) que estão de acordo com o estilo e organização interna das *MRAG*, e o conteúdo da *introdução* e do *remate*, que apresentam elementos de comprovação da verdade provavelmente introduzidos por Azevedo de forma a adequar o texto ao teor documental da sua obra.

Em suma, é possível concluir que a transmissão do texto da *VSSB* sofreu a esperada corrupção accidental ao longo do tempo, mas também foi alvo de inovações operadas pelos copistas de forma a moldar o texto aos objectivos com os quais o copiavam.

Isso leva-me ao último objectivo que me propus alcançar com este trabalho: demonstrar como a estemática pode ser uma disciplina autónoma cuja função não é apenas disponibilizar

dados para a reconstituição de um arquétipo, mas sobretudo estudar aprofundadamente o processo de transmissão de um texto. Assim, com base em trabalhos como os de Cerquiglini (1989) e Chastang (2008), pretendi provar que: 1) a análise linguística de um apógrafo pode distinguir um estrato linguístico conservado do arquétipo e outro representativo da época em que foi produzido; 2) que a análise detalhada das variantes intencionais e acidentais de outro apógrafo nos permite deduzir as condições de trabalho, intenções e objectivos do seu copista.

Nesse sentido, conclui-se que G1 conserva bastantes vestígios da língua duocentista que estão necessariamente a favor da datação da legenda primitiva da VSSB proposta por Sobral (2012). Contudo, é evidente que o copista modernizou grande parte dos traços do português antigo, interferindo na língua de  $\Omega$ . Uma vez que a camada linguística seiscentista é dominante em G1, e que o copista moderniza sobretudo aspectos sintácticos do texto, foi possível concluir que, embora tenha concretizado uma cópia bastante rigorosa quanto ao conteúdo substantivo desta Vida, Mesquita parece ter tomado decisões quanto à língua do texto que copiava, conservando vestígios das características duocentistas que lhe eram menos estranhas, e modernizando-as intencionalmente sempre que considerou que esses traços prejudicariam a leitura de um público do século XVII (ou acidentalmente, nos casos em que moderniza a expressão do traço apenas de forma pontual).

A análise das variantes de G2 também prova como um testemunho isolado da sua tradição pode contribuir para a reconstituição da postura do seu copista e os objectivos da sua cópia. A esse respeito concluiu-se que, embora nem sempre seja possível inferir sobre a intencionalidade das variantes, a cópia de G2 tem incontáveis variantes privativas (entre as quais muitos erros de um copista desatento ou desconhecedor da língua duocentista) e, sobretudo, muitas variantes intencionais. Quanto à análise das últimas, o copista de G2 revela ser um copista-refundidor que intervém no texto do seu modelo com intenções explicativas, actualizadoras (como G1), intensificadoras (embora raramente) e, sobretudo, abreviadoras. Consequência da sua *abbreviatio* é o facto de a omissão (acidental ou intencional) ser a operação que concretiza com mais frequência, e através da qual depura o texto de redundâncias e repetições típicas do género hagiográfico e sintetiza ideias à medida que elimina formas antigas do português. Do mesmo modo, foi também possível concluir que o copista não se preocupou em conservar os elementos textuais que tinham uma função originalmente cultural, eliminando-os de forma quase sistemática, e parece indiferente a certos traços do discurso místico ou ascético do texto, o que poderá resultar da sua condição de leigo ou, pelo menos, de clérigo não regular.

Esta postura abreviadora está também de acordo com o papel historiográfico e documental que a *VSSB* tem no texto das *MRAG*, mas sobretudo com a hipótese de G2 ter sido uma cópia destinada a servir de original de imprensa à edição de 1845, cumprindo as exigências e custos de uma obra impressa. É evidente que essa hipótese, apoiada pela descrição codicológica de G2 e demonstrada pelo estudo estemático empreendido, também dependeu da análise das variantes privativas de G2, tendo sido possível corroborar que o texto do impresso apresenta praticamente todos os erros e variantes intencionais privativas deste manuscrito (à excepção de erros pouco significativos que foram corrigidos pelo tipógrafo). Assim também se exclui a possibilidade de G2 ser o original das *MRAG*, como propusera Sobral (2012).

Deste modo, os contributos deste trabalho fundamentam, por si só, a importância da estemática como disciplina independente. Revelando a relação genealógica dos testemunhos da tradição, a análise estemática é o primeiro passo para o urgente estabelecimento crítico da *VSSB*. Ademais, permite perceber como ocorreu a sua transmissão, analisar mecanismos de propagação de erros mais frequentes ou menos habituais, compreender em que circunstâncias a poligénese (de erros ou conjecturas) é uma hipótese aceitável e, consequentemente, reflectir acerca das condições em que um copista é ou não capaz de corrigir erros do seu antecedente. No mesmo sentido, a presente dissertação também prova como a análise de um apógrafo isolado pode ser útil para a reconstituição das condições em que foi produzido. Esta é uma visão que vai ao encontro da diversificação das abordagens científicas em torno de textos com original ausente, lembrando que a necessidade de editar criticamente esses textos se complementa com variados esforços para um melhor aproveitamento dos materiais recolhidos da recensão, e para o melhor conhecimento dos textos, dos seus redactores, dos seus copistas e do processo de transmissão de que resultam as tradições textuais sobreviventes.

## BIBLIOGRAFIA

**ASKINS**, Arthur, **SHARRER**, Harvey, **SCHAFER**, Martha, *et al*, *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses* (BITAGAP), University of California. Disponível em [http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap\\_po.html](http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html) (último acesso em 24-03-2018).

**AVALLE**, D'Arco Silvio. 1985. *Introduzione alla critica del testo*. Corsi Universitari, G. Giappichelli Editore: Torino, tradução de I. Castro policopiada, pp. 27-110 [Glossário].

**BECHARA**, Evelino. 1991. «As fases da língua portuguesa escrita» in *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (ed. Dieter Kremer), vol. III. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 68-75.

**BLECUA**, Alberto. 2001. *Manual de crítica textual*, 2ª ed, Madrid: Editorial Castalia, S.A..

**BRIQUET**, Charles M. 1907. *Les Filigranes*, Paris. Disponível em <http://www.ksbm.oeaw.ac.at/scripts/php/BR.php> (último acesso em 24-03-2018).

**BRITO**, Maria Fernanda Constante de. 1981. «“Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães” pelo Padre Torquato Peixoto de Azevedo: achegas para um estudo comparativo de três versões desta obra», Sep. *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães, pp. 437-91.

**BROCARDO**, M. Teresa. 2014. *Tópicos da História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Colibri.

**CARDEIRA**, Esperança. 2005. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**CARVALHO**, Maria José Simões Pereira de. 1996. *Do Português Arcaico ao Português Moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*, dissertação de mestrado em Letras (Linguística Portuguesa) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

**CASTRO**, Ivo. 2006. *Introdução à História do Português*, 2ª ed. aumentada, Lisboa: Colibri.

*Catalogo da Bibliotheca Publica Municipal do Porto – Indice preparatorio do Catalogo dos Manuscritos com repertorio Alfabético dos Auctores, Assumptos e Principais Topicos n'elles contidos*, 6º Fascículo = Literatura. Porto: Imprensa Civilização, 1893.

*Catalogo da Bibliotheca Publica Municipal do Porto – Indice preparatorio do Catalogo dos Manuscritos com repertorio Alfabético dos Auctores e Principaes Topicos n'elles contidos*, 10º Fascículo = Scientificos e Industriaes (Astronomicos e Astrologicos, Geographicos, Medicos, Pharmaceuticos, Veterinarios, Agricolas, Botanicos, Metallurgicos, Industriaes, e de Commercio). Porto: Imprensa Civilização. 1886.

**CENCETTI**, Giorgio. 1954. *Lineamenti di storia della scrittura latina*, Bologna: Pàtron Editore.

**CEPEDA**, Maria Isabel Vilares. 1962. *A linguagem da Imitação de Cristo*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

**CERQUIGLINI**, Bernard. 1989. *Éloge de la variante: histoire critique de la philologie*, Paris: Éd. Du Seuil.

**CHASTANG**, Pierre. 2008. «L'archéologie du texte médiéval» in *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre* |BUCEMA [En liigne], Hors-série nº2 |2008, mis en ligne le 13 janvier 2009. Disponível em <http://journals.openedition.org/cem/8702> (último acesso em 24-03-2018).

«Correspondência entre Martins Sarmento e o Abade de Miragaia, Pedro Augusto Ferreira» in *Revista de Guimarães*, v. LXI (1-2), Jan.-Jun. 1935, pp. 255-184.

**CUNHA**, António Geraldo da. 2000. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, 2ª ed. revista e acrescentada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

**DIÁZ Y DÍAZ**, Manuel C, **PARDO GÓMEZ**, María, **VILARIÑO PINTOS**, Daría (eds.). 1990. Ordoño de Celanova, *Vida y milagros de San Rosendo*, con un apéndice anatomo-antropológico por José Carro Otero, La Coruña: Fundación Barrié de la Maza.

**DIÁZ Y DÍAZ**, Manuel C. 1993. «Vita Sanctae Seniorinae», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. de Giuseppe Tavani e Lucia Lanciani, Lisboa: Caminho, p.686.

**FERNANDES**, Cristina Célia. 1999. «O Livro dos milagres de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães» in *Revista de Guimarães* 109, pp.217-297.

**FERREIRA**, José de Azevedo. 1987. *Afonso X. Foro Real. Edição e estudo linguístico*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

**FREIRE**, José Geraudes. 1986. «Problemas literários das *Vitae Sanctae Seniorinae*» in *Actas do Colóquio A mulher na sociedade portuguesa. Visão história e perspectivas actuais (Coimbra, 185)*, II:35-38- 2 vols., Coimbra: Instituto de História Económica e Social – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

**GALVES**, Charlotte, **BRITTO**, Helena e **PAIXÃO DE SOUSA**, Maria Clara. 2003. «Clitic Placement in European Portuguese» in *Romance Languages and Linguistic Theory*, selected papers from *Going Romance* 2003, John Benjamins, pp. 93-107. Disponível em [http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/4/48/GALVES\\_Cetal-2005b.pdf](http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/4/48/GALVES_Cetal-2005b.pdf) (último acesso a 27-09-2018).

**GAMEIRO**, Odília. 2000. *A construção das memórias nobiliárquicas medievais: o passado da linhagem dos senhores de Sousa*, Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

**GILISSEN, Léon.**

1973. *L'expertise des écritures médiévales: Recherche d'une méthode avec application à un manuscrit du XI<sup>e</sup> siècle: le Lectionnaire de Lobbe*, Gand: Story-Scientia.

1981. «Les réglures des manuscrits» in *Scrittura e civiltà* 5, pp.231-251.

**GINSBURG, Carlo.** 1980. «Signes, traces, pistes. Racines d'un paradigme de l'indice» in *Le débat*, 6, pp. 3-44.

**HANNA, JR. Ralph.** 2009. «Producing Manuscripts and Editions», in *Textual editing and criticism: an introduction – an Introduction*, ed. Erick Kelemen, foreword by Donald H. Reiman, New York: W. W. Norton, pp. 347-348.

**HERCULANO, Alexandre.** 1856. *Portugalliae Monumenta Historica a saeculo octavo post -Christum usque ad quintumdecimum, I: Scriptores*, Olisipone: Academia Scientiarum.

**HOUAISS, Antônio, SALLES VILLAR, Mauro de.** 2015. *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Círculo de leitores – 6 volumes.

**KROCH, Anthony.** 1994. «Morphosyntactic Variation», *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory.*, vol. 2, K. Beals et al., eds., pp. 180-201.

**LEÃO, Duarte Nunes de.** 1975. *Origem da Língua Portuguesa*, pref. e compil. de Maria Leonor Buesco, Lisboa: Clássica.

**LEMAIRE, Jaques.** 1989. *Introduction à la Codicologie*, Louvain-la-Neuve: Université Catholique de Louvain, Institut d'Études Médiévales.

**LORENZO, Ramón.**

1968. *Sobre cronologia do vocabulário galego-português* (anotações ao dicionário etimológico de José Pedro Machado), Vigo: Galaxia.

1977. *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla.*, vol. II [Glosario], Ourense: Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijóo.

**MAAS, Paul.** 1972. *Textual Criticism*, translated from german by Barbara Flower, Oxford: Clarendon press.

**MACCHI, Giuliano (ed.).** 2007. Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, ed. crítica, introd., glossário e índices de Giuliano Macchi, revisão do texto [de] Giuliano Macchi e Teresa Amado, 2<sup>a</sup> ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. XI-LXXVII.

**CARDOSO MACHADO**, Conselheiro Adriano de Abreu. 1878. «Memória Histórica da Academia Polytechnica do Porto», in *Anuario da Academia Polytechnica do Porto, Ano lectivo 1877-1878*, Porto.

**MACHADO**, José Pedro.

1977 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa: Livros Horizonte, 3 volumes (1ª ed. 1952).

1993. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 2ª ed., Lisboa: Horizonte, 3 volumes.

**MACHADO**, Maria Teresa. 1965. «Biblioteca Municipal do Porto», in *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, n. 2 (1965), pp. 106-113.

**MACKEN**, Raymond. 1979. «Brief Vade-mecu m pour la description sur place d'un manuscrit médiéval», in *Bulletin de Philosophie Médiévale*, n. 21.

**MAIA**, Clarinda de Azevedo.

1986. *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referências à situação do galego moderno)*, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.

1994. «O Tratado de Tordesilhas: algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do século XV», separ. *Biblos*, 70, pp. 33-91.

1997. «A abordagem dos textos medievais (Reflexões sobre alguns fragmentos das Partidas de Afonso X)» in *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (ed. Ivo Castro), vol. II, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 157-169.

**MARTINS**, Ana Maria.

1994. *Clíticos na História do Português*, tese de doutoramento em Letras (Linguística Portuguesa), apresentada à Universidade de Lisboa através da Faculdade de Letras.

2000. «Polarity Items in Romance: Underspecification and Lexical Change» in *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*, ed. Susan Pintzuk, George Tsoulas, e Anthony Warner, Oxford & New York: Oxford University Press, pp. 191-219.

2011. «Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino» in *Estudos de Linguística Galega* 3, pp. 55-83.

2013. «A posição dos pronomes pessoais clíticos» in *Gramática do Português*, ed. Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2231-2302.



2013. «Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia» in *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*, ed. Rosario Álvarez, Ana Mara Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 283-402.

**MATTOS E SILVA**, Rosa Virgínia.

1989. *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

1994. *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500* (org.), Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.

2008. *O Português Arcaico: Uma Aproximação*, 2 volumes, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**MATTOSO CÂMARA JR.**, Joaquim. 1985. *História e Estrutura da Língua portuguesa*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Padrão (1ª ed. 1975).

**MATTOSO**, José. 1982. *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**MELO**, Arnaldo Faria de Ataíde e. 1926. *O papel como elemento de identificação*, Lisboa: Biblioteca Nacional.

**MENDES**, Francisco Azevedo. 2001. «Ordens Sacras» in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. Carlos Moreira de Azevedo, vol. J/P, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 345-348.

**MICHAËLIS DE VASCONCELOS**, Carolina. 1929. «Glossário do *Cancioneiro da Ajuda*» in *Revista Lusitania*, vol. 23, pp. 1-95.

**MONTEIRO**, António Xavier. 1949-50. «Santa Senhorinha de Basto» in *Cenáculo V*. fasc. 2, n. 3), pp. 227-250.

**MUIDINE**, Soraia Aboó. 2000. *Os pronomes i e en(de) no português dos séculos XIII a XVI*, dissertação de metrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

**MUZERELLE**, Denis. 2002. *Vocabulaire codicologique: répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits*, Paris: Eticions CEMI, (1ª ed. 1985). Disponível em <http://vocabulaire.irht.cnrs.fr/pages/vocab2.htm> (último acesso em 24-03-2018).

**NASCIMENTO**, Aires e **DIOGO**, António. 1984. *Encadernação portuguesa medieval: Alcobaça*, Lisboa: Imprensa Nacional.

**NÚÑEZ CONTRERAS**, Luis. 1994. *Manual de Paleografía. Fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra.

**NUNES**, José Joaquim. 1989. *Compêndio da Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, 9ª ed., Lisboa: Livraria Clássica Editora (1ª ed., 1919).

**OLINDA**, Sílvia Rita Magalhães de. 1991. *'Pois' e 'ca': Mudanças Semânticas e Sintáticas no Português Arcaico*, dissertação de mestrado em Letras, Salvador.

**OLIVEIRA**, José António. 1995. *A paixão da história na biblioteca de Dom João de Magalhães e Avelar*, tese de mestrado apresentada à Universidade do Porto.

**ORDUNA**, Gérman. 2005. *Fundamentos de Crítica Textual*, ed. de Leonardo Funes y José Manuel Lucía Megías, Madrid: Arco.

**PAIXÃO DE SOUSA**, Maria Clara. 2004. *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português de 1600*, tese de doutoramento, Campinas, S.P.: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

**PARKER** (1977). *Vocabulario clasificado de los folios gallegos de la Historia Troyana*, Illinois: Applied Literature Press.

**PICCHIO**, Luciana (1979). *A lição do texto: filologia e literatura*, 1º vol.: Idade Média, Lisboa: Ed. 70.

**PIEL**, Joseph-Maria, e **MATTOSO**, José (eds.). 1980. *Livros de Linhagens. Portugaliae Monumenta Historica*, Nova série, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

**PIMENTA**, Carlota Frederica. 2017. *O processo de escrita camiliano em Novelas do Minho: análise genética*, tese de doutoramento (Crítica Textual) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

**NUNES**, Irene (ed.). 2005. *A demanda do Santo Graal*, 2ª ed. revista, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 541-584 [Glossário].

**PINTO**, Hélder. 2012. *A Matemática na Academia Politécnica do Porto*, tese de doutoramento em História e Filosofia das Ciências apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

**PLAZA**, F. R. Tato. 1999. *Libro de notas de Álvaro Pérez, notario da terra de Rianxo e Postmarcos (1457)*, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, pp. 237-711 [Glossário].

**RIBEIRO**, Ilza. 1995. *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: O Efeito V2*, tese de doutoramento apresentada à Universidade Estadual de Campinas, Campinas: S.P. Instituto de Estudos da Linguagem.

**ROBINSON**, Peter. 2013. «Towards a theory of digital editions» in *Variants: the journal of the European society for textual scholarship*, v. 10, ed. H.T.M. van Vliet and P.M.W. Robinson, Amsterdam: Rodopi, pp. 105-131.

**RODRIGUES LAPA**, M. 1972. *Cantigas d'ercarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galeo-portugueses*, Vigo: Galaxia, pp. 1-111 [«Vocabulário galego-português»].

**SANTOS**, Maria José Ferreira dos. 2015. *Marcas de água : séculos xiv – xix : coleção TECNICELPA*, Santa Maria da Feira, Tecnicelipa – Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel/Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

**SÃO TOMÁS**, Leão. 1974. *Benedictina Lusitana*, ed. fac-similada da edição de 1651 com introdução e notas de José Mattoso, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**SARMENTO**, Francisco Martins. 1896. «Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães», in *Revista de Guimarães*, vol. XIII (1) Jan.-Mar, pp. 5-18, (4) Out.-Dez., pp. 149-168.

**SOBRAL**, Cristina.

(ed.). 2007. Paulo de Portalegre, *Novo memorial do estado apostólico: primeira crónica dos Lóios*, ed. crítica, introd. e notas por Cristina Sobral, Lisboa: Roma Editora.

2012. «Exumação de uma vida: Santa Senhorinha em português medieval» in *Romance Philology*, 66/1, Spring 2012: 165-183

*Vida e milagres de Santa Senhorinha de Basto*, no *Corpus de Textos Antigos* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, edição semidiplomática do Ms. da Colegiada 793 (fls. 211r-236r) do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães). Disponível em <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=edit&id=M1614T12967.xml> (último acesso em 24-03-2018).

**STIRNEMANN**, Patricia e **SMITH**, Marc H. 2007. «Forme et Fonction des écritures d'apparat dans les manuscrits latins (VIII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècle)» in *Bibliothèque de l'École des chartes*, t. 163, pp.67-100.

**TAVANI**, Giuseppe. 1993. «Edição Crítica», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. de Lucia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa: Caminho, pp. 229-233.

**TEYSSIER**, Paul.

1959. *La Langue de Gil Vicente*, Paris: Klincksieck.

1981. «Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles», *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, vol.6. n. 1, pp. 5-39.

**TROVATO**, Paolo. 2014. *Everything you Always Wanted to Know about Lachmann's Method. A Non-Standard Handbook of Genealogical Textual Criticism in the Age of Post-Structuralism, Cladistics, and Copy-Text*, Padova: liberiauniversitaria.it.

**WEST**, Martin. 2002. *Crítica Textual e Técnica Editorial*, tradução de António Manuel Ribeiro Rebelo, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

**WILLIAMS**, Edwin B. 1986. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*, trad. de Antônio Houaiss, 4<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (1<sup>a</sup> ed., 1931).



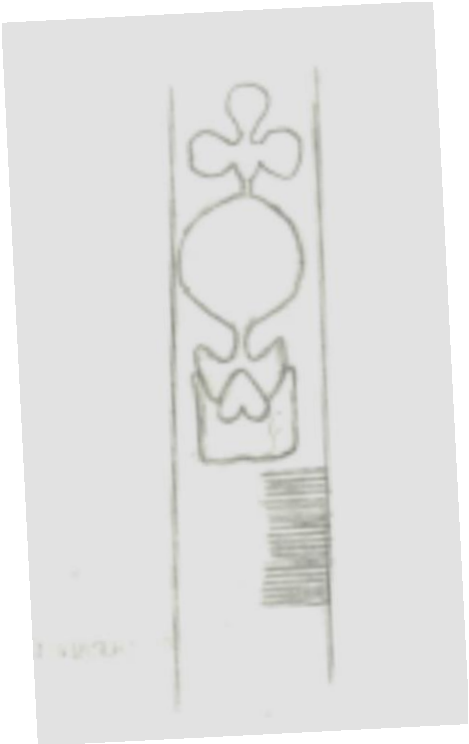
**ANEXO**

## A. DESCRIÇÕES CODICOLÓGICAS

### 1. RECOLHA DAS MARCAS DE ÁGUA E IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL<sup>1</sup>

#### 1.1. Ms. G1

##### 1.1.1. f. 2

<b>Referência</b>	Melo 114; Santos MJ 68/MJ 17 a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	25 mm
		20 vergaturas	23 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cônego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1593(?) - 1620	

**TABELA 1**

<sup>1</sup> Por motivos de espaço as dimensões destas imagens podem não corresponder com as dimensões descritas para cada uma das marcas de água recolhidas.

1.1.2. f. 3

<b>Referência</b>	Melo 9; Briquet 4842; Santos MJ 1532a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	23 mm
		20 vergaturas	22 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cónego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
<b>Origem</b>	Lugar	Norte de França (?)	
	Data	1494 (?) - 1620	

TABELA 2

1.1.3. f. 21

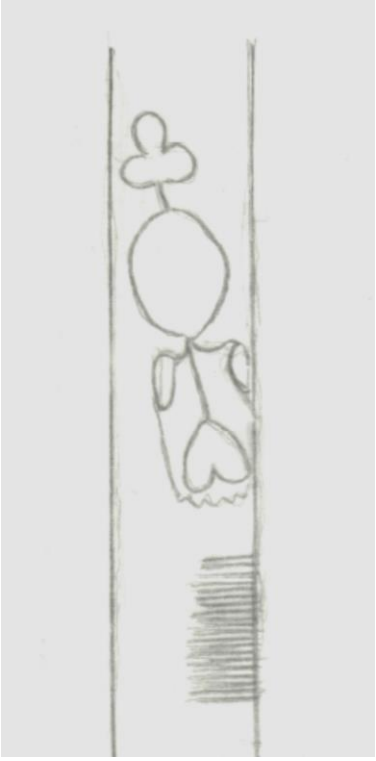
<b>Referência</b>	Melo 114; Santos MJ 68/MJ 146/MJ 17 a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	22 mm
		20 vergaturas	23 mm
	Marca de água		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de compilação e cópia	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cónego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1593(?) - 1620	

TABELA 3



1.1.4. f. 211

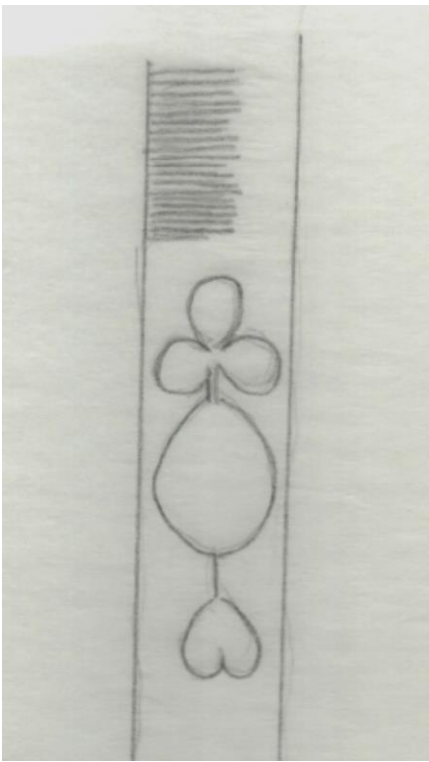
<b>Referência</b>	Melo 114; Santos MJ 68/ MJ 17 a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	20 mm
		20 vergaturas	23 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de compilação e cópia	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cónego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1593(?) - 1620	

TABELA 4

1.1.5. f. 213

<b>Referência</b>	Santos MJ 130		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	22 mm
		20 vergaturas	24 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de compilação e cópia	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cônego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
<b>Origem</b>	Lugar	-	
	Data	Finais do século XV (?) - 1620	

TABELA 5

1.1.6. f. 223

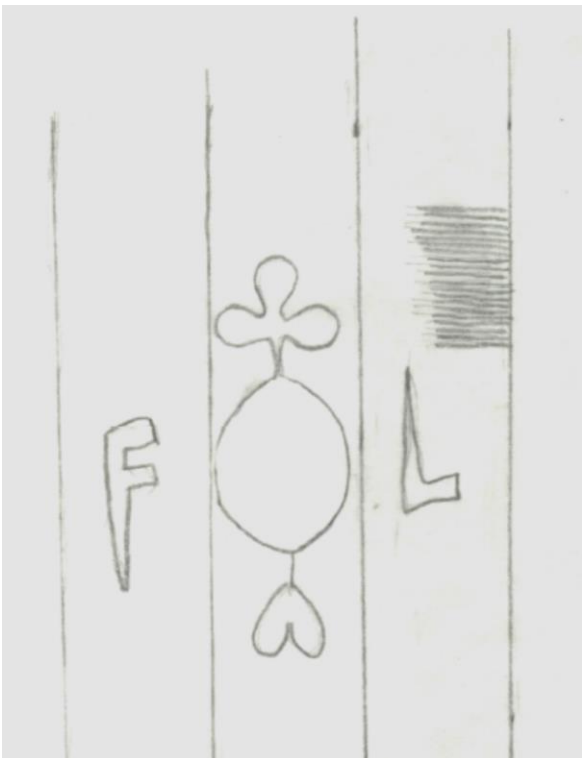
<b>Referência</b>	Melo 94/114; Santos MJ 68/MJ 117 a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	24 mm
		20 vergaturas	23mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de compilação e cópia	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cônego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1593(?) - 1620	

TABELA 6

1.1.7. f. 230

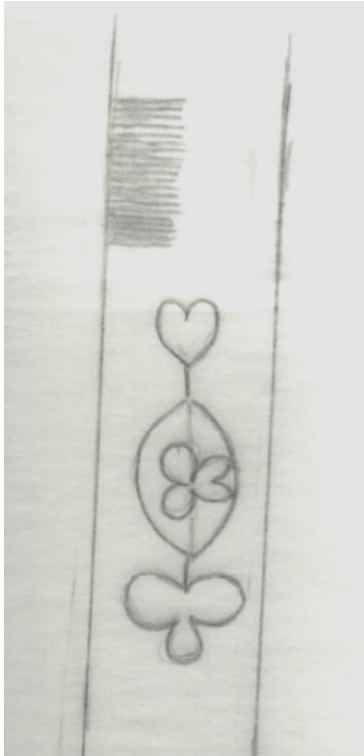
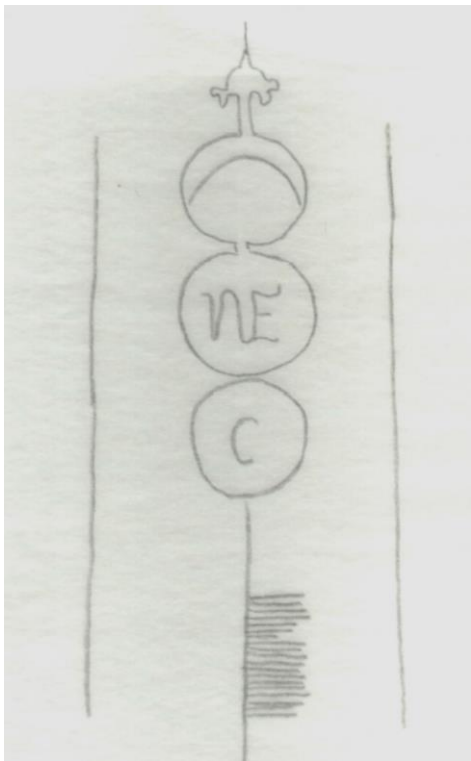
<b>Referência</b>	Melo 114; Santos MJ 68/MJ 17 a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	27 mm
		20 vergaturas	23 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 278 mm x 396 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de compilação e cópia	1620-1645	
	Copista-compilador	Pedro de Mesquita	
	Título	<i>Lembranças de muitas cousas Notáveis que há na muito devota Igreja da Colegiada de N. Sra da Oliveira feito no ano de 1620 pelo Licenciado Pedro de Mesquita, Cônego, há 25 anos na mesma Igreja</i>	
	Biblioteca	AMAP, Guimarães	
	Cota	Colegiada - 793	
	Lugar	França, Angoulême (?)	
<b>Origem</b>	Data	1593(?) - 1620	

TABELA 7

## 1.2. Ms. E

### 1.2.1. Guarda volante [3]

<b>Referência</b>	Melo 129; Santos MJ 431 d1/MJ 436 a/MP 1		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	17 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	19 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarães</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	Itália (?)	
	Data	1651 (?) -1692	

**TABELA 8**

1.2.2. f. 17


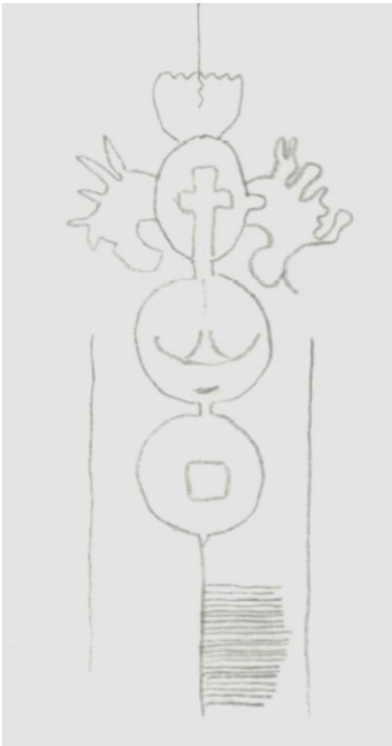
<b>Referência</b>	Melo 118 e 132		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	17 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	19 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarões</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1601(?) - 1692	

TABELA 9

**1.2.3. f. 20**

<b>Referência</b>	Melo 118 e 132		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	17 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	19 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarães</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1601(?)-1692	

**TABELA 10**

1.2.4. f. 286

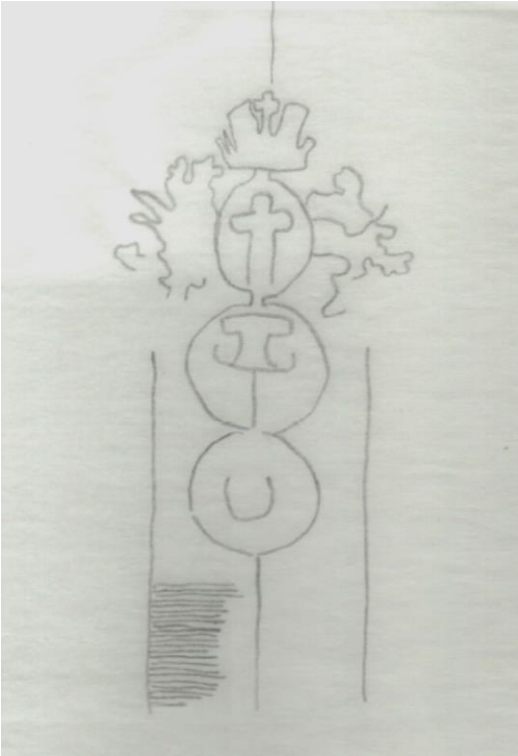
<b>Referência</b>	Melo 118 e 132		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	17 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	19 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarães</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1601(?)-1692	

TABELA 11



1.2.5. f. 288

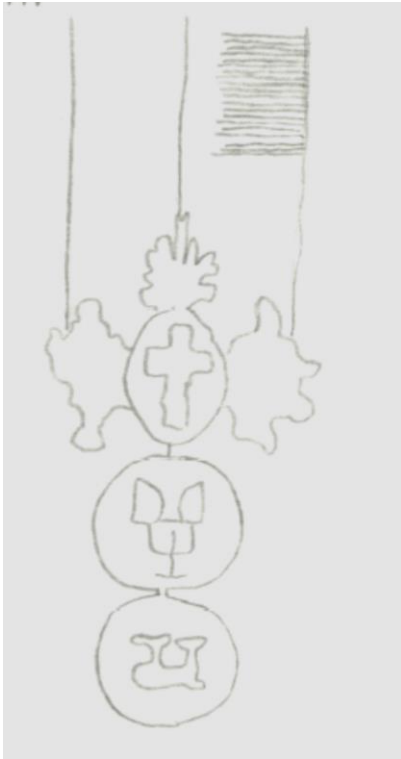
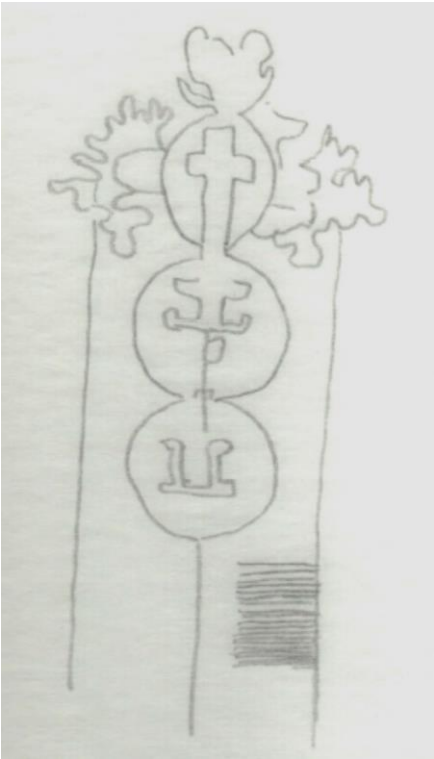
<b>Referência</b>	Melo 118 e 132		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	17 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	18 mm
	Marca de água		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarães</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1601(?)-1692	

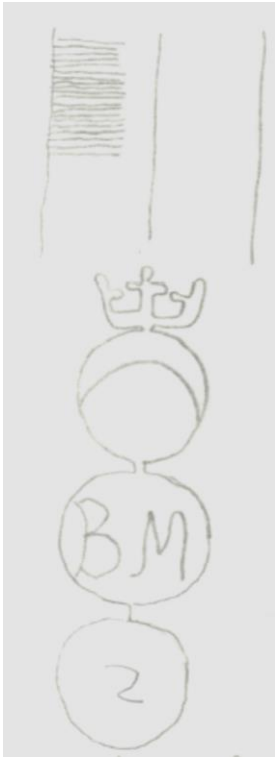
TABELA 12

1.2.6. f. 295

<b>Referência</b>	Melo 118 e 132		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontuais	17 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	18 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarães</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	França, Angoulême (?)	
	Data	1601(?) -1692	

**TABELA 13**

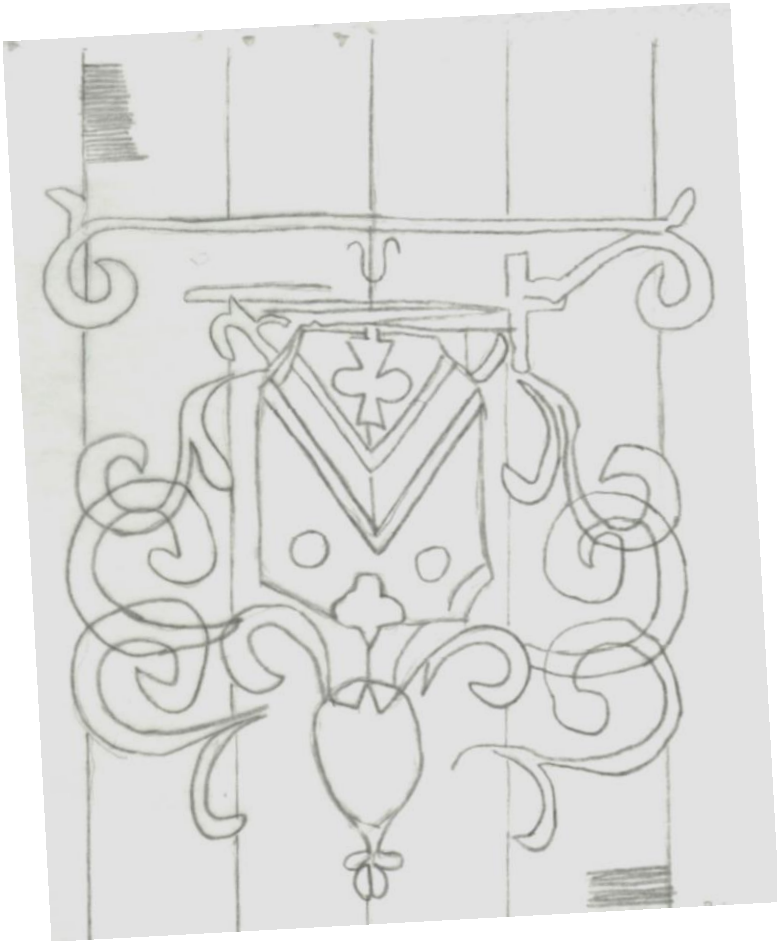
### 1.2.7. Guarda volante [4]

<b>Referência</b>	Melo 129; Santos MJ 431 d1/MJ 436 a/MP 1		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	27 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	21 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Pelo menos 290 mm x 420 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1692-1705	
	Autor/copista	Torcato Peixoto de Azevedo	
	Título	<i>Memórias Resuscitadas da antiga Guimarães</i>	
	Biblioteca	Évora	
	Cota	CIII/1-22	
<b>Origem</b>	Lugar	Itália (?)	
	Data	1651(?) - 1692	

**TABELA 14**

### 1.3. Ms. P

#### 1.3.1. Guarda volante [3]

<b>Referência</b>	Melo 139; MJ 467 a		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	25-26 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	19 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Cerca de 340 mm x 450 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	Segunda metade do século XVIII, início do século XIX (talvez por volta de 1787)	
	Copista	Desconhecido	
	Título	<i>Memorias Ressucitadas da antiga Guimarões</i>	
	Biblioteca	Biblioteca Pública Municipal do Porto	
	Cota	Cofre. N. 527	
<b>Origem</b>	Lugar	Itália (?)	
	Data	1651– início do século XIX	

**TABELA 15**

1.3.2. f. 203

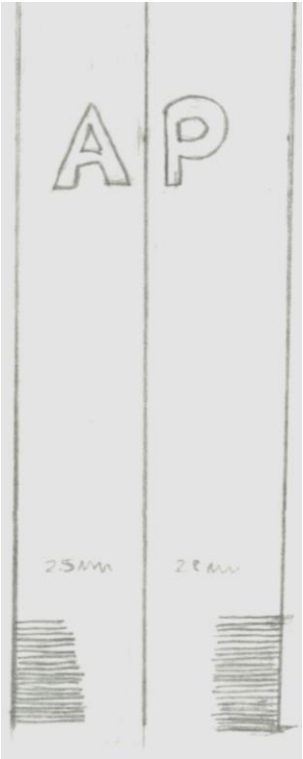

<b>Referência</b>	Melo 155; Santos MJ 944		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	25-28 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	22 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Cerca de 340 mm x 450 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	Segunda metade do século XVIII, início do século XIX (talvez por volta de 1787)	
	Copista	Desconhecido	
	Título	<i>Memorias Ressucitadas da antiga Guimarões</i>	
	Biblioteca	Biblioteca Pública Municipal do Porto	
	Cota	Cofre. N. 527	
<b>Origem</b>	Lugar	Itália (?)	
	Data	Final do século XVIII - início do século XIX	

TABELA 16


### 1.3.3. Guarda volante [6]

Referência	Melo 158; Briquet 262/265; Santos MJ 349 b		
Decalque	Dimensões	Distância entre pontusais	25 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	20 mm
	Marca de água		
			
Reconstituição da Folha	Formato Bibliográfico	In-folio	
	Formato Comercial	Cerca de 340 mm x 450 mm	
Fonte	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	Segunda metade do século XVIII, início do século XIX (talvez por volta de 1787)	
	Copista	Desconhecido	
	Título	Memorias Ressucitadas da antiga Guimarães	
	Biblioteca	Biblioteca Pública Municipal do Porto	
	Cota	Cofre. N. 527	
	Origem	Lugar	Itália (?) ou Alemanha (?)
Data		Final do século XVIII - início do século XIX	

**TABELA 17**

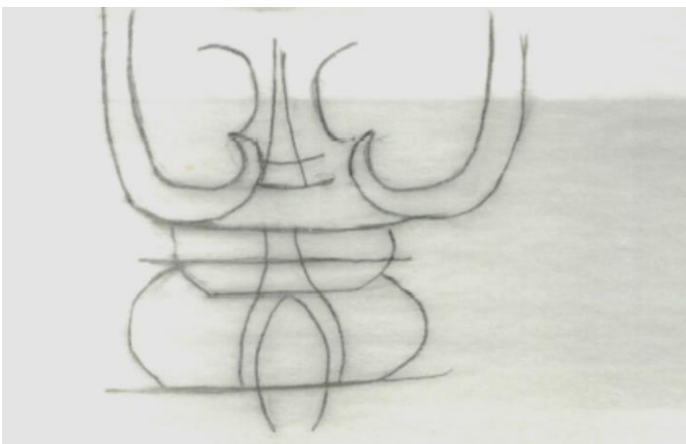
# 1.4. Ms. G2

## 1.4.1. Fólio das páginas 3 e 4 (1ª metade da marca de água 1)

<b>Referência</b>	Santos MJ 321 b/MJ 1084/MJ 1237.		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	27 mm
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	27 mm
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-quarto	
	Formato Comercial	Pelo menos 42 mm x 300 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1801(?) – 1845(?)	
	Copista	Desconhecido	
	Título	<i>Memorias Resuscitadas da antiga Guimarões</i>	
	Biblioteca	Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento	
	Cota	BS 1-4-36	
<b>Origem</b>	Lugar	Desconhecido	
	Data	Desconhecida	

**TABELA 18**

#### 1.4.2. Fólio das páginas 62 e 62 (2ª metade da marca de água 2)

<b>Referência</b>	Santos MJ 321 b/MJ 1084/MJ 1237		
<b>Decalque</b>	Dimensões	Distância entre pontusais	27 mm (?) <sup>2</sup>
		Espaço ocupado por 20 vergaturas	27 mm (?)
	Marca de água 		
<b>Reconstituição da Folha</b>	Formato Bibliográfico	In-quarto	
	Formato Comercial	Pelo menos 42 mm x 300 mm	
<b>Fonte</b>	Livro	Manuscrito	
	Data de redacção	1656-1692 (14 de fevereiro)	
	Data de cópia	1801(?) – 1845(?)	
	Copista	Desconhecido	
	Título	<i>Memorias Resuscitadas da antiga Guimarões</i>	
	Biblioteca	Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento	
	Cota	BS 1-4-36	
<b>Origem</b>	Lugar	Desconhecido	
	Data	Desconhecida	

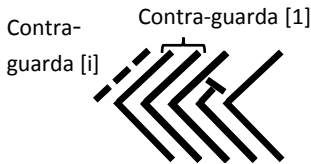








**TABELA 19**

<sup>2</sup> A distância entre pontusais e a distância ocupada por 20 vergaturas do fólio correspondente às pp. 61/62 são apresentadas por analogia com os resultados obtidos para os primeiros fólhos do códice de onde foi possível medir esses dados com mais precisão.













## 2. ESTRUTURA DOS CADERNOS

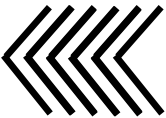
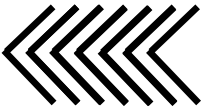

### 1.5. Ms. G1

Número do Caderno	Número de Fólios	Fólios	Estrutura do Caderno	Tipo de Caderno
1	9 + 1T <sup>3</sup>	Contra-guarda [i]- f.7		Fólio independente vestigial + Quínio irregular
2	12	ff.8-19		Sénio
3	10	ff.20-29		Quínio
4	14	ff.30-43		Septénio
5	10	ff.44-53		Quínio
6	10	ff.54-63		Quínio
7	2	ff.64-65		Bifólio Independente
8	14	ff.66-79		Septénio
9	10	ff.80-89		Quínio

<sup>3</sup> T, leia-se *talão* ou *talões*, consoante o número indicado.






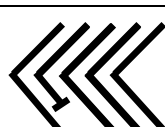


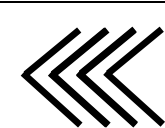

10	12	ff.90-102 <sup>4</sup>	 102	Sénio
11	12	ff.103-114		Sénio
12	12	ff.115-126		Sénio
13	12	ff.127-138		Sénio
14	12	ff.139-150		Sénio
15	12	ff.151-162		Sénio
16	12	f.163-174		Sénio
17	12	ff.175-186		Sénio
18	12	ff.187-198		Sénio
19	12	ff.199-210		Sénio


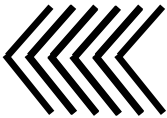

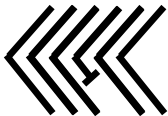





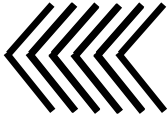


<sup>4</sup> Note-se que é neste 10º caderno que parece ocorrer um salto na numeração dos fólhos, gerando a falta de concordância nessa contagem daqui em diante.




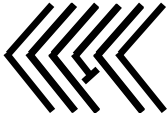





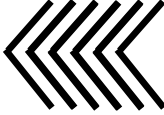

20	12	ff.211-222		Sênio
21	14	ff.223-236		Septénio
22	3 + 1T	ff.237- [ii]	<div data-bbox="915 499 971 525" data-label="Text">[238]</div>  <div data-bbox="932 615 1105 640" data-label="Text">contra-guarda [2]</div>	Bínio irregular

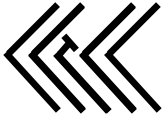






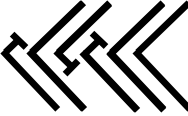




**TABELA 20**



## 1.6. Ms. E

Número do Caderno	Número de Fólios	Fólios	Estrutura do Caderno	Tipo de Caderno
1	11	Contra-guarda [1]- f.5	Contra-guarda[1]      Guarda [2] Guarda [3] 	Quaterno + bifólio independente + fólio independente
2	4	ff.6-9		Bínio
3	4 + 2T	ff.10-13		Térnio irregular
4	4	ff.14-17		Bínio
5	9 + 1T	ff.18-T		Quínio irregular
6	9 + 1T	ff.27-35		Quínio irregular
7	2	ff.36-37		Bifólio Independente
8	4	ff.38-41		Bínio
9	8	ff.42-49		Quaterno
10	12	ff.50-61		Sénio

11	8	ff.62-69		Quaterno
12	12	ff.70-81		Sénio
13	6	ff.82-87		Ténio
14	11 + 1T	ff.88-98		Sénio irregular
15	4	ff.99-102		Bínio
16	8 + 4T	f.103-T		Sénio irregular
17	2	T -f.111		Bifólio Independente irregular
18	3 + 1T	ff.112-114		Bínio irregular
19	8	ff.115-122		Quaterno
20	12	ff.123-134		Sénio
21	8	ff.135-142		Quaterno
22	12	ff.143-154		Sénio

23	6	ff.155-160		Térnio
24	10	ff.161-170		Quínio
25	6	ff.171-176		Térnio
26	11 + 1T	ff.177-187		Sénio irregular
27	4	ff.188-191		Bínio
28	9 + 1T	ff.192-200		Quínio irregular
29	4	ff.201-204		Bínio
30	8	ff.205-212		Quaterno
31	6 + 2T	ff.213-218		Quaterno irregular
32	12	ff.219-230		Sénio
33	6	ff.231-236		Térnio












34	9 + 1T	ff.237-245		Quínio irregular
35	5 + 1T	ff.246-250		Térnio irregular
36	8	ff.251-258		Quateno
37	6	ff.259-264		Térnio
38	9 + 1T	ff.265-273		Quínio irregular
39	2	ff.274-275		Bifólio Independente
40	8	ff.276-283		Quateno
41	9 + 3T	T-f.292		Sénio irregular
42	8	ff.293-300		Quateno
43	11 + 1T	ff.301-311		Sénio irregular
44	7+ 1T	T– f.318		Quateno irregular
45	10	ff.319-328		Quínio













46	2	ff.329-330		Bifólio Independente
47	3	ff.331 – guarda [5]	 Guarda [4]	Fólio independente + bifólio independente



**TABELA 21**



### 2.3. Ms. P


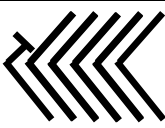


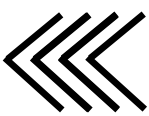



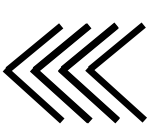
Número do Caderno	Número de Fólios	Fólios	Estrutura do Caderno	Tipo de Caderno
1	5 + 1T	Talão – guarda [5]		Térnio irregular
2	10	ff.1-10		Quínio
3	10	ff.11-20		Quínio
4	10	ff.21-30		Quínio
5	10	ff.31-40		Quínio
6	10	ff.41-50		Quínio
7	10	ff.51-60		Quínio
8	10	ff.61-70		Quínio
9	10	ff.71-80		Quínio
10	10	ff.81-90		Quínio
11	10	ff.91-100		Quínio

12	10	ff.101-110		Quínio
13	10	ff.111-120		Quínio
14	10	ff.121-130		Quínio
15	10	ff.131-140		Quínio
16	10	ff.141-150		Quínio
17	10	ff.151-160		Quínio
18	10	ff.161-170		Quínio
19	10	ff.171-180		Quínio
20	10	ff.181-190		Quínio
21	10	ff.191-200		Quínio
22	10	ff.201-210		Quínio
23	10	ff.211-220		Quínio

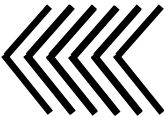

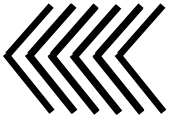

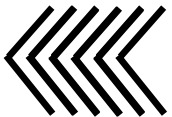





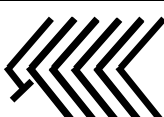
24	8	ff.221-guarda [6]		Quaterno
25	3 + 1T	guarda [6]- Talão		Bínio irregular

**TABELA 22**

## 2.4. Ms.G2

Número do Caderno	Número de Fólios	Páginas	Estrutura do Caderno	Tipo de Caderno
1	2	Contra-guarda [1] + guarda volante [2]		Bifólio Independente
2	12 -1 <sup>5</sup>	pp.1-22		Sênio irregular
3	8	pp.23-38		Quaterno
4	12	pp.39-62		Sênio
5	8	pp.63-78		Quaterno
6	12	pp.79-102		Sênio
7	8	pp.103-118		Quaterno
8	12	pp.119-142		Sênio
9	8	pp.143-158		Quaterno

<sup>5</sup> O primeiro fólio foi arrancado, mas talvez não se possa utilizar o termo *talão*. O mesmo acontece ao último fólio do caderno 20 deste códice.

10	12	pp.159-182		Sénio
11	8	pp.183-198		Quaterno
12	12	pp.199-222		Sénio
13	8	pp.223-238		Quaterno
14	12	pp.239-262		Sénio
15	8	pp.263-278		Quaterno
16	12	pp.279-302		Sénio
17	8	pp.303-318		Quaterno
18	12	pp.319-342		Sénio
19	8	pp.343-358		Quaterno
20	12 – 1	pp.359 – [380]		Sénio irregular

21	2	Guarda [3]- contra-guarda [4]		Bifólio Independente
----	---	-------------------------------------	--	-------------------------

**TABELA 23**

## B. O ESTRATO LINGÜÍSTICO DUOCENTISTA NUMA CÓPIA SEISCENTISTA

Este anexo está numerado segundo os diversos pontos da secção 1. do capítulo III deste trabalho, para que possa ser consultado a par dos resultados aí analisados. Além disso:

- eliminaram-se as notas feitas ao texto do ms. G1 (que podem ser consultadas na sua edição semidiplomática) para facilitar a leitura deste anexo;
- apresenta-se o número de ocorrências das formas entre parêntesis curvos;
- recomeça-se a numeração dos exemplos apresentados a cada novo aspecto em análise (na passagem de 1.1.1 para 1.1.2., em 1.2., 1.3., 1.5., 1.6., 1.11.1. e 1.11.2.), de forma a facilitar a consulta dos mesmos dados no capítulo III;
- anotam-se algumas das particularidades do anexo de cada ponto, sempre que for necessário esclarecer o que se incluiu ou excluiu de cada um;

### 1.1. PRONOMES CLÍTICOS NA CARACTERIZAÇÃO DE UM ESTADO DA LÍNGUA

#### 1.1.1. Próclise e ênclise em contextos de variação

##### Próclise

- (1) porem **uos** roguo e desso pouquo que eu disser da historia sua segundo meu intendimento abrango, que diguades o pater noster a honra de Deos, e aue maria a honra da Virgem maria, que elles me queirão dar graça, que uo llo possa pregar e dizer, e a uos que de como vo llo eu disser, assi o ponhades en vossos curações.
- (2) Primeiramente **uos** diguo que esta virgem foi loguo de sua naçença santa, e sempre se chegou aos bóns costumes, e a fee de Jesu christo, e em elles acabou seu tempo viuendo sempre, en santidade, e arredando sse de todo peccado,
- (3) filha a Jesu cristo **te** offreço, e a elle te encomendo,<sup>1</sup>
- (4) filha a Jesu cristo te offreço, e a elle **te** encomendo,
- (5) vai te com Deos, e toma cuidado de criar esta moça, e com a maior deligência que pudeses, **a** guarda, e a cria bem .
- (6) vai te com Deos, e toma cuidado de criar esta moça, e com a maior deligência que pudeses, a guarda, e **a** cria bem .
- (7) e quello senhor que tu della quiseses fazer com misericordia, senhor **o** faze.
- (8) Das quaes cousas e palauras o dito manço ficou muito enuerguonhado, e mui sanhudo, e **o** contou a seu padre
- (9) o padre **se** nembrou então das palauras que dissera en ante, quando dissera filha a Jesu cristo te offreço
- (10) o padre se nembrou então das palauras que dissera en ante, quando dissera filha a Jesu cristo **te** offreço
- (11) Loguo tanto que seu padre disse estas palauras, ella **se** lançou ante os seus pees,
- (12) e a santa dona que criava esta virgem pos hum veio sobre o altar // qual o as Donas hão de trager, e esta virgem bem auenturada **o** tomou loguo com sua mao, e em sinal de virgindade pose o loguo na cabeça
- (13) Depois desto esta virgẽ bem auenturada acabou oito annos, os quaes acabados tomou o auito de religião da Ordem de são Bento, e aos lbiiijº annos **se** passou deste mundo pera a gloria do paraíso
- (14) Porem **te** roguo e peço senhor que queiras olhar por esta tua virgem,
- (15) e daqui en diante **a** começou a bõa Dona de ensinar sua criada en publico, e não as escondidas . e dar lhe bõs ensinós,
- (16) e tanto que o vestio, como quer que era muito aspero, ca era feito de lam de cabras, pareceo lhe que era a cousa mais doce que nunca vestira, nem mais deleitosa, e deseio loguo a trager, o dito çilição, e **lhe** pareceo leixando sua ama, ou podendo auer outro tal, que non trageria outra roupa en dia da sua vida,
- (17) e falando lhe esta santa virgem **lhe** lançou os braços no collo,

---

<sup>1</sup> O exemplo (3), (4) e (10) foram contabilizados como contextos de próclise em variação, embora não se tenha a certeza se nesses casos a próclise pode ser legitimada por um contexto de focalização.

- (18) o senhor **me** vestio com hũa uestidura mui clara, e branca, e çingio me hũa çinta de ouro, e pos a sua mão sobre mim, e ia me reço por esposa pello seu anel,
- (19) pensando ella esto a sua ama **lhe** perguntou dizendo grande tempo ha que te ueio andar cuidosa,
- (20) então **lhe** respondeo esta virgem,
- (21) filha leixa a Deos os teus cuidados, e elle **te** liurara dos cuidados e tribulações, deste mundo,
- (22) aconteço que hũa pouqua de quentura deu a dona godinia sua ama desta santa que a criou, da qual loguo morreo, e esta santa **lhe** mandou loguo fazer hũ moimento en a igreja de são Jorge, en que a soterraram,
- (23) mas empero antes **uos** contarei algũs millagres,
- (24) sobelas auguoas, tu senhor **as** deste aos que uiuem per ellas,
- (25) ora **me** dij se era este mor milagre que Deos fes por esta santa senhorinha, de seu roguo reter as chuvas no ar, que **lhe** non chousesse en sua eira, ou maior o que Deos fes por santa Escolastica de alçar as chuvas, que non chousesse,<sup>2</sup>
- (26) ora **uos** contarei algũs que fes depois de sua morte, segundo me disserom aquelles que os viram, pero que en nhũa guisa os non poderia contar todos os que Deos por ella fes e fas,
- (27) e a molher **lhe** disse lança te sobello lado Destro,
- (28) e elle **lhes** contou todo o que **lhe** aconteçera,
- (29) e começou de chamar seu parçeiro, e o seu parçeiro **lhe** perguntou, que he,
- (30) e o homen depois que saio do banho, que non achou os dinheiros, chamou o clerigo que era proposto da dita igreja, e ameaçando disse, que **lhe** fizesse dar seus dinheiros, senom come ladrão **o** faria prender,
- (31) Hum monge do nosso mosteiro **nos** disse que el vira hum moço,
- (32) e uendo elle esto nembrou se como passara pella egreja de santa senhorinha sem **lhe** pedir beijom, e sem **lhe** fazer oraçom, e por isso **lhe** detinha a mua,
- (33) e el **lhes** perguntou, se sabião porque era,
- (34) el rei perguntou onde ou em que terra moraua tal molher como aquesta, e elles **lhe** disserom que moraua no arçebispado de bragua,
- (35) Eu queria mui de grado ver essa molher disse el rei, e de grado **lhe** daria qualquer cousa que me demandasse,
- (36) e esta santa **se** tornou loguo pera sua casa, com grande honra, e morou na dita igreja que **lhe** el rei assi deu.
- (37) Hum clerigo **nos** contou que tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas.
- (38) entom o padre **lhe** disse, que queres,
- (39) e a molher **se** tornou pera sa casa louuando a Deos por tanto bem que **lhe** fizera e esta santa.
- (40) Hum homen que auia nome Joanne **nos** disse que sendo el seruidor desta igreja, auia sua soldada
- (41) Hũa Dona mulher de Paio egeas com que nos muitas vezes comemos, **nos** disse que sendo ella hum dia folguando com seu filho, e outras moças que o peccado entrou en seu filho,
- (42) esta Dona sobredita **nos** disse que tomando ella muito prazer em sua casa,
- (43) e os olhos **lhe** comecaram a lançar muita aguoas que delles saia, era tão feruente que as queixadas **lhe** queimaua,

### Ênclise

- (44) Começa **se** a vida e Milagres da bem auenturada santa Senhorinha da Ordem de são Bento.
- (45) Esta bem auenturada santa, por que Deos fas muitos milagres, tam solamente non a deuemos chamar Virgem, mas digo **uos**, que inda a deuemos chamar Virgem e martir.
- (46) vai **te** com Deos, e toma cuidado de criar esta moça, e com a maior deligença que puderes, a guarda, e a cria bem .
- (47) A qual loguo o padre deu a hũa dona religiosa e de boa vida, que auia nome Godina, e encomendou **lhe** que a criasse
- (48) e dizia **lhe** ainda mais // Esta Dona Godina que o parto e o empenhar enche o mundo
- (49) E dizia **lhe** ainda que tal esposo como este, não auia semelhavel en todo o mundo, nem se poderia outro tal achar,
- (50) roguo **te** senhor que queiras ouuir os meus rogos.
- (51) e dizia assi, amercea **te** de mim Deos, amercea te de mim,
- (52) e dizia assi, amercea te de mim Deos, amercea **te** de mim,
- (53) pero<sup>3</sup> sentindo **sse** delle enfadada disse esta virgem santa estas palauras, manço bom non me enguanes, uai te buscar outra molher

<sup>2</sup> Os exemplos (25) e (26) foram contabilizados como próclise em contextos de variação porque não se sabe o suficiente sobre o comportamento de *ora* na posição dos clíticos e, consequentemente, se a palavra pode ou não funcionar como proclisador.

<sup>3</sup> A conjunção *pero* tem um papel variável na posição dos pronomes clíticos, de acordo com os seus diferentes valores. Assim, *pero* como conjunção concessiva é considerado um proclisador, como é possível verificar nos casos (10), (43), (70) e (79) da secção 1.1.2. deste Anexo B (v. pp. 419-422). *Pero* como



- (54) pero sentindo sse delle enfadada disse esta virgem santa estas palauras, mançebo bom non me enguanes, uai **te** buscar outra mulher
- (55) e loguo o dito seu padre da virgem chegou onde ella estaua, e falou **lhe** por esta guisa,
- (56) Jazendo o padre de santa senhorinha aquella noite cuidando que queria Deos fazer de tão pequena moça, como aquella, e cuidando elle esto, deu **lhe** o sono com enfadamento, appareço **lhe** o anio de Deos, que **lhe** disse
- (57) Jazendo o padre de santa senhorinha aquella noite cuidando que queria Deos fazer de tão pequena moça, como aquella, e cuidando elle esto, deu **lhe** o sono com enfadamento, appareço **lhe** o anio de Deos, que **lhe** disse
- (58) fazedes votos a Deos paguade **os** loguo
- (59) e diguo **te** que **lhe** aias cuidado da vida temporal, e **lhe** des mantimento,
- (60) e ella abraçou **o** entom, e disse **lhe**
- (61) e ella abraçou o entom, e disse **lhe**
- (62) o Padre alçou então a filha do chão e benze **a**,
- (63) Depos desto o padre e a filha e todos os que hi estão forão **se** a igreja
- (64) e a santa dona que criava esta virgem pos hum veio sobre o altar // qual o as Donas hão de trager, e esta virgem bem aaventurada o tomou loguo com sua mao, e em sinal de virgindade pose **o** loguo na cabeça
- (65) e leixou **lhe** tres igreias de que ouuesse mantimento
- (66) e ensinou **lhe** liuros de ditos de santo ambrosio,
- (67) e diguo **te** que todo aquel que per ella andar fielmente, e sem maguoa, comtanto que aia en si obediência, // Jra ao monte e morada de Deos,
- (68) e diguo **te** que a virtude, e o bem da obediência he tal que os çeos traspassa, e leua o homen a gloria do paraíso,
- (69) Dizendo sua ama estas cousas, esta santa virgem ascuitaua bem todo, e asentaua **o** na arca do seu curação marauilhosamente
- (70) e tanto que o vestio, como quer que era muito aspero, ca era feito de lam de cabras, pareço **lhe** que era a cousa mais doce que nunca vestira, nem mais deleitosa, e deseio loguo a trager, o dito çiliço, e **lhe** pareço leixando sua ama, ou podendo auer outro tal, que non trageria outra roupa en dia da sua vida,
- (71) madre amiga muito amada roguo **te** e peço **te** que aquello que **te** // oie eu pedir, que mo non negues,
- (72) madre amiga muito amada roguo **te** e peço **te** que aquello que **te** // oie eu pedir, que mo non negues,
- (73) o senhor me vestio com hũa uestidura mui clara, e branca, e çingio **me** hũa çinta de ouro, e pos a sua mão sobre mim, e ia me reço por esposa pello seu anel,
- (74) e roguo **te** que esta vestidura me non tomes, nem ma tires,
- (75) querendo seguir o talanto de sua ama, e arder mais en seruisso de Deos, roguou **lhe** que a leixasse ieuar todas as quartas feiras,
- (76) como a moça era de mui pequena idade // e consirando que o ieium era grande pera ella outorgou **lhe** que a sesta feira ieiuasse,
- (77) Vendo esto sua ama e couilheira, abraçou **a** entom, e começou de a confortar,
- (78) O terceiro imigo conuen a saber a carne que he mais chegada da pelleia com ho homen, e faz **lhe** tomar e comer das cousas defesas, e leixar as que som saude da sua alma,
- (79) se por uentura **te** alçares de noite, e quiseses rezar estando en giolhos, loguo **te** a carne dira sandia assenta **te**,
- (80) e porem senta **te**, // e folgua, e non tomes tanto trabalho,
- (81) eso medes outras santas virgens, diguo **uos** que maior foi e peor de sofrer o marteiro que esta santa muitas vezes fes en seu corpo,
- (82) e digo **te** que esta virgem assi alimpou sua vinha que uos non achariades en ella nemhũa ma erua,
- (83) de como se ella passou desta vida direi **uo llo**
- (84) Aconteço que sendo ella en sua cella piquena rezando e pensando em Deos veio ante ella hũa sua seruidor, a qual esta santa disse que **lhe** fosse por boa aguo, bem limpa pera beuer, a qual loguo foi a fonte pella aguo, e benzeu **a** esta santa com sua mão, e auguo tornou **se** loguo en vinho,
- (85) Aconteço que sendo ella en sua cella piquena rezando e pensando em Deos veio ante ella hũa sua seruidor, a qual esta santa disse que **lhe** fosse por boa aguo, bem limpa pera beuer, a qual loguo foi a fonte pella aguo, e benzeu a esta santa com sua mão, e auguo tornou **se** loguo en vinho,
- (86) e mandou **lhe** que tornasse a fonte por outra aguo,
- (87) e a moça feze **o** assi,
- (88) e desi tomou entom a aguo, e benzeo **a** com sua mão
- (89) e mandou **lhe** que chamasse todos os que morassem no dito lugar,
- (90) e dessi tornou **se** quada hũa pera sa casa, marauilhando se porem porque esta santa beuera o vinho que non auia usado,

---

conjunção adversativa não funciona como proclisador e, portanto, permite a ocorrência de ênclise, tal como se observa nos exemplos (53) (o que aqui se anota) e (94) deste ponto.

- (91) veerom os lauradores daquella terra per mandado do Preposto da egreja per malharem o pam, e leuarão **no** as tulhas,
- (92) veio loguo hũa chuiua tão grande que nhum dos ditos lauradores non podera mais estar na eira, e colherão **se** as casas,
- (93) hũ clerigo que a dita igreja regia com grande noio e amargura da chuiua que assi fazia, chegou a esta santa dona e dise **lhe** bradando, senhora non vees o que nos Deos fes, e que // grande iniuria nos fez oie
- (94) filho grande he a misericordia e piedade de Deos, ca por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera lhes depois acorrer, e ameaça **os** pera lhes depois perdoar, pero esta santa alcou se e veio ataa o soar da porta, onde podesse ver a eira,
- (95) ca por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera lhes depois acorrer, e ameaça os pera lhes depois perdoar, pero esta santa alcou **se** e veio ataa o soar da porta, onde podesse ver a eira,
- (96) diguo **uos** amigos que tal foi este milagre, come o que Deos fes por Dom Gedeon,
- (97) Deos allançou as ditas chuiuas, e assi fes a esta santa // senhorinha pello roguo da outra alcançou **as**, e pollo roguo desta aleuantou as,
- (98) Deos allançou as ditas chuiuas, e assi fes a esta santa // senhorinha pello roguo da outra alcançou as, e pollo roguo desta aleuantou **as**,
- (99) Digo **te** que aquele senhor que era esposo d'ambas estas virgens, esso medes fes os ditos millagres, por hũa e polla outra.
- (100) e entom era noite, e o cleriguo que era procurador foi **sse** pera sua pousada,
- (101) Depois que esta santa leixou mantimento a esta igreja foi **sse** seu caminho,
- (102) Callade **uos** vermens maos,
- (103) e chamou entom hũa moça, e perguntou **lhe** se ouuia algũa cousa,
- (104) entom disse esta santa, diguo **uos** que nosso senhor o Bispo dom Rodesindo he trasladado da morte a uida,
- (105) en aquella noite ouio ella hum voz do çeo, que dizia, ven **te** pera mim minha amiga,
- (106) mandou chamar os clerigos d'arredor, e pessoas religiosas assi homẽs como molheres, e disse **lhes** entom, digo uos que tomedes prazer c'ó meu bem,
- (107) mandou chamar os clerigos d'arredor, e pessoas religiosas assi homẽs como molheres, e disse **lhes** entom, digo **uos** que tomedes prazer c'ó meu bem,
- (108) Digo **uos** que era hum judeo,
- (109) ataa que chegou a Tolledo a sua pousada e adoeção, e o diabo que o tragia enguanado matou **o**, e leuou **lhe** a alma ao inferno.
- (110) ataa que chegou a Tolledo a sua pousada e adoeção, e o diabo que o tragia enguanado matou **o**, e leuou **lhe** a alma ao inferno.
- (111) Era hum homen que auia nome Siluestre e moraua na villa do Castello de Guimarães, e porque era demoniado fui **sse** a egreja de santa Senhorinha, en o tempo sobredito pera **lhe** pedir merçe,
- (112) e o diabo tomou **o** entom mui fortemente . e fazendo oração poos a mão en o peito, e loguo fui são, de guisa . que **lhe** mais non veio, e assi mo contaram seus uezinhas, que nunca **lhe** mais veera.
- (113) açendeo este homem suas candeas e deitou **se** ante o muimento desta santa
- (114) e a molher **lhe** disse lança **te** sobello lado Destro,
- (115) e pareceo **lhe** que **lhe** deu a dita molher hũa çinta, e tanto que a çengeo deu do seu ventre tão grande brado, que todos os que jazião na dita egreja dormindo, s'espertaram,
- (116) e entom seu padre deste moço foi **se** com outros lauradores fazer servisso as vinhas desta santa,
- (117) moço da **me** essa uara que tees na mão, e elle querendo **lhe** dar, alçou se e deu **lhe**
- (118) moço da **me** essa uara que tees na mão, e elle querendo **lhe** dar, alçou **se** e deu **lhe**
- (119) moço da **me** essa uara que tees na mão, e elle querendo **lhe** dar, alçou se e deu **lhe**
- (120) o moço bradou, e os da vinha vierom, e perguntarom **lhe** que era,
- (121) Este mesmo clerigo disse que elle vira dous mançebos çegos de sua naçença, os quaes erão de longuas terras, e pollo bem que ouuirão desta santa, trabalharão de se vir a sua casa, e chegarão a çidade de Lisboa, onde jas o corpo de são vicente, perguntarom entom polla terra onde jazia o corpo de santa senhorinha, e outrosi suas molheres que com elles vinhão, e disseron **lhe** que viessem ao arçebispado de bragua
- (122) e depois a cabo de tempo tornou **sse** pera saa terra,
- (123) chegou a igreja desta santa, cuidando que era prenhe, e marauilhaua **sse** porque non paria // tantos tempos auia,
- (124) sentio ao uentre fazer gram roido, ca nhum non sabia o que ella tragia, e disse **o** a suas uezinhas, as quaes cuidando que era parto, fizeram na tornar a sua pousada,
- (125) e querendo a cobra fugir, mataram **na**,
- (126) e feita sua oração tornarão **se** // pera sua pousada, e pella guisa que o pediom assi lho outorgou Deos,
- (127) e furtou os dinheiros do ouro, e mete'os no çeo e fui **sse**,
- (128) e furtou os dinheiros do ouro, e mete'os no çeo e fui **sse**,

- (129) o clerigo come homen simples e de boa vida ficou muito espantado, e fui **sse** chorando ao muimento desta santa,
- (130) peço **te** senhora que me queiras oie acorrer, e me liures das mãos deste homen poderoso.
- (131) E loguo depois desto fui **sse** aos outros parceiros da casa, e disse que aquel que os tiuesse que os desse, e todos iuraram e dezião que os não virão,<sup>4</sup>
- (132) o clerigo tomou os dinheiros, e deu **os** a seu dono,
- (133) vio este moço vir hũa mulher de dentro da igreja, a qual lhe apalpou todos seus membros mansamente, e disse **lhe** moço alça te
- (134) vio este moço vir hũa mulher de dentro da igreja, a qual lhe apalpou todos seus membros mansamente, e disse lhe moço alça **te**
- (135) e o moço alçou **se** loguo, e vendo como se achaua são, bradou grandes vozes,
- (136) e aquelles que o trouxerom no asno foram a elle, e acharão **no** iunto com o moimento desta santa, alçado em pee, e contou lhes como lhe aconteçera,
- (137) e aquelles que o trouxerom no asno foram a elle, e acharão no iunto com o moimento desta santa, alçado em pee, e contou **lhes** como lhe aconteçera,
- (138) veio hũa pouqua de chuiua, e mete **sse** todo o pobo na // Igreja desta santa,
- (139) hum homen que estaua a par della furtou a pelle, e leuou **afora** e escondeo a em hũa casa,
- (140) hum homen que estaua a par della furtou a pelle, e leuou afora e escondeo **a** em hũa casa,
- (141) vendo elle seu mal, e a sua culpa mandou pello clerigo da igreja, e confessou **lhe** seu peccado, e erro grande que fizera na igreja desta santa, e entregouo lhe a pelle,
- (142) vendo elle seu mal, e a sua culpa mandou pello clerigo da igreja, e confessou lhe seu peccado, e erro grande que fizera na igreja desta santa, e entregouo **lhe** a pelle,
- (143) o qual caualeiro loguo chamou e assuou suas gentes as mais que pode auer da sua terra, e fui **sse** pera auer de desçercar o dito castello
- (144) e uendo elle esto nembrou **se** como passara pella egreja de santa senhorinha sem lhe pedir beijom, e sem lhe fazer oraçom, e por isso lhe detinha a mua,
- (145) e tornou **se** pera sua casa com uitoria
- (146) Diguo **uos** senhores hum boo millagre que nembra que Deos fes por esta sua serua
- (147) uendo esto os caçereiros disseron **no** a el rei,
- (148) e apresentaram ante el rei, o que lhe disse como quer que uos eu non conheça per pessoa nem per outra guisa senon tam solamente pellos bens que de uos ouço dizer, roguo **uos** que qualquer cousa que uos de mim compir que uos que a peçades,
- (149) Diguo **uos** que ella come mulher de grande suplicadade,
- (150) Rei senhor peço **te** que aquella egreja pequena, que me deu meu padre, que ma outorgues,
- (151) el rei foi mui espantado, de lhe nõ pedir mais, e por lhe non pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou lhe a igreja, que lhe pedia, e demais soltou **lhe** o Jrmão que tinha preso, e demais deu lhe hum couto muito bom pera a dita // egreja, e deu lhe o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,
- (152) el rei foi mui espantado, de lhe nõ pedir mais, e por lhe non pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou lhe a igreja, que lhe pedia, e demais soltou lhe o Jrmão que tinha preso, e demais deu **lhe** hum couto muito bom pera a dita // egreja, e deu lhe o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,
- (153) quada hũa fez seu uoto e petição a esta santa, e deshi tornaron **se** pera suas casas,
- (154) a cabo de pouquo, nembrou **se** a madre, e disse o ao marido, non sabes como prometemos de levar este moço ao muimento de santa Senhorinha, e non o leuamos,
- (155) a cabo de pouquo, nembrou **se** a madre, e disse **o** ao marido, non sabes como prometemos de levar este moço ao muimento de santa Senhorinha, e non o leuamos,
- (156) hum clerigo da dita igreja, deu a esta molher hũa orelhada na face, e alçou **a** do chão,
- (157) e loguo aquella hora o spirito mao se saio della, en figura de guato, e saio **sse** fora da igreja,
- (158) disse entom ao clerigo que a igreja regia chorando, tendo os gíolhos ã terra padre senhor roguo **uos** que vos outros seruidores desta igreja roguedes a esta santa
- (159) entom o clerigo disse vai **te** e confessa bem teus peccados,
- (160) e loguo a molher foi confessada, e a vespera cheguando **sse** ella ao moimento oraua, choraua, baixaua **sse** sobollo moimento,
- (161) o clerigo lançou // o veio que iaz sobre o moimento e pose **o** sobre a dita molher,
- (162) e ella disse bem, ca ia sou saã, e alçou **çe** loguo sobre seus peitos,

<sup>4</sup> Este exemplo foi contabilizado como um caso de ênclise em contexto de variação e não como ênclise com proclisadores (induzida por *logo*), porque *logo depois desto* actua como um só constituinte, fazendo com que a próclise deixe de ser obrigatória, como o advérbio *logo* implicaria.

- (163) entom a molher foi **sse** pera sua casa,  
 (164) entom o enfermo pos a cabeça sobre o muimento, e dormindo pareço **lhe** que hũa pomba lhe metia o bico pella orelha,  
 (165) elle espantado do sono corria **lhe** tanta postema da orelha, que o campo enchia, alçando se do chão deu muitas graças a Deos,  
 (166) e ella pos a cabeça sobre o muimento, e dormio, e acordada do sono achou **se** tão saã e fora de medo, que assi auia bem, como se nunca o ouuese,  
 (167) e ella disse diguo **uos** que o medo que eu auia que ia o perdi,  
 (168) aconteço que hũa noite iazendo em seu leito dormindo, veo **lhe** hum feruor, e hũ proido nos olhos tam grande, que lhe parecia, que de grado arrincaria os olhos, se non ouuera medo de os perder, e loguo emna manhaa, lauou os bem com aguoia fria,  
 (169) hũa noite apareço **lhe** seu padre,  
 (170) e el disse, trago **te** o lume,  
 (171) E el disse non, mas vai **te** a santa senhorinha, e hi acharas o lume,  
 (172) e elles foron **se** ao muimento de santa Senhorinha cõ suas candeas,

## Outros casos

### Próclise ao infinitivo<sup>5</sup>

- (173) esta bem auenturada padeço maiores marteiros ca algũs outros santos, e como quer que eu não soo Dino pera **uo llos** todos contar,  
 (174) filha eu vim aco pera **te** aparelhar as cousas, que te som neçessarias  
 (175) en tal guisa que ella merezca de **te** receber com as outras virgens no çeo santas, e ella com sua lampada bem clara te possa ouiar e reçoer,  
 (176) Vendo esto sua ama e couilheira, abraçou a entom, e começou de **a** confortar,  
 (177) querendo beuer, entendeo que era vinho, e cuidando que lho fizera a sergenta escarnio, começou de **a** trager mal,  
 (178) os ditos lauradores comerão, malharam muito a pressa duas eiras de pam, e estando na terceira com grande trabalho pera **se** auerem desembarguar, e sendo o dia bem claro veio hum gram toruam  
 (179) filho grande he a misericordia e piedade de Deos, ca por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera **lhes** depois acorrer, e ameaça os pera **lhes** depois perdoar,  
 (180) filho grande he a misericordia e piedade de Deos, ca por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera **lhes** depois acorrer, e ameaça os pera **lhes** depois perdoar,  
 (181) E deuedes a saber, que esto que Deos fes en este homen, non o fes por tomar en ell vinguança deste peccado, mas pera **se** auerem os outros de castiguar,  
 (182) e depois que minguarão os mantimentos esta santa estaua de caminho pera **se** ir a outra igreja,  
 (183) Deos, o qual deu a abrahã o anho pera **lhe** fazer sacrificio,  
 (184) Era hum homen que auia nome Siluestre e moraua na villa do Castello de Guimarães, e porque era demoniado fuoi sse a egreja de santa Senhorinha, en o tempo sobredito pera **lhe** pedir merço,  
 (185) dous mançoos çegos de sua naçença, os quaes erão de longuas terras, e pollo bem que ouuirão desta santa, trabalharão de **se** vir a sua casa,  
 (186) e chegando alli onde jaz o corpo desta santa, non lhi lembrou de pedir merço a esta santa, e **lhe** fazer reuerença  
 (187) e uendo elle esto nembrou se como passara pella egreja de santa senhorinha sem **lhe** pedir beirão, e sem **lhe** fazer oraço, e por isso **lhe** detinha a mua,  
 (188) e uendo elle esto nembrou se como passara pella egreja de santa senhorinha sem **lhe** pedir beirão, e sem **lhe** fazer oraço, e por isso **lhe** detinha a mua,  
 (189) soffreando a mua por detras para **se** tornar a egreja desta santa, a qual mua se loguo tornou,  
 (190) el rei foi mui espantado, de **lhe** nõ pedir mais, e por **lhe** non pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou **lhe** a igreja, que **lhe** pedia, e demais soltou **lhe** o Jrmão que tinha preso, e demais deu **lhe** hum couto muito bom pera a dita // egreja, e deu **lhe** o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,

<sup>5</sup> Com sublinhado estão assinaladas as preposições que possibilitam a próclise neste contexto (e como se verifica, nunca ocorre próclise em infinitivas introduzidas pela preposição A).

- (191) el rei foi mui espantado, de lhe nõ pedir mais, e por **lhe** non pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou lhe a igreja, que lhe pedia, e demais soltou lhe o Jrmão que tinha preso, e demais deu lhe hum coute muito bom pera a dita // egreja, e deu lhe o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,
- (192) aconteçeo que hũa noite iazendo en seu leito dormindo, veo lhe hum feruor, e hũ proido nos olhos tam grande, que lhe parecia, que de grado arrincaria os olhos, se non ouuera medo de **os** perder, e loguo em na manhaa, lauou os bem com aguoia fria,

### Frases V1 no século XIII

#### Próclise depois da conjunção coordenativa **e**<sup>6</sup>

- (193) vai te com Deos, e toma cuidado de criar esta moça, e com a maior deligençia que pudeses, a guarda, e **a** cria bem .
- (194) Das quaes cousas e palauras o dito mançebo ficou muito enuerguonhado, e mui sanhudo, e **o** contou a seu padre
- (195) e tanto que o vestio, como quer que era muito aspero, ca era feito de lam de cabras, pareçeo lhe que era a cousa mais doce que nunca vestira, nem mais deleitosa, e deseio loguo a trager, o dito çiliçio, e **lhe** pareçeo leixando sua ama, ou podendo auer outro tal, que non trageria outra roupa en dia da sua vida,

#### Ênclise com Proclisadores<sup>7</sup>

- (196) sentio ao uentre fazer gram roido, ca nhum non sabia o que ella tragia, e disse o a suas uezinhas, as quaes cuidando que era parto, fizeram **na** tornar a sua pousada,
- (197) e ainda diguo **uos** que estando folguando em sua terra hum príncepe
- (198) el rei foi mui espantado, de lhe nõ pedir mais, e por lhe non pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou **lhe** a igreja, que lhe pedia, e demais soltou lhe o Jrmão que tinha preso, e demais deu lhe hum coute muito bom pera a dita // egreja, e deu lhe o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,
- (199) e disse que furassem **lhe** a orelha com hũ ferro, e vendo que a dor era grande, non lha ousarom de furar,
- (200) aconteçeo que hũa noite iazendo en seu leito dormindo, veo lhe hum feruor, e hũ proido nos olhos tam grande, que lhe parecia, que de grado arrincaria os olhos, se non ouuera medo de os perder, e loguo emna manhaa, lauou **os** bem com aguoia fria,

### 1.1.2. Interpolação<sup>8</sup>

#### Interpolação de *Não*<sup>9</sup>

- (1) e outrosi a regra de são Bento de cuia Ordem ella era, toda a leo e soube de cor, e desto **se non** deue nenhũ de marauilhar,
- (2) madre amiga muito amada roguo te e peço te que aquello que te // oie eu pedir, que **mo non** negues,
- (3) demanda o que quiseses filha, ca eu **to não** neguarei nhũa cousa,
- (4) e roguo te que esta vestidura **me non** tomes, nem ma tires,
- (5) Esta santa fiquando en sua cella deu graças a Deos, quantas **uos** eu **non** poderia dizer,
- (6) e ainda podemos comparar que Deos fez por dona Escolastica, irmã de são Bento, quando pedio que lançasse chuiuas, **polla** seu irmão **non** auer de leixar,

<sup>6</sup> Esta categoria exclui os casos de próclise depois da coordenada copulativa e quando a oração coordenada é claramente dependente de uma oração subordinada anterior que, por sua vez, legitima a próclise nesse contexto. Por exemplo: *e diguo te que lhe aias cuidado da vida temporal, e lhe des mantimento, ca Deos lhe prouera do mantimento spiritual* (214v).

<sup>7</sup> Estão sublinhados os proclisadores que deviam fazer da próclise a colocação obrigatória nestes casos em que ocorre ênclise.

<sup>8</sup> Contabiliza-se como um caso de interpolação (ou interpolação potencial) a oração em que ocorre (ou poderia ocorrer) este fenómeno. Assim, mesmo que exista mais do que um constituinte interpolado (ou interpolável) em cada oração (ou seja, para cada verbo/clítico), esse caso contou apenas como uma única atestação do fenómeno em causa.

<sup>9</sup> O *não* interpolado encontra-se sublinhado.

- (7) ora me dij se era este mor milagre que Deos fes por esta santa senhorinha, de seu roguo reter as chuvas no ar, que **lhe non** chovesse en sua eira, ou maior o que Deos fes por santa Escolastica de alçar as chuvas, que non chovesse,
- (8) nunca nhũa ficou // na dita lagoa, que **se non** fosse pera outra parte,
- (9) rogava quanto podia a Deos, que dos bens espirituais, **o non** priuasse.
- (10) ora uos contarei algũs que fes depois de sua morte, segundo me disserom aquelles que os viram, pero que en nhũa guisa **os non** poderia contar todos os que Deos por ella fes e fas,
- (11) e o diabo tomou o entom mui fortemente . e fazendo oração poos a mão en o peito, e loguo fui são, de guisa . que **lhe** mais non veio, e assi mo contarom seus uezinhas, que nunca **lhe** mais veera.
- (12) E loguo depois desto fui sse aos outros parçeiros da casa, e disse que aquel que os tiuesse que os desse, e todos iuraron e dezião que **os não** virão,
- (13) ataa que o perguntou ao moço que os furtara, o que iurou e disse que **os non** vira,
- (14) a madre perguntou a filha polla pelle, e ella respondeo que **a non** uio, nem a tomou,
- (15) e elles responderom que **o non** sabiam,
- (16) e apresentaron ante el rei, o que **lhe** disse como quer que **uos** eu **non** conheça per pessoa nem per outra guisa senon tam solamente pellos bens que de uos ouço dizer, roguo uos que qualquer cousa que uos de mim comprir que uos que a peçades, , que eu uo llo outorguarei de grado.
- (17) el rei foi mui espantado, de **lhe não** pedir mais, e por **lhe non** pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou **lhe** a igreja, que **lhe** pedia, e demais soltou **lhe** o Jrmão que tinha preso, e demais deu **lhe** hum couto muito bom pera a dita // egreja, e deu **lhe** o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,
- (18) el rei foi mui espantado, de **lhe não** pedir mais, e por **lhe non** pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou **lhe** a igreja, que **lhe** pedia, e demais soltou **lhe** o Jrmão que tinha preso, e demais deu **lhe** hum couto muito bom pera a dita // egreja, e deu **lhe** o dito Rei sua carta, a qual fui dada em Tolledo,

### Interpolação Potencial de *Não*<sup>10</sup>

- (19) millagres que Deos fes e fas por esta sua esposa, nehun (non) **os** deue callar assi
- (20) mas empero que grande fiuza ella auia en Deos, nhũ (non) **o** sabe, pero como ella chegou, loguo veio a misericordia de Deos,
- (21) nem por esto a dor (non) **se** fui,

### Interpolação de Outros Constituintes (Interpolação *Generalizada*)<sup>11</sup>

- (22) Ca ella martirizou o seu corpo, como **vos** adiante direi pello amor de Jesu christo .
- (23) esta bem auenturada padeço maiores marteiros ca algũs outros santos, e como quer que eu não soo Dino pera **uo llos todos** contar,
- (24) porem uos roguo e desso pouquo que eu disser da historia sua segundo meu intendimento abrango, que diguades o pater noster a honra de Deos, e aue maria a honra da Virgem maria, que elles me queirão dar graça, que uo llo possa pregar e dizer, e a uos que de como **vo llo eu** disser, assi o ponhades en vossos curações.
- (25) ca castidade e a virgindade do corpo, que he hũa cousa mui fermosa e santa, e sacrificio de que **se** Deos muito paguava,
- (26) Non queiras ser toruado, nem tomes tuas noites sem sono pellas cousas que a tua filha a Deos prometeo, ao qual **a tu** offrecestes
- (27) Porquanto seu tallante era guardar a Deos o que **lhe** prometera, e non casar, assi como **lhe o padre** conselhava,
- (28) madre amiga muito amada roguo te e peço te que aquello que **te** // oie eu pedir, que mo non negues,
- (29) quando tomares astença algũa de comer ou beber, sei certa que logo **te a carne** cobiçara o contraio,
- (30) se tu quiseres, alçar te de noite pera rezar ou fazer seruizzo a Deos, loguo **te a carne** dira non sabes que Deos fes as noites pera en ellas folgar todo o homen,
- (31) se por uentura te alçares de noite, e quiseres rezar estando en gijolhos, loguo **te a carne** dira sandia assenta te,
- (32) assi esta virgem alimpou o seu spirito, que en el non ficou nhũa raiz de mal, nem de peccado, e fez em elle hũa uinha que daua rosas, as quaes rendião a Deos odor e cheiro e sacrificio santo, de que **se** elle muito paguava,
- (33) de como **se** ella passou desta vida direi uo llo
- (34) e como **vos** primeiro disse querendo deos mostrar o bem desta santa, e como quer que ainda era viua na terra, que tinha aparelhado o tambo no çeo.
- (35) e loguo **se a augua** mudou en vinho,
- (36) bebamos deste vinho que **nos** Deos deu polla sua misericordia
- (37) Esta santa fiquando en sua çella deu graças a Deos, quantas **uos eu** non poderia dizer,

<sup>10</sup> O *não* interpolável está destacado entre parênteses curvos.

<sup>11</sup> Vão sublinhados os constituintes diferentes de *não* que se encontram interpolados.

- (38) hũ clerigo que a dita igreja regia com grande noio e amargura da chuiua que assi fazia, chegou a esta santa dona e dise lhe bradando, senhora non vees o que **nos Deos** fes, e que // grande iniuria nos fez oie
- (39) filho grande he a misericordia e piedade de Deos, ca por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera **lhes depois** acorrer, e ameaça os pera lhes depois perdoar,
- (40) filho grande he a misericordia e piedade de Deos, ca por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera lhes depois acorrer, e ameaça os pera **lhes depois** perdoar,
- (41) e ainda podemos comparar que Deos fez por dona Escolastica, irmã de são Bento, quando pedio que lançasse chuiuas, **polla seu irmão** non auer de leixar,
- (42) e ella dando grandes graças a Deos, chamou o procurador da dita egreja que guardase o dito pam, que **lhe Deos** enuiara,
- (43) e deshi sobio no moimento de santa senhorinha, e pero **lhe todos** dezião, que se deçesse, non queria,
- (44) e o diabo tomou o entom mui fortemente . e fazendo oração poos a mão en o peito, e loguo fui são, de guisa . que **lhe mais** non veio, e assi mo contarom seus uezinhos, que nunqua **lhe mais** veera.
- (45) e o diabo tomou o entom mui fortemente . e fazendo oração poos a mão en o peito, e loguo fui são, de guisa . que **lhe mais** non veio, e assi mo contarom seus uezinhos, que nunqua **lhe mais** veera.
- (46) e loguo **se dahi** partio o moço são e saluo com seu padre,
- (47) o demo leixou loguo o moço, e o dito homen poderoso loguo o quis enforçar, mas porque **lhe todos** roguarom por el, e por honrra desta santa, non curou dello.
- (48) e a moça olhando mais os trebelhos e iogos que fazião, non parando mentes ao que **lhe sua madre** dezia, non tomou a pelle,
- (49) soffreando a mua por detras para se tornar a egreja desta santa, a qual mua **se loguo** tornou,
- (50) e leixou encomendado a todos fieis cristãos que sempre fizesem honra, e reuerencia a santa senhorinha, e a todo aquel que **lhe algũa cousa** demandasse com razom, que acharia em ella.
- (51) mas sede certos que quada ues que **lhe metião os pees nos ferros**, ou algũa cadea, loguo **lhe os ferros ou cadea**, caião dos pees,
- (52) e apresentaram ante el rei, o que **lhe disse** como quer que **uos eu** non conheça per pessoa nem per outra guisa senon tam solamente pellos bens que de uos ouço dizer, roguo uos que qualquer cousa que uos de mim comprir que uos que a peçades, , que eu uo llo outorguarei de grado.
- (53) e apresentaram ante el rei, o que **lhe disse** como quer que uos eu non conheça per pessoa nem per outra guisa senon tam solamente pellos bens que de uos ouço dizer, roguo uos que qualquer cousa que **uos de mim** comprir que uos que a peçades, , que eu uo llo outorguarei de grado.
- (54) e esta santa se tornou loguo pera sua casa, com grande honra, e morou na dita igreja que **lhe el rei assi** deu.
- (55) a cabo de pouquo disse a molher a seu marido, que pois **lhe santa senhorinha** dera este filho, que lho leuassem ao seu moimento com obrada,

### Interpolação Potencial de Outros Constituintes<sup>12</sup>

- (56) Esta bem auenturada santa, por que Deos fas muitos milagres, tam solamente non a deuemos chamar Virgem, mas digo uos, que (inda) **a** deuemos chamar Virgem e martir.
- (57) porem uos roguo e desso pouquo que eu disser da historia sua segundo meu intendimento abrango, que diguades o pater noster a honra de Deos, e aue maria a honra da Virgem maria, que (elles) **me** queirão dar graça, que uo llo possa pregar e dizer, e a uos que de como vo llo eu disser, assi o ponhades en vossos curações.
- (58) e chamou a sua filha // Senhorinha, o qual nome elle entendia pois a moça era mui pequena, que (tal) **lhe** pertença,
- (59) ca o voto que tu a Deos prometeste, e a tua filha, ia (en nhũa guisa) **se** pode refrear,

<sup>12</sup> Entre parênteses curvos assinalam-se os constituintes interpoláveis diferentes de *não*. Não se contabilizaram os possíveis exemplos de interpolação de constituintes como *nunca*, *jamais* ou *pois*, visto que não se sabe o suficiente sobre o comportamento destas palavras quando ocorrem depois do proclizador e antes do clítico, em contextos de próclise obrigatória deste tipo. Além disso, *nunca*, *jamais* e *pois* nunca surgem interpoladas em G1. V. um exemplo de cada um destes casos excluídos da contagem: a) *e deu iu/ramento a sua servidora, que (en dias de sua uida) {nunqua} o dissese a nhũa pessoa*; b) *vendo esto o Diabo choraua e era mui triste porquanto da sua semente nom podia semear en esta vinha, de Deos, nem atendia que {nunqua} {jamais} (em ella) a podesse semear*; c) *a cabo de pouquo disse a molher a seu marido, que {pois} lhe santa senhorinha dera este filho, que lho leuassem ao seu moimento com obrada*.

- (60) e diguo te que lhe aias cuidado da vida temporal, e lhe des mantimento, ca (Deos) **lhe** prouera do mantimento spiritual,
- (61) enuia senhor a tua graça sobre esta moça, que (ella com toda sua boca, e curaço e vontade) **te** confesse, e te ame, e te deseie, e te abraçe, e te cobiçe,
- (62) demanda o que quizeres filha, ca (eu) **to** não neguarei nhũa cousa,
- (63) e roguo te que (esta vestidura) **me** non tomes, nem ma tires,
- (64) quando tomares astença algũa de comer ou beber, sei serto que (logo) **te** a carne cobiçara o contrario,
- (65) se (por uentura) **te** alçares de noite, e quizeres rezar estando en gíolhos, loguo te a carne dira sandia assenta te,
- (66) Estas cousas suso ditas non embarguante a santa virgem ainda entendia que a carne nã era ainda bem mansa, e obediente, mas que (ainda) **lhe** compria de peleiar novamente com ella,
- (67) vendo esto o Diabo choraua e era mui triste porquanto da sua semente nom podia semear en esta vinha, de Deos, nem atendia que nunca iamais (em ella) **a** podesse semear.
- (68) e deu iu//ramento a sua servidor, que (en dias de sua uida) nunca **o** dissesse a nhũa pessoa,
- (69) hũ clerigo que a dita igreia regia com grande noio e amargura da chuiua que assi fazia, chegou a esta santa dona e dise lhe bradando, senhora non vees o que nos Deos fes, e que // (grande iniuria) **nos** fez oie
- (70) começou de dizer mal desta santa, e dos santos de Deos, pero que (os outros todos) **a** louuauão // e os santos de Deos,
- (71) e loguo (en aquella ora) **o** tomou o demo, e non o leixou ataa que todos roguarom a Deos,
- (72) e o mal que padecera que (bem) **o** mereçera,
- (73) sede sertos que (daquella hora as rãs) **se** callarom,
- (74) Aconteço en este tempo que (o santo homen Dom Rodesindo Bispo, e senhor e amigo desta santa,) **se** passou deste mundo,
- (75) roguaua quanto podia a Deos, que (dos bens espirituales), **o** non priuasse.
- (76) e por estas palauras e polla morte do bispo que vio, entendeo ella que (a pouquo tempo) **a** queria Deos levar,
- (77) que eu oie en este dia serei passada da morte a vida, do trabalho a folgança . ca (o meu senhor Jesu cristo) **me** chama,
- (78) Outrosi sabede que (esta santa) **se** passou deste mundo em idade de sincoenta e oito annos.
- (79) ora uos contarei algũs que fes depois de sua morte, segundo me disserom aquelles que os viram, pero que (en nhũa guisa) **os** non poderia contar todos os que Deos por ella fes e fas,
- (80) e loguo (aquella hora) **o** tomou o demo
- (81) E como quer que ambos fizessem oraço, crede que (hum delles) **a** fazia mais de curaço,
- (82) que a ira de deos e desta santa viesse sobre ell, e que (o demo) **o** tomasse perante todos se por ventura mentia,
- (83) o qual (logo seu padre e sua madre) **ho** alcançarom ante o muimento desta santa,
- (84) estando elle hũ dia en sua terra folguando chegarom a el missegeiros dizendo que (os imigos) **lhe** corriam a terra, e que lhe tinhão os inimigos cercado o castello d aguiar,
- (85) senhor ouuimos dizer que este caualleiro tem hua irmã mui santa, que he monge e dona de boa uida, e temos que (pellas suas oraçoens) **se** fas esto,
- (86) e apresentarom ante el rei, o que lhe disse como quer que uos eu non conhoça per pessoa nem per outra guisa senon tam solamente pellos bens que de uos ouço dizer, roguo uos que qualquer cousa que uos de mim comprir que uos que a peçades, que (eu) **uo llo** outorguarei de grado.
- (87) a cabo de sinco annos mudo, que non fallaua, do que (o padre e a madre), **se** marauilharom muito, hũ moço de quinze annos, non fallar, e mais deseiauam nunca o uerem que de o auerem de criar come mudo,
- (88) e loguo (aquella hora o spirito mao) **se** saio della, en figura de guato, e saio sse fora da igreia,
- (89) que (hũa ora) **lhe** dera hũa grande dor na cabeça,
- (90) entom o enfermo pos a cabeça sobre o muimento, e dormindo pareço lhe que (hũa pomba) **lhe** metia o bico pella orelha,
- (91) nem por esto (a dor) non **se** fui,
- (92) e os olhos lhe comecarom a lançar muita aguo que delles saia, era tão feruente que (as queixadas) **lhe** queimaua,



## 1.2. PRONOMES PESSOAIS FORTES EM LUGAR DE CLÍTICOS

Pronomes Pessoais Fortes no lugar de clíticos (com função de objecto indirecto)							
	TOTAL	Eu, mim, comigo	Tu, ti, contigo, si, consigo	Ele/ela, si, consigo	Nós, connosco	Vós, convosco	Eles/Elas, si, consigo
Número de Ocorrências	10	0	9	0	0	1	0
Ocorrências	-	-	a ti	-	-	a uos	-

TABELA 1

- (1) E **a uos** diguo que o bem e vida desta santa, e millagres que Deos fes e fas por esta sua esposa, nehun non os deue callar,
- (2) e que eu mereçesse de amar **a ti** soo, e a ti temer, e a ti servir, e a ti aplazer, e a ti demandar, e buscar todas as cousas que som de teu louuor
- (3) e que eu mereçesse de amar a ti soo, e **a ti** temer, e a ti servir, e a ti aplazer, e a ti demandar, e buscar todas as cousas que som de teu louuor
- (4) e que eu mereçesse de amar a ti soo, e a ti temer, e **a ti** servir, e a ti aplazer, e a ti demandar, e buscar todas as cousas que som de teu louuor
- (5) e que eu mereçesse de amar a ti soo, e a ti temer, e a ti servir, e **a ti** aplazer, e a ti demandar, e buscar todas as cousas que som de teu louuor
- (6) e que eu mereçesse de amar a ti soo, e a ti temer, e a ti servir, e a ti aplazer, e **a ti** demandar, e buscar todas as cousas que som de teu louuor
- (7) e dizia o senhor que tu sabes as cousas escondidas no coração, **a ti** senhor nunca praz o coração enfengido,
- (8) tu come senhor misericordioso e piadoso, ouues os rogos e os gemidos daquelles que **a ti** bradão,
- (9) pera tu senhor receberes dobrado o fruito da vontade virgem, como quer senhor que **a ti** apraz muito da virgindade,
- (10) peço senhor que queiras olhar por esta tua virgem, a qual senhor ia de sua nacença **a ti** he offrecida,

## 1.3. PRONOMES OBLÍQUOS / E EN(DE)<sup>13</sup>

### / numa locução adverbial<sup>14</sup>

- (1) e chegou allij hu esta santa jaz, e pos sua mercadoria dependurada en sima de hum pao, que chantou na parede, e des**hi** sobio no moimento de santa senhorinha,
- (2) e feita sua oraçom tornarão se // pera sua pousada, e pella guisa que o pedirom assi lho outorguou Deos, a roguo desta santa, ca a madre nunca iamais empenhou, e a filha conçebeo loguo de seu marido, e des**hi** em diante a madre e a filha com prazer deste milagre derom graças a Deos, e a esta santa.
- (3) a qual cousa a cabo de pouquo tempo loguo comprio, e quada hũa fez seu uoto e petição a esta santa, e des**hi** tornaron se pera suas casas,

### / com antecedente expresso (como pronome anafórico)

- (4) Creçendo por todallas terras darredor a boa fama desta santa, aconteeço que o bispo dom Rodesindo que era homen de boa vida, chegou a egreja de sam nhoane de veeira pera auer de visitar, o qual senhor com suas gentes começaram de fallar nas virtudes e nos bẽs de Deos, e outrosi dos seus santos, e mormente en a boa fama desta santa, e falauão outrosi na dita chuiua que assi fizera, Antre as quaes gentes **hi** estauam obreiros, que cobriam hũa casa por sua soldada,
- (5) E el disse non, mas vai te a santa senhorinha, e **hi** acharas o lume,

<sup>13</sup> Sempre que os antecedentes destes pronomes estiverem expressos nos exemplos apresentados, surgirão sublinhados.

<sup>14</sup> O outro elemento da locução de que o pronome / faz parte destaca-se com duplo sublinhado.

## **/ sem antecedente claro<sup>15</sup>**

- (6) entom responderão todos os que hi estauão amen, assi seia.
- (7) Depos desto o padre e a filha e todos os que hi estauão forão se a igreja,
- (8) sede çertos que loguo en aquella noite seguinte tomou o demo aquel que a pelle furtara, en casa donde pousaua, que todos foram espantados, e vendo elle seu mal, e a sua culpa mandou pello clerigo da igreja, e confessou lhe seu peccado, e erro grande que fizera na igreja desta santa, e entregou lhe a pelle, a qual o dito clerigo deu a sua dona, quando isto virom os que hi estauão derom a Deos grandes louuares, e a esta santa sua.
- (9) entom o enfermo pos a cabeça sobre o muimento, e dormindo pareceo lhe que hũa pomba lhe metia o bico pella orelha, e loguo perdia a dor, e demais ficaua mui confortado do bico da pomba, elle espantado do sono corria lhe tanta postema da orelha, que o campo enchia, alçando se do chão deu muitas graças a Deos, e esta santa, e os que hi presentes estauão quando virom tal millagre.
- (10) e ella pos a cabeça sobre o muimento, e dormio, e acordada do sono achou se tão saã e fora de medo, que assi auia bem, como se nunca o ouuese, e loguo com grande alegria chamou o seu marido dom Paio, e el disse senhora que he, e ella disse diguo uos que o medo que eu auia que ia o perdi, entom foram tanger os sinos, e derom muitas graças a Deos, esses que hi estauão, e a esta santa,
- (11) E esta Dona dormindo chamou seu marido, e dizia que era ia saã e via toda a igreja relluzir come candeas, e assi come raios do sol, e loguo ella e seu marido, e outros que hi estauão, derão graças a Deos,

## **Formas concorrentes (possíveis substitutos) de /<sup>16</sup>**

### **Ocorrências de Aí**

- (12) pero como ella chegou, loguo veio a misericordia de Deos, ca todos quantos **ahi** estauão erão espantados
- (13) e loguo o braço deu hum estouro, que quantos **hai** estauão fiquarom espantados

### **A + Pronomes Pessoais Fortes (Tónicos)**

- (14) e por esto non curaua da terceira igreia, nem hia folguar **a ella** assi como as outras.
- (15) Creçendo quada dia a boa fama desta santa virgem pello mundo vinhão **a ella** muitos enfermos,
- (16) e o moço alçou se loguo, e vendo como se achaua são, bradou grandes vozes, dizendo acorde acorde, e aquelles que o trouxerom no asno foram **a elle**,
- (17) estando elle hũ dia en sua terra folguando chegarom **a el** missegeiros dizendo que os imigos lhe corriam a terra,
- (18) e vendo esto hum clerigo da dita igreja, deu a esta mulher hũa orelhada na face, e alçou a do chão, e loguo aquella hora o spirito mao se saio della, en figura de guato, e saio sse fora da igreja, e iamais nunca **a ella** tornou,

### **Em + Pronomes Pessoais Fortes (Tónicos)**

- (19) e dizia ainda o dito seu padre, se se passar dũa igreja pera a outra de tempo en tempo, a moça podera melhor perseuerar en este propoimento que ia começou, e acabara **en elle**,
- (20) E loguo a dona Godina, que a dita moça criaua recebeo as ditas egreias en nome desta santa, e pos **en ellas** recebedores,
- (21) e outrosi por hum rio que he mui impetuoso e corre mui rigo, e demais porque morrião **en elle** muitas gentes,
- (22) loguo te a carne dira non sabes que Deos fes as noites pera **en ellas** folguar todo o homem, e o dia pera trabalhar en elle,
- (23) loguo te a carne dira non sabes que Deos fes as noites pera en ellas folguar todo o homem, e o dia pera trabalhar **en elle**,
- (24) e assi esta virgem alimpou o seu spirito, que **en el** non ficou hũa raiz de mal, nem de peccado, e fez em elle hũa uinha que daua rosas,
- (25) e assi esta virgem alimpou o seu spirito, que en el non ficou hũa raiz de mal, nem de peccado, e fez **em elle** hũa uinha que daua rosas,
- (26) e digo te que esta virgem assi alimpou sua vinha que uos non achariades **em ella** nemhũa ma erua
- (27) vendo esto o Diabo choraua e era mui triste porquanto da sua semente nom podia semear en esta vinha, de Deos, nem atendia que nunca iamais **em ella** a podesse semear.

---

<sup>15</sup> Nestes casos o sublinhado assinala o constituinte que faz de cada caso uma oração subordinada, e o verbo em relação ao qual o pronome *i* está anteposto.

<sup>16</sup> A negrito assinalam-se os possíveis substitutos do pronome *i*.

- (28) E deuedes a saber, que esto que Deos fes en este homen, non o fes por tomar **en ell** vingança deste peccado, mas pera se auerem os outros de castigar, que nos santos de Deos non aiam a pecar, e outrosi per esto quis deos demostrar a paciência e a charidade, e a graça que em elle hão os santos seus,
- (29) E deuedes a saber, que esto que Deos fes en este homen, non o fes por tomar en ell vingança deste peccado, mas pera se auerem os outros de castigar, que nos santos de Deos non aiam a pecar, e outrosi per esto quis deos demostrar a paciência e a charidade, e a graça que **em elle** hão os santos seus,
- (30) Primeiramente uos diguo que esta virgem foi loguo de sua naçença santa, e sempre se cheguou aos bóns costumes, e a fee de Jesu christo, e **em elles** acabou seu tempo viuendo sempre, en santidade
- (31) Porem te roguo e peço senhor que queiras olhar por esta tua virgem, a qual senhor ia de sua nacença a ti he offrecida, e enuia senhor sobre ella o spirito santo, da tua graça, que a guarde e empare, pera tu senhor folguares **em ella**,
- (32) os seus gijlhos tanto os tinha finquados na terra, quando fazia oraçom que ia tinha os callos **em elles**,
- (33) veerom os lauradores daquela terra per mandado do Preposto da egreja per malharem o pam, e leuarão no as tulhas, os quaes lauradores apostarão loguo a eira, e lançarão o pam **em ella**,
- (34) Outrosi vos diguo que esta santa quanto podia, trabalhaua por cumprir as obras da misericordia e de charidade, ca ella curaua dos enfermos, e sacaua os demoniados com o tangimento das suas santas mãos, e afugentaua os diabos, saraua os cegos e mancos e surdos, e assi todo o que lhe demandasse obra de misericordia achaua **em ella** sempre .
- (35) Porende amigos deuedes de roguar a esta santa virgem que ia reina com Deos padre, a qual nunca queda de roguar pollos seus amigos e seruidores, que ella polla sua bondade e merçe, queiram roguar a Deos por nos, e por todos aquelles que **em ella** am fiuza e esperança ou estão em algũa cuita ou tribulação ou pressa
- (36) dali en diante nunca mais ouue tallante de abrir o seu muimento, o qual Deos quer que este cerrado, e nhum que non saiba, o que **em elle** jaz, e que esto seia verdade, assi ho aprendemos daquelles que o virom.
- (37) ainda diguo uos que estando folguando em sua terra hum príncepe nobre e caualleiro deste reino, o qual era mui priuado del rei dona Affonso, e auia nome dom Gonçallo de souza o mui poderoso, ca todo o conselho del rei era **em elle**,
- (38) e leixou encomendado a todos fieis cristãos que sempre fizesem honra, e reuerencia a santa senhorinha, e a todo aquel que lhe algũa cousa demandasse com razom, que acharia **em ella**.
- (39) Hum clerigo nos contou que tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas. ca hũa era demoniada, a outra auia fluxo de sangue, a outra como quer que paria muitos filhos auia depois gram noio, porque lhe morriam todos, as quaes molheres aiuntadas todas de suu, contarão suas dores todas, quada hũa, hũa a outra, dizêdo que bem empreguido era **em ellas** pois non queriam chegar onde esta santa jazia, que tantos millagres fazia
- (40) Hũa Dona mulher de Paio egeas com que nos muitas vezes comemos, nos disse que sendo ella hum dia folguando com seu filho, e outras moças que o peccado entrou en seu filho, do que ella ficou muito espantada, e com grande medo, e doo de seu filho que os olhos non podera ter assosseguados, nem os braços, que tinha estendudos, non os podia colher, asi pero bradava per Deos e per sua madre, assi era atormentada que sete dias non comeo nem bebo, e cuidava que **em elle** non auia senon morte,

## Formas concorrentes (possíveis substitutos) de *En(de)*<sup>17</sup>

### **De + Pronomes Pessoais Fortes (Tónicos)**<sup>18</sup>

- (41) ca tu senhor sabes o meu desejo, e senhor olha polla tua serua, e quello senhor que tu **della** quiseses fazer com misericordia,
- (42) hum manço mui loução, e filho dum Conde // mui rico que vinha de linhagem de Reis, roguando lhe que quisesse com elle casar, e ella en nhũa guisa queria ouuir taes cousas, pero sentindo sse **delle** enfadada disse esta virgem santa estas palauras
- (43) da a benção a tua filha, pois entrar quer no caminho de Deos, pera tu depois mereçeres de ser bento **della**,

<sup>17</sup> A negrito assinalam-se os constituintes que possivelmente estão em substituição do pronome *en(de)*.

<sup>18</sup> Excluíram-se não só os pronomes que não estavam associados ao verbo (e que, portanto, não podiam estar a substituir *en(de)*), mas também casos em que não é certo que no original não pudesse estar mesmo o pronome que se encontra na cópia analisada. Veja-se um exemplo destes casos que foram excluídos da contagem: *ella chegando allo, estando diante o moimento desta santa, e poendo sua obrada, e alumiando suas candeas, o demo saltou della mui fortemente* (234r). Em exemplos deste tipo não é seguro afirmar que **della** estivesse a substituir *en(de)*, visto que no original podia estar *della* com o sentido de “de dentro dela”/“para fora dela”.

- (44) Outrosi em o tempo que este mesmo cleriguo era Regedor desta egreia nos disse que hũ homẽ da cidade de Çamora chegara a esta egreia pollos millagres que **della** ouuia,
- (45) E como quer que ambos fizessem oração, crede que hum **delles** a fazia mais de curaçom
- (46) o dito homen poderoso loguo o quis enforçar, mas porque lhe todos roguarom por el, e por honrra desta santa, non curou **dello**.
- (47) de grado arrincaria os olhos, se non ouuera medo de os perder, e loguo emna manhaa, lauou os bem com aguoia fria, nem por esto a dor non se fui, e os olhos lhe comecarom a lançar muita aguoia que **delles** saia

### De + Pronomes Demonstrativos

- (48) Os quaes liuros ella aprendeo en espaço de hum ano, o que era gran marauilha, e os soube todos de cor, e outrosi a regra de são Bento de cuja Ordem ella era, toda a leo e soube de cor, e entendia mui bem, e desto se non deue nenhũ de marauilhar,
- (49) ca prepos en seu talante iamais en sua vida non dar a sua carne de comer nem de beber senom pão e aguoia, e o pam amassado com pouqua aguoia // e com cinza e com sal, assi que a terça parte fosse de farinha, e a outra terça de sal, e a outra terça de cinza, e desto non comia mais de hũa ves no dia, afora os domingos,

## 1.5. CONCORDÂNCIA NEGATIVA

Indefinidos Negativos			
	Nenhum(ns)/Nenhuma(s) (e variantes)	Ninguém (e variantes)	Nada (e variantes)
Número de Ocorrências	21	0	0
Ocorrências	nenhum, nenhum, nenhũ, nenhũa, nhum (5), nhũa (10), nhũ, nhũm	-	-
Palavras Negativas <sup>19</sup>			
	Jamais (e variantes)		
Número de Ocorrências	2		
Ocorrências	jamais (2)		

TABELA 2

### Indefinidos Negativos/Palavras negativas em posição pré-verbal

#### Com co-ocorrência com o marcador de negação frásica – *concordância negativa*

- (1) E a uos diguo que o bem e vida desta santa, e millagres que Deos fes e fas por esta sua esposa, **nehum non** os deue callar, mas antes dizer,
- (2) começou de fazer vida mais, apertada assi per ieiús, come per orações, e astenças de comer e beber, ca prepos en seu talante **iamais** en sua vida **non** dar a sua carne de comer nem de beber senom pão e aguoia,
- (3) então estaua o çeo tam claro, e o dia tam claro, que **nhum** homen **non** poderia ver solamente hũa nuuem,
- (4) e veio loguo hũa chuiua tão grande que **nhum** dos ditos lauradores **non** podera mais estar na eira,
- (5) pero esta santa alcou se e veio ataa o soar da porta, onde podesse ver a eira, mas empero que grande fiuza ella auia en Deos, **nhũ non** o sabe, pero como ella chegou, loguo veio a misericordia de Deos,
- (6) Depois que vos contei algũs dos millagres que esta santa fes em sua uida, e outrosi da sua uida qual foi em este mundo, ora uos contarei algũs que fes depois de sua morte, segundo me disserom aquelles que os viram, pero que en **nhũa** guisa os **non** poderia contar todos os que Deos por ella fes e fas,
- (7) ella acabando sua oração, sentio ao uentre fazer gram roido, ca **nhum non** sabia o que ella tragia,
- (8) nom embarguante que lho dizia seu abbade, e seus uezinhos, ella **iamais non** deixaua de cozer // o dito pam,
- (9) acharão ainda as peguadas dos camellos, mas quem os aduçera ou leuara, **nom** o podia **nhũm** saber,

<sup>19</sup> Neste conjunto não se incluem as palavras negativas *nunca* e *nem* (v. nota 29, Capítulo III, p. 251).

## Sem co-ocorrência com o marcador de negação frásica

- (10) filho dum Conde // mui rico que vinha de linhagem de Reis, roguando lhe que quisesse com elle casar, e ella en **nhũa** guisa queria ouuir taes cousas,
- (11) ca o voto que tu a Deos prometeste, e a tua filha, ia en **nhũa** guisa se pode refrear, nem reuoguar,
- (12) sede sertos que daquella hora as rãs se callarom, e demais nunca **nhũa** ficou // na dita lagoa,

## 1.6. CONJUNÇÃO CA

### Ca com valor explicativo/causal

- (1) Esta bem aaventurada santa, por que Deos fas muitos milagres, tam solamente non a deuemos chamar Virgem, mas digo uos, que inda a deuemos chamar Virgem e martir . **Ca** ella martirizou o seu corpo, como vos adiante direi pello amor de Jesu christo .
- (2) **Ca** muitos santos tomarão a hũa hora morte, e padeçerão . esta santa ben aaventurada marteirou seu corpo por muitos azoutes, por muitos jeíuus, e feridas segundo uos contarei, e por muitos tempos .
- (3) **Ca** bem sabedes que moor marteiro he aquelle que ho homen sofre por Deos muitas vezes, e per muitos tempos, ca o que sofre marteiro hũa hora soo,
- (4) assi os santos que não ouuerão outros marteiros, senão forão // Deguollados, ou deçepados, ou espedaçados, **ca** como quer que grandes marteiros padeçesem, esta bem aaventurada padeçeo maiores marteiros ca algũs outros santos,
- (5) e chamou a sua filha // Senhorinha, o qual nome elle entendia pois a moça era mui pequena, que tal lhe pertença, **ca** senhorinha quer dizer senhora mui pequena
- (6) roguo te senhor que queiras ouuir os meus rogos . **ca** tu senhor sabes o meu desejo,
- (7) A santa moça pensando e dizendo todas estas cousas escondia todo o seu talanto e a sua vontade aos homens, **ca** ella non deseiaua outra cousa, senão servir ao senhor Deos,
- (8) e dizia assi, amercea te de mim Deos, amercea te de mim, **ca** en ti consira minha alma .
- (9) Non queiras ser toruado, nem tomes tuas noites sem sono pellas cousas que a tua filha a Deos prometeo, ao qual a tu offrecestes, **Ca** o dito senhor lhe tem ia apostado o tambo e as vodas no çeo, onde auera gloria pera sempre, ca o voto que tu a Deos prometeste, e a tua filha, ia en nhũa guisa se pode refrear,
- (10) Non queiras ser toruado, nem tomes tuas noites sem sono pellas cousas que a tua filha a Deos prometeo, ao qual a tu offrecestes, **Ca** o dito senhor lhe tem ia apostado o tambo e as vodas no çeo, onde auera gloria pera sempre, **ca** o voto que tu a Deos prometeste, e a tua filha, ia en nhũa guisa se pode refrear,
- (11) e porem não queiras demandar fruto a tua filha fruto de morte e de tristeza, mais fruto de prazer, e de alegria, **ca** ella esposo non mortal catou,
- (12) da a benção a tua filha, pois entrar quer no caminho de Deos, pera tu depois mereçeres de ser bento della, **ca** tu filho es do mui alto emperador, do qual a tua filha mereçeo ser chamada filha esposa .
- (13) se se passar dũa igreja pera a outra de tempo en tempo, a moça podera melhor perseverar en este propoimento que ia começou, e acabara en elle, **ca** estando sempre em hum lugar podera a moça tomar fastidio,
- (14) e outrosi a regra de são Bento de cuja Ordem ella era, toda a leo e soube de cor, e entendia mui bem, e de sto se non deue nenhũ de maravilhar, **ca** o spirito de Deos, onde lhe praz, e como lhe praz, alli aspira, e fas sua obra,
- (15) esta santa achou o çelicio que sua ama soia a trager vestido, o qual ella tomou e vestio a corom do seu corpo, cobrindo o da outra roupa, e tanto que o vestio, como quer que era muito aspero, **ca** era feito de lam de cabras,
- (16) Deos senhor confirma aquesto que obraste en nos, **ca** tu senhor sabes, que somos feitos de fraca maça,
- (17) temo muito que sera de mim pecadora, **ca** non sei por qual guisa eu peccador possa ser iunta a companha dos santos martires .
- (18) filha leixa a Deos os teus cuidados, e elle te liurara dos cuidados e tribulações, deste mundo, **ca** non tão solamente os santos martires forão ao reino do çeo pollo sangue que espargerom por Jesu cristo, nem as santas outras non som por ello coroadas nos çeos, mas ainda pello coração que ouuerão humildoso e contribulado, ca este he o sacrificio, e hostia e offerta que Deos quer do peccador,
- (19) aqui en diante começou de fazer vida mais, apertada assi per ieius, come per orações, e astenças de comer e beber, **ca** prepos en seu talante iamais en sua vida non dar a sua carne de comer nem de beber senom pão e aguo,
- (20) filho grande he a misericordia e piedade de Deos, **ca** por esso se asanha Deos contra os peccadores, pera lhes depois accorrer,
- (21) e loguo en aquella ora o tomou o demo, e non o leixou ataa que todos roguarom a Deos, e aos seus santos, **ca** entendiam todos que era tomado pollo mal que dissera de Deos e dos santos,
- (22) e se bem quiseses esguardar o mergulhao e a Ram figura som do demo, **ca** ambos fazem fruto, sem prol,

- (23) porei en ti a minha coroa, **ca** o senhor Deos cubiçou muito a tua fermosura,
- (24) eu oie en este dia serei passada da morte a vida, do trabalho a folguaça . **ca** o meu senhor Jesu cristo me chama,
- (25) açendeo este homem suas candeas e deitou se ante o muimento desta santa papa ariba **ca** doutra guisa non podia jazer nẽ dormir,
- (26) Da villa de Guimaraes veerom duas molheres ao muimento desta santa madre e filha pera fazerem sua oraçom, mas a sua petição e tallante, era deuairada, **ca** a madre porque era mui coitada em parir muitas vezes, pedia a esta santa que non parisse mais,
- (27) era mui priuado del rei dona Affonso, e auia nome dom Gonçallo de sousa o mui poderoso, **ca** todo o conselho del rei era em elle,
- (28) entom dise o clerigo filha como te sentes, e ella disse bem, **ca** ia sou saã,
- (29) amercea te de mim Deos, amercea te de mim, **ca** en ti consira minha alma .
- (30) diguo te que lhe aias cuidado da vida temporal, e lhe des mantimento, **ca** Deos lhe prouera do mantimento spiritual,
- (31) sua ama ben auenturada confiando da petição da virgem que seria bõa **ca** bem entendia, que era quite de peccado
- (32) outorgou lhe que a sesta feira ieiuasse, e este uso teue esta santa ataa que ouue doze anos, **ca** porque era de pequena idade, nom queria a dita sua ama e sua couilheira e madre espiritual que mais ieiuasse .
- (33) filha leixa a Deos os teus cuidados, e elle te liurara dos cuidados e tribulações, deste mundo, **ca** non tão solamente os santos martires forão ao reino do çeo pollo sangue que espargerom por Jesu cristo, nem as santas outras non som por ello coroadas nos çeos, mas ainda pello coração que ouuerão humildoso e contribulado, **ca** este he o sacrificio, e hostia e offerta que Deos quer do peccador,
- (34) conuem a saber coração quebrantado nos peccados e humildoso pera Deos, **ca** muitas virgens e muitos confesores e muitos monges, e heremitans uiuerão nas crastas e hermidas, os quaes nunca espargerão sangue por Deos, pero segundo seus feitos a Deos praz das suas uidas, e forão porem ao paraíso .
- (35) Ora minha filha ouue o meu conselho, e non seias toruada en teus feitos, nem en teus cuidados pero que elles som bõs, **ca** te diguo que muitas lides e contendas as de auer com o imigo, **ca** sei sarta que o homẽ ha tres enemigos, com os quaes nunca queda de peleiar assi de dia come de noite . he o primeiro imigo he este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro he a carne propria do homen
- (36) Ora minha filha ouue o meu conselho, e non seias toruada en teus feitos, nem en teus cuidados pero que elles som bõs, **ca** te diguo que muitas lides e contendas as de auer com o imigo, **ca** sei sarta que o homẽ ha tres enemigos, com os quaes nunca queda de peleiar assi de dia come de noite . he o primeiro imigo he este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro he a carne propria do homen
- (37) se por uentura te alçares de noite, e quiseses rezar estando en gijolhos, loguo te a carne dira sandia assenta te, **ca** faras a Deos oração sendo come estando, e porem senta te, // e folgua,
- (38) a carne que deuia ser serua, ella he senhora, **ca** o spirito deuia de mandar a carne, e a carne nom o spirito .
- (39) então esta santa virgem tendo todas as cousas por nimigualha, e quanto ainda fizera por nimigualha, nom quis escolher no máo caminho, mas boo, **ca** sede sertos que daqui adiante ainda tomou uida mais aspera, e de mor astença,
- (40) e como quer que ella tinha as maos muito piadosas pera dar esmollas ao pobres, assi as tinha mui prestes pera azoutar seu corpo com ellas por amor de Deos, o que estranho marteiro foi desta virgem, **ca** ella mesma s'azoutaua de guiza que as costas e corpo todo, e a terra onde estaua enchia de sangue,
- (41) como ella chegou, loguo veio a misericordia de Deos, **ca** todos quantos ahi estão erão espantados, porquanto a claridade do sol iamais nunca se partiu da eira,
- (42) esta santa quanto podia, trabalhaua por comprir as obras da misericordia e de charidade, **ca** ella curaua dos enfermos, e sacaua os demoniados com o tangimento das suas santas mãos,
- (43) ella acabando sua oração, sentio ao uentre fazer gram roido, **ca** nhum non sabia o que ella tragia, e disse o a suas uezinhas, as quaes cuidando que era parto, fizeram na tornar a sua pousada,
- (44) e pella guisa que o pedirom assi lho outorgou Deos, a roguo desta santa, **ca** a madre nunca iamais emprenhou,
- (45) tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas . **ca** hũa era demoniada, a outra auia fluxo de sangue, a outra como quer que paria muitos filhos auia depois gram noio, porque lhe morriam todos,

### **Ca com valor completivo/integrante**

- (46) non quedaua de dizer muito ameude a esta santa virgem, **ca** castidade e a virgindade do corpo, que he hũa cousa mui fermosa e santa, e sacrificio de que se Deos muito paguaua,

### **Ca com valor comparativo**

- (47) Ca bem sabedes que moor marteiro he aquelle que ho homen sofre por Deos muitas vezes, e per muitos tempos, **ca** o que sofre marteiro hũa hora soo,

(48) assi os santos que não ouuerão outros marteiros, senão forão // Deguollados, ou deçepados, ou espedaçados, ca como quer que grandes marteiros padeçesem, esta bem auenturada padeção maiores marteiros **ca** algũs outros santos,

## 1.7. - D- INTERVOCÁLICO NAS FORMAS DE 2ª PESSOA DO PLURAL

2ª Pessoa do Plural com -d- intervocálico <sup>20</sup>						
	-ade(s)	sem -d-	-ede(s)	sem -d-	-ide(s)	sem -d-
Número de Ocorrências	7	0	7	0	0	0
Ocorrências	pagade, Callade, digades, ponhades, achariades, queirades, peçades	-	sabedes, fazedes, deuedes (2), tomedes, veredes, roguedes	-	-	-

TABELA 3

## 1.8. SISTEMA DE POSSESSIVOS – MA, TA, SA

Formas dos possessivos femininos								
	ma	mia	mã	minha	ta	tua	sa	sua
Número de Ocorrências	0	0	0	12	0	20	7	173
Ocorrências	-	-	-	minha alma minha alma minha filha minha carne minha saude minha amigua minha coroa minha alegria minhas pressas minha vida minha madre  filha minha		tuas carreiras tuas seruas tua gloria tua virtude (2) tua vontade tua serua tua serua tuas noites tua filha (5) tua graça (2) tua piedade(2) tua virgem tua fermosura	sa ama sa casa (3) saa terra ssa senhora saas molheres	sua esposa sua vida (7) sua santa morte sua naçença (4) sua nacença sua molher (3) sua madre (7) sua filha (6) sua ama (17) sua façe sua vontade sua ira sua boca (2) sua lampada sua mao sua uida (4) sua istoria sua charidade sua criada (4) sua regla sua Ordem sua obra sua oraçom (5)

<sup>20</sup>Algumas formas com -d- ocorreram em expressões estereotipadas como *comprades e façades comprir*, *sabede* ou *e hũs e outros al ão façades*, sendo atestadas com frequência até ao final do século XV (Williams 1986:176). Além disso, em formas como *sede* (imperativo do verbo “ser”) ou *credes* (e outras formas do presente do indicativo ou imperativo de verbos com vogal temática em *e* ou *i* que viriam a tornar-se monossilábicos) o -d- intervocálico parece não ter sincopado ou ter sido posteriormente restituído (Brocardo 2014:120). Assim, para evitar a ambiguidade dos resultados obtidos excluíram-se os seguintes sete casos: *sede* (5), *sabede* e *crede*.

								sua mão (6) sua carregua sua couilheira suas uidas sua alma (5) sua senhora (2) sua carne (3) suas mãos sua vinha sua semente sua santa virgem suas uezinhas (2) sua cella sua seruidor sua servidor sua misericordia sua çella sua eira suas gentes (2) sua soldada (2) sua pousada (4) sua oração (3) sua merçe (4) sua egreia (2) sua piedade suas parçeirias suas santas mãos sua bondade sua morte (2) sua mercadoria sua casa (7) suas candeas (3) sua santa (4) sua terra (5) suas molheres suas vezinhas sua petição sua roupa suas ouelhas sua palaura sua graça sua pelle sua culpa sua dona suas companhas (2) sua serua suas orações sua honra sua carta suas dores (2) suas casas suas offertas sua obrada sua igreja sua door  historia sua sepultura sua (3)
<b>Notas</b>	-	-	-	11	-	Todas	pré-	169 pré-nominais



				pré-nominais		nominais		4 pós-nominais
--	--	--	--	--------------	--	----------	--	----------------

TABELA 4

## 1.9. SISTEMA DE DEMONSTRATIVOS – FORMAS SIMPLES E REFORÇADAS

Formas simples e reforçadas dos demonstrativos						
	Aqueste(s)	Este(s)	Aquesta(s)	Esta(s)	Aquisto	Isto
<b>Número de Ocorrências</b>	0	32	2	133	0	0
<b>Ocorrências</b>	-	este	Aquestas aquesta	esta (120) estas (13)	-	-

TABELA 5

## 1.10. CONVERGÊNCIA DAS TERMINAÇÕES NASAIS EM [-ẽw]

-Õ (<-õ>, <-on>, <-om>)							
<-õ> etimológico							
	TOTAL	Advérbio de negação <i>não</i>	Substantivos -ONE -UDINE	Palavras gramaticais	Tempos verbais de -UNT	<i>ser</i> -SUM	<i>ser</i> -SUNT
<b>Número de Ocorrências</b>	280	119	28	44	76	0	13
<b>Ocorrências</b>	-	nom (9) non (108) nõ (2)	curacom coraçom (4) curaçom (3)  razom (2)  bençom beißom (2)  visom  oraçom (11)  leon leom (2)	entom (36)  senom (3) senon (4) senõ (1)	uençerom espargerom forom (5) foron forõ soterrarom errarom veerom (2) vierom fogirom roguarom (2) callarom fizerom (3) responderom (3) erom acharom tomarom (2) contarom (3) espertarom alçarom (2) derom (7) esteuerom perguntarom (2) disserom (4) disseron (2) cheguarom (2) fiquarom (3) virom (5) uirom (2) louuarom (2)		som (13)

					pedirom iurarom alcancarom trouxerom leuaron (2) apresentarom prometerom (2) tornaron marauilharom ousaron comecarom		
<b>Tempos verbais</b>	-	-	-	-	Pretérito Perfeito	-	Presente do Indicativo
<b>Étimo</b>	-	<NOM	<CORATIONE ; <RATIONE; <BENEDICTIONE <VISIONE; <ORATIONE; <LEONE	<IN TUNC; <SI + NOM	<-UNT	<SUM	<SUNT
<b>&lt;-õ&gt; não etimológico</b>							
<b>Número de Ocorrências</b>	0	-	-	-	-	-	-

**TABELA 6**

<b>-Ã (&lt;-ã&gt;, &lt;-an&gt;, &lt;-am&gt;)</b>					
<b>&lt;-ã&gt; etimológico</b>					
	<b>TOTAL</b>	Substantivos -ANE	Adjectivos	Palavras gramaticais	Tempos verbais de -ANT
<b>Número de Ocorrências</b>	56	17	5	10	24
<b>Ocorrências</b>	-	pam (16) sam	gram (4) gran	tam (9) quam	estauam (2) cobriam entendiam (2) aiam poderiam acharam soiam eram quedauam am comiam auiam (2) corriam quebrauam caiam (2) sabiam morriam queriam deseiauam nembruam
<b>Tempos verbais</b>	-	-	-	-	Pretérito Imperfeito = = Presente do Conjuntivo Futuro do Pretérito Pretérito Mais-que-perfeito

					Pretérito Imperfeito = = Presente do Indicativo (2ªconj.) Pretérito Imperfeito = = = = = = = =
Étimo	-	<PANE; <SANCTU	<GRANDEM	<TAM; <QUAM	<-ANT
<b>&lt;-ã&gt; não etimológico</b>					
	<b>TOTAL</b>	Substantivos -ONE	Substantivo s -ANU	Palavras gramaticais	Tempos verbais de –UNT, -UM
<b>Número de Ocorrências</b>	8	2	0	0	6
<b>Ocorrências</b>	-	toruam; razam	-	-	foram malharam começaram viram fizeram mataram
<b>Tempos verbais</b>	-	-			Pretérito Perfeito
Étimo	-	<TURBONE; <RATIONE			<-UNT

-ÃO					
<-ão> etimológico					
	TOTAL	Substantivos -ANU		Adjetivos -ANU	
Número de Ocorrências	38	30		8	
Ocorrências	-	cristão; irmão, irmão (2); mão (13); curação (6), coração (2); chão (3); verão; uerão		são (4), são (3); loução	
Étimo	-	CHRISTIANU; <GERMANU; <MANU; <CORATIONE; <PLANU; <VERANU;		<SANU; <LAUTIANU	
<-ão> não etimológico					
	TOTAL	Advérbio de negação <i>não</i>	Substantivo de -ONE	Substantivo de -ANE	Palavras gramaticais
Número de Ocorrências	158	20	19	11	16

<b>Ocorrências</b>	-	não (20)	tribulação (2) benção petição (3) oração (6) ressurreição salvação (2) religião ladrão rezão (2)	pão são (10)	tão (8) senão (2) então (6)
<b>Tempos verbais</b>	-	-	-	-	-
<b>Étimo</b>	-		<TRIBULATIONE <BENEDICTIONE <PETITIONE <ORATIONE <RESURRECTIONE <SALVATIONE <RELIGIONE <LATRONE <RATIONE	<PANE <SANCTU	<TAM; <SI+NON; <IN TUNC
	Tempos verbais de –UNT e -UM		Tempos verbais de -ANT		Verbo <i>ser</i> –SUNT
<b>Número de Ocorrências</b>	46		45		1
<b>Ocorrências</b>	padecerão padeçerão tomarão ouuerão (2) forão (6) fizerão responderão louuarão vencerão receberão viuerão espargerão tentarão disserão beberão passarão levarão apostarão lançarão comerão colherão minguarão acharão (3) contarão (2) quiserão mandarão estão perguntarão ouuirão trabalharão chegarão fiquarão (2) tornarão virão		queirão erão (5) bradão responderão estauão (10) hão (2)  menistrauão morrião rendião falauão (2) vinhão (3) podião presentauão ouuião dezião (2) cuidauão jazião chamão dauão andauão fazião tinhão roubauão metião caião sabião leixão		são

	sairão derão		
<b>Tempos verbais</b>	Pretérito Perfeito =  Presente do Indicativo Pretérito Perfeito = = = = = = =  Presente do Indicativo Pretérito Imperfeito	Presente do Conjuntivo Pretérito Imperfeito Presente do Indicativo Pretérito Imperfeito = Presente do Indicativo Futuro Pretérito Imperfeito = = = = = = = = = = = =  Presente do Indicativo Pretérito Imperfeito = = = = = = =  	Presente do Indicativo
<b>Étimo</b>	<-UNT	<-ANT	<SUNT

TABELA 8

<b>Presente do Indicativo de <i>Ir</i></b>			
<b>Vão</b> 2ª pessoa do plural do verbo <i>ir</i>			
	<b>TOTAL</b>	<b>&lt;-ã&gt;</b>	<b>&lt;-ão&gt;</b>
<b>Número de Ocorrências</b>	2	1	1
<b>Ocorrências</b>	-	vam	vão
<b>Tempos verbais</b>	-	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo
<b>Étimo</b>	-	<-ANT (?)	<-ADUNT(?)

**TABELA 9**

## 1.11. VALORES SEMÂNTICOS DE *SER/ESTAR* E *TER/HAVER*

### 1.11.1. Repartição dos papéis entre *ser/estar*<sup>21</sup>

#### *Ser* – propriedades transitórias de indivíduos (“estar”)

- (1) A cabo de pouquo depois que ella nação, morreo sua madre, e **sendo** o dito conde seu padre desta virgem triste polla morte de sua molher,
- (2) Estas cousas assi feitas seu padre desta virgem **sendo** alegre da visom do Anio que com elle ante falara
- (3) Estas cousas suso ditas non embarguante a santa virgem ainda entendia que a carne nõ **era** ainda bem mansa,
- (4) Aconteção que **sendo** ella en sua cella piquena rezando e pensando em Deos veio ante ella hũa sua seruidor,
- (5) e acharom que si **era** morto, como esta santa disse, da qual cousa ella ouue grande prazer, pois a alma deste bispo seu senhor era em paraíso,
- (6) e acharom que si era morto, como esta santa disse, da qual cousa ella ouue grande prazer, pois a alma deste bispo seu senhor **era** em paraíso,
- (7) hũa molher que tinha o ventre inchado, e auia ia dous anos e chegou a igreja desta santa, cuidando que **era** prenhe,
- (8) Hũa Dona mulher de Paio egeas com que nos muitas vezes comemos, nos disse que **sendo** ella hum dia folguando com seu filho, e outras moças que o peccado entrou en seu filho,
- (9) e **sendo** desesperada da vista dos olhos, hũa noite appareço lhe seu padre,
- (10) e el disse ia morto **so**
- (11) e estando na terceira com grande trabalho pera se auerem desembarguar, e **sendo** o dia bem claro veio hum gram toruam de contra o abreguo e veio loguo hũa chuiua
- (12) vendo esto o Diabo choraua e **era** mui triste porquanto da sua semente nom podia semear en esta vinha,
- (13) e por em os anios pollo ar vão cantando e dizendo // gloria seia dada a Deos no çeo, e **som** mui alegres com a alma deste bispo
- (14) e loguo aquella hora o tomou o demo por tal guisa que cuidauão todos que **era** morto,
- (15) Era hum homen que auia nome Siluestre e moraua na villa do Castello de Guimarães, e porque **era** demoniado fuoi sse a egreja de santa Senhorinha,
- (16) que hum homem do reino de Leon veio a sua casa desta santa, o qual **era** inchado, assi come odre,
- (17) e contou lhes como lhe aconteçera, com a dita molher, e como pella sua graça della, **era** ia bem são,
- (18) entom dise o clerigo filha como te sentes, e ella disse bem, ca ia **sou** saã,
- (19) E esta Dona dormindo chamou seu marido, e dezia que **era** ia saã e via toda a igreja relluzir come candeas,
- (20) e dezia assi, que non era guizado, que a sepultura sua fosse apartada de sua ama que a criara, que pois ambas na vida **forão** // sempre iuntas,
- (21) ca a madre porque era mui coitada em parir muitas vezes, pedia a esta santa que non parisse mais,
- (22) A ora de vespera o moço que **era** mudo sinque anos auia bradou e disse, padre meu, padre meu,
- (23) a qual ora e dia que esto aconteção foi loguo escrito, e mandarão saber parte se morrera o dito bispo en aquella ora, e acharom que si **era** morto,
- (24) e elle disse entom, o que lhe acontecera, e que ia **era** bem são, pella uirtude de santa senhorinha,
- (25) Hum clerigo nos contou que tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas. ca hũa **era** demoniada,
- (26) e como quer que ainda **era** viua na terra, que tinha aparelhado o tambo no çeo.
- (27) e ainda diguo uos que estando folguando em sua terra hum príncepe nobre e caualleiro deste reino, o qual era mui priuado del rei dona Affonso, e auia nome dom Gonçallo de sousa o mui poderoso, ca todo o conselho del rei **era** em elle
- (28) En o tempo del rei Dom Sancho de Portugal quando casou sua filha Dona Tareia com el rei Dona affonso de Leom, e todo o reino de Portugal // **era** antredicto,
- (29) e ella disse per uentura padre he casa de Hierusalem ia vossa, ou **he** portugual desantredito<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Excluíram-se os casos em que *ser* ou *estar* são verbos auxiliares. Também se exclui o seguinte exemplo ambíguo, visto que o contexto não permite compreender se o verbo *ser* em causa traduz uma propriedade transitória (“estar preso”) ou se é verbo auxiliar: *e temos que pellas suas orações se fas esto, que he uontade de Deos, que este seu irmão nom seia preso* (233r).

Ademais, como as ocorrências do verbo *ser* com o adjectivo *são* oscilam entre os valores permanentes e transitórios de *ser*, optou-se por realizar a categorização desse casos com base na seguinte distinção de sentido: a) já **ser são** = “já estar são”, traduzindo uma propriedade transitória (valor de *estar*); b) **ser são** pela mão da santa = “ficar/tornar-se são pela mão da santa”, traduzindo uma propriedade permanente.

### Ser – propriedades permanentes de indivíduos

- (30) Primeiramente uos diguo que esta virgem **foi** loguo de sua naçença santa,  
(31) A qual **foi** filha de hum Conde que auia nome Auulfo, o qual e esso medes sua molher **erão** de mui nobre linhagem,  
(32) A qual foi filha de hum Conde que auia nome Auulfo, o qual e esso medes sua molher **erão** de mui nobre linhagem,  
(33) e chamou a sua filha // Senhorinha, o qual nome elle entendia pois a moça **era** mui pequena,  
(34) ca castidade e a virgindade do corpo, que **he** hũa cousa mui fermosa e santa,  
(35) o parir, e o empenhar filhos **he** com trabalho, e com dor, e com tristeza  
(36) e depois que **foi** de sete anos, não querendo que esta santa pedra preciosa fosse ençuiada da luxuria do diabo, aconteço que a demandou hum manço mui loução,  
(37) padre que **he** esto que me falas, Padre boo, não me escolheste tu hũ mui bom esposo e senhor,  
(38) filha eu vim aco pera te aparelhar as cousas, que te **som** neçessarias pois queres entrar em caminho de Deos.  
(39) entom responderão todos os que hi estauão amen, assi **seia**.  
(40) e fortaleza e curaço firme ao linhagem das molheres que **he** mui fraco.  
(41) dezia ainda que o fazia porque as molheres **são** de fraco entendimento e leue, e he cousa que ha o curaço ligeiro de mouer,  
(42) dezia ainda que o fazia porque as molheres são de fraco entendimento e leue, e **he** cousa que ha o curaço ligeiro de mouer,  
(43) pos en ellas rebedores, os quaes // lhe menistrouão as cousas que lhe **erão** neçessarias,  
(44) das quaes egreias as duas esta santa auondou e afremosentou com muitas virtudes, e a terceira ouue por enteiosa e noiosa pello caminho que **era** mao, e outrosi por hum rio que he mui impetuoso e corre mui rigo,  
(45) das quaes egreias as duas esta santa auondou e afremosentou com muitas virtudes, e a terceira ouue por enteiosa e noiosa pello caminho que era mao, e outrosi por hum rio que **he** mui impetuoso e corre mui rigo,  
(46) pero de quanto bem fes e perfeiçom, e como **fui** sua uida, eu direi depois  
(47) ben auenturado **es** tu Deos senhor criador dos çeos e da terra,  
(48) Os quaes liuros ella aprendeo en espaço de hum ano, o que **era** gran marauilha,  
(49) e outrosi a regra de são Bento de cuia Ordem ella **era**, toda a leo e soube de cor,  
(50) deues de saber que esta regra de são Bento **he** nossa madre, e no começo he mui aspera e estreita, e na fim he mui leda e sabrosa,  
(51) deues de saber que esta regra de são Bento he nossa madre, e no começo **he** mui aspera e estreita, e na fim he mui leda e sabrosa,  
(52) deues de saber que esta regra de são Bento he nossa madre, e no começo he mui aspera e estreita, e na fim **he** mui leda e sabrosa,  
(53) diguo te que a virtude, e o bem da obediência **he** tal que os çeos traspassa,  
(54) e tanto que o vestio, como quer que **era** muito aspero, ca era feito de lam de cabras, pareço lhe que era a cousa mais doçe que nunca vestira  
(55) e tanto que o vestio, como quer que era muito aspero, ca era feito de lam de cabras, pareço lhe que **era** a cousa mais doçe que nunca vestira  
(56) sua ama ben auenturada confiando da petição da virgem que **seria** bõa ca bem entendia, que era quite de peccado  
(57) a sua mão **he** pera o meu collo, e a sua carregua leue, he pera mim o seu gosto mais doçe he ã mim que o mel  
(58) a sua mão he pera o meu collo, e a sua carregua leue, **he** pera mim o seu gosto mais doçe he ã mim que o mel  
(59) a sua mão he pera o meu collo, e a sua carregua leue, he pera mim o seu gosto mais doçe **he** ã mim que o mel  
(60) vendo a dita sua ama, como a moça **era** de mui pequena idade // e consirando que o ieiun era grande pera ella outorgou lhe que a sesta feira ieiuasse,  
(61) vendo a dita sua ama, como a moça era de mui pequena idade // e consirando que o ieiun **era** grande pera ella outorgou lhe que a sesta feira ieiuasse,  
(62) como uençerom o Diabo, os que **som** enemigos de Jesu cristo por seus marteiros,  
(63) pera que ouço eu as paixões e vitorias dos martires de Jesu cristo como vencerão os Diabos que **som** imigos de Deos per seus marteiros,  
(64) ca este **he** o sacrificio, e hostia e offerta que Deos quer do peccador,

---

<sup>22</sup> Embora se pudesse duvidar do valor do verbo *ser* neste caso, por analogia com o exemplo anterior compreende-se que *desantredicto* funciona como a caracterização de um estado em que está Portugal na altura que se descreve, isto é, Portugal está “interdito”, “isolado” no exemplo (28) e “livre”, “sem barreiras” no exemplo (29). Assim, em ambos os casos considerou-se que o verbo *ser* é usado para traduzir uma propriedade transitória de Portugal, ou seja, com o valor de *estar*.

- (65) Ora minha filha ouue o meu conselho, e non seias toruada en teus feitos, nem en teus cuidados pero que elles **som** bõs,
- (66) o primeiro imigo **he** este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro he a carne propria do homen que como quer que seia mais uezinha e cheguada ella he mais graue,
- (67) o primeiro imigo he este mundo, o segundo **he** o diabo, o terceiro he a carne propria do homen que como quer que seia mais uezinha e cheguada ella he mais graue,
- (68) o primeiro imigo he este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro **he** a carne propria do homen que como quer que seia mais uezinha e cheguada ella he mais graue,
- (69) o primeiro imigo he este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro he a carne propria do homen que como quer que **seia** mais uezinha e cheguada ella he mais graue,
- (70) o primeiro imigo he este mundo, o segundo he o diabo, o terceiro he a carne propria do homen que como quer que seia mais uezinha e cheguada ella **he** mais graue,
- (71) que leixe o seu Deos, e adore os idollos, que **som** surdos e mudos
- (72) O terceiro imigo conuen a saber a carne que **he** mais cheguada da pelleia com ho homen,
- (73) faz lhe tomar e comer das cousas defesas, e leixar as que **som** saude da sua alma,
- (74) a carne cobiça contra o espirito, e o spirito cobiça aquellas cousas que **som** contra a carne,
- (75) **sei** certa que logo te a carne cobiçara o contrairo
- (76) assi come a besta fera, que **he** ma d'amansar,
- (77) o que estranho marteiro **foi** desta virgem, ca ella mesma s'azoutaua de guiza que as costas e corpo todo, e a terra onde estaua enchia de sangue,
- (78) o qual corpo porem mereceo de **ser** altar de que Deos recebeo muitos e bos sacrificios,
- (79) e auguoa tornou se loguo en vinho, o qual ella querendo beuer, entendeo que **era** vinho,
- (80) fazendo o sinal da crus e loguo se a auguoa mudou en vinho, assi come da primeira, que **he** collar e natura desuairada,
- (81) entom entendeo a serua de Deos que isto **era** millagre que Deos por ella mostraua,
- (82) e mandou lhe que chamase todos os que morassem no dito luguar, como quer que todos **fossem** molheres,
- (83) o senhor meu Jesu cristo, estas obras **som** da tua piedade,
- (84) porem a ti so senhor **seia** virtude, e gloria e honra, e imperio e poderio, e louuor e prazer pera sempre amẽ.
- (85) e pois assi **he**,
- (86) filho grande **he** a misericordia e piedade de Deos,
- (87) diguo uos amigos que tal **foi** este milagre, come o que Deos fes por Dom Gedeon,
- (88) ora me dij se **era** este mor milagre que Deos fes por esta santa senhorinha, de seu roguo reter as chuvas no ar, que lhe non chousesse en sua eira, ou maior o que Deos fes por santa Escolastica de alçar as chuvas, que non chousesse,
- (89) Diguo te que aquele senhor que **era** esposo d'ambas estas virgens, esso medes fes os ditos millagres, por hũa e polla outra.
- (90) Creçendo por todallas terras d'arredor a boa fama desta santa, aconteceo que o bispo dom Rodesindo que **era** homen de boa vida, cheguou a egreja de sam nhoane de veeira pera auer de visitar,
- (91) e o mal que padecera que bem o mereçera, mas empero que esto que padecera, que **seria** saluação da sua alma.
- (92) o amigos que grande **he** a misericordia de Deos, e a sua piedade,
- (93) **sede** sertos que daquella hora as rãs se callarom,
- (94) En este millagre **foi** esta santa semelhante a são martinho,
- (95) se bem quiseses esguardar o mergulhao e a Ram figura **som** do demo, ca ambos fazem fruito, sem prol,
- (96) e perguntando ella que **seria** aquello, entendeo pella graça de Deos, que era a alma do dito bispo,
- (97) e perguntando ella que **seria** aquello, entendeo pella graça de Deos, que **era** a alma do dito bispo,
- (98) e nos queira arredar dos contrairos da alma, e do corpo, e acreçentar no bem, e minguar no mal, en guisa que **seiamos** merecedores de hir // Ao reino do ceo
- (99) Depois que vos contei algũs dos millagres que esta santa fes em sua uida, e outrosi da sua uida qual **foi** em este mundo,<sup>23</sup>
- (100) pero a cabo de peça fallou o judeu e disse a grandes vozes disse, que grande fee **he** a dos cristãos, e quam grande he o seu poder,
- (101) pero a cabo de peça fallou o judeu e disse a grandes vozes disse, que grande fee **he** a dos cristãos, e quam grande **he** o seu poder,
- (102) lhe contarom que esta santa jazia no moimento inteira de todo seu corpo, e parecia que iazia dormindo, e querendo saber se **era** assi, aiuntou muitas gentes, e querendo a dessoterrar, ouuio vozes de hum çego,

<sup>23</sup> Neste caso considerou-se que o verbo *ser* tinha propriedades permanentes porque se considerou que o seu sujeito é *sua uida* e não *esta santa*.



- (103) da qual cousa o arçebispo ficou muito espantado, e as gentes que com elle estauão, e perguntarão ao çego quem **era**, ou porque bradava, e elle disse que sempre fora çego,
- (104) da qual cousa o arçebispo ficou muito espantado, e as gentes que com elle estauão, e perguntarão ao çego quem era, ou porque bradava, e elle disse que sempre **fora** çego,
- (105) e que esto **seia** verdade, assi ho aprendemos daquelles que o virom.
- (106) Outrosi hum cleriguo que auia nome Paio, **sendo** elle regedor da egreja, onde esta santa jas, nos disse que elle vira esto,
- (107) Outrosi em o tempo que este mesmo cleriguo **era** Regedor desta egreja nos disse que hũ homẽ da cidade de Çamora chegara a esta egreja
- (108) e tragia hũ filho em sima de hũa besta, o qual **era** manco de sua naçença, de tal guisa, que os gíolhos tinha iuntos com os peitos, da qual cousa non poderia ser sã por fisico nhum
- (109) e leixou o filho que **era** manco na eira que guardase o pam
- (110) e o moço bradou, e os da vinha vierom, e perguntarom lhe que **era**,
- (111) Este mesmo clerigo disse que elle vira dous mançebos çegos de sua naçença, os quaes **erão** de longuas terras,
- (112) passada a primeira vigilia da noite, estando as candeas alumiadas ante o moimento desta virgem, hum daquelles çegos, que mais amigo de Deos **era**, ouuiu hum troo tam grande, que lhe parecia, que toda a casa caia,
- (113) e começou de chamar seu parçeiro, e o seu parçeiro lhe perguntou, que **he**,
- (114) sentio ao uentre fazer gram roido, ca nhum non sabia o que ella tragia, e disse o a suas uezinhas, as quaes cuidando que **era** parto, fizeram na tornar a sua pousada, e
- (115) mas a sua petição e tallante, **era** deuairada,
- (116) e o homen depois que saio do banho, que non achou os dinheiros, chamou o clerigo que **era** proposto da dita igreja,
- (117) **sede** çertos que ainda o catiuo non acabava sua palaura, e o demo saltou del, de guisa que o lancou loguo en terra,
- (118) **sede** çertos que loguo en aquella noite seguinte tomou o demo aquel que a pelle furtara,
- (119) O amigos que proueitosa cousa **he** a beiçom desta santa, e que nobreza **he** aquelles que ameude vam // buscar a sua merçe
- (120) O amigos que proueitosa cousa **he** a beiçom desta santa, e que nobreza **he** aquelles que ameude vam // buscar a sua merçe
- (121) e ainda diguo uos que estando folguando em sua terra hum príncepe nobre e caualleiro deste reino, o qual **era** mui priuado del rei dona Affonso, e auia nome dom Gonçallo de sousa o mui poderoso, ca todo o conselho del rei era em elle
- (122) porque disserom a el rei que el e suas companhas roubauão algũas terras, porque **era** homen proue, e non tinha tanto de seu,
- (123) mas **sede** çertos que quada ues que lhe metião os pees nos ferros, ou algũa cadea, loguo lhe os ferros ou cadea, caião dos pees,
- (124) e el lhes perguntou, se sabião porque **era**, e elles responderom que o non sabiam,
- (125) depois aconteçeo esto que caiam o ferros quebrados ao dito caualleiro Jrmão desta santa, que el rei fui dello mui sanhudo, e perguntou aos çaçereiros que // **era** o que entendiam,
- (126) senhor ouuimos dizer que este caualleiro tem hua irmãa mui santa, que **he** monge e dona de boa uida,
- (127) e temos que pellas suas orações se fas esto, que **he** uontade de Deos, que este seu irmão nom seia preso,
- (128) **sei** certo que esta **he** a razam por que nosso filho tem a lingua seca,
- (129) sei certo que esta **he** a razam por que nosso filho tem a lingua seca,
- (130) entom o clerigo disse vai te e confessa bem teus peccados, e nos faremos nossa oraçom, e de como **for** sua merçe, assi o fara, por esta sua santa,
- (131) o clerigo, o qual nos contou todo esto, que a uira como dito **he**,
- (132) Hum homen que auia nome Joanne nos disse que **sendo** el seruidor desta igreja, auia sua soldada como quada hũ dos outros seruidores della
- (133) e disse que furassem lhe a orelha com hũ ferro, e vendo que a dor **era** grande, non lha ousarom de furar,
- (134) e loguo com grande alegria chamou o seu marido dom Paio, e el disse senhora que **he**,
- (135) e os olhos lhe comecarom a lançar muita aguo a que delles saia, **era** tão feruente que as queixadas lhe queimaua,
- (136) e assi passou hum anno e meo, que nunca vio, nem conheçia, senon pella voz, ou se lhe dissessem que **era**,
- (137) hũa noite apareçeo lhe seu padre, e disse filha dormes e ella disse que **he** padre non esta ia morto,
- (138) e ella disse per uentura padre **he** casa de Hierusalem ia vossa, ou he portugual desantredito.
- (139) e per esta guisa a carne que deuia **ser** serua, ella **he** senhora,
- (140) e per esta guisa a carne que deuia ser serua, ella **he** senhora,
- (141) e o pam amassado com pouqua aguo a // e com cinza e com sal, assi que a terça parte **fosse** de farinha, e a outra terça de sal, e a outra terça de cinza

- (142) e o cleriguo que **era** procurador foi sse pera sua pousada  
 (143) não acho em mim nhũa cousa destas, entendo e temo muito que **sera** de mim pecadora,  
 (144) e tu **sei** serto que este voto não prometeste aos homens mais a Deos  
 (145) ca **sei** sarta que o homẽ ha tres enemigos,  
 (146) e tam solamente como os tangia com sua mão, loguo **eram** sãos.  
 (147) e perguntou lhe se ouuia algũa cousa, e disse que ouuia vozes no çeo, mas que non sabia porque **erom**,  
 (148) Digo uos que **era** hum judeo, que vinha de Çamora a esta terra pera uender mercadoria que tragia ao collo,  
 (149) **Era** hum homen que auia nome Siluestre e moraua na villa do Castello de Guimarães, e porque era demoniado  
 fuoi sse a egreja de santa Senhorinha,  
 (150) Millagre das tres molheres que **forão** sans das suas dores.  
 (151) dali en diante **forom** liures e sans,  
 (152) e demais ainda esta dona en nome desta santa Senhorinha se achaua algũs desta sua door, come lhes punha a  
 mão, e os alçasse da terra, loguo **erão** sãos.  
 (153) sua ama ben auenturada confiando da petição da virgem que seria bõa ca bem entendia, que **era** quite de  
 peccado  
 (154) e fazendo oração poos a mão en o peito, e loguo **fui** sã,  
 (155) Millagre do que tinha o ventre inchado e **fui** por esta santa sã.  
 (156) e a mulher lhe disse lança te sobello lado Destro, e loguo **seras** sã,  
 (157) e tragia hũ filho em sima de hũa besta, o qual era manco de sua naçença, de tal guisa, que os giolhos tinha  
 iuntos com os peitos, da qual cousa non poderia **ser** sã por fisico nhum

### **Estar – propriedades transitórias de indivíduos**

- (158) A qual foi tirada do proprio Original que **esta** en santa Senhorinha de Basto da Comarca d’entre douro e  
 minho.  
 (159) que lha trouxessem pera aver de tomar com ella algum sollaz pollo noio en que **estaua**  
 (160) disse entom seu padre sospirando e chorando como homẽ que **estaua** mui triste,  
 (161) e loguo o dito seu padre da virgem chegou onde ella **estaua**, e falou lhe por esta guisa,  
 (162) Loguo ben cedo pella manhã o padre foi ali onde **estaua** a filha,  
 (163) entom responderão todos os que hi **estauão** amen, assi seia.  
 (164) Depos desto o padre e a filha e todos os que hi **estauão** forão se a igreja,  
 (165) a moça podera milhor perseuerar en este propoimento que ia começou, e acabara en elle, ca **estando** sempre  
 em hum luguar podera a moça tomar fastidio,  
 (166) tornando se sua ama da egreja, achou sua criada **estar** no soar da porta,  
 (167) se por uentura te alçares de noite, e quiseses rezar **estando** en giolhos, loguo te a carne dira sandia assenta te,  
 ca faras a Deos oração sendo come estando,  
 (168) o que estranho marteiro foi desta virgem, ca ella mesma s’azoutaua de guiza que as costas e corpo todo, e a  
 terra onde **estaua** enchia de sangue,  
 (169) então **estaua** o çeo tam claro, e o dia tam claro, que nhum homen non poderia ver solamente hũa nuuem,  
 (170) depois aconteçeo que os ditos lauradores comerão, malharam muito a pressa duas eiras de pam, e **estando** na  
 terçeira com grande trabalho pera se auerem desembargar,  
 (171) e veio loguo hũa chuiua tão grande que nhum dos ditos lauradores non podera mais **estar** na eira,  
 (172) loguo veio a misericordia de Deos, ca todos quantos ahi **estauão** erão espantados,  
 (173) per guisa que na eira, nem arredor della non chouiua, e asi **esteue** todo aquel dia, ata que todo o triguo foi  
 limpo, e posto no çelleiro,  
 (174) Antre as quaes gentes hi **estauam** obreiros, que cobriam hũa casa por sua soldada,  
 (175) Em esta igreja mesma **esteue**, esta santa algũs dias, e depois que minguarão os mantimentos esta santa estaua  
 de caminho pera se ir a outra igreja,  
 (176) Em esta igreja mesma **esteue**, esta santa algũs dias, e depois que minguarão os mantimentos esta santa  
**estaua** de caminho pera se ir a outra igreja,  
 (177) Aconteçeo en este tempo que o santo homen Dom Rodesindo Bispo, e senhor e amigo desta santa, se passou  
 deste mundo, e **estando** esta santa en matinas, e acabando as com as outras donas e mongas ouuiu vozes no çeo  
 mui doces dos anios,  
 (178) queiram roguar a Deos por nos, e por todos aquelles que em ella am fiuza e esperança ou **estão** em algũa cuita  
 ou tribulação ou pressa que lhes acorra,  
 (179) da qual cousa o arçebispo ficou muito espantado, e as gentes que com elle **estauão**, e perguntarão ao çego  
 quem era, ou porque bradaua,  
 (180) entom **estaua** tanta gente na egreja desta santa que hum homen non podera caber dentro,  
 (181) e aueria este moço vinte anos e **esteuerom** na egreja desta santa, açerca de quinze dias,

- (182) A cabo de tres annos aconteçeo este millagre **estando** todo o pobo daquela terra na egreja desta santa pera fazerem festa,
- (183) e **estando** elles assi todos na igreia pella chuiua que fazia, hũa bõa molher auendo doo de hũa sua filha, espio hũa pelle, e deu lha,
- (184) uendo esto hum homen que **estaua** a par della furtou a pelle, e leuou a fora e escondeo a em hũa casa,
- (185) mas ante a mua quada ues, **estaua** mais riga, e mais forte, e pero se deçeo della muitas uezes, non a podia aballar,
- (186) e aquelles que presentes **estauam** fiquarom muito espantados, e louuaram a Deos muito, e a esta santa sua por tamanho millagre com'este.
- (187) e hũa ora aconteçeo **estando** en vespera de santa maria ante o forno pera cozer seu pam, saltou o demo della,
- (188) e ella cheguando allo, **estando** diante o moimento desta santa, e poendo sua obrada, e alumiando suas candeas, o demo saltou della mui fortemente,
- (189) , e loguo o braço deu hum estouro, que quantos hai **estauão** fiquarom espantados,
- (190) alçando se do chão deu muitas graças a Deos, e esta santa, e os que hi presentes **estauão** quando virom tal millagre.
- (191) e derom muitas graças a Deos, esses que hi **estauão**, e a esta santa,
- (192) hũa noite apareçeo lhe seu padre, e disse filha dormes e ella disse que he padre non **esta** ia morto,
- (193) e loguo ella e seu marido, e outros que hi **estauão**, derão graças a Deos, e a esta sua santa por tam grande millagre.
- (194) quando isto virom os que hi **estauão** derom a Deos grandes louuares, e a esta santa sua.
- (195) entom mandou loguo el rei por ella, que a leuassem a Tolledo, onde el entom **estaua**,

### 1.11.2. Verbo de posse – *ter/haver*<sup>24</sup>

#### **Haver como verbo de posse (“Ter”)**

- (1) A qual loguo o padre deu a hũa dona religiosa e de boa vida, que **auia** nome Godina,
- (2) e a castidade enche o paraíso, e a castidade **ha** por parçeiros os anios,
- (3) e porem este voto não **aias** por priuado, mais por firme e solemne,
- (4) e ella parira fruto de vida non mortal, e diguo te que lhe **aias** cuidado da vida temporal,
- (5) Loguo ben cedo pella manhã o padre foi ali onde estaua a filha, o qual a virgem bem auenturada reçebo com grande alegria porque **auia** reçebo do padre encorrer na sua ira
- (6) as mulheres são de fraco entendimento e leue, e he cousa que **ha** o curaçoão ligeiro de mouer,
- (7) e ensinou lhe liuros de ditos de santo ambrosio, e doutros santos, e outros liuros que a igreia **ha** de seu costume,
- (8) e diguo te que todo aquel que per ella andar fielmente, e sem maguoa, comtanto que **aia** en si obediência, // Jra ao monte e morada de Deos,
- (9) e qualquer fiel cristão, que obediência de curaçoão **aia** consiguo non pode ser enguanado do Diabo,
- (10) e deseiu loguo a trager, o dito çiliço, e lhe pareço leixando sua ama, ou podendo **auer** outro tal, que non trageria outra roupa en dia da sua vida
- (11) consirando que o ieiun era grande pera ella outorgou lhe que a sesta feira ieiuasse, e este uso teue esta santa ataa que **ouue** doze anos,
- (12) ca te diguo que muitas lides e contendas as de **auer** com o imigo
- (13) ca sei certa que o homẽ **ha** tres enemigos, com os quaes nunqua queda de peleiar assi de dia come de noite

<sup>24</sup> Excluíram-se os casos em que *ter* ou *haver* são verbos auxiliares. Além disso, e embora estes exemplos a provem, não se assinalou a distinção entre diferentes tipos de posse, apesar de se saber que no português antigo *haver* ocorresse sobretudo em casos de “pertença literal” e *ter* já pudesse ser utilizado para exprimir um tipo de posse de carácter transitório e em casos de coincidência física e temporal do sujeito e do objecto (Brocardo 2014:133). Por fim, e para tornar os resultados mais rigorosos, excluíram-se alguns exemplos ambíguos. Veja-se o exemplo que se segue, cujo contexto não permite compreender se o verbo *ter* em causa funciona como verbo de posse (“ter o tambo aparelhado”) ou se é verbo auxiliar: *antes uos contarei algũs millagres, de muitos que Deos por ella fez en sua vida, e como vos primeiro disse querendo deos mostrar o bem desta santa, e como quer que ainda era viua na terra, que tinha aparelhado o tambo no çeo* (221v).

- (14) en outros dias do ano non comia carne nem bebia vinho dali en diante en sua vida en todos os dias non comia mais de hũa ves afora os domingos, por honra da resurreiçã de Jesu cristo, e per esta guisa usou ata que **ouue** quinze anos,
- (15) senhora non vees o que nos Deos fes, e que // grande iniuria nos fez oie **auiamos** o dia mui claro,
- (16) entom ella come molher de grande paciência, e de grande fiuza que **auia** en Deos, disse ao dito clerigo
- (17) mas empero que grande fiuza ella **auia** en Deos, nhũ non o sabe, pero como ella cheguou, loguo veio a misericordia de Deos,
- (18) e outrosi per esto quis deos demostrar a paciência e a charidade, e a graça que em elle **hã** os santos seus,
- (19) Deos, o qual deu a abrahã o anho pera lhe fazer sacriçio, e ao profeta helias o pam quando **ouue** tallante de comer,
- (20) e pera ainda Deos demostrar o bem desta santa aos seruidores seus, elles indo seu caminho acharam hũa lagua grande que **ha** nome Carrazeda, onde ha muita agua, e muitas rãs,
- (21) e mandarão saber parte se morrera o dito bispo em aquella ora, e acharom que si era morto, como esta santa disse, da qual cousa ella **ouue** grande prazer, pois a alma deste bispo seu senhor era em paraíso
- (22) e por todos aquelles que em ella **am** fiuza e esperança ou estão em algũa cuita ou tribulaçã ou pressa que lhes acorra,
- (23) Era hum homen que **auia** nome Siluestre e moraua na villa do Castello de Guimarães
- (24) Outrosi hum clerigo que **auia** nome Paio, sendo elle regedor da egreja, onde esta santa jas, nos disse que elle vira esto
- (25) e **aueria** este moço vinte anos e esteuerom na egreja desta santa, açerca de quinze dias
- (26) Os quaes çegos chegarom a dita igreia, e contarom ao dito crego, que **auia** nome Paio, quanto lhes aconteçera
- (27) a filha porque non podia **auer** filhos pedia a esta santa que lhos desse
- (28) hum moço, que do uentre de sua madre naçera manco, do uentre ataa os pes e non andaua senon sobellos cotouellos, e assi arrastaua os pees pello campo, o qual moço // **auia** doze anos,
- (29) hum príncepe nobre e caualleiro deste reino, o qual era mui priuado del rei dona Affonso, e **auia** nome dom Gonçallo de souza
- (30) o qual caualeiro loguo chamou e assuou suas gentes as mais que pode **auer** da sua terra, e fui sse pera auer de desçercar o dito castello d aguiar,
- (31) Hum clerigo nos contou que tres molheres que em Guimaraas **auiam** dores desuairadas. ca hũa era demoniada, a outra auia fluxo de sangue, a outra como quer que paria muitos filhos auia depois gram noio, porque lhe morriam todos
- (32) Hum clerigo nos contou que tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas. ca hũa era demoniada, a outra **auia** fluxo de sangue, a outra como quer que paria muitos filhos auia depois gram noio, porque lhe morriam todos
- (33) Hum clerigo nos contou que tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas. ca hũa era demoniada, a outra auia fluxo de sangue, a outra como quer que paria muitos filhos **auia** depois gram noio, porque lhe morriam todos
- (34) e a que era demoniada, e a outra que **auia** o fluxo, dali en diante foram liures e sans
- (35) Hum homen que **auia** nome Joanne nos disse que sendo el seruidor desta igreia, auia sua soldada como quada hũ dos outros seruidores della
- (36) Hum homen que auia nome Joanne nos disse que sendo el seruidor desta igreia, **auia** sua soldada como quada hũ dos outros seruidores della
- (37) e acordada do sono achou se tão saã e fora de medo, que assi auia bem, como se nunca o **ouuese**,
- (38) e el disse senhora que he, e ella disse diguo uos que o medo que eu **auia** que ia o perdi,
- (39) veo lhe hum feruor, e hũ proido nos olhos tam grande, que lhe parecia, que de grado arrincaria os olhos, se non **ouuera** medo de os perder,
- (40) A qual foi filha de hum Conde que **auia** nome Auulfo, o qual e esso medes sua molher erão de mui nobre linhagem
- (41) Estas cousas assi feitas seu padre desta virgem sendo alegre da visom do Anio que com elle ante falara fes seu conselho que terras ou que lugares leixaria a sua filha onde **ouuese** mantimento enquanto en este mundo viuese
- (42) e leixou lhe tres igreias de que **ouuesse** mantimento enquanto en este mundo uiuesse
- (43) A cabo de tres annos aconteçeo este millagre estando todo o pobo daquella terra na egreja desta santa pera fazerem festa, assi como **auiam** custume de fazer quada sabodo no uerão
- (44) e estando elles assi todos na igreia pella chuiua que fazia, hũa bõa molher **auendo** doo de hũa sua filha, espio hũa pelle, e deu lha
- (45) por tal esposo como este todo aquel que naçia por el padeçer pressa ou cuita ou tribulaçã, en os çeos **auera** vodas de gloria perdurauel,
- (46) e // vendo esto o arçebispo louuou muito esta santa, e dali en diante nunca mais **ouue** tallante de abrir o seu muimento,

- (47) ameaçando disse, que lhe fizesse dar seus dinheiros, senom come ladrão o faria prender, e demais que pellas suas ouelhas e guado **aueria** os seus dinheiros
- (48) e acordada do sono achou se tão saã e fora de medo, que assi **auia** bem, como se nunca o ouuesse,
- (49) as cousas que lhe erão neçessarias, das quaes egreias as duas esta santa auondou e afremosentou com muitas virtudes, e a terceira **ouue** por enteiosa e noiosa pello caminho que era mau

### **Haver como verbo existencial/temporal**

- (50) E dizia lhe ainda que tal esposo como este, não **auia** semelhavel en todo o mundo,
- (51) pensando ella esto a sua ama lhe perguntou dizendo grande tempo **ha** que te ueio andar cuidosa, e triste
- (52) e pera ainda Deos demostrar o bem desta santa aos seruidores seus, elles indo seu caminho acharam hũa lagua grande que ha nome Carrazeda, onde **ha** muita aguoa, e muitas rãs,
- (53) e marauilhaua sse porque non paria // tantos tempos **auia**,
- (54) A ora de vespera o moço que era mudo sinque anos **auia** bradou e disse, padre meu, padre meu
- (55) e tantas punhadas e feridas daua en seu rosto que non **auia** conto,
- (56) Outrosi uos diguo que nos disse o dito clerigo e outros muitos que o uirom, que hũa mulher que tinha o ventre inchado, e **auia** ia dous anos

### **Ter como verbo de posse**

- (57) Presentando lha sua ama, que a criaua, e **tendo** a nos braços, disse entom seu padre sospirando
- (58) sei certo que não **tens** a sorte em mim, nem **tens** parte na casa de meu padre.
- (59) sei certo que não **tens** a sorte em mim, nem **tens** parte na casa de meu padre.
- (60) e esta virgem bem auenturada o tomou loguo com sua mao, e em sinal de virgindade pose o loguo na cabeça, **tendo** os gíolhos postos en terra, e todos chorando,
- (61) então esta santa virgem **tendo** todas as cousas por nimigualha, e quanto ainda fizera por nimigualha, nom quis escolher no máo caminho
- (62) e como quer que ella **tinha** as maos muito piadosas pera dar esmollas ao pobres, assi as tinha mui prestes pera azoutar seu corpo com ellas por amor de Deos
- (63) e como quer que ella tinha as maos muito piadosas pera dar esmollas ao pobres, assi as **tinha** mui prestes pera azoutar seu corpo com ellas por amor de Deos
- (64) os seus gíolhos tanto os **tinha** finquados na terra, quando fazia oraçom que ia tinha os callos em elles
- (65) os seus gíolhos tanto os tinha finquados na terra, quando fazia oraçom que ia **tinha** os callos em elles
- (66) e tragia hũ filho em sima de hũa besta, o qual era manco de sua naçença, de tal guisa, que os gíolhos **tinha** iuntos com os peitos
- (67) moço da me essa uara que **tees** na mão, e elle querendo lha dar, alçou se e deu lha e loguo ficou são
- (68) Outrosi uos diguo que nos disse o dito clerigo e outros muitos que o uirom, que hũa mulher que **tinha** o ventre inchado, e auia ia dous anos
- (69) , e elles responderom senhor ouuimos dizer que este caualleiro **tem** hua irmã mui santa, que he monge e dona de boa uida, e temos que pellas suas orações se fas esto
- (70) com grande medo, e doo de seu filho que os olhos non podera **ter** assosseguados, nem os braços, que tinha estendudos, non os podia colher, asi pero bradaua per Deos e per sua madre,
- (71) com grande medo, e doo de seu filho que os olhos non podera ter assosseguados, nem os braços, que **tinha** estendudos, non os podia colher, asi pero bradaua per Deos e per sua madre,
- (72) Dessa mesma Dona que non vio, pero depois **tinha** os olhos são.
- (73) e consirando que o ieium era grande pera ella outorgou lhe que a sesta feira ieiuasse, e este uso **teue** esta santa ataa que ouue doze anos
- (74) E loguo depois desto fui sse aos outros parçeiros da casa, e disse que aquel que os **tiuesse** que os desse,
- (75) do que el rei foi mui espantado, de lhe nõ pedir mais, e por lhe non pedir o seu Jrmão, que **tinha** preso, e loguo outorgou lhe a igreja, que lhe pedia, e demais soltou lhe o Jrmão que tinha preso
- (76) do que el rei foi mui espantado, de lhe nõ pedir mais, e por lhe non pedir o seu Jrmão, que tinha preso, e loguo outorgou lhe a igreja, que lhe pedia, e demais soltou lhe o Jrmão que **tinha** preso
- (77) En este medes tempo aconteeço que hũa mulher que moraua iunto com Braguança **tinha** o braço iunto com as costas
- (78) e ouuindo os millagres desta santa veio a sua igreja e disse entom ao clerigo que a igreja regia chorando, **tendo** os gíolhos ã terra padre senhor roguo uos que vos outros seruidores desta igreja roguedes a esta santa, que rogue a Deos por mim

### 1.13. PARTICÍPIOS PASSADOS DA 2ª CONJUGAÇÃO

Particípios Passados da 2ª Conjugação		
	-udo(s) e -uda(s)	-ido(s) e -idas(s)
Número de Ocorrências	4	2
Ocorrências	perdudo (2) estendido (1) estendudos (1)	metido (1) offrecida (1)

**TABELA 10**